

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

**OS CLÃS A PARTIR DO CASAL GENEARCA
MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) &
FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARCO ANTONIO DE ALMEIDA PENNA

Santa Maria, RS, Brasil

Fevereiro de 2013

**OS CLÃS A PARTIR DO CASAL GENEARCA
MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) &
FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857)**

MARCO ANTONIO DE ALMEIDA PENNA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Patrimônio Documental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof^a Dr^a Glaucia Vieira Ramos Konrad (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANTONIO DE ALMEIDA PENNA, MARCO
OS CLÃS A PARTIR DO CASAL GENEARCA MANOEL FERNANDES
PENNA (1776/77-1841) & FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-
1857) / MARCO ANTONIO DE ALMEIDA PENNA.-2013.
379 p.; 30cm

Orientador: Glaucia Vieira Ramos Konrad
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural,
RS, 2013

1. Clãs de Santa Maria 2. Estudos de Família 3. G 4.
Biografia 5. Inventário Biograficogenealógico I. Vieira
Ramos Konrad, Glaucia II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Marco Antonio de Almeida Penna. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Rua Doze de Outubro, n. 140, apto. 102 B, Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Santa Maria, RS. CEP: 97060-200

Fone (055) 55 3307 7846; (55) 9933 3676; e-mail: pennamarcoantonio@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**OS CLÃS A PARTIR DO CASAL GENEARCA
MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) &
FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857)**

**elaborada por
Marco Antonio de Almeida Penna**

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Gláucia Vieira Ramos Konrad, Dr^a
(Presidente/Orientadora)

Diorge Alceno Konrad, Dr. (UFSM)

Carlos Blaya Perez, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 28 de fevereiro de 2013.

Dedico este trabalho a
todos os inumeráveis descendentes e cônjuges dos descendentes do
casal genearca da pesquisa (Manoel Fernandes Penna & Francisca Luiza de Lima);
meus sujeitos estudados, todavia,
na grande maioria, meus pessoalmente desconhecidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à minha orientadora Prof^a Gláucia

por ter acreditado em mim, me deixado trabalhar e serenamente indicado rumos ...;

aos integrantes da Banca, professores Diorge e Blaya,

pela pertinência e empenho nas correções, recomendações ou sugestões;

à minha família: especialmente a Maria do Carmo e as meninas Maíra e Maria Alice

pelo suporte e compreensão nas ausências ...;

ao parente amigo Carlos Mozart, meu principal informante,

pela provocação às primeiras motivações à pesquisa e presteza ao fornecer informações;

ao amigo Luiz Ciocari

pelo incentivo e apoio logístico às diversas visitas à Fazenda da Palma;

aos demais prezados informantes no levantamento de dados

pelo generoso desprendimento e incansável disponibilidade;

aos arquivistas, bibliotecários, atendentes e responsáveis pelos acervos consultados

pela paciência, atenção e dedicada disposição

à amiga Vânia La Rocca Cóser

pelo melhoramento da apresentação visual das imagens da Dissertação

e

aos meus antecessores nos estudos das famílias relacionadas

pelo pioneirismo e pelos importantes e imprescindíveis rastros deixados.

O MEDO: O MAIOR GIGANTE DA ALMA

Para quem tem medo, e a nada se atreve, tudo é ousado e perigoso.
É o medo que esteriliza nossos abraços e cancela nossos afetos;
Que proíbe nossos beijos e nos coloca sempre do lado de cá do muro.

Esse medo que se enraíza no coração do homem
Impede-o de ver o mundo que se descortina para além do muro,
Como se o novo fosse sempre uma cilada,
E o desconhecido tivesse sempre uma armadilha a ameaçar nossa ilusão de segurança e certeza.

O medo, já dizia Mira Y Lopes, é o grande gigante da alma,
É a mais forte e mais atávica das nossas emoções.
Somos educados para o medo, para o não-ousar e, no entanto,

Os grandes saltos que demos, no tempo e no espaço, na ciência e na arte, na vida e no amor,
foram transgressões,
E somente a coragem lúdica pode trazer o novo,
E a paisagem vasta que se descortina além dos muros que erguemos dentro e fora de nós mesmos.

[...] "A mente apavora o que não é mesmo velho", canta o poeta,
expressando o choque do novo, o estranhamento do desconhecido.

**Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas,
Que já tem a forma do nosso corpo,
E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la,
Teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.**

Autor: Fernando Teixeira de Andrade (1946-2008),
escritor e professor de Literatura do Colégio e Curso Pré-Vestibular do Objetivo de Campinas,
o trecho em negrito: atribuído a Fernando Antonio Nogueira Pessoa (1888-1935)
Fonte: www.limacoelho.jor.br/vitrine/ler.php?id=6481

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

OS CLÃS A PARTIR DO CASAL GENEARCA MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) & FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857)

AUTOR: MARCO ANTONIO DE ALMEIDA PENNA
ORIENTADORA: GLAUCIA VIEIRA RAMOS KONRAD
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 28 de fevereiro de 2013.

Esta pesquisa tratou do estudo a respeito do Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA, figura central do trabalho, e sua esposa FRANCISCA LUIZA DE LIMA, estabelecidos, na Região Central do Rio Grande do Sul, entre 1806 e 1808. Reconstruíram-se aspectos das origens e trajetória geográfica, social, econômica, cultural e política da família, pesquisa centrada nas primeiras gerações. Estudou-se o cenário da trajetória do casal e família e a formação dos clãs derivados de sua prole, a partir do inventário biograficogenealógico da descendência e cônjuges. O estudo se insere na área de concentração: *História e Patrimônio Cultural* e linha de pesquisa: *Patrimônio Documental*. Buscou-se esclarecer a respeito dos clãs, a partir da reconstituição dos laços parentais e acréscimo de dados biográficos. À medida que se ia elaborando a matriz genealógica, obtinham-se as informações biográficas. Utilizou-se, como fontes, artigos, dissertações e livros da historiografia local e regional, livros de assentos de batismo, casamento e óbito de Viamão, Santo Amaro, Cachoeira, Santa Maria, São Martinho e Cruz Alta, livros paroquiais de registro de terras e inventários *post mortem* de Cachoeira, Santa Maria, São Martinho, Júlio de Castilhos, Santo Ângelo e Cruz Alta, material da Internet e entrevistas com pessoas-chave. Pôde-se verificar uma: a) rápida, abrangente, duradoura e inteligente inserção da família na sociedade local e regional e um considerável desenvolvimento sócioeconômico; b) larga descendência deixada pelo casal genearca e c) inserção dos clãs na sociedade local e regional, considerando a abrangência, atividades desenvolvidas e participação na sociedade. Tem-se como fim, a publicação do inventário biograficogenealógico da descendência do guarda-mor e cônjuges (produto principal) e sobre o cenário da trajetória do casal genearca e a formação dos clãs derivados.

Palavras-chave: Clãs de Santa Maria. Estudos de Família. Genealogia. Biografia. Inventário biograficogenealógico.

ABSTRACT

Mastership Dissertation
Program of de Post-Graduation on Cultural Heritage
Federal University of Santa Maria

THE CLANS FROM THE GENEARCH COUPLE MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) & FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857)

AUTHOR: MARCO ANTONIO DE ALMEIDA PENNA
SUPERVISOR: GLAUCIA VIEIRA RAMOS KONRAD
Date and Local of Defense: Santa Maria, February 28th 2013.

This paper studied about the 'guarda-mor' MANOEL FERNANDES PENNA, central role of this work, and his wife FRANCISCA LUIZA DE LIMA, who settled in the central region o Rio Grande do Sul state, between 1806 and 1808. Aspects of geographical, social, economical and political trajectory of the family were reconstructed based on their first generations. It was studied the scenery of this couple and the formation of clans generated by their offspring from the biographical and genealogical inventory of their descendants and spouses. This study is in the area of concentration: *History and Cultural Estate*, and research line: *Documental Heritage*. It was aimed the clear out the clans from the reconstitution of parental bonds and the biography data. Once the genealogical matrix was being done, the bibliographical information was being taken. It was used as sources articles, dissertations and books on the local and regional historiography, baptism, wedding and death parish books from of Viamão, Santo Amaro, Cachoeira, Santa Maria, São Martinho and Cruz Alta, parish books which had the registration of lands and *post mortem* inventories from Cachoeira, Santa Maria, São Martinho, Júlio de Castilhos, Santo Ângelo and Cruz Alta, internet material and by interviewing some 'key' people. It was noticed: a) a fast, embracing, long lasting and intelligent insertion of the family in local and regional societies and a considerable social and economical development; b) a large number of descendants left by the patriarch couple and; c) the insertion of clans in the local and regional society, considering their comprehensiveness, activities and participation in society. Later, will be published the inventory biographical and genealogical of the descendants of the patriarch and the spouses (principal product) and on the scenery of their trajectory as well as the formation of the derived clans.

Key words: Clans of Santa Maria. Family studies. Genealogy. Biography. Biographical and genealogical inventory.

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 – Portugal, dividido em distritos, com destaque para o de Vila Real, ao Norte (em amarelo), e os arquipélagos dos Açores e da Madeira, à Oeste (à esquerda), com destaque para a Ilha Terceira (em vermelho); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 72
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Portugal.
- Mapa 2 – Portugal, dividido em concelhos, com destaque ao Concelho/Município de Ribeira de Pena (em vermelho, ao Norte) 73
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Darklaw. Imagem criada por Rei-Artur (2006), a partir do mapa Image: Mapa de Portugal.svg.
- Mapa 3 – Região Norte de Portugal, tendo ao centro, Ribeira de Pena (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 74
Fonte: Porto, Minho e Norte do Portugal - Informações Turísticas; www.portugalvirtual.pt
- Mapa 4 – Arquipélago dos Açores. Ao centro direita, a Ilha Terceira (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 75
Fonte: Arquipélago dos Açores; www.culturamix.com.turismo/internacional/arquipelago-dos-azores
- Mapa 5 – Mapa Mundi, mostrando os países adjacentes ao Oceano Atlântico: ao Nordeste, Portugal e o Arquipélago dos Açores (região autônoma pertencente a Portugal) e, ao Sudoeste, o Brasil; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 101
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, IBGE.
- Mapa 6 – Capitania de São Pedro do Rio Grande, com a primeira divisão políticoadministrativa, com os 4 municípios fundadores (1809); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 121
Fonte: AHRGS (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul).
- Mapa 7 – Continente e depois Capitania do Rio Grande e os principais caminhos em direção às Missões à época do Ciclo dos Tropeiros (a partir de 1727, aproximadamente); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 123
Fonte: VELLINHO, 1970, p. 182.
- Mapa 8 – Portugal com as antigas províncias (em torno da segunda metade do século XVIII); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012). (150 × 314 pixels, tamanho: 10 kB, tipo MIME: image/png) 126
Fonte: WIKIPÉDIA, Enciclopédia livre. [Antigas_Provincias_Portugal.png](#)
- Mapa 9 – Continente e depois Capitania de São Pedro do Rio Grande, com a linha de limite proposto pelo Tratado de Ildefonso (1777); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 127
Fonte: VELLINHO, 1970, p. 109.
- Mapa 10 – Estado do Rio Grande do Sul, com a divisão políticoadministrativa em municípios e regiões; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 128
Fonte: NUTEP/UFRGS – Centro de Recursos Idrisi, 1994.

- Mapa 11 – O atual Município de Santa Maria, com a divisão dos distritos e o destaque para a zona urbana de Santa Maria (em amarelo) e o hoje Distrito da Palma (em vermelho); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 138
 Fonte: WIKIMEDIA COMMONS, Imagens SM, 2006.
- Mapa 12 – Parte da Região Centro-Missões do Rio Grande do Sul, onde aparece o Arroio Boqueirão da Palma e as localidades da Palma e A. Beltrão, à esquerda da Serra de São Xavier (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012). 140
 Fonte: APERGS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- Mapa 13 – Parte da Região Centro-Missões do Rio Grande do Sul, dividida nos atuais municípios; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 141
 Fonte: SOUZA; São Paulo: Multimapas, 2012.
- Mapa 14 – Colônia de Silveira Martins e entorno em 1878; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 186
 Fonte: RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001.
- Mapa 15 – Quarta Colônia (Silveira Martins) em 1885, com os proprietários lindeiros; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012) 187
 Fonte: RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001 p. 14.
- Mapa 16 – Parte da Região Central do Rio Grande do Sul: polígono do cenário geográfico da Família Penna em seus primórdios 188

LISTA DE GRAVURAS

- Gravura 1 – Cidade do Porto e Villa Nova do Gaia. Início do século XIX. Foto de M. J. S. Ferreira; Biblioteca Nacional 102
Fonte: IBGE/PASSEIWEB: Imigração Portuguesa – Geografia, 2007.
- Gravura 2 – Antiga Capela de Santa Maria; desenho de autor desconhecido (por volta de 1884) 118
Fonte: Acervo fotográfico do AHMSM *apud* BELTRÃO, 1998, p. 22.
- Gravura 3 – Ruínas de São Miguel das Missões (meados do século XIX), antes de ruir o átrio frontal 156
Fonte: MACHADO, 1987, p. 17.
- Gravura 4 – Estabelecimento Industrial e Comercial *Vera Cruz*, propriedade de Dario Pereira de Almeida. Tela pintada a óleo por Jocymar Monteiro de Almeida (2005)... 166
Fonte: acervo de Jocymar Monteiro de Almeida, 2011.
- Gravura 5 – Fac-simile: trecho do inventário *post mortem* de FRANCISCA LUIZA DE LIMA, autuado em Cachoeira (1857) 167
Fonte: Inventário N. 21, M. 1, E. 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartório: Cível e Crime (f.9).

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Foto 1 – Igreja Matriz de São Salvador de Ribeira de Pena (construção barroca da segunda metade do século XVIII). Foto de ALEGNA 13, 2007 100
Fonte: Wiki Loves Monuments n. 97012159.
- Foto 2 – Igreja Matriz de Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara. Foto de Tereza Mello Machado 108
Fonte: HPIP (Patrimônio de Influência Portuguesa). Fundação Calouste Gulbenkian. Imagens do Google, 2011.
- Foto 3 – Interior (altar) da Igreja Matriz de Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara 109
Fonte: HPIP (Patrimônio de Influência Portuguesa). Fundação Calouste Gulbenkian. Imagens do Google, 2011.
- Foto 4 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão. Foto de Ricardo André Frantz (2007) 112
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Viamão, 2011.
- Foto 5 – Interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Viamão. Foto de Ricardo André Frantz (2007) 112
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Viamão, 2011.
- Foto 6 – Angra do Heroísmo e sua baía, vista do Monte Brasil (capital da Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores). Primeiro porto das ilhas 114
Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. *Lobitinho's Região Autónoma dos Açores Travel Page*, 2011.
- Foto 7 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, hoje Catedral Diocesana de Cachoeira do Sul. Foto de 1930, aproximadamente 119
Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul, 2011.
- Foto 8 – Vista panorâmica do hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, tendo a Fazenda da Palma no centro e ao fundo o Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria. Foto tirada do mirante do Morro da Torre de Radar da Base Aérea de Santa Maria (BASM). Foto de Henri (SM, anos 1980), 2000 139
Fonte: WIKIMEDIA COMMONS, Imagens SM. Palma distritodesantamaria.jpg
Origem: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, 2006.
- Foto 9 – Fazenda da Palma, a casa senhorial, construída em 1857. Foto de antes da última reforma (2003) 144
Fonte: fornecida por Jocymar Monteiro de Almeida, a partir do acervo de Carlos Mozart Marques de Moraes, 2011.

LISTA DE DIAGRAMAS

- Diagrama 1 – Representação gráfica da formação da matriz da família do guarda-mor e esposa – origens e descendência, século XIX, contextualizada na formação do Rio Grande do Sul 77
- Diagrama 2 – Enlaces matrimoniais entre as famílias Fernandes Penna e Alves Dornelles (da descendência de Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza, estreitamente relacionada com a família do guarda-mor); a partir do Apêndice B (PENNA, 2013) 107
- Diagrama 3 – Principais Rotas para as Missões (século XVIII e XIX), com destaque (em vermelho) para os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim e São Xavier*) 124
- Diagrama 4 – Representação gráfica da rota matriz migratória dos clãs advindos do casal genearca, com destaque (em vermelho) para os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim e São Xavier*) 125
- Diagrama 5 – Possíveis caminhos alternativos de ligação entre os dois pólos de propriedade do Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA 134
- Diagrama 6 – Croqui da Família Penna a partir do guarda-mor e esposa – o casal genearca e seus filhos (F1-10) e netos, cujos dados foram retirados do Apêndice B (PENNA, 2013) 169
- Diagrama 7 – Representação gráfica da distribuição geográfica (aproximada) dos clãs oriundos do guarda-mor e esposa em sua primeira geração (filhos F1-10) 184
- Diagrama 8 – Representação gráfica da distribuição geográfica (aproximada) dos clãs oriundos do guarda-mor e esposa em sua segunda geração (netos: clãs F1-10) 185

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Discriminação dos objetos, fatores, variáveis e indicadores da pesquisa	55
Quadro 2 – Clãs advindos da prole do casal genearca, MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA	170
Quadro 3 – Distribuição geográfica dos clãs advindos da prole do guarda-mor e esposa ...	182
Quadro 4 – Distribuição geográfica dos clãs oriundos da prole do casal genearca (filhos F1-10 e netos)	183

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Os clãs oriundos do guarda-mor e esposa (filhos F) com o número de netos (N) e bisnetos (Bn) e seu total (N e Bn) 171
- Tabela 2 – Descendentes do guarda-mor e esposa, distribuídos nos clãs (quantidade de filhos, netos e bisnetos) 171

LISTA DE APÊNDICES

- Apêndice A – Relação de figuras elencadas do inventário biograficogenealógico da descendência do guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, e seus cônjuges (em fase de elaboração): políticos, militares, fazendeiros e outros de projeção na sociedade, referenciados na historiografia (PENNA, 2013)**
..... 211
- Apêndice B – Descendência do Casal Genearca, o Guarda-Mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA): filhos, netos, bisnetos e cônjuges (PENNA, 2013)**
..... 225

LISTA DE ANEXOS

FAC-SIMILES

- Anexo A – Assento de Batismo de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1788), esposa do guarda-mor (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Batismo de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L.5, f.55. Porto Alegre) 371**
- Anexo B – Assento de Casamento do Casal Genearca MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1806) (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Casamento de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 2A, f. 17v. Porto Alegre) 373**
- Anexo C – Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, onde declararam (1856) a viúva e alguns filhos e genros do guarda-mor (APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Registro Paroquial de Terras de Santa Maria da Boca do Monte: transmissões, de 1854 a 1856. f. 93-95v. Porto Alegre) 375**
- Anexo D – Inventário *post mortem* de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA, viúva do guarda-mor (APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Inventário N° 21 (Capa, p. 1), Maço 1, Estante 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartório: Cível e Crime. Porto Alegre) 381**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	33
1 OBJETIVOS, FINALIDADE E JUSTIFICATIVA	35
1.1 Objetivo Geral	35
1.2 Objetivos Específicos	35
1.3 Finalidade	35
1.4 Justificativa	35
2 REFERENCIAL TEÓRICO	37
3 METODOLOGIA	51
3.1 Considerações Conceituais e Metodológicas	51
3.2 Fatores, Variáveis e Indicadores	53
3.3 Considerações Processuais	56
3.4 Fontes e Locais das Buscas	59
4 OS ANTECEDENTES DO CASAL GENEARCA E DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL, A TERRA ADOTADA	65
4.1 Portugal e Açores – as Origens do Casal Genearca	65
4.2 Situação de Portugal, Brasil e Rio Grande do Sul, Especialmente no Início do Século XIX, e a Imigração Lusa no Sul do Brasil	78
5 CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	99
5.1 O Guarda-Mor, sua Esposa e seu Irmão	99
5.2 O Estabelecimento do Casal Genearca na Região Central do Rio Grande do Sul	114
5.3 O Desenvolvimento Socioeconômico e as Atividades do Casal Genearca e Família	129
5.4 A Prole do Casal Genearca e a Formação e Distribuição Geográfica dos Clãs .	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
REFERÊNCIAS	193
Referências Documentais – Fontes Primárias	193
Referências Bibliográficas	195
Fontes das Imagens	205
Foco das Entrevistas - Principal Informante	207
APÊNDICES	209
ANEXOS	369

INTRODUÇÃO

Frequentemente, as pessoas desconhecem a respeito da História do lugar onde nasceram ou viveram seus antepassados e a própria história deles. Muitas vezes, é por falta de interesse e motivação pessoal; outras vezes, por falta de dados organizados e acessíveis ou mesmo estudos decorrentes. Prevê-se, com a pesquisa, contribuir com estas questões.

O projeto, nos primórdios, tratou da elaboração da sùmula biográfica de MANOEL FERNANDES PENNA e a esposa FRANCISCA LUIZA DE LIMA e o mapeamento biograficogenealógico da descendência. Portanto, os sujeitos da pesquisa são o casal genearca e os descendentes e cônjuges, em um amplo espectro de elementos em torno da trajetória dos clãs: quantidade de descendentes, origem, gênero, local e época da ocorrência dos fatos e atividades, formação, profissão, trabalho, atividades e honrarias.

O estudo genealógico iniciou em fins de 2008, com intuito de construir a árvore de costado (gerações ascendentes) do autor, até 10 gerações para trás. Paralelamente, começou-se a levantar dados da descendência de alguns antepassados. Nas buscas, deparou-se com a figura do guarda-mor português, um dos primeiros e principais povoadores de Santa Maria, aqui estabelecido entre 1806 e 1808, citado, entre outros, por Eneida Izabel Schirmer Richter (1997), João Belém (1933; 2. ed. 2000, p. 57, 58) e ROMEU BELTRÃO (1958, 1979).

Por questão de prazo e da larga descendência, priorizou-se a investigação da descendência do guarda-mor, ficando concentrada até a geração dos bisnetos. O cargo de guarda-mor era uma autoridade com atribuições de controle dos bens materiais e recolhimento de impostos no Brasil Colônia e início do Império.

Objetivando uma conformação à futura publicação e percebendo falta de sistematização na investigação, na fundamentação teórica, metodologia e discussão, procurou-se aproximar outras áreas e formular academicamente, buscando maior rigor. A fundamentação teórica foi construída a partir da revisão da literatura, embasada na definição de termos, abordando conceitos em Geografia, Genealogia, Demografia Histórica, História, Arquivística, Documento, Patrimônio e Memória, bem como abordagens da historiografia no intuito de contextualizações e questionamentos.

Objetiva-se estudar o guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e a esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, filha de açorianos, estabelecidos na Região Central do Rio Grande do Sul, entre 1806 e 1808. Estuda o cenário da trajetória do casal genearca e a formação dos clãs derivados de sua prole, a partir do inventário biograficogenealógico da

descendência e cônjuges (Apêndice B, PENNA, 2013). O objeto/problema central está focalizado no casal e família, de modo panorâmico, contextualizado no luso e na abordagem fronteiriça (platina). Aborda a estância, a produção primária e de manufaturados, o comércio, o contrabando, o militarismo e questões políticas, econômicas, sociais, culturais e das origens, ao formular a pergunta central de pesquisa que orienta o estudo: Como se dá o contexto migratório do casal genearca, o ambiente da fixação e a formação dos clãs derivados?

O inventário biograficogenealógico serviu como base de dados para a pesquisa e o próprio produto dela, um dos quesitos para o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural (Apêndice B, 2013). Situou-se o contexto, ao reconstituir o cenário da pesquisa, quanto a) aos locais de origem do casal genearca: Portugal, Açores, Florianópolis e Viamão e b) ao ambiente do destino, o cenário da Região Central do Rio Grande do Sul, no século XIX.

A metodologia foi formulada a partir do perfil e desenho do projeto, da definição dos elementos estudados, do plano de coleta de dados e das necessidades operacionais. A metodologia na elaboração do inventário (produto) se dá conforme os métodos biograficogenealógicos; na elaboração da dissertação, nos métodos históricos. Foram explicitados (as): a) os fatores contextualizantes referentes ao casal genearca e formação dos clãs derivados e os indicativos para determinar e mensurar os resultados; b) os meios e estratégias para se obter o banco de dados (o inventário biograficogenealógico) e construir a discussão dos resultados; c) as fontes e locais das buscas e d) esclarecimentos gerais.

À medida que se ia elaborando a matriz genealógica, identificando os laços parentais, obtinham-se as informações biográficas. Utilizou-se, como fontes, artigos, dissertações, teses e livros da historiografia, livros de assentos de batismo, casamento e óbito de Viamão, Santo Amaro, Cachoeira, Santa Maria, São Martinho e Cruz Alta, livros paroquiais de registro de terras e inventários *post mortem* de Cachoeira, Santa Maria, São Martinho, Júlio de Castilhos, Santo Ângelo e Cruz Alta, bem como entrevistas com pessoas-chave para desenrolar os clãs.

Os resultados, as considerações e a discussão se deram em cima da análise dos dados, concernentes : a) ao guarda-mor, sua esposa e irmão; b) ao casamento do casal genearca e o destino espacial; c) ao desenvolvimento socioeconômico do casal genearca e família e sua evolução patrimonial; d) às atividades de MANOEL FERNANDES PENNA e o cenário da trajetória familiar; e) à prole; f) à formação dos clãs e genros; g) aos relacionamentos sociais e arranjos conjugais e h) à distribuição geográfica dos clãs. A finalidade do trabalho é a publicação, em dois focos, do: a) inventário biograficogenealógico (produto principal) e b) cenário contextualizado da trajetória do casal genearca e a formação dos clãs derivados.

1 OBJETIVOS, FINALIDADE E JUSTIFICATIVA

1.1 Objetivo Geral

Reconstituir o contexto do cenário da trajetória do guarda-mor e esposa, MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA, e a formação dos clãs derivados de sua prole, a partir do inventário biograficogenealógico da descendência e cônjuges, em elaboração.

1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os ascendentes (tábua de costado) do casal genearca;
- Identificar os descendentes e as relações de parentesco (tábua de descendência);
- Identificar os cônjuges dos descendentes do casal genearca;
- Obter informações genealógicas (tábua de costado) dos cônjuges dos descendentes;
- Obter informações biográficas dos descendentes e cônjuges;
- Identificar, na historiografia, as referências relacionados com a família;
- Contextualizar o cenário do estabelecimento do casal genearca e família;
- Apontar caminhos para elucidar fatos do cenário em torno da família em questão.

1.3 Finalidade

Ao final dos estudos, prevê-se a publicação do trabalho, em dois focos:

- O inventário biograficogenealógico: produto imediato (principal);
- O cenário da trajetória de vida do casal genearca e dos clãs derivados de sua prole.

1.4 Justificativa

Ao justificar o presente trabalho, levando-se em conta a importância de entender o desenrolar contextualizado dos clãs pertinentes para o estudo da História Social local e regional, consideram-se principalmente dois aspectos, tendo em vista a figura central da pesquisa, MANOEL FERNANDES PENNA, ter sido e ser considerado um:

- Dos primeiros e principais povoadores de Santa Maria e região;
- Homem comum, representando o modo de vida da sociedade da época e lugar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao buscar a fundamentação teórica, em torno do biograficogenealógico, inicia-se com definições. Genealogia é um ramo da História Social que estuda a família, sua origem e evolução, a filiação humana, a sucessão das gerações, descrevendo-as em cadeia (ascendente ou descendente), e a reconstituição de parentesco, traçando, quando viável, a biografia dos membros. A Genealogia é a ciência que estuda a filiação das famílias – as gerações através dos graus sucessivos de parentesco, através de gráficos de linhagem – a História de Família (RICHTER, 2009). Sérgio Buratto (2010, p. 1) diz que “a genealogia não é uma coletânea de nomes, como [...] borboletas espetadas numa coleção, é [...] a história da grande aventura humana, te emocionará com desencontros, grandezas e vilanias, amores e renúncias”.

Ricardo Costa de Oliveira (2012, p. 1), tratando da Genealogia, assim se manifesta:

Uma das mais interessantes pesquisas sociológicas é a reconstrução histórica das famílias em sua evolução e itinerário demográfico, geográfico, social, econômico, cultural e político. A reconstrução genealógica das famílias deve ser rigorosamente pautada em documentos e registros históricos nas mais diversas fontes. As fontes primárias são os registros civis, os livros eclesiásticos de batismos, casamentos, óbitos, os testamentos e inventários, as habilitações e dispensas matrimoniais, os livros notariais dos tabelionatos e cartórios, os documentos das irmandades religiosas das misericórdias, os processos judiciais, os ofícios administrativos das mais diferentes autoridades políticas e administrativas, as listas e mapas de habitantes. Estes são os documentos fundamentais para a reconstrução genealógica de uma família. Uma segunda ordem de documentos essenciais é o conjunto das habilitações de *genere*, os processos do Santo Ofício, da Ordem de Cristo e de outras ordens honoríficas. As genealogias escritas, publicadas ou não, também podem ser relevantes ou não. Tradicionais genealogias escritas são informações auxiliares relevantes se apresentarem referências e citações das fontes primárias nas quais as informações foram obtidas, caso contrário, devem ser rigorosamente verificadas a partir dos documentos primários e secundários anteriormente mencionados. As fontes primárias podem estar erradas ou estarem deliberadamente falsificadas. Somente a comparação entre vários documentos primários pode ratificar ou retificar os dados das estruturas de parentesco e construir uma epistemologia científica da genealogia. O maior inimigo da cientificidade da genealogia é a conexão fundada em homônimas, quando se estabelece um parentesco pela simples homonímia entre dois indivíduos em termos de nome, sobrenome ou patronímico.

Por outro lado, o estudo da Genealogia se relaciona com outras ciências e disciplinas, como: Biologia, Genética Humana, Medicina, Direito, Heráldica (brasão de armas de família), Nobiliário (nobreza e fidalguia), Geografia, Geografia Humana, Demografia Histórica, História Demográfica, História Social, História da Família, Antropologia Social, Cronologia, Arquivologia/Arquivística, Paleografia, Diplomática, Economia, Estatística, Etnologia, Sociologia, Educação, Psicologia, Política e Religião.

As motivações das pessoas para com a Genealogia podem ser de cunho: acadêmico, erudito ou prático, ao buscar o autoconhecimento e a identidade cultural e familiar ou por curiosidade pessoal e familiar. Acredita-se que, de até a quinta geração para trás, recebe-se influências, e, até a quinta geração para frente, influencia-se (RICHTER, 2009).

Ernesto Leme, ao prefaciando (1969) o livro de Tácito van Langendonck (1970, p. 9) sobre o Visconde do Serro Formoso e sua descendência, manifesta-se sobre a Genealogia:

A PREOCUPAÇÃO pela Genealogia vem desde os tempos primitivos. [...]. Era o interesse de investigar os grupos aos quais pertenceriam os personagens referidos. Muitos nomes bíblicos [...] eram [...] a personificação de nações [...]. Não só o interesse [...], em caso de herança, como também o desejo de assegurar privilégios [...], levou a desenvolver-se [...] o estudo da Genealogia. Mas, o que sobretudo impulsionou o seu desenvolvimento foram as [...] de ordem moral, no anseio que leva os homens a conhecer as raízes [...].

Oswaldo Bittencourt Menna Barreto (2003, p. 9), ao escrever ao leitor, apresentando seu livro da Genealogia da Família Menna Barreto, em seus 200 anos, descreve:

Descobrir a própria identidade, conhecer as raízes, a história, os valores, os caminhos de vida dos antepassados, tomar ciência e consciência da importância de unir o passado ao presente e ao futuro, na construção de uma sociedade por todos desejada, é a grande motivação a qual vem norteando a promoção de tantos encontros de família [...]. Não são poucas as famílias que vêm estudando suas genealogias, [...] em busca de dados e documentos que comprovem laços de união com os mais antigos e recentes imigrantes, [...] troncos formadores de nossa povoação [...], que [...] não nos deixa esquecer o passado e nos inspira [...] a vencer a luta que alimenta o presente.

Neste sentido, as obras de Genealogia se tornaram numerosas na França, na Inglaterra e na Alemanha. No Brasil, foram uns dos pioneiros Pedro Taques, na *Nobiliarquia Paulista*, e Silva Leme, na *Genealogia Paulista*, despertando interesse entre os brasileiros para o assunto (LEME *apud* LANGENDONCK, 1970, p. 9). Antes, buscava-se conhecer e comprovar as linhagens ascendentes (genealogia dos antepassados), com intuito de tirar proveito próprio e reivindicar herança, título de nobreza ou postos bem posicionados na sociedade.

Antigamente tinha a genealogia não somente a finalidade de registrar as gerações, mas [...] servir às habilitações de “genere” dos que pretendiam entrar nas ordens religiosas e militares, na magistratura, nos cargos do Tribunal do Santo Ofício, [...] para as quais se exigisse a chamada “limpeza de sangue” (MIRANDA, Cap. I, p. 1).

Por muito tempo, a história de família foi relegada, por influência das revoluções Francesa e Industrial. Foi considerada uma erudição nostálgica e reacionária. Fontes disponíveis pareciam justificar o elitismo das histórias familiares, pois, realmente, era com as importantes famílias que se conseguiam as fontes com menor dificuldade. Todavia, após

1950, através dos estudos pioneiros de L. Henry, J. Meuvret e P. Goubert, o método da *reconstituição das famílias* surge, com intuito de observar mecanismos demográficos e “retraçar a história biológica de cada célula conjugal”. Ao mesmo tempo, fez emergir (à luz dos estudos) “famílias pertencentes a todos os meios sociais, que nunca tinham feito com que se falasse delas e compunham a massa obscura, o corpo profundo da sociedade” (BURGUIÈRE, 1993, p. 317). Utilizada pelo demógrafo como micro-observatório, a família se tornou, para o historiador, o objeto primeiro da observação. Hoje, os historiadores preferem o estudo das estratégias familiares ao das estruturas (*Ibid.*, p. 320).

Até a pouco, o motivo principal para se conhecer as origens era descobrir um ancestral ilustre. Hoje, aparecem outros, como: a obtenção de cidadania dupla e a realização de encontros de família, numa tentativa de novo enraizamento, ao buscar as origens esquecidas ou desconhecidas, com intuito de reencontrá-las ou salvaguardá-las (*Ibid.*, p. 320). Com os fluxos migratórios, as pessoas tendem a *perder sua identidade* (embora, ao mesmo tempo, constroem outras), em função da ida para as metrópoles, podendo ocasionar desenraizamento. As pessoas querem saber quem foram e o que faziam os antepassados – a busca pela tradição perdida – o *mito das origens*. Certamente, relaciona-se com a globalização dos tempos atuais (AMARAL, 2000). Assim, o interesse pela Genealogia vem crescendo nos últimos tempos.

O estudo sobre a família tanto interessa ao homem comum como aos especialistas, tendo importantes aplicações nas áreas de História da Família e demografia histórica. Foi com o desenvolvimento da demografia histórica que os estudos sobre a família foram estimulados. A partir da década de 1960, a família se tornou o centro explicativo do comportamento populacional. A História da Família se incrementou a partir das questões levantadas pela demografia histórica, conforme Sheila Faria (*apud* Ronaldo Vainfas in: FERREIRA, 2010).

Ao buscar entender o significado de família e genealogia, evoca-se o conceito de clã, advindo da Antropologia, que o define como um conjunto de “pessoas de origem comum” ou de famílias que são “descendentes de ancestrais comuns” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 476). Pode-se dividir em subclãs, ramos, subramos, linhagens e unidades familiares.

Seguindo nos estudos de família, Luís Augusto Farinatti (2010b, p. 254, 255), em suas pesquisas sobre questões agrárias na fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul, na primeira metade e meados do século XIX, declara:

A história da família tem sido um dos mais prolíficos campos do ofício historiográfico nas últimas décadas. Sínteses importantes [...], ainda que se atenham a historiografia européia, encontram-se nos [...] textos de Andre Burguière (1980), Alan Macfarlane (1986) e Michael Anderson (1990). Para uma análise conjugada da produção européia com as obras [...] sobre o Brasil [...] temos [...] Sheila de Castro

Faria (1997), [...] apontam a diversificação de abordagens [...] da dinâmica familiar [...], desde a história demográfica, passando pelas das famílias como núcleos de economia doméstica, até estudos sobre as diferentes sensibilidades ligadas à família em uma determinada cultura (HENRI, 1977; LASLETT, 1972 *apud Ibid.*).

Na obra *A herança imaterial*, Giovanni Levi (*apud FARINATTI, 2010b, p. 255*) reconheceu a importância destes estudos, enquanto crítica à visão, então predominante, que

apontava a evolução linear de uma família extensa e patriarcal que ia encolhendo e perdendo suas funções, para restringir-se ao âmbito privado com a predominância da família nuclear, após a industrialização [...], [...] uma persistência entre as duas visões. Mesmo demonstrando a pluralidade de modelos familiares e criando ricas tipologias e geografias de formas familiares européias, aqueles historiadores, assim como os que eles criticavam, centraram sua atenção apenas na estrutura interna da família. Para Levi (2000, p. 128), “pouca atenção foi dada à rede de relações externas na qual a família está imersa e pela qual é condicionada e assume um significado”. Essa rede parental se estendia para além dos limites da coresidência. Ela também não se restringia aos vínculos de sangue, pois podia englobar os parentescos criados por alianças [...] como o casamento e compadrio.

Nesta direção, ao buscar compreender a estrutura familiar no contexto brasileiro, torna-se pertinente analisar as origens no latifúndio e na escravidão, bem como o traço mourisco na cultura patriarcal portuguesa, a saber:

A família patriarcal apareceu, portanto, como um traço de classe, grupo excepcional e privilegiado dos que dispunham do poder econômico criado pela extensão dos latifúndios e pela numerosa escravaria. Se é verdade que “a escravidão permitiu o latifúndio”, não é menos certo que o latifúndio permitiu a família patriarcal que, sem ele, não teria base econômica para prosperar.

O latifúndio plasmou a família patriarcal brasileira a tal ponto que é difícil dissociar as duas instituições [...]. A própria escravidão só deixou tão fundas e duradouras marcas porque “atuou através da família” (SILVA *et al.*, 1986, p. 461).

Farinatti também menciona Sheila Faria (1998 *apud FARINATTI, 2010b, p.255, 256*), em seu estudo sobre a Região açucareira do Norte do Rio de Janeiro, no século XVIII, quando aborda a “importância das relações parentais, que iam além do núcleo conjugal”, e Hebe Mattos (1998), demonstrando a importância dessas relações, como um “capital social básico para o acesso à produção agrícola autônoma”, não podendo ser definida por “um critério único, seja ele a coabitação ou a consanguinidade [...]”. Farinatti (*Ibid.* p. 256) segue:

Essa concepção continuava viva no Brasil do século XIX. De fato, parece bastante pertinente a idéia de uma vasta rede parental, na qual estavam inseridos os núcleos familiares, [...] menos forte nos pontos mais afastados do núcleo de referência.

A partir dessa imagem, o pesquisador poderia estender os limites da parentela *ad infinitum*, a partir de um casal [...] referência. [...] Porém, a prática das relações sociais concretas tende a fazer surgir níveis de parentesco. As pessoas envolvidas conseguem determinar um círculo de parentes próximos, outro de parentes distantes até o limite daqueles que não são mais considerados parentes.

Linda Lewin (1997), quanto às relações entre política e parentela, no século XIX, ressaltou a estrutura bilateral das parentelas lusobrasileiras, acentuando que “o casamento significa mais uma aliança entre duas famílias, do que a transferência de uma filha ou de um filho, de uma para a outra. O novo casal cria um elo de comunicação entre as duas famílias e, assim, expande o campo parental de ambas” (*apud* FARINATTI, 2010b, p. 256, 257). Embora importantes os relacionamentos parentais, Farinatti ressalta que “outros tipos de relação, como a aliança militar e política, ou mesmo os negócios podiam criar vinculações bastante fortes e que, inclusive, podiam desembocar no estabelecimento de alianças familiares, através de casamentos e compadrios”. De todo modo, “a família era uma configuração de relações de grande importância na definição das atividades e relações sociais dos sujeitos, sendo um dos vetores influenciadores na estratificação e reprodução social” (*Ibid.*, p. 257).

Noutro sentido, ao considerar a História Social, Gláucia Külzer (2012, p. 49) declara:

O avanço da história social e o intercâmbio com outras áreas permitiram que novas abordagens ganhassem força entre os historiadores. À medida que os laços interdisciplinares entre ciências humanas e sociais se solidificavam aproximava-se de uma história centrada nos indivíduos e suas trajetórias. Um diálogo intenso com a micro-história tornou-se premente para analisar as práticas e relações sociais destes. A redução na escala de observação, aliada à utilização de uma gama variada de fontes primárias, permitiu redefinir o objeto de pesquisa, problematizar suas dimensões e demonstrar os diversos grupos sociais e suas complexas relações.

Quanto aos estudos a respeito das ligações entre economia e produção, na Região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul no século XIX, segue Farinatti (2010a, p. 479): “As atividades econômicas e as unidades produtivas dos grandes senhores estavam permeadas pelas relações familiares, de modo que não é possível estudar uma, deixando a outra de lado, sob pena de trabalhar com um objeto de estudo mutilado”. Portanto, levando-se em conta essas considerações, conforme as conclusões de Farinatti (2010b, p. 258, 259),

é possível reconhecer que essa alargada teia de relacionamentos familiares era uma referência marcante para os sujeitos, quando agiam e estabeleciam relações sociais. Além disso, e mais importante: pertencer a uma rede parental que concentrasse recursos era um diferencial relevante nas possibilidades de sucesso e fracasso dos sujeitos, bem como em sua auto-imagem e na posição social que ocupavam. [...] a análise das alianças matrimoniais da elite agrária, da Fronteira Meridional, indica que ali também estava presente aquela concepção alargada de rede parental como referência relevante na experiência histórica dos sujeitos, e na composição da hierarquia social. Podemos falar em um *nível amplo* das relações familiares na fronteira. Através de uma vasta teia parental circulavam favores, proteção, lealdade, serviços, crédito, informações, cuidados. Ela podia ainda facilitar o acesso a relações comerciais, viabilizar alianças políticas e propiciar matrimônios.

Neste sentido, quanto à importância dos enlaces matrimoniais nas questões agrárias, econômicas, sociais e políticas da época e Região, Farinatti (2010a, p. 482) segue:

Vários dos recursos que não podiam ser acessados individualmente eram-no mediante as alianças familiares, sobretudo, por meio de matrimônios. A atividade principal desempenhada pela família era reforçada e reproduzida pelas trajetórias pessoais e pelos matrimônios de filhos e filhas. Por outro lado, parte dessas atuações e muitos desses matrimônios propiciavam que a família estendesse suas relações para campos em que não atuava diretamente, por meio das famílias de genros e noras. Formava-se, assim, uma trama de grupos familiares que conseguiam estar presentes [...] em campos sociais diversos, relevantes e conexos.

Esclarecendo, por outro lado, houve uma transformação da família no decorrer do século XIX, em função do “avanço da industrialização e do individualismo”, que de “uma unidade de produção passava, cada vez mais, a ser apenas uma unidade de consumo” (*Ibid.*, p. 298). Esta observação se torna pertinente quando se estuda o tipo e modo de produção no âmbito familiar e adjacente, considerando a elite agrária sulina brasileira, especialmente a fronteiriça, e os processos de herança e práticas sucessórias, a seguir abordado:

É possível perceber um padrão de, em cada família, combinar tipos diferentes de cônjuges, englobando: casamentos com outros membros daquela elite agrária, com forasteiros (sobretudo, comerciantes e militares) e com membros da mesma parentela, residentes no leste da província (*Ibid.*, p. 484).

Contudo, os sujeitos dos estudos genealógicos não se restringem a *pessoas importantes da sociedade*, mas às *pessoas comuns*, emergindo informações que poderão esclarecer o comportamento da comunidade, possibilidades de investigação tratadas por Maria Sílvia Bassanezi (2009). A genealogia *linear*, limitando-se à filiação, tende a passar de moda. “Em compensação, as genealogias *arborescentes* podem contribuir muito à história social” (BURGUIÈRE, 1993, p. 346). A genealogia *arborescente* possui dois tipos: a ascendente que é a reconstituição dos ancestrais e a descendente que é a constituição total da descendência. O último é o que hoje cresce, usado em pesquisas e de maior utilidade à sociedade (*Ibid.*).

Quanto à genealogia e demografia no Brasil, Ricardo de Oliveira (2006, p.1) descreve:

A genealogia e a genética brasileira são das mais diversificadas [...], [...] pela pluralidade e heterogeneidade nas suas origens e misturas. [...] apresentam uma riqueza documental [...] sobre a colonização e o povoamento do Brasil, [...] extensa riqueza ameríndia [...]. Colonos do Minho, dos Açores, das mais diferentes regiões portuguesas [...] multiplicaram-se [...]. Colonos de todos os segmentos [...], [...] toda a sociedade portuguesa [...] se fez representar [...]. O Brasil foi a sociedade americana que mais recebeu africanos [...]. A partir do século XIX, o Brasil recebe importantes contingentes de imigrantes [...]. Agora, a demografia e a genealogia tem mais uma técnica de pesquisa fundamental – a genética [...] oferece um novíssimo instrumental de investigação.

Ao ligar genealogia com cultura e patrimônio, é importante evocar Umberto Eco (*apud* HORTA, 2000). Para ele, o processo da cultura é de comunicação – transmissão de idéias e conhecimentos adquiridos. Inicia no momento em que o homem procura comunicar a outro o seu achado, sua descoberta. Patrimônio indica o conceito de herança dos ancestrais.

Como o trabalho trata de cenários e estudos biograficogenealógicos, é importante conhecer a questão da memória na sociedade atual, considerando conceitos e problemáticas. “A memória está em voga, não só como tema de estudo entre especialistas, mas também como suporte dos processos de identidade e reivindicações.” (MENEZES, 1999, p. 12). A sociedade tem procurado destilar a autoimagem. A “indústria do patrimônio cultural”, proposta por Hewison (1987 *apud* *Ibid.*, p. 12), passa por um verdadeiro *boom*. Embora a memória esteja viva e atuante, o autor adverte, porém, que isto “não significa estabilidade e nem mesmo [...] equilíbrio e tranquilidade. Pelo contrário, seu status é extremamente problemático”, ao diagnosticar “uma verdadeira crise da memória na sociedade ocidental” (*Ibid.*, p. 13).

As causas da crise da memória, conforme Menezes (1999, p. 21), são fundamentadas, quanto à dimensão: a) epistemológica, na *própria noção de passado e as relações com ele tecidas*, em se tratando do conhecimento e representação intuitiva; b) técnica, no *progressivo processo de externalização da memória*, através da trajetória da escrita e da eletrônica, tornando as pessoas alienáveis, apesar da imensa quantidade de informação nos dias de hoje; c) existencial, nas *práticas sociais*, determinando as funções e eficácia da memória – a tendência de museificar o patrimônio cultural e dramatizar a memória, querendo diminuir a distância entre celebrante e celebrado, entre o presente e o passado (realismo ingênuo); d) política, nas *pressões de amnésia vigentes na sociedade*, especialmente a brasileira, com a ideologia do novo, que conduz a alienação e e) socioeconômica, nas características da *sociedade de informação*, a informatização da vida e industrialização da sociedade.

Por outro lado, a memória coletiva se relaciona diretamente com o poder, importante nas sociedades intermediárias, entre a oral e a escrita, como declara Le Goff (2005, p. 470):

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Quando se trata de patrimônio, é fundamental compreender a diversidade de significados. Depende do contexto social e evoca o sentido de “vínculo com a identidade social e afirmação de identidade do sujeito” (FERREIRA, 2004, p. 21). Também é questão

afetiva, em relação ao passado. A História se utiliza de documentos, transformados em fonte pelo olhar do pesquisador. Os documentos se fazem patrimônio em função de informar sobre a tradição ou outra temporalidade – caráter didático. O entorno do patrimônio é o conjunto de elementos que constituem o cenário da memória. “A memória deve ser o objeto da História e não o seu objetivo” (*Ibid.*, p. 21). A memória não pode ser confundida com História, pois esta é uma criação intelectual do conhecimento, portanto mais ampla. “A memória, como construção social, é formação de imagem necessária aos processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional” (MENEZES, 1999, p. 22, 23).

A problemática vem refletir na questão dos documentos, enquanto: a) *suporte*, em se tratando do corpo (natureza física e performática) e narrativa oral, conteúdo e forma; b) os *riscos da descontextualização*, considerando os museus e exposições tematicomuseológicas e celebrações com espetáculos cênicos de época e c) *efeitos de escala do fenômeno da informatização*, referindo-se ao volume, ubiquidade e dispersão, heterogeneidade técnica, formas aleatórias de obsolescência e eliminação, graus diferenciais de conservação e dificuldades de avaliação do interesse, desperdiçando esforços (MENEZES, 1999, p. 24).

Parece coerente e legítimo a reivindicação de que “os arquivistas deveriam não só participar da escolha dos registros, mas também de sua produção” (DURANTI, 1994, p. 57, *apud Ibid.*, p. 27). Esta crise repercute na documentação e na prática da História, necessitando renovar perspectivas, superar sequelas, *historicizar a memória* e estreitar a solidariedade no trabalho documental e produção do conhecimento histórico.

A história oral e memória coletiva vêm ganhando espaço nos últimos anos. “Sua utilização estratégica pode também ser fecunda para a renovação da historiografia” (RETZ-CEP, p. 398 *apud* BURGUIÈRE, 1993, p. 526). Em certo sentido, a memória coletiva é a substância da História, embora esta contenha aquela (não podendo, porém, serem confundidas). É pela investigação oral que a memória dos grupos é apreendida. O senso de pertencimento é valorizado, em função da identidade individual em relação à coletiva. “Uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica” (*Ibid.*, p. 526), ainda que, podendo ser de modo simplista.

Raimundo Nonato Pereira Moreira (2005, p.1-4), em sua análise entre a História e a Memória, a partir de Peter Burke, Henry Rousso e Jacques Le Goff (1994, p. 477), descreve:

A Memória [...] é a presença do passado [...], uma representação seletiva [...] de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. [...] “Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo [...], ao ‘tempo que muda’, as rupturas [...] de toda vida humana; [...] um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”. (ROUSSO, 1998, p. 94-95). [...] Todavia, a explicação tradicional,

na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história espelha a memória, parece demasiado simplista na contemporaneidade. [...] Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como as atividades inocentes que julgávamos [...]. As memórias são construções dos grupos sociais. Embora sejam os indivíduos que lembram, [...] são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’ e as formas pelas quais será lembrado. Portanto, os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo. [...] ‘Daí, [...] a memória como uma reconstrução do passado’. (BURKE, 2000, p.70) [...] ‘A memória, onde cresce a história, que [...] a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. [...] que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão [...]’.

Relacionando memória com documento e este com monumento, Le Goff (2005, p. 428) declara: “A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita [...]. Mas importa salientar que [...] todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta”.

Neste assunto, seguindo Le Goff (2005, p. 537, 538), o historiador

que procura uma história total deve repensar a própria noção de documento. A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, [...] em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É [...] o resultado de uma montagem [...] da história, da época, da sociedade [...], [...] das épocas sucessivas [...], a ser manipulado [...] pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica [...] e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser [...] analisados, desmistificando-lhe [...]. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem [...].

O autor vai mais longe, ao questionar a veracidade dos documentos e monumentos:

[...], não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel ingênuo [...], porque qualquer documento é [...] verdadeiro [...] e falso, [...] um monumento é [...] uma roupa, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso [...] desmontar, [...] desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. Ora, esta desmontagem [...] não pode fazer-se com o auxílio de uma única crítica histórica [...] (*Ibid*, p. 537 e 538).

Por outro lado, Fustel de Coulanges (1901, p. 245 *apud Ibid.*, p. 530) declarava, em 1862, na Universidade de Estrasburgo: “Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos” e “escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação”. Assim, “onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí esta a história”. Quanto ao uso e manuseio dos documentos nos estudos históricos, sob o ponto de vista da ciência, Le Goff (2005, p. 538, 539) expõe:

Mais ainda do que estes múltiplos modos de abordar um documento, [...] importa não isolar os documentos do conjunto de monumentos [...].
O novo documento, [...], transformado [...] em dado, deve ser tratado como um documento-monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir [...] do campo da memória para o da ciência histórica.

A partir de Políbio, quando dizia: “partindo da ligação e da comparação dos fatos entre si, de suas semelhanças e diferenças, podemos então [...] tirar proveito [...]” (*Ibid.*, p. 114).

Quando se escreve ou lê história, deve-se dar menos importância à narração dos fatos em si que ao que precedeu, acompanhou e se seguiu aos acontecimentos; por que, se se tirar a história o porquê, o como, a finalidade da existência de um ato, ou a sua lógica, o que resta não é mais que espetáculo e não pode tornar-se objeto de estudo; distrai por momentos, mas não tem aplicação nenhuma no futuro [...]. Afirimo que os elementos mais necessários à história são as conseqüências, as circunstâncias [...] e, principalmente, as suas causas (op. Cit., III, 31-32 *apud* LE GOFF, 2005, p. 114).

Os antigos historiadores baseavam a História na verdade. “É próprio da história começar por contar a história com verdade”, assegurava Políbio (*apud Ibid.*, p. 114). Por outro lado, Eusébio de Cesaréia (século IV) foi “o primeiro historiador antigo a manifestar a mesma atenção que um historiador moderno à citação fiel do material copiado e à identificação correta das suas fontes” (CHESNUT, 1978, p. 245 *apud Ibid.*, p. 115, 116). Segundo Le Goff (2005, p. 116): “Esta utilização crítica dos documentos permitiu a Eusébio e a seus sucessores caminharem com segurança, para além da memória dos testemunhos vivos”.

Se, por um lado: “Não há história sem documentos”, Samaran afirma: “Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira” (1961, p. XII *apud Ibid.*, p. 531). Glénisson (1977 *apud* LE GOFF, 2005, p. 531) afirma: “este alargamento do conteúdo do termo documento foi apenas uma etapa para a explosão do documento, que se produziu a partir da década de 1960 e levou a uma verdadeira revolução documental”. Le Goff (p. 533) adverte:

Não nos devemos contentar com esta constatação [...] e com uma reflexão crítica sobre a história quantitativa de que esta revolução é o aspecto mais espetacular. Recolhido pela memória coletiva e transformado em documento pela história tradicional (“na história, tudo começa com o gesto de *pôr a parte*, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos [...]”, como escreve Certeau [1974, I, p. 20]), ou transformado em *dado* nos novos sistemas de montagem da história serial, o documento deve ser submetido a uma crítica mais radical.

Fernando Catroga (1998c, v. 2, p. 361) concorda com Le Goff, ao relacionar documento, memória, linguagem e monumento com rito, ideologia, metafísica e mito, a saber:

As edições de selos, moedas, notas, medalhas, [...] cartazes, filmes, autocolantes, pinturas [...] e outras expressões [...] são alguns dos múltiplos veículos de consagração e memorização [...] como acontece [...] à estatuária e à toponímia, só quando existirem estudos globais sobre todas estas manifestações se poderão fazer sínteses seguras, [...] no que respeita à análise da sua simbólica e da respectiva articulação com as motivações ideológicas [...] subjacentes à sua produção.

Seja como for, [...] revela a linguagem multimodal da história e o seu uso social como *monumento*, expressão da necessidade metafísica que o homem tem de dar plasticidade ao seu protesto contra a precariedade das coisas e da existência. Sem esta angústia, ele não fastasiaria sonhos de eternidade e não criaria signos reactualizadores da memória. [...]. No entanto, [...] ânsia de imortalidade dá à memória colectiva um estatuto quase metafísico. Povoada de mitos [...], a sua historização revela [...] quão ilusória e passageira é a eternidade.

Ao buscar compreender o cenário da trajetória do casal genearca, formação dos clãs e elaboração do inventário biograficogenealógico, contextualiza-se a Arquivística na produção do conhecimento histórico. Para coletar, identificar, descrever, catalogar, inventariar, indexar e compilar, é preciso saber classificar, com critérios fundamentados; do contrário, tenderá ao fracasso. Nesta direção: “A classificação de documentos arquivísticos é efetivada por meio de [...] operações que, de acordo com as diferentes estruturas, funções e atividades da entidade produtora, visam distribuir os documentos de um arquivo” (LUNARDELLI; CALDERON, 2008, p. 56). Conforme Gonçalves (1998, p. 11, *apud Ibid.* p. 56), o objetivo da classificação é “basicamente, dar visibilidade às funções e às atividades do organismo produtor do arquivo, deixando claras as ligações entre os documentos”, portanto indispensável ao compartilhamento da informação arquivística. Classificar é “uma operação matricial de todo o trabalho arquivístico”. É “um elemento importante para a transparência e o compartilhamento de informações, [...] para a tomada de decisão, para a preservação da memória [...] das instituições [...] e para o pleno exercício da cidadania” (SOUZA, p. 4 *apud Ibid.* p. 56).

Neste sentido, “O processo classificatório em arquivos é uma atividade complexa que visa elaborar instrumentos de classificação”, seja mapa, gravura, foto, quadro, tabela, arranjo, código, gráfico, diagrama ou outros, conforme o arquivo e concepção, visando “traduzir visualmente as relações hierárquicas e orgânicas entre as classes definidas para a organização da documentação” (GONÇALVES, 1998, p. 35, *apud Ibid.*, p. 56) e representar as funções, atividades e documentos gerados em uma organização, seja pessoa, família ou outra.

Em se tratando de inventário, sua evolução, segundo Le Goff (2005, p. 432), vem da transformação da atividade intelectual, revelada pela “memória artificial” escrita, passando pela expansão das *listas* e instalação do poder. “A memorização pelo inventário, pela lista hierarquizada não é unicamente uma atividade nova de organização do saber, mas um aspecto da organização de um poder novo”. Por ser o inventário biograficogenealógico constituído de

súmulas biográficas, relaciona-se genealogia com biografia. Essa, segundo Oliveira Martins (1879, *apud* CATROGA, 1998, p. 179), relacionando à literatura e à História, seria o “género mais adequado ao estudo das expressões subjectivas da *vontade colectiva*”. Por outro lado,

enquanto campo de observação, a biografia [...] apreendia melhor o ritmo dramático da história. Enquanto biógrafo, o historiador podia actuar como um perscrutador de almas, Isto é, como um psicólogo que, a pretexto da análise de uma personagem-símbolo, captava o âmago da personalidade do “grande homem”, aí onde superiormente se revela o “Inconsciente na Consciência”, a “Eternidade na Vida” e o “Universo no Indivíduo” (MARTINS, 1986, p. 259 *apud* *Ibid.*, p. 179),

Fernando Catroga (1998, p.180) continua abordando Oliveira Martins (1994, p. 213):

A biografia representa, portanto, a personalização máxima da análise histórica. [...] em certa medida, o biografado, enquanto “grande homem”, constituía uma espécie de microcosmos em que a alma colectiva se reflectia. Partindo da parte, também se poderia compreender o todo, pois “o herói vale pela soma de espírito [...] colectivo que encarnou nele, e num momento os heróis consubstanciam a totalidade desse espírito” [...] o “grande homem” aparece como o revelador do sentido inconsciente do tempo, como uma espécie de mediador de idéias, planos, acções [...].

Com isto, Catroga (1998, p. 184) declara: “a história biográfica surge a coexistir em complementaridade com a História institucional, social, econômica, mental, sem que isso implique qualquer contradição ou ruptura”. No caso do guarda-mor, a justificativa da escolha vem, ao mesmo tempo, da sua relativa importância local e do *homem comum*.

Embora o trabalho compreenda um estudo biograficogenealógico, não é em si uma biografia. Contudo, evocam-se as origens do gênero. Semíramis Corsi Silva (2012, p. 2) diz que “a vontade de relatar e ler vidas e trajetórias singulares” se manifestava na Grécia Antiga. Parece “ter surgido junto com o próprio interesse pela história”. O “berço da historiografia” se estabelece no Período Clássico, tendo contribuído para o surgimento da biografia.

Constata-se um aumento substancial, nas últimas décadas, “do interesse por biografias, tanto do público leitor, como do mercado editorial. Dentro do campo da historiografia, as biografias acompanharam o próprio desenvolvimento da disciplina e de seus métodos” (*Ibid.*, p. 1). Segundo Levillain (2003 p. 165, *apud* CORSI SILVA, 2012, p. 7, 8),

[...] a biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios.

Ao tratar a escolha dos personagens biografados, Benito Schmidt (1997, p. 16) declara:

Chama também a atenção a escolha dos personagens biografados: não apenas os "grandes homens" [...], mas também as pessoas comuns, os subalternos, a "gente miúda". Neste sentido, Ginzburg (1987: 27) ressalta a importância de se estender o conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas: "alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse [...] – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...)." Trabalhos como o do próprio Ginzburg [...] ou o de Natalie Davis [...], alcançaram grande repercussão [...] por desfazerem a idéia de que os membros dos grupos populares estavam "excluídos, por definição, de toda a biografia" (Vovelle, 1985: 191).

A escolha do biografado, conforme Semíramis Corsi Silva (2012, p. 7, 8),

tem importância fundamental, pois ele deve ser alguém que responda às questões que lhe são colocadas sobre seu momento histórico. [...], escolha que pode estar [...] pautada na própria disponibilidade de materiais sobre o biografado, já que fazer a história de homens das camadas populares pode ser impossibilitado pela ausência de documentação, por mais que suas vidas pudessem conter respostas às questões consideradas importantes para sua época.

Por outro lado, “o biografado não deve ser mais apresentado como herói” mas “receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual” (*Ibid.*, p. 7). Além disso, aqueles documentos “podem estar disponíveis em acervos privados de acesso desconhecido ou dificultado pelos que cuidam da documentação, que podem ou não ser os membros da família”. Contudo, “a existência e acesso à documentação” deve ser “a primeira preocupação do historiador que pretende escrever uma biografia” (*Ibid.*, p. 8).

Relacionando biografia com documentação histórica, Corsi Silva (2012, p.10) acredita

que o uso de biografias como documentação histórica, assim como o interesse pelas biografias como forma de estudo histórico, esteja também dentro das renovações da História Política e, principalmente, dentro da ampliação de objetos, problemas, técnicas e documentos [...].

Ao trabalhar com documentação biográfica, deve-se, conforme Corsi Silva (2012, p. 10), “analisar qual o significado da biografia no contexto estudado”, buscando a) “compreender sua escrita em seu contexto de produção” e b) “sondar as intenções do biógrafo [...], se é de elogiar ou denegrir o biografado”, percebendo “as razões do tom da biografia”, uma análise minuciosa das funções, camada social, interesses de grupo e papel do biografado na sociedade. Há “um campo grande de abordagens e possibilidades para o trabalho do

historiador com biografias”, mas também “cuidados” e “dificuldades”. A biografia do historiador deve “se aliar à concepção atual sobre o trabalho historiográfico em si, [...] interpretativo e não ausente de subjetividades” (*Ibid.* p. 12), calcado na verossimilhança, mais do que na verdade, conforme Le Goff (2001, p. 08 *apud Ibid.* p. 12).

No que diz respeito às atuais tendências do conhecimento histórico, segundo Benito Bisso Schmidt (1997, p. 5), verifica-se um “redespertar pelo gênero”, considerado o “modelo de história tradicional, mais sensível à cronologia e aos grandes homens que às estruturas e às massas” (Chaussinand-Nogaret, 1986, p. 86 *apud Ibid.*, p. 5). A história deveria identificar as estruturas e as relações que “comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso”. Em contrapartida, os historiadores quiseram “restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais” (Chartier, 1994, p. 102 *apud Ibid.*, p. 5). A recuperação dos sujeitos individuais na história pode ser uma reação aos enfoques estruturalistas da produção historiográfica contemporânea. “O recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história” e a aproximação da história com a antropologia e a literatura são indícios de estar “preocupada com as técnicas narrativas de construção dos personagens”. A volta da biografia se relaciona com a crise do paradigma estruturalista da historiografia, a partir dos anos 60 – um movimento em diversas correntes e é marcante “o interesse pelo resgate de trajetórias singulares” (*apud Ibid.*, p. 5).

No entanto, abordam-se “novas biografias produzidas por historiadores”. Segundo Levi (1989, p. 1326 *apud SCHMIDT*, 1997, p. 7), a biografia é “a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia”. Jacques Le Goff (1989 *apud Ibid.*, p. 7) afirma que a biografia histórica deve ser a “narração de uma vida”. As biografias “servem para revelar dimensões” e, segundo Schmidt (1997, p. 15), os estudos biográficos podem comprovar ou refutar teses consagradas.

Embora não se objetive, na investigação, dissertar a respeito destes assuntos, relacionados com documento, memória e patrimônio, intentou-se estabelecer o pano de fundo ao estudo, buscando conexões, diferenciações, contextualizações, reflexões e questionamentos.

3 METODOLOGIA

3.1 Considerações Conceituais e Metodológicas

A presente investigação objetiva, como finalidade, a publicação, em dois enfoques, enquanto produto da pesquisa, finalizando o trabalho, a partir: a) da dissertação a respeito do cenário da trajetória do casal geararca, da prole e seus cônjuges e a formação dos clãs derivados e b) do inventário com conteúdo de repertório biograficogenealógico, construído através de uma coletânea de dados na forma de catálogo. Este inventário traz uma compilação de súmulas biográficas, distribuídas genealógicamente, com intuito de fornecer um amplo índice biograficogenealógico da descendência do guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa FRANCISCA LUIZA DE LIMA. É um instrumento que objetiva identificar, levantar, divulgar, difundir e intercambiar informações concernentes.

Inventário, no sentido panorâmico de cobrir o patrimônio histórico-cultural dos clãs em questão; *repertório*, no sentido de unificar critérios e linguagem e ser coerente no conteúdo; *coletânea*, no sentido operacional de levantar e organizar informações (excertos) dos integrantes dos clãs; *catálogo*, no sentido de classificar, listar e dispor nesta forma (de modo descritivo, circunstancial, cronológico e genealógico) dados dos membros dos clãs; *compilação*, no sentido organizado de reunir informações dos integrantes dos clãs; *índice*, no sentido funcional e operacional de ser útil e prático ao público interessado ao acesso às fontes e informações concernentes; e *dicionário*, no sentido de dispor nomes dos membros dos clãs (ordem genealógica), identificando e caracterizando-os, através da descrição da respectiva súmula biográfica e instituições pertinentes.

Este trabalho se situa nos entremeios da História e da Arquivologia, por ser uma catalogação de dados biograficogenealógicos, implicando em uma ampla busca documental, utilização da história oral, articulação com a historiografia, gerando um largo espectro de informações, que dará condições para viabilizar uma interessante e instigante análise e interpretação destas. Por questões de tempo e propósito, limitar-se-á a elementos oriundos de dados viáveis de se coletar. Houve momentos de necessidade de cruzamento de dados, com intuito de verificar a veracidade das informações, confirmando ou rechaçando-as.

É uma investigação com características mistas, *descritiva com abordagem qualitativa*, conforme Gil (1991) e Silva e Menezes (2001) [apud CALIL, 2009], que, mais especificamente (conforme a dimensão), caracteriza-se como pesquisa de abordagem:

- Bibliográfica, documental, exploratória (panorâmica) e do tipo estudo de caso (o casal genearca e os clãs derivados), considerando a descoberta de informações e a formulação de hipóteses, diversidade de fontes e procedimentos tecnicometodológicos de coleta de dados;
- Descritiva, quanto aos objetivos, pois o objeto foco da investigação é a descrição das situações e características do cenário da trajetória de vida do casal genearca, da prole e seus cônjuges e formação dos clãs derivados, a partir do inventário biograficogenealógico;
- Explicativa e Qualitativa, quanto ao método de análise interpretativa dos dados, considerando a descrição exploratória de aspectos subjetivos, as articulações, contextualizações e questionamentos, notadamente observada na constituição textual, confrontando os resultados com a historiografia e as fontes primárias;
- Quantitativa, quanto à mensuração e quantificação dos indicativos e representação das informações objetivas, quantificáveis e comparáveis, bem como à matriz estatística, sendo os dados sistematizados através de figuras, quadros, tabelas, gráficos e mapas, facilitando, com melhor visualização, a análise e interpretação dos resultados.

Foram utilizadas as seguintes técnicas e instrumentos de coleta de dados:

- Leitura e pesquisa bibliográfica e arquivística, utilizando-se de fichas de leitura e análise iconográfica (fotografias, gravuras, figuras, diagramas, gráficos, quadros, tabelas e outras ilustrações) e cartográfica (mapas geográficos);
- História oral, observação indireta e memória (reconstituição através de relato/depoimento/testemunho), utilizando-se da listagem de nome, telefone, endereço e e-mail, com intuito dos procedimentos: agendamento e comunicação em geral, utilizando-se dos instrumentos de coleta de dados: formulário tábua/árvore de costado (descrição da ascendência) e para descrição da descendência, questionário semiaberto e entrevista semiestruturada, seja presencial (encontro casual ou mediante agendamento), via telefone ou e-mail, através da escuta, fazendo registro dos dados, mediante gravação (esporádica) de entrevistas, preenchimento de formulário e posterior descrição, bem como organização das fontes (bibliográficas e documentais) e pessoas entrevistadas (informantes), através de listagem.

De modo que, para a elaboração do texto do trabalho, no sentido de construir uma base sustentável para discussão, a partir dos resultados, e situar os fatos à época e Região, foram buscadas diversas contextualizações e questionamentos na historiografia. Aí também foram buscadas comprovações de fatos, advindas das fontes primárias em arquivos e na história oral.

3.2 Fatores, Variáveis e Indicadores

Tratou-se, neste trabalho, de estudar a respeito do cenário em torno do casal genearca, o Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA, progenitores dos clãs pertinentes, e da formação destes, derivados de sua prole, constituindo-se, portanto, o objeto da pesquisa. Foram abordados, ainda que de modo preliminar e panorâmico (com o que até o presente foi possível levantar), os pertinentes assuntos, em torno: A) do casal propriamente dito e B) da formação dos clãs derivados de sua prole.

Referente ao casal propriamente dito (A), foram abordados os seguintes fatores: a) as origens do casal; b) o contexto espacial e temporal da Região Central do Rio Grande do Sul, terra adotada pelo casal, enquanto espaço e cenário histórico e geográfico do casal; c) o perfil do estabelecimento do casal e família, enquanto modo e cenário de vida propriamente dito; d) o desenvolvimento socioeconômico e patrimonial do casal e família e e) o desenrolar da família em torno de Santa Maria e Região, com o passar das primeiras gerações, especialmente até os netos e, de modo rarefeito, até os bisnetos, delimitado neste trabalho.

Referente à formação dos clãs, oriundos da prole do casal (B), foram estudados os seguintes fatores: a) tamanho; b) distribuição geográfica; c) atividades presentes; d) referências na historiografia e e) matriz de origem (somática, linguística e cultural).

No intuito de construir o inventário biograficogenealógico, servindo de base de dados para o estudo e, ao mesmo tempo, para constituir o produto da pesquisa, foram escolhidas as seguintes variáveis principais: a) época do ocorrido (ano dos fatos, eventos e ritos de passagem); b) local do ocorrido (localidade, distrito, município, cidade, estado e país de nascimento, batismo, casamento, morte, residência e trabalho); c) atividades desenvolvidas (profissão, tipo, cargo, função, instituição, *hobby* e participação em comissões e instituições em geral) e d) honraria conquistada (tipo, título, abrangência e instituição promotora). Através da análise dos dados, advinda do cruzamento destas variáveis, foi possível elucidar fatos e se ter uma idéia aproximada da caminhada e desenvolvimento dos clãs, bem como indicar rastros para futuras investigações. Foram elencadas, do inventário biograficogenealógico, personalidades com relativa participação na sociedade, referendadas pela historiografia local e regional, relacionados com a descendência do guarda-mor ou seus cônjuges (Apêndice A).

A discriminação e especificação das informações, referentes aos descendentes e cônjuges, bem como ascendentes (tábua de costado) dos cônjuges, são de acordo com os dados buscados, organizados, compilados, indexados e estudados, conforme o caso e viabilidade, a saber: nome completo e alcunha, ano de nascimento, batismo, casamento e

óbito, local de nascimento, casamento, residência, trabalho e morte, principais atividades realizadas, profissão, instituições de formação e trabalho, ano de término de curso, época e local dos eventos e atividades, tipo de atividade e período de realização, propriedades e negócios, *hobby*, atividades desportivas e artísticoartesanais, funções, cargos e honrarias.

Portanto, de outra forma, os elementos analisados no estudo – dados em torno da trajetória dos membros dos clãs, foram o(a): quantidade de descendentes; gênero; origens somatoculturais; local (localidade, distrito, município, cidade, estado, região e país) e época (ano ou duração) do fato ou atividade; idade no evento ou atividade (idade alcançada ou em tal ocasião); formação (escolarização, cursos, instituição, época, área temática de estudo e atuação e gênero e nível de titulação); profissão (função, cargo, instituição de trabalho e/ou tipo de negócio); *hobby* e atividades diversas (desportivas, artísticas ou artesanais) e honrarias (premiações em concursos, condecorações e títulos honoríficos).

Como observação, o detalhamento do rol de fatores e variáveis se deu, notadamente, nas gerações mais recentes, possibilidade esta afastada no trabalho, por necessidade de delimitação, em função do perfil, abrangência e prazos. O estudo, contemplando as gerações atuais, a partir dos bisnetos, será oportunamente retomado.

O catálogo, enquanto a) conteúdo do inventário (na ordem preferencial de aparecimento) e b) fatores e variáveis estudados em função da dissertação, contempla, conforme o caso, as informações biograficogenealógicas. Isto se deu em função de que a finalidade do inventário biograficogenealógico foi que servisse de banco de dados para a pesquisa e produto dela mesma, contemplando diversos itens, a saber:

- Nome completo e alcunha;
- Ano de nascimento, batismo, casamento e morte;
- Local de nascimento, batismo, casamento, residência e morte;
- Formação (escolarização, cursos, instituição, cidade e época);
- Ano de término de curso (técnico ou superior);
- Profissão e trabalho (função/cargo, instituição, cidade e época);
- Participação na sociedade (função/cargo, instituição, cidade e época);
- Principais atividades e período de realização;
- Propriedades e negócios;
- Fatos relevantes diversos (local e época);
- *Hobby* (atividades desportivas, artísticas e artesanais, lazer e passa tempo);
- Honrarias (nome de rua, títulos, prêmios, medalhas e condecorações);
- Origem (localidade/município de nascimento e criação);

Ascendência dos cônjuges (nomes dos progenitores e antepassados).

Para melhor visualizar os fatores e indicadores, construiu-se o Quadro 1:

ELEMENTOS DA PESQUISA		
Objeto	Fator/variável	Indicador
Personagem	Clã/geração	Nome do indivíduo
	Função	Discriminação
Atividade	Tipo	Profissão, cargo e função
	Evento	Nome
	Época	Ano, década, século
	Local	Localidade, distrito, município, cidade, região, estado e país
	Instituição	Nome
Espaço	Local	Localidade, distrito, município, cidade, região, estado e país
Honraria	Tipo	Nome
	Instituição	Nome
	Local	Localidade, distrito, município, cidade, região, estado e país
	Época	Ano, década, século
Origem	Tipo	Nome
Procedência	Local	Localidade, distrito, município, cidade, região, estado e país
Historiografia abordante	Abrangência	Local, regional, nacional
Evolução patrimonial	Bens materiais Patrimônio	Imóveis, móveis, animais
Relacionamentos	Tipo	Parentesco, amizade, compadrio, visinhança

Quadro 1 – Discriminação dos objetos, fatores, variáveis e indicadores da pesquisa.

O período focado, a primeira metade do século XIX, corresponde ao cenário do casal genearca e a criação dos filhos; a segunda metade, a geração dos filhos, na idade adulta até a maturidade, e netos. Em terceiro plano, considera-se o primeiro quartel do século XX, adentrando nas gerações dos netos (na maturidade) e bisnetos. Portanto, a *delimitação temporal* foi flexível, em função da variação de cada geração, do acesso às informações e dos prazos. Quanto à referência temporal, usaram-se os seguintes indicadores: ano, década, quartel e metade de século ou tal século do ocorrido. A não ser, no caso do casal genearca, utilizou-se dia e mês. Muitas vezes, a delimitação foi dada como referência tal geração ou tantas gerações. O recorte temporal não foi definido pela delimitação de anos, mas por geração. Isto tornou flexível o limite temporal, pois havia muita diferença entre o primeiro e último de cada geração, e quanto mais iam passando as gerações, maior a diferença.

Com a pesquisa, foram surgindo elementos – sugestão para posteriores estudos, com maior aprofundamento, a saber: expectativa de vida; mobilidade setorial (estabilidade e mudança de trabalho); mobilidade social (perfil socioeconômico-cultural, nível de

estratificação e mudança de classe); mobilidade somatocultural (identidade, miscigenação, consanguinidade, etc) e mobilidade espacial (viagens e correntes migratórias), dentre outros.

3.3 Considerações Processuais

A Metodologia – meio para alcançar os propósitos – foi baseada e aplicada conforme a fundamentação teórica, objetivos, propósitos, metas e finalidades, necessidades e condições de viabilidade no momento e lugar, tempo disponível e perfil, delineamento e delimitação da pesquisa. A base de dados, no qual foi construído o inventário biograficogenealógico, fundamento ao estudo e produto da própria pesquisa, trata de assuntos notadamente relacionados com a História e Arquivologia/Arquivística: a Biografia e a Genealogia.

Quanto aos atuais métodos historiográficos, em relação às fontes biográficas, Semíramis Corsi Silva (2012, p. 10) recomenda que

as reflexões historiográficas sobre os métodos de trabalho do historiador enquanto escritor de biografias tem recebido grande atenção, mas ainda se tem muito poucas reflexões sobre os métodos de trabalho com fontes biográficas, embora estas sejam já de grande conhecimento e utilização pelos historiadores.

Quanto ao texto da dissertação, a base para contextualizar a trajetória do casal gearca e sua família foi o estudo dos cenários, notadamente sob o ponto de vista histórico e geográfico. A elaboração da dissertação, visando a reconstituição do cenário em torno da trajetória do casal gearca e a formação dos clãs derivados, fundamentou-se na busca de articulação entre a documentação das fontes primárias e a historiografia, através do estabelecimento de circunstâncias, causas, consequências e questionamentos.

Como o estudo abrangeu tanto questões biográficas como genealógicas, estreitamente relacionadas entre si, foi-se desenvolvendo o levantamento de dados praticamente de modo simultâneo. Porém, sempre um pouco à frente, iam-se descobrindo os laços de parentesco e então, em seguida, iam-se obtendo informações biográficas a respeito de cada indivíduo, identificado como descendente ou cônjuge de descendente do casal gearca.

Buscou-se, assim, ao elaborar a matriz genealógica da descendência, construir um *croqui parental*, que desse suporte e servisse de guia estrutural, organizador e direcionador do levantamento, acompanhado (de modo complementar e conforme a viabilidade) de alguns dados da ascendência (tábua de costado) do casal gearca e dos cônjuges dos descendentes. Ao mesmo tempo, enquanto se ia descobrindo os laços de parentesco e identificando os descendentes e cônjuges, o pesquisador ia obtendo as respectivas informações biográficas.

Contudo, a busca pelos dados não foi de modo linear e sucessivo, ou seja, vencendo etapas e iniciando outras, mas sim, como o *fole duma gaita*, indo e voltando, de modo flexível e alternado. Os dados, enquanto iam sendo buscados e encontrados, estavam esparsamente distribuídos nas fontes, necessitando-se um vai-e-vem para poder construir o inventário biográfico sobre a estrutura da matriz genealógica. Desse modo, fazendo uma relação com a Biologia, a matriz genealógica seria o *esqueleto* e o inventário das súmulas biográficas os *músculos* e *nervos*, formando assim o inventário biograficogenealógico proposto – fundamento (ao mesmo tempo fonte e produto) da pesquisa.

De qualquer forma, o levantamento ia acontecendo, sem esperar que a matriz genealógica estivesse constituída, para acrescentar os dados biográficos. Foi meio simultâneo, ainda que a dimensão genealógica estivesse pertinentemente um pouco à frente da biográfica, para que se pudesse ir descobrindo as relações de parentesco e identificando os descendentes e seus cônjuges, para então ir obtendo e acrescentando os dados biográficos.

A construção do inventário biograficogenealógico iniciou em novembro de 2008, a partir da primeira visita à sede da Fazenda da Palma, hoje Distrito de Palma: Município de Santa Maria, atualmente propriedade do quadraneto (tetraneto) do guarda-mor, Prof. CARLOS MOZART MARQUES DE MORAES, o primeiro e um dos mais importantes informantes da pesquisa. Este estabelecimento foi fundado pelo filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), a partir da herança dos pais e aquisições posteriores.

No início, as buscas iam acontecendo, muitas vezes, de modo espontâneo e improvisado; posteriormente, com o passar do tempo, foi ficando mais organizado e planejado, embora se mantivesse ainda flexível em muitos momentos e dimensões. Até há pouco tempo, as informações eram buscadas, encontradas e organizadas de modo a abranger todas as gerações, desde as primeiras até as atuais, conforme o plano original ou à medida que iam surgindo as ocasiões e oportunidades. Isto acarretou uma construção gigantesca e, ao mesmo tempo, desequilibrada da matriz genealógica, pois havia clãs, ramos e linhagens com muitos dados (normalmente os clãs com maior facilidade de encontrar informações, frequentemente advindos dos mais próximos ou maiores, bem como aos com maior visibilidade na historiografia) e outros clãs com nenhuma informação, dando inclusive uma falsa idéia do desenvolvimento destes.

Necessitou-se, então, por questões de prazo e acesso às informações, delimitar o estudo, definindo-se por cobrir as primeiras gerações (até os bisnetos). Assim, foi dado um corte no inventário biograficogenealógico, em elaboração, tornando-se aquele momento um *divisor de água* no processo da realização da pesquisa, para ser, posteriormente, retomado o

levantamento, até chegar nas gerações atuais. O local de registro dos dados que, desde então, iam emergindo e sendo registrados em um arquivo, bifurcou-se em dois destinos de arquivos.

Os dados referentes às primeiras gerações (até os bisnetos) foram separados em outro arquivo e, à medida em que os dados referentes a estas gerações (agora prioritários) fossem chegando, iam sendo registrados no novo arquivo, para poder ir preenchendo as lacunas. Os outros dados que por ventura fossem chegando, os referentes às gerações mais novas (dos trinets em diante), que deixaram de ser prioridade no momento, passaram a ser registrados em separado, para não misturar e, ao mesmo tempo, não perder a ocasião de anotá-los. Mesmo não sendo ocupados diretamente nesta pesquisa, eles serão estudados posteriormente.

Devido à necessária delimitação (fundamentalmente até os netos), conseguiu-se dar ao inventário mais unidade, coesão e coerência, equilíbrio no delineamento, em seu formato, tamanho e abrangência; além do que pôde viabilizar o levantamento de dados. Contudo, pela maneira inicial, não muito organizada, de ir construindo o inventário espontaneamente, possibilitou, por outro lado, uma visão geral e mais real de determinados clãs.

À medida que se iam descobrindo e identificando os descendentes e cônjuges e obtendo os respectivos dados biográficos, descobriam-se os lugares por onde eles residiam, trabalhavam ou iam passando, enfim, sua trajetória. Então, buscou-se nos bispados e arquivos públicos e particulares, correspondentes aos lugares pertinentes, ou agendar entrevistas com pessoas que potencialmente pudessem ser úteis. Às vezes, só se tinha informação a respeito do município, sem saber a paróquia, distrito ou localidade, dificultando seguir naquela linhagem por esta determinada via, necessitando buscar caminhos alternativos. Por outro lado, devido à mobilidade espacial nas famílias (NEVES ALVES; TORRES, 1994) e o estabelecimento em lugares pertencentes a diversas paróquias, bispados, distritos, municípios e comarcas, isto acabou dificultando as buscas, devido aos fatores tempo, dinheiro e energia.

As estratégias da coleta de dados para construir o inventário biograficogenealógico fundamentaram-se, em muitas vezes, no seguir o planejado, conforme a elaboração prévia do:

- Plano de busca de locais de coleta de dados/informações,
- Plano de busca de fontes a serem usadas,
- Plano de busca de pessoas a serem entrevistadas,
- Plano de entrevista (indicação de roteiro),
- Ficha de leitura (indicação do conteúdo),
- Formulário/questionário a ser aplicado na entrevista,
- Formulário para listagem de lugares a serem visitados,
- Formulário para listagem gradual de pessoas a serem entrevistadas,
- Formulário para listagem das fontes consultadas,
- Formulário para listagem das pessoas entrevistadas (informantes).

No entanto, em muitas vezes, o processo de execução do levantamento de dados seguiu um curso de modo espontâneo, sem seguir a risca o planejado, portanto ocasional e circunstancial.

Quanto à configuração e formatação do texto do inventário biograficogenealógico, os descendentes estão escritos em negrito e caixa alta (em maiúsculo); os cônjuges, em negrito em minúsculo (com exceção das iniciais: a primeira letra de cada palavra do nome). Sendo que cada geração está posta, na configuração do texto, em um recuo distinto – à medida que vai avançando a geração (para o presente), a margem vai avançando. Na Dissertação, optou-se pela escrita em caixa alta do nome do casal genearca e os descendentes referidos no trabalho.

Quanto ao método adotado para a numeração dos descendentes do casal genearca, em um primeiro momento, optou-se pelo criado pelo Coronel Salvador de Moya, por ser mais prático, embora existam outros usados por grandes genealogistas, notadamente em Portugal, Espanha e Alemanha, ou ainda o idealizado pelo Barão de Vasconcelos, posteriormente simplificado por Silva Leme (LANGENDONCK, 1970, p. 22).

O método de Moya consiste em numerar, seguidamente, dentro de cada geração, os filhos precedentes da letra: F1, F2, F3, etc.; os netos: N1, N2, N3, etc; os bisnetos Bn1, Bn2, Bn3, etc; os trinetos: Tn1, Tn2, Tn3, etc; os quadranetos (quadrinetos ou tetranetos): Qn1, Qn2, Qn3, etc; os pentanetos: Pn1, Pn2, Pn3, etc; os hexanetos: Hxn1, Hxn2, Hxn3, etc; os heptanetos: Hpn1, Hpn2, Hpn3, etc, e os octanetos: Ocn1, Ocn2, Ocn3, etc. (LANGENDONCK, 1970, p. 22).

Este método tem a vantagem por ser mais simples e enxuto. Com o método, fica visualmente claro a geração a que pertence o descendente, em relação ao casal genearca. Todavia, possui a desvantagem de não identificar/explicitar a que ascendente exatamente a pessoa descende. Por fim, optou-se por aplicar um método aproximado (adaptado ou mesclado), para melhor satisfazer os propósitos do inventário, para que se tenha uma precisão da linha ascendente de cada descendente, ao simples golpe de vista com intuito de localizar determinado descendente, necessitando de numeração detalhada.

3.4 Fontes e Locais das Buscas

Os locais de busca foram das mais variadas modalidades, a saber: livrarias e sebos, bibliotecas e arquivos, cartórios e tabelionatos, cúrias diocesanas e metropolitanas, cemitérios (públicos e particulares), bem como *sites* da Internet. Os locais de busca se situaram em Santa Maria, Nova Palma, Cachoeira do Sul, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

Os locais das buscas foram: Casa de Memória *Edmundo Cardoso*, Biblioteca Pública Municipal de Santa Maria, Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bibliotecas setoriais do Centro de Artes e Letras (CAL) e do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da UFSM, Biblioteca do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Arquivo Público Municipal de Santa Maria (APMSM), Arquivo da Casa Provincial dos Palotinos, Arquivo da Cúria Metropolitana de Santa Maria, *Sebo Café*, Arquivo do Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria, Centro Genealógico de Nova Palma, Arquivo Histórico do Município de Cachoeira do Sul, Arquivo do Cemitério das Irmandades de Cachoeira do Sul, Arquivo da Cúria Diocesana de Cachoeira do Sul, Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Arquivo da Cúria Diocesana de Cruz Alta, Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, via Internet). Acabou não ocorrendo a consulta aos arquivos das cúrias de Bagé, Uruguaiana, Santo Ângelo e Cruz Alta.

Foram consultados cartórios e tabelionatos, a saber: 1º e 2º tabelionatos e Registro de Imóveis de Santa Maria, Notarial de Camobi/Arroio do Sol, Silveira Martins, São Martinho da Serra, Dilermando de Aguiar, São Pedro do Sul, Cachoeira do Sul e Cruz Alta. Os cemitérios visitados foram urbanos e rurais (uns inclusive abandonados), públicos ou particulares, a saber: o Ecumênico Municipal de Santa Maria, Pau-a-Pique, Caturrita, São José, Santa Rita, Arroio do Só/Sol, Palma, Tronqueiras, Água Boa, Arenal, Sarandi, Pau Fincado, Passo da Porteira, o Cemitério das Irmandades de Cachoeira do Sul e outros.

As entrevistas, com os informantes para o levantamento de dados, deram-se, em residências, mediante agendamento prévio ou abordadas em encontros casuais, como na rua, cafés, locais de trabalho ou em outros espaços. A lista completa dos informantes/entrevistados estará incluída na finalização do inventário biograficogenealógico.

No tocante ao tipo e modalidade, as fontes consultadas foram: a) os documentos originais (fontes primárias) dos arquivos públicos, paroquiais e particulares, disponibilizados nas cúrias diocesanas e metropolitanas, arquivos e residências; b) artigos disponibilizados na internet, trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), artigos de periódicos e livros da historiografia (fontes secundárias e terciárias) e c) entrevistas (semiestruturadas) baseadas na memória oral familiar ou comunitária (fontes primárias, secundárias ou terciárias).

Na maioria dos casos, o telefone foi o meio para agendar as entrevistas. Em alguns casos e situações, utilizou-se do telefone para se obter informações; mas normalmente, quando viável, as entrevistas eram realizadas pessoalmente, como o recomendado.

As fontes (primárias, secundárias e terciárias) compreendem:

- Documentos arquivísticos gerais: livros de registro civil e paroquial (certidões e assentos de nascimento, batismo, casamento e óbito, lembranças de batismo e falecimento), livros de sepultamento (cemitérios), registro de imóveis, inventários, testamentos, escrituras, atas, correspondências, diplomas, títulos, declarações, currículos, súmulas biográficas, mapas/maços de população (antigos censos demográficos), cartas e mapas geográficos, apontamentos, notas fiscais, listas telefônicas, passaportes, carteiras, diários, agendas e bilhetes, fotografias/retratos, ilustrações, microfilmes e placas de rua;
- Mapeamentos genealógicos das gerações;
- Livros, cadernos, álbuns, anais, artigos, monografias, dissertações e teses;
- Periódicos (jornais, revistas e almanaques);
- Lápides de túmulos/jazigos;
- *Blogs, home pages*, portais, comunidades virtuais e *sites* – páginas da internet;
- Pessoas entrevistadas (informantes).

As informações obtidas e organizadas desta forma, constituíam-se o próprio inventário biograficogenealógico, servindo tanto de banco de dados para construir a discussão sobre os resultados, na elaboração da dissertação, como de produto da própria pesquisa. De modo que, ao mesmo tempo, as finalidades da pesquisa foram a dissertação enquanto trabalho acadêmico (que dali sairá um livro) e o inventário como produto, a ser posteriormente difundido, cumprindo os quesitos e propósitos do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural.

No tocante aos livros da historiografia consultada que mencionam o guarda-mor e família, aborda-se do modo a seguir. No início dos estudos, não se imaginava que existisse literatura relativamente considerável a respeito do guarda-mor e a família, ainda que, em sua grande maioria, de modo *rarefeito*, não aprofundado ou um tanto superficial. As expectativas eram mínimas, quanto ao encontrar livros que abordassem algo sobre o guarda-mor. Gradativamente, foi-se vislumbrando um cenário um tanto diferente.

Por outro lado, considerando aqui principalmente os campos da Arquivologia/Arquivística e da História, uma aparente simples e pequena informação pode abrir portas rendosas para o desenvolvimento da pesquisa. As primeiras citações a mencioná-los, estas, importantes referências da historiografia local, são os livros dos historiadores João Belém (1933) e ROMEU BELTRÃO (1958, 1979), este, quadra/tetraneto do guarda-mor.

Existem três trabalhos que tratam dos distritos de Santa Maria. Há duas obras de Irene Fernandes dos Santos, que mencionam ramificações do Ramo *Teixeira Penna*: um material datilografado que aborda os distritos de Santa Maria (1984) e um livro sobre o Distrito de Pains (2009). Há também um livro de Eneida Izabel Schirmer Richter (1997), sobre o Distrito de Arroio do Sol, que menciona o guarda-mor e a família do estudo.

Quanto à historiografia, foram consultadas obras referentes aos municípios da Região, com intuito de encontrar dados a respeito de descendentes do guarda-mor, como: Cachoeira do Sul, Restinga Seca, Silveira Martins, Santa Maria, São Gabriel, São Martinho da Serra, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Cruz Alta, Santiago, Bossoroca, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, Carazinho e Passo Fundo. Por outro lado, foram consultados diversos livros sobre a formação do Rio Grande do Sul, especialmente relacionada com a Região Central e Missões.

Ultimamente, há na literatura da História da Quarta Colônia Italiana, três livros que fazem referência ao guarda-mor, em função dos filhos que se estabeleceram no Vacacaí-Mirim, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, especialmente JOSÉ FERNANDES PENNA, proprietário da Fazenda da *Palma*, mencionando ajuda (levando-se em conta a proximidade geográfica) por ele dada aos primeiros imigrantes, ao chegarem à Colônia de Silveira Martins (1877/78). O primeiro livro, o de Breno Sponchiado (1996), sobrinho do Pe. Luizinho Sponchiado, o segundo, um de Severino Tranquilo Bellinaso (2000) e o outro, de José Vicente Righi, Edir Lúcia Bisognin e Valmor Torri (2001).

Recentemente, surgiu um livro, sendo uma dos autores Ana Lúcia Aguiar Melo (2011), que traz um estudo sobre a formação da comunidade remanescente do Quilombo *Arnesto Penna Carneiro*, situada na hoje Localidade dos Evangélicos, Distrito da Palma: Município de Santa Maria, que se formou com descendentes de escravos do guarda-mor e de filhos (JOSÉ FERNANDES PENNA e possivelmente FRANCISCO FERNANDES PENNA). A obra elucida (mais detalhada que as outras) a respeito da origem e dados biograficogenealógicos do casal e família, bem como da inicial formação dos clãs e o desenvolvimento socioeconômico, advindo de sua evolução patrimonial – escravos e bens móveis e imóveis. Há muitos outros trabalhos da historiografia local e regional que citam descendentes nas diversas gerações, necessitando uma minuciosa ação de garimpagem.

A construção do inventário biograficogenealógico foi impulsionada pelo acesso às obras realizadas por outros autores, adiante mencionados. Graças aos trabalhos genealógicos encontrados, foi possível identificar alguns clãs e dar a arrancada inicial ao estudo, servindo de esboço – *esqueleto/croqui* – ponto de partida ao inventário biograficogenealógico.

Os clãs foram: Silva Cezimbra (F1), Martins Beltrão (F4), Fernandes Penna (F6) e Teixeira Cezar (F8). Nestes clãs, observou-se maior facilidade para identificar e obter informações e considerável número de descendentes e disseminação na Região, e difusão e participação na sociedade, referenciada na historiografia. A descoberta e identificação dos integrantes tiveram grande impulso com os estudos pré-existentes. Se não, seria muito difícil deslanchar o inventário biograficogenealógico, devido à larga e esparramada descendência.

Um trabalho genealógico feito por JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA, auxiliado por VALDOIR QUINHONES CEZIMBRA, estes, quadra/tetranetos do guarda-mor, incluído no final do livro sobre o bisneto JOÃO CEZIMBRA JACQUES, organizado pelos professores Júlio Ricardo Quevedo dos Santos e Orlando Fonseca (2000), serviu para desenvolver o clã dos Silva Cezimbra (F1). Um material genealógico datilografado feito pelo quadra/tetraneto ROMEU (CALDERAN) BELTRÃO (por volta de 1969), serviu para desenvolver o clã dos Martins Beltrão (F4). Um trabalho genealógico do quadra/tetraneto WILSON BOTTEGA ALVES (1995), uns apontamentos digitalizados pelo pentaneto LUIZ ROBERTO LOVATTO ALVES (2001), outro material genealógico, em manuscrito, escrito pelo trineto JOSÉ PEDRO BARCELLOS PENNA (1962 ?), um trabalho genealógico sobre a descendência do Barão de Candiota (Família Chagas), realizado por Ivon Chagas da Rocha (1997), auxiliado pelo irmão Victor Antonio Chagas da Rocha c.c. a quadra/tetraneta ODETE D'ÁVILA ROCHA, serviram para desenvolver ramos do clã dos Teixeira Cezar (F8). Há importantes trabalhos genealógicos do Coronel Osvaldo Bittencourt Menna Barreto (2003), tratando-se do Visconde de São Gabriel (Família Menna Barreto), e de Tácito Remi de Macedo van Langendonck (1970), tratando-se do Visconde do Serro Formoso (Família Macedo), onde abordam inclusive ramos do clã dos Teixeira Cezar (F8).

Foram importantes, também, as buscas no sistema genealógico (Estudos de Família) dos Mórmons, por meio dos seguintes caminhos: a) *sites* disponíveis a todos, como o *Family Search*; b) site somente disponível para os membros da Igreja de Jesus Cristo do Santos dos Últimos Dias (Mórmons), portanto, nesta modalidade, as buscas são feitas conjuntamente (o pesquisador junto com um membro da igreja, experiente em Genealogia) e c) mediante encomenda de microfimes (o que pode demorar). Todavia, muitos arquivos paroquiais não são disponibilizados para serem microfilmados, dificultando as buscas.

4 OS ANTECEDENTES DO CASAL GENEARCA E DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL, A TERRA ADOTADA

4.1 Portugal e Açores – as Origens do Casal Genearca

MANOEL FERNANDES PENNA, posteriormente guarda-mor, figura central do estudo, veio, como imigrante, do Norte de Portugal para o Sul do Brasil; seus sogros, dos Açores. Com intuito de situar a terra de origem no contexto europeu e mundial, para depois relacionar à terra adotada, a Região Central do Rio Grande do Sul, traz-se dados concernentes.

Portugal se localiza no Sudoeste da Europa, a Oeste da Península Ibérica. Delimitado a Norte e Leste pela Espanha e a Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, compreendendo uma parte continental e duas autônomas: os arquipélagos de Açores e de Madeira, no quadrante Nordeste do Oceano Atlântico (RIBEIRO, 1962, p. 33).

Portugal foi integrado ao Império Romano, como Província da Lusitânia e parte da Galícia. O idioma português, como herança latina, foi um dos primeiros a se formar no continente. Com a queda do Império, estabeleceram-se povos germânicos (visigodos, suevos, etc). No século VIII, foi ocupado pelos mouros; durante a Reconquista Cristã, o Condado Portucalense. Com o estabelecimento do Reino de Portugal, em 1139, e a estabilização das fronteiras em 1249, reivindica ser o mais antigo Estado-Nação europeu, sendo “a formação mais antiga e mais estável” da Europa, “o primeiro país a ter estabelecido nela um sistema de alianças duradouro e a ter procurado, fora dela, um campo à sua expansão” (*Ibid.*, p. 34).

No século XV, foram pioneiros na exploração marítima de larga escala, o primeiro império colonial global, com possessões na África, Ásia, Oceania e Américas, tornando-se potência econômica, política e militar. Constituiu-se a “civilização luso-tropical”, fundindo “no seu cadinho originário gente, usos e produtos” (GILBERTO FREYRE *apud Ibid.*, p. 73, 74). Em 1383, iniciou a expansionista aventura dos grandes descobrimentos, intensificada a partir de 1415 e perdurando até 1557. Em 1580, com a crise de sucessão, foi unido a Espanha (União Ibérica); após a Guerra da Restauração, a independência (1640) (PEREIRA, 2004).

Contudo, após o auge dos grandes descobrimentos, a crise de sucessão ao trono (ocupação filipina, 1580-1640), o grande terramoto em Lisboa (1755), as invasões espanholas (1762-1763) e napoleônicas (1808-1814), a perda de sua maior possessão ultramarina, o Brasil (1822), e a guerra civil (1828-1834) resultaram na desestabilidade política e econômica, deixando de ser Portugal potência global no século XIX (PEREIRA, 2004).

Além disso, de acordo com Antero de Quental (1871 *apud* CATROGA, 1998, v. 1, p. 104), as causas dos três séculos de estagnação, decadência e definhamento de Portugal viriam dos seguintes fatores: políticas de centralização administrativa e os aliados: Inquisição e Jesuítismo; passagem do tipo guerreiro para mercador; crescimento demográfico; decréscimo econômico (principalmente da produção agrícola); imensidão, diversidade e má administração do império; corrupção dos costumes, ao ter rejeitado o espírito moderno, devido ao enraizado espírito tridentino e escolástico; alheamento às políticas européias; influência inglesa e a decadência da Dinastia dos Bragança. Além disso, consideram-se o pequeno tamanho de Portugal em superfície e população; a pobreza de recursos naturais; constantes emigrações; o tardio ingresso na industrialização e a colonização e expansão do império com “grande escassez” de recursos humanos, técnicos e financeiros (RIBEIRO, 1962, p. 91). Há quem acredite também na “aversão geral pelo trabalho útil”, ociosidade pela “abundância de escravos” e ostentação pela “mania da fidalguia” (MARTINS AFONSO, 1967, p. 214).

Portanto, a situação de Portugal, na época, perante aos grandes impérios europeus, era de completa decadência, posicionando-o como potência de segunda ordem, uma nação periférica no Continente europeu, com “uma enorme defasagem em relação aos países na vanguarda do desenvolvimento econômico”, considerando que “o fomento industrialista é sobremaneira tardio em Portugal na Época Moderna” (NOVAIS, 1986, p. 133).

A política protecionista, em prática na Europa continental, foi efetivamente criando núcleos que se transformaram em pólos de desenvolvimento industrial autônomo, porém

Em Portugal, tal processo não chega a se engajar solidamente [...]. Ao contrário, [...] o que caracteriza a indústria portuguesa ainda no século XVIII [...] é a pequena unidade artesanal pré-capitalista, de produtor independente que visa o mercado local. Basta comparar os estudos [...] sobre a Inglaterra e a França para notar a diferença [...]: nada há em Portugal que se compare ao surto das manufaturas organizadas em moldes já capitalistas, característico das grandes potências. [...]. Não se formaram [...] em Portugal, no período intermediário, [...] na época mercantilista, os pré-requisitos da industrialização moderna (*Ibid.*, p. 129).

Assim, quanto à indústria portuguesa Setecentista, Jorge de Macedo (*apud Ibid.*, p. 207) a caracteriza, como

uma sólida base de atividades artesanais, do pequeno produtor independente ligado ao mercado local. Que resiste admiravelmente às flutuações dos mercados externos e da política governamental.
Havia, portanto, no Portugal [...], uma sólida base camponesa e oficinal, de extrema estabilidade, que se não altera ao ritmo das aventuras ultramarinas.

Quanto ao Antigo Regime, sistema sob o qual o continente europeu estava sujeito, Vitorino Magalhães-Godinho (1971) é abordado por Fernando Novais (1986, p. 209), a saber:

“A sociedade de Antigo Regime [...] corresponde à monarquia absoluta, nasce com as viagens de descobrimentos e fixação além mar e entra em convulsão [...] no final do século XVIII e nas revoluções liberais do primeiro terço do século XIX”. Ora, se na abertura do processo os povos peninsulares estão na vanguarda do movimento que engendrou o capitalismo moderno, atingem o seu final “enredados nas estruturas, agora arcaizantes, que tinham feito a sua glória, mas estavam inteiramente desajustadas”. É pois na configuração peculiar que assumiu em Portugal (e [...] na Espanha também) a formação social do Antigo Regime (esta combinação de sociedade estamental com poder centralizado, tendo na base o capitalismo comercial) que se devem buscar os motivos de esclerosamento. Ela configura “estado mercador, nobreza mercantil: como tipo social característico, o fidalgo-negociante, o alto funcionário-mercador enobrecido”. Nela “imperava o mercantilismo (a economia dominada pela função de mercado), mas sem mentalidade burguesa”; ou noutros termos, a sociedade assume “esse caráter ambíguo que lhe empresta uma ordem nobiliárquico-eclesiástica assente numa economia mercantilista até a medula”, nem é de estranhar que a “burguesia não tenha conseguido vingar e formar uma sociedade moldada pelo seu sistema de valores”. Bloqueiam-na, [...] “[...] há uma incrível intumescência das classes não-produtoras que permaneciam demasiado voltadas para o passado”.

Referente à situação do Ocidente, na época entre o nascimento do casal genearca ao seu estabelecimento no sul do Brasil, entre 1776 e 1808, a conjuntura política, social e econômica das potências européias, com seus domínios coloniais, estava dominada pelo Antigo Regime, intermediário período da transição “feudal-capitalismo”, em processo de questionamento e conseqüente finalização. Novais (1986, p. 66) assim o caracteriza:

Absolutismo, sociedade estamental, capitalismo comercial, política mercantilista, expansão ultramarina e colonial são [...] partes de um todo, inter-agem [...] neste complexo [...] *Antigo Regime*. São [...] processos correlatos e interdependentes, produtos [...] das tensões sociais geradas na desintegração do feudalismo em curso, para a constituição do modo de produção capitalista. Nesta fase intermediária, em que a expansão das relações mercantis provia a superação da economia dominial e a transição do regime servil para o assalariado, o capital comercial comandou as transformações econômicas mas a burguesia mercantil encontrava obstáculos [...] para manter o ritmo de expansão das atividades e ascensão social: daí, no plano econômico, a necessidade de apoios externos – as economias coloniais – para *fomentar a acumulação*, e no nível político a centralização do poder para unificar o mercado nacional e mobilizar recursos para o desenvolvimento.

Em se tratando do surgimento, desenvolvimento e declínio do Antigo Regime, bem como a formação do capitalismo, o autor segue:

Portanto, acumulação de capital comercial, divisão do trabalho, mercantilização dos bens econômicos, especialização da produção são processos correlatos, que envolvem um desenvolvimento do nível econômico geral. Acumulação de capital comercial e formação da burguesia mercantil são pois os dois lados do mesmo processo. Teoricamente, a transformação se auto-estimula sem limites.

Historicamente, [...] tal processo se instaura a partir de uma realidade concreta – o sistema dominial feudal. Daí as tensões sociais [...] da formação e expansão de um setor mercantil [...] da economia feudal; [...] os contínuos reajustamentos políticos [...]. Já vimos os processos desencadeados na superação dessa crise: estado unitário centralizado executor da política mercantilista, expansão ultramarina e colonial, criação [...] de alavancas para acelerar o desenvolvimento da economia de mercado, incentivando a acumulação capitalista.

Paralelamente, [...] o capital penetra na produção. Do artesanato para a manufatura – onde já estão dissociados capital e trabalho, e desta para o sistema fabril, desenrola-se o processo de formação do capitalismo, que cobre todo o período do fim da Idade Média até a Revolução Industrial, quando se completa (NOVAIS, 1986, p. 69).

Ao buscar as causas para o surgimento da Revolução Industrial, o autor afirma:

Em suma, [...] os mecanismos [...] do sistema colonial, permitem-nos explicitar [...] sua posição no [...] desenvolvimento ou [...] *formação do capitalismo*. A [...] exploração colonial ultramarina [...] do antigo sistema colonial, configura um [...] instrumento de *aceleração da acumulação primitiva* no contexto do capitalismo mercantil europeu; envolve [...] transferência de renda das colônias para as metrópoles, ou [...] das economias periféricas para os centros dinâmicos da economia europeia, [...] a se concentrar na camada empresarial [...], o sistema colonial mercantilista [...] sobre os dois pré-requisitos básicos da *passagem para o capitalismo industrial*: [...] a exploração colonial ultramarina promove, por um lado, a primitiva acumulação capitalista por parte da camada empresarial; por outro lado, amplia o mercado consumidor de produtos manufaturados. Atua, [...] de um lado, criando a possibilidade do surto maquinofatureiro (acumulação capitalista), por outro lado a sua necessidade (expansão da procura dos produtos manufaturados). Criam-se assim, os pré-requisitos para a Revolução Industrial – [...] emergência do capitalismo (*Ibid.*, p. 113, 114).

Quanto à situação de Portugal e Brasil, na virada do século XVIII/XIX, o autor segue:

[...] Portugal chegava [...] à época da crise do sistema colonial, [...] ao último quartel do século XVIII, com uma larga margem de atraso econômico em relação às potências mais desenvolvidas [...]. Tal constatação permite-nos visualizar [...] sua posição e pois a posição do Brasil, no quadro das tensões de toda ordem geradas pela emergência paulatina mas segura do capitalismo industrial: competição política e concorrência comercial exacerbadas, pressionando sobre o exclusivo colonial; crise geral [...], que na sua crítica não deixava escapar o próprio sistema de colonização mercantilista: afluência, nas colônias, de inquietações [...].

Pequena metrópole de extensos domínios ultramarinos, Portugal não acompanhara, na época da acumulação originária, o ritmo de crescimento econômico das grandes potências [...] europeias. Enorme colônia [...], o Brasil ainda mantém, nas suas estruturas básicas, no arcabouço de sua economia exportadora e nas feições de sua sociedade escravista, os traços fundamentais de vasta zona periférica de exportação das economias dinâmicas do Velho Mundo (NOVAIS, 1986, p. 135). [...].

A intensificação da competição colonial [...] se inscreve nas próprias linhas de funcionamento do sistema global da colonização europeia de era mercantilista, tendia naturalmente a ampliar as dificuldades; na época da crise, no último quartel do século XVIII e início do XIX, a questão se agrava de forma definitiva. É pois sob a forma de um agravamento de tensões que, sob esse ângulo, manifesta-se a crise colonial no plano da colonização portuguesa do Brasil (*Ibid.*, p. 137).

Embora os reflexos das transformações no Velho Mundo refletissem no Novo, considerando as diferentes funções na relação metrópole-colônia, havia, paradoxalmente, fortes contrastes que aconteciam na colônia, em relação à metrópole – a questão da servidão e do feudalismo. Enquanto a Europa ia se libertando do “trabalho servil compulsório”, a caminho do “trabalho assalariado”, a América revivia, na mais intensa crueldade, a escravidão – enquanto, na Europa, a burguesia em ascensão; na América, ainda a escravidão (NOVAIS, 1986, p. 98, 99). Assim, o colono passava a ser o senhor de escravos (*Ibid.*, p. 103). No entanto, “a proibição da entrada de novos escravos no reino (1761) e a liberdade dos escravos nascidos em Portugal” (1773) confirmam a tendência metropolitana (OSÓRIO, 2001, p. 156).

Quanto às implicações do escravismo para a economia e sociedade coloniais, Fernando Novais (1986, p. 106, 107) aborda do seguinte modo:

Em primeiro lugar, no plano da *produção*, distinguem-se [...] dois setores básicos [Cf. Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo*, 4ª ed.]: um, de exportação [...] em grandes unidades [...] à base do trabalho escravo, centrado na produção de mercadorias para o consumo europeu, é o setor primordial, [...] à razão [...] da colonização capitalista; outro, subordinado e dependente do primeiro, de subsistência, para atender ao consumo local [...], [...] a pequena propriedade e o trabalho independente, [...] para permitir o funcionamento do primeiro. A dinâmica [...] da economia colonial é definida pelo setor exportador; em certas circunstâncias e áreas determinadas, o setor subsistência pode adquirir certo vulto, como no caso da pecuária, [...] em grandes propriedades, [...] incorpora o regime escravista. [...]. Em segundo lugar, no nível das relações sócio-econômicas, a estrutura escravista determina um alto grau de concentração da renda nas mãos dos senhores de escravos, que são [...] proprietários das empresas produtoras de mercadorias para o comércio colonial. O produtor direto reduzido a condição de simples instrumento de trabalho [...] – o homem coisificado em escavo, não possui [...] renda própria; a renda concentra-se, pois, na camada senhorial.

Desse modo, é “essa *concentração da renda* [...] na sociedade colonial que permite seu funcionamento, articulando [...] as várias peças da engrenagem”. A maior parte da “renda global das economias periféricas” se transferia para a metrópole, em seu maior quinhão para a burguesia européia; outra parte para os “colonos-senhores” darem continuidade ao processo produtivo e importar os produtos europeus (NOVAIS, 1986, p. 107).

Referente ao intenso problema do contrabando na colônia, a situação se torna insuportável no início do século XIX (*Ibid.*, p. 186, 196), refletindo no Rio Grande, marcado pelas conflituosas fronteiras. Quanto à crítica situação instalada, o autor assim se manifesta:

O desenvolvimento do industrialismo na Inglaterra levava a potência hegemônica [...] a forcejar (seja pelo contrabando, pela ameaça, pela diplomacia) a abertura dos mercados coloniais dos países ibéricos. E é essa convergência de pressões internas e externas, [...] que caracteriza [...] a etapa de crise no esforço metropolitano pela preservação do exclusivo (NOVAIS, 1986, p. 197).

Com as pressões internas e externas, iam-se abrandando as taxações de determinados produtos, em relação à metrópole portuguesa e a nações estrangeiras, configurando uma “perspectiva reformista” da política comercial do mercantilismo ilustrado do governo, no final do século XVIII e início do XIX, sob o Reinado de Dona Maria I e o Príncipe Regente Dom João. Isto pode ser verificado nos alvarás governamentais que repercutiram no crescimento das exportações portuguesas, entre 1796 a 1807, e na variedade dos países intercambiados, configurando-se “uma conjuntura de prosperidade do intercâmbio colônia-metrópole” e ainda mais marcantes nas relações entre Portugal e nações estrangeiras (NOVAIS, 1986, p. 286, 287). “A diplomacia se movimentava neste sentido, visando negociar tratados que permitissem a abertura de novos mercados” (*Ibid.*, p. 250, 251), combinado com o incentivo ao aumento e diversificação da produção. A mencionada abertura estava assim fundamentada:

Abandono da política de companhias de comércio colonial, abolição de estancos, aberturas para o comércio intercolonial configuram a [...] política comercial do mercantilismo ilustrado: tratava-se de *reduzir o exclusivo colonial à sua expressão mínima* nas fronteiras do sistema; era assumir uma posição intermediária entre o mercantilismo tradicional e as novas teorias econômicas (*Ibid.*, p. 250).

Desse modo, isto veio refletir na fixação dos ilhéus no Sul do Brasil (*Ibid.*, p. 254). Por um tempo, o trigo foi incentivado no Rio Grande, até que foi para Portugal e começaram as reclamações, por causa da competição. O comércio do couro aumentou até fins do século XVIII (OSORIO, 2001, pp. 201-237). Por outro lado, o *estanco do sal* repercutiu no charque do Sul. Sua posterior supressão criou “condições para um maior desenvolvimento” (*Ibid.*, p. 249). Por fim, a economia local se integrava definitivamente ao Rio de Janeiro.

No entanto, conforme Fernando Antonio Novais (1986, p. 138), as preocupações político-administrativas da metrópole portuguesa para com o Brasil, no final do século XVIII e início do XIX, era fundamentalmente militar, de defesa do território, em especial nas fronteiras do Sul. De todo modo, “o aproveitamento dos colonos na defesa do patrimônio metropolitano parecia [...] inerente ao próprio sistema de exploração colonial”. Entendia-se assim: as principais forças “que hão de defender o Brasil são as do mesmo Brasil”, considerando a cobiça pelas riquezas, comprovado na História (*Ibid.*, p. 139).

Por outro lado, “Portugal tendia a ter comércio deficitário com as colônias e superavitário com as demais nações; o movimento comercial com as nações estrangeiras teve maior estabilidade do que o comércio colonial” (NOVAIS, 1986, p. 289), destacando-se a Inglaterra no comércio internacional. Além do mais, “o *pêso do Brasil no intercâmbio de Portugal com suas colônias* [...] tornava quase inexpressiva a posição das demais colônias

portuguesas” (*Ibid.*, p. 290). De modo que, em linhas gerais, “a política colonial do mercantilismo ilustrado português foi [...] levada à prática, e com relativo êxito” (*Ibid.*, p. 293), recuperando-se na “*diversificação* dos setores produtivos” (*Ibid.*, p. 294).

No entanto, a partir de 1801, Portugal perdia espaço nos manufaturados e “o principal fator de recuo das manufaturas portuguesas no Brasil foi a pressão irresistível da indústria inglesa”. Apesar dos esforços reformadores, “a revolução liberal é que iria enfrentar [...] os pontos nevrálgicos do arcaísmo” (*Ibid.*, p. 297), devido à “timidez das reformas sociais em Portugal”, tornando “vulnerável à onda revolucionária” (*Ibid.*, p. 298). Indo adiante,

Este feixe [...] de contradições explode [...] em 1807-1808, e a Corte para o Brasil, marca a primeira ruptura [...] do Antigo sistema. A abertura dos portos do Brasil, imposta pelas circunstâncias [...] como provisória, seria na realidade irreversível. E assim se configurava a nossa “inversão do pacto”, [...] característico da crise do sistema colonial. [...] Aqui, [...] é a colônia que se transforma em sede do governo. Daí a forma peculiar que assumiria, de um lado, nosso processo de independência política, de outro, o advento do liberalismo em Portugal (*Ibid.*, p. 298).

Continuando a situação de Portugal no processo europeu de industrialização, Valentin Alexandre (1993, p.792, *apud* FRAGOSO, 2001, p. 322) descreve:

“*Setor-chave da primeira fase da revolução industrial, [...], o têxtil de algodão foi atingido [...], mal sobrevivendo nas décadas seguintes [do tratado de 1810]. Com ele, é toda a industrialização do país que foi afetada (...) [...] à relegação de Portugal para uma situação de simples fornecedor de produtos primários.*”
[...] “as transformações econômicas iniciadas em meados do século XVIII – entre elas, o crescimento da importância dos empresários lusos e o surto manufatureiro-industrial – não teriam criado as condições necessárias para mudanças mais profundas das estruturas sociais e econômicas de Portugal. [...]”
Em contrapartida, o mesmo não ocorreu com os negociantes de grosso trato do Rio de Janeiro. Estes, ainda que agindo dentro dos quadros do escravismo e do Antigo Regime, continuavam a dominar setores vitais da economia colonial e mesmo algumas rotas essenciais do antigo Império (*Ibid.*, p. 322, 323).

Como já visto, a conflituosa situação européia, entre 1789 e 1848, época correspondente à vida do casal genearca, era configurada no âmbito das transformações advindas da “dupla revolução”: a Revolução Francesa de 1789 e a revolução industrial (inglesa) contemporânea (HOBBSAWM, 2009, p. 13, 16). Assim, determinava-se o cenário do período, ao inserir, no complexo contexto internacional, o laço Brasil-Portugal, durante os últimos momentos do Antigo Sistema colonial – uma sociedade essencialmente rural.

Por outro lado, “o curso da história teimava em situar o Brasil” em uma posição singular no contexto do Império e os desdobramentos concorreram para que, por ocasião do retorno da Corte a Portugal (1821), Dom João VI optasse por deixar ficar seu herdeiro Dom Pedro (GOUVÊA, 2001, p. 314, 315), precipitando a Independência.

Em outra direção, voltando-se às origens mais imediatas do guarda-mor, parte-se para conhecer sua terra natal. MANOEL FERNANDES PENNA nasceu na Freguesia de Salvador do Concelho de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Norte de Portugal. Era conhecida como *Terra de Pena*, desde o início da Monarquia Portuguesa (século XII). Ribeira de Pena teve seu primeiro foral em 1331. O Distrito de Vila Real é, hoje, um dos 18 distritos do Portugal continental (Mapa 1), situado na Região do Alto Trás-os-Montes.

Muitas das informações, abaixo descritas, advém de um levantamento governamental de 1796, feito por Columbano Pinto Ribeiro de Castro (1749-1804). Ribeira de Pena dista cerca de 335 km de Lisboa e de Madrid e 40 km de Vila Real, sede da Comarca e Distrito (*Ibid.*, p. 515). Ribeira de Pena é sede de município. A altitude é em torno de 470 m. A Região se constitui em uma zona intermediária, entre Trás-os-Montes, o Minho e o Douro, próxima à fronteira com a Espanha, a uns 50 km da Galícia e 100 km de Leão/León (Mapa 2).

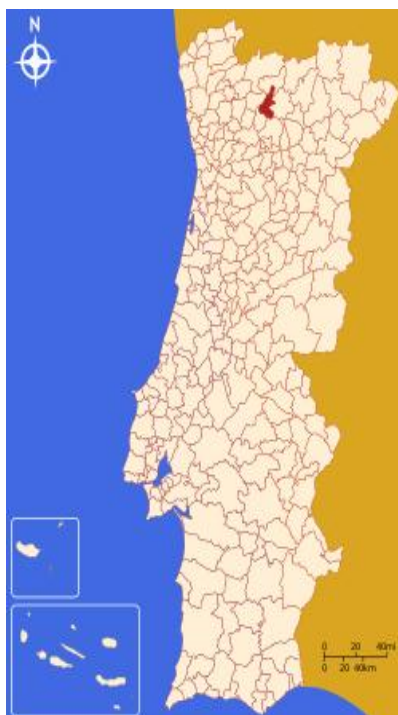


Mapa 1 – Portugal, dividido em distritos, com destaque para o de Vila Real, ao Norte (em amarelo), e os arquipélagos dos Açores e da Madeira, à Oeste (à esquerda), com destaque para a Ilha Terceira (em vermelho); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).

Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Portugal¹

No final do século XVIII, a população de Ribeira de Pena, distribuída de modo disperso, já vinha diminuindo (MENDES, 1995, p. 518). Possui cerca de 2 500 habitantes na sede e 7 280 habitantes em todo o município (censo de 2005, tendo sido 2 770 em 1896).

¹ O Distrito de Vila Real, norte de Portugal, é onde se situa o Concelho/Município de Ribeira de Pena, terra natal do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA, e a Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores, terra natal dos sogros do guarda-mor, Faustino Luiz Diniz & Anna Joaquina de Jesus.



Mapa 2 – Portugal, dividido em concelhos, com destaque ao Concelho/Município de Ribeira de Pena (em vermelho, ao Norte).

Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Darklaw. Imagem criada por Rei-Artur (2006), a partir do mapa Image: Mapa de Portugal.svg.²

O Norte de Trás-os-Montes, antigamente chamada *Terra Fria*, possui um *áspero* clima continental, de grande amplitude térmica e pulviométrica. É bem servida de cursos d'água, usados para o transporte fluvial de pessoas e mercadorias (MENDES, 1995). A Região é marcada por muitos vales e montanhas (RIBEIRO, 1962). O Norte de Portugal, isolado e arcaico, foi a região que mais forneceu migrantes para o mundo, principalmente no quadrante Oeste (o Minho), em torno de Braga e Porto (RIBEIRO, 1962). É visualizado, com maior detalhe, no Mapa 3.

² O Concelho/Município de Ribeira de Pena é a terra natal do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA.



Mapa 3 - Região Norte de Portugal, tendo ao centro, Ribeira de Pena (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).

Fonte: Porto, Minho e Norte do Portugal - Informações Turísticas; www.portugalvirtual.pt³

Em torno de 1796, a Região era habitada por indivíduos tranquilos, independentes, “robustos e muito aptos ao serviço militar, valentes e cobiçosos d’honra” (MENDES, 1995, p. 57 e 58). Havia uma considerável produção agrícola e de manufaturados, doméstica ou *industrial*, e comércio em feiras, mercados e lojas, com predominância de pequenas propriedades. Cultivavam-se cereais, principalmente centeio, mas também trigo, cevada e milho, além de videira, oliveira, linho cânhamo e amoreira (em função do bicho da seda). Produziam e consumiam pão, vinho, azeite, castanha, amêndoa e carne (MENDES, 1995). Criavam gado bovino, ovino, caprino e suíno, bem como cavalo, jumento e mula (híbrido) (*Ibid.*, p, 73, 518). Destacavam-se na produção de farinha nos moinhos (RIBEIRO, 1962) e no fabrico de tecidos de lã e seda, couro, linho, cerâmica e chapéu. A Região era conhecida em função da produção do *vinho do Porto*, importante produto de exportação (especialmente para Inglaterra), além de outros vinhos. Era um concelho carente, sem *fábricas*. Ficava distante das vilas vizinhas, apesar da Comarca de Vila Real possuir um certo desenvolvimento socioeconômico, em função do vinho do Porto, em determinadas zonas (*Ibid.*, p. 148, 515). A sociedade trasmontana se inseria no contexto da monarquia absolutista do Antigo Regime português, com forte e privilegiada presença da nobreza e do clero. Quanto ao ensino, havia carência em vários lugares (MENDES, 1995). A situação regional indicava um ambiente

³ O Concelho/Município de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, é a terra natal do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA.

propulsor de emigrações, como aconteceu com os irmãos MANOEL FERNANDES PENNA e João Fernandes Penna, estabelecendo-se no Sul do Brasil (por volta de 1804).

Ao situar as origens da esposa do guarda-mor, evocam-se informações sobre os Açores, em especial, a Ilha Terceira, terra natal de seus pais. Açores é um arquipélago transcontinental e território autônomo de Portugal, situado no Norte do Oceano Atlântico, formado por nove ilhas (PORTAIS.COM). Distam de 1 500 a 2000 km da Península Ibérica e 1200 km da Madeira (PACHECO, 2007, p. 10). O Mapa 4 mostra seu formato, tamanho e distribuição geográfica.



Mapa 4 - Arquipélago dos Açores. Ao centro direita, a Ilha Terceira (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).

Fonte: www.culturamix.com.turismo/internacional/arquipelago-dos-azores⁴

Com quase seis séculos de presença humana continuada, “primeiro marco da expansão portuguesa” (RIBEIRO, 1962, p. 45), os Açores alcançaram um lugar importante na História de Portugal e do Atlântico. Contribuíram para a conquista e manutenção das praças portuguesas, constituindo-se em escala às expedições dos Descobrimientos e às naus das frotas da África, Ásia e América – importante eixo de navegação (PACHECO, 2007, p. 10) e foram baluartes de resistência na crise de sucessão (1580) e das Guerras Liberais (1828-1834).

⁴ A Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (região autônoma pertencente a Portugal), é a terra natal dos sogros do guarda-mor, Faustino Luiz Diniz & Ana Joaquina de Jesus.

A descoberta dos Açores e da Madeira é questão controversa na História dos Descobrimentos. Há indícios de que eram conhecidas pelos portugueses desde Afonso IV (por volta de 1340). Com a idéia de ocupá-las, para apoio às navegações, começaram a povoá-las a partir de 1439 (INFOPÉDIA). Ali, ingressaram flamengos (Noroeste da Bélgica e Sudoeste da Holanda), bretões (celtas, do Noroeste da França) e outros europeus e norteafricanos. Muitos dos que povoaram Açores eram *crístãos-novos*, judeus obrigados a se converterem; longe, ficariam livres de perseguições. A híbrida origem do povoamento das ilhas influenciaria na arte, nos costumes e modo de exploração, refletindo no Sul do Brasil, com as migrações (século XVIII).

A Ilha Terceira se situa no *Grupo Central* do Arquipélago dos Açores, com dimensões aproximadas de 29 por 18 km, 90 km de costa e 400 km² de área. Suas belas e variadas paisagens se apresentam com características próprias, testemunha das erupções vulcânicas, que foram desenhando o acidentado terreno, com colinas, crateras, montanhas e vales. É das maiores ilhas do arquipélago, considerando a superfície, população e importância.

Desempenhou importante papel no estabelecimento e manutenção do Império Português, devido à localização. Teve o povoamento a partir de 1450. A Ilha Terceira é dividida em dois concelhos (municípios): Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, fundadas por volta de 1480. Angra do Heroísmo é o mais antigo porto do arquipélago, por onde partiram os sogros do guarda-mor em sua viagem migratória ao Brasil – o único dali, na época. Praia da Vitória é a sede a qual pertence a Freguesia de Aqualva, onde nasceu o sogro do guarda-mor.

Ali, era difundida a cultura de cereais como trigo, cevada, tremoço e milho (RIBEIRO, 1962), leguminosas como favas, feijão, ervilha e lentilha (em menor escala), e frutas como uva, laranja e limão, bem como linho (em decadência na época). Inhamo e batatinha estavam recém sendo introduzidos. Havia a extração de urzela (líquen usado na tinturaria, para tingir e avivar cores), após o declínio do pastel (*Ibid.*). Havia uma pecuária e pesca rudimentar, bem como produção de aguardente (MATOS; MENEZES; LEITE, 2008, pp. 270-304). Na Ilha Terceira, desenvolveu-se o cultivo do trigo e cana-de-açúcar e extração de madeira para construção naval; todos, produtos exportados para a Europa e África. Isso explica porque os Açores, no século XVI, tiveram um grande desenvolvimento econômico e social, prolongando-se até o final do século XIX, quando foram introduzidas outras espécies, de grande rendimento, como chá, tabaco e abacaxi. Ao longo dos séculos, estas culturas foram se alterando. Existiam ali diversos moinhos d'água, para a produção de farinha de trigo. A freguesia rural de Aqualva, terra natal do sogro do guarda-mor, situa-se ao Norte da Ilha Terceira. O povoamento surgiu em 1588. Contudo, há duzentos anos, era “pouco mais do que

um grande pomar, onde despontavam algumas moradias”. Ali, cultivavam-se nogueiras, castanheiros, pereiras, macieiras, pessegueiros e laranjeiras [WIKIPÉDIA, 2011].

Foi com o intuito de melhor conhecer os antecedentes do casal genearca, as circunstâncias da vinda para a o Sul do Brasil, em especial a Região Central do Rio Grande do Sul, e suas origens, que se abordou Portugal e Açores. Assim, tem-se condição de compreender a formação dos clãs, a partir da caracterização do ambiente da terra adotada.

Pelo fato do casal genearca, o guarda-mor português e a esposa, filha de açorianos, e sua descendência mantendo-se predominantemente lusa até a geração dos bisnetos, fica estabelecida a matriz básica de origem dos clãs, no século XIX. A questão étnica está inserida no contexto genético, somático, linguístico, cultural, social, político, histórico e geográfico da própria formação do Sul do Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, conforme a visão portuguesa da colonização, demonstrada na matriz panorâmica das origens (Diagrama I).

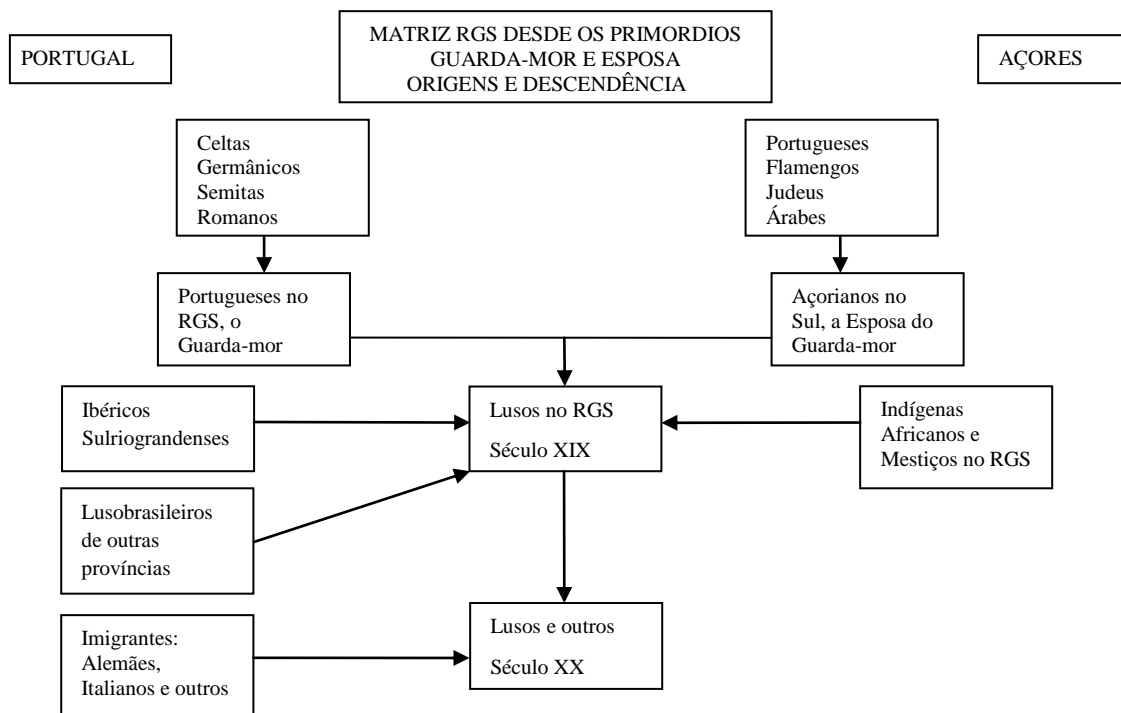


Diagrama 1 – Representação gráfica da formação da matriz da família do casal genearca – origens e descendência, século XIX, contextualizada na formação do Rio Grande do Sul.

4.2 Situação de Portugal, Brasil e Rio Grande do Sul, Especialmente no Início do Século XIX, e a Imigração Lusa no Sul do Brasil

A seguir, aborda-se o contexto de Portugal e do Brasil à época da migração do guardador e do estabelecimento na Região Central do Rio Grande do Sul. Os anos de 1807/08 são uma referência importante, tanto para Portugal como para o Brasil, com indeléveis repercussões históricas, sob o ponto de vista institucional, político, econômico, educacional, científico e cultural, inclusive o Rio Grande do Sul, em fase de estruturação (GOMES, 2007).

A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil foi o episódio em que a Família Real e a Corte Portuguesa, acompanhados dos servos, radicaram-se no Brasil (ficando entre 1808 e 1821), fugindo de Napoleão (“exílio napoleônico”), segundo Eric Hobsbawm (2009, p. 160). Após 1821, muitos voltaram a Portugal. A capital do Império foi estabelecida na capital do Brasil, Rio de Janeiro, registrando-se a *inversão metropolitana* – a colônia passava a ser sede do governo do Império Ultramarino Português, de 1808/15 a 1822/25 (GOMES, 2007).

O plano de transferência da Família Real e a Corte Portuguesa para o Brasil, refúgio seguro à soberania portuguesa, quando a resistência militar a um invasor fosse inviável na metrópole, já havia sido anteriormente cogitado em diversas ocasiões (desde o século XVI). A conjuntura de 1807, na Europa, indicava Portugal numa situação nada favorável. Portugal, em plena decadência política e econômica, estava na eminência de ser tragado pela França, Inglaterra ou Espanha. Ao evitar que a Família Real portuguesa fosse aprisionada em Lisboa pelas tropas francesas, inviabilizou-se o plano de Napoleão Bonaparte para a Península Ibérica – em estabelecer governantes da sua gente, como foi tentado na Espanha e Itália – aprisionar-se-ia a Família Real portuguesa, forçando a abdicação. Desse modo, a Europa ficou arrasada pelo furacão Napoleão que abalou os tronos europeus. Desembarcaram no cais do Largo do Paço (atual Praça XV de Novembro), quase 15 mil pessoas (O Rio de Janeiro, na época, tinha no máximo 60 mil habitantes; a metade, escravos) (GOMES, 2007).

Uma das medidas tomadas, na chegada da Corte ao Brasil, foi a assinatura do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas e a declaração de guerra à França, a ocupação da Guiana Francesa (1809) e a intervenção na Cisplatina, hoje Uruguai (a partir de 1811). Em 1808, o Príncipe Regente decretou a suspensão do alvará de 1785, que proibia a criação de indústrias no Brasil. Mas o sopro de desenvolvimento parou por aí, pois a presença de artigos ingleses, bem elaborados e a preços relativamente acessíveis, bloqueava a produção de similares em território brasileiro. A eficácia da medida seria anulada pela assinatura dos

tratados de 1810 – o Tratado de Aliança e Amizade e o Tratado de Comércio e Navegação, findando, na prática, o pacto colonial (*Ibid.*).

O Príncipe Regente Dom João transferiu para o Brasil o aparato administrativo, burocrático, militar, cultural, artístico e científico, pois a colônia carecia de readequação funcional (NUEVA HISTORIA UNIVERSAL, 1969, p. 140). Desse modo, formou-se boa parte das instituições brasileiras, com importantes repercussões ao Estado-Nação Brasileiro, trazendo saldo positivo e também negativo. Com a partida definitiva da Corte Portuguesa do Brasil (1821), com suas consequências políticas e econômicas, deixando *à deriva* o Brasil, precipitou-se a independência (1822) (HISTORIANET, 2011 e GOMES, 2007).

Posta a questão da situação de Portugal e Brasil por volta de 1808, parte-se para abordar a colonização e a imigração lusa. A imigração portuguesa no Brasil teve seu início a partir de 1530, com o lento e gradual surgimento da Colônia. A partir de 1680, a colonização portuguesa foi se expandindo para o Sul, em direção ao Rio da Prata. A imigração foi pouco significativa até 1700. A partir do século XVIII, a imigração se intensificou, devido às minas de ouro (MARTINS AFONSO, 1967, p. 275) e ao desenvolvimento da navegação (NUEVA HISTORIA UNIVERSAL, 1969, pp. 502-523). Em torno de 1750, intensificava a imigração lusa vinda dos arquipélagos para o Sul do Brasil, com intuito de marcar presença lusa no hoje Rio Grande do Sul. Com a decadência das minas, na segunda metade do século XVIII, a imigração portuguesa teve queda, voltando a crescer em 1808, com a transferência da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro (SCOTT, 2010, p. 21, 22).

Postos estes fatos históricos, volta-se à questão da vinda do guarda-mor português para o Brasil (por volta de 1804). Embora não se saiba os reais motivos que o levaram, junto com o irmão, a migrarem para o Brasil, presume-se o cenário contextualizado a seguir.

A economia portuguesa foi devastada pela ocupação francesa e, depois, pela guerra de reconquista. A população diminuiu entre 1804 e 1815, a produção agrícola se desorganizou – e comércio exterior foi afetado pela abertura dos portos, que favoreceu os ingleses e, na mesma medida, prejudicou os portugueses que monopolizavam os negócios com o Brasil (CALDEIRA *et alri*, 1997, p. 138).

Assim, com a difícil situação de Portugal, no início do século XIX, e as tentadoras oportunidades no Brasil, notadamente o Rio Grande do Sul, em expansão territorial, com a conquista das Missões (1801), formaram um cenário propício à migração dos irmãos MANOEL FERNANDES PENNA e João Fernandes Penna. Todavia, no tocante às origens da esposa do guarda-mor português, aborda-se, a seguir, a respeito da imigração açoriana.

Quanto às motivações da vinda dos açorianos ao Sul do Brasil, consideram-se dois aspectos: a) a política de estratégias governamentais portuguesas e b) as emergentes necessidades dos ilhéus. As ilhas de Açores e Madeira estavam vivendo as consequências advindas da superpopulação e sofrendo sequelas de periódicas catástrofes (terremotos, erupções vulcânicas, tempestades, furacões, secas, pragas, etc). Os habitantes encontravam esperança na idéia de se estabelecerem no *Novo Mundo*.

A Coroa Portuguesa buscava povoar a Região do Sul do Brasil com gente branca, católica, de língua e sangue portugueses. Na época, o Rio Grande estava pouco povoado de brancos e com fortes influências do domínio hispânico. Portugal necessitava marcar presença na Região, do contrário, seria perdida para a Espanha. Assim, a problemática dos ilhéus fechava com os interesses da Coroa Portuguesa. Organizaram-se as levas de migração.

As primeiras grandes levas vieram para o litoral de Santa Catarina (1748), em cujo cenário, enquanto causas mais imediatas, pode ser verificado, a partir do seguinte texto:

Ano 1746 – Tremenda seca assolou as Ilhas Açores, trazendo consigo uma grande miséria [...], situação agravada por já estarem estas ilhas superpovoadas e sob o regime de latifúndio. Escreveram os açorianos ao Rei, pedindo que lhes permitisse emigrar. [...]. Nas ilhas dos Açores e da Madeira quatro mil famílias inscreveram-se, atraídas por uma vida nova [...] (SCHMIDT, 2001, p. 107, 110).

Além do mais, as ilhas estavam vivendo uma decadência na produção do trigo e do pastel, uma planta tintureira; outrora, suas maiores riquezas (PEREIRA, 2003).

A viagem, a chegada das primeiras levas de imigrantes açorianos e o estabelecimento na nova terra, em suas tremendas dificuldades, é ilustrada com o seguinte texto:

Ano 1748 – Chegava a Desterro (Florianópolis) o primeiro comboio (461 pessoas) de “casais de número” ou Del-Rei, açorianos que gozavam privilégios especiais, regalias a eles conferidas por determinação régia. O Brigadeiro Silva Paes recebeu-os com grande júbilo, alegria que logo se desvaneceu ao ver de perto aquelas crianças, mulheres e homens, que haviam atravessado o Oceano Atlântico na esperança de encontrarem, no sul do Brasil, uma vida melhor, um futuro com um pouco mais de felicidade. [...]. Em péssimo estado de saúde, mostrando no semblante o sofrimento, foram descendo a rampa do navio que os trouxera. [...]. O Brigadeiro Silva Paes a todos procurou confortar, ajudando-os [...]. As crianças menores permaneciam com a mãe no porão. [...]. As viagens eram longas, e os navios pequenos.

Ano 1752 – Nos primeiros meses do ano [...] seguiu outro grupo (2º) de casais da ilha de Santa Catarina, ponto de distribuição para o Rio Grande de São Pedro. Era constituído de 106 casais. Em maio, embarcou o terceiro grupo, com o mesmo destino. Mas as tempestades e os ventos levou-o para Cabo Frio. Reembarcados para Santa Catarina, desistiram de vir ao Rio Grande. Em agosto, mais uma leva de 75 casais aqui chegava (SCHMIDT, 2001, pp. 111-115).

De Santa Catarina, muitos açorianos vieram para o Rio Grande, descrevendo o autor:

Antes de embarcar para o sul, [...] Gomes Freire [...] encontrou casais de açorianos vivendo em completa miséria. Providenciou logo em organizar um primeiro grupo, a ser enviado para o Porto de Viamão [hoje Porto Alegre]. [...].

Ao chegarem [...], os casais açorianos foram assentados no sítio chamado “Morro de Sant’Ana”, na sesmaria de Jeronimo D’Ornelas, mas o local não era adequado [...].

Retiraram-se então para as margens da Lagoa de Viamão (Guaíba) e foram ocupando de maneira desordenada antigos ranchos e galpões, cobertos de capim, existentes no porto de Dorneles (onde o Arroio Diluvio deságua no Guaíba).

Em novembro chegaram ao Porto de Viamão, [...] “Porto dos Casais”, mais oitenta famílias açorianas e também 200 paulistas [...]. A maioria [...] ficaria para sempre no “Porto dos Casais”, após seu casamento com açorianas. Iriam constituir troncos de famílias [...] do Rio Grande do Sul. Os demais [...] subiram o rio Jacuí [...]. Foram os primeiros açorianos a deixarem o Porto dos Casais a caminho das Missões [...] para oeste, até o encontro do Rio Pardo com o Rio Jacuí [...] (*Ibid.*, p. 111-115).

Assim, pôde-se reconstituir o itinerário contextualizado da trajetória dos sogros do guarda-mor, ao chegar no Sul do Brasil (primeiro na hoje Florianópolis e depois em Viamão/Porto Alegre) e ir penetrando no continente. Assim, em maior quantidade a partir de 1752, os açorianos vieram para o Rio Grande do Sul, em torno de Rio Grande e Porto Alegre. Aos poucos, os imigrantes iam penetrando pelos rios ao interior (sentido Oeste), até Rio Pardo, posteriormente a Cachoeira (a partir de 1777) e daí para Santa Maria (a partir de 1797), São Martinho e Missões (notadamente a partir de 1801). Muitos deles foram ganhando sesmarias, penetrando e se estabelecendo no caminho, nas regiões do Centro, Noroeste, Oeste, Sul e Sudoeste do Continente de São Pedro do Rio Grande (sentido Leste/Oeste).

Primeiro, a imigração açoriana no Sul se deu a partir de 1722, descrito a seguir:

A presença açoriana, no extremo sul da América portuguesa, incluindo a Colônia do Sacramento, faz-se notar antes mesmo da sua vinda oficial, iniciada em 1748, quando foram enviados para Santa Catarina os primeiros casais de número. Em 1722 foram mandados trinta ilhéus [...] para a Colônia do Sacramento, que, naquele momento, vivia um período de calma [...] e necessitava incrementar seu povoamento. Dois anos depois (1724), sete casais [...] são, também, enviados para a colônia. Em 1728, [...] “*uma leva de ilhéus*” chegava à colônia [...]. A partir de 1737, com a fundação de Rio Grande (instalação do forte de Jesus, Maria e José), muitos açorianos, vindos da Colônia do Sacramento, fugindo dos conflitos permanentes [...] no Rio da Prata [...], buscavam segurança e tranquilidade no novo povoado. Nos primeiros anos, as dificuldades eram grandes (FRANZEN, 2003, p. 123).

A Capitania de São Pedro do Rio Grande, para ser definitivamente portuguesa, necessitava de fortalecer a fronteira e ocupar o território das Missões, em função do Tratado de Madrid (1750) e das tentativas do não cumprimento do Tratado de Santo Ildefonso (1777), prejudicial a Portugal. Precisava-se redirecionar o povoamento. A Região necessitava de agricultores que contribuíssem para ampliar o espectro da cadeia produtiva, fundamentada nos produtos derivados do gado bovino e na produção e comercialização de mulas. Os açorianos seriam os mais indicados para o momento. De modo que a situação, na época, era a seguinte:

O Rio Grande do Sul luso-brasileiro da primeira metade do século XVIII se restringia a poucos núcleos populacionais, [...] na Comandância do Presídio do Rio Grande de São Pedro, centro administrativo e militar [...] [a] garantir o domínio sobre o atual Rio Grande do Sul. Grande parte do espaço almejado, o centro e o noroeste, estava sob o controle da Coroa Espanhola com o projeto civilizatório jesuítico-guarani das Missões, constituída por sete cidades e amplas estâncias missionárias para a criação do gado. Os portugueses buscavam o controle do litoral e sul, com as fortificações em Rio Grande e [...] na direção da atual fronteira com o Uruguai [...], buscando a ligação com a Colônia do Sacramento do Rio da Prata. [...] os açorianos foram vistos como os potenciais desbravadores a ocuparem os espaços [...]. Com o Tratado de Madri de 1750, a necessidade de povoamento da região missionária a ser abandonada pelos guaranis intensificou a busca de um efetivo povoamento pelos açorianos nesta região litigiosa. [...], isto não acabou se efetivando, porém, a participação [...] açoriana fez surgir vários povoamentos e o desenvolvimento de atividades econômicas essenciais ao longo do século XVIII. O Tratado de Madri estabeleceu, como condição para a [...] paz [...], que a Colônia do Sacramento passasse à Coroa castelhana, e que, em troca, entregava à soberania portuguesa o território ao Norte do Ibicuí, [...] as Missões [...] (TORRES, p. 178).

De modo que os interesses estratégicos portugueses para o Rio Grande, a necessidade de *alívio* populacional nos Açores e o perfil do gentílico açoriano (que já vinha dando mostras de adaptação ao ambiente local, verificados naqueles que já tinham vindo antes destas levadas) se fundiram, promovendo-se então a intensa imigração açoriana no Sul.

Continuando, as características do açoriano podem ser observadas a seguir.

A situação geográfica do arquipélago, isolado no Oceano Atlântico e com fenômenos vulcânicos, fez com que os ilhéus estivessem voltados para o mar; [...] impôs a solidão, despertou a criatividade para a sobrevivência nas limitações do espaço [...]. O Oceano acabou sendo a fronteira da expansão agrícola que instigou a expectativa de dias melhores e de fartura em terras que o homem tornaria produtivas pelo trabalho (VIEIRA; RANGEL, 1988, p. 184, *apud Ibid.*, p. 178).

Quanto às condições da viagem migratória dos açorianos, pode-se deduzir a escassez de alimento, saúde e vestimentas das pessoas e a precariedade das acomodações e higiene, tanto nas embarcações como ao se instalar no Brasil, conforme exemplificado a seguir.

Já algumas vezes se tem feito alusão aos sofrimentos [...] durante uma viagem que durava [...] dois a três meses: alimentos escassos e em decomposição; falta de espaço [...] para acomodar convenientemente os passageiros; ausência de um mínimo de conforto: doenças, mortes ... Após os primeiros dias de enjôo, as enfermidades começavam a fazer a sua aparição [...]. A medicina é precária e a mortalidade assustadora. [...] vencida a epopéia marítima, os açorianos se deparam com o não cumprimento das promessas [...] (VILHENA *apud* SILVEIRA *et al.*, 1994, p. 38).

Os imigrantes açorianos, com o passar do tempo, ao vislumbrar outros horizontes na nova terra – colonos que vieram como agricultores e pequenos proprietários de terra, para cultivarem o trigo (tendo seu auge até 1812) e outras culturas de subsistência, logo começavam a se envolver com a criação de gado, então em desenvolvimento na cultura e

economia local: primeiro, o ciclo extrativista do couro, já em declínio, e segundo, o ciclo do charque (a partir de 1780) – a pecuária por se desenvolver (CUNHA, 1999). Eles foram se tornando grandes estancieiros, diferenciando-se daqueles do litoral catarinense que se mantiveram ligados à pesca e à agricultura de subsistência, como se observa no texto a seguir.

Apesar de migrarem para promoverem o desenvolvimento de atividades agrícolas, [...] com o plantio do trigo, os açorianos foram, ao longo das décadas, transformando-se de colonos agricultores em fazendeiros criadores. Os primeiros estancieiros do Rio Grande do Sul, cuja distribuição de sesmarias teve início oficial em 1732, procediam de Laguna e [...] da Colônia do Sacramento e, a partir da década de 1750, os açorianos passam a ocupar estes espaços (FRANZEN, 2003, p. 124).

Assim, a partir da geração dos filhos e netos, os açorianos foram também se estabelecendo nos quadrantes Centro, Sudoeste, Oeste e Noroeste do Rio Grande do Sul, no território das Missões. Esta Região passou a ser a nova *fronteira agropecuária*, um *eldorado* da época, atraindo muita gente na busca de oportunidades para uma vida melhor.

A influência açoriana para a formação da identidade sulriograndense foi considerável:

Essa presença açoriana no Rio Grande do Sul teve uma influência marcante na formação da sociedade sul-riograndense, tanto no que se relaciona com a constituição étnica [...] como com o seu modo de ser [...]. A cultura sul-riograndense apresenta inúmeras manifestações que demonstram claramente essa influência. Entretanto, à medida que o tempo passa, essa influência vai aos poucos se diluindo. A influência açoriana é percebida no folclore, danças, costumes e tradições [...], na arquitetura [...], nos costumes, tradições, mitos, na religião [...]. É necessário uma pesquisa mais profunda sobre a vinda dos açorianos e sua influência na formação e consolidação da fronteira sulina bem como na constituição de uma sociedade na qual, apesar da contribuição de outros povos [...], sua cultura é percebida até os dias atuais [...] (FRANZEN, 2003, p. 124, 125).

Voltando-se para as Missões e a Região Central do Rio Grande do Sul, o “afluxo de famílias interessadas em ocupar o lugar de forma permanente se intensificou após a conquista portuguesa dos territórios missioneiros e a elevação do povoado [Santa Maria] à categoria de oratório em 1804” (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 34). Muitas famílias açorianas receberam “dattas” de terra e concessões do governo da Capitania para ocupação. Nestas circunstâncias, surgem na Região os irmãos portugueses, MANOEL FERNANDES PENNA e João Fernandes Penna, que acabaram casando com uma filha e uma neta de açorianos.

Foi no bojo desse fluxo migratório, quando a fronteira de expansão já estava se fechando, que chegaram ao Rincão de Santa Maria os primeiros representantes da família Penna. Em um contexto ainda marcado pela chegada ao Brasil da família real, proporcionou-se a abertura dos portos coloniais ao comércio internacional e maior afluxo colonizador (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 34).

A presença dos referidos irmãos imigrantes, dentre os primeiros povoadores de Santa Maria é confirmada pela historiografia. Referindo-se a um levantamento, entre 1810 e 1814, ao justificar a elevação do povoado à “Capela curada”, João Belém afirma que “existiam, na povoação e seus arredores, uma centena ou mais de índios guaranis, número mais ou menos igual de negros escravos, e oitenta e quatro famílias das quais eram cabeças de casal os povoadores: [...], João Fernandes Pena, Manoel Fernandes Pena” (BÉLEM, 2000, p. 56, 57).

Ao se aproximar de questões relacionadas com a identidade açoriana e as repercussões na formação do gentílico sulriograndense, embora em contexto de opiniões discordantes, evoca-se os estudos de Beatriz Vasconcelos Franzen (2003). Ao analisar as obras de cronistas, viajantes e historiadores sulriograndenses que abordam a presença açoriana no Rio Grande do Sul, ela constata que muitos escritores são

unânimes em descrevê-los [os açorianos] como exemplos de moralidade, respeito religioso, honra, bravura, patriotismo, “trabalhador, generoso, alegre, expansivo, vigoroso, sóbrio, caritativo” (Neis), “morigerados [moderados], soldados destemidos” (Rosa), [...] “...bons soldados e excelentes agricultores”. Porém, Ruben Neiss caracteriza o açoriano como “inimigos da vida militar” e para Alcides Lima, o açoriano “odeia a vida militar, mas no campo de batalha é fiel à disciplina e dá provas de valor” (FRANZEN, 2003, p. 125).

Para Otelo Rosa, o açoriano teria (exceto nas Missões) até mesmo se excluindo do processo de miscigenação que caracterizou o português em outras regiões do Brasil. “Trazendo consigo a força de uma tradição doméstica, familiar, o açoriano se exclui dos processos de miscigenação, ocorrentes em outras paragens do Brasil...” (*apud Ibid.*, p. 125).

A intenção de caracterizar o açoriano surgiu mais tarde, partindo de uma suposta necessidade histórica politicocultural do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, como pode ser constatada, continuando o texto de Beatriz Vasconcelos Franzen (2003, p. 126), a saber:

Entretanto, essa preocupação em assim caracterizá-los tinha como objetivo não propriamente o açoriano, mas o gaúcho (habitante do Rio Grande do Sul) e sua identificação como herdeiro de um povo cujas qualidades teriam sido transmitidas aos sul-riograndenses. Durante muito tempo, o gaúcho – o homem do campo, habituado às lides da criação de gado, primeira grande riqueza do Rio Grande do Sul –, considerado como o tipo humano característico [...], a ponto de seu gentílico ter se estendido a todo[s] os habitantes do estado, foi visto como um ladrão de gado, um ser errante, que não tinha família, nem se deixava prender por qualquer tipo de laço. Discutia-se sua origem étnica, mistura de índio com espanhol, defendiam alguns, para outros o sangue português corria em suas veias. A historiografia sulriograndense dividia-se face a estas duas correntes. A partir da década de 30 [...], a questão tornou-se importante. O Rio Grande do Sul passava a ocupar um lugar de destaque na vida política da nação, Getúlio Vargas, um típico gaúcho da fronteira, assumia a presidência do Brasil. Além disso, em 1935, comemorava-se o Centenário da Revolução Farroupilha e as acusações de separatismo [...] voltavam a se fazer ouvir. O gaúcho necessitava não só demonstrar sua condição de [...] capaz de contribuir para a grandeza da pátria, mas [...] sua condição de brasileiro. Assim, [...]

na medida em que exaltavam o açoriano, os autores buscavam construir uma identidade do gaúcho, brasileiro, entendido como descendente do luso-açoriano [...] que dera início à colonização do Rio Grande. Defendia-se [...] a raiz portuguesa do Rio Grande do Sul. [...], o gaúcho traria em suas veias o sangue de [...] açoriano, [...] digno, honrado, e merecedor das maiores glórias.

Por outro lado, segundo José Almeida Pereira (2002), fica constatada a importância da colonização açoriana no Brasil, especialmente no Sul, quanto à produção agrícola e pecuária.

Ademais, aos açorianos que foram para o Rio Grande do Sul se atribui ainda o início do cultivo do trigo, espécie na qual tinham grande tradição [...] na economia dos Açores, de onde também se acredita [...] que tenham sido trazidas sementes de outras plantas cultivadas [...] (Russomano, 1947; Cesar, 1964; Costa, 1964; Saint-Hilaire, 1974a; Wiederspahn, 1979; Lupi & Lupi, 1985? e Laytano, 1987). Estas informações só vêm confirmar a grande contribuição do Arquipélago dos Açores à agricultura brasileira [...] (PEREIRA, 2002, p. 261-279).

As repercussões da participação do açoriano na formação do gentílico sulista, a respeito de sua suposta “índole” (propensão particular, natural e cultural), está fundamentada, segundo Wiederspahn (1979 *apud* PEREIRA, 2002, pp. 261-279), no senso de família:

um aspecto de grande relevância se destacou na colonização açoriana do Brasil. É que ela teve como base os "casais", ou seja, "marido e mulher", e isso contribuiu substancialmente para a constituição de uma sociedade formada por famílias fortemente consolidadas, [...] um dos maiores legados herdados pelos brasileiros do povo açoriano. Logo, [...] foi de grande significação e sumamente valiosa a contribuição dos Açores à colonização do Brasil.

Considerando o exposto, fica demonstrada, ainda que, segundo alguns, numa visão tendenciosa, a importância dos açorianos na formação do Rio Grande do Sul, sem se esquecer, todavia, a influência ibérica nas conflituosas questões fronteiriças entre portugueses e espanhóis, que marcaram indelevelmente a formação e identidade do Sulriograndense. “Os casais açorianos ou ilhéus vieram como elementos povoadores para fundamentar o domínio lusitano nas terras brasileiras, desenvolvendo, desta forma, o processo de *ocupação humana* [grifo nosso] do território” (DIÉGUES JR., 1971, p.180). Sendo assim, as estratégias portuguesas para com os açorianos, no Sul do Brasil, foram alcançadas, se não de uma ou de outra forma, tratando-se de questões ráticas, culturais, linguísticas, políticas e econômicas.

Ilhéus de Madeira, dos Açores, de Cabo Verde nos trouxeram, [...], os mesmos elementos de cultura lusitana com os quais se plasmou a formação brasileira; [...] que [...] não se modificaram no sentido de sua unidade espiritual e material, de modo que [...] se pode afirmar que “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesa, Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura”, tal como o fez Gilberto Freyre. [...] desenvolveram as mesmas qualidades essenciais que caracterizam o povo português (DIÉGUES JR., 1971, p. 180).

No caso deste estudo, é no contexto luso, compreendendo reinóis portugueses (oriundos de Portugal continental), ilhéus açorianos e descendentes de lusobrasileiros (via Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina), a partir de uma conflitante zona fronteiriça de base colonizatória ibérica (primeiro sobre o índio e depois sobre o negro), em que se insere a formação somatocultural da descendência do casal genearca, fundadores dos clãs do estudo, que se manteve predominantemente lusa até a geração dos bisnetos, considerando a identidade brasileira e sulriograndense. De modo que, embora tenham sido introduzidas outras origens (com os casamentos de bisnetos), como a alemã e a italiana, a origem (sob o ponto de vista somático, linguístico e cultural) dos clãs continua lusa, devido à predominância portuguesa na herança, notadamente no século XIX, e também o ambiente em que foram vivendo as gerações posteriores, emergidas na cultura sulriograndense e brasileira.

Na tentativa de caracterizar os povos ibéricos, principais colonizadores da América, evoca-se Sérgio Buarque de Holanda (*apud* REIS, 2007), ao buscar semelhanças na Península Ibérica e diferenças no modo de colonização da América, pois foi aqui que mais se diferenciaram. A Península Ibérica era meio europeia e meio africana, “quase feudal” (HOBBSAWM, 2009, p. 31), variada e híbrida, no sentido do afastamento da Europa e aproximação com a África (árabes e negros).

Buscando diferenciar o luso do hispânico na colonização da América, o português se caracteriza como mais cordial mas (por vezes também) impolido, meigo, afetivo, melancólico, tímido, intimista, individualista, observador, pragmático, aventureiro, desleixado, espontâneo, paciente, ingênuo, vago, fugitivo, lírico, poético, épico, nobre, irônico, nostálgico, plástico, moldável, adaptável e liberal, calcado na união controlada pela família. Seu modo de colonizar foi mais imediatista, extrativista, passageiro, irregular, indisciplinado, tolerante, rotineiro, conservador, prudente, litorâneo e rural. O espanhol é mais racional, planejador, voluntarioso, coletivo, trágico, ardente, impaciente, atrevido, audacioso, ousado, diretivo, determinado, estável, regular, intolerante, rígido, disciplinado, interioriano e urbano, dominador e autoritário, calcado nas diferenças controladas pelo Estado (REIS, 2007, p. 131).

Frente ao exótico e espetacular, o português se comporta indiferente; o espanhol, maravilhado. O realismo, o naturalismo e a unidade no português vieram mais cedo, devido à experiência precoce da formação do Estado-nação português. Os espanhóis são mais imaginativos, fantasiosos, visionários e misteriosos. Eles vinham para ficar e com “uma fúria centralizadora, codificadora e regulamentar” (REIS, 2007, p. 131 e TORRALBA; MENDES; CATROGA, 1998, p. 121, 122); os portugueses vinham para enriquecer e voltar.

Embora o português seja ibérico pela similar origem, em relação ao espanhol, há diferenças observadas nas características de sua “índole” (particularidades) e psicologia coletiva, devido à maior participação de sangue celta na formação do povo português, a saber:

Há no génio português o quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante afirmativa do castelhano; há no heroísmo lusitano uma nobreza que difere da fúria dos nossos vizinhos: há nas nossas letras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, irônica ou meiga, que em vão se buscaria na história da civilização castelhana [...]. Trágica e ardente sempre, a história espanhola difere da portuguesa, que é mais propriamente épica. [...] [E a matriz desta diferença estaria na] maior influência de sangue celta nas nossas veias, de mistura com o nosso sangue ibérico (MARTINS, I, 1988, p. 5 e 6, *apud* CATROGA, 1998, v.1, p. 162).

Por outro lado, os caminhos que os portugueses encontraram, para tomar posse, ocupar, colonizar e povoar territórios, espalhados pela vastidão de seu império, buscando o desenvolvimento do comércio e a conversão dos gentios, foram os “da assimilação e da mestiçagem” (RIBEIRO, 1962, p. 20). Daí a forte presença de “igrejas e fortalezas”, como sinal perdurável do império português, advinda do gosto de descobrir, ocupar e colonizar “terras novas” e a ambição de dilatar a “Fé e o Império” (*Ibid.*, p. 84, 85).

Quanto à mestiçagem no mundo português, Orlando Ribeiro (1962, p. 21) aborda:

Os portugueses combatiam a nostalgia da pátria e a dureza da vida valorizando-se como homens, refrescando os ardores com as mulheres da terra, a que acabavam por prender-se, por elas, pelos filhos e pelos bens [...]. Vivendo na sobriedade, que é um traço essencial do seu temperamento, não lhes faltava energia para se desmandarem no amor. Os ingleses, pelo contrário, combatiam a melancolia com os prazeres da mesa e da bebida, que lhes limitavam o apetite e a capacidade de procriar. Puros de todo o contato “aviltante” com as raças de cor, mas degradados pela embriaguez, acaso representarão uma forma mais elevada da vida? Sejam quais forem as controvérsias que se possam levantar sobre o valor da mestiçagem, a verdade é que, no plano puramente ético e humano, a fusão e o entendimento entre as raças não podem deixar de figurar entre os ideais supremos da humanidade e é uma triste limitação que alguns povos e alguns autores não o tenham compreendido assim.

Foi através deste processo, considerando a unidade na vastidão, segue o referido autor, que se criaram núcleos de civilização portuguesa, que se constituiu aquela “unidade de sentimento e de cultura” (GILBERTO FREYRE *apud* RIBEIRO, 1962, p. 22) que liga hoje os lusodscendentes pelo mundo. Ele observou como os habitantes de cor, oriundos das antigas praças de colonização portuguesa, espalhados pelos continentes,

reagem, nos aspectos morais, sociais, estéticos, exactamente como reage um branco da Metrópole do mesmo nível social; observa com espantoso poder de assimilação possui esta civilização e compreende que os luso-descendentes podem representar populações matizadas, heterogéneas na raça, mas em todo o caso fortemente unidas nos sentimentos e na expressão espiritual (*Ibid.*, p. 22).

Quanto ao negócio com o comércio, procurando um “perfil clássico do emigrante português”, Orlando Ribeiro (1962, p. 86) assim aborda:

Ele se recruta [...] numa população de rurais, mas de gente [...] pobre, para quem o trabalho da terra é uma espécie de condenação que nunca conduz à prosperidade. E daí certa mentalidade de traficante, de bufarinheiro. O Português é o homem da quitanda, da tendinha, [...] da compra e venda; umas vezes [...] honesto, outras astucioso [...], sóbrio, sofredor, ambicioso mas contentando-se com pouco, capaz [...] de se isolar nos lugares mais recônditos [...].

Um fator importante, com que a “nova e variada” experiência da expansão portuguesa contribuiu para a Modernidade (*Ibid.*, p. 94), “foi a aceitação de coisas novas, exóticas, diferentes. A aceitação dos produtos da terra [...] e das próprias pessoas com quem os Portugueses entraram em contacto [...], particularmente as mulheres.” Um fator novo e relevante relacionado, que distingue as mestiços portugueses dos espanhóis, franceses e ingleses, é “a integração precoce e total destes mestiços no mundo português”, tornando possível “a universalidade de uma civilização” (RIBEIRO, 1962, p. 87, 88).

Na busca de melhor entender a sociedade do Brasil do século XIX, também refletido no cotidiano no Rio Grande do Sul, na época, José Carlos Reis (2007, p. 128, 129) diz que

na vida colonial, cada “casa grande” era uma república. [...] A família era fechada, imune às mudanças [...]. O pátrio poder era ilimitado e inabalável. Nossa vida pública, social e política era marcada pela família rural colonial. [...] os partidos políticos [...] como “famílias políticas”, onde vínculos afetivos e pessoais uniam chefes e demais membros. [...] A burguesia urbana adotou atitudes peculiares do patriarca rural. As cidades ainda dependiam do campo [...]. Na colônia, as poucas cidades eram administradas e dominadas pelos senhores de terras. No século XIX, as cidades ameaçaram romper com a ordem tradicional, mas [...] contaminadas pela mentalidade rural. [...] Em todo lugar é o contrário [...]: o campo é que depende das cidades. Aqui, os portugueses criaram um mundo invertido, onde as cidades eram dominadas pelo campo. [...] Foi a maneira e o estilo portugueses de colonizar – sem normas imperativas, cedendo às conveniências, sem planejar e construir. Além disso, eles não encontraram [logo] metais preciosos, cujo movimento os obrigasse a criar uma administração mais rígida e próxima. Ser *neoportuguês* significa [...]: ser rural, ser familiar, desenterser-se pela vida pública e viver na autarquia da “casa grande”, com uma identidade afetiva, privada, longe da cidade, isolado de todos.

A colonização no Brasil, segundo Capistrano de Abreu (*apud Ibid.*, p. 111), foi marcada por uma exploração mercantil latifundiária ainda de tipo *feudal*.

Enfim [...], no início do século XIX, a população brasileira era constituída por cinco grupos étnicos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, moldados pelas condições geográficas de cinco regiões diferentes e tendo pelas riquezas materiais grande entusiasmo – eis a que se reduzira a obra de três séculos.

“O Brasil é um país vasto e complexo, contraditório e extremamente dinâmico, o que impede que se possa ter uma representação consensual, homogênea, estável, de sua identidade nacional. [...]. O Brasil ainda é um enigma” (REIS, 2007, p. xvii e xviii).

Voltando-se agora às questões políticas e econômicas, no último quartel do século XVIII, a partir da decadência das minas, o Brasil começava a sofrer as más consequências do Pacto Colonial, ainda aumentando os impostos, apesar de ter incrementada a produção e receita agrícola, situação combinada com o crescimento populacional.

Embora sendo a colônia com imenso território, na época da chegada da Corte Portuguesa (1808), o Brasil existia praticamente sem personalidade e dependente da metrópole. Às vésperas da chegada da Corte, “o Brasil era um amontoado de regiões mais ou menos autônomas”, sem comércio ou outra forma de relacionamento, tendo como ponto de referência a língua e a Coroa portuguesa (GOMES, 2007). “Não havia um Brasil com um centro comum. Era um círculo imenso, no qual os raios convergiam para bem longe da circunferência central” (ALMEIDA PRADO, p. 124 *apud Ibid.*). O Brasil era uma unidade geográfica formada por províncias estranhas umas às outras (OLIVEIRA LIMA *apud Ibid.*). Isso mudaria com a chegada do príncipe regente (GOMES, 2007, p. 120 e 121). A ignorância e o isolamento eram resultados de uma política deliberada do governo português, que objetivava manter o Brasil “uma jóia extrativista e sem vontade própria, longe dos olhos e da cobiça dos estrangeiros. Era uma política tão antiga quanto a própria colônia” (*Ibid*, p. 125).

Pode-se dizer que a preservação da integridade territorial, a formação do Estado-Nação Brasileiro, a construção da nacionalidade e a Independência do Brasil tiveram contribuição de Dom João VI (GOMES, 2007, p. 129, 130), a saber:

Sem a mudança da corte portuguesa, os conflitos teriam se aprofundado, a tal ponto que a separação entre as províncias seria quase inevitável. [...] Graças a D. João VI, o Brasil se manteve como um país de dimensões continentais, [...] o maior herdeiro da língua e da cultura portuguesas. “Dom João VI veio criar e realmente fundou na América um império, pois merece bem assim ser classificado o ter dado foros de nacionalidade a uma imensa colônia amorfa”, escreveu Oliveira Lima. [...] “As portas fechadas durante trezentos anos estavam abertas de repente, e a colônia ficou fora do controle da metrópole,” assinalou o historiador Alan K. Manchester. “O contato com o mundo exterior despertou a colônia entorpecida: introduziram-se nova gente, novo capital e novas idéias. Como consequência, os brasileiros acharam que seu destino era maior e mais importante.” (*Ibid*, p. 131).

Em resumo, conhecendo mais sobre a terra natal do guarda-mor e esposa e a situação de Portugal (por volta de 1807), as circunstâncias da transferência da Corte (Fuga da Família Real de Portugal) para o Brasil (1808) e suas repercussões, e o que o guarda-mor português encontrou no destino, o Brasil (por volta de 1804) e a Região Central do Rio Grande (entre

1806 e 1808), terra adotada, tem-se melhores condições para compreender o contexto da migração e estabelecimento na Região, a partir do casamento em Viamão (1806).

Voltando atrás no tempo, o espaço que hoje compreende o Rio Grande do Sul, no século XVI e XVII, era de domínio da Coroa Espanhola; no século XVIII, dominado por ambas as coroas ibéricas (Portugal e Espanha) em alternância e superposição de poder, zona fronteira em constante litígio; a Oeste, dominado pela coroa espanhola e, a Leste, dominado pela coroa portuguesa e depois, na totalidade, lusobrasileira (Primeiro Império, Regências e Segundo Império) e, no final do século XIX e o século XX, pela República do Brasil.

Por outro lado, após os movimentos políticos das inconfidências regionais brasileiras (mineira, baiana e pernambucana), inspiradas na Independência dos Estados Unidos da América e na Revolução Francesa e Industrial (no último quartel do século XVIII), e o transcorrer da independência de diversos países sulamericanos (no primeiro quartel do século XIX), a Independência do Brasil (1822), as campanhas da Cisplatina (1811, 1816 e entre 1825 e 1828) e contra Oribe e Rosas (1851 e 1852), a Revolução Farroupilha (de 1835 a 1845), a Guerra do Paraguai (de 1864 a 1870), a Revolução Federalista (1893), a Revolução de 1923 e a Revolução de 1930/32, os instáveis tratados internacionais concernentes à Região, constituíram as bases para a formação do cenário do Rio Grande do Sul, trazendo importantes repercussões filosóficas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Este período compreendeu o Brasil Colônia, Primeiro Império, Regência(s), Segundo Império e Primeira República (República Velha), desde meados do século XVIII até 1930/32).

A partir de meados do século XVIII, o espaço do Rio Grande começava, aos poucos, a ganhar novas feições, a partir do maior interesse português e presença lusa. Ao buscar compreender o cenário da Região no período, evoca-se o texto de Quevedo (1990, p. 34, 35):

No período de 1780 a 1801 proliferaram estâncias de criação de gado [...]. Com a saída do trigo da economia rio-grandense restou ao charque a capacidade de continuar mercantilizando a economia local, ocorrendo a introdução do escravo em grande escala [...]. As relações escravistas de produção estabeleceram-se de forma incisiva, [...] o negro era a mão-de-obra por excelência nas charqueadas.

Quando a agricultura começou a ser abandonada pelos açorianos, o governo [...] interessou-se em [...] plantação do linho-cânhamo [...] nas [...] Reais Feitorias [...].

Concluindo, pode-se afirmar que o século XVIII representou a incorporação do Rio Grande [...] definitiva ao mundo luso, através de uma conquista a “ferro e fogo”, ou de tratados que não atendiam [...] aos interesses das populações locais.

A integração do Rio Grande, tardia, foi possível através de uma economia subsidiária central, pois a atividade de criação nas estâncias e a produção do charque existiam em função das Capitânicas centrais, do Nordeste e das minas do Brasil. A região era vista como um baluarte militar, enquanto os estancieiros iam adquirindo poder e transformavam-se em estancieiros-militares.

Todavia o fato de grande relevância do século XVIII rio-grandense é a introdução do negro [...]. A partir dali, definem-se as relações de produção escravistas, onde na charqueada [...] o nível de produção escravista mais intenso.

Quanto aos estudos agrários, a respeito da escravatura no contexto da pecuária na época (entre o fim do século XVIII e a meados do século XIX), na Região da Fronteira Oeste, Luiz Augusto Farinatti (2010a, p. 485) afirma que

a grande pecuária era viabilizada por uma combinação de algum trabalho livre com escravo. Como já apontaram alguns estudos anteriores, não existia um mercado de trabalho livre nos moldes capitalistas no Rio Grande do Sul, durante o período estudado aqui [até 1865]. O recurso ao trabalho cativo era indispensável.

Seguindo e adentrando no século XIX, melhor contextualizando a Região Central do Rio Grande do Sul no período, próxima aos conflitos de fronteira, à conquista, exploração e povoamento das Missões e questões políticas e econômicas da Província em relação ao Governo Brasileiro, continua Júlio Quevedo (1990, p. 40):

O século XIX foi importante para o Rio Grande, pois as fronteiras foram consolidadas, com a conquista das Missões (1801). Por outro lado, a sociedade estruturou-se a partir de uma dinâmica própria, ou seja, as relações sociais entre os senhores de terra e escravos, detentores do poder local e seus agregados, eram menos hierarquizados do que nas Capitânicas centrais do Brasil. Esse fato explica-se à medida que, o poderio de acumulação capitalista rio-grandense era em menor escala, pois a economia da região era periférica em relação à economia central. Devido às lutas fronteiriças surgiu na oligarquia regional um espírito militar acirrado, [...] a conservar o “status quo”. Enquanto mobilizados nas campanhas [...], pouco pensavam sobre a falta de poder político em relação ao Governo Central. Todavia com o processo de independência, o qual teve seus reflexos no Rio Grande, foi possível a introdução de lojas maçônicas e de uma imprensa ideológica, possibilitando a discussão dos problemas locais como: a falta de representabilidade e poder político; o centralismo e a economia dependente. Essa discussão ocorreu sob a luz do liberalismo. Nesta conjuntura a discussão político-econômica é favorecida após a Guerra Cisplatina (1825-1828), porque com o término da Guerra os militares ficaram inertes [...], eles se voltaram para os problemas locais. A maneira pela qual a elite local expressou o seu descontentamento foi através de um movimento armado de cunho político e econômico, conhecido por Revolução Farroupilha (1835-1845).

O Rio Grande do Sul, no início do século XIX, herdou, do século XVIII, uma grande, mutável e conflituosa zona de fronteira, com repercussões culturais, sociais, econômicas, políticas e de defesa. Havia “corredores de passagem”, constituídos de constantes operações militares, contrabando e arreadas (roubo de gado), onde “circulavam homens e mercadorias”. Tiago Gil (2007, p. 37) comenta: “Esses corredores de circulação também abrigavam [...] guardas de repressão do contrabando e defesa do território”, com relativo controle.

Quanto aos antecedentes históricos de Santa Maria, a ocupação ibérica começou em 1662, com as primeiras Missões Jesuíticas (PORTO, 1943 *apud Ibid.*), sobre os índios tupiguarani, minuanos e charruas, ali presentes desde uns 2 000 anos atrás (BECKER, 1991 *apud MACEDO*, 2012, p. 20). Foram logo destruídas pelos bandeirantes paulistas.

Em meados do século XVIII, a Região virou “palco de disputas entre as duas coroas ibéricas” (*Ibid.*, p. 21). Buscando soluções, foi assinado o Tratado de Madrid (1750), causando conflitos armados em torno das Missões e a consequente abertura da picada de São Marinho (1756). Com intuito de contornar os concorrentes interesses metropolitanos na Região, foi assinado o Tratado de Santo Idelfonso (1777), porém prejudicial a Portugal. Isto levou a criação de comissões mistas de ambas potências para efetivar a demarcação dos limites, encadeando nos distintos acampamentos e guardas em torno da atual Santa Maria. A partir da instalação e retirada do último acampamento (1797), atraindo pessoas dos mais variados lugares, movidas pelos diversos interesses emergentes, alguns, inclusive, beneficiados com a concessão das primeiras sesmarias na Região (a partir de 1789), surgiu o *povoado luso* de Santa Maria (1798) (BELÉM, 1933, 2000 e BELTRÃO, 1979).

É no contexto deste cenário que surgiam no Sul do Brasil, por volta de 1804, os portugueses, MANOEL FERNANDES PENNA, e seu irmão, João Fernandes Penna. O local escolhido se situava nos confins da então *fronteira de Rio Pardo*, além de Cachoeira, a caminho das Missões, por onde, há pouco tempo, pelos instáveis tratados, intentava passar uma linha de limite entre os dois impérios ibéricos; recém tornada Região Central da Capitania de São Pedro do Rio Grande, com a tomada das Missões (1801).

O período em que o guarda-mor viveu no Brasil (entre aproximadamente 1804 e 1841), caracterizou-se por uma época de muitas mudanças internacionais e também no Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, em sua Região Central. Esta época foi marcada por importantes episódios ligados às questões políticas e econômicas, a saber:

Embora o Tratado de Madri [1750] tivesse resolvido a maior parte das questões fronteiriças, continuou acesa a disputa territorial no Rio Grande. Durante o século XVIII o governo português transferira colonos açorianos para junto da fronteira, esperando assim garantir sua ocupação. Em 1801, durante um conflito entre Portugal e Espanha, esses colonos anexaram aos domínios portugueses uma vasta área (as regiões oeste e sul do atual estado do Rio Grande do Sul).

Após a vinda da Corte, o povoamento sofreu uma aceleração. D. João estimulou seus cortesãos a investir no Sul, distribuindo [...] terras e levando-os a buscar parcerias com brasileiros familiarizados com a região. A oportunidade era boa. O aumento da população na capital tornara crítico o abastecimento. E parte desse mercado foi ocupado por agricultores do Sul. [...].

O comércio entre a província e a capital possibilitou outro negócio. O pampa era um extraordinário pasto natural, com milhares de reses que se reproduziam em liberdade. Até então, os gaúchos aproveitavam e vendiam apenas o couro. Porém, com a perspectiva de fornecimento para a capital, também a carne passou a ser vendida.

Para tanto, negociantes cariocas montaram indústrias de charque. A carne salgada servia de alimento para os escravos, enquanto os brancos consumiam a carne fresca produzida na região próxima ao Rio. Logo os maiores estabelecimentos gaúchos estavam salgando a carne e o produto logo dominou o mercado do Rio e de Minas (CALDEIRA, 1997, p. 130).

As condições em que se encontrava o Rio Grande, na época da chegada do guarda-mor e seu irmão no Brasil (por volta de 1804), formaram as bases para o cenário de sua trajetória nestas terras, considerando as crises e calmarias e as brechas para as oportunidades, a saber:

Apesar das péssimas administrativas que sempre tiveram a capitania, da mesquinhez sórbida com que a metrópole a contemplava na distribuição dos seus orçamentos, apesar das guerras contínuas que a convulsionavam, ela continha em si uma força latente que desenvolvia-se contra todos os embaraços oferecidos pela centralização do poder real. Essa força provinha da criação de gado, que foi sempre a força impulsora que sem direção científica, sem educação conveniente, completamente entregue a observação espontânea e ao cuidado empírico dos gaúchos, aumentou as rendas do erário público, enriquecendo o comércio, cobertos de navios os portos da capitania exportaram [...], como uma dádiva generosa, o supérfluo das suas receitas. [...]. Em 1803 estava perfeitamente estabelecido o equilíbrio entre a receita e a despesa (LIMA, 1983, p. 77).

Entretanto, poucos anos depois, a situação financeira da Capitania voltou a ficar ruim (QUEVEDO, 1990), em períodos alternados, em função da problemática cisplatina (em 1811 e de 1816 a 1828) e dos posteriores reflexos da Guerra dos Farrapos (de 1835 a 1845). Com o exposto, apresenta-se o cenário, o mais aproximado possível, em que se insere a trajetória da família do guarda-mor e os clãs derivados, em suas primeiras gerações (século XIX e primeiro quartel do século XX), na Região Central do Rio Grande do Sul. Foi contextualizado nos eventos transformativos da sociedade, com repercussões na Região.

A Região de Santa Maria, estratégica Região Central da Capitania/Província, onde o guarda-mor se estabeleceu, era, naquela época, local de confluência de trocas, advindas do contato com as rotas das seguintes regiões: a) locais formados a partir da andança primeiro das bandeiras paulistas, um dos primeiros passos à autonomia (a caminho da nacionalidade) brasileira, conforme Capistrano de Abreu (*apud* REIS, 2007), e depois os tropeiros vindos, através do planalto, do quadrante Nordeste; b) os açorianos do Leste (primeiro de regiões próximas ao litoral), direcionando-se depois, através dos rios, ao interior do continente; c) os castelhanos através da fronteira Sudoeste e d) o contato com as Missões à Noroeste.

A Região do Rio Grande se encontrava, naquela época, em processo de cruciais mudanças, em momento de definição territorial, com a delimitação das novas linhas de limites, o estabelecimento das ainda mutantes fronteiras e a criação e organização das estâncias, a partir da concessão das sesmarias (até cerca de 1822), repercutindo indelevelmente no desenvolvimento da capitania e na fundação da província, bem como na formação da identidade do gentílico sulriograndense (posteriormente chamado *gaúcho*). Quanto às características regionais na época, Júlio Quevedo (1990, p. 41) diz que a sociedade sulina

apresentava certos contrastes, os quais tornam a sociedade diferente em relação ao resto do Império [...] em função da tardia integração ao mundo luso.

Por isso o estancieiro, senhor de terras e escravos, era ao mesmo tempo militar. O comerciante também podia ser industrial e ao mesmo tempo fornecedor de gêneros às tropas e aos estancieiros. Portanto, os indivíduos possuíam mais de uma função na sociedade. A estrutura social não era muito rígida, na medida em que era possível uma mobilidade social. Essa mobilidade ocorria a partir do momento em que pessoas eram nomeadas para cargos de milícias ou recebiam doações de terra.

Ao lado da mão-de-obra escrava, havia a assalariada, ou seja, os peões. Esses peões trabalhavam por baixos salários, criando assim um nomadismo, com serviços temporários em cada estância.

A estância formaria o patriciado rio-grandense, a elite, a classe dos dirigentes, a aristocracia [...], o predomínio dos estancieiros sobre seus jurisdicionados.

Quanto ao modo de vida da família do estancieiro da Região, na época, autor segue:

A casa dos estancieiros não era luxuosa, como também a sociedade do Pampa não era refinada quanto aos costumes. Esse fato explica-se devido à economia periférica da região, de baixo poder de acumulação.

O escravo foi a mão-de-obra por excelência na charqueada, mas não da estância. (*Ibid.*, p. 41).

Quanto à economia, o Rio Grande tinha, por volta de 1808, uma grande expressão no contexto do Brasil e países platinos, aborda-se o texto a seguir:

O Rio Grande do Sul produzia trigo e gado, usado na fabricação de charque, mantas de couro, sebo e chifre. Suas fazendas eram gigantescas. Um dos maiores pecuaristas da região [...] abatia 50 000 cabeças de gado por ano. Em 1808, o Porto de Rio Grande [...] recebia 150 navios por ano, o triplo da vizinha Montevideu. (OLIVEIRA LIMA, p. 91; CALDEIRA, p. 41 e 46 *apud* GOMES, 2007, p. 126). Exportava [...] para todo o resto do país e também para Portugal, África e [...] Índias. Importava das outras regiões da própria colônia aguardente, açúcar, tabaco, algodão, arroz, mandioca e doces em geral. E, de Portugal, vinho, óleo, azeitonas, vidro, cordas, tintas, espingardas de caça, munições, facões e mercadorias inglesas como ferro, tecidos e chapéus (MAWE, p. 212, *apud Ibid.*, p. 126).

Além das questões políticas, econômicas e culturais, o militarismo e os conflitos armados, no contexto fronteiriço, contribuíram para a formação do Rio Grande do Sul, a saber:

Outro fator preponderante na moldagem da sociedade rio-grandense foram os corpos de milícias, que a vizinhança agressiva dos castelhanos obrigava a manter ativos. Os milicianos eram recrutados entre os homens brancos, sem mesclas, que fossem proprietários rurais ou estabelecidos em algum ramo de comércio.

Para ser oficial, precisava sujeitar sua ascendência até bisavós, [...] comprovadora de pureza de linhagem. Nos últimos tempos foi tolerando a mescla de sangue indígena, contando que procedesse de algum cacique. Além disso, devia ser homem abastado para poder fardar-se com decência e armar-se a sua custa. Devia saber ler e escrever corretamente e possuir rudimentos de matemática [...]. Nos primeiros anos [...], o papel das milícias foi decisivo. Sem elas, [...], não teria sido possível defender este território contra as investidas castelhanas (FERREIRA FILHO, 1978, p. 53).

O sistema militar no Brasil compreendia três tipos de forças/instituições armadas: Exército, Milícias e Ordenanças. As Milícias e as Ordenanças funcionaram até 1831, quando foi criada a Guarda Nacional. Aquelas antigas instituições eram formadas, em sua maioria, por indivíduos que não eram profissionais militares de carreira, tendo outro meio de sustento. Eventualmente, dedicavam-se aos serviços das armas. José Ribeiro (2005, p. 25) esclarece:

A estrutura militar da época constituía-se de três tipos: a regular, profissional e vinda do reino; a semi-regular, não profissional, mas obrigatória e instituída legalmente sob o [...] serviço de Ordenanças, composto por moradores, povoadores e sesmeiros, que deixavam seus trabalhos para acudir às necessidades [...]; e a irregular, organizada por iniciativas de povoadores sem seguirem a legislação e exercendo atividades do tipo das bandeiras. Nesse contexto, ao colono cabia defender sua própria vida e garantir a posse [...].

A Guarda Nacional se tornou a principal força auxiliar (*confiável*) de sustentação da Menoridade (Período Regencial, a partir da Abdicação de Dom Pedro I, em 1831) e foi “fundamental para a manutenção da unidade do Império”, que estava vivendo momentos de perigo de esfacelamento. Foi um “símbolo da nova Nação”, com nítida conotação política. A Guarda Nacional “fora considerada [...] superior como corporação pelo fato de reunir elementos nacionais participantes da vida política do país” (CASTRO *apud Ibid.*, p. 137). A questão da estratégica criação da Guarda Nacional estava contextualizada na época (segundo quartel do século XIX), período de “estruturação ambígua e complexa” da formação da sociedade brasileira (*Ibid.*, p. 140). De todo modo, quem sentava praça nas corporações da Guarda Nacional era privilegiado, comparado com o que servia no Exército. A Guarda Nacional, como força armada civil, estava sujeita ao poder e autoridade civil (distrital e municipal), primeiramente ao Juiz de Paz (até 1836). Na prática, a implantação foi efetivada em 1835, em Cachoeira e Cruz Alta e, em 1836, em Santa Maria (*Ibid.*, p. 164 e 165).

Levando-se em conta o contexto, o guarda-mor tinha um filho militar (oficial) da Guarda Nacional (por volta de 1849), o Tenente Coronel ANTONIO FERNANDES PENNA (F9). Por este fato e por ser o guarda-mor português, pode ser indício de que sua família estivesse apoiando o imperador (D. Pedro I) ou o novo imperador, ainda menor (D. Pedro II) e torcendo pela unidade brasileira e tenha se posicionado do lado dos imperiais (legalistas), contra os *rebeldes* farrapos (*revolucionários* farroupilhas), entre 1835 a 1845.

O guarda-mor morreu em Cachoeira (1841), onde morava a filha primogênita (ela e seu marido também morreram ali). Isto se deu um ano depois dos imperiais terem conquistado Cachoeira (1840). É possível que estivesse mais seguro ali, junto ao genro, este, com altas funções políticas (vereador, representando Santa Maria perante Cachoeira). Por isto, é

possível que tenha ido a Cachoeira com intuito de ficar lá por algum tempo. Pode ser que esta hipótese não se sustente, pois, ao ser retomada Cachoeira pelos imperiais, Santa Maria, seu distrito na época, estaria sob o comando e proteção imperial, comprovado pela movimentação de tropas legalistas em Santa Maria, em 1841 (BELÉM, 2000 e BELTRÃO, 1979).

É neste contexto que se insere a família do guarda-mor na sociedade local da época, ilustrada no texto de Arthur Ferreira Jr. (1958, p. 53), a saber:

Ao raiar do século XIX já se começava a definir uma sociedade rio-grandense. O meio impunha ao lagunense, ao português, ao paulista e ao açoriano suas condições, forçando a mudança nos hábitos e costumes, tendendo à uniformização. As vigas mestras da nascente sociedade eram a estância, a igreja e as milícias. Em redor dos grandes estancieiros agrupavam-se parentes, amigos, protegidos, índios e mestiços. Isso tudo, somado aos escravos [...], formava reduto forte, dado ao chefe do clã poder semelhante ao do antigo senhor feudal. Foi, pois, a sociedade rio-grandense assentada em bases aristocráticas.

Por outro lado, ainda com Arthur Ferreira Filho (1978), os senhores do Rio Grande do Sul, na época, começavam a se sentir diminuídos em seu poder e economia. A Região vinha, até então, se aproveitando do não centralismo no Brasil Colônia, pois se tinha maior autonomia. A Região era dos dois impérios ibéricos (cobiçada e reivindicada por ambos) e, ao mesmo tempo, de nenhum. Os limites mudavam constantemente e o contrabando corria solto.

Porém, com a transferência da Corte Portuguesa, o quadro começou a mudar no Brasil. A política foi de construir uma organização colonial centrada no Rio de Janeiro, que passou a ser a sede do Império Português, ocasionando menos autonomia nas províncias, desgostando assim os senhores do Sul. O sulriograndense já estava acostumado com aquela situação, a dos amplos e livres horizontes das coxilhas, comandados pelos senhores locais. Isto acabou por ser uma das causas da Guerra dos Farrapos (FERREIRA FILHO, 1978).

Considerando aqueles críticos momentos do Rio Grande, foram os antecedentes e as profundas causas da Revolução Farroupilha o(a): a) inquietação política, advinda do vigoroso e ardente anseio por autonomia regional, pelo ideal federativo e republicano, inspirado na Independência dos Estados Unidos e na Revolução Francesa e Industrial; b) crise econômica, advinda das altas taxas de impostos, não suportando a concorrência do charque da Região Platina; c) não indenização pelos prejuízos da última guerra (Cisplatina); e d) abandono que se encontrava a Província, em relação ao governo central, sem investimentos (*Ibid.*, p. 76).

Considerando a função de guarda-mor, sua importância no Brasil Colônia (século XVII e XVIII) remonta o ciclo das Minas de ouro e diamante. Guarda-mor era um funcionário da Coroa, a quem competia a repartição das *datas* (lotes de jazidas) e a fiscalização. Cabia ao guarda-mor nomear *guardas-menores*, encarregados de evitar o contrabando e a sonegação de

impostos. Havia uma área de abrangência e sua atuação era regulamentada através de legislação específica (MANIA DE HISTÓRIA: Mineração no Brasil Colônia, 2011).

O guarda-mor era uma autoridade com funções de cumprir determinações superiores, regulamentar, controlar, registrar, relatar e manter a ordem, em torno de impostos, terras e outros bens materiais de determinado território, responsável pela distribuição e controle da propriedade. Tinha encargos de traços mistos, oriundos da função de militar e cobrador de impostos, fiscal de rendas da receita e chefe de polícia fiscal e aduaneira.

As atividades de guarda-mor, possivelmente, estavam inseridas no seguinte contexto:

As atividades dos grandes negociantes europeus durante o Antigo Regime têm sido descritas como polivalentes, não-especializadas, abrangentes. No “topo da sociedade mercantil”, [...] estavam aqueles que [...] se dedicavam a uma gama variada de negócios: comercializavam [...] mercadorias [...], armavam navios, forneciam crédito, assumiam tarefas delegadas pelo Estado, como a cobrança de tributos e o abastecimento de exércitos [...]. Este modelo tendeu a se reproduzir [...] na América [...]. Na capital [...] do Brasil, [...] traficavam escravos, abasteciam [...] uma ampla área [...], participavam do comércio [...] com a metrópole, exerciam atividades creditícias e arrematavam contratos da Coroa (Fragoso, 1992, pp. 262-273). A prática vigente [...] de ceder a particulares [...], [...] cobrar direitos, negociar [...] produto ou abastecer alguma região ou instituição, foi trasladada às colônias (OSORIO, 2001, p. 109).

Neste sentido, as “operações fiscais e comerciais implicavam a concessão de um privilégio, de um monopólio”, e respondiam às necessidades financeiras do Estado, oferecendo-lhe vantagens: antecipação de uma “renda certa” e “execução e fiscalização da cobrança de impostos” em “territórios vastos e dispersos”, pois desonerava o governo dos custos da montagem de um aparato burocrático mais amplo. Assim, o Rio Grande se conectava com o Rio de Janeiro, através dos contratos que a Coroa arrematava: de “natureza tributária” e de “fornecimento de mercadorias” (OSORIO, 2001, p. 110, 111). A primeira arrematação do Registro de Viamão ocorreu em 1752, conectada à Curitiba.

Noutro sentido, Maria Medianeira Padoin (2001, p. 15, 16) aborda a questão da construção histórica do espaço fronteiriço, que foi e é o Rio Grande do Sul, desse modo:

O século XIX caracterizou-se pela [...] estruturação dos Estados nacionais modernos na América. As colônias portuguesa e espanhola foram palco de transformações políticas e econômicas marcadas por conflitos [...] nas disputas por espaços [...]. O espaço fronteiriço platino, no século XVIII, [...] se enquadra nesse contexto, [...] disputa territorial entre [...], Portugal e Espanha, [...] do interesse [...] da Inglaterra [...] e [...] por interesses particulares entre as elites [...]. Os espanhóis foram os primeiros [...]. A criação das reduções [...] trouxe [...] o gado cavalari e [...] o “vacum”, [...] a procriar e a aumentar [...]. [...] os padres trataram de organizar imensas vacarias [...], transformando a atividade ganadeira em um forte atrativo econômico. Os índios tornaram-se mão-de-obra especializada, [...] hábeis ginetes e preadores do gado chimarrão.

Por outro lado, o funcionamento das minas fornece subsídios para compreender a formação da Capitania (primeiro com a exploração do couro e depois o charque e o comércio de mulas) e a origem e importância da função de guarda-mor no Brasil. Quanto à importância da mula no transporte, antes da implantação da ferrovia, Maria Medianeira Padoin esclarece:

No Brasil, até o advento das ferrovias, em 1875, o mular foi o principal meio de transporte de mercadorias, especialmente nas regiões serranas, pois “(...) [...] podiam ser facilmente levados pelos piores caminhos, [...] cruzar a imensa massa florestal [...] de São Paulo aos campos do Rio Grande” (CASTRO, s./d., p. 43). E, segundo Ellis Jr., em 1875, “[...] a ferrovia estendendo-se por todos os quadrantes, elimina o caro e enferrujado mular. Caro, porque o transporte pelo mular excedia trinta e cinco a quarenta vezes o transporte ferroviário” (19__., p. 74 *apud* PADOIN, 2010, p. 321).

Ilustrando, as tropas de mulas variavam de 50 a 600 cabeças, indo em viagem com lotes de umas 30. Da Campanha, da Fronteira Sudoeste e do Uruguai, vinham e ficavam algum tempo nas Missões antes de partirem para Sorocaba-SP. Alfredo Ellis Jr. (*apud* JOB, 2011, p.1) admite que “talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na História do Brasil, pois sem ela, não teria havido o ciclo do ouro, [...] o do café e nem a unidade nacional”. Conforme Caio Prado Jr. (*apud* OLIVEIRA, 2012, p. 2): “sem as mulas, o Brasil teria andado mais devagar”. Por outro lado, Sérgio Buarque de Holanda (*apud* *Ibid.*, p. 2) define o tropeiro como “sucessor direto do sertanista e o precursor [...] do grande fazendeiro” e arremata: “na aptidão de enfrentar uma vida cheia de riscos e rigores, o tropeiro ainda pertence à família do bandeirante”. O tropeirismo refletiu no Planalto e Missões, onde o guarda-mor instalara seu segundo pólo de propriedade, o *São Xavier*, ficando, assim, estabelecido o pano de fundo em torno da fixação do guarda-mor na Região.

5 CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 O Guarda-Mor, sua Esposa e o seu Irmão

Pelo fato do foco do estudo ser o casal genearca, o guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e a esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, busca-se contextualizar sua trajetória através da reconstituição do cenário. Aborda-se o guarda-mor e sua família, evocando o livro de Eneida Izabel Schirmer Richter, sobre o antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria, texto também utilizado pelo Diácono Severino Tranquilo Bellinaso no livro que trata da Quarta Colônia, quando descrevem os proprietários vizinhos à Colônia (inclusive os Penna, ao Sul), trazendo informações a respeito:

Oriundos da Ribeira da Penna, em Vila Real, no Arcebispado de Braga (Portugal), vieram para o Brasil os irmãos Manuel e João Fernandes. Manuel era Guarda-Mor; chegou na região de Santa Maria já casado [...] com uma moça de Viamão. Na primeira década do século XIX, [...] adotaram o sobrenome Penna, [...] lembrança do lugar de origem. João Fernandes Penna faleceu em 1814, com 45 anos.

A sesmaria recebida por Manuel Fernandes ia do arroio do Passo da Porteira pela linha do Cerro até mais ou menos o arroio Grande. Era conhecida como a sesmaria da Palma [...] (RICHTER, 1997, p. 24 e 25; BELLINASO, 2000, p. 9-10).

O guarda-mor e seu irmão são considerados uns dos fundadores e principais povoadores de Santa Maria, segundo João Belém (1933, 2. ed. 2000, p. 56-58), a saber:

Fundadores da povoação

[...], em princípios [...] de 1822, os “moradores e aplicados” [...] de Santa Maria [...] requereram [...] uma capela curada para o povoado [...].

Esses “moradores e aplicados” são, pois, os fundadores de Santa Maria. No ano referido [1812] existiam, na povoação e seus arredores, uma centena ou mais de índios guarani, numero mais ou menos igual de negros escravos, e oitenta e quatro famílias das quais eram cabeças de casal os povoadores: [...], João Fernandes Pena [irmão do guarda-mor], Manoel Fernandes Pena [o guarda-mor], [...], naturais de Portugal; [...], Felisberto dos Santos Morais [sogro de uma neta do guarda-mor], naturais do Rio Pardo; [...], Manoel Antonio Teixeira [sogro de uma filha do guarda-mor], naturais de Curitiba; [...], Agostinho Soares da Silva [avô de um casado com uma neta do guarda-mor], [...], naturais de Triunfo; [...], Antonio da Costa Pavão [avô de uma casada com um neto do guarda-mor e avô de uma casada com um bisneto do guarda-mor], [...], naturais de Santo Antonio da Patrulha.

Os povoadores mais antigos de Santa Maria [...] foram: [...], Antonio da Costa Pavão e Manoel Antonio Teixeira (1798); [...] Felisberto dos Santos Morais (1804); [...] João Fernandes Pena, Manoel Fernandes Pena [...] (1808).

O guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA, nasceu por volta de 1776/77 (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE, Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, F. 17v.), na Freguesia de São Salvador da Ribeira de Pena (hoje Salvador),

Município/Concelho de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Região do Alto Trás-os-Montes, entre o Minho, Trás-os-Montes, Tâmega e Douro (Norte de Portugal), próximo à divisa com o Distrito de Braga, a cerca de 40 km da Galícia (Espanha). Sabe-se o ano aproximado do nascimento, devido ter sido revelada sua idade no documento de casamento (*Ibid.*). O guarda-mor faleceu em Cachoeira, em 14 de março de 1841, em plena Revolução Farroupilha, deixando o filho caçula com cerca de 15 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério de Cachoeira, hoje Cemitério das Irmandades de Cachoeira do Sul (CÚRIA DIOCESANA DE CACHOEIRA, Assento Paroquial de Óbito de Cachoeira, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 3, f. 64v.). Filho de Antonio José Fernandes de Azevedo & Maria Alves da Conceição, ambos nascidos e moradores em Ribeira de Pena (Portugal).

É possível que a família do guarda-mor frequentasse a Igreja Matriz de São Salvador da Ribeira de Pena, terra natal. Possivelmente algumas cerimônias religiosas, como ritos de passagem, envolvendo integrantes da família tenham se passado neste templo, visto na Foto 1.

O Norte de Portugal forneceu muitos imigrantes ao mundo, em especial ao Brasil. Além do mais, a Região é a origem do Estado Português, entre as cidades de Porto, Braga, Vila Real e Bragança, portanto, possuidora de uma considerável riqueza histórica.



Foto 1 – Igreja Matriz de São Salvador de Ribeira de Pena (construção barroca da segunda metade do século XVIII).⁵ Foto de ALEGNA 13, 2007.

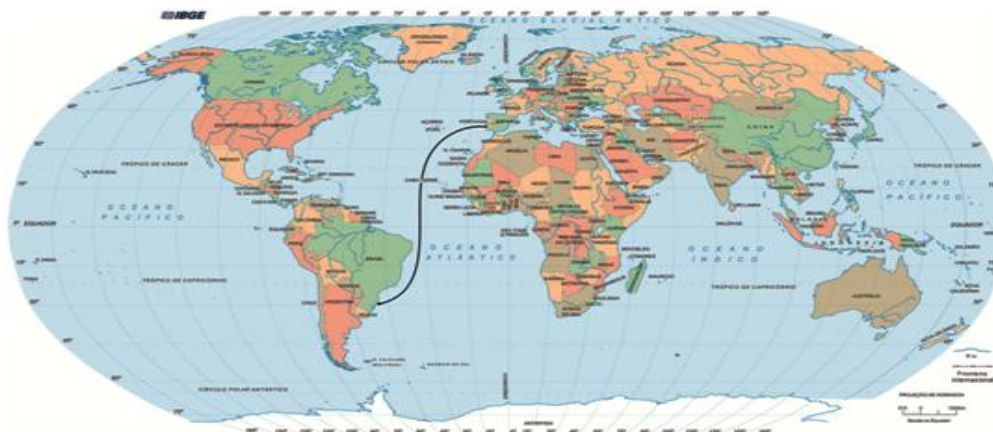
Fonte: Wiki Loves Monuments n. 97012159.

⁵ A Igreja Matriz de São Salvador de Ribeira de Pena é o local provável da ocorrência de cerimônias religiosas envolvendo familiares do guarda-mor, na época da migração para o Brasil.

Ainda se desconhece sobre as atividades do pai e as origens e ascendência (tábua de costado) do Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA, tampouco sobre as causas ou circunstâncias da vinda para o Brasil e a data de sua chegada. Sabe-se somente o nome dos pais (Antonio José Fernandes de Azevedo & Maria Alves da Conceição), o local de nascimento (Ribeira de Pena, Portugal) e seu ano aproximado (1776/77).

Pode ser que a vinda do guarda-mor tenha sido motivada pela difícil situação econômica e política de Portugal, em consequência da própria decadência, já há muito em curso, da então recente pressão do Governo Francês, e o aumento populacional, condizente aos índices europeus da época (NOVAIS, 1986, p. 127). As campanhas napoleônicas assolavam a Europa, prevendo-se então invasão à Portugal. A Era Napoleônica foi um período revolucionário, autoritário, centralizador e expansionista francês, iniciado em 1799 e fortalecido em 1804, quando Napoleão se coroou Imperador (PORTAL SÃO FRANCISCO. História Geral: Período Napoleônico, 2012). É possível que o guarda-mor tenha vindo para o Brasil por volta ou antes de 1804 (o casamento foi em Viamão, em abril de 1806).

Para se ter uma idéia do percurso da viagem, a distância entre Porto (Portugal) e Porto Alegre, é de 10 000 km, aproximadamente, trajeto localizado no Mapa 5.



Mapa 5 – Mapa Mundi Político, mostrando os países adjacentes ao Oceano Atlântico: ao nordeste, Portugal e o Arquipélago dos Açores (Região autónoma pertencente a Portugal) e, ao Sudoeste, o Brasil; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).⁶

Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Mapa Mundi Político. IBGE (1546 × 792).

A viagem, na época, era realizada por navio à vela e durava de 60 a 90 dias. O custo era elevado. O migrante deveria ser oriundo de família de posses, do contrário, necessitaria muitos meses ou anos de trabalho para poder poupar e comprar o bilhete. Às vezes,

⁶ O entorno do Oceano Atlântico é a zona relacionada diretamente com o casal genearca, MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA, tratando-se de suas origens (Portugal e Açores), do trajeto aproximado da viagem marítima migratória do guarda-mor e dos sogros e da terra adotada (o Sul do Brasil).

financiava-se a viagem (MONTEIRO, 2012). É provável que o guarda-mor, por morar relativamente próximo à Região do Porto (embora não se tenha certeza se ele ainda continuava morando em Ribeira de Pena, a terra natal), tenha partido desta cidade portuária (Gravura 1).



Gravura 1 – Cidade do Porto e Villa Nova do Gaia. Início do século XIX. Foto de M. J. S. Ferreira; Biblioteca Nacional.⁷ Fonte: IBGE/PASSEIWEB: Imigração Portuguesa – Geografia, 2007.

Ao contextualizar a migração na época, aborda-se a História da imigração portuguesa no Brasil, considerando-se quatro fases: 1ª) *imigração restrita* (1500-1700); 2ª) *imigração de transição* (1701-1850); 3ª) *imigração de massa* (1851-1930) e 4ª) *imigração de declínio* (1960-1991) (IBGE/PASSEIWEB: Imigração Portuguesa – Geografia, 2007). Focaliza-se a segunda fase, período da vinda do guarda-mor para o Brasil (por volta de 1804), a saber:

Durante a fase da *imigração de transição* [1701-1850], nos períodos de 1760-1791 [...], observou-se extraordinário aumento do fluxo de migrantes em alguns anos [...], e um fraco movimento em outros [...]. A origem sócio-econômica dos imigrantes [...] foi contrastante: aportaram no Brasil não apenas imigrantes de elite, mas também, minhotos pobres, expulsos de sua terra natal [...] devido à falta de trabalho. Estes, no entanto, não foram mais numerosos do que aqueles oriundos de camadas intermediárias ou superiores [...]. A população nesse período apresentou taxas de crescimento relativamente elevadas, [...] alta densidade demográfica na região: em 1801, enquanto em Portugal eram registrados, em média, 33 habitantes por km², no Minho a densidade populacional atingia 96 habitantes por km² (*Ibid.*, p. 3).

⁷ A cidade do Porto, nordeste de Portugal é o local de embarque do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA, e seu irmão, João Fernandes Penna. Início da viagem marítima migratória para o Brasil (por volta de 1804).

Não se sabe quando o guarda-mor chegou no Brasil, nem por onde andou antes de se casar em Viamão (1806) e se estabelecer em Santa Maria (entre 1806 e 1808). O Brasil era muito atraente à Europa, lugar de enriquecimento, propício a aventuras e migrações, a saber:

A partir do século XVIII, a imigração portuguesa no Brasil alcança cifras jamais vistas até então. Os fatores para esse crescimento imigratório foram a descoberta de ouro nas Minas Gerais, o aprimoramento dos meios de transporte aquáticos e o fluxo de colonos açorianos para o Sul. No início do século XVIII, a exploração das minas de ouro tornou-se a principal economia da colônia. O desenvolvimento e riqueza trazidos pelo ouro atraíram [...] grande contingente de colonos portugueses [...]. A notícia de que ouro havia sido achado correu a colônia. [...]. A notícia também [...] chegou a Portugal. Em pouco tempo, milhares [...] atravessaram o oceano em busca de fortuna no Brasil. O surto migratório que se deu de portugueses do Minho em direção às áreas mineradoras da colônia foi tão intenso que Portugal teve que baixar três leis proibindo a migração de pessoas do Noroeste português para o Brasil [...]. Em relação à lei editada em 1720, autoridades portuguesas afirmaram: "Tendo sido o mais povoado, o Minho hoje é um estado no qual não há pessoas suficientes para cultivar a terra [...]". A corrida do ouro [...] despovoou vilas inteiras [...] do Douro e de Trás-os-Montes. [...]. Milhares de portugueses venderam tudo [...] para conseguir comprar uma vaga em algum navio que partia para o Brasil. [...]. Nesse período vieram pessoas de todos os estratos sociais [...]. A maioria deles não tinha parentes ou amigos na colônia, tampouco recurso financeiro. [...]. Nos séculos XVIII e XIX, o Brasil exerceu verdadeiro fascínio sobre os portugueses. O Brasil tinha a imagem de ser o "eldorado", a terra onde era fácil [...] enriquecer. Grande parte dessa idéia se deve à ação dos *mineiros* e dos *brasileiros* em Portugal. O *mineiro*, no século XVIII, era o português que emigrava para as regiões mineradoras [...], fazia fortuna e depois voltava rico para Portugal. O *brasileiro de torna-viagem* ou, simplesmente, *brasileiro*, [...] era o português que emigrava para o Brasil no século XIX e voltava enriquecido. As figuras do *mineiro* e depois do *brasileiro* faziam parte do imaginário português [...] (WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Imigração Portuguesa no Brasil, 2011).

Possivelmente, a família do guarda-mor tenha incentivado a migração ao Brasil, em função da escassez de terra e trabalho e do fascínio pelo enriquecimento. Como não se conhece o nível socioeconômico da família do guarda-mor, não se sabe se houve ajuda financeira da família para a viagem. É provável que MANOEL FERNANDES PENNA tenha vindo de Portugal junto com o irmão mais velho (João Fernandes Penna), contextualizadas no seguinte:

Historicamente, os portugueses que partiam para o Brasil eram majoritariamente oriundos da região norte de Portugal [...]. O Noroeste português foi o que mais forneceu imigrantes para o Brasil, em especial o Minho [...]. O Sul de Portugal era dominado por latifúndios [...]. No Norte [...], predominavam pequenas propriedades agrícolas. Portanto, quem não adquiria um pedaço de terra estava fadado à pobreza. Sendo a região do Minho a mais densamente povoada de Portugal, formou com o Brasil [...] uma ampla rede de migrações [...]. Isso servia para se ter um equilíbrio entre a escassez de recursos, o crescimento constante da população e a falta de terras. Assim, famílias minhotas incentivavam a emigração periódica de seus filhos para o Brasil como forma de não sobrecarregar a economia baseada na pequena propriedade rural. Esses portugueses encaminhados [...] tinham um perfil típico: do sexo masculino, bastante jovens, muitos deles quase crianças, enviados para o Brasil pelas mãos de algum parente ou padrinho [ou com um irmão mais velho] [...] (WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre: Imigração Portuguesa no Brasil).

Com o exposto, a imigração portuguesa no Brasil, entre 1791 e 1807, era relativamente pequena. Têm-se hoje poucas informações a respeito, em função, também, de que muitos vieram clandestinos, pois era proibida a emigração na época e Região de Portugal ou restritiva, exigindo uma condizente e forte justificativa, ao preencher o passaporte, conforme Fernando Alberto Pereira de Sousa e Teresa Cirne (2007), comparada com antes e depois, considerando a decadência das minas no Brasil. Por outro lado, é possível que a conquista portuguesa das Missões (1801) e o interesse luso pelas riquezas, bem como o peculiar momento, na época, do Brasil e do Rio Grande, tenham influenciado a emigração do guarda-mor (possivelmente entre 1802 e 1805), combinada com o problemático cenário europeu, em função da expansão napoleônica (Portugal prestes a ser invadido pela França com apoio da Espanha).

A partir da fundação (lusa) da povoação de Santa Maria, a partir de 1797 (BELÉM, 1933, 3. ed. 2000 e BELTRÃO, 1958) e da conquista das Missões, em 1801 (COSTA, 1991), começava, oficial, intensa e efetivamente, o povoamento luso da Região Centro-Noroeste do Rio Grande do Sul, atraindo gente de tudo que é lugar, conforme o texto a seguir.

Quanto à procedência, vieram os primeiros moradores de Santa Maria e arredores dos mais diversos lugares: Paraguai, Argentina, Uruguai, Espanha, Portugal, Ilhas dos Açores, São Paulo (Sorocaba, Mogi das Cruzes, Mogi-mirim, Apiaí, capital, Itu etc), Paraná (Curitiba, Paranaguá, Lapa, Castro etc), Minas Gerais, Santa Catarina (Florianópolis, Ilha de S. Catarina, Laguna, Lages etc), Rio Grande do Sul (Triunfo, Missões, Viamão, S. Antonio da Patrulha, Rio Pardo, Taquari, Cachoeira, S. Amaro, Rio Grande, Porto Alegre, S. Francisco de Paula, Osório, Gravataí etc) e Colônia do Sacramento, [...] da Província Cisplatina (BELTRÃO, 1979, p. 62).

A Região onde hoje se situa Santa Maria, que antes era zona de fronteira, onde passavam linhas de limites entre os impérios espanhol e português, nesta época passava a ser, então, o centro geográfico do Rio Grande, pela vigência dos novos tratados e a conquista e a necessidade de povoamento das Missões. Santa Maria se firmava como ponto estratégico. O Rio Grande vivia, desde o século XVII até o século XX, em constantes lutas. Em função das questões fronteiriças, a luta pelo poder e a conquista de espaços, importantes conflitos armados foram deflagrados. A Região estava ligada a estes conflitos que, seguramente, repercutiram na vida do casal genearca e da descendência e cônjuges, implicando em questões políticas, econômicas, sociais e culturais.

O primeiro documento encontrado referente a MANOEL FERNANDES PENNA é de 1806, de seu casamento (Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, f. 17v.). No início da pesquisa, acreditava-se na possibilidade do guarda-mor ter vindo ao Brasil com a Corte (início de 1808), hipótese refutada a partir da descoberta do

documento de seu casamento, demonstrando que ele já estava no Brasil em 1806, embora ainda ficando a dúvida da data de sua chegada e dos locais por onde passou (antes de 1806).

A título de ilustração, quanto à questão do nome do guarda-mor, o sobrenome *Penna* pode ser escrito com um ou dois enes (Pena ou Penna). Normalmente, é escrito com dois (Penna), sendo assim o usado no trabalho. Por outro lado, pode acontecer que alguém tenha o sobrenome escrito da mesma forma e não ser parente e vice versa. Provavelmente, o guarda-mor acrescentou *Penna* ao sobrenome ao entrar no Brasil (BELÉM, 1933, 3ª ed. 2000; BELTRÃO, 1958 e BELLINASSO, 2000). No documento do acento do casamento (Cúria Metropolitana de Porto Alegre, Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, f. 17v., 1806), o sobrenome *Penna* já estava presente no nome. Como observação, as mulheres, até o início do século XIX, não usavam o sobrenome do marido. Além do mais, não era raro as mulheres usarem um sobrenome advindo da linhagem materna, muitas vezes de uma avó, como foi o caso da esposa do guarda-mor, FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA, que, ao casar, abandonou o sobrenome do avô paterno Diniz, em favor do da avó paterna Lima.

O guarda-mor se torna assim um dos dois *marcos patronímicos originais* da Família Penna no Brasil (ramo sulriograndense). Considera-se *MPO – Marco Patronímico Original* aquele que, pela primeira vez, se utiliza do sobrenome seguido pelos descendentes. Utilizou-se aqui a expressão *um dos dois* (referindo-se aos *marcos patronímicos originais*), porque o guarda-mor conviveu em Santa Maria com seu irmão, João Fernandes Penna, eles, vindos de Portugal (BELÉM, 2000). Assim, ambos inauguraram a Família *Penna* no Brasil (do ramo sulriograndense), embora a descendência do irmão João Fernandes Penna fosse bem menor, não estudada na pesquisa. Portanto, não cabe dizer o *MPO – Marco Patronímico Original da Família Penna (do ramo) Sulriograndense no Brasil* (no singular) referente ao guarda-mor, pois foram os dois irmãos os genearcas, patriarcas e *marcos patronímicos*.

Contudo, convém aclarar que existem outras famílias *Penna* no Brasil, a saber: a) *mineira*, b) *italiana*), c) *espanhola* e d) *outras famílias*. Esclarece-se a seguir: a) a *família mineira*, conhecido clã, primeiramente estabelecido em Minas Gerais no final do século XVIII (possivelmente vindos fugidos de perseguições políticas em Portugal, possivelmente entre 1780 e 1800), também vindo de Ribeira de Pena, cujo sobrenome *Penna* também acrescentado ao chegar no Brasil, família disseminada pelo Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Leste e Sudeste brasileiro; b) uma *pequena família italiana* presente em Cachoeira do Sul; c) uma *família espanhola* de nome original *Peña* ou *Penha* (aportuguesada) ou ainda Pena/Penna (corruptela) e d) *outras famílias*, de origem ignorada pelo pesquisador do estudo, sem ligação com as outras famílias mencionadas.

Voltando-se para a família foco do estudo, o guarda-mor teve alguma influência e participação política e sua família construiu *bons relacionamentos*, constatado a seguir:

Primeira qualificação eleitoral no distrito da Capela de Santa Maria da Boca do Monte. Relação dos 32 cidadãos votantes, pela qual se conhecem os nomes dos principais moradores de S. Maria na época: [...], João Antonio da Silva Cezimbra [genro do guarda-mor], [...], Antonio da Costa Pavão [avô de uma casada com um neto e de uma casada com um bisneto do guarda-mor], [...], Bento Xavier de Andrade [tendo um filho sogro de um neto do guarda-mor], [...], Francisco dos Santos Moraes [sogro de uma neta do guarda-mor], Manoel Fernandes Pena [o guarda-mor], [...], Manoel Antonio Teixeira [sogro de uma filha do guarda-mor], [...] (BELÉM, 1933, *apud* BELTRÃO, 1958, p. 32).

Além do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841), veio também de Portugal seu irmão, João Fernandes Penna (1769-1814), casado com Gertrudes Maria de Jesus (Celestina Dornelles de Souza) (Penna) (b.1789-1853), estes, casados em Cachoeira e estabelecidos em Santa Maria (por volta de 1808); eles (os irmãos), listados em 1810 e 1812 (BELÉM, 1933; BELTRÃO, 1958; BELLINASSO, 2000, p. 9,10). Havia uma próxima convivência entre estas famílias irmãs, confirmadas pelos posteriores casamentos de vários familiares da viúva do irmão do guarda-mor com os da família do guarda-mor. Esta proximidade deve ter sido importante suporte emocional e financeiro, quando da repentina e prematura morte do irmão do guarda-mor (deixando a viúva grávida).

Gertrudes teve grande importância na família, considerando os fortes vínculos de parentesco e amizade, por várias gerações. Além de ser cunhada e mãe de sobrinhos do guarda-mor, do primeiro casamento, e ter um irmão genro do guarda-mor, teve, do segundo casamento, uma filha, uma neta, um neto e um bisneto que se casaram com netos e bisneta do guarda-mor, demonstrado no Diagrama 2.

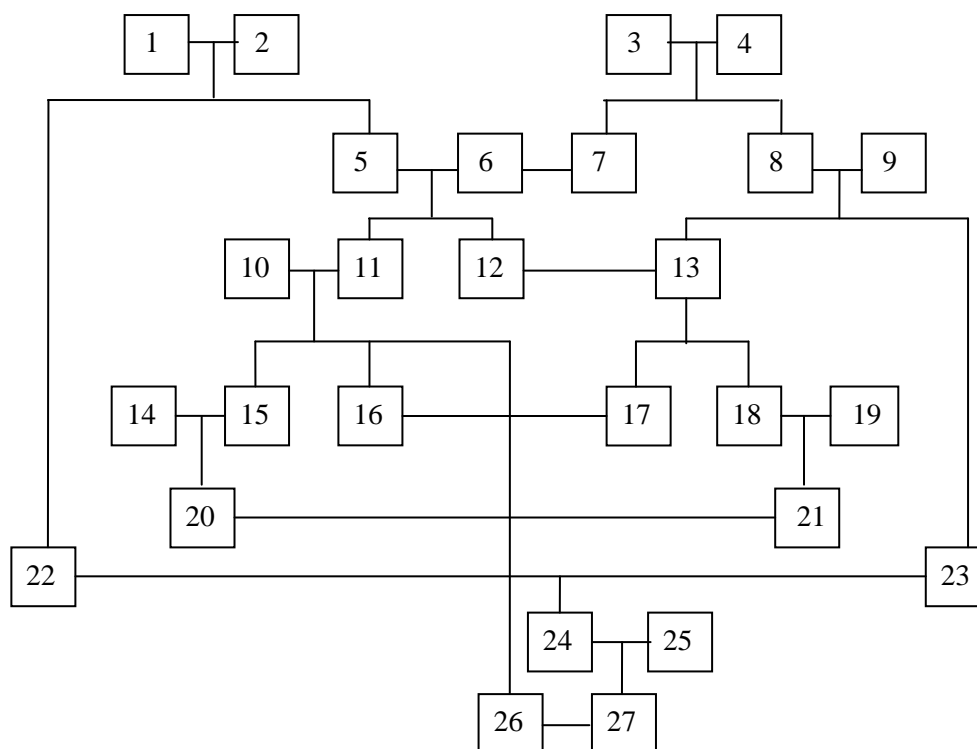


Diagrama 2 – Enlaces matrimoniais entre as famílias Fernandes Penna e Alves Dornelles / Dornelles (de Souza) e Silva (notadamente da descendência de Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza, estreitamente relacionada com a família do guarda-mor); a partir do Apêndice B (PENNA, 2013).

LEGENDA

- 1 Jeronimo Dornelles de Souza, pai de Gertrudes;
- 2 Maria Francisca de Jesus de Souza, mãe de Gertrudes;
- 3 Antonio José Fernandes de Azevedo, pai do guarda-mor e primeiro sogro de Gertrudes;
- 4 Maria Alves da Conceição, mãe do guarda-mor e primeira sogra de Gertrudes;
- 5 José Joaquim Alves Dornelles (1789 ?-1872), segundo marido de Gertrudes;
- 6 Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853), estreitamente relacionada c/ a família;
- 7 João Fernandes Penna (1769-1814), irmão do guarda-mor e primeiro marido de Gertrudes;
- 8 MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841), o guarda-mor;
- 9 FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA) (1788-1857), esposa do guarda-mor;
- 10 Anna Rosa Xavier (?- f. depois de 1884), nora de Gertrudes e sogra de (3) bisnetos do guarda-mor;
- 11 José Pedro Celestino Alves de Souza (1823-1884), filho de Gertrudes e sogro de (3) bisnetos do guarda-mor;
- 12 Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), filha de Gertrudes e nora do guarda-mor;
- 13 JOSÉ FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891), filho do guarda-mor (F6);
- 14 Carlota Emília Alves da Trindade (1854/59/73 ?- f. depois de 1888), sogra de bisneta do guarda-mor;
- 15 Manoel Celestino Alves Dornelles (1853-1888), neto de Gertrudes e sogro de uma bisneta do guarda-mor;
- 16 Ambrozina Celestina Alves (Penna) (1855-1905), neta de Gertrudes;
- 17 MANOEL (*MANECO*) FERNANDES PENNA (NETO) (1847-1902), neto do guarda-mor (N);
- 18 JOSÉ PEDRO (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926), neto do guarda-mor (N);
- 19 MARIA CANDIDA (*PRIMA/SINHÁ*) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), neta do guarda-mor (N);
- 20 Pedro (*Pedrinho*) Celestino Alves (1881-1932), bisneto da Gertrudes e genro de um neto do guarda-mor (Bn);
- 21 OPHELIA/OFÉLIA PENNA (ALVES) (n.1882/b.1883-1923), bisneta do guarda-mor (Bn);
- 22 Porfirio (José) Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70), genro do guarda-mor;
- 23 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70), filha do guarda-mor (F2);
- 24 PORFIRIO DORNELLES E SILVA F°/JR. (1827- f. depois de 1870/86 ?), neto do guarda-mor (N);
- 25 Camilla Candida Pires de Almeida (Dornelles) (1832 ?-?), nora de um filho do guarda-mor;
- 26 João Ignacio Celestino Dornelles (1857-?), neto de Gertrudes e genro de um neto do guarda-mor;
- 27 FRANCISCA CANDIDA (CELESTINO DORNELLES) (1860/64 ?-?), bisneta do guarda-mor (Bn).

Gertrudes era filha de Jeronimo José Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus de Souza (?-1827), estes, eram filhos de açorianos vindos da Ilha Terceira, estabelecidos na Região de Taquari, Triunfo e Santo Amaro. Foi batizada na Igreja Matriz de Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara), cujo templo, a título de ilustração, pode ser apreciado na Foto 2.



Foto 2 – Igreja Matriz de Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara. Foto de Tereza Mello Machado.⁸

Fonte: HPIP (Patrimônio de Influência Portuguesa). Fundação Calouste Gulbenkian. Imagens do Google, 2011.

Gertrudes se estabeleceu na Região de Santa Maria (em torno de 1808), no primeiro casamento, com o irmão do guarda-mor, João Fernandes Penna (1769-1814), vindo morrer por acidente (BELÉM, 2000, p. 78), cortando árvore (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 35). Depois de Gertrudes viubar, casou-se com José Joaquim Alves Dornelles (1789 ?-1872), este, tendo vínculos diretos com áreas próximas à divisa dos municípios de Santa Maria (Distrito de Arroio do Só/Sol) e Cachoeira (hoje Município de Restinga Seca), onde foi instalado um dos dois pólos de propriedade do guarda-mor (Pólo *Vacacaí-Mirim*).

O interior da Igreja Matriz de Santo Amaro é vista na Foto 3.

⁸ A Igreja Matriz de Santo Amaro (inaugurada em 1787, tombada como Patrimônio Nacional pelo IPHAN em 1998), de 1881 a 1938, município e, a partir de então, distrito pertencente ao Município de General Câmara, foi o local de batismo de Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza, cunhada do guarda-mor e depois, com o segundo casamento, sogra de um filho e irmã de um genro do guarda-mor (Fonte: Luiz Fernando Rhoden).



Foto 3 – Interior (altar) da Igreja Matriz de Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara.

Fonte: HPIP (Patrimônio de Influência Portuguesa). Fundação Calouste Gulbenkian. Imagens do Google, 2011.

Com intuito de esclarecer melhor a respeito da imigração açoriana, origem diretamente relacionada com a família da esposa do guarda-mor, evocam-se os estudos de José Almeida Pereira (2002, p. 261). A propósito, segundo ele, depois da criação da Capitania de Santa Catarina (1738), D. João V ordenou que "das ilhas dos Açores e da Madeira se transportassem para Santa Catarina e continente do Rio Grande quatro mil famílias para povoarem e cultivarem aqueles férteis países". A seguir, foram publicados editais nos Açores, dizendo:

"El-Rei faz mercê aos casais que quiserem se estabelecer no Brasil de facilitar o transporte e o estabelecimento à custa da sua Real Fazenda. Logo que chegarem a desembarcar no Brasil, a cada mulher de mais de doze anos e menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se darão 2 - 400 réis de ajuda de custo e aos casais que levarem filhos se lhes darão 1 - 000 réis por cada um para ajuda de os vestir. Ao chegarem aos sítios que hão de habitar, se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra com a sua lima e travadura, dois alqueires [27,132 litros] de sementes, duas vacas e uma égua e no primeiro ano se dará a farinha que se entender basta para o seu sustento..." (PEREIRA, 2002, pp. 261-279).

Porém, a Coroa Portuguesa não honrou seu compromisso, quanto ao "pagamento dos auxílios prometidos", quando as primeiras famílias açorianas, os "casais de número" ou "casais del-Rei", desembarcaram em Santa Catarina; tampouco a meta de quatro mil famílias. Mesmo assim, segundo Boxer (1981 *apud* PEREIRA, 2002, p. 261), o grupo de açorianos que ingressou "já teria sido suficiente para permitir uma alta frequência de sangue branco na

população da Região Sul do Brasil, diferentemente do que [...] se verificava nas demais regiões brasileiras, em que predominava o sangue africano” ou mesmo indígena.

No extremo sul do Brasil, [...] os açorianos demorariam um certo tempo para se adaptar, razão pela qual somente começariam a surgir descendentes entre os grandes estancieiros gaúchos a partir do final do século XVIII. Mas, a seguir, como informa José de Araújo Fabrício, no prefácio do livro de Dante de Laytano, [...], mais de uma centena de açorianos se estabeleceram com grandes estâncias em terras pertencentes aos atuais Municípios de Rio Pardo, Cachoeira, São Sepé, São Gabriel, Encruzilhada, Camaquã e Bagé (*Ibid*, pp. 261-279).

Neste contexto é que se insere a vinda, dos Açores para o Brasil, dos sogros do guarda-mor e a família Alves Dornelles / Dornelles de Souza, estreitamente relacionada, através de vários casamentos com integrantes da família, estabelecidos anteriormente em Santo Amaro (hoje distrito pertencente a General Câmara), vindos posteriormente para a Região, entre Cachoeira e Santa Maria, estabelecendo-se no hoje Município de Restinga Seca, vizinhando (pelo lado Leste) com áreas de propriedade do guarda-mor, entre o Vacacaí-Mirim e os morros da encosta (hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria).

Por outro lado, é possível que a família do guarda-mor tenha adotado um filho ou filha do recém falecido (João Fernandes Penna), cuja filha (neta deste), MANOELA LUIZA DE LIMA, fora uma das herdeiras da viúva do guarda-mor, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, mencionada como neta no inventário *post mortem* (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime). O inventário não explicita de quem ela era filha. Supõe-se que seja da sobrinha do marido (o guarda-mor) e filha de criação, Joaquina Fernandes Dornelles de Lima Penna (1814-possivelmente f. antes de 1857), esta, filha de João Fernandes Penna (1769-1814) & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853 ?) e que tenham a criado como filha, com a morte prematura do pai (1814).

A cunhada do guarda-mor, viúva do irmão (1814), casara-se de novo (1817) e uma filha, de suas segundas núpcias, tornou-se nora do guarda-mor [o filho do guarda-mor JOSÉ FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) se casara com Manoela Celestina Alves Dornelles (Penna) (1825- f. depois de 1903), esta, filha de José Joaquim Alvares/Alves Dornelles (1790 ?-?) & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853 ?), das segundas núpcias dela] e um irmão se tornou genro do guarda-mor [a filha (F2) MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70) se casara com Porfirio Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70), irmão de Gertrudes Maria de Jesus].

Não se sabe, ao certo, se os irmãos vieram juntos, nem se veio mais alguém. A historiografia dá mais informação do irmão do que do próprio guarda-mor, no que tange ao

local e época de nascimento e morte e de sua circunstância; isto, provavelmente, porque o guarda-mor morreu em Cachoeira (1841) e também tenha, por algum tempo, ali morado. Os dados a respeito do nascimento, casamento e morte do guarda-mor foram conseguidos em Cachoeira do Sul e Porto Alegre. Provavelmente, os pesquisadores do guarda-mor não os consultaram, pois o levantamento não foi difícil, uma vez estando nestas cúrias.

A esposa do guarda-mor, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, nasceu e foi batizada em Viamão, hoje Região Metropolitana de Porto Alegre. Nasceu em 14 de dezembro de 1788 e foi batizada em 21 de dezembro do mesmo ano (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento de Batismo de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L.5, f.55) e faleceu em Santa Maria em 26 de abril de 1857, sendo sepultada no extinto Cemitério *Santa Cruz*, hoje Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (CÚRIA METROPOLITANA DE SANTA MARIA, Assento Paroquial de Óbito de Santa Maria, Catedral, L. 1, f. 104). Seus pais foram Faustino Luiz Diniz (1737/38-1794 ?) & Anna Joaquina de Jesus (1748/49- falecida antes de 1846), das segundas núpcias dele, estes, casados em Viamão em 1782.

Conforme o genealogista Jorge Godofredo Felizardo (*apud* BELTRÃO, 1960, p. 19), o sogro do guarda-mor é Faustino Luiz Diniz. O historiador ROMEU BELTRÃO contesta. Este opta por Francisco Luiz de Lima, pois se parece com o nome da filha, FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA, e encontrou aquele nome no Arquivo do Bispado de Santa Maria (BELTRÃO, 1960, p. 19). Na verdade, neste bispado, foram encontrados documentos tanto com um como com o outro nome. O autor do presente trabalho prefere a conclusão de Felizardo, pois na maioria dos documentos concernentes do Bispado de Santa Maria e nos assentos paroquiais de Viamão, de batismo e casamento dela, constam, como pai, Faustino Luiz Diniz (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, f. 17v.) e este nome é encontrado entre descendentes.

A esposa do guarda-mor substituiu o sobrenome de solteira *Diniz* por *Lima*, advindo da avó paterna (FRANCISCA LUIZA DINIZ era o nome de solteira). Tratando-se de sobrenome, convém lembrar que até o século XVIII, as mulheres não costumavam levar consigo o sobrenome do marido e os critérios para os sobrenomes não eram bem definidos. Continuando, ressalta-se que as filhas do casal genearca tinham nome composto e todas com o mesmo segundo nome (FRANCISCA). Isto pode indicar uma importância e apressa pelo esposo/pai, o guarda-mor, dispensados à esposa progenitora (FRANCISCA LUIZA DE LIMA).

Conforme dito, os ritos de batismo da esposa do guarda-mor e o casamento aconteceram na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão (fotos 4 e 5).



Foto 4 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão. Foto de Ricardo André Frantz (2007).⁹
 Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Viamão, 2011.

Observa-se a rica ornamentação nos altares e nichos da Matriz de Viamão (Foto 5).



Foto 5 – Interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Viamão. Foto de Ricardo André Frantz (2007).
 Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Viamão, 2011.

A seguir, abordar-se-á a ascendência (Tábua de Costado) da esposa do guarda-mor, FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA. A terra de sua origem é basicamente a Ilha

⁹ A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão (tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1938), construída (a partir de 1747) no estilo barroco colonial (primeira missa em 1770), foi o local de batismo da esposa do guarda-mor, FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788), e seu casamento com guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA (1806).

Terceira e, pelo lado dos avós maternos, a Ilha do Faial, ambas nos Açores. O sogro do guarda-mor, Faustino Luis Diniz, era imigrante açoriano, primeiramente estabelecido na Ilha de Santa Catarina (Desterro, hoje Florianópolis), durante as primeiras núpcias. Fora casado com Maria de Jesus / da Conceição (1745 ?-1780), esta, nascida na Freguesia de São Mateus, Ilha Terceira, e posteriormente, nas segundas núpcias, casado com Anna Joaquina de Jesus, mãe de FRANCISCA LUIZA DE LIMA, então, estabelecidos em Viamão.

Faustino Luis Diniz nasceu na Freguesia de Vila Nova de Agualva, Concelho de Praia da Vitória, Norte da Ilha Terceira, Açores, filho do Capitão Mateus Lourenço Diniz & Maria da Conceição Lima (n.1702-?), este, nascido e batizado na Freguesia de Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, filho de Pedro Enes Diniz & Maria de Avila, estes, nascidos e batizados na Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, Açores, aquela (Maria da Conceição Lima), batizada na Freguesia de Agualva, Conselho da Praia da Vitória.

A mãe de FRANCISCA LUIZA DE LIMA, Anna Joaquina de Jesus (sogra do guarda-mor), nasceu na Ilha Terceira, Açores. Estabeleceu-se primeiramente na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis) ou na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Brito (posteriormente Enseada do Brito), próximo a Florianópolis, e posteriormente em Viamão. Era, filha de José Silveira de Medeiros (1715-?) & Josepha Maria de Santo Ignacio (1719-?), estes, nascidos e casados (1747) em Cedros, Ilha de Faial, ele, filho de Amaro Luis da Silveira (1686 ?-1746 ?) & Barbara de Medeiros (1675 ?-1745 ?) (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE, livros de registros/assentos paroquiais de Batismo, Casamento e Óbito de Viamão).

O sogro do guarda-mor partiu para o Brasil (Santa Catarina), em meados do século XVIII, a partir do antigo porto de Angra do Heroísmo, pela importância no contexto das rotas marítimas do Oceano Atlântico Norte e por ser o único do arquipélago, na época (Foto 6).



Foto 6 – Angra do Heroísmo e sua baía, vista do Monte Brasil (capital da Ilha Terceira, Açores).¹⁰
 Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. *Lobitinho's Região Autónoma dos Açores Travel Page*, 2011.

5.2 O Estabelecimento do Casal Genearca na Região Central do Rio Grande do Sul

O estabelecimento do casal genearca, MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1788-1857), na Região Central do Rio Grande, deu-se a partir de seu casamento. A cerimônia nupcial aconteceu na Igreja Matriz de Viamão (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), em 15 de abril de 1806 (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, f. 17v.). Ele tinha cerca de 29 anos de idade e ela, 17 anos e quatro meses. A partir de então, começava a saga da família Penna (o ramo luso sulriograndense a partir do guarda-mor) no Brasil, naquele momento inaugurada (sem contar a família colateral de seu irmão, João Fernandes Penna). A mobilidade espacial do guarda-mor era considerável desde o início do estabelecimento no Brasil, assim constatado: “O cruzamento de algumas referências a Manoel Fernandes Penna, encontradas em vários arquivos, permite deduzir que ele circulou por outras vilas da Província de São Pedro antes de requerer terras em Santa Maria” (RUBERT; ROSA; MOTEIRO, 2011, p. 41). Conforme ROMEU BELTRÃO (1958, 1979) e João Belém (1933,

¹⁰ Angra do Heroísmo (Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1983) foi o 1º porto das ilhas, local de embarque dos sogros do guarda-mor, Faustino Luiz Diniz & Ana Joaquina de Jesus. Início da viagem marítima migratória para o Brasil (meados do século XVIII, primeiramente estabelecidos em Santa Catarina, próximo à hoje Florianópolis-SC, e posteriormente em Viamão).

2000, p. 56-58), ele teria se fixado em Santa Maria em 1808. Mas é possível que tenha estado na Região antes de 1808, logo após o casamento em Viamão (1806).

O lugar escolhido para o casal se estabelecer, Santa Maria e entorno, situava-se, no início do século XIX, em um momento peculiar e ponto estratégico no desenvolvimento do Rio Grande do Sul, considerando a penetração, a conquista, a colonização, a exploração e o povoamento das Missões, na busca da efetiva e definitiva integralização do território da então capitania. A Região ligava à capital Porto Alegre com a fronteira e as Missões e, por sua vez, a fronteira com as Missões (antes, praticamente) via São Martinho.

Havia duas importantes rotas de penetração lusa nas Missões: a primeira, no Planalto, pelo quadrante nordeste do Rio Grande do Sul, vindo de São Paulo, passando pelo Paraná e Santa Catarina (primeiro com as Bandeiras, no século XVII, e depois com os tropeiros, no século XVIII e XIX); a segunda, na planície da Depressão Central, pelo Leste, a partir da fundação do forte de Rio Grande e Rio Pardo e a imigração açoriana, em meados do século XVIII, vindo da direção de Viamão e Porto Alegre (via Rio Jacuí) até Cachoeira e então a Santa Maria e São Martinho. Mas foi com a conquista das Missões, a partir da tomada, em 1801, de São Martinho, então forte da Coroa Espanhola, que esta segunda rota se fortaleceu.

Santa Maria dava seus primeiros passos como povoação lusa (1797), quando da retirada da Comissão Demarcadora de Limites (BELÉM, 2. ed. 2000 e BELTRÃO, 1979). Ao melhor contextualizar Santa Maria em seus primórdios, Cirilo Costa Beber (1998, p. 56) esclarece:

Uma região como a de Santa Maria, afastada da costa marítima e desprovida de rios navegáveis, tem como única alternativa de transporte o terrestre, [...]. Nos primeiros anos [...], o transporte era feito através das picadas abertas na mata ou por caminhos sinuosos que cortavam as grandes estâncias, então desprovidas de cercas. Os meios utilizados restringiam às montarias, às carretas [...] de bois.

Por volta de 1757, a Picada de São Martinho foi melhorada e alargada. Em 1820, Santa Maria já era um entreposto entre Porto Alegre e as Missões, o Norte e a Fronteira. (*Ibid.*, p. 56). Em 1840, a Picada do Pinhal foi aberta, encurtando o caminho do Centro e Sul ao Norte e Missões (Noroeste), dando motivos para o início da decadência de São Martinho.

A política portuguesa, de fins do século XVIII e início no século XIX, de “arregimentação” de pessoal (migrantes), com intuito de “ocupação territorial” e povoamento em direção ao Oeste: interior do continente, nas regiões das Missões e as fronteiras à Sudoeste (AGUIAR MELO; LOPES *et al.*, 2011, p. 24), abriu oportunidades para o guarda-mor e família. Foi-lhe outorgada uma “datta” de terra em 1809 (cerca de 272 ha), verificado na declaração do próprio MANOEL FERNANDES PENNA, a saber:

Diz Manoel Fernandes Penna que ele suplicante acha-se casado sem terreno algum [?] e trabalhar e a mais de dezenove dias [se estância] [...] a favor do falecido capitão Santos Martins que [...] já tem escravos [...] acham-se delimitados seus matos na costa da serra geral [...] a que tem um quarto de léguas de frente ao sul para campos de Joaquim Fraga com [?] légua de fundos ao norte para o sertão e a serra, confrontando pelo nascente com a data que pertence ao irmão João Fernandes Penna, e pelo poente com matos devolutos. [?] que nunca teve posse alguma de terras, e quer possuir estes matos para os cultivar (AHRS. Diretoria de Terras e Colonização. Autos de Medição n. 630. Santa Maria. 1874. F. 29 (f) *apud* RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 37).

Como o guarda-mor cumpria os quesitos, garantiu o seguinte despacho provincial:

Concedo ao suplicante sem prejuízo de terceiros meio quarto de légua de frente e fundos competentes com a obrigação de as cultivar dentre de um ano, e não poder vender nem alhear antes de cinco; aliás ficará sem efeito esta concessão. Porto Alegre, 08 de abril de 1809 (RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 37).

Os quesitos para se obter concessão exigia ser casado e ter “meios suficientes para cultivar”, com “obrigação de as cultivar” no prazo de um ano e “não poder vender nem alhear antes de cinco”. Não se tratava de uma grande extensão de campos, como a sesmaria. Por outro lado, havia interesse do guarda-mor em “possuir estes *matos* para os cultivar” (RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 38, 39), indicando o início da agricultura de subsistência no sopé da Serra Geral. Foi o germe do acervo patrimonial da família do guarda-mor, ampliado com posteriores aquisições, por posse ou compra.

De forma que, entre 1790 e 1810, em relativa calma, “mas em constante estado de alerta” (SCHMIDT, 2001, p. 169), a hoje Região Central do Rio Grande do Sul estava sendo incrementada em sua povoação, ainda com relativa facilidade. A situação viria se reverter, a partir de meados do século XIX, ficando então marcada por “um exorbitante aumento no valor da terra” (RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 40), a saber:

Além deste fator, outros contribuíram para que os irmãos Penna recebessem simples “dattas”. [...], chegaram ao lugar em um momento que a fronteira já estava praticamente fechada, em decorrência das concessões de sesmarias dos anos anteriores. Além disso, os dois irmãos não detinham patentes militares, o que constituía um pré-requisito, na época, para o estabelecimento de domínio sobre áreas mais amplas de terra. [...] Osório (2007, p. 93-96) aponta que [...] a expansão das fronteiras territoriais não era seguida pela facilitação do acesso à terra no Brasil meridional [...]. A monopolização fundiária e especulação imobiliária em torno da concessão de sesmarias ocorriam logo na sequência das conquistas de terra aos espanhóis, tornando-as indisponíveis aos pequenos e médios produtores que se encontravam [...] largamente disseminados por todo o território platino (*Ibid.*, p. 40).

No tocante à evolução da legislação referente à concessão de sesmarias no Brasil, alguns fatores a considerar. De 1682 a 1796, foi variado e contraditório o registro da

concessão de sesmarias no Brasil (RODRIGUES, 1970, p. 56). No alvará de 1785, dizia que as sesmarias deveriam ser dadas “com a condição essencialíssima de serem cultivadas”, o que muitas vezes não ocorria (*Ibid.*, p. 56). A mais adequada lei de sesmaria foi a de 1795, onde “era minucioso e detalhado, em face dos abusos, irregularidades e desordens,” com intuito de evitar o *latifúndio desperdiçado*, suspensa em 1796. O decreto de julho de 1808 atribuía aos governadores e capitães gerais a concessão das sesmarias, a confirmar no Rio de Janeiro. O de novembro do mesmo ano permitia “a concessão de sesmarias a estrangeiros, refletindo as primeiras preocupações pela imigração e colonização”. O alvará de 1809 ordenava que se não concedesse sem preceder de medição, criando o “juiz de sesmaria de cada vila”. O alvará de 1821 determinava que fossem “julgados valiosos os aforamentos de terrenos desmembrados das primordiais sesmarias pelos oficiais da Câmara” – um golpe ao Antigo Regime absolutista (RODRIGUES, 1970, pp. 56, 65). A partir da lei de 1850, só por título de compra poderiam ser adquiridas as terras devolutas, com exceções, no intuito de “promover o povoamento das extensas e longínquas fronteiras”. A revalidação da sesmaria só se faria quando a cultivo da terra tivesse sido empreendido (*Ibid.*, p. 65), muitas vezes não cumprida.

As alterações da legislação agrária no Brasil, de 1795 a 1809, certamente influenciaram a aquisição e evolução patrimonial do guarda-mor na Região Central do Rio Grande. É no contexto que se insere o estabelecimento e desenvolvimento do casal genearca – migrantes arregimentados pela política portuguesa a garantir a ocupação efetiva do território.

De todo modo, a análise de vários documentos relativos à família Penna aponta para um claro processo de ascensão social, que encontrou o seu auge – e talvez o seu principal apoio na concessão a Manoel Fernandes Penna do título de Guarda-Mor, nos idos de 1820. Esse processo de ascensão se evidencia pela posse de um plantel significativo de escravos [...] e também pela expansão por meio da posse espontânea e da compra do patrimônio fundiário dessa extensa família de colonizadores [...] (RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 41).

De modo que, quando da fixação do casal genearca na Região, entre 1806 e 1808, a povoação de Santa Maria contava com cerca de 800 habitantes, entre brancos, índios, negros e mestiços (BELÉM, 2000, p. 55; BELTRÃO, 1979, p. 50). O povoado possuía uma “humilde capela” (Gravura 2), provavelmente erguida no lugar do antigo Oratório deixado pela Comissão Demarcadora de Limites, em 1797 (BELTRÃO, 1958, p. 27; KARSBURG, 2007). Foi construída por volta de 1808/09 (BELÉM, 1933, 2000; BELTRÃO, 1979, p. 51, 52; KARSBURG, 2007), ilustrada no desenho em que o autor imaginou como teria sido a capela.



Figura 2

A primitiva capela de Santa Maria, erigida ao final da primeira década do século XIX, pelo Capitão Manuel Carneiro da Silva e Fozzoura, comandante do distrito de Vazcoas e da Guarda de São Pedro do Passo dos Ferreiros. Localizava-se no trecho inicial da Av. Rio Branco, com frente para a atual praça Saldanha Marinho, onde atualmente se encontra o monumento ao Coronel João Niederauer Sobrinho. Foi demolida em 1888, sendo parte do material utilizado para a construção do Theatro Treze de Maio. Em seu entorno vê-se o primitivo cemitério de Santa Maria.

Gravura 2 – Antiga Capela de Santa Maria; desenho de autor desconhecido (por volta de 1884).¹¹
 Fonte: Acervo fotográfico do AHMSM *apud* BELTRÃO, 1998, p. 22.

No cemitério da Capela de Santa Maria, onde hoje se situa a Herma Monumento a Niederauer, entre a Praça Saldanha Marinho e o início da Av. Rio Branco (canteiro central), foi sepultado o irmão do guarda-mor, João Fernandes Penna (1769-1814); a filha do guarda-mor, Constança Penna (1812 ?-1828); o sogro de uma filha do guarda-mor, Manoel Antonio Teixeira (1761-1831), pai do genro Manoel Teixeira Cezar; e Antonio da Costa Pavão (1763-1846), tendo bisnetos que se casaram com netos e bisnetos do guarda-mor (BELÉM, 1933, 2000, p. 58, 88). O cemitério funcionou até 1860 (BELÉM, p. 128; BELTRÃO, p. 46).

Na época do estabelecimento do casal genearca em Santa Maria (entre 1806 e 1808), a Capela de Santa Maria da Boca do Monte era apenas uma capela ligada a Freguesia de Cachoeira e esta, por sua vez, ao recém criado Município de Rio Pardo. De modo que Santa Maria se tornou capela curada praticamente só em 1814, quando o cura veio aqui residir, começando os registros paroquiais em Santa Maria, pois até então os assentos eram feitos nos livros de Cachoeira. Quando acontecia algum rito de passagem (batismo, casamento ou extremaunção) a ser registrado, era necessário ou ir a Cachoeira ou esperar pelo pároco, ou um padre designado, quando fosse à Santa Maria, em visita pastoral. De modo que muitos eventos (ritos de passagem) aconteciam domesticamente, deixando de serem registrados.

Na Igreja Matriz de Cachoeira, aconteceram ritos de passagens (cerimônias religiosas como batismo, casamento, etc) de alguns dos filhos e outros familiares do guarda-mor e esposa, podendo ser vista na Foto 7.

¹¹ A antiga Capela de Santa Maria, existente na época do estabelecimento do casal genearca na região de Santa Maria (construída em 1808/09), tornando-se Igreja Matriz quando Santa Maria se elevava à freguesia/paróquia (1837), derrubada em 1888 (KARSBURG, 2007), foi local onde aconteceram diversas cerimônias religiosas (inclusive ritos de passagem) envolvendo a família do guarda-mor.



Foto 7 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, hoje Catedral Diocesana de Cachoeira do Sul.¹²

Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul.

Com intuito de melhor entender a (recém) Região Central do Rio Grande do Sul no século XIX, retrocede-se no tempo, para os séculos XVII e XVIII, a saber:

[...] o processo de definição das fronteiras entre as coroas de Portugal e Espanha, na região platina, foi um dos mais conflituosos [...] (OSÓRIO, 2007; KLIEMANN, 1986). A região onde hoje se localiza Santa Maria esteve situada, desde os primórdios da ocupação colonial, na linha divisória de uma fronteira móvel e flexível, atravessada [...] pelos investimentos [...] de ambas as partes [...]. Já na primeira onda missioneira, os jesuítas, representando a coroa espanhola, instalaram algumas reduções nas suas proximidades a partir de 1632, [...] desalojadas pelos bandeirantes representantes da coroa portuguesa, nos idos de 1638 (PORTO, 1954).

12 A Igreja Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, hoje Catedral Diocesana de Cachoeira do Sul (inaugurada em 1799), atualmente com profundas alterações arquitetônicas advindas das reformas, foi o local de batismo de alguns filhos do guarda-mor e outras cerimônias envolvendo a família Penna.

Com a segunda onda missioneira, iniciada em 1687, a região retornou aos domínios das reduções jesuíticas, na forma de “postos”, capelas e estâncias.

A região, até então sob jurisdição do domínio espanhol, passou ao domínio de Portugal, por força do Tratado de Madrid, de 1750, tornando-se, a partir de então, lugar de entrecruzamento de forças militares de ambas as potências. Esse tratado tampouco trouxe [...] estabilidade [...], incidindo em uma situação não propícia à ocupação permanente do território. [...].

A intensa disputa territorial repercutiu decisivamente sobre a região após o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, quando foi instituída a Comissão Demarcadora de Limites [...] com partidas militares portuguesas e espanholas [...] (BELTRAO, 1979 *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 30, 31).

Portanto, as áreas onde foram, posteriormente, instalados os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), localizavam-se em zonas de fronteira, próximas às linhas de limites estabelecidos no Tratado de Santo Ildefonso (1777), entre os impérios ibéricos (Mapa 10). Se o Tratado de Santo Ildefonso tivesse tido sucesso, as áreas, onde posteriormente foram instalados os pólos de propriedade do guarda-mor, pertenceriam à zona de fronteira, próximas à linha de limite estabelecida no tratado. Um pólo acabou sendo instalado em um lado da linha e o outro do outro lado – o Pólo *Vacacaí-Mirim* no Império Português (a Leste) e o Pólo *São Xavier*, nas Missões, no Império Espanhol (a Noroeste).

Posteriormente, o Continente de São Pedro do Rio Grande, a partir da oficialização e efetivação da Capitania, logo depois Província e ainda depois Estado, passou por uma série de divisões administrativas, sendo que as primeiras podem ser visualizadas no Mapa 6.



Mapa 6 – Capitania de São Pedro do Rio Grande, com a primeira divisão políticoadministrativa, com os 4 municípios fundadores (1809); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).¹³
 Fonte: AHRGS (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul).

Com as posteriores divisões do Rio Grande do Sul, os dois pólos de propriedade do guarda-mor passaram a pertencer a zonas de divisa entre municípios e regiões do Estado. De modo que, em mais de uma época, ambos os pólos estiveram posicionados em zonas de fronteira ou divisa, mostrado, de certa forma, nos mapas 7 e 8. A Província de São Pedro do Rio Grande, em sua divisão políticoadministrativa, tinha 14 municípios, à época da criação dos municípios de Cruz Alta e São Borja (1834/35), portanto, cerca de sete anos antes da morte do guarda-mor (1841).

Por volta da morte do guarda-mor (1841), Santa Maria era sede de freguesia (desde 1837), porém ainda ligada ao Município de Cachoeira (desde sua emancipação de Rio Pardo, em 1820). Quando a esposa morreu (1857), Santa Maria era um distrito ligado a Cachoeira, tendo sua emancipação efetivada um ano depois, em 1858 (BELÉM, 1933, 2000; BELTRÃO, 1958). Santa Maria teve um significativo crescimento até 1835, tanto na proliferação de

¹³ A Capitania de São Pedro do Rio Grande se formou com a instalação dos 4 municípios fundadores (1809), à época do estabelecimento do casal genearca, tratando-se da terra adotada, região de Santa Maria, então pertencente ao Município de Rio Pardo (em amarelo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).

estâncias como no comércio, constatado no diário de viagem do francês Arsene Isabelle (1834), quando irrompeu a Revolução Farroupilha (*apud* BELÉM, 2000 p. 90).

Santa Maria e Região teve a emergente prosperidade interrompida pela Revolução Farroupilha (de 1835 a 1845), tendo sido “depauperada” e diminuída a população masculina em idade produtiva. “Fazendeiros e agregados, comerciantes e auxiliares, agricultores e peões [...] abandonaram suas ocupações produtoras para pegar em armas, uns levados por ideal, outros por instinto de defesa”. Não havia espaço à neutralidade (*Ibid.*, p.93).

Aristilda Rechia (1985, p. 36) descreve a situação dos serviços religiosos no período:

Em 1841, os santa-marienses perderam as esperanças de paz e os revolucionários, outra vez, voltam a incorporar as fileiras da luta. A igreja, novamente cerra suas portas: o conforto da religião [...] deixa de existir; não são realizados, pois, nem casamentos nem batismos, nem encomendação dos corpos.

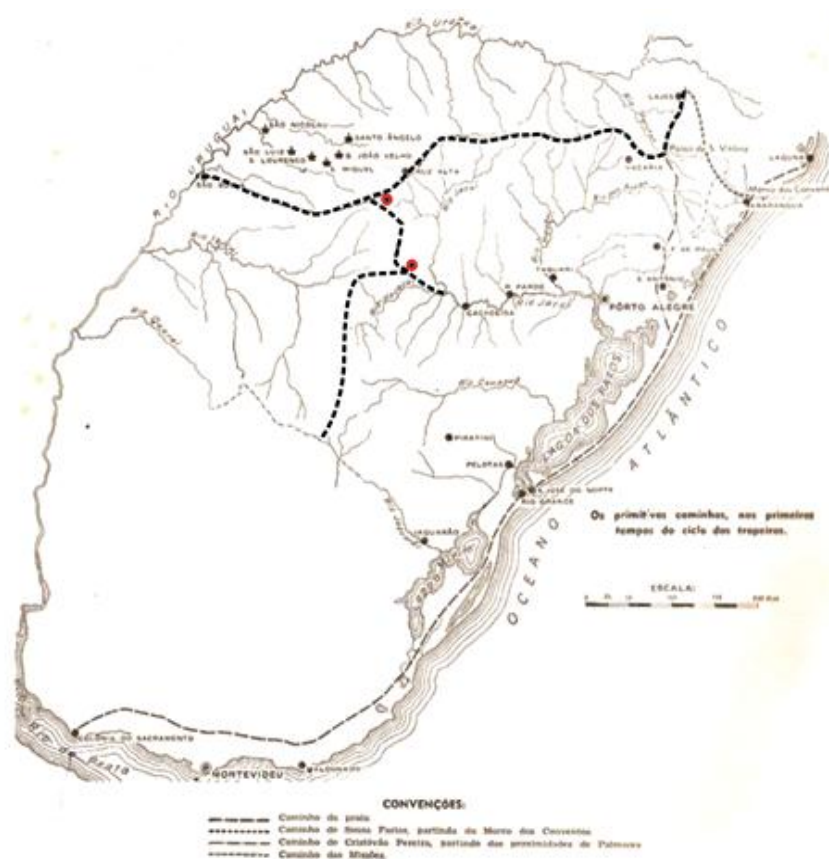
Aos poucos, depois da contenda, “os campos começaram a ser povoados de novo, e as terras aradas. A faina nas fazendas recomeça com vigor, procurando cada qual ressarcir-se dos prejuízos materiais a custo de esforços inauditos” (COSTA BEBER, 1998, p. 137). Ainda em 1858, ano da emancipação, Santa Maria se ressentia dos efeitos maléficos da guerra, ainda vivendo em “estado de convalescência” (BELÉM *apud* *Ibid.*, p. 137). Então, Santa Maria foi gradualmente se desenvolvendo, até que chegaram os trilhos (1885) – iniciava o ciclo ferroviário, tornando-se um importante entroncamento (*Ibid.*), quando a próxima geração (os filhos, filhas, genros e noras do guarda-mor), foi morrendo (no último quartel do século XIX).

O comércio sempre teve importância em Santa Maria, desde o início século XIX até os dias de hoje, principalmente devido a sua estratégica posição geográfica. Antes, isto se dava em função do caminho às Missões e depois, com a construção dos caminhos de ferro, o centro que distribuía os trilhos para diversas direções, confirmado no seguinte texto:

Santa Maria, centro do estado do Rio Grande do Sul, nesse momento, tinha no comércio seu eixo de desenvolvimento. Sua posição geográfica estratégica fez com que se tornasse o principal entroncamento das linhas férreas no estado, especialmente a partir da construção da linha Porto Alegre-Uruaiana (iniciada em 1875 e tendo seu primeiro trecho entregue em 1884), fazendo dela um dinâmico entreposto comercial (GRUNEWALDT, 2010, p. 336).

O estabelecimento do casal genearca na Região Central do Rio Grande estava plenamente inserido no contexto da então Capitania/Província, sendo que, no início do século XIX, os interesses da Região estavam voltados às oportunidades das Missões. Além do fato dos dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*) estarem inseridos em zonas envolvidas com questões de fronteiras, limites e divisas, situavam-se também em

zonas próximas a importantes entroncamentos da época, portanto estrategicamente bem posicionados. Estas encruzilhadas interligavam regiões e faziam as vitais conexões, inclusive direcionadas aos caminhos que levavam às Missões, a explorar a Região. Ligavam Porto Alegre às Missões e à Campanha, e esta às Missões, e dali ao centro do Brasil. Através destes caminhos, buscavam-se andar pelos lugares mais altos e enchutos – os divisores de água, evitando passagens pelos rios maiores, complicadas no inverno (Mapa 7).



Mapa 7 – Continente e depois Capitania do Rio Grande e os principais caminhos em direção às Missões à época do Ciclo dos Tropeiros (a partir de 1727, aproximadamente); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).¹⁴
 Fonte: VELLINHO, 1970, p. 182.

Infelizmente, nenhuma menção referente ao guarda-mor (ou familiares) foi encontrada nas interessantes impressões deixadas nos relatos de viagens dos visitantes estrangeiros que andaram pela Região no século XIX, em missão científica ou artisticocultural. É possível que um dos motivos seja, apesar de ambos os pólos de propriedade do guarda-mor estivessem próximos a importantes caminhos, pelo fato da sede das fazendas não estarem à beira das estradas gerais, necessitando os viajantes adentrarem nos campos e matos das propriedades.

¹⁴ Os dois pólos de propriedade do guarda-mor, *Vacacaí-Mirim* (1) e *São Xavier* (2) foram posteriormente instalados próximos aos antigos caminhos que se dirigiam às Missões e Fronteira Sudoeste (seguindo os divisores de água).

A Região (que a partir da tomada das Missões, em 1801, tornara-se) central do Rio Grande atraía gente de tudo que é lugar, estando inserida em importantes rotas e entroncamentos, como demonstrado no Diagrama 3.

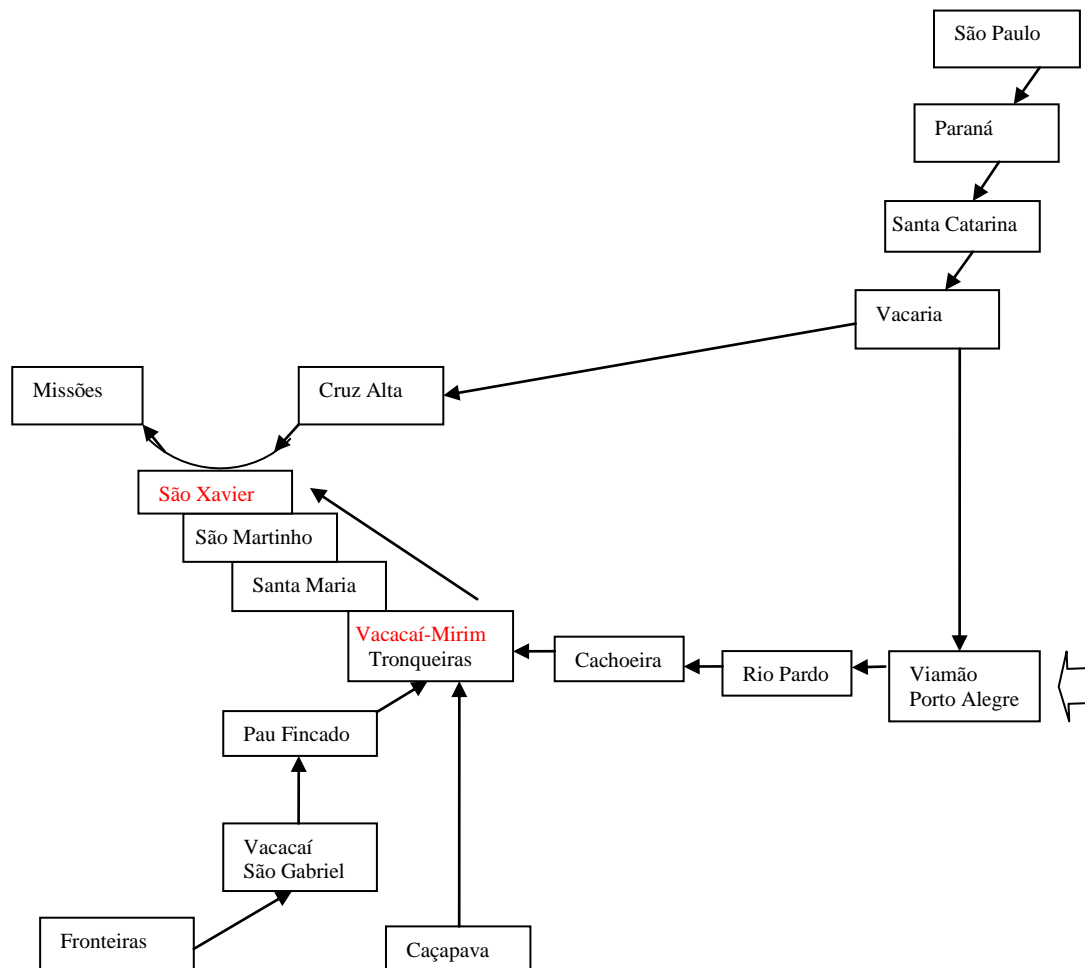


Diagrama 3 – Principais Rotas para as Missões (século XVIII e XIX), com destaque (em vermelho) para os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*).

Conforme o diagrama anterior, os dois pólos de propriedades do guarda-mor eram estrategicamente bem posicionados, podendo-se considerá-los *sítios privilegiados*, em função dos entroncamentos relativamente próximos. Estavam ambos no entorno e relacionados a um contexto de encruzilhada (bifurcação de caminhos) em importantes rotas da Região na época, oferecendo oportunidades socioeconômicas sem precedentes, considerando a época e Região. A partir da matriz geográfica da movimentação pelas principais rotas que passam pela Região Central do Rio Grande, insere-se a matriz geográfica da movimentação da família do guarda-mor em suas viagens e migrações, basicamente no século XIX (Diagrama 4).

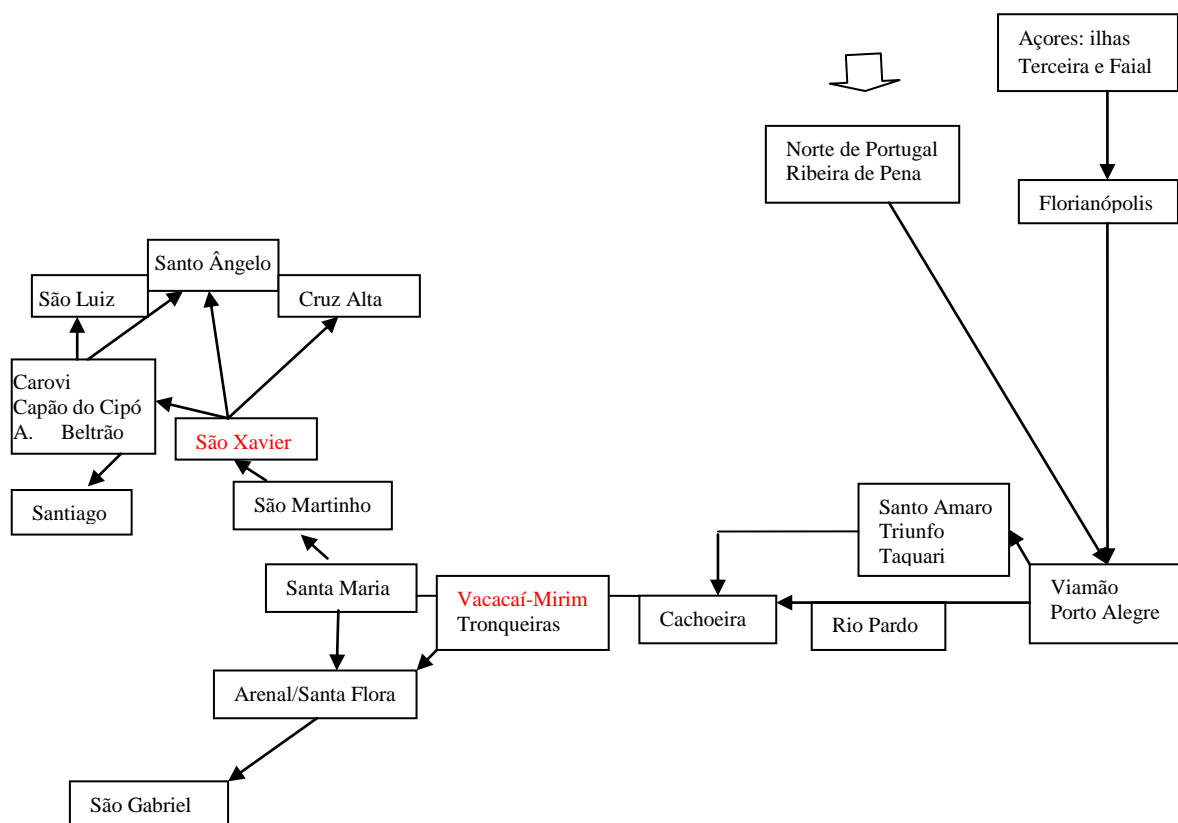


Diagrama 4 – Representação gráfica da rota matriz migratória dos clãs advindos do casal genearca, com destaque (em vermelho) para os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*).¹⁵

Desse modo, a movimentação migratória da família do guarda-mor se contextualiza na direção migratória açoriana na virada do século XVIII/XIX, vinda primeiro do Leste ao Centro (Santa Maria) e dali ao Noroeste (no sentido das Missões), lugares agrupados pelo fato de “as mesmas famílias se terem distribuído pela região. Assim, fundadores de Santa Maria tiveram seus filhos e netos como primeiros habitantes” do Planalto imediato: Vila Rica (Júlio de Castilhos), São Martinho, São Xavier e Tupanciretã. Considerando que “as famílias açorianas fizeram uma trajetória longa e difícil, subindo a Picada de São Martinho, até chegar ao território do planalto” (SILVEIRA, 2002, p. 239, 240).

Em outro aspecto, um fato curioso é que as questões interioranas de fronteiras entre países e divisas entre municípios e regiões *perseguem* a família do guarda-mor, desde o final do século XVIII. Isto se deu tanto em Portugal e a Ilha Terceira (Açores) como em Santa Maria e Região, em ambos os pólos de propriedade (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), a saber.

¹⁵ A rota matriz migratória dos clãs deste estudo advém da procedência e mobilidade espacial dos formadores dos clãs advindos do casal genearca e gerações dos filhos e netos, com destaque para os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*).

O concelho de Ribeira de Pena (Mapa 8) está situado na divisa entre os distritos de Vila Real e Braga, entre as regiões/províncias do Minho, Trás-os-Montes e Douro, e próximo às fronteiras entre Portugal e Espanha, com Galícia e Leão/León.

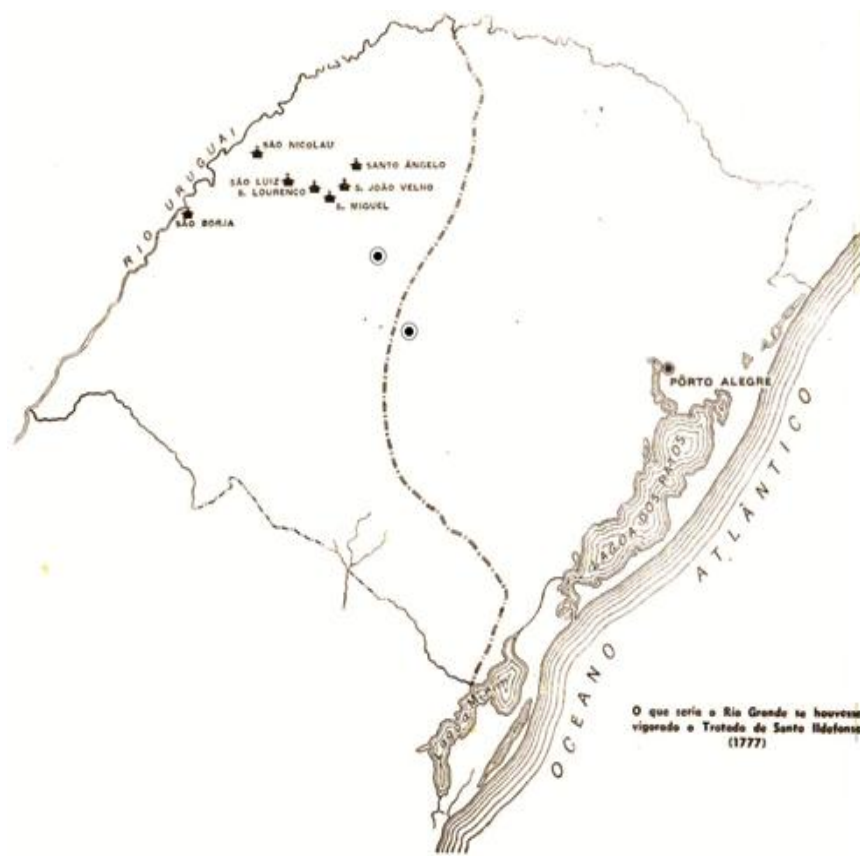


Mapa 8 – Portugal com as antigas províncias (em torno da segunda metade do século XVIII); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012). (150 × 314 pixels, tamanho: 10 kB, tipo MIME: image/png).¹⁶
 Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre: Antigas Províncias Portugal, 2011.

A Ilha Terceira está dividida em dois concelhos: Angra do Heroísmo e Praia da Vitória (esta, à qual pertence à Freguesia de Aqualva, onde nasceu o sogro do guarda-mor). Aqualva está situada relativamente próxima à divisa entre os dois concelhos.

A Região, com as áreas onde posteriormente foram instalados os pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacá-Mirim* e *São Xavier*), esteve, desde o século XVIII, envolvida com questões fronteiriças entre os dois impérios ibéricos (Mapa 9).

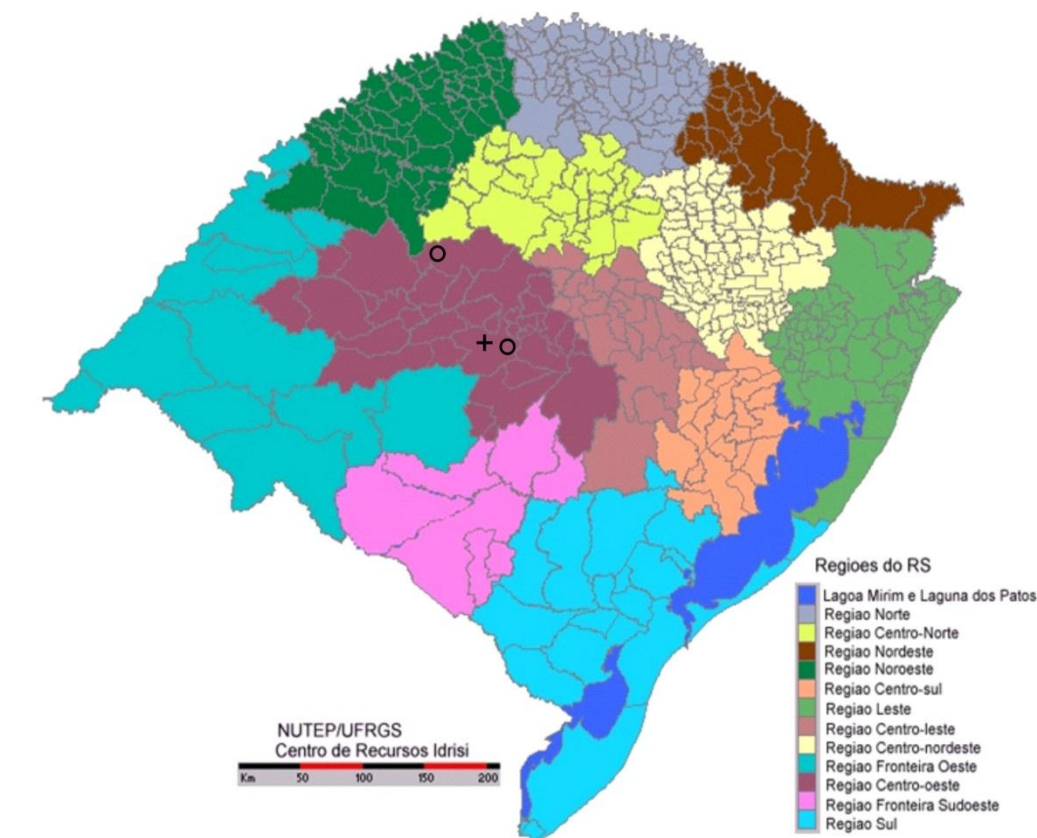
¹⁶ O Concelho de Ribeiro de Pena se localiza no Distrito de Vila Real, norte de Portugal, este, dividido em 6 antigas províncias (2ª metade do século XVIII), na época do nascimento do guarda-mor, MANOEL FERNANDES PENNA (por volta de 1777).



Mapa 9 – Continente e depois Capitania de São Pedro do Rio Grande, com a linha de limite proposto pelo Tratado de Ildefonso (1777); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).¹⁷
 Fonte: VELLINHO, 1970, p. 109.

Posteriormente, fazendo uma relação com os tempos atuais, as áreas de abrangência dos clãs advindos do guarda-mor, em seus primórdios, podem ser vistas no seguinte mapa do Estado do Rio Grande do Sul, com as sucessivas subdivisões políticoadministrativas. Os pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*) acabaram ficando situados próximos a divisas entre freguesias (paróquias), distritos, municípios, comarcas e regiões. Além do que ambos os pólos se situavam próximos a fronteiras naturais, confirmados pela hidrografia, relevo, topografia e vegetação, caracterizados nos distintos tipos de culturas de exploração. A questão das divisas e fronteiras é ilustrada no mapa 10, com destaque para os dois pólos de propriedade do guarda-mor.

¹⁷ Os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*) foram posteriormente instalados em ambos os lados da antiga linha de limite proposto pelo Tratado de Ildefonso (1777), destacados nos dois círculos no centro.



Mapa 10 – Estado do Rio Grande do Sul, com a divisão politicoadministrativa em municípios e regiões; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).¹⁸

Fonte: NUTEP/UFRGS – Centro de Recursos Idrisi, 1994.

Por mais que se tenha tido, no decorrer do tempo, diversas abordagens na divisão do Rio Grande do Sul, desde muito tempo, conforme a situação e os propósitos, os pontos de referência na distribuição geográfica e áreas de abrangência dos clãs advindos do guarda-mor, a partir de ambos os pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), tem se situado em regiões de transição, áreas próximas a divisas municipais ou regionais, recebendo, portanto, influências diversas. Isto, de certa forma, deu-se nas antigas divisões territoriais do passado e acontece também nos dias de hoje, levando-se em conta questões naturais, culturais, políticas, sociais e econômicas.

No entanto, embora ambos os pólos de propriedade do guarda-mor, estejam incluídos praticamente na mesma Região (na Região Central do Rio Grande do Sul), possuem características distintas. Enquanto o Pólo *Vacacaí-Mirim*, na planície da Depressão Central, limitando-se ao Norte com os morros da encosta da Serra Geral, hoje, corresponde a zonas com maior facilidade de acessos (especialmente no sentido Leste-Oeste), próximas a núcleos

¹⁸ Os dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), embora com consideráveis diferenças, situavam-se praticamente na mesma região (dois pequenos círculos), sendo que a cruz (no meio) é a cidade de Santa Maria.

urbanos e *colônias*, com predominância de médias e pequenas propriedades, com lavouras de arroz (a partir de 1930, aproximadamente), agricultura de subsistência e chácaras (algumas como casa de campo ou até mesmo moradia, enquanto se trabalha na cidade), zona inclusive com potencial turístico; o Pólo *São Xavier* está situado no Planalto, em uma região que acabou ficando mais isolada, quase estritamente focada na produção primária em larga escala, com predominância da monocultura em grandes fazendas de criação de gado e lavoura de soja e, em menor escala, trigo ou pastagens de inverno (azevém e aveia).

Quanto à distribuição geográfica dos clãs, a bipolarização das propriedades (pólos *Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*) explica, por um lado, a tendência, de alguns ramos familiares em irem se fixando, além do epicentro de Santa Maria, direcionando-se geograficamente de modo bipolar. Uns ramos foram se estabelecendo no quadrante Centro-Noroeste do Rio Grande do Sul e outros no Centro-Sul-Sudeste, acompanhando a onda migratória Leste/Centro/Noroeste (em direção às Missões), frequente na época. O fator geográfico, quanto aos dois pólos de propriedade do guarda-mor, foi valorizado no texto, devido à busca por uma: a) melhor contextualização do cenário da trajetória do casal genearca, foco do estudo, e b) melhor compreensão dos fatores influenciadores e repercussivos quanto aos direcionamentos na fixação dos clãs, com o passar das primeiras gerações.

Portanto, nos seus primórdios, os clãs foram se direcionando e estabelecendo a) aos quadrantes Sudoeste, Sul e Leste (os hoje distritos de Arroio Grande, Palma, Pains, Arroio do Só/Sol, Santa Flora e São Valentin, no Município de Santa Maria, e os municípios de Dilermando de Aguiar, São Pedro do Sul, São Vicente do Sul, Cacequi, São Gabriel, São Sepé, Formigueiro, Restinga Seca e Cachoeira do Sul), influenciado, de certa forma, pelo Pólo *Vacacaí-Mirim*, e b) ao Norte e Noroeste (o Distrito de Santo Antônio e os municípios de São Martinho da Serra, Júlio de Castilhos, Tupanciretã, Santiago, Capão do Cipó, Bossoroca, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, Catuípe, Jóia e Cruz Alta), influenciado pelo Pólo *São Xavier*.

5.3 O Desenvolvimento Socioeconômico e as Atividades do Casal Genearca e Família

O guarda-mor foi um dos primeiros povoadores de Santa Maria, listado em 1810, 1812 e 1825 (*apud* BELÉM, 2000; BELTRÃO, 1979). Foi relacionado, na primeira eleição, como um dos 32 cidadãos *eleitores votantes*, representando Santa Maria perante a Câmara Municipal de Cachoeira, em 1827 (BELÉM, 2000, p. 84; BELTRÃO, 1979). Pelo fato de

Constancia (F3), a filha que morreu adolescente, ter sido sepultada na sacristia da Capela de Santa Maria (1828), denota certa importância que o guarda-mor tinha na sociedade local.

Quanto aos afazeres e produção, presume-se que as atividades do casal, além da função de guarda-mor dele, se desenvolvessem (concomitantemente e pendendo a uma ou outra, conforme o momento) em torno da pecuária extensiva e agricultura de subsistência, conjugadas com atividades ligadas à produção de manufaturados, tanto de consumo doméstico como à venda, constatado no levantamento dos escravos e bens móveis (semoventes, mobiliário, utensílios e ferramentas) arrolados no inventário *post mortem* da viúva (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime).

A trajetória do casal genearca, por um lado, estava inserida no contexto do cenário rio-grandense na primeira metade do século XIX, abordado por Guilhermino Cesar (1978, p. 11):

Da prosperidade econômica a influência política, foi um passo na vida do estancieiro. A organização monárquica precisava desses potentados da terra, não só para compor a sua nobreza iletrada, como para reforçar os quadros administrativos da província. Diante do inimigo platino, [...] no Sul como no Oeste, os senhores latifundiários do Rio Grande formaram a guarda avançada dos reis portugueses e, depois, dos príncipes abasileirados da Casa de Bragança. Os interesses do clã rural harmonizavam-se [...] com os do Estado, na defesa das linhas fronteiriças. E, assim, os estancieiros lhe forneceram [...] homens para o exército, bois para o munício das tropas, cavalladas, carretas, e a coragem rústica dos peões, alma das lutas contra o poder castelhano enraizado em ambas as margens do Prata.

Por mais que as atividades, em torno do casal, estivessem inseridas no contexto da época e local (terra adotada), por outro lado, tinham recebido influências, advindas tanto do Norte de Portugal, a origem dele, como também da Ilha Terceira, nos Açores, pertencente a Portugal, origem dela. Provavelmente, trouxeram certos hábitos de produzir determinados produtos e cultivar de determinada forma, podendo distinguir-se da média local de produção. Provavelmente, eles estivessem acostumados a cultivar em região de morros, pois suas terras de origem caracterizam-se por vales e montanhas, sem extensas planícies.

Por outro lado, a tendência dos açorianos e portugueses foi de se adaptarem ao meio sulriograndense e às tendências mercadológicas da época, conforme o texto a seguir:

Os próprios filhos dos pacíficos açorianos tornaram-se fazendeiros, abandonando as terras de cultura e lançando-se para a campanha, na ânsia de latifúndio. A cultura do trigo outrora florescente, havia decaído ao mínimo, insuficiente já para as próprias necessidades do consumo. Acontecendo, num ano chuvoso, serem os trigais atacados pela “ferrugem” [fungo], isso bastou para que os lavradores desanimassem, abandonando a cultura do precioso cereal. E que já estavam seduzidos pelas vantagens que o pastoreio oferecia. [...] (FERREIRA FILHO, 1978, p. 67, 68).

Ao analisar o inventário *post mortem* da viúva (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime) e conforme Ana Lúcia Aguiar Mello (2011), tem-se a idéia de que a família do guarda-mor tinha uma produção mais diversificada em relação a muitos dos que se tornaram fazendeiros (exclusivamente criadores), observando a diversidade de ferramenta, implementos e utensílios e o plantel de escravos no inventário.

A produção da família estava baseada no antigo sistema de escravidão moderna, vigente na época no Brasil (FARINATTI, 1999, 2010 e SAES, 1985). O número de escravos envolvidos com a produção do guarda-mor estava acima da média local, em relação à quantidade de terra possuída. No inventário *post mortem* da viúva do guarda-mor, foram encontrados 18 escravos (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 63). A quantidade estimada de 25 escravos por senhor dono foi a maior referência encontrada na Região de Santa Maria e praticamente todos os outros encontrados (com cerca dos mesmos números) possuíam maior quantidade de terras. Isto pode indicar que a família do guarda-mor produzia com maior diversidade agrícola e manufatureira, como alternativas em relação ao tradicional da criação de gado na Região, embora existisse um número considerável de lavradores nacionais nas áreas florestais da Região de Santa Maria (FARINATTI, 1999). Desse modo, supõe-se que as atividades da produção primária do guarda-mor era de forma mista, ou seja, ele era, ao mesmo tempo, estancieiro (negócio com pecuária) e lavrador (negócio com agricultura), considerando que ele tinha terras tanto de campos como de florestas e as atividades estavam ligadas tanto ao sustento do seu pessoal como a venda do excedente.

A família do guarda-mor, até a geração dos filhos (e alguns casos até os netos), esteve fortemente inserida no sistema escravocrata de produção, constatado na historiografia e nas fontes primárias consultadas: “A tradição escravocrata da família Penna teve prosseguimento com os filhos(as) e genros do guarda-mor” (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 65). Ainda quanto à questão da quantidade de escravos, Bellinaso (2000, p. 39) menciona que a família do guarda-mor tinha “mais de duzentos escravos”. Infelizmente, o autor não cita a fonte. Considera-se esta quantidade por demais exagerada, fora de contexto.

Esta fundamentação vem de três principais fatores: a) a referência dos registros para a Região de Santa Maria (cerca de no máximo 25 escravos); b) uma região que não tinha uma pecuária desenvolvida – a principal produção da época (FARINATTI, 2010b, p. 252, 259) e c) a referência do número de escravos da Família Imperial Brasileira, em suas fazendas e palácios (cerca de 250). Por outro lado, foi encontrada outra referência, no antigo Município de Cachoeira, por volta de 150 escravos, nos estudos que estão sendo desenvolvidos sobre a escravidão no Rio Grande do Sul, a partir das fontes primárias dos arquivos de Porto Alegre.

Contudo, pode ser que Bellinaso se referisse à totalidade dos escravos nas diversas unidades familiares dos Penna, a geração dos filhos, dando cada unidade uma média de 20 escravos.

Confrontando com os bens, as atividades do guarda-mor e esposa, provavelmente, compreendessem a iniciativa privada e a pública. Ele, com função pública ligada ao fisco (pelo cargo de guarda-mor) e outra, atividade particular (por ser dono de propriedade e negócios rurais: criação de gado bovino, equino e muar e, provavelmente, com participação da esposa, produção de manufaturados, derivados da produção primária, entre o doméstico e o *proto industrial* (portanto, de modo germinal e elementar, de acordo com a época e lugar).

Luis Augusto Egling Farinatti (1999, p. 7 e 8) elucida questões agrárias e agrícolas, na época e região, a partir da análise de documentos da época e dos relatos de viajantes que andavam pela Região, como o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1821), a saber:

A análise do processo de apropriação fundiária em Santa Maria, através dos dados do Registro Paroquial de Terras, realizado em 1854-56, contando com um total de 356 declarações de terras, mostrou que cerca de 25 % dos proprietários de campos eram também donos de porções de terras florestais. Tal fato indica unidades produtivas mistas, dedicadas tanto à criação de gado (nos campos) quanto à lavoura de alimentos (nas zonas florestais). A lavoura de alimentos supria o pessoal da estância com gêneros básicos que podiam também ser comercializados, ainda que provavelmente em pequena quantidade. Além de atividade complementar à criação, a lavoura de alimentos, no caso dessas unidades produtivas mistas, desempenhava, também, um papel de retaguarda da produção pecuária. Quando esta estivesse em dificuldades, a produção agrícola de alimentos poderia mesmo colocar-se como atividade principal [...], gerando pequenos excedentes para comercialização. Possuir campos era ser potencialmente criador de gado, mas nem sempre [...] se concretizava. Os criadores poderiam abandonar a atividade pecuária ou voltar a ela conforme variavam as características da produção e comercialização ou suas próprias condições econômicas. Em uma região pobre como a de Santa Maria [...]. Por exemplo, a observação do mesmo Saint-Hilaire sobre as estâncias nas proximidades de Santa Maria: “Todos os proprietários amanham a terra, ao mesmo tempo que criam gado. Os donos da casa e seus filhos cuidam do gado, e os negros, da plantação”. Essa referência serviu de base para que a historiografia, por muito tempo, considerasse que os escravos não eram utilizados na [...] pecuária. Porém, se isso chegou a ser verdade à época da passagem do viajante francês [...], já não era mais em meados do século XIX [...]. SAINT-HILAIRE, A. Op. cit., 1997, p. 347. Nos inventários da amostra trabalhada, cerca de 31% dos donos de campos possuem também áreas florestais. Estudando as unidades produtivas agrárias do interior de Minas Gerais, Carla Almeida também verificou a ocorrência de unidades produtivas mistas, que dedicavam-se tanto à criação de gado quanto à agricultura de alimentos (ALMEIDA, 1994). [...], é possível que muitas unidades produtivas passassem por momentos nos quais podia se alterar a quantidade de gado ou terras existentes, em fases de expansão ou retração de investimentos, e mesmo de troca de atividades.

Embora não tenha sido encontrado documento designando MANOEL FERNANDES PENNA ao cargo/título de guarda-mor, a função de guarda-mor entrou na sua vida por volta de 1822 (à época da Independência do Brasil, quando o Rio Grande passava da condição de capitania para província), de acordo com indícios na historiografia e nas fontes primárias. Esta

incumbência também poderia lhe ter sido dada um pouco antes da Independência do Brasil, ainda do final do Brasil Colônia. A partir de 1823, a escrita do nome *Manoel Fernandes Penna* começava a ser antecedido pela palavra *guarda-mor*, tanto verificável na historiografia (BELÉM, 1933, 2000; BELTRÃO, 1958), como nos assentos dos livros de registros paroquiais de Batismo, Casamento e Óbito de Cachoeira, Santa Maria e São Martinho. Antes de 1820 a palavra *guarda-mor* não aparecia, ao ser mencionado seu nome.

Por outro lado, existia, na época e região, outro *guarda-mor*, o Barão de Ibicuí, Francisco (*Chico da Paula*) de Paula e Silva (1796-1879) casado com Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886). Era vereador na Câmara Municipal de Cruz Alta (por volta de 1841), um dos representantes do então 9º Distrito (São Martinho) e membro da comissão para auxiliar os guardas nacionais atuados na Guerra do Paraguai (por volta de 1869). O Barão de Ibicuí era sesmeiro (tendo outorga da sesmaria de 1821) e grande estancieiro (pecuarista) nos municípios de Júlio de Castilhos (antes pertencente ao antigo Município de São Martinho), Cruz Alta, Santo Ângelo e no hoje São Miguel das Missões, Santo Augusto e Catuípe. Eles foram pais também do Gal. Firmino de Paula e Silva (1844-1930).

O Barão de Ibicuí tinha uma filha casada com um neto do *guarda-mor* e um neto do Barão casado com uma neta do *guarda-mor* [o neto do *guarda-mor* Cap. JOSÉ ANTONIO FERNANDES CEZIMBRA (1835-1894) se casara com Clara Julia de Paula e Silva (Cezimbra) (1835 ?-?), esta, filha do *Guarda-Mor* Francisco (*Chico da Paula*) de Paula e Silva / Barão de Ibicuí (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886), e a bisneta do *guarda-mor* PAULINA CEZIMBRA (ANNES DA SILVA) (1858-?) se casara com o primo Alferes Francisco Annes da Silva / Francisco de Paula e Silva Annes / Francisco da Silva Annes (1859-?), este, filho do Coronel Manoel Lucas Annes (n.1821/b.1822-1889) & Maria Ubaldina de Paula e Silva / Maria da Silva (Annes) (?-1878/79), esta, filha do *Guarda-mor* Francisco de Paula e Silva (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886)] (Apêndice A, PENNA, 2013 e QUEVEDO; FONSECA, 2003).

Este outro *guarda-mor* tinha muitas fazendas no Planalto, Região Centro-Noroeste, e vínculos em Santa Maria. A fazenda mais próxima de Santa Maria (Fazenda *São Francisco do Pinhal*) se localizava relativamente perto, em uma espécie de *enclave*, formado por um estreitamento territorial do atual Município de Júlio de Castilhos, entre o Distrito de Val de Serra: Município de Júlio de Castilhos, os hoje municípios de Ivorá e Silveira Martins e a Localidade de Três Barras, no hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria.

É possível que o *Guarda-mor* MANOEL FERNANDES PENNA e/ou alguns de sua gente (familiares, bastardos, peões, escravos e agregados), estando no Pólo *Vacacaí-Mirim*,

para viajar ou se comunicar com o outro pólo de propriedade do mesmo guarda-mor (Pólo *São Xavier*), sem precisar passar por Santa Maria e São Martinho (fazendo um percurso maior), tenha feito e se utilizado de alguma estreita e precária picada de uso particular (hoje praticamente sem vestígio), através dos morros da encosta da Serra Geral, pelos fundos da propriedade do *Vacacaí-Mirim*. Este suposto caminho poderia ter ligado ambos os pólos de propriedade, passando pela fazenda do outro guarda-mor (em Val de Serra). Em 1840, foi aberta a Picada do Pinhal (hoje chamada Perau, ligando Santa Maria à Itaara), não precisando mais passar por São Martinho, portanto encurtando a distância entre a Região de Santa Maria e Júlio de Castilhos (em cerca de 40 km).

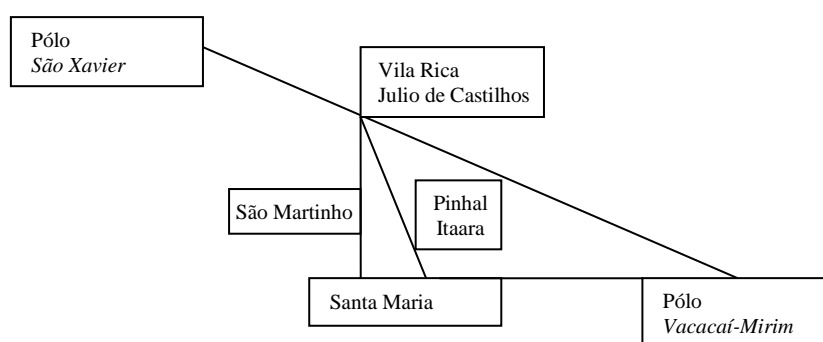


Diagrama 5 – Possíveis caminhos alternativos de ligação entre os dois pólos de propriedade do Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA.

A denominação do lugar, marco e riacho *Guarda-Mor*, na divisa dos atuais municípios de Silveira Martins e Faxinal do Soturno, é em alusão a este *outro guarda-mor* e não ao guarda-mor do estudo, como anteriormente se pensava (ainda que remotamente), pois este riacho nasce e percorre a área da Fazenda *São Francisco do Pinhal* (do *outro guarda-mor*).

Considerando o exposto, interessante e pertinente seria relacionar os dois guarda-mores, pois tinham praticamente funções similares, na mesma época e região, principalmente comparando os dois inventários *post mortem*, com intuito de elucidar questões sobre seus modos de vida e de suas famílias – diferenças e semelhanças. Isto daria outro projeto de pesquisa, complementar e derivado. O inventário de Francisco de Paula e Silva foi autuado em Cruz Alta em 1879 (N.245, M. 9, E. 61, A. 1879, F. Cruz Alta, C. Orfãos e Ausentes) e o de FRANCISCA LUIZA DE LIMA, viúva de MANOEL FERNANDES PENNA (o inventário *post mortem* dele não foi encontrado) foi autuado em Cachoeira em 1857 (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime).

Em se tratando da utilidade do estudo de inventários para melhor compreensão da sociedade, Fragoso e Pitzer (1988, p. 30 apud KÜLZER, 2012, p. 49, 50) declaram que os inventários *post-mortem* possibilitam

ver a região (...) passando pelo tempo, com as suas permanências e mudanças. (...) o que era inicialmente uma fotografia torna-se, devido ao caráter serial do inventário, um filme”. Assim, perceber a sociedade estudada em movimento, ancorada pelos números é mais um recurso desta fonte cartorial. Os inventários são usualmente utilizados como uma fonte de análise meramente econômica, porém, possuem um caráter plural que ajuda a incrementar a história social, permitindo estudar e reconstruir a história de homens e mulheres.

Os inventários são processos judiciais que legalizam a transmissão de bens através da partilha [...]. Analisar essas informações nos dá a oportunidade de pesquisar patrimônios formados por diversas atividades relacionadas ao comércio, agricultura e à pecuária. Conforme Farinatti (2007, p. 35) os inventários permitem “uma visão de conjunto das unidades produtivas, uma ‘radiografia’ dos patrimônios e dão acesso à composição de fortunas, ensejando a percepção da concentração da riqueza [...].

Por um lado, observou-se o desenvolvimento da trajetória patrimonial da família, considerando a evolução dos bens de raiz (imóveis: propriedades rurais e urbanas), bens móveis (mobiliário e utensílios), semoventes (animais domésticos de uso e exploração) e escravos (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime; Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, 1854-56, f. 93-95v.). Não foi encontrado o inventário advindo da morte do guarda-mor (1841); apenas o da morte da viúva, FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1857). É possível que o documento tenha sido queimado, extraviado ou até mesmo nem tenha existido, em função das más consequências da Revolução Farroupilha (de 1835 a 1845). Houve, inclusive, queima de documentos em Cachoeira em 1840 (BELTRÃO, 1979, p. 111), situação constatada no relato a seguir:

1841 [ano e local de morte do guarda-mor (durante a Revolução Farroupilha)]
Desvanecem-se, completamente, as esperanças de paz. Os revolucionários voltam às suas fileiras. O alento que tivera o povoado esvai-se, pesando, novamente, sobre a população pacífica a dolorosa situação anterior. A Igreja volta ao abandono, nem missa, nem casamentos, nem batizados, nem mesmo encomendação de mortos. [...]. A intranquilidade avassala todos [...], a Câmara Municipal, em Cachoeira, realiza um[a] sessão, suspendendo por tempo indeterminado suas reuniões ordinárias “pelo desassossego em que vive a vila onde, continuamente, entram partidas rebeldes, travando-se tiroteios” (Arquivo de Cachoeira *apud* BELÉM, 2000, p. 99).

Por outro lado, verificou-se uma rápida ascensão social, derivada da evolução socioeconômica do guarda-mor e esposa, logo depois do estabelecimento na Região de Santa Maria, entre 1806 a 1828. Isto foi constatado ao analisar o desenvolvimento patrimonial do casal, analisando a evolução na aquisição de terras e escravos (AGUIAR MELLO, 2011). Uma data de terra (com cerca de 272 ha) foi outorgada pelo governo em 1809. Esta área foi o

germe patrimonial (bens de raiz) do casal, eles, em fase inicial da vida conjugal, casados em Viamão em 1806 (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento de Casamento de Viamão, L. 2A, f. 17v.) e estabelecidos em Santa Maria, entre 1806 e 1808 (BELÉM, 1933, 2000, p. 56-58; BELTRÃO, 1958), quando nascia a primogênita (Anna).

Em se tratando da aquisição de terra, um meio foi através do sistema de sesmaria. Normalmente, a outorga de sesmaria, efetuada pelo governo, implicava na pessoa requerente ter já posse sobre a terra requerida e/ou condições de implantar a exploração, nos prazos legais (dois anos), um processo de exploração da terra condizente com a política da época e Região. Exigia que não fosse estrangeiro e que mantivesse e aumentasse o acervo de árvores da nobre madeira *de lei* (COSTA, 1991). Estipulava outras exigências – indicava o tamanho máximo da área e tinha que ainda mandar medir a terra, o que necessitava de dinheiro, mesmo que na maioria das vezes as cláusulas não fossem cumpridas (CESAR, 1978), a saber:

Durante o regime de capitania, especialmente no governo [...] (1814-1818), foram concedidas inúmeras sesmarias. Alguns dos sesmeiros, a maior parte, já eram ocupantes das terras que requeriam, outros, porém, valendo-se do favoritismo reinante para adquirirem imensos latifúndios. Legalmente, uma sesmaria não poderia ir além de 3 léguas quadradas. [...] (FERREIRA FILHO, 1978, p. 62).

Quanto à situação em que se encontrava a outorga de sesmarias e o processo de ocupação de terras no Brasil, Alberto Passos Guimarães (1989, p. 58) assim expõe:

A exigência de cultivar as terras doadas era inerente ao próprio instituto sesmeiro [...], pois [...] representava uma restrição ao direito de propriedade ao considerar reversível ao patrimônio público a terra que não fôsse utilizada. Para eliminar quaisquer dúvidas, o conceito foi reafirmado pelo Alvará de 5 de janeiro de 1785, que declarou ser a cultura a condição essencialíssima na concessão de sesmarias.

No assunto, declara José Augusto de Menezes (*apud* GUIMARÃES, 1989, p. 58, 59):

“Das faltas de medições nasceu a maior desordem, porque [...] foram os posseiros entrando, [...] grandes estabelecimentos existiam já nas terras concedidas. E por essa mesma ignorância que [...] compreendia o concedido, novas concessões de sesmarias se verificaram dentro das já concedidas, e quando o tempo mostrou o erro, os estabelecimentos estavam já feitos. Desta marcha das coisas nasceram mais demanda do que se deram sesmarias [...]; [...] e o maior número contentou-se com cultivar uma parte delas. Já tarde o Sr. D. João VI pretendeu melhorar [...] e por seu Alv. de [...] 1809 ordenou que [...] não mandasse passar carta de concessão de sesmaria ou de confirmação [...]. As demandas, pois, à proporção que a população ia crescendo e se movendo para o interior, recresceram e chegaram as coisas ao ponto que em 1822 se julgasse melhor não fazer mais concessões de terras por título de sesmaria, porque a experiência havia mostrado [...] mais desordens [...].”

Concluindo, Guimarães ainda segue:

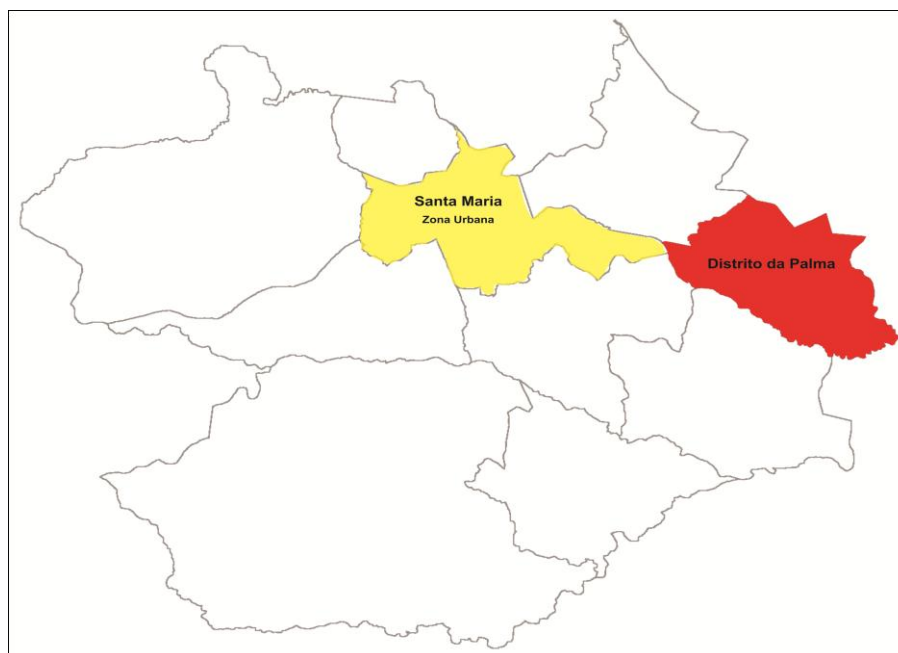
A Resolução de 17 de julho de 1822 extinguindo o regime de sesmarias no Brasil foi o reconhecimento de uma situação insuportável, cujas conseqüências poderiam de tal modo agravar-se a ponto de constituírem uma ameaça à propriedade latifundiária. Referimo-nos a um acontecimento da maior significação para a história do monopólio da terra do Brasil: a ocupação, em escala cada vez maior, das terras não cultivadas ou devolutas, por grandes contingentes da população rural (*Ibid.*, p. 59).

No contexto, o guarda-mor, ao iniciar a vida familiar, ao chegar na Região Central do Rio Grande, possivelmente tenha requerido ao governo da capitania uma sesmaria, mas como estrangeiro, imigrante recém chegado, e as terras devolutas estavam se escasseando, não lhe foi concedida, mas sim, uma *data* de terra, bem menor que a sesmaria, com cerca de 272 ha, como as dadas aos açorianos, em torno de 1770 (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011). Este foi o germe às futuras aquisições. As outras glebas do guarda-mor foram compradas e ainda outras obtidas por posse, de 1810 a 1828, aproximadamente (APERGS. Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria da Boca do Monte, 1854-56, f. 93-95v.; Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime). A possibilidade de ocupação primária espontânea foi extinta com a Lei de Terras, em 1854 (FARINATTI, 1999). Acredita-se, que, mesmo depois de 1822, o casal se encontrava em progressão socioeconômica e expansão patrimonial, considerando-se a obtenção do cargo de guarda-mor (1820-22).

Não se descobriu quando houve a aquisição da terra para formar o Pólo *São Xavier*, nem dos imóveis no povoado de Santa Maria. Houve concessão de terra em 1809, originando o Pólo *Vacacaí-Mirim*, ao adquirirem glebas de terra na volta, umas por compra e outras por posse, conforme declarado pela viúva, em 1856 (APERGS. Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, 1854-56, f. 93-95v). Portanto, quando se fala em *Sesmaria da Palma*, referindo-se à propriedade no *Vacacaí-Mirim*, trata-se de uma área que, partindo da gleba inicial (*data* de terra dada pelo governo), foi gradualmente sendo ampliada e não teve uma outorga de sesmaria por inteiro. Daí, o guarda-mor não constar no rol dos sesmeiros.

Quanto aos bens de raiz do casal, havia propriedades *rurais* e *urbanas*, conforme o inventário *post mortem* da viúva. Dos imóveis *urbanos*, foram levantados casas e terrenos (2) no então povoado de Santa Maria. Pelo fato da filha adolescente Constancia (F3) ter sido sepultada na Capela, indica que já tinham casa no povoado por volta de 1828. A respeito dos imóveis no povoado ou redondezas, poder-se-ia dizer que, já naquela época, tinha-se como *status* social os possuir (FARINATTI, 2010a, p. 184). Dos imóveis *rurais*, o casal, como já dito, possuía dois pólos: a) um, o Pólo *Vacacaí-Mirim*, e outro, b) o Pólo *São Xavier*, distantes em cerca de 170 km (direção Centro-Noroeste).

É possível que o Pólo *Vacacaí-Mirim* tivesse a maior área, com campos (pastagem nativa) e florestas (na encosta da Serra Geral e mata ciliar, ao longo dos cursos d'água). A propriedade se localizava na planície da Depressão Central, entrando (ao Norte) na floresta dos morros, posteriormente chamada de Fazenda da *Palma*, originando o Distrito da Palma, situando-se de 20 a 30 km a Leste de Santa Maria (de 10 a 20 km da antiga Estação Colônia, hoje Bairro Camobi), na fronteira Sul da Quarta Colônia: Silveira Martins (Mapa 11).



Mapa 11 – O atual Município de Santa Maria, dividido em distritos, com destaque para a zona urbana de Santa Maria (Centro-Norte, em amarelo) e o hoje Distrito da Palma (Leste, em vermelho); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).¹⁹

Fonte: WIKIMEDIA COMMONS: Santa Maria, Imagens SM, 2006.

Com intuito de ilustrar a paisagem atual dos campos da Depressão Central, no Distrito da Palma, entre o Rio Vacacaí-Mirim e a encosta da Serra Geral, onde foi implantado um dos dois pólos de propriedade do guarda-mor, elenca-se a seguinte fotografia (Foto 8).

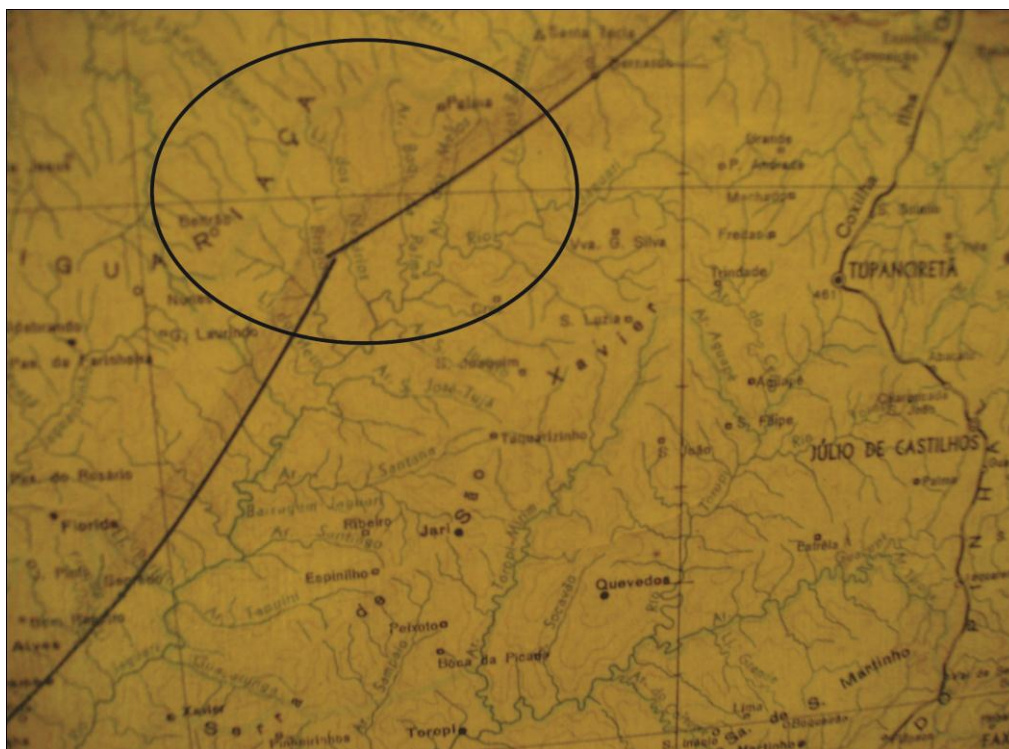
¹⁹ É no hoje Distrito da Palma, o 8º do Município de Santa Maria, que se situava um dos dois pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim*). O Distrito se formou a partir da Fazenda da Palma.



Foto 8 – Vista panorâmica do hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, tendo a Fazenda da Palma no centro e ao fundo o Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria. Foto tirada do mirante do Morro da Torre de Radar da Base Aérea de Santa Maria (BASM). Foto de Henri (SM, anos 1980), 2000.²⁰
 Fonte: WIKIMEDIA COMMONS, Santa Maria, Imagens SM. Palma (Wikipédia, a enciclopédia livre, 2006).

O outro pólo de propriedade do guarda-mor, o Pólo *São Xavier*, situava-se no Planalto Meridional Brasileiro (chamado Planalto Médio, referindo-se a esta Região do Rio Grande do Sul), no antigo Distrito de São Xavier, entre os atuais municípios de Tupanciretã, Jóia, São Miguel das Missões, Capão do Cipó, Santiago e Jari, pertencente à antiga Comarca de São Borja (provavelmente de 1831 a 1833); pertencente ao antigo Município de Cruz Alta (entre 1834 e 1877); ao Município de São Martinho (entre 1877 a 1891); ao Município de Julio de Castilhos (de 1891 a 1926); ao Município de Tupanciretã (a partir de 1926, ou posterior) e, podendo ter sido do Município de Santo Ângelo (por volta de 1928), portanto a uns 150 km a Noroeste de Santa Maria, como pode ser visualizado nos mapas 12 e 13.

²⁰ A Fazenda da Palma, antiga propriedade do filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), situa-se no hoje Distrito da Palma, Município de Santa Maria, distrito desmembrado do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria.



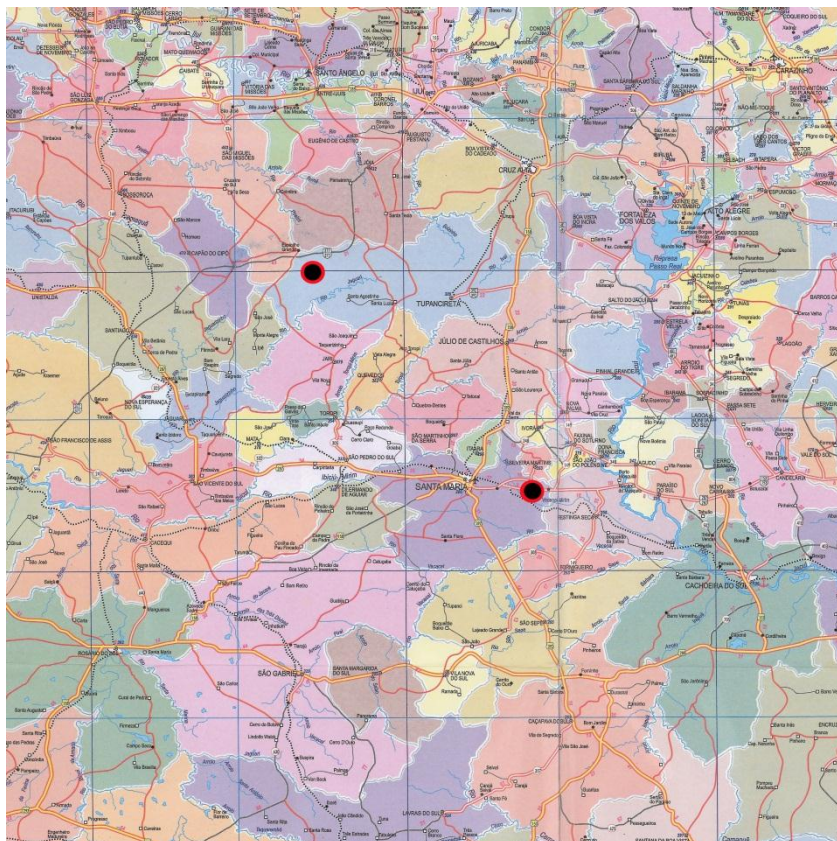
Mapa 12 – Parte da Região Centro-Missões do Rio Grande do Sul, onde aparece o Arroio Boqueirão da Palma e as localidades da Palma e A. Beltrão, à esquerda da Serra de São Xavier (dentro do círculo); adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).²¹

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERGS), Porto Alegre.

O Distrito de São Xavier pertencia à Província das Missões (sediada em São Borja), por volta de 1831 a 1833. Este antigo distrito tinha uma vasta área e compreendia os hoje municípios de Toropi, Quevedos, Jari, parte Leste do Capão do Cipó, Oeste de Tupanciretã e Sul de São Miguel das Missões. A colonização e povoamento lusos da área provavelmente começou em 1802 com o paulista José de Quevedo de Macedo, o primeiro morador (lusobrasileiro) do antigo Município de Júlio de Castilhos, a partir da tomada portuguesa das Missões por São Martinho (1801) (COSTA, 1991 e PEDRAZZI; COSTA, 1999).

O Pólo *São Xavier* se situava no Oeste do hoje Município de Tupanciretã (a partir de 1928), entre as localidades de São Bernardo e Espinilho Grande de Santa Tecla, próximo aos hoje municípios de Jóia, São Miguel das Missões, Capão do Cipó e Jari, visualizado nos mapas 15 e 16, no quadrante Noroeste. A área já pertenceu a diversas circunscrições, como São Borja (possivelmente até 1856), Cruz Alta (por volta de 1857), Itaqui (depois de 1858), São Martinho (de 1877 a 1891) e Júlio de Castilhos (de 1891 a 1928).

²¹ O antigo Pólo *São Xavier*, um dos dois pólos de propriedade do guarda-mor, localizava-se nas proximidades do Arroio Boqueirão da Palma (afluente do Rio Jaguari, pela margem direita) e as localidades da Palma e A. Beltrão, à esquerda da Serra de São Xavier.



Mapa 13 – Parte da Região Centro-Missões do Rio Grande do Sul, dividida nos atuais municípios, indicando os dois pólos de propriedade do guarda-mor; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).²²
 Fonte: SOUZA; São Paulo: Multimapas, 2012.

Ao contextualizar o Pólo *São Xavier* e entender a questão das Missões, no processo de conquista e (re)povoamento da Região, abordado por Firmino Costa (COSTA, 1991, p. 52):

Ao redor de 1769, os padres dos Sete Povos das Missões receberam ordens de abandonar as reduções [...]. Começaria, assim, a decadência [...]. Com a nova organização [...] acabaria a tranquilidade e o bem estar dos guaranis que, não se dando bem com o método dos novos mandatários, acabaram se desgostando. Começou, então, o êxodo das populações missioneiras e as deserções em massa. Os índios foram abandonando os Povos e indo para as estâncias, onde, pelo menos, tinham alimentação. Em pouco tempo, as povoadíssimas estâncias estariam quase desertas e eles se entregaram a vícios [...] e o abandono que tomou conta do planalto [...] até o fim do século, mudando apenas com a Conquista das Missões, pelos portugueses, em 1801.

Por outro lado, no tocante à importância do tropeirismo para a formação do Brasil, incluindo aqui, em especial, o Rio Grande do Sul, Lígia Gomes Carneiro aborda a seguir:

22 Os dois pólos de propriedade do guarda-mor se localizavam na região Centro-Missões do Rio Grande do Sul: o Pólo *Vacacaí-Mirim*, no hoje distrito da Palma: Município de Santa Maria, e o Pólo *São Xavier*, na Localidade da Palma, antigo Distrito de Ribeirão da Palma: Município de Tupanciretã, próximo a A. Beltrão, Município de Capão do Cipó.

O Rio Grande do Sul entrou na economia nacional pelas mãos dos tropeiros e patas das mulas. Pois foi o comércio de mulas que integrou a região à economia nacional, ainda no século XVII e início do XVIII, antes mesmo que o Rio Grande do Sul existisse formalmente.

A história do tropeirismo – um dos capítulos mais importantes da formação gaúcha e um dos menos lembrados – integrou diferentes regiões do Brasil, e traçou a rota da formação de muitas cidades da região Sul e Sudeste. Foi através dessa atividade que se consolidou o movimento comercial do país, que se definiram vocações econômicas regionais, e que as enormes extensões de pampas gaúchos encontraram seu destino, que marca a atividade econômica de algumas regiões do Estado até os dias atuais (CARNEIRO, 2010).

Por volta de 1780, quando a exploração das minas já se encontrava em decadência, surgia o ciclo do charque no Sul e, a partir da tomada das Missões (1801), a então (recém) Região Central do Rio Grande se tornava, cada vez mais, importante entreposto em zona de passagem e encruzilhada. Enquanto isso, a atividade do tropeirismo seguia e o desenvolvimento da criação de mulas também, motivada pela necessidade do Brasil de transportar a produção. É neste contexto que aparecem, na Região, o guarda-mor e seu irmão (entre 1806 e 1808) e que se insere a implantação, na Região das Missões, do Pólo *São Xavier*, um dos dois pólos de sua propriedade. Acredita-se que este pólo fora instalado entre 1810 e 1828; não se sabe se por compra, posse ou ainda doação do governo.

A respeito da exploração e ocupação da Região, com a posterior formação das estâncias, nos domínios agora portugueses, lugar da área das antigas estâncias missioneiras de domínio espanhol, o referido autor descreve:

Sabe-se que, mesmo antes da conquista das Missões, os portugueses já exploravam o território missioneiro. Pelo Planalto Médio teriam cruzado numerosas tropas de muares procedentes das Missões de além Uruguai. “Os administradores espanhóis das estâncias dos Sete Povos eram coniventes com o contrabando de gado em pé, levado para Sorocaba”. Mas foi de 1801 em diante que a penetração dos tropeiros paulistas começou a intensificar-se, e é incontestável a influência que eles tiveram no desbravamento, ocupação e abertura de caminhos [...]. A conquista das Missões pelos portugueses trouxe [...] as distribuições de sesmaria na região. E a atração de criar muares deslocou-se de Viamão para o Planalto (COSTA, 1991, p.62).

Conforme o contexto regional, presume-se que o guarda-mor criasse mula com fins comerciais, pois, tendo propriedade Região das Missões (Pólo *São Xavier*), foi encontrado registro de mulas entre os semoventes arrolados no inventário *post mortem* de sua viúva (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime). Quanto à criação de mula, importante mola propulsora de desenvolvimento regional, o autor segue:

A chamada Região Serrana, por assim dizer, especializou-se na criação e comércio de mulas. As bestas de cargas eram resistentes, seguras e baratas, oferecendo, naquela época de expansão da agricultura, o transporte ideal para as selvas

brasileiras. Além disso, o trabalho pesado e o clima, diminuído o tempo de vida desses animais, exigiam sua constante substituição, já que as mulas, produtos híbridos do cruzamento de burro com égua, não se reproduzem. [...] Houve época em que as grandes criações de mulas do Rio Grande se localizavam [n]a campanha [região sudoeste do Rio Grande do Sul]. Os fazendeiros que as compravam subiam por São Martinho e transferiam-nas para a região serrana, onde os animais passavam por um período de adaptação antes de serem levados para Sorocaba. Quase todas as tropas passavam pelo município [Júlio de Castilhos] (COSTA, 1991, p. 62).

Quanto à denominação dos lugares de propriedade do guarda-mor, existe um fato curioso. No Pólo *São Xavier*, o nome que a propriedade tinha, à época do inventário (1857), era *Palma(s)* que, posteriormente, parece ter dado o nome ao lugar e arroio *Boqueirão da Palma* (ou viceversa), entre as localidades de Espinilho Grande e Lagoa Vermelha, próximo ao Arroio de Boqueirão da Palma que deságua no Rio Jaguari, pela margem direita, tendo partes hoje possivelmente propriedade de Roberto Soldera, no Município de Tupanciretã.

O Pólo *Vacacaí-Mirim* foi denominado posteriormente Fazenda da *Palma*, que acabou dando o nome ao lugar (hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria). O nome que a propriedade tinha era *Vacacaí-Mirim* e não *Palma*, como posteriormente acabou sendo chamada. Em 1874, ainda era assim denominada (*Vacacaí-Mirim*), podendo ser constatada nos Autos de Medição requeridos pelo filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA [AHRs, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, Diretoria de Terras e Colonização, autos de Medição n. 1 105, Município de Santa Maria, 1880 (data da sentença), folha 13 (verso) *apud* RUBERT; ROSA; MOREIRA, 2011, p. 46].

Esta propriedade ficou centrada em um dos filhos do casal genearca, F6 JOSÉ (*IL SIGNORE BARONE / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891), que acabou por concentrar, em torno de si, as glebas de terras no Pólo *Vacacaí-Mirim*, através de herança dos pais, compra de parentes e vizinhos e possivelmente posse de terceiros (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime). Outro fator entra em questão, referente a este filho do guarda-mor, é que membros de sua descendência foram os que por mais tempo estiveram vinculados ao Pólo *Vacacaí-Mirim*, como é o caso do herdeiro e atual proprietário da sede da Fazenda da Palma, o quadra/tetraneto do guarda-mor, CARLOS MOZART MARQUES DE MORAES, principal informante na pesquisa.

A casa, ainda existente da Fazenda da Palma, foi mandada construir pelo filho de guarda-mor (F6) em 1857 (ano da morte da mãe). A casa pode ser vista na Foto 9.



Foto 9 – Fazenda da Palma, a casa senhorial, construída em 1857. Foto de antes da última reforma (2003).²³
 Fonte: fornecida por Jocymar Monteiro de Almeida, a partir do acervo de Carlos Mozart Marques de Moraes.

No interior da casa, havia um oratório residencial, reconhecido pela Igreja Católica da época, onde missas e ritos de passagem (como batismo e casamentos) foram realizados, envolvendo familiares do guarda-mor, amigos, vizinhos, agregados, peões e escravos. Contextualizando-se a questão do oratório particular na época, evoca-se o seguinte texto: “Os grandes fazendeiros, aqueles cuja casa contasse mais de sessenta pessoas, entre livres e escravos, tinham seu altar próprio, onde o serviço religioso se praticava com relativa assiduidade” (FERREIRA FILHO, 1978, p. 53).

Pelo que parece, a religiosidade na família do guarda-mor, por um lado, estava presente e formalmente ativa. Encontraram-se nos assentos paroquiais do Bispado de Santa Maria, diversas ocasiões, nas mais variadas gerações, em que foram registrados eventos envolvendo familiares, seja menção como nubentes, avós e pais de nubentes, padrinhos de batismo ou casamento de livres (parentes, amigos, vizinhos, agregados ou peões) ou de escravos e libertos, bem como cerimônias fúnebres (encomendação de defunto), inclusive tendo ritos de passagem realizados no oratório residencial na sede da Fazenda da Palma.

Todavia, o que foi conseguido levantar, referente à religiosidade da família do guarda-mor, é insuficiente para tirar conclusões no momento, pois faltam dados, seja advindos da historiografia, das fontes primárias nos documentos ou pela memória familiar advinda da tradição oral. Contudo, deve-se ter em conta que o modo de ser e viver a religião, na época,

²³ A casa senhorial da Fazenda da Palma foi construída (em 1857) pelo filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), no ano da morte da mãe, FRANCISCA LUIZA DE LIMA.

tinha características distintas do que posteriormente foi se transformando, como pode ser observado no texto de Vitor Otávio Fernandes Biasoli (2010, p. 170), a saber:

A monarquia portuguesa [...] concedeu direitos e privilégios a Igreja e tornou-a parte integrante do Estado, contando com seu apoio [...] ideológico e da participação de seus quadros letrados na formação da burocracia estatal. A este sistema foi dado o nome de padroado e ele acompanhou o Estado português, a colônia portuguesa na América e também o Brasil monárquico. A vida política e social era marcada por ritos católicos e esta marca religiosa no Estado só foi abalada no século XVIII pelo pensamento iluminista. O Iluminismo elaborou uma crítica radical à religião e à Igreja e concebeu um projeto laico e liberal de Estado e sociedade. A partir daí, o sistema de padroado passou ser questionado e, ao longo do século XIX, as relações entre Estado e Igreja se tornaram tensas, tanto nos países europeus quanto nos recém fundados Estados da América Latina, o Império brasileiro entre eles.

A realização dos assentos de cerimônias religiosas relacionadas com familiares do guarda-mor começou a acontecer, desde o casamento em Viamão (1806) e o estabelecimento do casal em Santa Maria, com o batismo da primogênita, em 1808, mesmo sendo mais difícil a realização e registro de cerimônias religiosas em Santa Maria na época, pois tudo dependia de Cachoeira e os meios eram muito precários. Isto pode comprovar, de certo modo, uma certa religiosidade na família, seja formal, para cumprir as formalidades oficiais da sociedade e da Igreja Católica, ou um tanto em função do poder da família, demonstrando possuir posses e *status* social, pela tradição familiar ou em função do sincero desejo e interesse individual de integrantes por assuntos animico-espirituais, podendo ser tudo isso combinado.

Foi encontrado no Sebo Café, em Santa Maria, um livro de reza de meados do século XIX, edição de Portugal, uma espécie de missal, pertencente à família (negociado por uma trineta do guarda-mor), contendo, em manuscrito, alguns nomes de integrantes da família na época, inclusive com datas de falecimento (entre 1857 a 1902) e palavras de apresso. Uma das primeiras donas/portadoras do livro e a autora dos manuscritos encontrados fora Manoela Celestina Dornelles (Penna), nora da guarda-mor, filha de Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853 ?), esta, uma pessoa intensamente relacionada e *mui cara* à família, verificada pelos vários laços de parentesco, amizade e compadrio. Talvez isto denote um certo grau de religiosidade e algum relativo hábito de leitura e escrita em integrantes da família, em meados e segunda metade do século XIX.

É possível que a denominação (após 1877) da Fazenda da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, tenha sido inspirada na outra Fazenda da Palma (já com esta denominação antes de 1857), no Planalto, antigo Distrito de São Xavier: hoje Município de Tupanciretã. Assim, fica explicitada a questão dos dois pólos de propriedade do guarda-mor – o Pólo *Vacacaí-Mirim* e o Pólo *São Xavier*. Por outro lado, como observação, esta

maneira de classificar (e se expressar) as propriedades em seus dois lugares distintos, foi assim determinada pelo pesquisador no estudo, sem utilizar o nome *Palma*, para evitar confusão, pois, em ambos pólos, existem propriedades com este nome, como mencionado, e o pólo do Município de Santa Maria não existia com este nome (nem na época do inventário, em 1857, nem em 1877, quando um novo registro), pois ainda se denominava *Vacacaí-Mirim*.

Ambos os pólos se distinguem da seguinte maneira: o *Vacacaí-Mirim* ficou hoje uma zona próxima à cidade de Santa Maria (através do Bairro Camobi, próximo à Base Aérea) e à colônia italiana, como uma espécie de extensão e porta de entrada da Quarta Colônia. Atualmente, a área onde estava o Pólo *Vacacaí-Mirim*, na Depressão Central (*lambendo* os morros da encosta da Serra Geral), é constituída por propriedades de pequeno e médio porte (com pecuária, lavoura de arroz e alguma agricultura de subsistência) e é frequente a presença de chácaras com casas de campo. No Pólo *São Xavier*, no Planalto, abundam as médias e grandes propriedades rurais, com predomínio de pecuária extensiva e grandes lavouras de monocultura de soja (no verão) e trigo (no inverno), bem como pastagem de inverno (aveia e azevém), situando-se, portanto, em uma região mais isolada, considerando a escassez de núcleos urbanos e estradas asfaltadas (ultimamente, a política regional e estadual tem buscado minimizar este problema, verificado nos recentes asfaltamentos e projetos para novas obras).

Voltando-se ao século XIX e analisando o inventário *post mortem* da viúva do guardador, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, a localização precisa das áreas foi mais difícil de estabelecer, principalmente a área do antigo Distrito de São Xavier (Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime). Pois esta área era, até então, completamente desconhecida pelo pesquisador e pelas pessoas de seu círculo (que poderiam saber algo a respeito). Considera-se inclusive que, na época, a população era rarefeita, as localidades distantes e isoladas e os distritos eram grandes e de, não raramente, dúbia delimitação.

Todavia, no registro de terras, requerido pelo Governo Imperial Brasileiro, a viúva (no ano precedente a sua morte, em 1856) declarara (junto com os filhos), com maior detalhe, possuir terras de sua propriedade, contendo os quadrantes, as confrontações e os lindeiros (Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, 1854-56, f. 93-95v.). Portanto, enquanto o inventário contém o total das áreas à família pertencente, não importando o município onde se encontre, é, todavia, com menos detalhe. O registro de terras (exigência governamental) era feito com mais detalhe, porém era delimitado por freguesia/paróquia. Por isso, a propriedade de São Xavier não consta no Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, pois pertencia na época à Comarca de São Borja e/ou ao Município de Cruz Alta.

De todo modo, sabe-se que a área do Pólo *Vacacaí-Mirim* de propriedade anteriormente do guarda-mor

foi medida e dividida entre os coproprietários José Fernandes Penna, Porfírio Dornelles e Silva, Francisco Fernandes Penna e João Fernandes Penna em 1879, por meio dos Autos de Medição n. 1.105. Nesses autos, consta que Cândida e Jerônima teriam vendido a sua parte de campo para o irmão José Fernandes Penna. AHRS. [...] Em outro Auto de Medição, iniciado em 1878, o terceiro solicitado por José Fernandes Penna, este requer a medição e titulação da parte da herança que havia adquirido aos irmãos João Fernandes e Jerônima Penna, impondo-se então como o principal sucessor dos domínios territoriais conquistados pelo seu pai. Fonte: AHRS. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Instituto Gaúcho de Reforma Agrária. Diretoria de Terras e Colonização. Autos de Medição n. 1.106. Município de Santa Maria. 1880 (data da sentença). [Folha 13 (verso)] (*apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 46).

Por outro lado, não foi encontrado (nos livros de registro paroquial de terras) o registro da área (propriedade da família do guarda-mor) do antigo Distrito de São Xavier; nem em São Martinho, nem em Júlio de Castilhos e nem em Cruz Alta, tampouco em São Borja. Possivelmente, esta propriedade se situava próxima do entroncamento entre as antigas estradas de São Martinho às Missões e de Cruz Alta às Missões (destino São Borja), dos mais importantes caminhos de penetração do Rio Grande do Sul (COSTA, 1991, p. 62).

Desse modo, a esperança de localizar a área, mais precisamente, e poder obter mais informações, sobre a área e os clãs relacionados, fica mais remota. Os motivos da maior dificuldade de localizar, precisa e geograficamente, a área do antigo Distrito de São Xavier, em relação à área do hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, provavelmente advêm de(o/a): a) documentação não encontrada (como acima esclarecido); b) maior distância de Santa Maria, como epicentro da família em estudo na época; c) menor número dos clãs e descendentes envolvidos diretamente com esta área e e) desconhecimento prévio da parte do pesquisador, das pessoas de seu círculo de relacionamento e dos informantes entrevistados.

No tocante às atividades desenvolvidas, não há indícios seguros quanto à verdadeira natureza da função/cargo de guarda-mor na época e lugar em questão (Região Central do Rio Grande do Sul, entre 1820 a 1841). Tampouco se sabe, no caso de MANOEL FERNANDES PENNA, sobre até que ponto era função, título ou cargo honorífico. A literatura fala relativamente bastante a respeito da função de guarda-mor na época do Brasil Colônia, especialmente nas Minas do século XVIII e nos postos alfandegários de fronteira e nos portos, mas na Região Central do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX, nada foi encontrado. As atividades do guarda-mor estariam relacionadas com a cobrança de impostos, o controle das finanças estatais, a manutenção da ordem fiscal, o controle dos bens materiais e

dos direitos e deveres dos homens de negócios, principalmente em torno do gado bovino e muar – o controle das tropas, especialmente nos principais entroncamentos. Então, MANOEL FERNANDES PENNA, tendo negócio particular, criava gado e mula em suas propriedades; na sua função pública, controlava as tropas de gado e mula ao governo, cobrando impostos.

Presume-se que a mobilidade espacial do guarda-mor e esposa fosse considerável e principalmente pela função pública dele e seus negócios particulares nos dois pólos de sua propriedade (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), levando-se em conta a habilidade social deles e seus relacionamentos construídos. Supõe-se que a área do cenário em torno da família do guarda-mor, em sua localização geográfica, compreendesse a Região Central do Rio Grande do Sul, perfazendo uma espécie de rota de relacionamentos familiares, sociais, de negócios e compromissos públicos, primeiro no sentido Leste-Oeste e depois Centro-Noroeste do Rio Grande do Sul, indo, principalmente, de Rio Pardo a Cruz Alta, passando por Cachoeira, Santa Maria, São Martinho e Missões (em seu quadrante Sudeste).

Considerando o estabelecimento do casal em torno de Santa Maria, faz-se remeter a um olhar com mais acuidade para a Região Central do Rio Grande, buscando compreender o cenário local – o que se passava na Região por aquela época. Ora, depois da decadência das Missões, advinda da Guerra Guaranítica (1756) e a expulsão dos jesuítas (1759/69), a Região das Missões entrou em decadência por décadas. O Império Português recém tinha tomado, do Império Espanhol, as Missões (1801) e deveria logo conquistá-la, ocupá-la, povoá-la e colonizá-la. Um dos primeiros planos (desde meados do século XVIII) seria através dos açorianos, embora não acontecendo primeiramente como o planejado. Todavia, a penetração e povoamento luso acabou se efetivando, a partir de 1801 (PEDRAZZI; COSTA, 1999).

Depois daquelas conturbadas épocas, justamente na época da vinda do guarda-mor para o Brasil (em torno de 1804), do casamento (1806) e estabelecimento do casal genearca na Região Central do Rio Grande (entre 1806 e 1808), a Região vivia uma fase de calma, entre 1801 e 1816, ano em que o Brasil invadiu o Uruguai, deslocando as atenções ao Sul (MACHADO, 1981) e outro período calmo entre 1829 e 1835, época compreendida entre a definição da Cisplatina e o início da Guerra dos Farrapos (NEVES ALVES, 1994).

Quanto à relativa calma na Região, na época, José Iran Ribeiro (2010, p. 230) diz:

A transferência dos limites luso-brasileiros para longe e a transformação da Banda do Oriental no palco principal [...] das disputas pela definição dos nossos limites, [...] da dissolução do domínio espanhol na América, vão trazer maior tranquilidade a região central do Rio Grande do Sul. A calma atraiu muitos comerciantes para a capela graças a sua posição privilegiada ligando a campanha e a serra.

Santa Maria, epicentro do cenário da família, aos poucos, ia se consolidando como centro urbano estratégico, devido à privilegiada posição geográfica. Em 1826, quando nasce o último filho do guarda-mor, ocorria a invasão das Missões pelo caudilho uruguaio Frutuoso Rivera (em 1928, segundo CHRISTENSEN, 2001, p. 99), levando consigo os índios válidos, 60 carretas carregadas e uma tropa de gado com cerca de 60 000 cabeças (ou 80 000, conforme COSTA BEBER, 1998, p.135), em um imenso séquito de verdadeira pilhagem de guerra, “deixando a terra das Missões arrasada, despovoada de gente, espoliada e empobrecida de bens” (MACHADO, 1981, p. 16 e 19). Logo, veio novamente a calmaria na Região, de 1828 a 1835, quando é deflagrada a Guerra dos Farrapos (de 1835 a 1845).

É possível que, no período (em torno de 1828), o guarda-mor tenha aproveitado a ocasião e adquirido terra na zona das Missões, no antigo Distrito de São Xavier (tornando-se o Pólo *São Xavier*). De todo modo, sabe-se que o guarda-mor entrou na área do Vacacaí-Mirim, em 1809. Esta foi sua propriedade pioneira, portanto o primeiro pólo de propriedade do guarda-mor, com a concessão de data de terra pelo governo e posteriores aquisições na área (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 38, 39). Todavia, não se descobriu quando ele entrou na área de São Xavier. Possivelmente tenha acontecido entre 1810 e 1828. Acredita-se que foi a partir dele se tornar guarda-mor (por volta de 1820), quando logo se deu o auge do desenvolvimento patrimonial e socioeconômico, constatado na considerável evolução patrimonial dos imóveis e no acréscimo do plantel da escravaria (*Ibid.*, 2011).

No contexto regional, o período entre 1815 a 1825, aproximadamente, é marcado pelos tumultuados processos platinos de independência, em torno das Guerras Cisplatinas. “Seguindo o padrão da composição do patrimônio produtivo em períodos de guerra, os animais passaram a ocupar novamente a primazia na composição dos bens de produção, enquanto terra e escravos perderam valor” (OSÓRIO, 2007, p. 70, 71, *apud Ibid.*, p. 47).

É possível que a expansão dos domínios fundiários tenha sido uma decorrência da assunção ao cargo de guarda-mor. Esse alargamento patrimonial teria ocorrido, pelos indicativos do inventário de Francisca Luiza, [...] ao final da década de 1820, [...] em que a terra perdeu valor no mercado, em decorrência de uma nova onda de guerras (APERGS. Cachoeira do Sul. Civil e Crimes. Inventário, 1857. Autos 21, maço 1, estante 54, folha 2 (verso) *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 47).

Quanto à questão da alternância dos conflitos armados que o Rio Grande estava constantemente sujeito, Farinatti (2010a, p. 275) declara: “Essa epidemia bélica gerava problemas para vários setores da sociedade: recrutamentos recorrentes, confisco de gado e cavalos, desorganização da produção”. O século XIX, periodicamente, foi marcado por esta

situação. Certamente, a problemática afetou a família do guarda-mor, em momentos daqueles conturbados tempos. Pode ser que a família do guarda-mor tenha sofrido prejuízos, mas tenham aproveitado a ocasião para lucrar de algum modo – oportunidade para fazer negócios.

Quanto à questão agrária no Brasil, a partir de 1854, todos os proprietários de terras deveriam registrar suas posses nos prazos fixados pelas autoridades provinciais, sob a responsabilidade de cada freguesia. Então, a viúva do guarda-mor e alguns filhos e genros fizeram as declarações referentes às suas propriedades, registradas em Santa Maria (1856). A partir da análise documental, sobre a evolução patrimonial da família, os autores descrevem:

A dilatação do patrimônio fundiário inicial (uma “data” de terras de matos, concedida pelo governo provincial), por posse primária ou compra, pode ser deduzida de vários outros documentos. Nos registros das respectivas posses que vários integrantes da família Penna efetuaram no Livro Paroquial de Registros de Terras, no ano de 1856, por exemplo, apenas as posses conjuntas de José Fernandes Penna e seu cunhado, José Martins Beltrão, receberam a denominação de “data de matos de cultura”, a qual “obtivemos por herança de nosso pai e sogro Manoel Fenandes Pena, a quem foi concedida por título pelo Governo Provincial”.

Francisca Luiza de Lima, já então viúva, também declarou suas posses, afirmando pertencerem conjuntamente aos herdeiros do casal, as quais correspondiam a “um rincão de campo de criação com os matos que compreendem, com a denominação de Rincão de Vacacaí-Mirim, [...] cuja maior parte foi obtida por compra, ao restante por posse, que estabelecemos há mais de trinta anos”. Na mesma declaração [...] fez constar que possuía também “mais uma data de matos, sita na Serra Geral, que frenteia o campo acima mencionado, obtida por compra”. Ou seja, é notório que os domínios fundiários por ela registrados nessa ocasião não são os concedidos pelo Governo Provincial, os quais teriam sido repassados ao filho José Fernandes Penna e Florinda (casada com José Martins Beltrão) [...].

Outros dois filhos do já falecido guarda-mor declararam suas respectivas posses no mesmo dia: Francisco Fernandes Penna e João Fernandes Penna. O primeiro declarou ter, em seu domínio, “umas terras de mato e de cultura, sitos na serra geral que frenteia o Rincão de Campo de Vacacaí-Mirim, nas quais estabeleci posse no ano de mil oitocentos e quarenta e cinco, e conservo cultura efetiva e morada habitual”. Já o segundo declara a posse de “umas terras de matos de cultura, que obtive por ocupação primária, que estabeleci no ano de mil oitocentos e quarenta e três” (APERGS. Cachoeira do Sul. Civil e Crimes. Inventário, 1857. Autos 21, maço 1, estante 54, folha 2 (verso), *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p.48, 49).

Deste modo, fica aqui nitidamente comprovada a rápida ascensão socio-econômica da família do guarda-mor, advinda da conclusão dos mesmos autores, a saber:

Na descrição dos limites das quatro posses registradas e aqui expostas, os requerentes ou citam-se como confrontantes mútuos, ou citam, nesta condição, seus genros e cunhados, confirmando: 1) um processo de ascensão social que se deu através da posse supostamente primária da terra, constituindo um significativo patrimônio fundiário em áreas que, em grande parte, eram pouco valorizadas devido às características do relevo, mas que passaram a sê-lo na medida em que a região passou a acolher colônias de imigrantes italianos; 2) que esse processo de ascensão tomou contornos coletivos, uma vez que englobava os descendentes de Manoel Fernandes Penna na sua quase totalidade (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 49, 50).

Neste sentido, houve uma concentração patrimonial, em termos de imóveis rurais, concentrados no então Pólo *Vacacaí-Mirim* de propriedade (originalmente) do guarda-mor, da parte do filho JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), tornando-se o maior proprietário rural dentre os filhos, por concessão, herança, compra, permuta e posse de terras nas adjacências. Isto foi possível verificar mediante ao acesso que estes autores tiveram a um documento de 1874, em que, JOSÉ FERNANDES PENNA e a esposa Manoela Celestina Alves Dornelles Penna, solicitavam, à Diretoria de Terras e Colonização do estado, a medição de suas terras (por sua vez contíguas), na busca de “legitimar os domínios sobre as mesmas por meio de um título único” (AHRS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, Diretoria de Terras e Colonização, Autos de Medição n. 630, Município de Santa Maria, 1874, folha 8 (face e verso) *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 50, 51).

Eles declararam, em um dos autos de medição de posses, a Fazenda da Palma, que

tem a mais de vinte e seis anos nas referidas posses e data de terras, por si e por seus antepassados morada habitual coberta de telhas com paredes de tijolos onde mora com seus filhos, tendo mais outra casa que serve de cozinha, também coberta de telha, e uma outra casa grande também coberta de telha com paredes de tijolos, a qual casa tem dentro um engenho de fabricar farinha de mandioca, tem mais um engenho de moer cana doce, e uma senzala onde moram seus escravos em numero de dezesseis entre homens e mulheres; declararão mais que tem cultura efetiva de milho, feijão, mandioca, arroz, e diversas outras plantações, vendendo anualmente muitos mantimentos de suas lavouras, além do que deixam para gasto domestico, que também existem. Declararão mais que tem um grande pomar composto de laranjeiras, pessegueiros, e diversas outras árvores frutíferas (AHRS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, Diretoria de Terras e Colonização, Autos de Medição n. 630, Município de Santa Maria, 1874, folha 3 (verso) e 4 (face), *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 70 e 71).

Para se ter uma idéia das propriedades e atividades produtivas do filho caçula FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10), serve-se dos Autos de Medição (iniciados em 1874 e finalizados em 1880), por meio do qual ele e sua esposa, Maria Luiza de Menezes Penna, solicitaram “registro formal de suas posses de acordo com a legislação vigente” (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 68, 69). Eles declararam, na ocasião, possuem

a mais de vinte oito anos na referida posse morada habitual coberta de telha onde residem com seus filhos, e mais uma outra casa também coberta de telhas a qual tem dentro um engenho de fabricar farinha [de] mandioca, e sua senzala onde residem seus escravos em número de doze, e mais um engenho de desdobrar madeira tocado por água, e um outro engenho de moer cana doce tocado por boi; declararam mais que tem cultura de milho, feijão, cana doce, mandioca e diversas outras plantações, colhendo anualmente [...]; declaram mais que tem um pequeno pomar composto de laranjeiras, limoeiros, pessegueiros, marmeleiros e diversas outras árvores frutíferas [AHRS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, Diretoria de Terras e Colonização, Autos de Medição n. 854, Município de Santa Maria, 1877 (sentença), folhas 3 (v.) e 4 (f.), *apud* *Ibid.*, p. 50, 51].

No inventário *post mortem* (1870) do genro do guarda-mor, Porfírio Dornelles e Silva, casado com MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (F2), consta que possuíam propriedade no hoje Município de Restinga Seca, outra no Rincão do Vacacaí-Mirim, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, e outra na “Palma em Cima da Serra”, em São Xavier, posteriormente Distrito de Boqueirão da Palma: Município de Tupanciretã, bem como dezessete escravos (APERGS. Santa Maria, Cartório do Civil. Inventário, 1870, Autos 18, maço 1, estante 149, folha 3 (f.), *apud Ibid.*, p. 73).

Por outro lado, observa-se uma diversificação de culturas na exploração da terra, inclusive roças, nas propriedades da família, seguindo ainda os mesmos autores, a saber:

De qualquer forma, nesse processo, Manoel Fernandes [Penna] diversificou a sua produção, pois, além de permanecer realizando “cultivos de matos”, passou a ser também um “criador”.

A permanência e talvez até proeminência da prática da agricultura é notória não só na descrição dos bens de raiz do inventário de Francisca Luiza [de Lima], mas também na relação que é feita dos bens móveis, dos quais destacamos alguns: picão de pedreiro, alavanca, machados, foice, enxadas, braço de balança, instrumentos de carpintaria, tacho de cobre, carretas, um forno de cobre, “uma máquina de atafona com dois montes, prensa com dois furos e um torno de cobre” [APERGS. Cachoeira do Sul. Civil e Crimes. Inventário, 1857. Autos 21, maço 1, estante 54, folha 2 (verso), *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 47].

Os autores ainda seguem:

A descrição dos semoventes também corrobora a constituição de uma unidade de produção diversificada, em que agricultura e pecuária se mesclavam. Nela constatamos a existência de [...] cinquenta e seis éguas xucras [...] dez cavalos mansos [...] quatro mulas mansas [...] uma mula branca de flor [...] dezesseis rezes de criar mansas [...] sete bois mansos lavradores e tafoneiros [...] quatorze bois mansos carreiros [...] seiscentas rezes de criar xucras [APERGS. Cachoeira do Sul. Civil e Crimes. Inventário, 1857. Autos 21, maço 1, estante 54, folha 2 (verso), *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 47].

Ainda seguindo, quanto à diversificação na produção da família do guarda-mor, no caso do filho JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), tanto na pecuária, na agricultura como na produção de manufaturados, os mesmos autores descrevem:

Coerente com os dados encontrados no Livro Paroquial de Registros de Terras, os Autos de Medição de 1874 das posses de José Fernandes Penna e sua esposa apontam o cultivo de roças e referem diretamente à venda de excedentes das lavouras, assim como o processamento de produtos no interior da unidade produtiva por meio de atafonas e engenhos, [...] e explicita a intercalação entre cultivos e poteiros no interior dos domínios em formalização, além do indicativo de que o terreno era [...] irregular e coberto, em grande parte, por mato (*Ibid.*, p. 52).

Já no inventário *post mortem* (1891), foi constatado uma “proeminência da pecuária” em relação à agricultura e produtos manufaturados (APERGS. Santa Maria. Cartório do Civil. Inventário, 1891, Autos 67, maço 2, estante 149, folha 5 (face e verso), *apud Ibid.*, p. 52), afastando-se, nesse modo, das suas origens portuguesas (lado paterno) e açorianas (lado materno), mas, mesmo assim, contextualizado com o que acontecia no Rio Grande na época.

De qualquer maneira, quanto à ocupação da escravaria nas atividades do cotidiano das fazendas da família do guarda-mor, os últimos autores concluem que “a composição do patrimônio da família Penna e o perfil da escravaria [...] permitem inferir que era na prática da agricultura, sobretudo, e no processamento de produtos agropecuários que os cativos que compunham tal patrimônio produtivo se ocupavam” (*Ibid.*, p. 52).

Por outro lado, para se compreender o espaço pelo qual o cenário da trajetória do casal genearca e sua família se desenrolou, é imprescindível que se entenda o processo de formação do Rio Grande do Sul e como se deu seu pertencimento ao Brasil. Contudo, para melhor contextualizar e compreender profundamente o cenário de vida do casal, foco do estudo, seria necessário um aprofundamento em importantes e pertinentes assuntos, como, por exemplo, quanto às questões de identidades culturais, imaginário social, dinâmicas sociais e espaços de poder, mas que, tendo em vista o perfil e os propósitos da presente pesquisa, que é no sentido de obter uma visão panorâmica do cenário, não serão aprofundadas neste trabalho.

Presume-se que a mobilidade espacial do guarda-mor e esposa fosse considerável, principalmente pela função pública dele e os negócios particulares nos dois pólos de sua propriedade, pela habilidade social e seus estratégicos relacionamentos construídos, considerando inclusive os laços parentais. De todo modo, considera-se que a mobilidade espacial era frequente na época e Região. Presume-se que a área do cenário em torno da família do guarda-mor, em sua localização geográfica, compreendesse a Região Central, perfazendo uma rota de relacionamentos familiares, sociais, de negócios e compromissos públicos, primeiro no sentido Leste-Oeste e depois Centro-Noroeste do Rio Grande do Sul.

Possivelmente, percorressem Viamão, Porto Alegre, Santo Amaro, Rio Pardo, Cachoeira, Restinga Seca, Vacacaí-Mirim/Tronqueiras, Arenal/Vacacaí (Santa Flora), Santa Maria, São Martinho, São Xavier, Missões e Cruz Alta, principalmente de Cachoeira a São Xavier (com maior regularidade), passando por Vacacaí/Tronqueiras, Santa Maria e São Martinho. Não se sabe se eles continuaram a manter os vínculos familiares com Santo Amaro e Viamão por meio de visitas, tampouco se ele mantinha algum contato físico através de visita oficial com a capital Porto Alegre, em função do cargo público de guarda-mor ou se a comunicação era por carta ou outro meio.

Viamão (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e Santo Amaro (hoje distrito do Município de General Câmara), eram referências na família do guarda-mor, lugares com fortes vínculos familiares. Viamão, terra natal da esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, e local do casamento deles, e Santo Amaro, terra natal da cunhada e posteriormente irmã de um genro e sogra de um filho (com as segundas núpcias dela) [o filho F6 JOSÉ FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) se casara com Manoela Celestina Alves Dornelles (Penna) (1825- f. depois de 1903), filha de José Joaquim Alvares/Alves Dornelles (1790 ?-?) & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853 ?), das segundas núpcias dela, pois era viúva do irmão do guarda-mor, João Fernandes Penna (1769-1814)]. Esta (Gertrudes Maria de Jesus), tinha um irmão que era genro do guarda-mor [a filha F2 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70) se casara com Porfirio Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70), irmão de Gertrudes Maria de Jesus]. A importância de Viamão, em meados do século XVIII, era grande, observado a seguir:

A partir de 1732, o Rio Grande de São Pedro [...] passou a atrair colonizadores que se radicaram na Região de Viamão. Elevada à categoria de freguesia em 1747, em 1763 acolheu a governança da província, que [...] tinha sede na Vila do Rio Grande, e que foi transferida devido à invasão pelos espanhóis. Viamão se conservou sede do governo até 1773, quando este, por razões práticas, passou ao antigo Porto de Viamão, hoje Porto Alegre (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIAMÃO, 2012).

Porto Alegre, capital do Continente de São Pedro (de 1773 a 1808), capitania (entre 1809 a 1822), província (de 1822 a 1889) e estado (após 1889), era referência importante no contexto da vida profissional pública do guarda-mor, bem como de seus filhos e genros. Rio Pardo, importante centro militar na época, era a sede do município sob o qual a área do posterior Distrito e depois Município de Santa Maria estava sujeita, entre 1809 a 1820 (Rio Pardo), em que compreendia cerca da metade do Rio Grande do Sul, incluindo Cachoeira e, por sua vez, Santa Maria, pois esta pertencia a Cachoeira (Cachoeira se emancipou de Rio Pardo em 1820 e Santa Maria de Cachoeira em 1858) (BORGES FORTES, 1963).

Cachoeira foi o primeiro município a ser criado (1820), após os quatro fundadores da capitania (1809) (*Ibid.*). Portanto, os dois pólos de propriedade do guarda-mor (o Pólo *São Xavier* e o Pólo *Vacacaí-Mirim*), estavam sob a jurisdição do Município de Cachoeira: o Pólo *São Xavier* pertenceu a Cachoeira, de 1820 a 1834 (com a emancipação de Cruz Alta e São Borja), e o Pólo *Vacacaí-Mirim*, de 1820 a 1857 (com a emancipação de Santa Maria) (*Ibid.*). Alguns filhos do guarda-mor, especialmente os mais velhos, tiveram seus batismos registrados em Cachoeira. Ali foi também o local de morte do guarda-mor e da filha

primogênita e seu esposo, F1 ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) & o Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884).

A área em que hoje é o Município de Restinga Seca (emancipado de Cachoeira em 1959) (*Ibid.*) tinha uma importância considerável para a família do guarda-mor, pois era: a) área limítrofe (pelo lado Leste) da propriedade do casal, no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria (Pólo *Vacacaí-Mirim*); b) área de passagem, considerando o trecho da rota Cachoeira/Santa Maria e c) área relacionada por vínculos familiares, pois várias pessoas da família e descendentes do casal genearca, em diversas gerações, se casaram com famílias estabelecidas nesta Região (antigo Município de Cachoeira, antes de 1959).

A antiga Localidade de Tronqueiras, pertencente ao posterior Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria, tinha uma considerável importância no cenário do Rio Grande, na época e Região. Era local de descanso e pouso – um entroncamento de vias (desde o século XVII/XVIII) – rota que vinha do Leste (Porto Alegre) em direção ao Oeste, até as Tronqueiras, ali bifurcando-se. Surgira como caminho para as Missões via São Martinho, passando pela área em que seria mais tarde Santa Maria (direção Noroeste) e outro para a fronteira via Pau Fincado e Vacacaí/São Gabriel (direção Sudoeste) e outra via Caçapava (direção Sul). Além do mais, próximo às Tronqueiras, localizava-se o Pólo *Vacacaí-Mirim*: hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria (próximo aos morros da encosta da Serra Geral, portanto entre as Tronqueiras e os morros), imóvel pioneiro do guarda-mor.

Por outro lado, Santa Maria, estratégico centro em franco desenvolvimento, era importante para a família do guarda-mor – *epicentro* do cenário vivido por seus protagonistas, situada entre os dois pólos de sua propriedade (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*). O casal possuía casa e terrenos ali, no povoado de Santa Maria (freguesia, a partir de 1838, e vila em 1858).

São Martinho era uma das mais antigas localidades da Região e por ali passava uma das mais antigas e importantes rotas da Região Central do Rio Grande do Sul (desde o século XVII). Era, na época, porta de entrada às riquezas das Missões (gado, mula e erva-mate) (CHRISTENSEN, 2001), vindo da fronteira ou de Porto Alegre, Região recém tomada pelo Império Português (direção Leste/Centro/Noroeste). A Região necessitava ser penetrada, povoada, conquistada e colonizada. São Martinho, até 1829, era da Freguesia de São Miguel.

Cruz Alta era importante no contexto, pois foi dos primeiros municípios a serem criados no Rio Grande do Sul (1834), após os quatro fundadores da capitania/província (1809) e Cachoeira (1820). Cruz Alta foi a sede do município que compreendia a área do Pólo *São Xavier* (entre 1834 e 1877, quando possivelmente passou a pertencer ao então recém criado Município de São Martinho). Passava por Cruz Alta uma importante rota, uma das principais

estradas às Missões, vinda de Santa Catarina, uma pelo Nordeste (via Passo Fundo) do Rio Grande do Sul e, posteriormente, pelo Norte (via Palmeira/Nonoai) (COSTA, 1991).

Como já dito, a Região, no início do século XIX, época da chegada do guarda-mor, estava voltada para a conquista, povoamento e exploração das Missões. Dos antigos Sete Povos missioneiros, São Miguel era o principal e o mais próximo (cerca de 50 km) do Pólo *São Xavier*, cuja igreja matriz (em ruínas) é ilustrada na Gravura 3.



Ruínas Miguelinas antes da reconstrução.

Gravura 3 – Ruínas de São Miguel das Missões (meados do século XIX), antes de ruir o átrio frontal.²⁴
 Fonte: MACHADO, 1987, p. 17.

O território das antigas Missões, com suas riquezas, pertenceu, conforme a época, aos municípios de São Borja e Cruz Alta. Por pouco tempo, São Martinho se tornou Capela Curada, desmembrando-se da Paróquia de São Miguel (1824/29) para ser anexada à Cachoeira. Por algum tempo (a partir da emancipação de Cruz Alta, em 1834, até 1877, quando se deu a primeira emancipação de São Martinho), parte das Missões pertenceram ao Município de Cruz Alta e, por conseguinte, o Pólo *São Xavier*, propriedade do guarda-mor. Provavelmente, a área em que estava inserido, começou a pertencer ao Município de Júlio de Castilhos, com sua emancipação (1891) (COSTA, 1991 e PEDRAZZI; COSTA, 1999).

De modo que ambos os pólos de propriedade do guarda-mor estavam localizados em áreas limítrofes e próximas a importantes entroncamentos – o Pólo *São Xavier*, com diferentes jurisdições, conforme a época (São Miguel, São Borja, Cruz Alta, São Martinho, Júlio de Castilhos e Tupanciretã), conforme a época e o assunto específico (pertinentes à freguesia/paróquia, município ou comarca) e o Pólo *Vacacaí-Mirim*, primeiramente fazendo

²⁴ O Povo de São Miguel (meados do século XIX) era um dos principais das Missões (embora já em completa decadência) e o mais próximo do Pólo *São Xavier*, um dos dois de propriedade do guarda-mor.

parte de Rio Pardo (até 1820), logo depois de Cachoeira (de 1820 a 1857), posteriormente fazendo divisa dos municípios de Santa Maria com Cachoeira (de 1858 a 1959), com Faxinal do Soturno, a partir de sua emancipação (em 1959), hoje Distrito de Vale Vêneto: Município de São João do Polêsine (emancipado em 1892), Silveira Martins (emancipado de Santa Maria em 1987) e com Restinga Seca (a partir da emancipação, em 1959) (BORGES FORTES, 1963), inclusive avizinhandos ali (no hoje Município de Restinga Seca) com parentes da família do guarda-mor. Estas distintas jurisdições também contribuíram para dificultar a pesquisa, no sentido das buscas por informações, por questão de tempo e dinheiro.

Por outro lado, a Região, na época, vivia em processo de pioneirismo, contextualizado no período de estruturação e ampliação territorial da capitania (portuguesa) e vivia uma espécie de efervescência econômica, ainda que *terra de passagem*, aproveitando-se da decadência das Missões e sua conquista, exploração, povoamento e colonização, tendo-a como meta portuguesa de ampliação territorial (então sendo alcançada) para usufruir das oportunidades advindas de suas riquezas (PEDRAZZI; COSTA, 1999). Além do mais, na época, o Rio Grande vivia momentos de transformação e turbulência. Recentemente, tinha sido fundada a Capitania de São Pedro do Rio Grande (1807/09), com a formação dos primeiros quatro municípios (BORGES FORTES, 1963), constantemente envolvida com guerras e conflitos de fronteira. Contudo, a Região Central estava vivendo ocasional e oportuno momento de calma, no início do século XIX, como abaixo descrito:

A transferência dos limites luso-brasileiros para longe e a transformação da Banda Oriental no palco principal da continuidade das disputas pela definição dos novos limites, no contexto da dissolução do domínio espanhol na América, vão trazer maior tranquilidade à região central do Rio Grande do Sul. A calma atraiu muitos comerciantes para a capela graças a sua posição privilegiada ligando a campanha e a serra (RIBEIRO, in: WEBER; RIBEIRO, 2010, p. 230).

O estabelecimento e desenvolvimento da família do casal genearca, em torno de Santa Maria, estavam perfeitamente inseridos no contexto da Região e época. Com intuito de contextualizar e compreender melhor o cenário, uma interessante, oportuna e abrangente explanação sobre a situação do Rio Grande do Sul, especialmente a Região Central, na virada do século XVIII/XIX, vem à tona. Muito do ambiente que está sendo dito no trabalho vem do seguinte texto de Luís Augusto Ebling Farinatti (2010a, p. 252):

A Conquista e ocupação
Em fins do século XVIII e inícios do XIX, a presença luso-brasileira no sul da América cobria uma faixa que partia do Oceano Atlântico e chegava até o centro do [...] Rio Grande do Sul. A noroeste, entre as zonas de domínio português e o rio Uruguai, ficavam os Sete Povos das Missões Orientais. [...] de domínio espanhol.

Ao sul dos Sete Povos, ultrapassando o rio Ibicuí e chegando até a margem direita do rio Negro, localizava-se uma região de ricas pastagens naturais, com ampla presença de gado, em grande parte alçado ou bravo.

Aquela estava longe de ser uma “terra de ninguém”. Tribos de indígenas charruas e minuanos faziam daqueles campos a sua morada. Tinham se tornado destros no manejo do cavalo, arrebanhavam gado e estabeleciam relações que podiam passar do enfrentamento ao comércio com os assentamentos portugueses, a leste, guaranis, ao norte/oeste e espanhóis, ao sul. Da mesma forma, havia muitas décadas que os guaranis missioneiros utilizavam a região para o estabelecimento de suas estâncias. Naquela época, esses terrenos estavam em disputa entre os impérios ibéricos. A presença portuguesa alongava-se para oeste a partir de Rio Grande e Rio Pardo. Nesta última região, a localidade mais extrema era o povoado de Cachoeira, de onde partia o influxo migratório mais forte de ocupação das terras a oeste. Um dos sentidos dessa corrente populacional alongou-se para além do Jacuí, até os campos localizados no sopé da Serra Geral, entre os rios Vacacaí-Mirim e Toropi, onde viria a se estabelecer o futuro município de Santa Maria.

Especialmente quanto à Região entre Cachoeira e São Martinho, o autor continua:

Uma ocupação efetiva dessa região por colonizadores vindos do leste [...] se deu nas primeiras décadas do século XIX. A partir de então, a região tornou-se o elo de ligação entre as áreas mais antigas do leste, e os territórios das missões, incorporados recentemente (Farinatti, 1999). A organização [...] sob domínio luso-brasileiro trouxe para a região um afluxo importante de população escravizada e também atraiu migrantes guaranis missioneiros [...], após a tomada dos Sete Povos, em 1801.

A região de Santa Maria, em foco aqui, era um distrito de Cachoeira até 1858, quando se emancipou. Ela abrangia os territórios hoje ocupados por vários municípios no centro do Rio Grande do Sul: Santa Maria, Silveira Martins, Itaara, Dilermando de Aguiar, São Pedro e Toropi (FARINATTI, 2010a, p. 252).

Considerando as características naturais da Região Central, o autor ainda segue:

A paisagem agrária que foi sendo construída na região de Santa Maria estava longe do estereótipo [...] monotônico, marcado por enormes estâncias, gado a perder de vista e uns quantos gaúchos esquivos que oscilavam entre o trabalho como peão e as atividades ilícitas. Em primeiro lugar, o relevo e a vegetação eram heterogêneos. Em todo o norte, estava postada a muralha [...] da Serra Geral, coberta de florestas, [...]. Ao sul, começavam as planícies suavemente onduladas que se estendiam rumo ao pampa [...] (FARINATTI, 2010b, p. 244, 245).

Caracterizando a produção da Região, o autor conclui:

Por fim, [...] um olhar comparativo entre o universo agrário de Santa Maria e as outras regiões [...], [...] Santa Maria se distanciava do caráter mais especializado na pecuária de grande escala [...], que era a tônica da região da Campanha Rio-grandense. Aproximava-se mais do padrão encontrado no restante da Depressão Central [...], onde uma pecuária mais acanhada dos que a da Campanha consorciava-se com a lavoura de alimentos. Esse padrão era também encontrado no norte da província (Planalto e Missões). Lá, porém, tais atividades recebiam a importante companhia do extrativismo de erva-mate e [...] da produção de muares, destinada à [...] Sorocaba, [...] (Zarth, 1997, 2002 *apud Ibid.*, p. 252).

Quanto ao relevo das áreas de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*), a altitude média do Pólo *Vacacaí-Mirim*, na Depressão Central, entre a planície e os morros da encosta da Serra Geral, é de 50 a 100 m e do Pólo *São Xavier*, no Planalto, de 400 a 500 m.

De qualquer forma, supõe-se uma inteligente e estratégica visão da parte do guarda-mor, no sentido de planejar e realizar ações para aproveitar as ocasiões e oportunidades do cenário regional e fazer negócios. Além de cuidar dos negócios do governo, cuidava de seus negócios particulares. É possível que o guarda-mor, enquanto reinol (da área continental do Reino de Portugal) em terras brasileiras, casado com uma filha de ilhéus (das Ilhas dos Açores), tivesse privilégios, conforme as circunstâncias da época.

De modo que o trânsito do guarda-mor e familiares era considerável por Cachoeira, Santa Maria, São Martinho, São Xavier e Cruz Alta, direcionando-se às oportunidades das Missões. Era neste contexto cenográfico que se localizavam os pólos *Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*. Não se sabe quanto tempo o guarda-mor e familiares ficavam em cada lugar. É possível que o guarda-mor tenha se aproveitado de ambas propriedades, a fazer rodízio e alternância na produção ou que cada pólo tivesse seu próprio perfil de produção, como a criação e comércio de mulas e a produção e comércio da erva-mate, peculiar à *São Xavier*.

Em se tratando do nível sociocultural e econômico, em algumas dimensões, a família pode ser classificada como de “posição intermediária” na “estratificação social” da época (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 53). A questão da elite em Santa Maria foi abordada por Jonas Moreira Vargas (2010), a respeito de família, poder e política no século XIX, ao tratar sobre o Coronel José Alves Valença. Neste sentido, a família do guarda-mor tinha, por certo, em permanente convivência, em seu seio e entorno, com representantes dos mais variados segmentos da sociedade da época, tanto de classes *médias* ou altas, como militares, políticos, fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais, como de camadas mais simples da sociedade, como pequenos agricultores, agregados, peões, escravos e outros das mais diversas funções. O rol de relações, funções e ofícios era advinda tanto da atuação de algum familiar (próximo ou mais distante), amigo, vizinho, parceiro em negócios ou outras transações, fornecedor de mercadorias ou prestador de serviços.

5.4 A Prole do Casal Genearca e a Formação e Distribuição Geográfica dos Clãs

Ao observar o nome dos 10 filhos do casal genearca, a escolha do nome provavelmente foi em alusão ou homenagem a caros familiares próximos. Por exemplo, os nomes dos filhos José (F6) e Antonio (F9) vieram do avô paterno de Portugal, José Antonio; o

nome do filho João (F7) veio do tio paterno João (morto em acidente, em 1814) e o nome do filho Francisco (F10) veio do nome da mãe, Francisca Luiza. As filhas Anna Francisca (F1), Maria Francisca (F2), Constança (Francisca) (F3), Florinda Francisca (F4), Jeronyma Francisca (F5) e Candida Francisca (F8), também tiveram seus nomes compostos incluindo Francisca (como segundo nome) por causa do nome da mãe. Além do mais, houve reincidência destes nomes nas gerações seguintes (Apêndice B, PENNA, 2013), como de costume na época.

A prole do casal genearca (filhos e netos) foi se estabelecendo em algum ponto desta rota [Cachoeira/Restinga Seca/Vacacaí-Mirim/Tronqueiras/Arenal (Santa Flora)/Santa Maria/São Martinho/São Xavier (Tupanciretã)], conforme laços conjugais, socioculturais ou de negócios, em função da movimentação dos pais e familiares. Uns ramos foram se fixando, de modo mais sedentário, outros com mais flexibilidade em seus trânsitos e maior mobilidade espacial (mais itinerantes). Uns mais campesinos; outros mais urbanizados, à medida que os centros iam se desenvolvendo e urbanizando e as gerações passando. De modo que, a partir de ambos os pólos de propriedade do guarda-mor (*Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*) e do epicentro (Santa Maria), uns começaram a migrar para outros lugares (a partir dos netos).

A família do guarda-mor parece ter sido unida, fato observado no inventário *post mortem* da viúva do guarda-mor (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime), quando trata da escolha do inventariante, advindo da confiança que os irmãos (filhos do guarda-mor) e cunhados depositavam no caçula F10 FRANCISCO FERNANDES PENNA, que possivelmente morasse com a mãe, quando de sua morte (1857).

Quanto à idade de casamento das filhas do guarda-mor, observou-se uma média de 18 anos de idade dentre as cinco que se casaram, com idade mínima de 15 e máxima de 25 anos. Quanto aos três rapazes, uma média de 26 anos de idade. Os casamentos dos filhos(as) do guarda-mor iniciaram em 1825 e findaram em 1852, portanto 27 anos de diferença.

Não só há um considerável número de referências na historiografia, a respeito dos genros no serviço público, na vida política e militar e possivelmente no comércio, mas também os filhos e genros nas atividades da produção primária. Contudo, os que tinham atividades no serviço público, na política ou no comércio, desenvolviam também atividades na produção primária. Algumas referências advêm da *Relação de 1858* (apud FARINATTI, 1999), por exigência governamental, quando foram elencadas 90 estâncias, contendo o nome dos proprietários e a quantidade de gado e pessoal envolvido (*Relação de Animaes Vacuns, Cavallares e lanígeros do município de Santa Maria da Boca do Monte*, Correspondência Expedida - Delegacia de polícia, 1858, Santa Maria da Boca do Monte, AHRS).

O filho do guarda-mor, JOÃO FERNANDES PENNA (F7), era fazendeiro (pecuarista) no Pólo *Vacacaí-Mirim*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria (BELÉM, 1933, 2000; BELTRÃO, 1958), tendo ali herdado terra. Não se obteve mais informações; a não ser nos assentos de Batismo e Óbito, no inventário *post mortem* da mãe (Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime) e no livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1854-1856). Ele morreu solteiro.

O filho ANTONIO FERNANDES PENNA (F9), além de militar (oficial), integrante (capitão) do 6º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira, sediada em Santa Maria, por volta de 1849 (BELTRAO, 1979, p. 159), era também fazendeiro (pecuarista), mas só que no Pólo *São Xavier*, tendo somente ali herdado terra. Não foi encontrada menção na historiografia, com exceção da referência de ROMEU BELTRAO (1979). Contudo, foram encontrados registros nas fontes primárias dos assentos de Batismo, Casamento e Óbito de São Martinho, bem como do inventário *post mortem* da mãe e de seu próprio, demonstrando o estabelecimento no Pólo *São Xavier*. Constituiu-se em um dos únicos filhos a se estabelecer ali, distanciando e desvinculando-se de Santa Maria. Provavelmente, o distanciamento veio em função de somente ter herdado terra do antigo Distrito de *São Xavier*, mais distante, portanto, e por ter sido militar, sujeito a mudanças, pela característica da função.

O filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), teve atuação política, mas sem êxito. Foi cidadão eleitor, candidato a Primeira Assembléia Paroquial de Santa Maria, em 1846 (BELÉM, 2000, p. 102; BELTRÃO, 1958). Foi fazendeiro (pecuarista), proprietário da Fazenda da Palma no Pólo *Vacacaí-Mirim*, assim como seus irmãos FRANCISCO (F10) e JOÃO (F7), também nas redondezas. Há referência na historiografia local a mencionar:

José Fernandes Penna, filho do Guarda-Mor, obteve por herança grande extensão de terras do pai Manuel Fernandes Penna, que foi conferida por Título pelo Governo Provincial. As terras eram limitadas, ao norte, pelos matos devolutos da serra; ao sul, pelo rincão do *Vacacaí-Mirin*; a leste, pelas terras de Porfirio Dornelles e Silva; a oeste, pelos matos da posse de João Fernandes Penna. Teve de seu casamento, três homens e uma mulher: José, João Maria, Manuel e Francisca. Manuel não teve filhos, deixou os bens para descendentes de escravos do avô. Construiu, em 1857, uma casa no alto de uma colina, na Fazenda da Palma, é a casa mais antiga, em condições de ser habitada, do município de Santa Maria (RICHTER, 1997, p. 24 e 25; BELLINASSO, 2000, p. 10).

A origem da Fazenda da Palma é descrita no *site* sobre o Distrito da Palma, a partir de informações principalmente advindas de entrevistas com o quadra/tetraneto do guarda-mor CARLOS MOZART MARQUES DE MORAES, atual herdeiro da propriedade, a saber:

A Fazenda Palma

A história do distrito da Palma está fortemente ligada ao território que a deu origem: Fazenda Palma (sua fazenda histórica) [...].

Um local histórico

Manoel Fernandes Penna veio, em 1808 [na verdade, antes] para o Brasil, de Portugal da cidade de Ribeira de Pena, em Trás-os-Montes. Daí a origem do sobrenome, [...] para homenagear a sua terra natal. Ele recebeu em forma de sesmária, uma grande extensão territorial que tinha como divisa o município de Restinga Seca de um lado e o Silveira Martins do outro, que se transformou no hoje distrito de Palma. Ele atuava como Guarda-Mor do Governo e se instalou com a família na cidade. O seu filho, José Fernandes Penna, em 1857, construiu uma casa, nesta fazenda, que recebeu o nome de Fazenda Palma. Ela possui uma arquitetura clássica portuguesa que até hoje é mantida pela família, com o objetivo de preservar a história da família e do local. O engenheiro agrônomo Carlos Mozart Marques de Moraes, pertencente à quinta geração dos Penna e no ano de 2003 restaurou a casa, [...] (WIKIPÉDIA: a Enciclopédia livre, Distrito da Palma, 2012).

Segundo o quadra/tetraneto CARLOS MOZART (*TÓCO*) MARQUES DE MORAES, em entrevistas (de 2008 a 2012), relatou que a casa foi construída, a mando de seu trisavô, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), em 1857 (no ano da morte da mãe, FRANCISCA LUIZA DE LIMA). CARLOS MOZART é o atual proprietário da Fazenda da Palma, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, conhecedor da localidade e da História da Família Penna e maior informante na pesquisa, bem como o único descendente do guarda-mor a conhecer a cidade de Ribeira de Pena, sabendo que se tratava da terra natal de seus ancestrais.

Entretanto, ela não seria a mais antiga em condição de habitação, como tratam Richter (1997) e Bellinaso (2000), a partir dos depoimentos de Moraes, pois o Sr. Nicodemos Rocha, fazendeiro nos municípios de Santa Maria e Dilermando de Aguiar, conhecedor da Região e membro da família dos atuais proprietários de uma das fazendas em questão, em entrevista, declarou que as mais antigas casas estão na Fazenda da *Ramada*, no Distrito de Santa Flora (1830), em cujas terras possivelmente pertencentes, nos primórdios, à sesmária de Felisberto dos Santos Moraes (outorgada em 1796) e Antonio Gonçalves Borges (1806), depois, por herança, propriedade da Família Niederauer Borges e hoje, da Família Machado Barcellos, e na Fazenda *São Roque*, no hoje Distrito de São Valentin (1831), originalmente pertencente à Família Gonçalves Chaves e depois, por herança, à Família Seydler/Seidelles/Saideles da Rocha. Ambas casas são habitadas, pelo menos nas férias ou em final de semana.

Ainda referente ao clã F6 JOSÉ FERNANDES PENNA, aborda-se a respeito da Comunidade *Arnesto Penna Carneiro*, remanescente do Quilombo(la) da Palma. Teve início com a doação de terra da viúva de um neto do guarda-mor, Ambrozina Celestina Alves Penna casada com MANOEL FERNANDES PENNA (NETO), filho de JOSÉ FERNANDES PENNA [APERGS. Santa Maria, Provedoria: Testamento, 1904, Autos 128, Maço 3, Estante 149, Folha 2 (face) *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 78], a saber:

[...] Manoel Fernandes Penna teria chegado a Santa Maria em 1808, onde ganhou terras da Coroa Portuguesa, na Região onde hoje fica a Comunidade. Seu neto Manoel Fernandes Penna, herdeiro destas suas terras, manteve até 1884, o mesmo regime de trabalho iniciado por seus antepassados, com a utilização da mão-de-obra negra escrava. [...]. Com a morte de Manoel Fernandes Penna [homônimo do guarda-mor], seus bens ficaram com sua esposa, [...]. Ela, que não teve filhos, deixou em seu testamento, lavrado na provedoria [...] de Santa Maria [...], em [...] 1905, uma parte dos seus bens aos filhos da ex-escrava Balbina, [...] (WIKIMEDIA: a Enciclopedia livre, COMMONS, Comunidade Arnesto Penna Carneiro, 2009).

A prática de doação de área para a “constituição de territórios negros” estava contextualizada no Rio Grande do Sul – “não era exceção” naquela época (RUBERT, 2005 *apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 78). O sobrenome Penna foi herdado pelos descendentes dos escravos da família, pois “a adoção do antigo senhor facilitava a localização social perante os demais, mesmo após a abolição, indicando as esferas de proteção as quais se estava vinculado (a)” (MOREIRA, 2003 *apud Ibid.*, p. 88). A Comunidade *Arnesto Penna Carneiro* está inserida na área pertencente ao antigo Pólo *Vacacaí-Mirim*, posteriormente chamada de Fazenda da Palma.

A respeito do início da imigração, próximo ao Pólo *Vacacaí-mirim*, segue um trecho das *Memórias de um imigrante italiano* do pioneiro Júlio Lorenzoni (1878), inéditas em 1960, editado por Guido Becchi (*apud* BELLINASSO, 2000, p. 39), em seu relato sobre a chegada (1878) dos primeiros imigrantes ao Barracão (posteriormente Val de Buia, no hoje Município de Silveira Martins), em precárias condições, jamais apagadas da memória, a saber:

Da Boca da Picada [próximo aos morros] ao primeiro barracão Entramos no dia seguinte no bosque, numa estrada (se estrada podia se chamar) de inferno; buracos e barro que os pobres animais afundavam até quase à barriga. Os gritos dos carreteiros para estimulá-los e fazê-los atravessar aquelas poças de água e lama e arrastar as carretas com nossas bagagens causava-nos uma tristeza enorme, enquanto seguindo-se, vinha a fileira de homens, mulheres, velhos e crianças procurando escolher o local exato para firmar os pés sem afundar naquele terreno barrento e lodoso. Os homens marchavam com os filhinhos no colo, calças arregaçadas até acima dos joelhos e as mulheres também não podiam evitar de mostrar as pernas, sujas e enlameadas, procurando salvar da sujeira as saias que vestiam. Uns caminhavam de cabeça baixa, cansados, taciturnos e tristes, outros gritavam e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil e as mulheres silenciosamente seguiam chorando (*Ibid.*, p. 39).

Seguindo, o filho do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), aquele que manteve sua herança e ampliou (mais que os outros) sua propriedade no *Vacacaí-Mirim* foi abordado por ajuda (hoje, parecendo um fato pitoresco ou inusitado), pelos primeiros imigrantes (recém vindos da Itália), naqueles difíceis momentos, imediatamente antes da chegada (após dias de viagem, uns a pé e outros de carroções), antes de subirem à Colônia de

Silveira Martins. Eles estavam por demais exaustos, mas já perto de seu destino. Então surgia uma ajuda, um apoio advindo da Fazenda da Palma, seguindo o detalhado relato:

Quando eram pelas três horas da tarde, desembocamos daquele mato numa linda planície, propriedade do fazendeiro Penna. Paramos aí, novamente, para tomar algum alimento, pois estávamos sem comer desde manhã cedo; para repousar um pouco, enxugar nossas roupas e mesmo porque os animais estavam exaustos, escorrendo suor e embarrados até os chifres.

Esta parada prolongou-se por este dia e o dia seguinte [23-24/04/1878], [...] os bois internavam-se no mato, dando um trabalho insano para encontrá-los.

Neste espaço de tempo, tivemos oportunidade de aproximar-nos da casa do Sr. Penna, rico proprietário com mais de duzentos escravos [quantidade fora do contexto], todos negros e, especialmente os mais moços, seminus. Notava-se que, para ele, nossa presença causava uma enorme surpresa, mas como não entendíamos nada do que falavam, nos limitávamos a observar essas criaturas tão estranhas. Os fazendeiros eram brancos, bem vestidos e afetuosos para com todos. No dia seguinte, às nove horas mais ou menos, estávamos novamente a caminho, em direção ao barracão que ditava da casa do Sr. Penna, apenas seis quilômetros. Seguíamos por um caminho [...], com a largura de uns cinco metros, plano sim, mas pedregoso, a tal ponto que aquelas quatro juntas de bois que puxavam as carretas, mal pediam seguir adiante, chegávamos afinal ao barracão, [...] nosso destino.

Estava este [o barracão] situado num largo, circundado de morros a levante, ao poente e ao sul, menos ao norte, que era de onde chegávamos, transpondo o vale, desde a casa do Sr. Penna. [...] (BELLINASO, 2000, p. 39).

Ainda sobre um fato similar, outro texto, extraído de relato de memórias, no caso, (memória oral) de Antonio Catto (filho de Isidoro Catto & Herminia Antoniazzi), também inédito, que ouviu de sua mãe que veio (com os pais Francesco & Catarina Antoniazzi) para o Brasil (1883), também incluído em livro (sobre a Quarta Colônia) de outro autor, Breno Antonio Sponchiado (1996, p. 30 e 31), onde diz, inclusive com detalhes cênicos:

[...] Assim foi toda a lenta caminhada que durou quinze dias, ainda mais prejudicada com as contínuas chuvaradas, de um e mais dias inteiros.

Com a demora [...], chegou a faltar comida: [...], quando amanheceu, ao galgarem uma coxilha apareceu uma fazenda... [dos Pennas] [...] Alguém com mais coragem tomou a frente, aparecendo o fazendeiro prevenido, com capangas – escravos negros –. O grupo ergueu os braços, e prosseguindo faziam senha batendo na barriga e acenando na boca, que tinham fome, e buscavam víveres, apontando o laranjal.

O senhor ordenou aos pretos que apanhassem as frutas, quantas quisessem, enchendo várias bolsas... esfregaram então o indicador com o polegar, e o proprietário fez sinal que nada deviam. Despediram-se com gestos de cabeça e apertando a mão benfazeja. [...] Que expectativa e que fome, meu Deus! Com laranjas se arranjaram três dias e noites, paralisados aí pelas chuvas.

Por outro lado, a Fazenda da Palma se tornou logo (até os dias de hoje) uma referência local e regional, citada por Eneida Izabel Schirmer Richter (1997, p. 34, 35), quando diz:

Com a inauguração do novo trecho ferroviário Cachoeira – Santa Maria, o transporte tornou-se mais prático. Os imigrantes que se dirigiam para Faxinal do Soturno, Vale Vêneto ou Ribeirão, desembarcavam em Arroio do Sol na época de estiagem, pois só então era possível atravessar o Vacacaí-Mirim e continuar o trajeto. Aqueles que

se dirigiam para Silveira Martins iam pela estrada que cruzava a Fazenda dos Penna, parando para descansar à sombra de frondosa figueira que ali resiste até hoje. Durante a estiagem, o caminho dos imigrantes era este, pois na época das cheias, o rio impedia a passagem; a opção era seguir até à Estação Colônia (atual Camobi) e fazer o retorno por Silveira Martins.

Além da referência da Fazenda da Palma, parece demonstrar um perfil benevolente do proprietário, filho do guarda-mor, que, embora rico e *importante* na comunidade, não perdera a generosidade. Além do que, o Prof. CARLOS MOZART MARQUES DE MORAES, atual herdeiro proprietário da Fazenda da Palma, em uma das entrevistas, relatou que os imigrantes, vendo aquela imensidão de terras que possuía (comparada com os donos de terra da Itália), chamavam JOSÉ FERNANDES PENNA de *il Barone* ou *Signore Barone*, a saber:

O José Fernandes Penna tinha uma rede, botava uma rede e aqui na frente tinha um banquinho mais baixo. E ele costumou a rezar o terço, então todos os escravos vinham pedir a benção para o patrão né, e depois rezavam [...] iam pra casa. E os italianos logo que chegaram aqui, acostumados lá na Itália, então chamavam ele de ‘senhor barone’. Mas não era barão [...], mas chamavam de barão porque achavam que pra ter essa quantidade de terra só podia ser barão! Então, [...] vinham aqui visitar o barão [...] (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 83).

Não obstante, outro filho do guarda-mor, FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10), era também fazendeiro, tendo herdado terra no Pólo *Vacacaí-Mirim*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, e ali constituído residência. Foi proprietário da extinta Fazenda da *Tafona*, próxima ao extinto Estabelecimento Industrial e Comercial *Vera Cruz* de Dario Pereira de Almeida, Localidade de Faxinal da Palma (sentido Casa dos Marchesan), a saber:

Nas suas redondezas [então Distrito de Arroio do Só/Sol] dedicavam à indústria pastoril e tinham suas moradias os estancieiros Manoel Celestino Alves Dornelles [irmão de uma nora do guarda-mor e sogro de uma bisneta do guarda-mor], [...], Francisco Fernandes Penna [filho do guarda-mor], [...] (BELÉM, 2000, p. 196).

A sede da extinta Fazenda da *Tafona*, às margens do homônimo Arroio Tafona e Arroio Grande, situava-se próximo ao estabelecimento, instalado ali (a partir de 1920) por compra de herdeiros de FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10), ilustrado na Gravura 4.



Gravura 4 – Estabelecimento Industrial e Comercial *Vera Cruz*, propriedade de Dario Pereira de Almeida. Tela pintada a óleo por Jocymar Monteiro de Almeida (2005).²⁵
 Fonte: acervo de Jocymar Monteiro de Almeida.

FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10) teve alguma participação política na sua comunidade rural, constatado no seguinte encaminhamento oficial (representando moradores da localidade), solicitando abertura de estrada local, abaixo relatado:

Em [...] 1891, Francisco Fernandes Penna enviou à subintendência de Silveira Martins um requerimento dos moradores de Faxinal da Palma onde solicitava a autorização para abrir um caminho que atravessaria as colônias indo terminar na Estrada Geral, no antigo povoado de Arroio do Sol. A Estrada geral é a antiga rota utilizada [...] talvez antes do século XVII; vinha de Rio Pardo, bifurcava na altura da Tronqueira, tomando as direções de Caçapava e São Martinho. Porém, a comissão responsável pelo assunto verificou que o desvio (atalho) seria intransitável na época das chuvas. Naquela época, os habitantes do norte do distrito sentiam-se isolados, integrando-se mais a Silveira Martins. [...] Percebia-se, no entanto, a preocupação dos agricultores da época em ligar [...] suas terras com a Estação do Arroio do Só, inaugurada seis anos antes (RICHTER, 1997, p. 24, 25; BELLINASSO, 2000, p. 10).

Tratando-se agora sobre a instrução na Família Penna, na geração dos filhos do guarda-mor (primeira metade do século XIX), existia, na Região, uma grande precariedade:

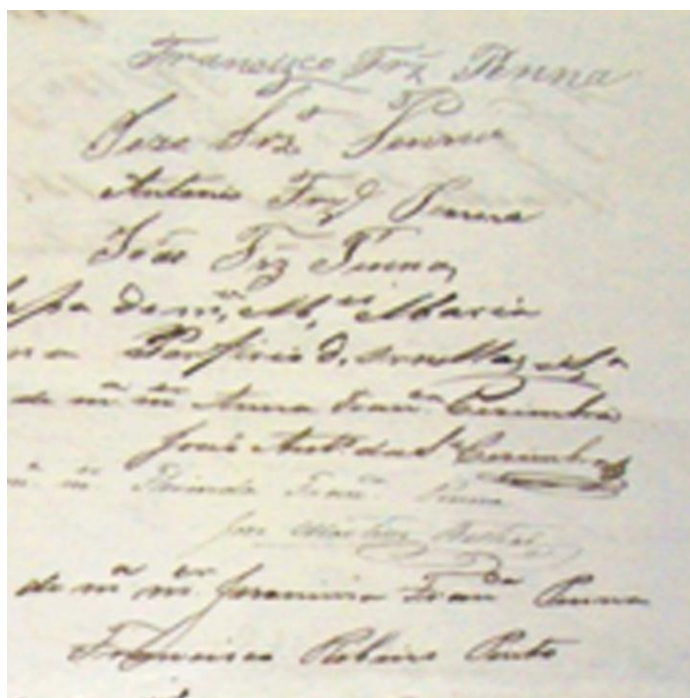
O ensino nas primitivas estâncias era [...] precário [...]. Não havia, em primeiro lugar, muito interesse pela instrução; escolas públicas não as havia pelo interior, nem particulares. De resto, de que viveria um pobre mestre-escola? Assim recaía [...] o mister de ensinar as primeiras letras, sobre as donas de casa (quando elas mesmas não eram analfabetas). Raramente era encontrado um abnegado professor para um reduzido grupo de menores, pago pelas poucas famílias que desejavam alfabetizar seus filhos. Subvenções do governo não as havia. [...] Com a abertura de colégios de ordens religiosas [...] iniciou-se uma era mais favorável [...]. Alguns [...] começaram a internar [...] seus filhos menores (CORREA, 1975, p.43).

²⁵ O antigo Estabelecimento Industrial e Comercial *Vera Cruz*, propriedade de Dario Pereira de Almeida (desde 1920), situa-se próximo a onde teria sido a sede da extinta Fazenda da Tafona (hoje tapera), herança do filho do guarda-mor, FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10).

Quanto ao ensino, nas primeiras décadas do século XIX, Santa Maria teve a primeira escola pública em 1838. Referente ao desinteresse local pela instrução, João Belém relata:

Certo que muito antes dessa época [1838] poderia ter a localidade uma aula pública, pois [...], desde 1812, comportava esse, então, objeto de luxo. Mas ninguém pedia, ninguém reclamava. O governo estava certo de que uma povoação nas condições da de Santa Maria [...] tinha necessidade de uma escola pública. Mas descurava, despreocupadamente, porque sua incúria repousava na indiferença do povo. É que o colono português não fazia questão de escola, fazia questão de igreja. Por uma capela curada [...] gritava-se até chegar. Por uma escola... esperava-se que o governo quisesse criar. Assim [...], em 1812, havendo em Santa Maria 84 famílias, [...] de origem açoriana, lembraram-se de pedir uma Capela, mas nem [...] se lembraram de pedir uma escola. Não é, pois, muito de admirar que só, em 1838, tivesses Santa Maria sua primeira aula pública (BELÉM, 2000, p. 210).

Quanto ao grau de instrução dos familiares do guarda-mor, observou-se que todos os filhos e genros sabiam, pelo menos, escrever seu nome, ao assinarem no inventário *post mortem* da mãe/sogra, constatado no seguinte documento (Gravura 5).



Gravura 5 – Fac-simile: trecho do inventário *post mortem* de FRANCISCA LUIZA DE LIMA, autuado em Cachoeira (1857).²⁶

Fonte: Inventário N. 21, M. 1, E. 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartorio: Cível e Crime (f. 9).

Além do mais, foi encontrado, no Sebo Café de Santa Maria, um manuscrito de uma nora, em um missal (livro de reza) de meados do século XIX.

²⁶ FRANCISCA LUIZA DE LIMA (1788-1857) era a viúva do Guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841), em cujo inventário obtiveram-se importantes informações.

Os filhos do guarda-mor possivelmente foram alfabetizados com os pais, com a mãe ou com as irmãs mais velhas ou ainda com professor (a) particular, em aula na casa da família, pois somente a partir de 1838, durante a Revolução Farroupilha, é que fora aberta a primeira escola pública em Santa Maria (COSTA BEBER, 1998, p. 13). Esta questão foi aqui abordada, em função do contexto da instrução no Rio Grande para a época, conforme o texto a seguir, embora, de qualquer modo, questionável.

Pode-se afirmar que, no Rio Grande do Sul, o analfabetismo nunca foi maciço, como noutros lugares do Brasil. A elite rio-grandense, fazendeiros, militares, funcionários, comerciantes, sempre procurou instruir a juventude, valendo-se das escolas públicas e particulares ou, o que era mais comum, trazendo professores para os próprios lares. Apenas nos meios agrícolas a percentagem de analfabetismo era elevada, sem falar nos índios, negros e mestiços que, de modo geral, não recebiam instrução. Quando, por essa época, nos visitou o grande sábio francês Saint-Hilaire [1821], causou-lhe admiração o grau de polidez constatado entre as classes dominantes rio-grandenses (FERREIRA FILHO, 1978, p. 63).

Quanto ao nível e modo de vida da época na Região, no sentido de contextualizar melhor a situação, por volta de 1806, evoca-se o seguinte texto:

É certo que a presença constante de guerra mantinha costumes semibárbaros. A falta de recursos para existência faustosa, onde predominasse o luxo e o conforto, obrigava o estancieiro a manter o padrão de vida semelhante ao de seus peões e agregados. Embora senhores de vastas áreas de campos e de milhares de cabeças de gado, o poder aquisitivo do estancieiro era reduzido. O campo e o gado valiam pouco [...]. O país não tinha indústria, e qualquer utilidade menos tôca devia ser importada, desde vestuário, até ferramentas, armas, louças, móveis, remédios e objetos ornamentais. Também fora da zona litorânea eram raros os artífices, os construtores, os oleiros e os trabalhadores em madeiras. As casas da campanha, em geral, eram de barro, cobertas de [Capim] Santa Fé ou Tiririca.

A alimentação consistia em carne e mate-chimarrão. As hortaliças representavam exceção, e o açúcar era raridade. Muitos estancieiros eram analfabetos, vestiam chiripá, e calçavam botas de garrão de potro.

A flor da sociedade habitava o litoral e as vilas de Porto Alegre e Rio Pardo. Entre os fazendeiros do litoral encontravam-se homens instruídos, com hábitos de vida civilizada, a maneira européia. A proximidade do porto do Rio Grande permitia-lhes reputar melhor os produtos de sua fazenda e adquirir utilidades importadas do Rio de Janeiro ou do Reino [Portugal]. Construía boas casas e trajavam roupas finas. Alguns davam-se ao luxo de baixelas de prata e móveis importados, de elevado custo. Ensinavam os filhos e filhas a ler, servindo-se de professores e, às vezes, do padre (FERREIRA FILHO, 1978, p. 53).

De modo que, conforme o exposto, a qualidade de vida da família do fazendeiro em regiões próximas ao litoral, era melhor do que no interior do continente, em uma zona com uma população mais rarefeita, devido aos seguintes fatores: a) a colonização lusa começou pelo litoral, ocasionando, primeiramente, um maior desenvolvimento nesta Região e época; e b) o acesso à logística, à informação e aos bens de consumo era maior no litoral, em função da

proximidade dos portos e maior concentração demográfica. Mesmo assim, no interior, como a Região de Santa Maria, havia aquelas famílias que possuíam mais posses iam também buscando, à medida do possível, ter acesso aos bens de consumo da época disponíveis.

Voltando à família do guarda-mor, quanto à prole, o casal genearca teve dez descendentes diretos: 4 filhos e 6 filhas (APERGS. Inventário N. 21, M. 1, E. 54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime; e os livros de registros/assentos paroquiais de Batismo, Casamento e Óbito de Cachoeira e Santa Maria). No óbito do guarda-mor, diz que eram 5 filhos e 5 filhas, mas acredita-se que tenha sido um equívoco. É remota a possibilidade de ter tido mais um filho homem (sem contar a filha falecida adolescente, em 1828). Foram levantados, até o momento, 10 filhos, cerca de 46 netos e 173 (191-18=173) bisnetos, perfazendo 219 (237-18=219) entre netos e bisnetos (Tabela 1). Para se ter uma idéia gráfica panorâmica dos clãs formados a partir da prole do casal genearca, MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA, construiu-se o Diagrama 6.

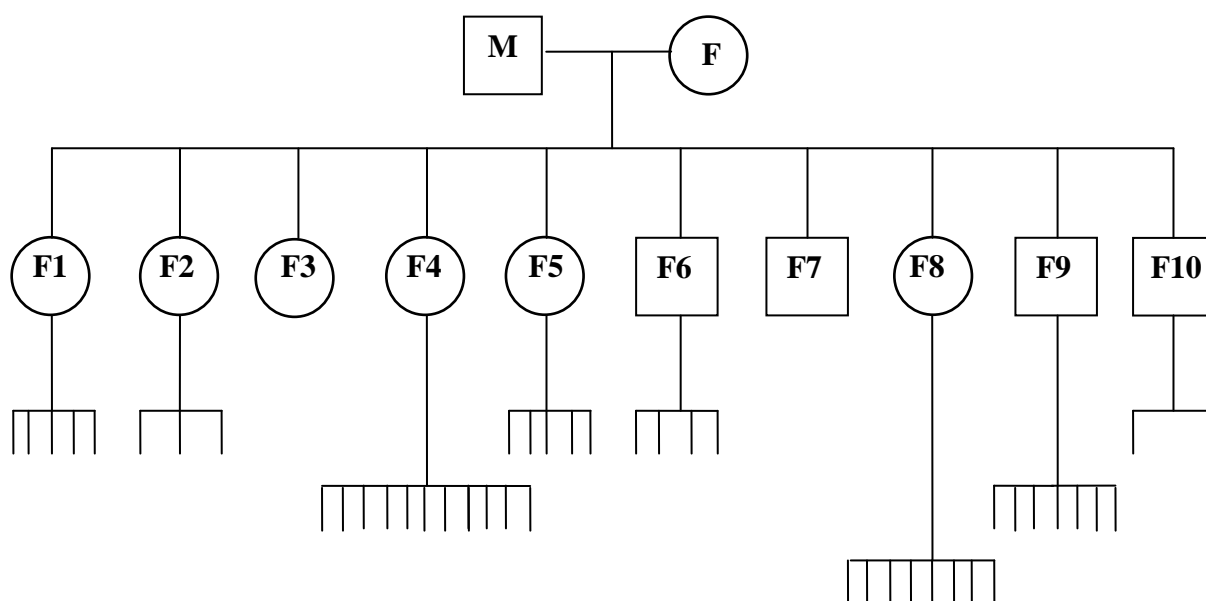


Diagrama 6 – Croqui da Família Penna a partir do guarda-mor e esposa, seus filhos (F1-10) e netos, cujos dados foram retirados do Apêndice B (PENNA, 2013).

Foram identificados os seguintes filhos (numerados conforme a ordem cronológica de nascimento), mostrados no Quadro 2:

CLÁS ADVINDOS DO CASAL MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA
F1 ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) & o Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884), com 5 filhos e 29 netos;
F2 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70) & Porfirio Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70), com 3 filhos e 5 netos;
F3 CONSTANCIA (FRANCISCA) DE LIMA PENNA (1812 ?-1828), solteira, sem filhos;
F4 FLORINDA FRANCISCA (DE LIMA) PENNA (BELTRÃO) (b.1814- f. antes de 1881 ?) & José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881), com 12 filhos e 58 netos;
F5 JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) (b.1816-1889) & Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868), com 5 filhos e 2 netos;
F6 JOSÉ FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. depois de 1903), com 4 filhos e 28 netos;
F7 JOÃO FERNANDES PENNA (1820-1885), solteiro, sem filhos;
F8 CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898) & Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889), com 8 filhos e 49 netos;
F9 ANTONIO FERNANDES PENNA (1824 ?-1858/63/66/67) & Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna) (f. depois de 1872), com 7 filhos e 9 netos;
F10 FRANCISCO FERNANDES PENNA (b.1826- f. entre 1892 e 1913) & Maria Luiza de Menezes (Penna) (1832-1887), com 2 filhos e 11 netos.

Quadro 2 – Clãs advindos da prole do casal genearca, MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA.

Fonte: Informações tiradas do Apêndice B (PENNA, 2013), a partir do Inventário N.21, M.1, E.54, Ano: 1857, F: Cachoeira, C: Cível e Crime; Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, 1854-56, f. 93-95v.) e livros paroquiais de assento de Batismo, Casamento e Óbito de Cachoeira, Santa Maria, São Martinho e Júlio de Castilhos.

A título de observação, embora tenha sido fundada (oficialmente) a Capela de Santa Maria, o período compreendido entre 1810 e 1813, sob o ponto de vista eclesiástico, a povoação não foi beneficiada, pois foi oficialmente dada autonomia em relação à Cachoeira, mas sem terem sido dadas as condições para tal, fato constatado a partir do texto a seguir:

O Padre Antonio José Lopes, por portaria de [...] 1810, instituindo a Capela, não melhorou a situação religiosa dos “aplicados”, pois que não sendo Curada, isto é, não tendo a dita Capela cura efetivo nomeado legalmente pela autoridade eclesiástica, os sacerdotes, para fim de batismos, continuaram a proceder da Matriz de Cachoeira com licença do respectivo vigário. Nestas condições, Capela ou Oratório, a situação dos crentes em face da religião [...] era a mesmíssima. E com a elevação à Capela curada, conforme provisão de [...] 1812, os moradores do povoado, durante quase dois anos, ficaram em piores condições! E que, [...], ficou a Capela completamente desligada da Matriz de Cachoeira, falecendo por isso competência ao pároco desta para enviar [...] sacerdotes a fim de que [...] fizessem batizados. E, como o cura nomeado demorava em vir ocupar o seu posto, a situação estava pior do que a anterior. Afinal, [...], em [...] 1814, aportou em Santa Maria o seu primeiro cura, [...] Antonio José Lopes [...] (BELÉM, 2000, p. 66).

Portanto, foi em 1814, a partir da fixação da residência do padre, o primeiro cura da capela (*capela curada*), que o Livro Tombo e os assentos paroquiais, livros de registro de

batismos, casamentos e óbitos, foram abertos em Santa Maria, embora ainda dependente da Paróquia de Cachoeira. Por este motivo, os assentos de batismo das filhas mais velhas do guarda-mor foram realizados em Cachoeira, de 1808 a 1811. Possivelmente tenha sido este o motivo pelo qual, entre 1810 e 1813, não foram encontrados os assentos de batismos de alguns filhos do guarda-mor (F2, F3 e F4), nem em Santa Maria, nem em Cachoeira.

Para uma melhor visualização dos clãs em questão, com o número aproximado dos respectivos descendentes, construíram-se seguintes as Tabelas (1 e 2):

Tabela 1 – Clãs oriundos do guarda-mor e esposa (filhos F) com o número de netos (N) e bisnetos (Bn) e seu total (N e Bn)

CLÃS FORMADOS A PARTIR DA PROLE DO GUARDA-MOR E ESPOSA					
Nº	FILHO(A)	CÔNJUGE	N	Bn	SUBTOTAL
F1	ANNA FRANCISCA	João Antonio da Silva Cezimbra	5	29	34
F2	MARIA FRANCISCA	Porfirio Dornelles e Silva	3	5	8**
F3	CONSTANCIA (FRANCISCA)	Solteira	0	0	0
F4	FLORINDA FRANCISCA	José Martins Beltrão	12	58	70
F5	JERONYMA FRANCISCA	Francisco Ribeiro Pinto	5	2	7
F6	JOSÉ	Manoela Celestina Alves Dornelles	4	28	32
F7	JOÃO	Solteiro	0	0	0
F8	CANDIDA FRANCISCA	Manoel Teixeira Cezar	8	49	57
F9	ANTONIO	Francisca Lopes Vieira	7	9	16**
F10	FRANCISCO	Maria Luiza de Menezes	2	11	13**
T1	Total preliminar		46	191*	237*
T2	Total final			173*	219*

* Como dois primos se casaram entre si, um filho do F6 com uma filha da F8, os 18 bisnetos do guarda-mor que são filhos destes netos (que casaram entre si), estão somados duplamente, portanto devem ser subtraídos do total, então, dos 191 netos do guarda-mor, levantados até o momento, na verdade, ficariam 173 e dos 237, entre netos e bisnetos, ficariam 219.

** Necessita-se a continuidade no levantamento de dados referentes a este clã.

Tabela 2 – Descendentes do Guarda-Mor, distribuídos nos clãs (quantidade de filhos, netos e bisnetos)

CLÃS ADVINDOS DO CASAL GENEARCA											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
N	5	3	0	12	5	4	0	8	7	2	46
Bn	29	5	0	58	2	28	0	49	9	11	191*
Total	34	8**	0	70**	7**	32	0	57	16**	13**	237*

* Como dois primos se casaram entre si, um filho do F6 com uma filha da F8, os 18 bisnetos do guarda-mor que são filhos destes netos (que casaram entre si), estão somados duplamente, portanto devem ser subtraídos do total, então, dos 191 netos do guarda-mor, levantados até o momento, na verdade, ficariam 173 e dos 237, entre netos e bisnetos, ficariam 219.

** Necessita-se a continuidade no levantamento de dados referentes a estes clãs.

Do total de dez filhos e filhas do guarda-mor, oito formaram clãs. Os galhos F3 e F7 são considerados secos, pois CONSTANCIA FRANCISCA (LIMA) PENNA (F3) faleceu (adolescente) solteira e JOÃO FERNANDES PENNA (F7) faleceu maduro mas solteiro. A respeito deste filho (F7), até o presente momento, sabe-se pouco. Há apenas uma referência dele, na historiografia local, como fazendeiro (pecuarista) em Santa Maria, nada mais. Sabe-se somente que ele morreu solteirão e sem prole.

Observa-se que, dos oito clãs identificados, ainda são desconhecidos para o pesquisador as gerações atuais dos descendentes dos seguintes clãs: F2, F5, F9 e F10. Sabe-se pouco sobre estes clãs, principalmente a partir da geração dos bisnetos, quais sejam: F2 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) & Porfirio José Dornelles (de Souza) e Silva; F5 JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) & Francisco Ribeiro Pinto; F9 ANTONIO FERNANDES PENNA & Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna) e F10 FRANCISCO FERNANDES PENNA & Maria Luiza de Menezes (Penna).

O clã F9 parece o mais afastado geograficamente deles (estabelecendo-se em São Xavier, adiante de São Martinho, a caminho de São Miguel das Missões), pois não foi encontrado nada em Santa Maria a respeito deste, somente em São Martinho. O clã F4, embora grande, possui muitas lacunas. Foi o que apresentou maior consanguinidade. O clã F1 parece ser um dos de maior mobilidade espacial e maior visibilidade na sociedade, referenciada na historiografia local e regional.

Outra observação: os integrantes dos distintos clãs não se reconhecem como pertencentes a clãs aparentados, o que é de se esperar por falta de interesse de buscar saber e pelo fato de ter transcorrido muito tempo, muitas gerações. Isto se dá com raras exceções, especialmente nos simpatizantes da História e Genealogia.

Por ter a família do guarda-mor e esposa deixado uma larga descendência, situação frequente na época, a diferença de idade entre integrantes da mesma geração (entre irmãos, entre primos, etc) era grande, considerando do mais jovem ao mais velho. Do que foi encontrado, o primeiro filho (a primogênita) a nascer foi em 1808 e o último (o caçula) em 1826, portanto 18 anos de diferença. O primeiro casamento de filho ou filha do guarda-mor se deu em 1826; o último, em 1852, portanto 26 anos de diferença. O primeiro neto (neta mais velha) nasceu em 1828 e o último (neta mais nova) em 1866, portanto 38 anos de diferença. O primeiro bisneto nasceu em 1849 e o último (bisneto) em 1910, portanto 61 anos de diferença. O primeiro filho a morrer foi a terceira filha que faleceu (aos 16 anos de idade) em 1828; depois, o próximo foi em 1867, aproximadamente; o último filho, lá por 1913, portanto cerca de 85 anos de diferença, aproximadamente. O primeiro neto (neta) a morrer foi em 1826

(mesmo ano do nascimento); o último neto (neta) a morrer foi em 1932, portanto 106 anos de diferença. O primeiro bisneto a falecer foi em 1869 (com cerca de um ano e meio de idade); o último bisneto (bisneta) a falecer foi em 2004, aproximadamente, com cerca de 100 anos de idade, portanto 135 anos de diferença. Estes são resultados provisórios, pois estão faltando muitas informações. De modo que os filhos viveram praticamente no século XIX; os netos e bisnetos, entre meados do século XIX e o século XX (Apêndice B, PENNA, 2013).

Os filhos homens do guarda-mor (F6, F7 e F10) foram estancieiros, embora um filho tenha sido, além de criador, também militar (F9). Existia um contexto para que os filhos seguissem as lidas e negócios rurais do pai, em torno da ajuda dos senhores pais aos jovens filhos homens. Quanto a esta questão, Farinatti (2010a, p. 484, 485), em seus estudos sobre o perfil da família da elite agrária fronteiriça, na primeira metade do século XIX, expõe:

A pecuária, praticada nos campos dos pais, permitia aos filhos varões a formação de um pecúlio, que lhes fornecia uma posição vantajosa para conseguir um bom matrimônio e, assim, construir alianças importantes para toda a família. As receitas advindas das atividades econômicas também eram empregadas para dar dotes às filhas, com o mesmo sentido que ocorria no caso do pecúlio dos filhos, objetivando instrumentalizar a carreira do jovem casal e construir laços sociais relevantes. [...].

Por outro lado, quanto ao cotidiano dos negócios rurais, incluindo familiares de noras ou genros, proprietários de terras vizinhas, como é o caso, por exemplo, de alguns filhos(as) do guarda-mor, como a filha F2 e o filho F6, Farinatti (2010a, p. 485), em seus estudos agrários fronteiriços da primeira metade do século XIX, diz que:

recursos de diversos tipos eram compartilhados fora das regras do mercado impessoal. Núcleos conjugais aparentados [...] tinham muitos negócios em comum, o que acabava por gerar uma administração familiar para os negócios do gado e viabilizavam sua produção em propriedades que se espalhavam a largas distâncias.

Quanto à origem e procedência dos genros do guarda-mor, constatou-se forte presença de indivíduos de lugares distantes. Isto confirma, de certa forma, as condições, o poder, a influência, a comunicação, o prestígio, a importância e a visão de mundo do casal genearca (RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 44), considerando as estratégias nas buscas dos arranjos conjugais para os filhos e filhas, ação frequente na época. Os três genros que vieram de longe (F1, F4 e F5) se destacaram, notadamente, no militarismo, na política ou no comércio, os dois genros (F2 e F8) da Região eram estancieiros.

O genro Manoel Teixeira Cezar (casado com F8) foi um grande criador no Município de Santa Maria, possuidor de uma das cinco maiores fortunas, em torno de 1858/59. Enquanto

Francisco José Pinto (tendo um bisneto casado com uma quadraneta do guarda-mor e uma neta casada com um bisneto do mesmo), o mais abastado da época (KÜLZER, 2012, p. 52).

Luis Augusto Farinatti (2010a, p. 279), em seu estudo, a respeito de famílias de estancieiros-militares na fronteira (com Uruguai e Argentina), quando trata dos casamentos entre filhas dos senhores bem posicionados com homens de longe, declara:

Assim, os casamentos não tramavam apenas laços entre famílias da elite local. Apareceram também ali os genros chegados havia pouco, e que buscavam inserção local. [...] Como em outras áreas do Brasil [...], os forasteiros eram bem-vindos, desde que fossem portadores de bons recursos.

De modo que começou a se diferenciar nos clãs a base formativa rural da urbana. Muitos dos mais *urbanizados* (com atividades ligadas normalmente à vida pública, militar ou no comércio), tinham também propriedades e negócios rurais. Na época em que a Região ia se desenvolvendo, gradualmente modificando-se e direcionando-se para um mundo industrializado e portanto urbano, aqueles que praticamente não desenvolviam *atividades urbanas* e estavam estabelecidos mais distante, em relação aos centros urbanos, estavam mais propensos a se manterem numa *mentalidade campestre*, advinda das características e condições da rude vida no campo, verificado ao analisar os apêndices 1 e 2 (PENNA, 2012).

Os genros e noras do guarda-mor eram de origem lusobrasileira. Eram oriundos de portugueses que vieram para o Nordeste do Brasil, especialmente Bahia, e também através do Rio de Janeiro ou de São Paulo via Paraná e Santa Catarina, ou de origem açoriana (vindos notadamente da Ilha Terceira e estabelecidos em Triunfo/Taquari/Santo Amaro e posteriormente em Cachoeira). Os genros e casados com netas vindos de longe, de origem lusobrasileira, eram originários de importantes regiões no entorno dos principais centros urbanos brasileiros da época (Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo); os genros e noras da Região, eram de origem açoriana, a mesma da esposa do guarda-mor.

João Antonio da Silva Cezimbra (casado com F1) e José Martins Beltrão (casado com F4) vieram da Bahia, Francisco Ribeiro Pinto (casado com F5) provavelmente veio do Rio de Janeiro via Santa Catarina, Manoel Teixeira Cezar (casado com F8), embora nascido em Cachoeira, era filho de curitibano e neto de paulista, Porfirio Dornelles (de Souza) e Silva (casado com F2), Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (casada com F6), sobrinha deste, e Maria Luiza de Menezes (Penna) (casada com F10) eram de Cachoeira e Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna) (casada com F9) era de São Borja. Observa-se que praticamente a metade veio de longe e a outra era principalmente da Região Central do Rio Grande do Sul, especialmente Cachoeira. No caso de Manoel Teixeira Cezar (F8), ele nasceu

na Região (Cachoeira), mas descende de tradicionais famílias lusobrasileiras, desde o século XVII estabelecidas em São Paulo, e que o ramo que veio para o Sul se estabeleceu primeiro em Curitiba, depois em Rio Pardo e Cachoeira e finalmente em Santa Maria.

Com o conhecimento adquirido a partir do levantamento de dados advindo da elaboração do inventário biograficogenealógico (Apêndice B, PENNA, 2013), combinado com consultas e confrontações à historiografia, pôde-se verificar a presença de diversas figuras diretamente relacionadas com os clãs derivados da prole do casal genearca do estudo.

Quanto aos pioneiros de Santa Maria, o historiador ROMEU BELTRÃO (1979, pp. 58-62), ao listar os primeiros moradores e povoadores de Santa Maria, incluiu diversas pessoas com relacionamento com a família, através dos diversos casamentos, a saber:

Quais foram os primeiros moradores? Pergunta difícil de ser respondida, porque seus nomes se perderam no anonimato [...]. Alguns, todavia, se conservaram nos assentamentos de batismos, casamentos e óbitos, existentes no arquivo do Bispado de Santa Maria, dos quais extraí a relação a seguir, indicando entre parênteses o lugar de nascimento e [...] que se trata de moradores da povoação e arredores: [...], Agostinho Soares da Silva (Triunfo, RS) [tendo um neto casado com uma neta do guarda-mor] [...], Antonio da Costa Pavão (S. Antonio da Patrulha, RS) [tendo uma bisneta sua casada com um neto do guarda-mor, uma bisneta casada com um neto do guarda-mor e uma bisneta casada com um bisneto do guarda-mor] [...], Cristina Angélica de Jesus Moraes (Rio Pardo) [esposa de Felisberto dos Santos Moraes] [...], Felisberto dos Santos Moraes (Rio Pardo, RS) [tendo dois netos casados com netas do guarda-mor] [...], Florinda Francisca Pena (tetravô do autor) [na verdade, era trisavó dele, filha do guarda-mor] [...], Francisca [Luiza] de Lima Pena (Viamão) [esposa do guarda-mor] [...], Francisca Inácia da Pureza Bitencourt (Viamão) [esposa de Antonio da Costa Pavão] [...], Gertrudes Maria de Jesus [Dornelles Alves de Souza] Pena [...] (Santo Amaro) [Pena, do primeiro casamento, das primeiras núpcias dela, cunhada do guarda-mor (viúva de João Fernandes Penna) e, das segundas núpcias, sogra de um filho e cunhada de uma filha do guarda-mor, tendo uma neta casada com um neto do guarda-mor e um bisneto casado com uma bisneta do guarda-mor], Inácia Maria da Conceição Teixeira [...] (Porto Alegre) [...], João Fernandes Pena (tiotetravô do autor, Ribeira de Pena, distrito de Vila Real, Portugal) [irmão do guarda-mor] [...], Manuel Antonio Teixeira de Cerqueira César ou Manuel Antonio Teixeira (Curitiba, PR) [sogro de uma filha do guarda-mor] [...], Manuel Fernandes Pena (Ribeira de Pena, distrito de Vila Real, Portugal, tetravô paterno do autor) [o guarda-mor] [...], Mateus Soares [da Silva, irmão de Agostinho Soares da Silva, estes, tendo um neto casado com uma neta do guarda-mor] [...]. São 287 nomes [...].

Quanto ao setor primário, referente a descendentes do guarda-mor e cônjuges (aqui, especialmente nas gerações dos netos e bisnetos), constata-se uma considerável importância advinda da presença de alguns na historiografia local (listados em 1920), como atuantes na pecuária do Município de Santa Maria, relacionados no livro *O Rio Grande do Sul* (editado em 1922), onde foram elencados 11 dos 32 mais importantes, podendo ser observado a seguir.

Estavam lotados no município [...] 188 criadores. Destes, os seguintes criavam em suas estâncias acima de 1.000 bovinos: [...], Manoelita [Teixeira] Chagas [neta do guarda-mor] [...], Januario G. [Gonçalves] Chagas [cunhado de Manoelita Teixeira Chagas] [...], Bento Paixão Coelho [sogro de uma trineta do guarda-mor] [...], Jose [Pedro] Fernandez [s] Penna Filho [neto do guarda-mor], Felicidade de Andrade Cesar [viúva de um neto do guarda-mor] [...], Corina Silveira Penna [viúva de um neto do guarda-mor] [...], Ataliba Cezimbra [bisneto do guarda-mor] [...], Francisco R. [Rodrigues da] Rocha [cunhado de Felicidade de Andrade [Teixeira] Cesar, esta, viúva de um neto do guarda-mor, tendo uma filha casada com um trineto do guarda-mor] [...], Tancredo Penna de Moraes [bisneto do guarda-mor] [...], Manoel I. [Ignacio] Xavier [casado com uma bisneta do guarda-mor e pai de três filhos casados com (irmãs) bisnetas do guarda-mor] [...] (COSTA BEBER, 1998, p. 147).

A participação pública da família do casal genearca, com o passar das gerações, se deu, em parte, pela atuação de descendentes ou cônjuges na sociedade, verificada na historiografia, tendo em vista a quantidade de envolvidos na política, no militarismo, no setor primário e no comércio, bem como em menor escala na indústria, contextualizada conforme a época e Região, com uma industrialização incipiente; e a indústria, quando presente, estreitamente relacionada com a produção primária e o comércio (PADOIN, 2010).

Quanto à questão da mobilidade social, presente na família em estudo, a função de guarda-mor, assim como o militarismo na época (FARINATTI, 2010), certamente foi um dos principais motivos para sua ascensão. Verificou-se que na família do guarda-mor, conjuntamente com a ascensão socio-econômica, iam se dando e construindo os arranjos relacionais, sejam conjugais e parentais, de amizade, vizinhança, parcerias ou mesmo em relação à escravaria ou peões e agregados. Isto tanto acontecia por iniciativa da Família Penna como de outras, conforme os interesses, afinidades, ocasiões e oportunidades.

Ao observar os traços principais da trajetória da aquisição patrimonial da família do guarda-mor, pode-se afirmar que foi significativa a crescente acumulação fundiária que o guarda-mor levou a cabo, entre 1809 e 1828, aproximadamente, “quando as terras ainda eram baratas na Região”, situação esta que iria mudar a partir de 1850 (FARINATTI, 2010a, p. 197). “Em uma fronteira agrária que se fechava naquele momento, a importância do acesso a terras crescia para o bom desempenho da pecuária extensiva” (*Ibid.*, p. 197).

É interessante observar o que Luiz Augusto Farinatti (2010a) diz a respeito da importância das influências na aquisição de patrimônio fundiário na Campanha (fronteira Sudoeste), em meados do século XIX:

[...] O importante é notarmos que [...] a apropriação, ampliação e a garantia do direito sobre aqueles campos estavam vinculadas a uma inserção de seu titular em uma rede de relações que envolvia os comandantes militares, autoridades civis e os outros senhores [...]. O cabedal de relações sociais, dentro de um jogo de reciprocidades verticais e horizontais, mostrava-se uma maneira importante de acumular recursos materiais. Isso estava ao lado, e não em contradição, com a

aquisição mercantil de outras porções de terra, financiada pelas atividades produtivas e comerciais do seu titular. [...] (FARINATTI, 2010a, p. 191 e 192).
 [...] Ali, a inserção em uma rede de relações sociais desempenhava um papel também muito importante. [...]. A informação sobre terras disponíveis, o recebimento de doação da Coroa, a ocupação, a permanência e a garantia dos direitos sobre a terra dependia do estabelecimento de alianças, tanto no âmbito local como da capitania/província. [...] (*Ibid.*, p. 199 e 200).

Daí a relevância da análise dos vínculos familiares e sociais, para se ter uma correta compreensão da importância e da atuação, em relação aos mais próximos, na sociedade em geral, no sentido de visualizar a inserção em uma rede familiar e social. Observa-se que as buscas por construir *bons* relacionamentos era uma constante na época. “A análise combinada das atividades socioeconômicas com as relações familiares, vem sendo praticada por distintos historiadores que se dedicam ao estudo de sociedades pré-industriais” (FARINATTI, 2010a, p. 252). Isto vem à tona, quando se quer verificar as estratégias de ação conjunta da família e entorno. Havia vários tipos de atividades envolvidos e mais “do que o desempenho de um mesmo ofício, o que unia os membros desse grupo social era uma mesma leitura dos recursos da cidade [região] e a elaboração de estratégias sociais semelhantes” (*Ibid.*, p.252).

Quanto ao acesso à produção e à mobilidade social, o autor segue:

No que se refere aos grupos dominantes, por exemplo, João Fragoso (2003) tem demonstrado, em seus estudos sobre a elite do Rio de Janeiro, no século XVII, que um dos principais elementos estratégicos dessa nobreza da terra era a composição de uma complexa engenharia parental, através da qual, os grupos familiares conseguiam levar poder e influência muito além de sua região de residência e reiterar sua posição entre os principais do lugar. [...].
 O estudo dos grupos subalternos também tem se beneficiado da investigação conjugada das atividades socioeconômicas e das relações familiares. Analisando o sudeste escravista do Brasil, no século XIX, Hebe Maria Mattos (1998) demonstrou a importância dos laços familiares como capital social básico para o acesso à produção agrícola autônoma [...] e a mobilidade social (*apud Ibid.*, p. 253).

Nesta direção, “a articulação intrínseca entre herança do nome [e de sangue] e herança da terra corrobora o argumento de que produzir parentes e produzir direitos são dois lados da mesma moeda”. Afinal, como afirmam Florentino e Goes (1997, p. 173): “uma estratégia para fazer aliados era fazer parentes”. As “relações parentais como expressão de uma aliança política (política e afeto geralmente andam juntos [...])” eram comuns, oportunas e necessárias na época (*apud* RUBERT; ROSA; MONTEIRO, 2011, p. 90).

Voltando-se à família do estudo, os genros do guarda-mor se destacaram na sociedade, no serviço público e na vida política e militar. Diversos vereadores tinham ligação por relacionamento social e parental com a família. Dos genros do guarda-mor mais presentes na historiografia, em função com a política, os destaques são para João Antonio da Silva

Cezimbra (casado com F1) e Francisco Ribeiro Pinto (casado com F5). Estes, juntamente com Ignacio Teixeira de Cerqueira Cezar, irmão do genro do guarda-mor, Manoel Teixeira Cezar, foram os três mais votados (eram escolhidos 5 titulares e 5 suplentes), por duas eleições consecutivas, nos triênios 1847-49 e 1850-52 (BELTRÃO, 1958, p. 39, 40). Seguem alguns exemplos, com dados biográficos, elencados no Apêndice A (PENNA, 2013, p.1), a partir do inventário biograficogenealógico (Apêndice B, PENNA, 2013), a saber:

- **Coronel Ignacio (*Carancho*) Teixeira de Cerqueira Cezar** (1801-1903): vereador da Segunda Câmara Municipal de Santa Maria (de 1861 a 1864), major *farrapo* (1835), eleitor especial na *Primeira Assembléia Paroquial* (escolhido em 1847); vereador do Distrito de Santa Maria na Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), vereador na Segunda Câmara Municipal de Santa Maria - RS (de 1861 a 1864), grande estancieiro (pecuarista) no antigo 2º distrito (Pau Fincado, hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, na época pertencente ao Município de Santa Maria - RS); irmão do genro do guarda-mor [a filha do guarda-mor CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898) se casara com Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889), este, grande estancieiro (pecuarista) no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, irmão do Coronel Ignacio (*Carancho*) Teixeira de Cerqueira Cezar c.c. Clara Maria d' Anunciação do Nascimento (fal. antes de 1890) ou Clara Teixeira de Medeiros].
- **Coronel João Antonio da Silva Cezimbra** (1803/04-1884): um dos cidadãos votantes na primeira qualificação eleitoral em Santa Maria (1827), tendo assinado a lista de estancieiros pedindo ao Imperador Dom Pedro I a elevação à Freguesia da Capela Curada de Santa Maria (1827), fiscal de Santa Maria (1830), juiz de paz (de 1832 a 1834), suplente (em exercício) de juiz de paz (1836 e 1837), eleitor especial (o 2º mais votado) do 4º Distrito (Santa Maria) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), vereador mais votado no quadriênio 1861-1864, tendo sido nesta época designado coronel, nomeado para integrar a Guarda Nacional (1848), capitão do 6º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira (sediado em Santa Maria - RS), coronel comandante interino da 18ª Seção do Batalhão de Infantaria da Reserva de Santa Maria e São Martinho (1867), agraciado com o grau de oficial pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da *Imperial Ordem da Rosa* (1852), juiz comissário das Terras Públicas para Santa Maria (1861), vereador (o mais votado) e presidente da Segunda Câmara Municipal (entre 1861 e 1864); sendo genro do guarda-mor [a filha do guarda-mor ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) se casara com o Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) (QUEVEDO; FONSECA; CEZIMBRA *et alri*, 2003)].
- **Francisco Ribeiro Pinto** (1807/08-1868): cidadão eleitor (o mais votado), 1º juiz de paz e presidente da Assembléia Paroquial (1846), representando Santa Maria perante Cachoeira, presidente da mesa eleitoral (1847), eleitor especial / vereador de Santa Maria (4º distrito) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), secretário da Câmara Municipal de Santa Maria, entre 1861 e 1868); genro do guarda-mor [a filha do guarda-mor JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) (b.1816-1889) se casara com Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868)].
- **Coronel João Baptista de Oliveira Mello** (1810/11-1877): comandante superior da Guarda Nacional em São Martinho, provavelmente tendo mandado construir o Casarão dos Mello (1846), hoje sítio arqueológico (pesquisas da UFSM); tendo uma neta casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA (n.1863/b.1864-1921) se casara com Auraceli Amelia Mello dos Santos (Cezimbra) (n.1869/b.1870- f. depois de 1921), esta, filha do Cap. Affonso Antonio dos Santos (1862 ?-1913 ?) & Amelia Virginia de Oliveira Mello (dos Santos) (1849-f. depois de 1913 ?), esta, filha do Coronel João Baptista

de Oliveira Mello (1810/11-1877) & Manoela Pereira dos Santos (Oliveira) (1814-1894), das segundas núpcias deles, estes, pais também do Cap. João Manoel de Oliveira Mello, este, provavelmente vereador do antigo Município de São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS, e deputado da Assembléia Legislativa Provincial (1885-1886), aquele (NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA), filho do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor (QUEVEDO; FONSECA; CEZIMBRA *et alri*, 2003)].

[...]

- Coronel **João José (Juca) Pinto** (1839-1928): importante estancieiro (pecuarista) no Rincão de Santa Catarina, hoje entre os distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, tendo ali herdado e comprado terra (inclusive de parentes), antes provavelmente administrador da estância dos pais, chefe político, juiz de paz e vereador em Santa Maria - RS (de 1873 a 1876), subscritor colaborador (doador) para a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da Segunda Comissão pró-instalação da Comarca de Santa Maria, 1878), juiz de paz do 1º Distrito (de 1887 a 1889), possivelmente secretário nas eleições na Comarca de Caçapava (1872), São Gabriel (1873) e Santa Maria (1878), inventariante no inventário (pela morte da mãe) atuado em Santa Maria - RS (1864), possuidor de escravos (inclusive por volta de 1884), com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1869 e 1875, aproximadamente), o provável (quase) Barão do *Arenal*, processo cancelado devido à Proclamação da República (1889), dono de importantes terrenos e casas no centro da Cidade de Santa Maria - RS, dos quais, um, vendido (1921) para construir o extinto Banco Pelotense, hoje BANRISUL (1923), a mais alta transação imobiliária até então em Santa Maria - RS; sogro de um bisneto do guarda-mor [sua filha (das segundas núpcias dele), Amália Pinto (de Moraes) (n.1879/b.1882-?) se casara com o bisneto do guarda-mor, JOSÉ (*PENINHA*) PENNA DE MORAES (1871-1932)].

[...]

- **Francisco José das Chagas** (n.1863 ?/b.1864 ?-1898): vereador em Santa Maria - RS (de 1877 a 1889, com interrupções), presidente da Câmara Municipal de Vereadores (de 1877 a 1880), em cuja gestão fora instalada a iluminação pública na cidade (1881), curador geral de órfãos (interino) em inventários atuados em Santa Maria - RS, Santo Ângelo - RS e Cruz Alta - RS, em torno de 1886/87), subscritor colaborador para com a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da Segunda Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria, 1878), juiz de paz do antigo 3º Distrito, hoje São Pedro do Sul - RS (a partir de 1883), possivelmente comerciante (até 1890); sogro de um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor Coronel ACHYLLES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA (n.1872/b.1875-?) se casara com Honorina Chagas (Cezimbra) (1878 ?-1970 ?), esta, filha de Francisco José das Chagas (n.1863 ?/b.1864 ?-1898) & Maria Manoela (das Chagas) (f. depois de 1899), aquele (ACHYLLES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA), filho do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor (QUEVEDO; FONSECA; CEZIMBRA *et alri*, 2003)].

[...] (Apêndice A, PENNA, 2013. p.1, 2).

Por outro lado, pelo fato de ter tido um filho oficial da Guarda Nacional e um genro contemplado como oficial da comenda da *Imperial Ordem da Rosa*, parece, portanto, que o guarda-mor português se mantinha fiel e comprometido com o Imperador e com o Império Luso-Brasileiro. Justificando a importância que tinha a comenda concedida ao genro do guarda-mor, buscou-se definir e contextualizar a referida condecoração. A *Imperial Ordem da*

Rosa é uma ordem honorífica brasileira, criada, em 1829, pelo imperador D. Pedro I, ao homenagear sua segunda esposa, Dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt. A ordem premiava civis e militares, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua lealdade ao Imperador e serviços prestados ao Estado. Comportava os seguintes graus, em ordem decrescente: 1) Grã-cruz, 2) Grande Dignitário, 3) Dignitário, 4) Comendador, 5) Oficial e 6) Cavaleiro (BANCO CENTRAL DO BRASIL).

Contextualizando as questões de política, poder e família, no sentido de situar a importância da família do guarda-mor, na Região e época, pelo fato de ter uma pessoa da família na presidência da Câmara Municipal (extensivo, de certa forma, à função de secretário), como foi o caso de dois genros do guarda-mor, evoca-se o texto de Jonas Moreira Vargas (2010, p. 287, 288), que aborda a questão da mediação política da época, a saber:

[...], poucas pessoas estavam aptas a ocupar a presidência da Câmara – cargo eleito pelos cidadãos da localidade – e o Comando da Guarda Nacional – de escolha do Ministro da Justiça, mas certamente sob a indicação da elite política da província. Aqueles que conseguiam tal façanha tornavam-se mediadores – indivíduos capazes de estabelecer uma conexão entre as suas comunidades e os grandes centros, como Porto Alegre, e dele obter recursos e favores diversos. [...] Os mediadores eram pessoas que possuíam características diferenciadas dentro da sua “aldeia” e que eram responsáveis em vincular a sua comunidade com o mundo exterior, defendendo interesses ligados a sua facção, mas que, indiretamente, beneficiavam outras famílias da paróquia. O mediador possuía as chaves de acesso aos poderosos do centro decisório de um sistema maior e o poder de realizar esta conexão transformava-o num chefe político em potencial.

Referente à função de secretário da Câmara Municipal, o autor continua: “os secretários tinham o mesmo comportamento. Pesquisavam e citavam as leis correspondentes, geralmente emitindo alguma opinião a favor ou contra a petição do remetente (Ibid. p. 315)”

Vários descendentes do guarda-mor, juntamente com os cônjuges, são citados na historiografia, normalmente por sua destacada atuação na sociedade. Pelo que foi encontrado, até o momento, tem se verificado diferenças significativas entre os clãs oriundos de sua prole, considerando principalmente sua distribuição geográfica, tamanho e atividades desenvolvidas. Alguns clãs se tornaram grandes, devido a sua larga descendência, e importantes, devido à quantidade de pessoas com destacada participação pública na sociedade.

Constata-se que os clãs oriundos dos filhos(as) F1, F6 e F8 se formaram com maior tamanho e visibilidade na historiografia, através da proeminência militar, política, social, econômica e cultural, referenciada na historiografia local e regional. São eles: F1 ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) & o Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884); F6 JOSÉ (*IL SIGNORE BARONE / JUCA*) FERNANDES

PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. depois de 1903) e F8 CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898) & Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889).

Os clãs F4 e F5 tiveram menor participação, em termos de quantidade (ou porcentagem) de integrantes com visibilidade na historiografia, embora o F4 se configure como um clã de larga descendência. São eles: F4 FLORINDA FRANCISCA (*CHIQUINOTA*) (LIMA) PENNA (BELTRÃO) (b.1814- f. antes de 1881 ?) & José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881) e F5 JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) (b.1816-1889) & Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868), sendo este clã, um dos menores em quantidade de descendentes. Os clãs F2, F9 e F10 são também menores e de menor visibilidade na historiografia. São eles: F2 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70) & Porfirio (José) Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70), F9 ANTONIO FERNANDES PENNA (1824 ?-1858/63/66/67) & Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna) (f. depois de 1872) e F10 FRANCISCO FERNANDES PENNA (b.1826- f. entre 1892 e 1913) & Maria Luiza de Menezes (Penna) (1832-1887).

Quanto ao relacionamento da família com o serviço público, o militarismo, a política e a vida social, observou-se, no decorrer do século XIX e início do século XX, a presença de familiares, incluindo cônjuges, pertencentes aos clãs, envolvidos com a vida pública, social, cultural, econômica, política e militar na Região: uns, parentes mais próximos; outros, mais distantes. Isto, pode-se constatar na ata de apuração de votos dos eleitores de uma eleição para a Assembléia Paroquial de Santa Maria de 1847, a saber:

[...] lista geral da qual se vê terem maioria de votos para eleitores os cidadãos seguintes: [1º] Francisco Ribeiro Pinto [genro do guarda-mor], com 105 votos; [2º] João Antonio da Silva Cezimbra [genro do guarda-mor], com 99; [3º] Inacio Teixeira Cerqueira Cezar [irmão de um genro do guarda-mor], com 96; [...]; [11º] Bento Xavier de Andrade [tendo um filho sogro de um neto do guarda-mor], com 12; [...]; [14º] José Fernandes Pena [filho do guarda-mor], com 4; [...]; [19º] Manoel Teixeira Cezar [genro do guarda-mor], com 2; [...], sendo declarados os eleitores os cinco cidadãos primeiros votados, e suplentes os cinco cidadãos que lhes ficam imediatos em votos. [...]. Do que para constar lavrei a presente ata que vai assinada pelos membros da Meza. Eu, secretario, [...]. Presidente Francisco Ribeiro Pinto [genro do guarda-mor], [...], Inacio Teixeira Cerqueira Cezar [irmão de Manoel Teixeira Cezar, genro do guarda-mor] (BELÉM, 2000, p. 102).

Observou-se uma forte presença de familiares do guarda-mor na política local, denotando-se um prestígio da família, levando-se em conta a participação na sociedade, referenciada na historiografia. Disso, denota-se que muitas das antigas estratégias, na busca de

bons relacionamentos, que o casal tinha outrora realizado, quanto à busca de articulações ao atar relações conjugais na família, principalmente das filhas, costume na época.

Analisando as menções na historiografia, as atas da Câmara Municipal de Santa Maria e São Martinho e os livros paroquiais de acentos de batismo, casamento e óbito de São Martinho, Santa Maria e Cachoeira, bem como entrevistas, algumas pessoas de destaque na comunidade, como nobres e políticos, referenciados na historiografia (ROCHA, 1997; MENNA BARRETO, 2003), principalmente nas câmaras municipais e intendências de Santa Maria, São Martinho e Cachoeira, especialmente considerando-se até a geração dos bisnetos, tiveram algum relacionamento parental com integrantes da família. Alguns exemplos dos abordados pela historiografia, foram destacados no Apêndice A (PENNA, 2013), a partir da elaboração do inventário biograficogenealógico (Apêndice B, PENNA, 2013).

Outro fator analisado foi a distribuição geográfica dos clãs derivados (Quadro 3).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS CLÃS ADVINDOS DA PROLE DO CASAL GENEARCA
F1 ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) & o Coronel João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884): estabelecidos em Santa Maria e Cachoeira, com ramos também nos municípios de São Martinho, Júlio de Castilhos e uns ramos nos municípios de Santo Ângelo e Cruz Alta (sentidos Leste e Noroeste);
F2 MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) (1810 ?-1869/70) & Porfírio Dornelles (de Souza) e Silva (1800-1869/70): estabelecidos nos municípios de Cachoeira e Santa Maria com um ramo também nos municípios de São Martinho e Júlio de Castilhos e dali possivelmente para Santo Ângelo e Cruz Alta (sentidos Leste e Norte);
F3 CONSTANCIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (1812 ?-1828): nascida e falecida adolescente (solteira) no Município de Santa Maria, sem filhos;
F4 FLORINDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (BELTRÃO) (b.1814- f. antes de 1881 ?) & José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881): estabelecidos com ramos nos municípios de Cachoeira, Santa Maria, Santiago Tupanciretã, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo (predomínio do sentido Noroeste);
F5 JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) (b.1816-1889) & Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868): estabelecidos nos municípios de Santa Maria e um ramo em Cruz Alta (sentido Norte);
F6 JOSÉ FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-f. depois de 1903): estabelecidos no Município de Santa Maria, com ramos (bisnetos do guarda-mor) posteriormente em Porto Alegre (sentido Leste);
F7 JOÃO FERNANDES PENNA (1820-1885): estabelecido no Município de Santa Maria, solteiro, sem filhos;
F8 CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (n.1822/b.1823-1898) & Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889): estabelecidos no Município de Santa Maria, com ramos posteriormente no Município de São Gabriel (sentido Sudoeste);
F9 ANTONIO FERNANDES PENNA (1824 ?-1858/63/66/67) & Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna) (f. depois de 1872): estabelecidos nos municípios de São Martinho, Júlio de Castilhos e Tupanciretã, posteriormente talvez nos municípios de Cruz Alta e Santo Ângelo (sentido Noroeste);
F10 FRANCISCO FERNANDES PENNA (b.1826- f. entre 1992 e 1913) & Maria Luiza de Menezes (Penna) (1832-1887): estabelecidos no Município de Santa Maria, possivelmente com algum ramo posteriormente no Município de Cachoeira (sentido Leste).

Quadro 3 – Distribuição geográfica dos clãs advindos da prole do guarda-mor e esposa.

Fonte: Informações tiradas do Apêndice B (PENNA, 2013), a partir do Inventário N.21, M.1, E.54, A. 1857, F. Cachoeira, C. Cível e Crime; Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, 1854-56, f. 93-95v.) e livros paroquiais de assento de Batismo, Casamento e Óbito de Cachoeira, Santa Maria, São Martinho e Júlio de Castilhos.

Com os quadros e as figuras a seguir, tem-se uma visão sucinta e esquemática da distribuição geográfica dos clãs (nas primeira e segunda gerações), incluindo localidades, distritos ou municípios, mostrado no Quadro 4.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA APROXIMADA DOS CLÃS				
Nº	FILHO(A)	CÔNJUGE	LOCAL 1ª GER.	LOCAL 2ª GER.
F1	ANNA FRANCISCA	João Antonio da S. Cezimbra	S. Maria	São Martinho J. Castilhos S. Ângelo Cruz Alta
F2	MARIA FRANCISCA	Porfirio Dornelles e Silva	S. Maria Cachoeira	São Martinho J. Castilhos S. Ângelo Cruz Alta
F3	CONSTANCIA (FRANCISCA)	-	S. Maria	-
F4	FLORINDA FRANCISCA	José Martins Beltrão	S. Maria S. Xavier Tupanciretã	Cachoeira S. Maria Santiago Tupanciretã S. Ângelo
F5	JERONYMA FRANCISCA	Francisco Ribeiro Pinto	S. Maria	Cruz Alta
F6	JOSÉ	Manoela Celestina Dornelles	Palma S. Maria	Arenal/S. Flora Porto Alegre
F7	JOÃO	-	S. Maria Palma	-
F8	CANDIDA FRANCISCA	Manoel Teixeira Cezar	S. Flora S. Maria	S. Flora S. Maria S. Gabriel
F9	ANTONIO	Francisca Lopes Vieira	S. Martinho S. Xavier J. Castilhos Tupanciretã	S. Ângelo S. Miguel Cruz Alta Tupanciretã
F10	FRANCISCO	Maria Luiza de Menezes	S. Maria Palma Restinga Seca	S. Maria Cachoeira

Quadro 4 – Distribuição geográfica dos clãs oriundos da prole do casal genearca (filhos F1-10 e netos)

Quanto à primeira geração (filhos do guarda-mor), pode-se ter uma visão geográfica geral, visualizando o Diagrama 7:

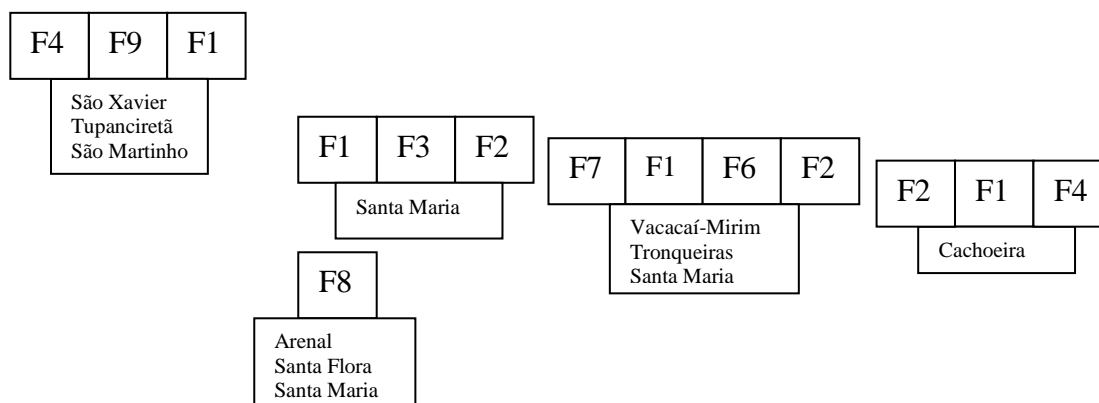


Diagrama 7 – Representação gráfica da distribuição geográfica (aproximada) dos clãs oriundos do guarda-mor e esposa em sua primeira geração (filhos F1-10).

Quando Irene Fernandes dos Santos, em seu material datilografado (1984, p. 24) e em seu livro (2009, p. 114), sobre os distritos do Município de Santa Maria, diz que as famílias Penna, Xavier, Moreira e Mendonça foram umas das pioneiras no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria, na verdade, estava se referindo a ramos (bisnetos do guarda-mor) dos clãs advindos dos filhos do guarda-mor (F6 e F8), que se casaram entre si (primos), ali estabelecidos (especialmente entre o Arenal (hoje Colônia *Pena*, Distrito de Santa Flora), e nas Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol. Por outro lado, há que se considerar que a linhagem masculina mantém ainda por mais tempo o sobrenome (Penna) nas gerações seguintes [o neto do guarda-mor JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA se casara com a prima CANDIDA TEIXEIRA PENNA, filha de Manoel Teixeira Cezar & a F8 CANDIDA FRANCISCA PENNA (TEIXEIRA CEZAR), constituindo-se na maior descendência entre os netos do guarda-mor, considerando inclusive as gerações atuais]. Quando Irene Fernandes dos Santos (1984, p. 46) cita a Colônia *Pena* e Colônia *Pedro Carlos*, no posterior Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria, como umas das principais localidades do distrito, refere-se a ramos advindos de bisnetos do guarda-mor que lotearam para instalação de colônia: a primeira diz respeito aos clãs F6 e F8 e a segunda ao clã F8. De modo que, com estes e outros exemplos da historiografia, foi-se localizando as direções das migrações da família (mobilidade espacial). Quanto à segunda geração (netos do guarda-mor), pode-se ter uma visão geográfica geral, visualizando a Diagrama 8:

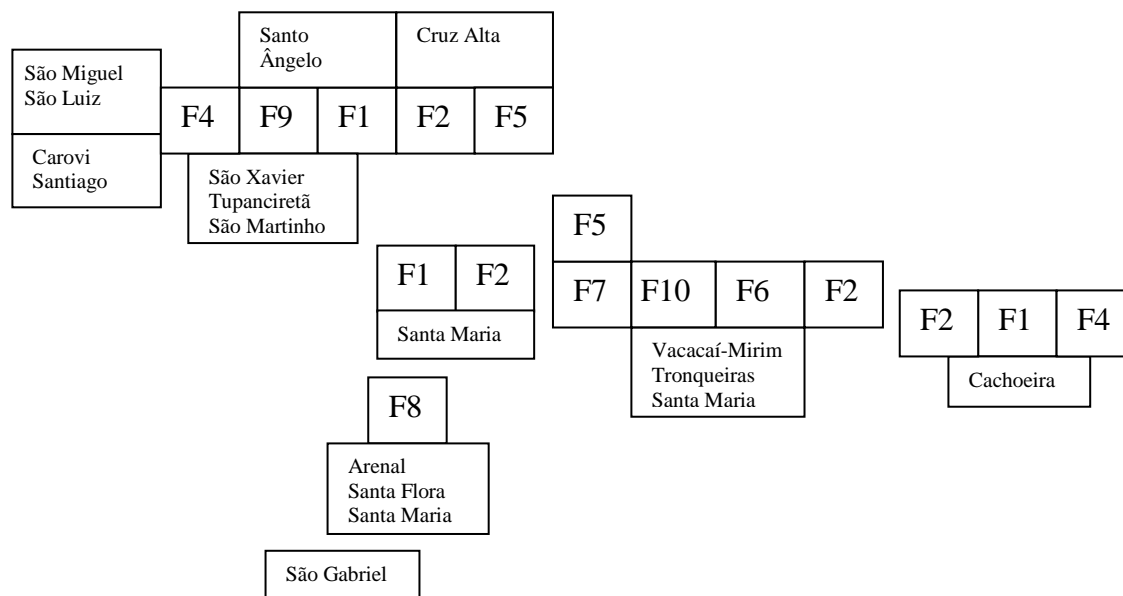
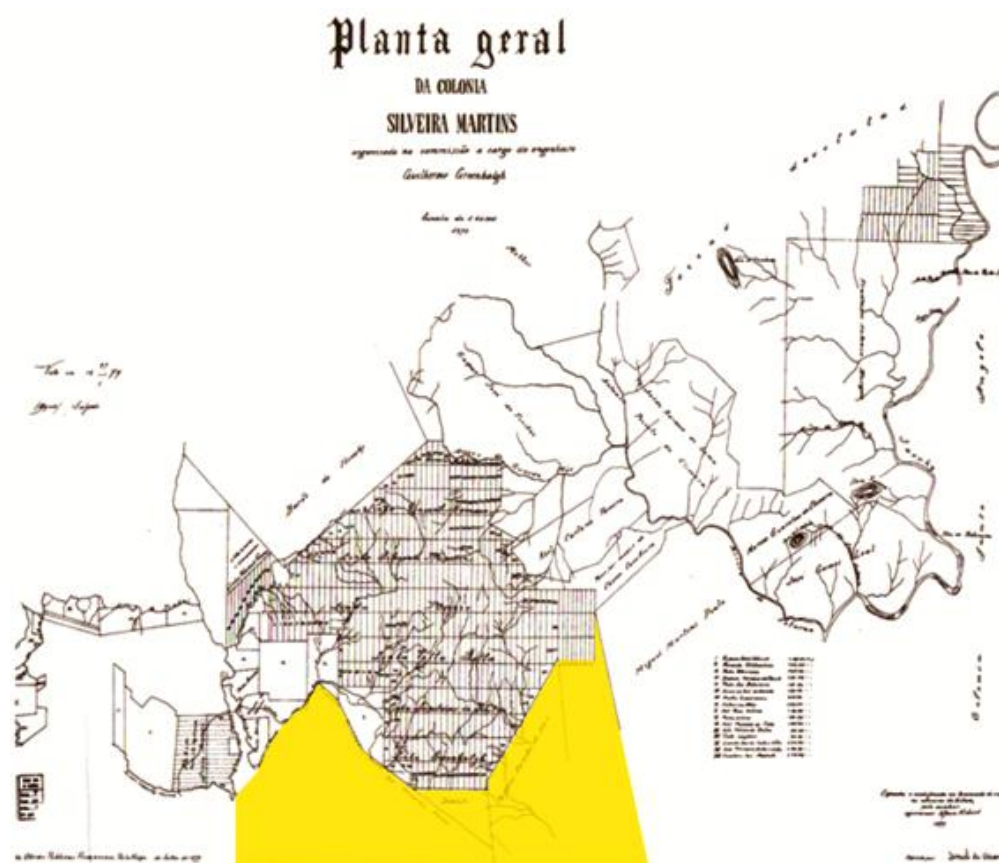


Diagrama 8 – Representação gráfica da distribuição geográfica (aproximada) dos clãs oriundos do guarda-mor e esposa em sua segunda geração (netos: clãs F1-10).

O genro Porfirio Dornelles (Souza) e Silva, casado com a filha MARIA FRANCISCA PENNA (F2), herdou terra no hoje Município de Restinga Seca, próximas ao hoje Distrito Recanto Maestro: Município de São João do Polêsine e à divisa com o hoje Município de Silveira Martins e o hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria, e herdou, da esposa, no hoje Distrito da Palma, divisa com os municípios de Restinga Seca e São João do Polêsine. Portanto, ambas áreas se situam próximas entre si ou lindeiras (Diagrama 8).

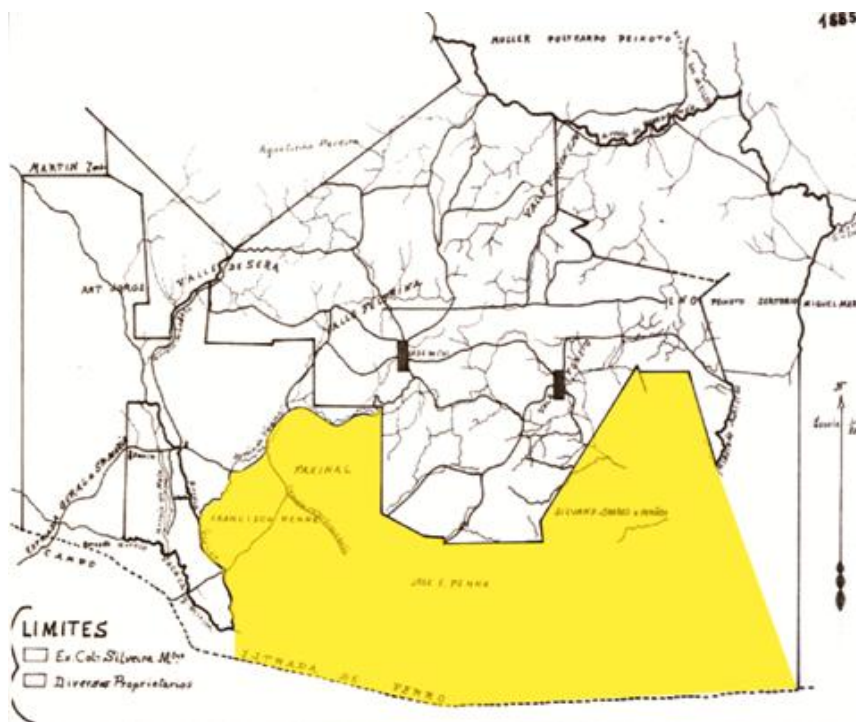
Em um mapa do início da Quarta Colônia (Silveira Martins), de 1878 (Mapa 14), aparecem justamente os lindeiros, ao Sul da Colônia: os dois filhos do guarda-mor, FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10) e JOSÉ FERNANDES PENNA (F6), e o genro, Porfirio Dornelles e Silva, casado com MARIA FRANCISCA PENNA (F2).



Mapa 14 – Colônia de Silveira Martins e entorno em 1878; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).²⁷
 Fonte: RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001.

Porém, em um mapa posterior (1885), não aparece mais o nome do guarda-mor, Porfirio Dornelles e Silva, mas sim, na mesma área, Silvano Soares de Souza, que é tio dos atuais proprietários (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001). Esta família entrou na área por compra (por volta de 1920), possivelmente adquirido de um filho ou neto de Porfirio. Nestes mapas, não aparece o filho JOÃO FERNANDES PENNA (F7), que também herdou terra na localidade, mais próxima ao hoje Município de Silveira Martins e ao hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria. Possivelmente, este filho (solteirão) tenha vendido a área e se transferido para outro lugar, pois, quase nada foi encontrado a seu respeito (Mapa 15).

²⁷ O antigo Pólo *Vacacaí-Mirim* de propriedade do guarda-mor, com as fazendas dos Penna (a Palma), localizava-se próximo (ao Sul) à posterior Colônia de Silveira Martins (1878), onde os filhos do guarda-mor, JOSÉ FERNANDES PENNA (F6) e FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10) e os homônimos, genro do guarda-mor, PORFIRIO DORNELLES E SILVA casado com MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (F2).

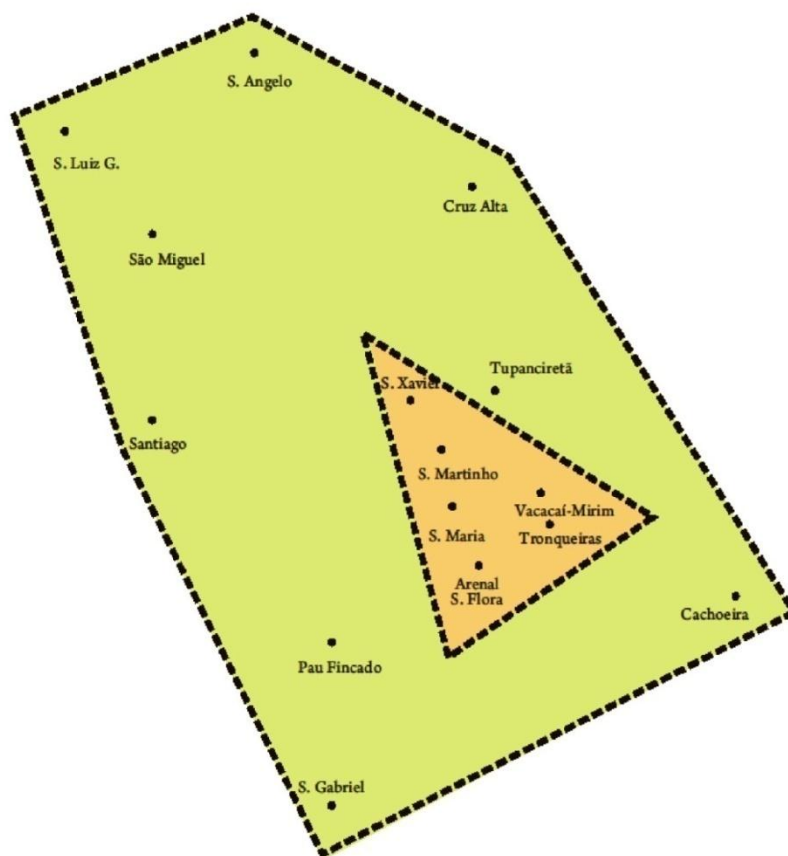


Mapa 15 – Quarta Colônia (Silveira Martins) em 1885, com os proprietários lindeiros; adaptado para fins de ilustração (PENNA, 2012).²⁸

Fonte: RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001 p. 14.

A Região Central do Rio Grande do Sul foi o cenário geográfico da trajetória da família. A geração dos filhos se manteve, praticamente, entre os pólos *Vacacaí-Mirim* e *São Xavier*, ficando Santa Maria no meio, com algumas exceções, como os clãs Silva Cezimbra (F1), Dornelles (de Souza) e Silva (F2) e Martins Beltrão (F4), embora constatada presença de integrantes (a partir da primeira geração) em Cachoeira. A geração dos netos começou a sair, mas ainda não tão longe, visualizado no desenho a seguir (Mapa 16).

²⁸ A família dos Soares de Souza se tornou os atuais proprietários (por volta de 1885), ao Sul do Recanto Maestro, à Sudeste da Quarta Colônia (Silveira Martins), onde antes pertencia aos homônimos, genro e neto do guarda-mor, PORFIRIO DORNELLES E SILVA, casado com MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (F2), ao lado da propriedade dos Penna (hoje Distrito da Palma, Município de Santa Maria), JOSÉ FERNANDES PENNA (F6) e FRANCISCO FERNANDES PENNA (F10), e, ao Sul e Sudeste (hoje Município de Restinga Seca, divisa com o Município de São João do Polêsine (próximo ao Recanto Maestro).



Mapa 16 – Parte da Região Central do Rio Grande do Sul: polígono do cenário geográfico da Família Penna em seus primórdios (PENNA, 2012).²⁹

Este mapa, da Região Central do Rio Grande do Sul, foi elaborado especialmente para o trabalho, de modo sintetizado e estilizado no formato geométrico, com intuito de melhor ilustrar e situar graficamente o cenário geográfico da trajetória da família. O triângulo central (forma geométrica interna) corresponde à área aproximada de distribuição geográfica da geração dos filhos do guarda-mor e o polígono (forma externa) corresponde à geração dos netos. De modo que foi a partir dos bisnetos que a dispersão espacial foi se acentuando.

²⁹ O cenário geográfico da Família Penna, em seus primórdios, praticamente se limitava ao imaginário triângulo (no interior do polígono), mais ligado à geração dos filhos (século XIX), e ao polígono ao redor, estendido, aproximadamente, até a geração dos netos do guarda-mor, no século XIX e primeira metade do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição do prévio quadro, enquanto cenário reconstituído do estabelecimento do guarda-mor, imigrante português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, filha de açorianos, na Região Central do Rio Grande do Sul (entre 1806 e 1808), partiu do seguinte contexto histórico: a) a questão fronteiriça de intenso contrabando, arreadas (roubo de gado) e constantes conflitos entre os dois impérios ibéricos, herdada das políticas metropolitanas do século XVIII e ainda intensamente sofrida durante o século XIX, através de diversos conflitos armados (regionais, nacionais e internacionais); b) o processo em torno da formação da identidade sulriograndense (do século XVII ao XX), fundamentalmente calcada no entorno da fronteira, da estância e do militarismo; c) a então recente tomada, conquista, exploração e povoamento das Missões (a partir de 1801); d) a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil (1808) e e) a oficialização da Capitania de São Pedro do Rio Grande (1809), depois Província, com a Independência do Brasil (1822).

O guarda-mor, figura central do estudo, não foi militar nem incluído no rol dos nobres brasileiros, tampouco político, mas soube se relacionar com eles. Foi estancieiro e *servidor público* enquanto guarda-mor, função ligada ao fisco (cobrança e controle de impostos). Ao conviver com a nobreza, com militares e políticos, bem como com os abastados da época, e pelo fato de ter adquirido bens e riqueza, o casal e família forneceram indícios de pertencer ao rol da elite de Santa Maria e Região, na primeira metade e meados do século XIX.

O guarda-mor veio para o Brasil, com cerca de 27 anos de idade (em torno de 1804) e casou-se com 29 anos (1806). Viveu na terra adotada em um conturbado período, marcado por estruturações, instabilidades e conflitos, em relação ao Brasil e ao Rio Grande, por cerca de 36 anos, dos quais 17 anos no Antigo Sistema Colonial, em fase de ocupação e povoamento luso da Região, especialmente focada nas emergentes riquezas das Missões, 14 no período de transição, com a permanência da Corte Portuguesa no Brasil (de 1808 a 1821) e 19 anos no Império, dos quais 9 no Primeiro Império (de 1822 a 1831) e 10 no Período Regencial (de 1831 a 1840). A geração dos filhos viveu, praticamente, sob o regime imperial.

MANOEL FERNANDES PENNA se tornou guarda-mor com cerca de 45 anos (entre 1820 e 1822). O guarda-mor teve um considerável desenvolvimento socioeconômico e patrimonial, notadamente entre 1809 a 1828, aproximadamente. Fundamentou sua economia no escravismo, sistema vigente na época no Brasil. Foi considerável, na Família Penna, a intensidade da produção através do trabalho escravo. O guarda-mor e esposa, bem como seus

filhos, filhas e cônjuges, de alguma forma, inseriram-se neste contexto, confirmada na historiografia e nas fontes primárias dos arquivos.

O casal genearca viveu em um período crucial do Brasil e Rio Grande do Sul (primeira metade do século XIX), quando aconteceram importantes momentos de sua História, marcados por muitos conflitos, quando se deu a estruturação e consolidação regional e a formação da capitania/província, no contexto da formação do Estado-Nação brasileiro. O guarda-mor faleceu com cerca de 64 anos de idade (1841), em plena Revolução Farroupilha. A viúva, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, ainda presenciaria um pouco do início do Segundo Império. Ela, uns 11 anos mais moça, sobreviveu ao marido em 16 anos (1857).

O estudo continua, com intuito de conhecer mais a respeito do casal genearca, mapear a vasta descendência e entender a mobilidade geográfico-espacial, somatocultural, social e ocupacional, com o passar das gerações. O casal genearca foi o progenitor de 10 filhos e filhas que, por sua vez, formaram 8 clãs. Foram quatro filhos homens e seis filhas mulheres, nascidos entre 1808 e 1826. Formaram uma larga descendência, cujos filhos e genros se tornaram cabeças fundadores de importantes clãs na Região, como os Silva Cezimbra, os Martins Beltrão, os Teixeira Cezar, os Ribeiro Pinto, os Dornelles (de Souza) e Silva, os Fernandes Penna (em 3 diferentes clãs).

Estimam-se cerca de cinco mil descendentes, espalhados por vários estados brasileiros (principalmente Sul, Centro e Sudeste) e estrangeiro. Há políticos, produtores rurais, donos de seus próprios negócios, empresários (comerciantes e industriais), profissionais liberais, servidores públicos (civis e militares), professores, secretários, comerciários, industriários, operários, camponeses e cidadãos, estudantes e donas de casa (do lar). A grosso modo, os níveis socioeconômicos que estão sendo encontrados nos descendentes e cônjuges, até o presente, são, majoritariamente, da classe média (alta, média e baixa), embora se encontre casos, pouco frequentes, das classes alta e baixa.

Considerando as primeiras gerações (até os bisnetos), em termos de quantidade de integrantes, o clã Martins Beltrão se destaca; quanto às mais novas gerações (dos trinnetos até as atuais, o clã Teixeira Cezar é que parece se destacar. Não foram encontrados, nas gerações atuais, descendentes de quatro clãs: Dornelles (de Souza) e Silva (F2), Pinto Ribeiro (F5) e Fernandes Penna (F9 e F10), embora hoje mais perto disso acontecer.

A questão migratória se insere no estudo, para melhor compreender e contextualizar: a) a matriz nacional (língua, cultura e origem) – a nacionalidade lusa de origem do casal patriarca (ele, reinol português e ela, filha de ilhéus açorianos) e das três gerações posteriores, com casamentos predominantemente dentro da mesma origem, sendo que, a partir da geração

dos bisnetos, gradualmente, começaram a ocorrer casamentos com imigrantes ou descendentes de imigrantes, principalmente *alemães* e *italianos*; b) o ambiente colonial ibérico (misto luso/hispânico) do fronteiriço espaço de destino (o Rio Grande, em processo de formação; no caso, a Região Central), onde o guarda-mor imigrante se estabeleceu com sua esposa e c) as emigrações da descendência (tanto para outras regiões do Rio Grande do Sul e outros estados do Brasil como para o estrangeiro, nas gerações atuais), advindas da mobilidade geográfico-ocupacional dos descendentes e cônjuges, constatada no estudo biográfico-genealógico ora em andamento, contextualizada à época e Região.

O casal genearca do estudo, MANOEL FERNANDES PENNA e sua esposa FRANCISCA LUIZA DE LIMA, teve uma rápida e duradoura inserção na sociedade, por meio de relações profissionais (públicas), negociais (particulares), conjugais e sociais. Isto foi confirmado através da proeminente participação na sociedade local, muito em função dos negócios particulares e da função pública dele como guarda-mor, da evolução patrimonial, do desenvolvimento socioeconômico e também pela visão de mundo do casal, quanto a construir sua rede de relacionamentos, levando-se a cabo as estratégias relacionais, articulando *pares entre pares*. Eles buscaram relacionamentos com pessoas que tinham praticamente a mesma origem (somatolinguisticocultural) e o mesmo ou superior nível socioeconômico. Os clãs se mantiveram predominantemente de base lusa, até a geração dos bisnetos.

Por outro lado, foi reconstituído, de modo preliminar, panoramicoexploratório e viável, o campo de relações em que os sujeitos, ligados à Família Penna, especialmente no século XIX, estavam envolvidos. De modo que o estudo cumpriu seus propósitos, quais sejam, em linhas gerais: obter e fornecer uma idéia geral dos rastros advindos de sua passagem pelo mundo, verificada através da reconstituição e análise do cenário da trajetória, contextualizado à época e lugar, bem como as repercussões na formação dos clãs derivados.

Pôde-se comprovar uma larga descendência, deixada pelo casal genearca, estimada em 5 mil pessoas, em 200 anos de história no Brasil, e visibilidade de alguns clãs na sociedade local e regional, com considerável número de indivíduos referenciados na historiografia, seja descendente ou cônjuge, considerando também a distribuição geográfica, o tamanho dos clãs e as atividades desenvolvidas. A conclusão preliminar vem da análise dos principais resultados alcançados, pertinentes aos propósitos da pesquisa.

O estudo se insere no contexto do Patrimônio Cultural e Documental, no Mestrado Profissional, no sentido de que possibilita: a) os indivíduos de gerações atuais saberem a respeito das origens e dos antepassados, bem como parentes em geral (ainda que distantes), quem foram e como viviam; b) os indivíduos conhecerem mais sobre as regiões de origem,

em seus contextos, no decorrer das distintas épocas; c) a sociedade tomar conhecimento da trajetória da família, em seus 200 anos de História na Região, em suas diversas mobilidades e d) a população em geral entender melhor sobre a sociedade daquela época e lugar.

Dadas às preliminares conclusões, necessitar-se-ia de continuidade, no intuito de elucidar lacunas existentes, corrigir eventuais equívocos e poder contemplar as gerações atuais. O perfil demográfico dos integrantes é uma possibilidade. As repercussões refletirão em benefício da sociedade, no sentido de confirmar ou não as referências historiográficas, esclarecer pontos da formação e desenvolvimento da Região Central do Rio Grande do Sul, elucidar a respeito das origens e modo de vida na Região e efetivar a difusão biograficogenealógica da descendência de MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA DE LIMA.

Espera-se contribuir com a sociedade, especialmente de Santa Maria e Região, principalmente quanto ao século XIX, ao esclarecer a trajetória do casal genearca e a descendência e cônjuges, com o passar das gerações. É com esta intenção que se propõe a elaboração, difusão e divulgação do inventário biograficogenealógico. A divulgação dos resultados será, notadamente, na forma de difusão de impressos, enriquecendo os conhecimentos a respeito das áreas de História Social, História de Família e a Arquivística.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS – FONTES PRIMÁRIAS

APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Inventário Nº 21, Maço 1, Estante 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartório: Cível e Crime.** Porto Alegre.

_____. **Registro Paroquial de Terras de Santa Maria da Boca do Monte: transmissões, de 1854 a 1856.** f. 93-95v. Porto Alegre.

CÚRIA DIOCESANA DE CACHOEIRA. **Assento Paroquial de Batismo de Cachoeira,** Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Cachoeira do Sul.

_____. **Assento Paroquial de Óbito de Cachoeira,** Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 3, f. 64v. Cachoeira do Sul.

CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. **Assento Paroquial de Batismo de Viamão,** Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L.5, f.55. Porto Alegre.

_____. **Assento Paroquial de Casamento de Viamão,** Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 2A, f. 17v. Porto Alegre.

CÚRIA METROPOLITANA DE SANTA MARIA. **Assento Paroquial de Batismo de Santa Maria,** Catedral, L. 1 (1814-1863) e 2. Santa Maria.

_____. **Assento Paroquial de Casamento de Santa Maria,** Catedral, L. 1 e 2. Santa Maria.

_____. **Assento Paroquial de Óbito de Santa Maria,** Catedral, L. 1. Santa Maria.

_____. **Assento Paroquial de Batismo de São Martinho,** L. 1 e 2. Santa Maria.

_____. **Assento Paroquial de Casamento de São Martinho,** L. 1 e 2. Santa Maria.

OBSERVAÇÃO: as demais fontes primárias referentes às gerações dos filhos em diante constam no rol das fontes primárias contidas no Apêndice B (PENNA, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABO. **De um local abandonado a Recanto Maestro**: projeto internacional de Arte e Cultura Humanista. São João do Polêsine: Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO), 2009. 150 p.

AGUIAR MELO, Ana Lúcia; LOPES, Dilmar Luiz *et al.*. **“Palmas” para o Quilombo**: processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. 432 p.

AGUIAR MELO, Ana Lúcia e LOPES, Dilmar Luiz. Quilombo *Arnesto Penna Carneiro*: resistência da ancestralidade negra (artigo). UFSM & UFRGS. Santa Maria. 2008. Introdução. p. 19-28. In: AGUIAR MELO, Ana Lúcia; LOPES, Dilmar Luiz *et al.*. **“Palmas” para o Quilombo**: Processos de territorialidade e etnicidade negra. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. 432 p.

ÁLBUM ILUSTRADO DO PARTIDO REPUBLICANO CASTILHISTA. **Rio Grande do Sul**. 2 v. Mais de 1.000 biografias e fotos de ilustres membros do partido, levantadas entre 1929 e 1934. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1934. 880 p.

ALVES, Luiz Roberto Lovatto. Fichas: **Apontamentos Genealógicos referentes às Famílias *Fernandes Penna e Alves Dornelles Penna***. Esboço digitalizado. 2001. 3 p.

ALVES, Wilson Bottega. **A História dos que fizeram uma História**. Genealogia das Famílias Penna, Alves Bottega e Casagrande. Santa Maria: Estação Gráfica, 1995. 90 p.

AMARAL, Luis. Lisboa. Memórias Genealógicas de Lisboa. Biblioteca Genealógica de Lisboa. In: **GeneAll.net**. 2000. Disponível em: <http://familiabreitenbach.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html>. Acesso em 21 Out. 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Ordem Imperial da Rosa. In: **Condecorações**. Disponível em: www.bcb.gov.br/ORDIMPROSA. Acesso em 22 Dez. 2012.

BARROSO, Vera Lucia Maciel (org.). **Açorianos no Brasil**: história, memória, genealogia e historiografia. Porto Alegre: EST, 2002. 1 152 p.

BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo. Os Eventos Vitais na Reconstituição da História. In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

BELÉM, João da Silva. **História do Município de Santa Maria (1797-1933)**. Santa Maria: UFSM, 1. ed. 1933, 2. ed. 1989 e 3. ed. 2000. 309 p.

BELLINASSO, Severino Tranquilo. **Os Heróis de Val de Buia**. A história dos imigrantes italianos que construíram a Quarta Colônia de Imigração Italiana de Silveira Martins. Ivora: Ed. Diác. Bellinasso, 2000.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho. V. I (1787-1930)**. Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1. ed. 1958; Canoas: La Salle, 2. ed. 1979. 583 p.

_____. **Material Genealógico a respeito do Guarda-Mor Manoel Fernandes Penna e esposa e alguns clãs, especialmente o dos Martins Beltrão** (fornecido pelo filho Dr. Aécio César Beltrão). Santa Maria, 1969 ?. Datilografado. 21 p.

_____. **O Vanguardeiro de Itororó**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 1998. 383 p.

BIASOLI, Vitor Otávio Fernandes. A Igreja Católica em Santa Maria: de Capela Militar a Criação da Diocese (1797 – 1910). p. 169-196. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2010. 536 p.

BORGES FORTES, Amyr; WAGNER, João Baptista Santiago. **História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: s. ed., 1963. 497 p.

BORGES FORTES, Gal. João (1ª ed.: 1940). Coordenação de Júlio Ricardo Quevedo, 2. ed. **Rio Grande de São Pedro: povoamento e conquista**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001. 170 ? p.

BURATTO, Sérgio Enio. Guia do principiante em genealogia. In: PICCOLI, Arthur de Souza Prates. Genealogias.org. n.1. **Projeto Imigrantes**. Porto Alegre. Disponível em: <<http://buratto.org/gens/gn/principiante.html>>. Acesso em 21 Out. 2010.

BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das ciências históricas** (trad.: Henrique de Araújo Mesquita). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993. 773 p.

CALDEIRA, Jorge *et altri*. **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. 351 p.

CALIL, Daniéle Xavier. **O Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e a Difusão Arquivística: um meio de Resgatar a Memória e as Funções Cultural e Educacional que assume perante à Comunidade**. Monografia de Especialização. Santa Maria: UFSM, 2009.

CARNEIRO, Lígia Gomes. A origem do Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <<http://desenvolvimentoemquestao's Blog>>. <http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul_como_surgiram_quem_eram_e_o_papel_dos_tropeiros-o3217.html>. Acesso em 22 Out. 2012.

CATROGA, Fernando. 3 Positivistas e republicanos. p. 101-134. In: **História da História em Portugal: séculos XIX e XX**. v. 1. Coimbra: Temas e Debates, 1998a. 492 p.

_____. 4 História e ciências sociais em Oliveira Martins. p. 137-185. In: **História da História em Portugal: séculos XIX e XX**. v. 1. Coimbra: Temas e Debates, 1998b. 492 p.

_____. 5 Ritualizações da História. p. 221-361. In: **História da História em Portugal: séculos XIX e XX**. v. 2. Coimbra: Temas e Debates, 1998c. 492 p.

CESAR, Guilhermino. **O Conde de Piratini e a Estância da Música**: administração de um latifúndio rio-grandense em 1832. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Instituto Estadual do Livro. Caxias do Sul: UCS – Universidade de Caxias do Sul, 1978.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missioneiras**. Ciências Sociais. Ijuí: Editora Unijuí. 2001. 175 p.

CORREA, Mons. Antonio. **O Município de Júlio de Castilhos** (anotações a sua história). Santa Maria: Gráfica Editora Rainha, 1975.

COSTA BEBER, Cirilo. **Santa Maria 200 anos**: História da Economia do Município. CACISM. Santa Maria: Pallotti, 1998. 316 p.

CORSI SILVA, Semíramis. O historiador e as biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. In: Revista **História, Imagem e Narrativas**, nº 14, ISSN 1808-9895, 14/abril/2012. 14 p. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao14abril2012/biografias.pdf>>. Acesso em: 20 Dez. 2012.

COSTA, Firmino. **Terra de Vila Rica**: contribuição ao estudo da História do Município de Júlio de Castilhos. Júlio de Castilhos: Prefeitura Municipal de Júlio de Castilhos, 1991. 478 p.

CUNHA, Jorge Luiz. O Rio Grande do Sul e a colonização alemã entre 1824 e 1830. p. 193-218. In: QUEVEDO, Julio (org.). **Rio Grande do Sul**: 4 séculos de história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. 398 p.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Sobre as cinzas da mata virgem**: os lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria: 1845-1880). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGH-PUCRS. Dissertação de Mestrado. 1999a.

_____. **Criadores de Gado em Santa Maria (Rio Grande do Sul, 1850-1890)**. Artigo [uma versão do segundo capítulo da dissertação de mestrado Sobre as cinzas da mata virgem – os lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880), Programa de Pós-Graduação em História da PUC/RS, 1999b]. CEUNFRAN, 1999.

_____. **Confins Meridionais**: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Santa Maria: Ed. UFSM, 2010a. 520 p.

_____. Lavradores, escravos e criadores de gado: o universo agrário de Santa Maria (meados do século XIX). p. 243-266. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2010b. 536 p.

FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul**: 1503-1957. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978. 274/289 p.

FERREIRA, Isac. História da família e demografia histórica. Artigo sobre o texto *História da família e demografia histórica* de Sheila de Castro Faria no livro **Domínios da História** de

Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion (1997). Disponível em: <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em: 10 Out. 2010.

FRAGOSO, João. A noção de economia colonial tardia no Rio de Janeiro e as conexões econômicas do Império português: 1790-1820. p. 319-338. In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVEA, Maria de Fátima (orgs.). **O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 473 p.

FRANZEN, Beatriz Vasconcellos. Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul-riograndenses. In: **Arquipélago – História**, 2ª série, VII, p. 123-142. São Leopoldo/Porto Alegre: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2003.

GIL, Tiago. **Infiéis Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. 225 p.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma Corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. 408 p.

GOMES, Moema de Andrade. **Tupanciretã Alvorada de Sonhos – Homenagem ao Cinquentenário de Tupanciretã (1978)**. Porto Alegre: Alcance, 1996.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. Poder político e administração na formação do complexo atlântico português (1645-1808). In: FRAGOSO, João Luis; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVEA, Maria de Fátima (orgs.). **O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 473 p.

GRUNEWALDT, Silvana. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do Século XX. p. 335-348. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2010. 536 p.

HOBSBAWM, Eric J. (tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira) **A Era das revoluções: Europa 1789-1848** (1ª ed.1961) 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 464 p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Patrimônio cultural e cidadania. p. 11-20. In: POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (orgs.). **Museologia social**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, Unidade Editorial, 2000. 136 p.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

IBGE/PASSEIWEB. Imigração portuguesa – **Geografia. Pedagogia & Comunicação**. 2007. Disponível em <http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/geografia/geografia_do_brasil/de_mografia_imigracoes/brasil_imigracoes_portugal>. Acesso em 08 Out. 2011.

INFOPÉDIA. Descobrimento dos Açores. **Açores**. In: Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult.2012-06-13]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$descobrimento-dos-aco-res](http://www.infopedia.pt/$descobrimento-dos-aco-res)>. Acesso em 13 Jun. 2012.

_____. Ribeira de Pena. **Distrito de Vila Real**. In: Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$ribeira-de-pena](http://www.infopedia.pt/$ribeira-de-pena)>. Acesso em 13 Jun. 2012.

JOB, Vera Ravagnani. Origem do tropeirismo. 2011. Disponível em: <<http://www.amaiswebdesign.com.br>>. Acesso em 22 Out. 2011.

KÜLZER, Gláucia Giovana Lixinski de Lima. Memórias póstumas – inventariando bens e trajetórias: a Família Pinto em Santa Maria (RS). p. 49-73. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs.). **Nova História de Santa Maria**: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. 407 p.

LANGENDONCK, Tácito Remi de Macedo van. **O Visconde e a Viscondessa do Serro Formoso e sua descendência**. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro. 1970. 160 p.

LE GOFF, Jacques (tradução: Bernardo Leitão et al.). **História e memória**. 6^a ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005. 550 ? p.

LEITE, José Corrêa; GALVÃO, Walnice Nogueira. Entrevista: A invenção do Brasil. **Entrevista com Fernando Antonio Novais**. In: Teoria e Debate n° 44. 2000. Publicado em 20/04/2006. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-antiores/entrevista-invencao-do-brasil-entrevista-com-fernando-antonio-novais>>. Acesso em 14 Nov. 2012.

LIMA, Alcides de Mendonça. **História Popular do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983. 116 p.

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; CALDERON, Wilmara Rodrigues. Fundo Arquivístico: múltiplas leituras a respeito do termo. p. 47-58. In: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida. **Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina: EDUEL, 2008. 188 p.

MACHADO, José Olavo. **História de Santo Ângelo**: das Missões aos nossos dias. Santo Ângelo: s/ed. Gráfica Santo Ângelo, 1981.

MANIA DE HISTÓRIA (Blog multidisciplinar e de apoio didático). Mineração no Brasil Colônia. In: **Mania de História**. Disponível em: <<http://maniadehistoria.wordpress.com/mineracao-no-brasil-colonia/>>. Acesso em 22 Out. 2011.

MARTINS AFONSO, Antonio. **Curso de História da Civilização Portuguesa**. 1^a ed. 195_, 5^a ed. Porto: Porto Ed., 1967. 464 p.

MATOS, Artur Teodoro; MENEZES, Avelino de Freitas de; LEITE, José Guilherme Reis. **História dos Açores, do descobrimento ao século XX**. V. I. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008.

MENDES, José Maria Amado. **Trás-os-Montes nos fins do século XVIII, segundo um manuscrito de 1796** [de Columbano Pinto Ribeiro de Castro (1749-1804)]. Coimbra/Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. 2ª ed., 1995. 749 p.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. p. 11-22. In: SILVA, Zélia Lopes da. (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999. (Seminários & Debates).

MENNA BARRETO, Osvaldo Bittencourt. **Família Menna Barreto: 200 anos**. Santa Maria: Cedigraf/Palotti, 2003. 2 v. 429 + 539 = 968 p.

MONTEIRO, Miguel. In: MUSEU DAS MIGRAÇÕES E DAS COMUNIDADES. **Grupo de história das populações**. Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). Publicações do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (NEPS). Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) do Ministério da Cultura, Tecnologia e Ensino Superior. Universidade do Porto: Faculdade de Letras & Universidade do Minho: Campus de Azurém, Guimarães. Câmara Municipal de Fafe. 2012. Disponível em: <<http://www.museu-emigrantes.org/a-memoria/memorias-de-viagem/por-mar.html>>. Acesso em 08 Out. 2012.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória: algumas observações. In: **Praxis: Revista Eletrônica de História e Educação**. Salvador: Faculdades Jorge Amado, 2005. 4 p. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf>. Acesso em 21 Out. 2010.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)**. 1ª ed. 1979, 4ª ed. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec), 1986. 420 p.

NUEVA HISTORIA UNIVERSAL. Los grandes viajes del siglo XVIII. In: Nueva Historia Universal, vol. 4: Siglos XVII y XVIII, 7. **La época de los grandes veleros**. pp. 502-523. Madrid: Ed. Marin, 1969. 567 p.

_____. Brasil hacia El Imperio constitucional. In: Nueva Historia Universal. vol. 5. Siglo XIX: 2. **Emancipación de América**. pp. 95-144. Madrid: Ed. Marin, 1969. 579 p.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **A Família Miranda Coutinho**. In: **Famílias Históricas do Litoral Paranaense**. 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/227869/Familias_Historicas_do_Litoral_Paranaense._A_Familia_Miranda_Coutinho>. Acesso em 19 Jan. 2013.

_____. **Genealogia genética**. 2006. Disponível em: <<http://www.geneall.net/p/forum.php?tema=N>>. Acesso em 21 Out. 2010.

- OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. O despertar das mulas. In: **Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba**. Disponível em: <<http://www.ihggs.org.br/index.php?option=content&task=view&id=209&Itemid=76&limit=1&limitstart=0>>. Acesso em 06 Jun. 2012.
- OSORIO, Helen. As elites econômicas e a arrematação dos contratos reais: o exemplo do Rio Grande do Sul (século XVIII). p. 107-137. In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVEA, Maria de Fátima (orgs.). **O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 473 p.
- PACHECO, Joel. **Florianópolis, a 10ª Ilha dos Açores: o encontro das origens**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2007. 64 p.
- PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo gaúcho**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- _____. A Viação Férrea e o desenvolvimento do comércio e da indústria de Santa Maria. p. 321-334. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2010. 536 p.
- PEDRAZZI, Rubens Augusto; COSTA, Fermino. **São Martinho da Serra: terra e gente**. Santa Maria: Home Artes Gráficas, 1999. 100 p.
- PENNA, Marco Antonio de Almeida. **A descendência do Guarda-mor Manoel Fernandes Penna e esposa Francisca Luiza de Lima: 200 anos de história na Região Central do Rio Grande do Sul**. Inventário Biograficogenealógico. Recorte: até a geração dos bisnetos (em elaboração). Santa Maria: s/ed., 2013. 135 p.
- PEREIRA, José Almeida. Contribuição dos Açores à Colonização do Brasil nos séculos XVII e XVIII. LX, 2002. pp. 261-279. In: Boletim do **Instituto Histórico da Ilha Terceira**. Disponível em: <www.ihit.pt/boletim.php?area=boletim&id=74>. Acesso em 22 Abr. 2012.
- PEREIRA, José Geraldo Barbosa. **A Restauração de Portugal e do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2004. 352 p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 1ª ed. (1980), 8ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. 145 p.
- PICCOLI, Artur de Souza Prates. Genealogia. Porto Alegre. In: MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. In: **Guia do Principiante em Genealogia**. Disponível em: <<http://www.ingers.org.br>>. Acesso em Out. 2010.
- PORTAIS.COM. Ilha Terceira. In: **Açores**. Disponível em <<http://www.azores.gov.pt>>. Acesso em 20 Jan. 2013.
- PORTAL SÃO FRANCISCO. Período Napoleônico. In: **História Geral**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/imperio-napoleonico/periodo-napoleonico.php>>. Acesso em 08 Out. 2012.

- RECHIA, Aristilda Antonieta. **Santa Maria Cidade-Sol Coração-Gaúcho**. Santa Maria: Imprensa Universitária (UFSM), 1985. 177 p.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Vanhagen a FHC**. 1.ed 1999; 9.ed. ampl.. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- RIBEIRO, José Iran. Tão longe, tão perto: o povo de Santa Maria e as situações de guerra na primeira metade do século XIX. p. 227-242. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010. 536 p.
- RIBEIRO, Orlando. **Aspectos e problemas da expansão portuguesa**. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais. Lisboa: Coleção Estudos de Ciências Políticas e Sociais, n. 59, 1962. 213 p.
- RICHTER, Eneida Izabel Schirmer. (colaboração: Carlos Blaya Perez). **História social de Arroio do Sol**. Santa Maria: Imprensa Universitária – UFSM, 1997. 104 p.
- _____. **Disciplina de genealogia e heráldica: introdução à Genealogia. Genealogia Molecular. Universalidade da Genealogia. Caderno Didático (digitado)**. Santa Maria: UFSM, 2009.
- RICHTER, Eneida Izabel Schirmer, SCHWARTZBALD, Karin Christine e LOPES, Ana Lúcia Machado. **Registro de batismos (1814-1822): contribuição à história social de Santa Maria**. Porto Alegre: Erangráfica, 2005. 105 p.
- RIGHI, José Vicente, BISOGNIN, Edir Lúcia e TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: Ed. Est, 2001. 696 p.
- ROCHA, Ivon Chagas da (colaboração: Victor Antonio Chagas da Rocha). **Árvore Genealógica dos descendentes do Barão de Candiota: Família Chagas**. Santa Maria: s. ed., 1997. 54 p.
- RODRIGUES, José Honório. **História e historiografia**. Petropólis: Ed. Vozes, 1970. 306 p.
- RUBERT, Rosane Aparecida; ROSA, Raoni da; MONTEIRO, Cristiano Sobroza. Regime escravocrata e direitos costumeiros. p. 29-99. In: AGUIAR MELO, Ana Lucia *et al.*. **“Palmas” para o Quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011. 432 p.
- SAES, Décio. **A formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 364 p.
- SANTOS, Irene Fernandes. **Distritos de Santa Maria**. Datilografado. Santa Maria: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de Santa Maria, 1984. 54 p.
- _____. **Pains, uma comunidade rural: sua terra e sua gente**. Santa Maria: UFSM, 2009. 120 p.

SCHMIDT, Alberto Heitor. **Rio Grande do Sul, Colonia de Portugal**. Santa Maria: Imprensa Universitaria (UFSM). [2001]. 191 p.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias ... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos**. Revista de Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas, 1997. 21 p. Disponível em: <<http://cantoni.pro.br/blog/2011/11/construindo-biografias-historiadores-e-jornalistas-aproximacoes-e-afastamentos/>>. Acesso em 19 Dez. 2012.

SCOTT, ANA SÍLVIA VOLPI. **Os portugueses**. Coleção: Povos e Civilizações. Contexto, 2010, 416 p.

SILVA, Benedicto *et al.*. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1986. 1422 p.

SILVEIRA, Gustavo Py Gomes da. Famílias açorianas em Canguçu, Piratini, Herval, Santa Maria, Vila Rica, São Martinho e Tupanciretã. p. 228-248. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel (org.). **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. Porto Alegre: EST, 2002. 1 152 p.

SPONCHIADO, Breno Antonio. **Migração & 4ª Colônia**. Nova Palma e Pe. Luizinho. Nova Palma: Paróquia Santíssima Trindade; Santa Maria: UFSM, Pró Reitoria de Extensão, Gráfica Palotti, 1996.

TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Maria Amado; CATROGA, Fernando. **História da História em Portugal: séculos XIX-XX**. v. I: A História através da História. Programa Lusitânia. Lisboa/Coimbra: Ed. Temas e Debates, 1998. 491 p.

QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio Ricardo e TAMANQUEVIS DOS SANTOS, José Carlos. **Rio Grande do Sul: aspectos da História**. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. 102 p.

QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio Ricardo (org.); FONSECA, Orlando (org.); CEZIMBRA, João Antonio da Silva *et al.*. **João Cezimbra Jacques: passado e presente**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000. 138 p.

VARGAS, Jonas Moreira. As duas faces do Coronel Valença: família, poder local e mediação política em Santa Maria (1850-1870). p. 287-320. In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (orgs.). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2010. 536 p.

VELLINHO, Moysés. **Capitania d'el Rei: aspectos polêmicos da formação Rio-grandense**. Porto Alegre: Ed. Globo, 2ª e., 1970. 241 p.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Ilha Terceira. In: **Açores**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Terceira>. Acesso em 08 Out. 2011.

_____. Imigração portuguesa no Brasil. In: **Imigração no Brasil**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigracao_portuguesa_no_Brasil>. Acesso em 08 Out. 2011.

_____. Portugal. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal>>. Acesso em 08 Out. 2011.

FONTES DAS IMAGENS

AÇORES. Arquipélago dos Açores. **Açores**. Disponível em: <www.culturamix.com.turismo/internacional/arquipelago-dos-acoress>. Acesso em: 10 Jul. 2012.

AHRGS. **Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Mapa. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1809.

ALEGNA13. **Igreja Matriz de Ribeira de Pena**. Wiki Loves Monuments n. 97012159. 2007.

ALMEIDA, Jocymar Monteiro de. **Estabelecimento Industrial e Comercial Vera Cruz**. Santa Maria: Distrito da Palma, 2005. 1 original de arte, óleo sobre tela. Coleção particular.

APERGS. **Rio Grande do Sul**. Mapa. Porto Alegre: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

IBGE/PASSEIWEB. Imigração portuguesa – **Geografia**, 2007. Disponível em <http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/sala_de_aula/geografia/geografia_do_brasil/de_mografia_imigracoes/brasil_imigracoes_portugal>. Acesso em 08 out. 2011.

HPIP. Igreja Matriz de Santo Amaro. **Patrimônio de influência portuguesa**. Fundação Calouste Gulbenkian. Imagens do Google. General Câmara, Santo Amaro.

MAPA-MUNDI.IPG. **Mapa Mundi político**. Mapa-Mundi.ipg. Disponível em: <<http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm>>. Acesso em 10 Jun. 2012.

MMC. **Igreja Matriz de Cachoeira do Sul**. Fotografia. Cachoeira do Sul: Museu Municipal de Cachoeira do Sul: foto de 1930, aproximadamente.

MORAES, Carlos Mozart Marques de. **Fazenda da Palma**. Fotografia da casa senhorial. Acervo Particular. Santa Maria: Distrito da Palma.

NUTEP/UFRGS – Centro de Recursos Idrisi. **Mapas temáticos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1994.

PORTUGALVIRTUAL. Porto, Minho e Norte do Portugal. **Portugal**: informações turísticas. Disponível em: <www.portugalvirtual.pt>. Acesso em 10 Jun. 2012.

RIGHI, José Vicente, BISOGNIN, Edir Lúcia e TORRI, Valmor. **História da 4ª Colônia**. Porto Alegre: Ed. Est, 2001.

SOUZA, Adilon. Rio Grande do Sul. **Mapa do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Multimapas, 2012.

VELLINHO, Moyses. Capitania d’el Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. **Capitania d’el Rei**. Porto Alegre: Ed. Globo, 2ª e.,1970.

WIKIMEDIA COMMONS. **Comunidade Arnesto Penna Carneiro**. Imagens SM, 2009. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em 10 Jan. 2012.

WIKIMEDIA COMMONS. Distrito da Palma. **Imagens SM**. Disponível em: <palmadistritodesantamaria.jpg. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre, 2006. Acesso em 10 jan. 2012.

WIKIMEDIA COMMONS. **Município de Santa Maria**. Imagens SM, 2006. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Acesso em 10 Jan. 2012.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Agualva (Praia da Vitória). **Praia da Vitória**. Disponível em: www: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Agualva_\(Praia_da_Vitoria\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Agualva_(Praia_da_Vitoria))>. Acesso em 22/04/2012.

_____. **Angra do Heroísmo. Ilha Terceira**. Lobitinho's Região Autónoma dos Açores Travel Page. Acesso em 10 Jun. 2012.

_____. **Antigas províncias de Portugal**. Disponível em: <Antigas_Provincias_Portugal.png>. Acesso em 10 Jun. 2012.

_____. **Mapa de Portugal**. Darklaw. Imagem criada por Rei-Artur (2006), a partir do mapa Image: Mapa de Portugal.svg. Acesso em 10 Jun. 2012.

_____. **Viamão**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Viamao>>. Acesso em 10 Nov. 2011.

FOCO DAS ENTREVISTAS

Principal informante

MORAES, Carlos Mozart Marques de (principal informante). **Assuntos em torno da Fazenda da Palma e da Família Penna**: depoimentos [2008-2012]. Entrevistador: Marco Antonio de Almeida Penna. Fazenda da Palma, Santa Maria, 11/2008-2013. Entrevistas concedidas ao Projeto de Pesquisa do PPGPC/UFSM.

OBSERVAÇÃO

Os demais informantes, assim como o restante das fontes, estarão relacionados no final do inventário biograficogenealógico da descendência do guarda-mor (produto da pesquisa).

APÊNDICES

Apêndice A – Relação de figuras elencadas do inventário biograficogenealógico da descendência do guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, e seus cônjuges (em fase de elaboração): políticos, militares, fazendeiros e outros de projeção na sociedade, referenciados na historiografia (PENNA, 2013)

Apêndice B – Descendência do Casal Genearca, o Guarda-Mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA): filhos, netos, bisnetos e cônjuges (PENNA, 2013)

Apêndice A – Relação de figuras elencadas do inventário biograficogenealógico da descendência do guarda-mor português, MANOEL FERNANDES PENNA, e sua esposa, FRANCISCA LUIZA DE LIMA, e seus cônjuges (em fase de elaboração): políticos, militares, fazendeiros e outros de projeção na sociedade, referenciados na historiografia (PENNA, 2013)

**RELAÇÃO DE FIGURAS ELENCADAS
REFERENCIADAS NA HISTORIOGRAFIA**

**POLÍTICOS, MILITARES, FAZENDEIROS E
OUTROS DE PROJEÇÃO NA SOCIEDADE**

- **Cel. Ignacio (*Carancho*) Teixeira de Cerqueira Cezar** (1801-1903): vereador da 2ª Câmara Municipal de Santa Maria (de 1861 a 1864), major *farrapo* (1835), eleitor especial na 1ª *Assembléia Paroquial* (escolhido em 1847): vereador do Distrito de Santa Maria na Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), vereador na 2ª Câmara Municipal de Santa Maria - RS (de 1861 a 1864), grande estancieiro (pecuarista) no antigo 2º distrito (Pau Fincado, hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, na época pertencente ao Município de Santa Maria - RS); irmão de um genro do guarda-mor [a filha do guarda-mor CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898) se casara com Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889), este, grande estancieiro (pecuarista) no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, irmão do Cel. Ignacio (*Carancho*) Teixeira de Cerqueira Cezar c.c. Clara Maria d' Anunciação do Nascimento (fal. antes de 1890) ou Clara Teixeira de Medeiros].
- **Cel. João Antonio da Silva Cezimbra** (1803/04-1884): um dos cidadãos votantes na 1ª qualificação eleitoral em Santa Maria (1827), tendo assinado a lista de estancieiros pedindo ao Imperador Dom Pedro I a elevação à Freguesia da Capela Curada de Santa Maria (1827), fiscal de Santa Maria (1830), juiz de paz (de 1832 a 1834), suplente (em exercício) de juiz de paz (1836 e 1837), eleitor especial (o 2º mais votado) do 4º Distrito (Santa Maria) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), tendo sido nesta época designado coronel, nomeado para integrar a Guarda Nacional (1848), capitão do 6º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira (sediado em Santa Maria - RS), coronel comandante interino da 18ª Seção do Batalhão de Infantaria da Reserva de Santa Maria e São Martinho (1867), agraciado com o grau de oficial pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da Imperial Ordem da Rosa (1852), juiz comissário das Terras Públicas para Santa Maria (1861), vereador (o mais votado) e presidente da 2ª Câmara Municipal (entre 1861 e 1864); genro do guarda-mor [a filha do guarda-mor ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873) se casa com o Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884)].
- **Francisco Ribeiro Pinto** (1807/08-1868): escrivão da vara da Comarca de Santa Maria - RS (aproximadamente, entre 1864 e 1868), cidadão eleitor (o mais votado), 1º juiz de paz e presidente da *Assembléia Paroquial* (1846), representando Santa Maria perante Cachoeira, presidente da mesa eleitoral (1847), eleitor especial / vereador de Santa Maria (4º distrito) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), secretário da Câmara Municipal de Santa Maria, entre 1861 e 1864); genro do guarda-mor [a filha

do guarda-mor JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) (b.1816-1889) se casara com Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868)].

- **Cel. João Baptista de Oliveira Mello** (1810/11-1877): comandante superior da Guarda Nacional em São Martinho, provavelmente tendo mandado construir o Casarão dos Mello (1846), hoje sítio arqueológico (pesquisas da UFSM); tendo uma neta casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA (n.1863/b.1864-1921) se casara com Auraceli Amelia Mello dos Santos (Cezimbra) (n.1869/b.1870- f. depois de 1921), esta, filha do Cap. Affonso Antonio dos Santos (1862 ?-1913 ?) & Amelia Virginia de Oliveira Mello (dos Santos) (1849-f. depois de 1913 ?), esta, filha do Cel. João Baptista de Oliveira Mello (1810/11-1877) & Manoela Pereira dos Santos (Oliveira) (1814-1894), das segundas núpcias deles, estes, pais também do Cap. João Manoel de Oliveira Mello, este, provavelmente vereador do antigo Município de São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS, e deputado da Assembléia Legislativa Provincial (1885 1886), aquele (NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA), filho do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA F° (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- **Cap. Jovino Simplicio Monteiro** (1820 ?- f. depois de 1871): militar (oficial) do Exército, tenente do 55° Corpo de Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai (1867/69), possivelmente integrante da Guarda Nacional no Rio de Janeiro - RJ, possivelmente tendo servido em São Borja - RS, Santiago-RS, Cruz Alta - RS e Santa Maria - RS, residente inclusive em Santa Maria - RS; sendo casado com uma neta do guarda-mor [a neta do guarda-mor FRANCISCA AMALIA CEZIMBRA (MONTEIRO) (b.1828-1899 ?) se casara com o Cap. Jovino Simplicio Monteiro (1820 ?- f. depois de 1871), esta, filha do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- **João Thomaz da Silva Brasil** (1824-1904): eleitor especial (de 1856 a 1858), representando Santa Maria perante Cachoeira, vereador integrante da 1ª, 2ª e 3ª Câmara Municipal de Santa Maria (entre 1858 e 1868), fiscal da Câmara Municipal de Vereadores (1878), juiz de paz no 1º distrito de Santa Maria (de 1861 a 1880), um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* (1874), um dos fundadores de uma sociedade dramática (em torno de 1880), estancieiro (pecuarista) no antigo 2º distrito, Pau Fincado, entre o hoje Distrito de São Valentin: Município de Santa Maria - RS e o hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (na época Município de Santa Maria - RS); tendo uma bisneta casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor PLINIO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA (n.1880/b.1881- f. depois de 1923) c.c. Rina (*Nina*) Brasil de Bem (Cezimbra) (1881- f. depois de 1923 ?), esta, filha de João Geroncio de Bem (1861-1923) & Francisca Brasil, esta, filha de Horacio Barbosa Brasil (n.1862/b.1863-?) & Maria (Brasil), este, filho de João Thomaz da Silva Brasil (1824-1904) & Francisca Gomes de Oliveira (da Silva Brasil) (1840-1890), aquele (PLINIO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA), filho do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA F° (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Cel. João Antonio da

Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].

- **Cap. Ignacio de Souza Jacques** (1828-1868) [fiscal da 1ª Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1858 a 1861), 1º suplente de juiz de paz (1864), servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército, alferes-secretário do Estado Maior do 7º Corpo Provisório de Cavalaria, sob o comando do Cel. João Niederauer Sobrinho (entre 1864 e 1868, aproximadamente), participante das campanhas platinas, inclusive da Guerra do Paraguai, estabelecido em Santa Maria - RS (desde antes de 1850); casado com uma neta do guarda-mor [a neta do guarda-mor RITA CANDIDA (LIMA PENNA) CEZIMBRA (JACQUES) (n.1830/b.1831-1858) se casara com o Cap. Ignacio de Souza Jacques (1828-1868), esta, filha do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- **Cel. João José (Juca) Pinto** (1839-1928): importante estancieiro (pecuarista) no Rincão de Santa Catarina, hoje entre os distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, tendo ali herdado e comprado terra (inclusive de parentes), antes provavelmente administrador da estância dos pais, chefe político, juiz de paz e vereador em Santa Maria - RS (de 1873 a 1876), subscritor colaborador (doador) para a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria, 1878), juiz de paz do 1º Distrito (de 1887 a 1889), possivelmente secretário nas eleições na Comarca de Caçapava (1872), São Gabriel (1873) e Santa Maria (1878), inventariante no inventário (pela morte da mãe) autuado em Santa Maria - RS (1864), possuidor de escravos (inclusive por volta de 1884), com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1869 e 1875, aproximadamente), o provável (quase) Barão do *Arenal*, processo cancelado devido à Proclamação da República (1889), dono de importantes terrenos e casas no centro da Cidade de Santa Maria - RS, dos quais, um, vendido (1921) para construir o extinto Banco Pelotense, hoje BANRISUL (1923), a mais alta transação imobiliária até então em Santa Maria - RS; sogro de um bisneto do guarda-mor [sua filha (das segundas núpcias dele), Amazilia Pinto (de Moraes) (n.1879/b.1882-?) se casara com o bisneto do guarda-mor, JOSÉ (*PENINHA*) PENNA DE MORAES (1871-1932)].
- **Maj. Gaspar Pereira da Silva** (f. depois de 1874): vereador integrante da 2ª Câmara Municipal de Santa Maria - RS (de 1861 e 1864); tendo uma filha casada com um neto do guarda-mor [o neto do guarda-mor Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) se casara com Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), esta, filha do Maj. Gaspar Pereira da Silva (f. depois de 1874) & Candida Pavão de Azambuja (Pereira da Silva) (?-1874), das primeiras núpcias dele, aquele (JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº), filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- **Francisco José das Chagas** (n.1863 ?/b.1864 ?-1898): vereador em Santa Maria - RS (de 1877 a 1889, com interrupções), presidente da Câmara Municipal de Vereadores (de 1877 a 1880), em cuja gestão fora instalada a iluminação pública na cidade (1881), curador geral de órfãos (interino) em inventários autuados em Santa Maria - RS, Santo

Ângelo - RS e Cruz Alta - RS, em torno de 1886/87), subscritor colaborador para com a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria, 1878), juiz de paz do antigo 3º distrito, hoje São Pedro do Sul - RS (a partir de 1883), possivelmente comerciante (até 1890); sogro de um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor Cel. ACHYLLES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA (n.1872/b.1875-?) se casara com Honorina Chagas (Cezimbra) (1878 ?-1970 ?), esta, filha de Francisco José das Chagas (n.1863 ?/b.1864 ?-1898) & Maria Manoela (das Chagas) (f. depois de 1899), aquele (ACHYLLES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA), filho do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].

- Alm. **Demetrio Bogado de Oliveira** (1883/85 ?-?): servidor público (federal), militar (oficial/comandante) da Marinha, aluno do Colégio Militar (em torno de 1900), provavelmente tendo servido no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, comandante da Flotilha do Amazonas (1935), na época em Belém-PA (hoje em Manaus-AM), almirante em 1952, casado com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor SCYLLA/SEYLLA/SYLIA CEZIMBRA (DE OLIVEIRA) (n.1882/b.1887-?) se casara com o Alm. Demetrio Bogado de Oliveira (1883/85 ?-?), esta, filha do Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- Ten. Cel. **JOÃO CEZIMBRA JACQUES** (1849-1922) [servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército (Cavalaria), alistando-se em 1867, integrante (um dos primeiros voluntários) do 2º Corpo de Cavalaria (2º Regimento de Cavalaria) durante a Guerra do Paraguai (de 1867 a 1870), tendo participado inclusive do cerco de Uruguaiana, tendo feito a Escola Militar (após a Guerra, em torno de 1882), servindo em Bagé (1882), São Borja - RS (1884), Santana do Livramento - RS (de 1891 a 1895), 2º cadete do 4º Regimento de Cavalaria (1891), comandante do 3º Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria, instrutor da Escola Militar do Estado em Porto Alegre - RS e Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo - RS (de 1895 a 1901) e do Curso d'Armas da Escola Militar do RGS, em Porto Alegre (reformando-se em 1901), devido seus estudos, dedicação e culto ao RGS, considerado iniciador/precursor do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho (posteriormente seu patrono), fundando, após tentativa frustrada em Santa Maria - RS (1893), o *Grêmio Gaúcho* em Porto Alegre - RS (1898), marcando assim o início do movimento tradicionalista, daí espalhando-se pelo estado, posteriormente a outras regiões, inclusive exterior, um dos fundadores do antigo Partido Republicano Castilhistas (1880), escritor de cunho positivista (o 1º livro de 1883, de um total de 16 livros nas áreas de etnografia, antropologia, política e linguística), provavelmente o 1º escritor santamariense: o 1º santamariense a publicar livro (1883), patrono da Academia Rio-Grandense de Letras (cadeira nº 19), sociólogo, indianista (com domínio da Língua Guarani e conhecimentos de Caingangue), professor, conhecedor das danças gaúchas (coreografia, música e letra), músico (*violista*), ginete e domador, um dos fundadores do antigo Partido Republicano Castilhistas Rio-Grandense, um dos fundadores da 1ª Academia Riograndense de Letras (sendo o patrono da cadeira nº 19), Porto Alegre - RS, o

primeiro a registrar (em livro) a lenda/conto santamariense de *Imembuí e Morotin*, um dos patronos da Academia Santa-Mariense de Letras, filho de Cap. Ignacio de Souza Jacques (1828-1868) & RITA CANDIDA (LIMA PENNA) CEZIMBRA (JACQUES) (n.1830/b.1831-1858), esta, filha do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor; sendo portanto aquele (JOÃO CEZIMBRA JACQUES), bisneto do guarda-mor].

- Cel. **Augusto José de Seixas** (1859/60-1948) [servidor público (*federal*), inspetor do Telégrafo Nacional, engenheiro-chefe de distrito, membro da Comissão de Segurança Pública – 2ª Comissão Intendencial pós Proclamação da República (de 1889 a 1891), um dos fundadores (presidente) da Sociedade de Caçadores de Santa Maria (1899) e do Club *Republicano* Santamariense, conselheiro intendencial/municipal de Santa Maria - RS (entre 1890 e 1904), membro da Maçonaria em Santa Maria - RS, intendente municipal de São Gabriel - RS, provavelmente tendo trabalhado no Mato Grosso (a convite do Mal. Rondon), em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1884) e em São Gabriel - RS, provavelmente homenageado (patrono) de turma de formandos da Escola Superior de Medicina Veterinária *São Bento* de Olinda-PE (1923), um dos fundadores do Asilo Mendicidade *Pe. Caetano* (1925); casado (nas primeiras núpcias dele) com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor HONORINA AMBROSINA CEZIMBRA JACQUES (DE SEIXAS) (n.1854/b.1855-1894), nas primeiras núpcias dele, se casara com o Cel. Augusto José de Seixas (1859/60-1948), esta, irmã do Ten. Cel. JOÃO CEZIMBRA JACQUES (1849-1922), portanto filha de Cap. Ignacio de Souza Jacques (1828-1868) & RITA CANDIDA (LIMA PENNA) CEZIMBRA (JACQUES) (n.1830/b.1831-1858), esta, filha do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor].
- **NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1863/b.1864-1921): secretário da 3ª e 4ª Câmara Municipal de Vereadores do antigo Município de São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS (de 1884 a 1889), juiz comissário de São Martinho (1887 e 1888), colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação/construção (de 1898 a 1904), filho de Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra), este, filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-1873), esta, filha do guarda-mor; portanto aquele (Napoleão Pereira da Silva Cezimbra) bisneto do guarda-mor.
- Cel. **ATALIBA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1870/b.1873-1937): chefe/subdelegado de polícia e juiz distrital no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, emancipado de Santa Maria - RS), estancieiro (pecuarista) na antiga Localidade de Cezimbra (atualmente compreendendo Campo da Pedra, Capão Grande e adjacências): hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em torno de 1910 e 1920/22), dono da Faz. *Santo Hildebrando*, integrante do antigo Partido Republicano Castilhistas (por volta de 1934), filho de Cap. JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra), este, filho do Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (1808-

1873), esta, filha do guarda-mor; aquele (ATALIBA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA) bisneto do guarda-mor, irmão do anterior.

- **Ten. Gabriel dos Santos Moraes** (n.1842/b.1844-1909) [servidor público em Santa Maria - RS, militar (oficial) do Exército e da Guarda Nacional, veterano (herói) da Guerra do Paraguai, forriell do 2º Esquadrão do 7º CPC – *Corpo Provisório de Cavalaria* de Santa Maria, sob o comando do Cel. João Niederauer Sobrinho (de 1864 a 1868), chefe/delegado de polícia (de 1880 a 1884), 2º coletor da Coletoria Federal (até 1909) e 4º coletor da Exatoria Estadual em Santa Maria - RS (de 1890 a 1905), um dos fundadores da 1ª loja maçônica (*Boca do Monte*) em Santa Maria - RS (1874), vereador na 6ª Legislatura/Câmara Municipal de Santa Maria (de 1877 a 1880), delegado de polícia e comandante da seção policial de Santa Maria - RS (em torno de 1882), coletor das rendas provinciais (em torno de 1887), considerado o 2º coletor federal em Santa Maria - RS, subscritor colaborador para com a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria, 1878); casado com uma neta do guarda-mor [a neta do guarda-mor FRANCISCA PENNA (SANTOS MORAES) (1848-1908) se casara com o Ten. Gabriel dos Santos Moraes (n.1842/b.1844-1909), esta, filha de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor..
- **Cel. JOSÉ (*PENINHA*) PENNA DE MORAES** (1871-1932): bacharel em Farmácia pela Escola de Farmácia de Ouro Preto - MG, posteriormente Universidade Federal de Ouro Preto (1894), político (castilhista), membro do antigo Partido Republicano Castilhista, possivelmente líder contrário ao ato de intimação com o intuito da retirada do Pe. Carlos Becker de Santa Maria (em torno de 1888/98), militar (oficial) da Guarda Nacional, rábula (advogado prático, permitido e legitimado na época), provavelmente o 1º santamariense a advogar, advogado e promotor público em Santa Maria - RS (1896, 1897 e de 1906 a 1998), orador, intelectual e jornalista (polemista) de sólida erudição, colaborador e redator do Jornal *O Estado* (por volta de 1898), inspetor escolar responsável pela 4ª Região Escolar de Santa Maria (1897 e 1898), inspetor regional da 4ª Região Escolar em Santa Maria - RS (entre 1897 e 1905, aproximadamente), conselheiro municipal de Santa Maria - RS (de 1899 a 1905), um dos fundadores do *Grêmio Gaúcho* (1900/01), este, provavelmente um dos germens do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Maria, diretor (1900) e redator chefe do Jornal *O Gaúcho* (órgão do Grêmio *Gaúcho Santamariense*), Jornal *O Estado* (de 1902 a 1905) e 1º diretor do Jornal *A Tribuna* (fundado para combater o Jornal *O Estado*, redator: João Belém) (1898/1907), integrante da Comissão Executiva do Partido Republicano Castilhista (em torno de 1904), fiscal federal do Ginásio *Santa Maria*, hoje Colégio Marista *Santa Maria* (1908), deputado estadual na 5ª Legislatura (suplente, de 1905 a 1908) e na 6ª Legislatura (2º secretário, de 1909 a 1912), tendo realizado na Assembléia Legislativa um discurso ecológico-ambientalista a respeito de reflorestamento, pioneiro no Brasil (1911), administrador (diretor interino) dos Correios e Telégrafos do Rio Grande do Sul (por volta de 1912), vice-intendente (1911) e Intendente Municipal de Caxias do Sul - RS (de 1912 a 1924, com interrupções), em cuja gestão, criada a Biblioteca Pública de Caxias do Sul (1917), tendo ligação com Farroupilha-RS, posteriormente dono de cartório e distribuidor de foro em Porto Alegre - RS (a partir de 1924), um dos fundadores (doador/benfeitor e membro da 1ª diretoria: secretaria e comissão de contas) da *Sociedade de Caridade Santamariense* (1898), transformada em Associação Protetora do Hospital de Caridade

Dr. Astrogildo de Azevedo, colaborador na construção do Hospital de Caridade, posteriormente *Dr. Astrogildo de Azevedo* (entre 1898 e 1904), colaborador legionário da Paróquia *N^a Sr^a das Dores*, Santa Maria - RS, um dos patronos (cadeira 15) da Academia Caxiense de Letras, presidente honorário da Cooperativa Agrícola e Setor Vinícola de Caxias do Sul - RS (por volta de 1921), sócio da Companhia Santamariense de Luz Elétrica e do Clube Caixeiral Santamariense, filho do Ten. Gabriel dos Santos Moraes (n.1842/b.1844-1909) & FRANCISCA PENNA (SANTOS MORAES) (1848-1908), esta, filha de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor; portanto aquele (JOSÉ PENNA DE MORAES), bisneto do guarda-mor.

- Maj. **TANCREDO PENNA DE MORAES** (n.1876/b.1880-1946/48): militar (oficial) da Guarda Nacional, servidor público (federal) em Santa Maria - RS e possivelmente em São Pedro do Sul - RS, coletor de impostos: coletor das Rendas Federais (ao redor de 1914), o 3^o coletor federal em Santa Maria - RS (de 1909 a 1936), membro da Comissão Municipal (de 1926 a 1928), 1^o secretário (de 1932 a 1934 e de 1939 a 1945), colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação/construção (de 1898 a 1904), um dos sócios da Associação Protetora do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (de 1903 a 1928), legionário, 1^o secretário (de 1932 a 1945), benfeitor/legionário (por volta de 1948) e membro da Comissão de Assuntos Econômicos e Financeiros (1947) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, membro do antigo Partido Republicano, fazendeiro (pecuarista listado em torno de 1910 e 1920/22) no Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, proprietário da Faz. da *Palma*, filho do Ten. Gabriel dos Santos Moraes (n.1842/b.1844-1909) & FRANCISCA PENNA (SANTOS MORAES) (1848-1908), esta, filha de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. entre 1892 e 1898), este, filho do guarda-mor; portanto aquele (TANCREDO PENNA DE MORAES), bisneto do guarda-mor.
- Cel. Dr. **CELSO PENNA DE MORAES** (n.1879/b.1883-1944) [bacharel em Direito pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, advogado em Santa Maria - RS, inicialmente comerciante e posteriormente empresário (comerciante capitalista), fazendeiro (pecuarista) no antigo Município de Santo Ângelo - RS, cidadão de prestígio, político pelo antigo Partido Republicano Castilhistas de Santa Maria - RS, um dos fundadores (membro da diretoria) da Sociedade *Artística Beneficente* Santamariense (1896), um dos sócios da Associação Protetora do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (de 1903 a 1928), conselheiro municipal (de 1920 a 1924), 13^o Intendente Municipal de Santa Maria (de 1926 a 1928), em cuja gestão administrativa, ocorrida a implantação do saneamento básico na cidade de Santa Maria - RS e a emancipação de São Pedro do Sul - RS, um dos fundadores do Centro Hípico Santamariense (conselheiro fiscal, 1927), colaborador e redator do Jornal *O Estado* (até 1898), colaborador legionário da Paróquia *N^a Sr^a das Dores*, Santa Maria - RS, filho do Ten. Gabriel dos Santos Moraes (n.1842/b.1844-1909) & FRANCISCA PENNA (SANTOS MORAES) (1848-1908), esta, filha de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. entre 1892 e 1898), este,

filho do guarda-mor; portanto aquele (CELSO PENNA DE MORAES), bisneto do guarda-mor, irmão dos dois anteriores.

- **JOSÉ PEDRO (JUQUINHA) FERNANDES PENNA / JOSÉ (JUQUINHA) FERNANDES PENNA (F°)** (1850-1926): estancieiro (pecuarista listado em torno de 1910 e 1922), estabelecendo-se nas proximidades da posterior Colônia *Pena* (ali, herança da esposa), figura de destaque no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol (listado entre 1896 e 1901), tendo herdado parte da antiga Faz. da *Palma*: hoje Distrito da Palma : Município de Santa Maria - RS; neto do guarda-mor que se casara com a prima, também neta do guarda-mor [o neto do guarda-mor JOSÉ PEDRO (JUQUINHA) FERNANDES PENNA / JOSÉ (JUQUINHA) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) se casara com a prima MARIA CANDIDA (PRIMA/SINHÁ) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, aquele (JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°), este, filho de JOSÉ (IL SIGNORE BARON / JUCA) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor] {O casal deixa a maior descendência de todos os netos do guarda-mor}.
- **MANOEL FERNANDES PENNA (NETO)** (1847-1902): fazendeiro (pecuarista) no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, na divisa com o hoje Município de Restinga Seca - RS, entre o Rio Vacacaí-Mirim e os morros da encosta, avaliador dos bens em inventários autuados em Santa Maria e Cachoeira (por volta de 1892); neto do guarda-mor [o neto do guarda-mor MANOEL FERNANDES PENNA (NETO) (1847-1902) se casa com a parente Ambrozina Celestina Alves (Penna) (1855-1905), esta, depois de viúva, deixa testamento (feito em 1904) e aberto em Santa Maria - RS (1905), deixando terra inclusive para os filhos da ex-escrava Balbina, estes, descendentes de escravos da Família *Penna*, originando posteriormente a Comunidade Quilombola *Arnesto Pena Carneiro* no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, este, irmão de JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) c.c. MANOELA CANDIDA (PRIMA/SINHÁ) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), estes, filhos de JOSÉ (IL SIGNORE BARON / JUCA) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor].
- **Manoel Ignacio (Maneco) Xavier** (1849 ?-1944 ?) [o *velho* pai, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (relacionado em 1896, 1901 e 1922), fazendeiro (pecuarista), dono da Faz. *Tronqueiras*, Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (listado por volta de 1910 e 1920), primeiramente viúvo de Maria do Carmo Braga (Xavier) (1853-1880), e, das segundas núpcias dele, viúvo de Constança Braga (Xavier) (1844 ?-?), estes, por sua vez, nas terceiras núpcias dele, casara-se com MARIA MANOELA (VIDA) PENNA (XAVIER) (n.1879/b.1880- f. depois de 1926 ?), esta, irmã de 3 cunhadas, estes (Manoel Ignacio Xavier & MARIA MANOELA PENNA XAVIER), pais de 3 filhos que se casam com 3 bisnetas do guarda-mor, irmãs da 3ª esposa dele e portanto noras e cunhadas dele, a saber: o Cel José Ignacio Xavier (1883-1963) c.c. LUCILIA PENNA (XAVIER) (1885-1968), Argemiro Ignacio Xavier (1887-1967) c.c. JENNY PENNA (XAVIER) (n.1890/b.1891-1974) e Arlindo Ignacio Xavier (1893-1967) c.c.

ORPHILA/ORFILA (*FIFICA*) PENNA (XAVIER) (n.1898/b.1899-1986), eles, fazendeiros (pecuaristas) em torno da Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, elas, irmãs da 3ª esposa dele: Maria Manoela (*Vida*) Penna (Xavier), portanto noras e cunhadas dele [elas, bisnetas do guarda-mor, filhas de JOSÉ PEDRO (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA / JOSÉ (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) & a prima MARIA CANDIDA (*PRIMA/SINHÁ*) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, aquele (JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°), este, filho de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. entre 1892 e 1898), este, filho do guarda-mor].

- **Cel. Pedro (*Pedrinho*) Celestino Alves** (1881-1932) [fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Picada do Arenal (antigo Rincão dos *Maurício*), antiga Estrada do *Arenal*, no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, dono da Faz. *Timbaúva*, subintendente do Distrito de Arroio do Só/Sol (1913 e 1914), subdelegado de polícia (ou equivalente), ativo membro do antigo Partido Republicano Castilhistas em Santa Maria; casado com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor OPHELIA/OFÉLIA PENNA (ALVES) (n.1882/b.1883-1923) se casa com o parente Cel. Pedro (*Pedrinho*) Celestino Alves (1881-1932), esta, filha de JOSÉ PEDRO (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA / JOSÉ (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) & a prima MARIA CANDIDA (*PRIMA/SINHÁ*) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, aquele (JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°), filho de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor].
- **Pedro Victorino de Barcellos** (1840-1916): fazendeiro (agropecuário) próximo à Estação Férrea de Arroio do Só/Sol (mencionado em 1885 e 1889) e comerciante (listado por volta de 1894), juiz distrital de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, figura de destaque em Arroio do Só/Sol (principalmente entre 1896 e 1901), relacionado inclusive com a fundação de Restinga Seca - RS (final do séc. XIX), um dos primeiros colaboradores da Igreja Metodista no Município de Santa Maria (oficialmente a partir de 1907, porém de modo gradual desde 1903, aproximadamente), sendo a origem do *Metodismo* na Família *Barcellos*; sogro de dois bisnetos do guarda-mor e tendo dois sobrinhos casados com duas bisnetas do guarda-mor, irmãs dos dois primeiros [dois bisnetos do guarda-mor se casaram com duas irmãs: CANDIDO (*CANDINHO/FERNANDO*) FERNANDES TEIXEIRA PENNA (n.1876/b.1877-1905) se casara com Zulmira (*Maninha/Sr.ª Respeito*) Barcellos (Penna) (1879-1964) e OROZIMBO FERNANDES TEIXEIRA PENNA (1886-1961 ?) se casara com Ambrozina (*Mimosa*) Barcellos (Penna) (n.1889/b.1890-1969 ?), estas, filhas de Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916) & Francisca Justina da Rocha (Barcellos) (1840 ?-1892), das primeiras núpcias dele, e duas bisnetas do guarda-mor se casaram com dois irmãos, primos das duas primeiras: CANDIDA (*CANDINHA*) PENNA (PINHEIRO) (1887/88-1971) se casara com Juvenil (*Venóca*) Barcellos Pinheiro (1883-1943) e MARIA CANDIDA PENNA (PINHEIRO)

(n.1893/b.1894-1972) se casara com Honobio Barcellos Pinheiro (1891 ?-1937 ?), estes dois, filhos do Prof. Manoel Joaquim Pinheiro & Maria Luiza Barcellos (Pinheiro), este, servidor público, professor/regente de uma das primeiras escolas públicas do Município de Santa Maria - RS, Localidade de Tronqueiras: Município de Santa Maria - RS (de 1877 a 1880), esta, irmã de Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916), aqueles/as (os dois irmãos e as duas irmãs Penna), filhos de JOSÉ PEDRO (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA / JOSÉ (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) & a prima MARIA CANDIDA (*PRIMA/SINHÁ*) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, aquele (JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°), este, filho de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor].

- **Anselmo (de Araújo) Moreira** (1891-1967): subdelegado de polícia, subintendente do Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (até 1928), fazendeiro (pecuarista) próximo às localidades de São Geraldo e Picada do Arenal (Faz. do *Arenal*), antes pertencente ao antigo 5° Distrito: Arroio do Só/Sol (provavelmente hoje Distrito de Pains: Município de Santa Maria - RS), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas em Santa Maria; casado com uma bisneta do guarda-mor e tendo um irmão que se casara com uma irmã da esposa [a bisneta do guarda-mor ARTHENIZA PENNA (MOREIRA) (n.1895/b.1898-1929/30), nas primeiras núpcias dele, casara-se com Anselmo (de Araújo) Moreira (1891-1967), este, irmão de Lucio (de Araújo) Moreira (1896-1926) c.c. ZELINA PENNA (MOREIRA) (1896-1920), elas, filhas de JOSÉ PEDRO (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA / JOSÉ (*JUQUINHA*) FERNANDES PENNA (F°) (1850-1926) & a prima MARIA CANDIDA (*PRIMA/SINHÁ*) (PENNA) TEIXEIRA (PENNA) (1854-1932), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, aquele (JOSÉ PEDRO FERNANDES PENNA / JOSÉ FERNANDES PENNA (F°), este, filho de JOSÉ (*IL SIGNORE BARON / JUCA*) FERNANDES PENNA (n.1817/b.1818-1891) & Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), este, filho do guarda-mor].
- **Cap. Adolpho Guerra Pinto Hausen** (1879-1972): delegado de polícia em Santa Maria - RS (em torno de 1926) e subintendente do antigo 7° distrito (Boca do Monte), possivelmente membro do antigo Partido Republicano Castilhistas; casado com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor GEMINA TEIXEIRA (HAUSEN) (n.1883/b.1885-1974) se casara com o aparentado Cap. Adolpho Guerra Pinto Hausen (1879-1972), esta, filha de JOSÉ CANDIDO TEIXEIRA (n.1850/b.1851-?) & Maria José Pinto de Souza (Teixeira) (n.1857/b.1858-?), este, filho de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor].
- **ERNANI TEIXEIRA CHAGAS** (n.1888/98/b.1900-1921): escritor (cronista e poeta, com um dos pseudônimos *Ricardo Severo*), cartunista, músico (piano e gaita/ acordeon) e artista plástico (pintor aquarelista) em Porto Alegre - RS e possivelmente no Rio de Janeiro - RS, provavelmente bacharel em Direito, possivelmente advogado em Santa Maria - RS,

presidente do Clube *Tamandaré*, colaborador (poemas e crônicas) do Jornal *O X*, provavelmente frequentador do Club *Forasteiros*, possivelmente membro da diretoria (2º tesoureiro) da SUCV – Sociedade União dos Caixeiros Viajantes de Santa Maria - RS, com muitas homenagens *pos-mortem*, inclusive tendo sido editado pelos irmãos um livro póstumo (1935); sendo bisneto do guarda-mor, solteiro, filho de Bento Gonçalves das Chagas (1850-1925) & FRANCISCA (*CHIQUINHA*) TEIXEIRA (CHAGAS) (n.1864/b.1865-1913), esta, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA CEZAR) (PENNA) (n.1822/b.1823-1898), esta, filha do guarda-mor, portanto aquele (ERNANI TEIXEIRA CHAGAS), bisneto do guarda-mor.

- Cap. **EUFRIDES MEDEIROS BELTRÃO** (1904-1961): comerciante no Município de Santiago-RS, participante (com destaque de bravura) na marcha da *Coluna Prestes*, comandante da retaguarda na retirada para a Bolívia, um dos fundadores do Aeroclube de Santiago-RS (1940), piloto (1ª turma de piloto de Santiago-RS); bisneto do guarda-mor [o neto do guarda-mor EUFRIDES MEDEIROS BELTRÃO se casara com Juracy de Souza (Beltrão) (1915-2006), este, filho de FRANCISCO MARTINS BELTRÃO (1855-1914) & Balbina de Oliveira Medeiros (Beltrão) (n.1862/b.1963- f. depois de 1914 ?), este, filho de José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881) & FLORINDA FRANCISCA (*CHIQUINOTA*) (LIMA) PENNA (BELTRÃO) (b.1814- f. antes de 1881 ?), esta, filha do guarda-mor].

NOBRES RELACIONADOS

- **Barão de Ibicuí / Guarda-Mor Francisco (Manoel) (*Chico da Paula*) de Paula e Silva** (1796-1879): vereador na Câmara Municipal de Cruz Alta (por volta de 1841), um dos representantes do então 9º distrito (São Martinho) e membro da comissão para auxiliar os guardas nacionais atuados na Guerra do Paraguai (por volta de 1869), sesmeiro (outorga em 1821) e grande estancieiro (pecuarista) nos municípios de Júlio de Castilhos - RS (antes pertencente ao antigo Município de São Martinho), Cruz Alta - RS, Santo Ângelo - RS e São Miguel das Missões (inclusive no atual Município de Santo Augusto - RS e Catuípe-RS), estes, pais também do Gal. Firmino de Paula e Silva (1844-1930) c.c. Maria Margarida Coelho das Neves (1854-?); tendo uma filha casada com um neto do guarda-mor e um neto do Barão casado com uma neta do guarda-mor [o neto do guarda-mor Cap. JOSÉ ANTONIO FERNANDES CEZIMBRA (1835-1894) se casara com Clara Julia de Paula e Silva (Cezimbra) (1835 ?-?), esta, filha do Cap. Mor / Guarda-Mor Francisco (*Chico da Paula*) de Paula e Silva / Barão de Ibicuí (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886), e a bisneta do guarda-mor PAULINA CEZIMBRA (ANNES DA SILVA) (1858-?) se casara com o primo Alferes Francisco Annes da Silva / Francisco de Paula e Silva Annes / Francisco da Silva Annes (1859-?), este, filho do Cel. Manoel Lucas Annes (n.1821/b.1822-1889) & Maria Ubaldina de Paula e Silva / Maria da Silva (Annes) (1833-1879), esta, filha do Cap.Mor/Guarda-mor Francisco de Paula e Silva / Barão de Ibicuí (1796-1879) & Felicidade Perpétua de Avelar Magalhães (1809-1886)].

- **Barão de Candiota / Luís Gonçalves das Chagas** (1815-1894): estancieiro (pecuarista) e militar, veterano na Guerra dos Farrapos e do Paraguai, tendo herdado as estâncias de *Espinilho*, *Santa Cruz* e *Bela Vista*, no Município de São Gabriel - RS, *São Lucas* no Município de São Vicente do Sul e *Pesqueiro*, *Monte Alegre* e *Flor do Conde* no Município de Guaíba-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre); tendo dois filhos casados com duas irmãs, netas do guarda-mor, e uma trineta do Barão casada com um bisneto do guarda-mor [a neta do guarda-mor MANOELA (*MANOELITA*) TEIXEIRA CEZAR (CHAGAS) (n.1861/b.1862-1931) se casara com Henrique Gonçalves Chagas (1852/53 ?-1907) e a irmã, outra neta do guarda-mor, FRANCISCA (*CHIQUINHA*) TEIXEIRA (CHAGAS) (n.1864/b.1865-1913) se casara com Bento Gonçalves das Chagas (1850-1925), este, filho de Luís Gonçalves das Chagas / Barão de Candiota (1815-1894) & Ana Isabel de Avila (Chagas) (?-1887/97) e o neto do guarda-mor OSCAR HENRIQUE TEIXEIRA CHAGAS (1885 ?-1989), nas segundas núpcias dele, casara-se com a parente Elena Prates de Carvalho (Chagas) (1917 ?-2007 ?), filha de Francisco Chagas de Carvalho (1898/99-1972) & Marieta Bicca Prates (Carvalho) (?-1982), este, filho de Pamphilio de Carvalho (1871-1915) & Maria do Carmo Victorino Chagas (Carvalho), esta, filha de Januário Gonçalves Chagas (1854-?) & Maria Luiza (*Maruquinha*) Victorino dos Santos, este, filho de Luiz Gonçalves das Chagas / Barão de Candiota (1815-1894) & Anna Isabel de Ávila (?-1887/97)].
- **Barão do Batovi / Mal. Manoel de Almeida Gama Lobo Coelho D'Eça** (1828-1894): estancieiro (pecuarista) participante da Guerra do Paraguai, presidente da Província do Mato Grosso (1883 e 1884), comendador da *Imperial Ordem da Rosa* e da *Imperial Ordem de São Bento de Avis*, além de oficial da *Imperial Ordem do Cruzeiro*, agraciado Barão em 1989; tendo uma bisneta casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor OSCAR HENRIQUE TEIXEIRA CHAGAS (1885 ?-1989), das primeiras núpcias dele, viuvava de Amalia Gama Amaro (Chagas) (1895 ?-1945 ?), esta, filha de Hector/Heitor Amaro da Silveira (1887-?) & Elsa Bicca da Gama (b.1887-?), esta, filha do Dr. Alfredo de Almeida Gama Lobo D'Eça (?-1894) & Adelaide Ferreira Bicca (1865 ?-?), este, filho do Mal. Manoel de Almeida Gama Lobo Coelho D'Eça / Barão do Batovi (1828-1894) & Ana Luiza Pereira (da Gama) (?-1901)].
- **Barão e Visconde do Serro Formoso / Cel. Francisco Pereira de Macedo** (1806-1888): estancieiro (pecuarista), organizador de uma banda de escravos (contratando Tomás do Patrocínio, irmão de José do Patrocínio, para instruir os músicos), tendo aforriado 50 escravos para que fizessem parte do Exército (1884), agraciado Barão em 1872 e Visconde em 1885, estancieiro nos municípios de São Gabriel - RS, Lavras do Sul - RS e Caçapava do Sul - RS, dono da Estância de *São Francisco das Chagas* (posteriormente do *Serro Formoso*), sendo esta propriedade visitada pelo Imperador Dom Pedro II (1865), tendo um bisneto casado com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor ANNA CANDIDA (*NÊNA*) CHAGAS (MACEDO) (1900-?) se casara com Homero Vieira (de) Macedo (1893-?), este, possivelmente filho de José Vieira de Macedo, este, filho de Manoel de Macedo Neto, filho do Cel. Francisco Pereira de Macedo / Barão e Visconde do Serro Formoso (1806-1888) & Joaquina Francisca de Sampaio].

- **Barão de Cerro Largo / Brig. Mal. José de Abreu Menna Barreto (*Anjo da Vitória*)** (1771-1827): militar (oficial) do Exército, tendo sentado praça na Companhia de Infantaria e Artilharia (1784), servido (cabo porta-estandarte) no Regimento de Infantaria (1798), alferes em 1802, tenente na 8ª Companhia (1808), capitão na 7ª Companhia (1811), tenente coronel de milícias nas Missões (1814), tendo combatido os castelhanos (de 1801 a 1827), na Guerra da Cisplatina (Uruguai), libertando São Borja - RS (1814), agraciado com o título de Barão (1825), com sesmarias em Alegrete-RS e no Uruguai, fundador da Capela Nª Srª Aparecida, dando origem à Alegrete-RS, possivelmente tendo doado terra para a fundação da Cidade de Alegrete-RS, herói na Batalha de Catalã, derrotando Artigas (1817), coronel da Cavalaria de Linha (1817), comandante do Regimento de Voluntários Reaes de Entre Rios (1817), brigadeiro em 1819, tendo participado nos combates em Itacorubi e Ibirapuitã-Chico, comandante da Cavalaria em Taquarembó (Uruguai), derrotando Artigas, Comendador da Real Ordem de São Bento de Aviz (1819), marechal de campo graduado (1820), governador de armas do Rio Grande do Sul (após a Independência do Brasil, em 1822), Fidalgo Cavaleiro da Casa de S. M. R. (1820), agraciado com o Hábito de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, barão em 1825, patrono do 6º Regimento de Cavalaria Blindado de Alegrete, dono de sesmarias na Costa do Taim-Passo, em Inhanduí, em Boa Vista e em Ibirapuitã: Município de Alegrete-RS, dono de terras também em Salvo e Cambaí, em Arroio dos Ratos, defronte ao Cerro de São Roque, Morro de Sant'ana, em Viamão-RS e no Mato Grosso, bem como dono de charqueada em Novo Triunfo-RS; tendo uma quadraneta casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor OSCAR HENRIQUE TEIXEIRA CHAGAS (1885 ?-1989) se casara com a parente Elena Prates de Carvalho (Chagas) (1917 ?-2007 ?), esta, filha de Francisco Chagas de Carvalho & Marieta Bicca Prates (Carvalho) (?-1982), esta, filha de Artur Abreu Prates & Inez Bicca, este, filho de Firmino de Carvalho Prates & Rea Silvia de Abreu (Prates), esta, filha o Cel. Claudio José de Abreu (1800-1870) & Beatriz Joaquina de Oliveira, das segundas núpcias dele, este, filho do Brigadeiro Mal. José de Abreu Mena Barreto / Barão de Cerro Largo (*Anjo da Vitória*) (1771-1827) & Maria Feliciano da Silva (?-1837)].
- **1º Barão e Visconde de São Gabriel / Mal. João de Deus Menna Barreto** (1769-1849): o 1º Barão e Visconde de São Gabriel (1836 e 1841, respectivamente), um dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS, militar (oficial) do Exército e político, tendo participado na Guerra Cisplatina e comandante nas campanhas de 1801, 1811, 1816 e 1817 e na Revolução Farroupilha (1836), do lado dos legalistas, presidente da Província do Rio Grande do Sul (1822 e 1823) e integrante (vice-presidente) da junta governativa (de 1822 a 1824), conselheiro do Império: representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (1828), dignatário da Imperial Ordem do *Cruzeiro* e comendador da Imperial Ordem de *Avis*, condecorado com as medalhas da Campanha Cisplatina, patriarca/genearca da Família *Menna Barreto*, primo de José de Abreu Menna Barreto (1771-1827), o Barão de Cerro Largo, sesmeiro (outorga em 1813), entre os municípios de Bagé-RS e Caçapava do Sul - RS (1793); tendo um trineto casado com uma bisneta do guarda-mor [a bisneta do guarda-mor ANNA PENNA DE MORAES (MENNA BARRETO) (1887-1904 ?), nas primeiras núpcias dele, casara-se com Felisberto Menna Barreto (1876-1924), este,

filho de Felisberto Fagundes Menna Barreto (1852-1913) & Maria Amalia Pinto Villanova (Menna Barreto), este, filho do Cel. Antonio Victor de Sampaio Menna Barreto (1824/25-1876/91) & Maria Januaria Ribeiro Fagundes, este, militar (oficial) do Exército e político, coronel comandante da Guarda Nacional (durante a Guerra do Paraguai), fundador de Estrela-RS (1870, emancipado em 1882), vereador em Taquari-RS (de 1873 a 1877), mudando-se posteriormente para Porto Alegre - RS, filho do Cel. José Luis Menna Barreto (1796-1825) & Ana Emilia de Sampaio, possivelmente das segundas núpcias dele, primeiras núpcias dela, ele, militar (oficial) do Exército, Fidalgo Cavalheiro da Casa de S. M. Fedelíssima (1819), moço da Real Câmara (1821), participante da Guerra da Cisplatina, sesmeiro (outorga em 1816) e estancieiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, irmão do Brig. João Propício Menna Barreto (1792/1808-1867 ?) c.c. Francisca Pinto da Fontoura Palmeiro, este, o 2º Barão de São Gabriel, militar (oficial) do Exército, participante das guerras do sul, representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (de 1847 a 1849), eles (os irmãos), filhos do Mal. João de Deus Menna Barreto / o 1º Barão e Visconde de São Gabriel (1769-1849) & Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Mena].

- **Barão de/von Bassewitz / Prof. Dr. Ernesto Wolfgang von Bassewitz** (1868-?): fidalgo alemão, bacharel em Medicina pela Universidade de Rostock (nordeste da Alemanha), médico cientista em Porto Alegre - RS, diretor da Escola Medico-Cirúrgica e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, membro da Sociedade de Medicina, tendo feito uma viagem à Europa (1928), médico colaborador do Hospital de *Caridade* de Santa Maria (com informações, inclusive fotos e alguns pertences) no mini museu do Hospital); tendo uma filha casada com um bisneto do guarda-mor [o bisneto do guarda-mor Dr. EUCLIDES (*CLIDE*) DE ANDRADE TEIXEIRA CEZAR (1910-1982) se casara com a Drª Maria Pavão von Bassewitz (Cezar) (1914-1978), esta, filha do Prof. Dr. Ernesto Wolfgang von Bassewitz / Barão de/von Bassewitz (1868-?) & a Drª Maria da Gloria Pavão (von Bassewitz) (?-1961)].
- **Barão de Unna / José Antonio Lopes**: dono do engenho de açúcar *Bom Jardim* em Pernambuco, dignitário da Imperial Ordem da Rosa (título referente ao Rio Una); tendo o filho (único) homônimo casado com uma neta do guarda-mor [a neta do guarda-mor CAROLINA OLINDA (*COCOTA*) BELTRÃO (LOPES) (n.1840/41/b.1848-1919) se casara com José Antonio Lopes (Jr.), este, filho de José Antonio Lopes / Barão de Unna & Francisca de Caldas Lins].

Apêndice B – Descendência do Casal Genearca, o Guarda-Mor português, Manoel Fernandes Penna, e sua esposa, Francisca Luiza (Diniz) de Lima (Penna): filhos, netos, bisnetos e cônjuges

CASAL GENEARCA

MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA)

DESCENDÊNCIA (ATÉ OS BISNETOS)

**I ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) &
JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA**

**II MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) &
PORFIRIO DORNELLES (DE SOUZA) E SILVA**

III CONSTANCIA FRANCISCA (LIMA) PENNA

**IV FLORINDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (BELTRÃO) &
JOSÉ MARTINS BELTRÃO (JR./Fº/2º)**

**V JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) &
FRANCISCO RIBEIRO PINTO**

**VI JOSÉ FERNANDES PENNA &
MANOELA CELESTINA (ALVES) DORNELLES (PENNA)**

VII JOÃO FERNANDES PENNA

**VIII CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA) &
MANOEL TEIXEIRA CEZAR**

**IX ANTONIO FERNANDES PENNA &
FRANCISCA LOPES VIEIRA (DE LIMA PENNA)**

**X FRANCISCO FERNANDES PENNA &
MARIA LUIZA DE MENEZES (PENNA)**

**DESCENDÊNCIA DO GUARDA-MOR PORTUGUÊS E SUA ESPOSA
FILHOS, NETOS, BISNETOS E SEUS CÔNJUGES**

CASAL GENEARCA

MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA)

MANOEL FERNANDES PENNA (1776/77-1841) [servidor público estabelecido em Santa Maria - RS (entre 1806 e 1808), guarda-mor (a partir de 1820, aproximadamente): autoridade de Portugal no Brasil Colônia, ligado ao fisco (impostos) e bens materiais (correspondente a chefe de polícia fiscal e aduaneira), vindo provavelmente para Santa Maria - RS entre 1806 e 1808 (relacionado como um dos primeiros e principais moradores e povoadores em 1810, 1812 e 1825), relacionado na 1ª eleição como cidadão *eleitor votante*, representando Santa Maria perante à Câmara Municipal de Cachoeira (1827), estancieiro (agropecuaria), criador de gado bovino, cavalariço e mulatar, proprietário rural no atual Distrito da Palma: Santa Maria - RS, tendo ali recebido uma data de terra (1809) e gradualmente adquirido outras glebas, dono da antiga Faz. das *Palmas* (Boqueirão da Palma) no antigo Distrito de São Xavier, entre as localidades de São Bernardo e Espinilho Grande e o Rio Jaguari: Município de Tupanciretã - RS (antigamente pertencente (divisa) aos antigos municípios de São Borja - RS, Cruz Alta - RS, Júlio de Castanhos - RS e São Martinho da Serra - RS, bem como entre os hoje municípios de Jari-RS, Jóia-RS, Capão do Cipó - RS, Santiago-RS e São Miguel das Missões - RS), possivelmente entre o R. Guaçupe e as nascentes do R. Jaguari, até a foz do Arroio Candeira, possivelmente propriedade de herdeiros de Vilamil, administrada pelo Dr. Nicanor Garmendia, com criação de gado bovino da raça *Hereford (Pampa)*, adquirida pelo Aparício (*Neco*) Corrêa de Barros ao Dr. Paulino Ponsatti, na sede velha, e a Bento (*Bentico*) Gonçalves da Silva c.c. Helena Villamil (Gonçalves), este, homônimo e bisneto do herói farroupilha, no Posto (onde ficou a sede) atualmente de seu filho José Onofre Barros, na sede velha da Palma o genro, Dr. Walter Hugo Biavaschi, este, médico, a parte da Palma pertencente ao Dr. J. Saldanha de Vargas, comprada por Gervásio de Oliveira Mello, este, invernador de bois, posteriormente de sua viúva, possivelmente depois pertencente a Bento Gonçalves da Silva c.c. Helena Villamil (Gonçalves), este, homônimo e bisneto do herói farroupilha, parte depois possivelmente pertencente ao Barão de Nonoai, João Pereira de Almeida (1829/30-1897) c.c. Amelia Martins (de) França, e/ou a Felisbino Beck ou Ernesto Beck (1841-?) c.c. Maria Luiza Haag (Beck), e/ou a Domingos José Pinto, vendida para o Cel. Marcial Gonçalves Terra (1924), podendo ser a Estância da Palma, posteriormente propriedade do Cel. Luiz Gonzaga de Azevedo, conceituado tropeiro para Pelotas, chefe político e Intendente Municipal de Vila Rica (posteriormente Júlio de Castilhos - RS), ou ainda a Estância da Palma, na invernada do Banheiro, o genro Antonio (*Nico*) Pimenta, com a Estância *São Jorge*, este, o genro Saulo Salles de Barros, aquele (Manoel Fernandes Penna), também dono da Faz. do *Vacacaí-Mirim*, posteriormente também chamada Faz. da *Palma*: compreendendo desde o arroio do *Passo da Porteira* (Arroio *Acaricá*) pela linha do Cerro até o *Arroio Grande*), margeando também o R. *Vacacaí-Mirim*, compreendendo o hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, possuidor de diversos escravos (de modo gradual, com a expansão patrimonial, a partir de 1814, aproximadamente), cidadão eleitor de Santa Maria perante à Câmara Municipal de Cachoeira (1827), imigrante português estabelecido no Rio Grande do Sul (antes do seu casamento, em 1806), com fortes vínculos sociais e profissionais com os antigos municípios de Cachoeira do Sul - RS, Santa Maria - RS, São Martinho da Serra - RS e Cruz Alta - RS, nascido e batizado em São Salvador da Ribeira de

Pena (hoje somente Ribeira de Pena), Distrito de Vila Real, Arcebispado/Arquidiocese de Braga, norte de Portugal, chegado em Santa Maria entre 1806 e 1808, falecido em Cachoeira do Sul - RS e sepultado no hoje Cemitério das Irmandades, Cachoeira do Sul - RS, filho de Antonio José Fernandes (de Azevedo) (1747 ?-?) & Maria Alves da Conceição (1750 ?-?), estes, nascidos em São Salvador da Ribeira de Pena (hoje somente Ribeira de Pena), Paróquia de Salvador de Ribeira de Pena, Vila, Município e Concelho de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Arcebispado de Braga, antiga Província e Região de Trás-os-Montes e Alto Douro (norte de Portugal), tendo 2 filhos que migraram para o Brasil, o outro, João Fernandes Penna (1769-1814) c.c. Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (1808 ?), ele, morador de Santa Maria - RS (provavelmente listado em 1810 e 1812), possivelmente com passagem por Porto Alegre - RS, nascido em Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Portugal, possivelmente estabelecendo-se em Santa Maria - RS em 1808 (relacionado como morador em 1912), um dos primeiros povoadores (listado em 1810 e 1812) e figura de destaque no início da povoação de Santa Maria - RS, ela, moradora de Santa Maria - RS (provavelmente listada em 1810 e 1812), nascida e batizada no hoje Distrito de Santo Amaro: Município de General Câmara - RS, filha de Jeronimo Dornelles de Souza & Maria Francisca de Jesus, possivelmente nas primeiras núpcias deste, eles, nascidos em Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS), ele, possivelmente militar, sesmeiro (outorga em 1812) no hoje Município de Restinga Seca - RS, tendo obtido licença para se estabelecer em um *rincão de campo devoluto* na Fazenda (jesuítica) de *Santo Antonio* (1802), provavelmente na região do Rincão dos Melo – Taquarembó – Divisa (confrontações: pelo norte, com o Posto de Itaroquém, pelo sul, Serra de São Martinho, pelo leste, com o arroio que sai do Posto de *Itaroquém*, nas imediações do Passo do Felicio (Faz. do *Pinheiro* ou do Itaroquém), portanto, dos primeiros povoadores do 1º distrito de Júlio de Castilhos - RS, possivelmente com propriedades no Passo do Felicio (posteriormente Faz. do *Pinheiro* ou do *Itaroquém*), na costa do R. Ibicuí, na Serra de *São Martinho*, nos municípios de São Martinho da Serra e possivelmente também na costa do Rio Vacacaí, no hoje Restinga Seca - RS (listado como criador de mula em 1807), filho de José Dornelles de Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Taquari-RS ou Triunfo-RS (1764), ele, imigrante açoriano, estabelecido em Santo Amaro (1771), proprietário de terras em Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS) e Itaquí-RS (fronteira com Alvear, Argentina), Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de Nª Srª do Rosario da Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, nascidos e casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, patriarca/genearca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, primeiramente estabelecido na Freguesia de São José, hoje Município de São José - SC (Região Metropolitana de Florianópolis), nascido e batizado em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, ascendente dos presidentes da República Getúlio Dornelles Vargas e João Goulart, provavelmente descendente de Alvaro de Ornellas de Saavedra (I), este, fidalgo (por volta de 1415), da casa de Dom João I, rei de Portugal e também fidalgo da casa do infante Dom Henrique, povoador da Ilha da Madeira, aquele (João de Ornellas e Souza), filho de Lázaro Gonçalves e Souza (1668-?) & Isabel do Rosario D'Ornellas (1670 ?-?), este, batizado na Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, filho de Belchior Gonçalves, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, este, possivelmente estancieiro em Viamão (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), aquela (Antonia Maria da Silveira e Souza), nascida em Manadas, Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje Distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da

Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Inácio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus e Souza), nascida em Santo Amaro (hoje distrito pertencente a General Camara - RS, antes a Taquari-RS), Rio Pardo - RS ou em Cachoeira do Sul - RS e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza & Maria dos Santos Machado, estes, nascidos nas Ilhas (Arquipélago dos Açores, Região Autônoma de Portugal), aquela (Antonia Maria da Silveira), nascida na Ilha de São Jorge, Açores, ou aquele (Jeronimo Dornelles de Souza), filho de Mathias de Souza & Rita/Joaquina da Rosa, aquela (Maria Francisca de Jesus), filha de Antonio Francisco ? Bexiga & Maria dos Santos, este, possivelmente tendo adquirido terra em Santo Amaro de Maria de Avila (por volta de 1771), aquele (Jeronimo Dornelles de Souza), possivelmente nas segundas núpcias dele, c.c. Teodora Maria em 1808, esta, nascida em Santo Amaro, filha de José da Costa Leite & Rosa Bernardes, possivelmente das primeiras núpcias dela (por volta de 1807), aqueles (João Fernandes Penna & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), pais de Maria Francisca do Carmo c.c. o possivelmente tio Manoel José Dornelles (?-1853), Alexandrina Francisca Fernandes Dornelles Penna (1810/11-?) c.c. Francisco Alves de Lima, Gertrudes Fernandes Dornelles (Penna) (1813 ?-?), Joaquim Fernandes Dornelles (Penna) (1814-?) e Joaquina Fernandes Dornelles de Lima Penna (1814-possivelmente f. antes de 1857), estes últimos, possivelmente gêmeos, ela, possivelmente criada (como filha) pelos tios o guarda-mor Manoel Fernandes Penna (1776/77-1841) e Francisca Luiza de Lima (Penna) (1788-1857), aquela (Joaquina Fernandes Dornelles de Lima Penna), possivelmente mãe de Manoela Luiza de Lima (Soares Penna) (1835 ?- f. depois de 1874 ?) c.c. Vasco Soares da Silva (1826 ?- f. depois de 1876), possivelmente nas segundas núpcias dele, estes, moradores da Localidade de Campos de Santa Thereza, posterior Município de Ajuricaba-RS, anteriormente General Firmino de Paula - RS (1925), depois General Firmino - RS (1938/39), fazendo alusão ao filho do Barão de Ibicuí, Guarda-mor Francisco (Manoel) de Paula e Silva (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886), município desmembrado de Ijuí-RS (1965), possivelmente com alguma área de Santo Ângelo - RS (2º distrito), aquele (Vasco Soares da Silva), possivelmente fazendeiro (pecuarista), tendo herdado e vendido parte das terras na Localidade de São Pedro (próxima à antiga Guarda dos Jesuítas, Faz. *São Pedro* e Faz. da *Reserva*, possivelmente abrangendo as fazendas *Sortiga* e *Céu Azul*, próximas ao Rio Ivaí, na época pertencente a São Martinho, antigo 2º distrito do Município de Cruz Alta - RS ou o 3º distrito de Rincão dos Valos, hoje entre os municípios de Tupanciretã-RS, Julio de Castilhos - RS, Fortaleza dos Valos - RS e Salto do Jacuí - RS), sendo que a parte norte vendida (1874) à Margarida Niederauer, esta, de Santa Maria - RS, tendo outra parte vendida a Manuel Maria de Oliveira (1876), possivelmente proprietário próximo às localidades de Durasnal e Arroio do Marco dos Buracos, com inventário autuado em Santa Maria - RS (1886), aquele (Vasco Soares da Silva), filho de Antonio Soares da Silva (n.1786/b.1788-?) & a prima Rosa Maria do Nascimento / da Silva (1808-?), estes, casados na Faz. *Sortiga* (1824) ou em Santa Maria - RS (1824), este, dono/herdeiro da Faz. *Sortiga*, nascido no hoje Distrito de Santo Amaro: Município de General Câmara - RS, batizado em Triunfo-RS, filho de Matheus Soares da Silva (b.1752-1846) & Maria Angelica de Jesus (?-1846/47/48), estes, casados em Triunfo-RS (1772), ele, residente em Santo Amaro (quando solteiro), juntamente com seu irmão Agostinho Soares da Silva (b.1762-1848), nascido no antigo Porto dos Casais (hoje Porto Alegre - RS), batizado em Viamão-RS, eles, estabelecidos em São Pedro do Tujá, Vila Rica (posteriormente Município de Júlio de Castilhos - RS), proprietários de duas sesmarias de campos, uma entre Cacequi-RS e São Francisco de Assis - RS e outra, a mais importante, na zona do Arroio/Passo dos Buracos (Tipiaia) e Rio Ivaí (ali

estabelecidos entre 1806 e 1809), denominada *Ceu Azul*, próximo ao Aeroporto Intermunicipal de Júlio de Castilhos - RS (há uns 15 km da cidade, sentido Tupanciretã-RS), posteriormente no 1º distrito de Júlio de Castilhos - RS, onde Matheus e Maria Angélica faleceram, posteriormente propriedade de Manuel Maria Dias de Oliveira, aquele (Matheus Soares da Silva), tendo comprado terra em 1809 e residindo em Sortiga, possivelmente próximo ao Rincão dos Padilha, tendo como lindeiro João Gonçalves Padilha (1821), nascido no antigo Porto dos Casais (posteriormente Porto Alegre - RS), nas suas *datas* (glebas de terra recebidas da Coroa Portuguesa, na época do Brasil Colônia), na Capela de Santana do Morro Grande, posteriormente 2º distrito de Viamão-RS, mais precisamente no assentamento da Sesmaria de Itapuã, Freguesia da Capela de Santana, na zona do Morro Grande, hoje 2º Distrito de Viamão, cuja área destinada às *datas*, proveniente da Sesmaria doada ao Padre José Nunes Reis, posteriormente loteada em *datas* e distribuída a 60 casais de açorianos, dos que se encontravam na área de Viamão aguardando destino, um dos primeiros filhos de ilhéus nascidos no Rio Grande do Sul e dos primeiros povoadores dos municípios de São Martinho da Serra - RS e Julio de Castilhos - RS, batizado em Viamão-RS e falecido na fazenda, no Município de Julio de Castilhos - RS, filho de Manoel Pereira Soares (?-1810/16) & Mariana da Silveira Silva (?-1800), estes, produtores rurais (agropecuáristas), casados em Triunfo-RS (1772) e estabelecidos no hoje Distrito de Santo Amaro: Município de General Câmara - RS (por volta de 1773), nascidos na Freguesia de Nª Srª do Rosario do Topo, Ilha de São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecidos em Santo Amaro, ele, nascido na Freguesia de Nª Srª do Rosário, filho de Amaro Soares & Suzana Teixeira, aquela (Mariana da Silveira Silva), filha de Antonio Gomes da Silva & Catarina Dias/Rios, aquela (Maria Angelica de Jesus), nascida em Rio Grande - RS, filha de Mateus Corrêa de Melo & Josefa Maria, ambos nascidos na Ilha de São Jorge, Açores, e casados em Triunfo-RS (1772), aquela (Rosa Maria do Nascimento), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Agostinho Soares da Silva (b.1762-1848) & Maria do Rosario (b.1771-?), estes, casados em Santo Amaro (1785), estabelecidos na localidade de São Pedro, próximo ao Rio Ivaí, antigo Distrito de São Xavier, entre Tupanciretã-RS, Júlio de Castilhos - RS e Cruz Alta - RS, possivelmente próximo ao hoje Município de Salto de Jacuí - RS (este, próximo a Estrela Velha - RS e Pinhal Grande - RS) e Ivorá-RS, ele, possuindo sesmaria de campos na costa oriental do Rio Ibicuí (entre os municípios de Cacequi-RS e São Francisco - RS), e posteriormente outras sesmarias, uma para cada um, que abrangiam campos desde a Guarda de São Pedro Tujá (hoje Abacatu) e daí se estendendo pelas margens do Rio Ivaí e parte do Arroio Buracos, uma sesmaria no Município de Santa Maria - RS (outorgada em 1806), tendo comprado os campos conhecidos como a Faz. *Sortiga* (onde os jesuítas recolhiam gado no inverno), vendida para o Comendador Francisco Ferreira de Castilhos (1814-?), este, pai de Julio Prates de Castilhos (1860-1904), fazenda herdada pela 1ª esposa do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil (irmã de Julio de Castilhos), onde residiram por algum tempo, pertencente a herdeiros de Aparício Corrêa de Barros (a partir de 1956), aquele (Agostinho Soares da Silva), um dos fundadores de Julio de Castilhos - RS e Santa Maria - RS (listado em 1812), nascido em Triunfo-RS e falecido na Estância de São Pedro, então 2º distrito de Cruz Alta - RS, irmão de Matheus Soares da Silva (1752-1846) c.c. Maria Angelica de Jesus (?-1848 ?), estes, casados em Triunfo-RS (1772), eles (os irmãos), estabelecidos na região central do Rio Grande do Sul entre 1806 e 1808, proprietários na divisa dos atuais municípios de Julio de Castilhos - RS e Tupanciretã-RS, filhos de Manoel Pedro/Pereira Soares (?-1810/16) & Maria/na da Silveira (?-1800), estes, oriundos da Ilha de São Jorge, Açores, componentes da 1ª leva de imigrantes instalados na Ilha de Santa Catarina, hoje Florianópolis-SC, logo em seguida nas imediações do recente Forte Militar da Barra do Rio Grande (por volta de 1727), então estabelecidos nos Campos Altos de Viamão, estabelecidos por fim no hoje Distrito de Santo Amaro: Município de General Câmara - RS, ele, com testamento feito em Rio Pardo em 1809 e aberto em 1810,

nascido na Freguesia de N^a Sr.^a do Rosário, Ilha de São Jorge, falecido em Rio Pardo - RS ou Santo Amaro, filho de Antonio Gomes & Catharina Dias, estes, nascidos na Ilha de São Jorge, Açores, aquela (Maria Angelica de Jesus), nascida em Rio Grande - RS, filha de açorianos, aquela (Maria/na da Silveira), filha de Amaro Soares & Suzana Teixeira ou filha de Manoel da Silveira & Ana Teixeira (Testamento feito em Rio Pardo - RS em 1809 e aberto em 1810), estes, nascidos na Ilha de São Jorge, Açores, uma delas, filha de Joaquim José Cesar & Constancia Joaquina da Pureza / Maria do Carmo (1793), este, nascido no Porto (Portugal), filho de João José Cesar e de Antonia do Espirito Santo, também nascidos no Porto, aquela (Constancia Joaquina da Pureza / Maria do Carmo), nascida em Santo Amaro, hoje distrito percentente ao Município de General Câmara - RS, aquela (Maria do Rosario), batizada em Taquari-RS, filha de José Dias Gonçalves do Nascimento & Rosa Maria, estes, açorianos, ele, da Ilha do Faial, ela, da Ilha de São Jorge, filho de Simão Dias Gonçalves & Maria do Rosario, ambos da Ilha de São Jorge ou da Freguesia de Fontinhas, Ilha Terceira, aquela (Maria do Rosario), nascida em Santa Barbara de Cedros, Ilha do Faial, filha de João Rodrigues de Bem & Maria Rosa, ou possivelmente filha de Manoel Machado Borba & Catarina Maria, aquela (Manoela Luiza de Lima Soares Penna), herdeira na partilha da avó materna (inventário *post mortem* de Francisca Luiza de Lima, autuado em Cachoeira do Sul - RS em 1857), aquele (Vasco Soares da Silva), ele, possivelmente com Joaquina Rodrigues Soares, pais de Ana Esmeria Soares (1828-?) c.c. José Ignacio de Barcelos (1818-?), nas primeiras ou segundas núpcias dele, este, nascido em Pelotas-RS, e com Manoela Luiza de Lima Soares Penna, aqueles (Manoela Luiza de Lima Soares Penna & Vasco Soares da Silva), pais de Arão Soares da Silva (1860/61-?) c.c. Ana Simões Teixeira (1864-?), estes, casados em Santo Ângelo - RS (1890), sem filhos, ele, nascido no Rio Grande do Sul, ela, nascida no antigo Município de Santo Ângelo - RS, filha de Salvador Mariano/Chrispim Rodrigues Teixeira (1830-1916) & Jonia Maria Gonçalves, estes, casados por volta de 1860, ele, nascido no Paraná, batizado na Capela de Tamanduá, posteriormente (desde 1870) Município de Campo Largo - PR (hoje Região Metropolitana de Curitiba), filho de José Joaquim Teixeira (1815/16-1889) & Ana Rodrigues de Siqueira, este, nascido em São Paulo, tendo migrado para o Rio Grande do Sul, estabelecendo-se no hoje Município de Entre-Ijuís - RS, ali falecido, aquela (Jonia Maria Gonçalves), filha de D... Borges Gonçalves & Maria, e o Cel. Manoel Fernandes Dornelles de Souza (Penna) (b.1815-1897) c.c. Florinda da Silveira, estes, casados em Alegrete-RS, aqueles, provavelmente nascidos no Município de Santa Maria - RS ou Cachoeira, hoje Cachoeira do Sul - RS, o último, participante da Revolução Farroupilha (entre 1835 a 1845), inclusive no Combate dos Porongos, comandante superior da Guarda Nacional e Fronteiras de Uruguai-RS e Alegrete-RS, chefe político no Partido Liberal, condecorado com medalha pela Campanha do Uruguai (por volta de 1865), nascido logo após a morte do pai (João Fernandes Penna), batizado em Santa Maria - RS, aquela (Florinda da Silveira), filha de Joaquim José da Silveira & Catharina da Silveira aqueles (Manoela Luiza de Lima Soares Penna & Vasco Soares da Silva), possivelmente pais de Manoel Vasco Soares, este, possivelmente pai de Eugenio Soares e Francisco Soares, estes, alunos na Escola Pública de Júlio de Castilhos - RS (por volta de 1888)] c.c. **FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (PENNA)** (1788-1857) [estabelecida em Santa Maria - RS, entre 1806 e 1808 (provavelmente listada em 1810), dona de atafona (antiga fabriqueta artesanal de farinha), dona de casa e terreno em Santa Maria - RS e terra no Rincão do Vacacaí-Mirim, adquirida por outorga de data de terra do governo do Brasil Colônia (1809), compra e posse (de 1810 a 1828, aproximadamente), tendo as seguintes confrontações e lindeiros: pelo norte, a encosta da Serra Geral, pelo sul, o Rio Vavacaí-Mirim, pelo leste, o Arroio da Porteira, que divisa com Francisco Rodrigues de Amorim (Faz. *São Pedro*), posteriormente pertencente à Família Soares de Souza, e, pelo oeste, o Arroio Grande, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856) e inventário (pela morte dela) autuado em

Cachoeira do Sul - RS (1857), nascida e batizada em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), falecida no Município de Santa Maria - RS e sepultada no extinto Cemitério da Santa Cruz (hoje Igreja de N^a Sr^a do Rosário), Santa Maria - RS, filha de Francisco Luis de Lima (conforme Romeu Beltrão) ou (de acordo com Jorge Godofredo Felizardo e os acentos paroquiais de Viamão-RS e alguns de Santa Maria - RS), filha de Faustino Luis Diniz (1737/38 ?-1794 ?) & Anna Joaquina de Jesus (1748/49-1827), das segundas núpcias dele, estes, casados em Viamão-RS (1782), provavelmente alguns de seus netos uns dos primeiros habitantes do hoje Município de Restinga Seca - RS (emancipado de Cachoeira do Sul - RS em 1959), ele (Faustino Luis Diniz), imigrante açoriano anteriormente estabelecido na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis-SC), durante as primeiras núpcias, c.c. Maria de Jesus / da Conceição (1745 ?-1780), esta, nascida na Freguesia de São Mateus, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores: Região Autônoma de Portugal), filha de Antonio Machado Fagundes & Luiza da Conceição), e posteriormente, nas segundas núpcias, em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), ele (Faustino Luis Diniz), nascido na Freguesia de N^a Sr.^a de Guadalupe da Vila Nova de Agualva, Concelho de Praia da Vitória, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho do Cap. Mateus Lourenço Diniz & Maria da Conceição Lima (n.1702-?), este, nascido e batizado na Freguesia de N^a Sr^a do Rosario da Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, Açores, filho de Pedro Enes Diniz & Maria de Ávila, estes, nascidos e batizados na Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, Açores, aquela, batizada na Freguesia de Agualva, Conselho da Praia da Vitória, Ilha Terceira, Açores, aquela (Anna Joaquina de Jesus), nascida na Ilha Terceira, Açores, estabelecida primeiramente na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis-SC) ou na Freguesia de N. Sr.^a da Conceição do Brito (posteriormente Enseada do Brito - SC), hoje Região Metropolitana de Florianópolis-SC, e posteriormente em Viamão-RS, filha de José Silveira de Medeiros (1715-?) & Josepha Maria de Santo Ignacio (1719-?), estes, nascidos e casados (1747) em Cedros, Ilha de Faial, Açores, este, filho de Amaro Luis da Silveira (1686 ?-1746 ?) & Barbara de Medeiros (1675 ?-1745 ?), aquela (Josepha Maria de Santo Ignacio), filha de Antonio Goulart (1686 ?-1759 ?) & Ana Goulart (1689 ?-1759 ?), aquela (Francisca Luiza de Lima Penna), meia irmã (das primeiras núpcias do pai) de Manoel Luiz Diniz c.c. Justina Ignacia de Jesus, este, padrinho de casamento (1806) do guarda-mor Manoel Fernandes Penna (1776/77-1841) & Francisca Luiza (Dinz) de Lima (1788-1857), ele, nascido na Ilha de Santa Catarina, posteriormente Município de Florianópolis-SC, ela, nascida em Viamão-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), eles, pais de Faustino Luiz Diniz (Neto) (?-1859) c.c. Maria Caetano dos Reis, este, estancieiro (pecuarista) estabelecido no hoje Rincão da Glória, Município de Restinga Seca - RS, geneatra de grande descendência na região, nascido em Viamão-RS, com propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras em Cachoeira (1856), ela, nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Caetano José dos Reis & Domingas Francisca de Loreto, este, nascido em Bragança, ela, nascida em Cachoeira do Sul - RS, aquela (Maria da Conceição Lima), nascida na Fonte do Bastardo, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, filha de Manoel Fernandes Lima & Maria Simões, este, filho de Diogo Lopes Lima (1644 ?- f. antes de 1698) & Beatriz Alvares (?- f. antes de 1705), estes, casados em Agualva, Ilha Terceira, Açores (1700), ele, nascido em Agualva, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel Fernandes Lima, aquela (Maria Simões), nascida em Agualva, Ilha Terceira, Açores, aquele (Mateus Lourenço Diniz), possivelmente parente do Pe. João Diniz Alvares de Lima (1743-1798), sacerdote (secular) em Santo Antonio da Patrulha - RS e Viamão-RS, provavelmente o 1º sacerdote do Rio Grande do Sul (ordenado no Rio de Janeiro - RJ em 1778), filho de João Diniz Alvares & Catarina de Lima], casados em Viamão-RS, hoje Região Metropolitana de Porto Alegre (1806), pais de

DESCENDÊNCIA (ATÉ OS BISNETOS)

CAPÍTULO 1

ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) & JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA

F 1 ANNA FRANCISCA DE LIMA (PENNA) (CEZIMBRA) (b.1808-1873) [batizada na Freguesia de N^a Sr^a da Conceição da Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), possivelmente nascida em Santa Maria - RS (na época, capela pertencente ao antigo Município de Cachoeira, falecida e sepultada no Cemitério das Irmandades de Cachoeira do Sul - RS) c.c. o Cel. **João Antonio da Silva Cezimbra** (1803/04-1884) [servidor público, militar (oficial) do Exército, chefe político no tempo do Império, um dos primeiros moradores (principais e benfeitores) de Santa Maria - RS, cidadão *eleitor votante*, o mais votado (citado na 1^a eleição em 1827), representante do Distrito de Santa Maria da Boca do Monte (4^o distrito) perante a Vila Nova de São João da Cachoeira (então sede do Município, hoje denominado Cachoeira do Sul - RS), tendo assinado a lista de estancieiros pedindo ao Imperador Dom Pedro I a elevação à Freguesia da Capela Curada de Santa Maria (1827), destacado chefe político, fiscal de Santa Maria (1830), juiz de paz (de 1832 a 1834), suplente (em exercício) de juiz de paz (1836), eleitor especial (o 2^o mais votado) do 4^o Distrito (Santa Maria) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1855), vereador mais votado no quadriênio 1861-1864, tendo sido nesta época designado coronel, nomeado para integrar a Guarda Nacional (1848), capitão do 6^o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira (sediado em Santa Maria - RS), reformado como coronel (1865), comandante interino da 18^a Seção do Batalhão de Infantaria da Reserva de Santa Maria e São Martinho (1867), estando em São Martinho (entre 1858 a 1861, aproximadamente), agraciado com o grau de oficial pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da Imperial Ordem da Rosa (1852), juiz comissário das Terras Públicas para Santa Maria (1861), vereador (o mais votado): presidente da 2^a Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1861 a 1864), membro da Comissão para a Construção do Cemitério *Extramuros* de Santa Maria: pró mudança do cemitério da antiga matriz (de 1857 a 1864, aproximadamente), possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS (com registro de carta de liberdade em 1869), residente também em Cachoeira do Sul - RS (de 1873 a 1884, aproximadamente), fazendeiro (pecuarista) entre os atuais municípios de São Martinho da Serra - RS e Júlio de Castilhos - RS, próximo à propriedade do Cel. João Baptista de Oliveira Mello (1810/11-1877) & Manoela Pereira dos Santos (Oliveira) (1814-1894), partidor e avaliador dos bens no inventário (pela morte da sogra Francisca Luiza de Lima) atuado em Cachoeira (1857), nascido em Salvador-BA, falecido e sepultado em Cachoeira do Sul - RS, filho de José Antonio da Silva & Maria do Sacramento, estes, nascidos na Bahia, ele, possivelmente descendente de imigrante originário de Sesimbra, Distrito de Setúbal, próximo à Lisboa (Portugal)], casados em Santa Maria - RS (1826), pais de

N 1.1 ANNA DE LIMA CEZIMBRA (1826-1826) [nascida e falecida (criança com 7 meses de idade) em Santa Maria - RS],

N 1.2 FRANCISCA AMELIA/AMALIA CEZIMBRA (MONTEIRO) (b.1828-1899 ?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS, residente inclusive em Santa Maria - RS] c.c. o Cap. **Jovino Simplicio Monteiro** (1820 ?- f. depois de 1871) [servidor público, militar (oficial) do Exército, tenente do 55^o Corpo de Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai (1867/69), possivelmente integrante da Guarda Nacional no Rio de Janeiro - RJ, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos (entre 1861 e 1872) e

de carta de liberdade de escravo (1869 e 1874) no Município de Santa Maria - RS, possivelmente tendo servido em São Borja - RS, Santiago-RS, Cruz Alta - RS e Santa Maria - RS, residente inclusive em Santa Maria - RS, sendo ali proprietário de imóveis, tendo assinado (a rogo) no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1855) e São Martinho (1857), possivelmente parente de Irvino Simplicio Monteiro, aquele (Jovino Simplicio Monteiro), dono de terra na Localidade de Baú, provavelmente entre Itaara-RS e Tres Barras, hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS (confrontações e lindeiros: ao norte, com Joaquim Carpinteiro, ao sul, com o velho Martins, ao leste, com o índio Paulino, ao oeste, com Angelica), propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), nascido em Pernambuco, filho de Manoel Francisco Monteiro (falecido antes de 1849) & Antonia Maria (Monteiro)], casados em Santa Maria - RS (1849), pais de

Bn 1.2.1 **JOÃO CEZIMBRA MONTEIRO** (n.1849/b.1850-1891) [substituto de juiz municipal de Santa Maria - RS (por volta de 1887), um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* de Santa Maria - RS (1874), juiz municipal substituto (a partir de 1887), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos no Município de São Francisco de Assis - RS (por volta de 1872), residente em Santa Maria - RS, nascido, batizado e falecido em Santa Maria - RS] possivelmente c.c. **Francisca Palma (Monteiro)** (?- f. antes de 1891) [possivelmente parente de Francisco Alves da Palma (f. depois de 1896) c.c. Clara Machado de Avila (?-1895/96), estes, casados e residentes no posterior Município de Santa Maria - RS (1849), ele, delegado de polícia em Santa Maria - RS (1877), juiz de paz (suplente) no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, de 1865 a 1876, aproximadamente), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS e São Gabriel - RS (entre 1867 e 1877) e de carta de liberdade de escravo (possivelmente em 1868 e 1873) no Município de Santa Maria - RS, nascido em Rio Pardo - RS, possivelmente parente de Alonso Palma c.c. Francelina dos Reis (Palma) (1881/82-1960), esta, falecida em Tupanciretã-RS, aquele (Francisco Alves da Palma), irmão do Alferes Felisberto Alves da Palma c.c. Amelia Alves de Avila (Palma), este, nascido em Rio Pardo - RS, estes (Francisco Alves da Palma e Felisberto Alves da Palma), filhos de Silverio Antonio Alves & Joaquina Maria dos Santos/Avila (1798 ?/1846 ?-?), estes, nascidos e casados (1818) em Rio Pardo - RS, ele, filho de Antonio José Álvares de Souza (b.1761-?) & Isabel Maria do Sacramento, estes, nascidos em Rio Pardo - RS, aquela (Joaquina Maria dos Santos/Avila), filha de José Antonio de Avila (b.1761-?) & Maria de São José (b.1762-?), este, nascido em Rio Pardo - RS, ou de Antonio Ferreira de Avila (1793-1857) & Silveria Alves Damasceno (de Avila) (f. entre 1857 e 1871 ?), este, eleitor geral de Santa Maria - RS (1869), com inventário (pela morte dele) autuado em Santa Maria - RS (1857), dono de terra na costa do Rio Ibicuí, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), nascido em Rio Pardo - RS e falecido no Município de Santa Maria - RS, aquela (Maria de São José), filha de Francisco Martins Laia & Francisca da Paixão de Jesus, aquela (Amelia Alves Avila da Palma), nascida em Santa Maria - RS, aquela (Clara Machado de Avila), nascida em Encruzilhada do Sul - RS, filha de Felisberto Antonio de Avila & Rita Maria de Jesus (f. antes de 1849), aquela (Silveria Alves Damasceno de Avila), filha de Manoel Baptista Damasceno & Maria Joaquina da Conceição, este, nascido em Cachoeira do Sul - RS, ela, de Rio Pardo - RS], casados em Santa Maria - RS (1870), ou viúvo de **Francisca Alves**

de Avila (Monteiro) (1848-1886) [nascida e moradora no Município de Santa Maria - RS, filha de Antonio Ferreira de Avila (?-1857) & Silveria Alves Damasceno (de Avila) (f. entre 1857 e 1871 ?), estes, casados em Santa Maria - RS (1833), ele, eleitor geal (suplente) para a Assembleia Paroquial de Santa Maria - RS (por volta de 1872), fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Filipinho: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, com inventário (pela morte dele) autuado em Santa Maria - RS (1857), tendo como procuradores João Antonio da Silva Cezimbra, José Martins Beltrão e João Antonio Galvão, nascido em Rio Pardo - RS, filho de José Antonio de Avila & Maria de São Jorge, estes, nascidos em Rio Pardo -RS, aquela (Silveria Alves Damasceno de Avila), nascida no Município de Santa Maria - RS, possivelmente irmã de Francisca Alves Damasceno c.c. Manoel Francisco da Silva, estes, nascidos e casados em Santa Maria - RS (1855), ele, filho de Manoel Francisco da Silva & Gertrudes Soares da Silva (n.1773/b.1775-?), das segundas núpcias dela, esta, nascida em Santo Amaro (hoje distrito pertencente a General Câmara - RS) e batizada em Triunfo-RS, filha de Matheus Soares da Silva (b.1752-1846) & Maria Angelica de Jesus (?-1846/47/48), aquelas (Silveria e Francisca Alves Damasceno), filhas de Manoel Baptista Damasceno & Maria Joaquina da Conceição (1778 ?-1859), este, um dos 32 cidadãos votantes para a qualificação eleitoral perante à Câmara Municipal de Cachoeira (1827), nascido em Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS, com parentesco com a Família Alves Damasceno do Município de Cachoeira do Sul - RS e Rio Pardo - RS, filho de João Baptista Damasceno & Engracia de Azevedo Saldanha, estes, de Rio Pardo - RS, ela, nascida no Município de Rio Pardo - RS e falecida em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1870),

Bn 1.2.2 **FRANCISCA CEZIMBRA MONTEIRO** (n.1852/b.1853-?) [possivelmente estabelecida em São Borja - RS, Santiago-RS ou Tupanciretã-RS, nascida e batizada em Santa Maria - RS] c.c. **Gomercindo Leoncio Rosa** (1850 ?-) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) entre os municípios de Santiago-RS ou Tupanciretã-RS, filho de Antonio Alves da Rosa & Rita Emerenciana da Conceição], com prole,

Bn 1.2.3 Cap. **JOVINO SIMPLICIO MONTEIRO (Fº)** (1854/55-f. antes de 1924) [possivelmente militar (oficial) do Exército, de 5º a 1º suplente de juiz municipal de Santiago-RS (1886), nascido em Santa Maria - RS] c.c. **Angelica Camilla dos Santos (Monteiro)** (1858-1924) [provavelmente batizada em Santa Maria - RS, falecida em Santa Maria - RS, provavelmente filha de Camilo José dos Santos & Maria Jacinta da Silva], casados em Santa Maria - RS (1879), com prole,

N 1.3 **RITA CANDIDA (LIMA PENNA) CEZIMBRA (JACQUES)** (n.1830/b.1831-1858) [nascida, batizada e falecida em Santa Maria - RS] c.c. (ou possivelmente divorciada, um ano e meio antes de morrer, do) o Cap. **Ignacio de Souza Jacques** (1828-1868) [fiscal da 1ª Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1858 a 1861), 1º suplente de juiz de paz (1864), servidor público, militar (oficial) do Exército, alferes-secretário do Estado Maior do 7º Corpo Provisório de Cavalaria, sob o comando do Cel. João Niederauer Sobrinho (entre 1864 e 1868, aproximadamente), participante das campanhas platinas, inclusive da Guerra do Paraguai, estabelecido em Santa Maria - RS (desde antes de 1850), nascido em Rio Pardo - RS, São Borja - RS ou Alegrete-RS e falecido no acampamento de São Solano, em Itacolá/Itararé, Província de Corrientes

(nordeste da Argentina), filho de João Guilherme de Souza (Jacques) (1800 ?- f. depois de 1853 ?) & Feliciano Maria de Souza (Jacques) (1800-1864), das primeiras núpcias dela, estes, casados em Rio Pardo - RS (1819), ele, provavelmente militar, sesmeiro (outorga em 1822), possivelmente proprietário rural próximo a um banhado no lado norte do Rio Ibicuí, possivelmente no Município de Alegrete-RS, estabelecendo-se em Santa Maria - RS, nascido em Santa Catarina, filho de Jean Guillaume / João Guilherme Jacques (Fº) (1764 ?-1833) & Antonia Joaquina do Rosário (1758-1834), este, sesmeiro no Município de São Gabriel - RS (entre 1789 a 1814), possivelmente vindo (início do séc. XIX) para o Brasil (Rio Pardo - RS) da Ilha de Faial ou São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ou nascido em Paris (França), filho de Jean Guillaume Jacques & Maria Eva Erol de Bertile, aquele (Ignacio de Souza Jacques), parente de Luis de Freitas Valle / Barão do Ibirocaí (1855-?) c.c. Noemi de Miranda Sá (1860-1916), este, nascido em Alegrete-RS, ela, nascida em Rio Grande - RS e falecida no Rio de Janeiro - RS, filha do Miquel Tito de Sá & Maria de Miranda, este, nascido no Rio de Janeiro - RJ, ela, nascida no Rio Grande do Sul, aquela (Maria Eva Erol de Bertile), filha de Francisco Antonio de Oliveira & Maria da Conceição, aquela (Feliciano Maria de Souza Jacques), nascida em Rio Pardo - RS, filha do Sgt. Mor Manoel da Rocha e Souza (1754/55 ?-1835) & Rosa Maria do Nascimento, das terceiras núpcias dela (viúva), estes, nascidos no Rio Grande do Sul e casados em Rio Pardo - RS (1805), ele, militar (furiel e posteriormente sargento-mor) do Exército (Corpo de Dragões), integrante da 2ª Subcomissão Demarcadora de Limites da América Meridional (entre os impérios de Portugal e Espanha), onde se formou a aldeia portuguesa, a futura cidade de Santa Maria - RS (1797), portanto, um de seus primeiros moradores, nascido em Rio Grande - RS e falecido em Santa Maria - RS, filho de Luiz da Rocha e Souza (1714 ?-1794) & Maria da Costa, este, nascido no Rio de Janeiro - RJ, ela, nascida na Colônia do Sacramento (sudoeste do Uruguai), aquela (Rosa Maria do Nascimento), nascida em Rio Pardo - RS, filha de João Pereira Guimarães & Marcelina Joana do Nascimento (?-1816), este, nascido em Guimarães (norte de Portugal), ela, nascida em Rio Grande - RS] possivelmente casados em Santa Maria - RS (1848), pais de

Bn 1.3.1 Ten. Cel. **JOÃO CEZIMBRA JACQUES** (1849-1922) [servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército (Cavalaria), alistando-se em 1867, integrante (um dos primeiros voluntários) do 2º Corpo de Cavalaria (2º Regimento de Cavalaria) durante a Guerra do Paraguai (de 1867 a 1870), tendo participado inclusive do cerco de Uruguaiana, tendo feito a Escola Militar (após a Guerra, em torno de 1882), servindo em Bagé (1882), São Borja - RS (1884) e Santana do Livramento - RS (de 1891 a 1895), 2º cadete do 4º Regimento de Cavalaria (1891), comandante do 3º Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria, instrutor da Escola Militar do Estado em Porto Alegre - RS e Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo - RS (de 1895 a 1901) e do Curso d'Armas da Escola Militar do RGS, em Porto Alegre (reformando-se em 1901), devido seus estudos, dedicação e culto ao RGS, considerado iniciador/precursor do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho (posteriormente seu patrono), fundando, após tentativa frustrada em Santa Maria - RS (1893), o *Grêmio Gaúcho* em Porto Alegre - RS (1898), marcando assim o início do movimento tradicionalista, daí espalhando-se pelo estado, posteriormente a outras regiões, inclusive exterior, um dos fundadores do antigo Partido Republicano Castilhistas (1880), escritor de cunho positivista (o 1º livro de 1883, de um total de 16 livros nas áreas de Etnografia, Antropologia, Política e Linguística), provavelmente o 1º escritor santamariense: o 1º santamariense a

publicar livro (1883), patrono da Academia Rio-Grandense de Letras (cadeira nº 19), sociólogo, indianista (com domínio da Língua Guarani e conhecimentos de Caingangue), professor, conhecedor das danças gaúchas (coreografia, música e letra), músico (*violista*), ginete e domador, um dos fundadores do antigo Partido Republicano Castilhistas Rio-Grandense, um dos fundadores da 1ª Academia Riograndense de Letras (sendo o patrono da cadeira nº 19), Porto Alegre - RS, o primeiro a registrar (em livro) a lenda/conto santamariense de *Imembuí* e *Morotin*, um dos patronos da Academia Santa-Mariense de Letras, tendo uma praça (Largo *Cezimbra Jacques*) em frente ao Regimento *Mallet*, em Santa Maria - RS, e rua em Porto Alegre e Alegrete-RS com o nome em sua alusão, tendo sido criado pela avó paterna Feliciano Maria de Souza (Jacques) (1800-1864), esta, viúva de João Guilherme de Souza Jacques (?-1853 ?), nas segundas núpcias dela, c.c. João Barbosa de Carneiro Fontoura, este, filho do Mal. Carneiro da Fontoura, este, parente do Brig./Mal. Manoel Carneiro da Silva e Fontoura / Fontoura da Silva (1767-1842) c.c. Francisca Margarita Pereira Pinto (Carneiro), este, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS, auxiliado também pelos avós maternos João Antonio da Silva Cezimbra (1804 ?-1884) & Anna Francisca de Souza / Lima (Penna) (Cezimbra) (1808-1873), devido à morte prematura dos pais, indo estudar em Porto Alegre - RS (por volta de 1866), nunca mais voltando a morar em Santa Maria - RS, nascido em Santa Maria - RS e falecido no Rio de Janeiro - RJ, aquele (João Cezimbra Jacques), tendo ido de Porto Alegre - RS para o Rio de Janeiro - RJ (por volta de 1814), nascido em Santa Maria - RS e falecido no Rio de Janeiro - RS, cujos restos mortais provavelmente trasladados para Porto Alegre - RS (1927)] c.c. **Júlia Cidade (Cezimbra)** (1870-1897) [nascida em Porto Alegre - RS, filha de Graciano de Azambuja Cidade (1839/44-?) & Avelina Pacheco de Andrade (Cidade), das segundas núpcias dele (nas primeiras núpcias dele, c.c. Leonor de Sampaio) e das primeiras núpcias dela, ele, 3º oficial da coletoria de Santa Maria - RS ligada à diretoria Geral da Fazenda Pública Provincial (a partir de 1862/63), nascido e batizado em Porto Alegre - RS, possivelmente filho ou parente do Maj. Antonio d'Azambuja Cidade (1795/1800 ?-?) c.c. Leopoldina Copello (Cidade) ou c.c. Vivência Leal de Magalhães, estes, provavelmente residentes em Uruguaiana-RS, este, filho de Francisco José Cidade (1763-?) & Helena do Nascimento, este, nascido na Ilha de Santa Catarina (hoje Município de Florianópolis-SC), aquela (Helena do Nascimento), nascida em Triunfo-RS, filha de Francisco Xavier de Azambuja (?-1768) & Rita de Menezes, este, falecido na região de Triunfo-RS, aquele (Antonio d'Azambuja Cidade), possivelmente tendo um homônimo participado dos combates na Revolução de 1923 em São Francisco de Assis - RS (1923), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas, possivelmente filho de José de Bittencourt & Angelica da Fontoura (Azambuja), possivelmente parente de Honorina de Azambuja Cidade, aquela (Júlia Cidade Cezimbra), possivelmente nascida em Bagé-RS e possivelmente criada em Porto Alegre - RS, possivelmente parente de Vasco de Azambuja Cidade & Alexandrina Jardim (de Azambuja Cidade), aquela (Leonor de Sampaio), filha de Antonio Sampaio & Juliana de Miranda Santos], provavelmente casados em Porto Alegre - RS (1887/91), com prole,

Bn 1.3.2 **HONORINA AMBROSINA CEZIMBRA JACQUES (DE SEIXAS)** (n.1854/b.1855-1894) [tendo sido criada (devido à morte prematura da mãe) pela avó paterna Feliciano Maria de Souza (Jacques) (1800-1864), esta, viúva de João Guilherme de Souza Jacques (?-1853 ?), nas segundas núpcias dela, c.c. João

Barbosa de Carneiro Fontoura, este, filho do Mal. João Carneiro da Fontoura & Isabel da Silva, este, filho de Antonio Carneiro da Fontoura & Francisca Veloza, estes, residentes na Freguesia de Santa Maria Maior, Chaves (norte de Portugal, fronteira com a Galícia, noroeste da Espanha), aquele, parente do Brig./Mal. Manoel Carneiro da Silva e Fontoura / Fontoura da Silva (1767-1842) c.c. Francisca Margarita Pereira Pinto (Carneiro), este, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS, auxiliado pelos avós maternos João Antonio da Silva Cezimbra (1804 ?-1884) & Anna Francisca de Souza / Lima (Penna) (Cezimbra) (1808-1873), devido à morte prematura dos pais, aquela (Honorina Jacques Seixas), nascida, batizada e falecida em Santa Maria - RS], em primeiras núpcias dele, c.c. o Cel. **Augusto José de Seixas** (1859/60-1948) [servidor público (*federal*), inspetor do Telégrafo Nacional, engenheiro-chefe de distrito, membro da Comissão de Segurança Pública – 2ª Comissão Intendencial pós Proclamação da República (de 1889 a 1891), um dos fundadores (presidente) da Sociedade de Caçadores de Santa Maria (1899) e do Club *Republicano* Santamariense, conselheiro intendencial/municipal de Santa Maria - RS (em torno de entre 1890 a 1904), membro da Maçonaria em Santa Maria - RS, intendente municipal de São Gabriel - RS, dado a caçadas (exímio atirador, citado por volta de 1932), tendo trabalhado no Mato Grosso (a convite do Mal. Rondon) e provavelmente em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1884) e São Gabriel - RS, provavelmente homenageado (patrono) de turma de formandos da Escola Superior de Medicina Veterinária *São Bento* de Olinda-PE (1923), um dos fundadores do Asilo Mendicidade *Pe. Caetano* (1925), nascido em Caçapava do Sul - RS, filho do Cap. Alexandre José de Seixas (1812/30 ?-1903 ?) & Joaquina Benedicta (de Seixas) (1832-?), estes, possivelmente casados em 1850, ele, possivelmente bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Direito de São Paulo (1839) e/ou militar (oficial: capitão) do Exército, possivelmente filho de Bento Rodrigues de Seixas, este, descendente de imigrante português, vindo com 3 ou 4 filhos, uns dos quais vindos para o sul do Brasil], casados em Santa Maria - RS (1882), com prole,

Bn 1.3.3 **SALUSTIANO CEZIMBRA JACQUES** (1856-1925) [possivelmente servidor público (*federal*), possivelmente militar (oficial provavelmente reformado em 1924) da Marinha, possivelmente cirurgião dentista, possivelmente ligado ao Clube União Caçapavana (por volta de 1900), residente em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente antes também em Caçapava do Sul - RS, tendo sido criado (devido à morte prematura da mãe) pela avó paterna Feliciano Maria de Souza (Jacques) (1800-1864), esta, viúva de João Guilherme de Souza Jacques (?-1853 ?), nas segundas núpcias dela, c.c. João Barbosa de Carneiro Fontoura, este, filho do Mal. Carneiro da Fontoura, este, parente do Brig./Mal. Manoel Carneiro da Silva e Fontoura / Fontoura da Silva (1767-1842) c.c. Francisca Margarita Pereira Pinto (Carneiro), este, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS, auxiliado também pelos avós maternos João Antonio da Silva Cezimbra (1804 ?-1884) & Anna Francisca de Souza / Lima (Penna) (Cezimbra) (1808-1873), devido à morte prematura dos pais, aquele (Salustiano Cezimbra Jacques), possivelmente tenha plantado figueira (das centenárias existentes) em Glorinha-RS (antigamente Distrito do Passo Grande), entre Taquara-RS, Santo Antonio da Patrulha - RS e Gravataí-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), nascido em Santa Maria - RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS] c.c. **Cornelia B. (Jacques)** [residente em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente falecida em Cachoeira do Sul - RS], com prole,

N 1.4 Cap. **JOÃO ANTONIO DA SILVA CEZIMBRA F°** (1834-1902) [possivelmente servidor público, possivelmente militar (oficial) do Exército, tenente do 1º Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional, tendo participado (como tenente) da Campanha contra Oribe e Rosa (1851), possivelmente junto com o tio Antonio Fernandes Penna, 1º coletor de rendas provinciais da hoje Exatoria Estadual em Santa Maria - RS (de 1858 a 1868), um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* de Santa Maria - RS (1874), possivelmente juiz de paz, um dos líderes de São Martinho (hoje São Martinho da Serra - RS), estancieiro (pecuarista), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS e/ou São Luiz Gonzaga - RS (entre 1865 e 1881, aproximadamente), possivelmente morador em Uruguaiana-RS, fronteira com Paso de los Libres, Argentina (antes de 1879), São Martinho da Serra - RS e Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS, possivelmente batizado em Cachoeira do Sul - RS] c.c. **Candida (? Candoca) Pereira da Silva (Cezimbra)** (n.1847/b.1848- f. depois de 1889) [provavelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, emancipado de Santa Maria - RS (1996) e/ou no Município de São Gabriel - RS, oriunda de tradicionais famílias do Rio Grande do Sul, parente do Caudilho e Governador Borges de Medeiros, nascida e batizada em Porto Alegre - RS, possivelmente criada e falecida no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, antes distrito pertencente ao Município de Santa Maria - RS, filha do Maj. Gaspar Pereira da Silva (?- f. depois de 1874) & Candida Pavão de Azambuja (Pereira da Silva) (?-1874 ?), das primeiras núpcias dele, este, vereador: presidente da 2ª Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1861 a 1964), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1880 e 1881), nascido em São Gabriel - RS, filho de Manoel José Pereira da Silva & Emerenciana Antonia Gonçalves Borges, este, estancieiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, dono da Estância *Inhatium*), tendo participado da Revolução Farroupilha (de 1835 a 1845) como tesoureiro geral e constituinte (suplente) da República Rio Grandense, tendo residido no Rio de Janeiro - RJ, tendo uma rua em Cachoeira do Sul - RS com o nome possivelmente em sua alusão, nascido em Laguna-SC, filho do Ten. José Pereira da Silva & Maria da Rosa Gomes, estes, nascidos em Laguna-SC, ela, possivelmente parente de Gomes Freire de Andrade, aquela (Emerenciana Antonia Gonçalves Borges), nascida em Laguna-SC, filha de Antonio Gonçalves Borges (1758-1806) & Joana/Joaquina Rosa Pereira Fortes (n.1758/ b.1759-1806), estes, casados em Rio Pardo - RS (1773), ele, sesmeiro nos municípios de Restinga Seca - RS, São Sepé - RS e São Gabriel - RS, nascido em Lages, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) ou em Rio Pardo - RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de Manoel Gonçalves (Mancebo) (1715 ?-?) & Agueda Maria Simões (1731-1820), estes, nascidos na Freguesia de Lages, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ele, fidalgo açoriano (Mancebo Del Rey), vindo para o Brasil, estabelecendo-se em Santa Catarina (por volta de 1750), aquela (Joana/Joaquina Rosa Pereira Fortes), nascida e falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Pereira Fortes (1731-1820) & Eugenia Rosa Ribeiro, este, sesmeiro na Localidade de Capão Grande: Município de Cachoeira do Sul - RS, nascido na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), estabelecendo-se em Rio Pardo - RS (1752) e falecido em Rio Pardo - RS, filho de João Teixeira d'Águeda (1642 ?-?) & Isabel Nunes (1709-?), este, nascido em Norte Grande, Ilha São Jorge, Açores, ela, nascida na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Açores, filha de Miguel Pereira de Barros & Luzia Simões da Silveira (1709-?), esta, nascida na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Açores, aquela (Eugenia Rosa Ribeiro), nascida na Praia da Vitoria, Ilha Terceira,

Açores, filha de Manoel Fernandes Ribeiro & Catharina de Borba de São Francisco, aquela (Agueda Maria Simões), falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Dias Peixoto & Francisca do Espírito Santo, aquela (Candida de Pavão de Azambuja), nascida em Cachoeria do Sul - RS, filha de Jeronimo Pereira de Oliveira (b.1800-?) & Clemencia Candida Pavão (1802 ?-?), estes, casados em Santa Maria - RS (1821), ele, nascido em Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS), filho de Antonio Pereira de Oliveira & Candida Maria de Menezes e Azambuja, estes, batizados em Santo Amaro - RS, ele, filho de Joaquim Pereira Malta & Maria de Oliveira Dias, estes, batizados em Vilar de Andorinho, Porto (norte de Portugal), aquela (Clemencia Candida Pavão), possivelmente nascida em Santa Maria - RS, filha de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt (1767-1790 ?), estes, dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS e Santa Maria, ele, vindo de São Gabriel - RS (chegado em Santa Maria - RS em 1798), listado em 1812 e mencionado antes mesmo, sesmeiro, possuindo várias sesmarias, inclusive na Localidade de Caiboaté e na Localidade de Pavão, atual Município de São Gabriel - RS (1791), outra sesmaria outorgada em 1806, estancieiro (relacionado em 1834), criador de mula (listado em 1807), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Manoel Pavão Cordeiro & Maria Alves (Cordeiro) ou Pascoa Rodrigues de Oliveira, este, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Pascoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela (Francisca Ignacia da Pureza), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), filha de Manoel Antonio de Bittencourt (1724 ?-1790) & Maria (Bittencourt), estes, da 1ª leva de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, nascidos na Ilha Graciosa, Açores (Portugal), aquela (Candida Maria de Menezes e Azambuja), filha de João Cardoso de Menezes e Souza & Angelica Maria de Menezes (1751-?), este, filho de Francisco Antonio Cardoso de Menezes e Souza & Rita Corrêa de Abreu, este, nascido em Lamego, Distrito de Viseu, Subregião do Douro, antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro (norte de Portugal), filho de Luis Cardoso e Menezes & Elena Teixeira de Castro, aquela (Rita Corrêa de Abreu), nascida em Laguna-SC, aquela (Angelica Maria de Menezes), nascida e batizada em Viamão-RS, filha de Francisco Xavier de Azambuja (1710 ?-?) & Rita de Menezes (1725 ?-?), este, nascido em São Paulo - SP, filho de Manuel de Azambuja (1670 ?-?) & Francisca de Oliveira Leite, este, nascido no Rio de Janeiro - RJ, ela, nascida em São Paulo - SP, aquela (Rita de Menezes), nascida em Cunha-SP, filha de Jeronimo de Ornellas de Menezes e Vasconcelos (1690/91- 1771) & Lucrecia Leme Barbosa (1703 ?-?), estes, casados em Guaratinguetá-SP, (entre 1722 e 1724), ele, vindo para o Brasil, primeiramente, em Minas Gerais e São Paulo, passando por Laguna-SC (após 1727), onde se encontrava pelos idos de 1729, fixando-se definitivamente em Viamão-RS, sesmeiro do Morro de Santana, o primitivo Porto do Dorneles e depois Porto dos Casais, tendo sido, com sua família, o primeiro a povoar as terras hoje ocupadas pela cidade de Porto Alegre - RS, ele, teixando larga descendência (por isto, conforme alguns genealogistas, a metade do Rio Grande do Sul descende de Jeronimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos: doze filhos e cem netos), este, nascido na aldeia de Santa Cruz, próximo e ao sul de Machico, Ilha da Madeira (Região Autônoma de Portugal), e falecido em Triunfo-RS, aquela (Lucrécia Leme Barbosa), nascida em Guaratinguetá-SP], casados em Porto Alegre - RS (por volta de 1861), pais de

Bn 1.4.1 **NAPOLEÃO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1863/b.1864-1921) [secretário da 3ª e 4ª Câmara Municipal de Vereadores do antigo Município de São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS (de 1884 a 1889), juiz comissário de São Martinho (1887 e 1888), colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação/construção (de 1898 a 1904), possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Auracelia / Auracelis / Auracoeli / Aura Celi / Aurea Celia Amelia Mello dos Santos (Cezimbra)** (n.1869/b.1870- f. depois de 1921) [colaboradora (doadora/benfeitora) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação (de 1898 a 1904), nascida no antigo Município de São Martinho (hoje São Martinho da Serra - RS), batizada em São Martinho da Serra - RS e provavelmente falecida em Porto Alegre - RS, filha do Cap. Affonso Antonio dos Santos (1862 ?-1913 ?) & Amelia Virginia de Oliveira Mello (dos Santos) (1849-f. depois de 1913 ?), estes, nascidos e casados em São Martinho da Serra (1867), ele, um dos líderes/colaboradores pró 1ª emancipação de São Martinho da Serra - RS (1877) e colaborador pró melhorias na estrada/picada (perau) de São Martinho (de 1877 a 1881, aproximadamente), vereador (presidente) na 4ª Câmara Municipal de São Martinho (de 1887 a 1889), possivelmente nascido em São José do Norte - RS (em frente ao Rio Grande - RS) e falecido em Santa Maria - RS, filho de Bernardino Antonio dos Santos & Porfíria Inocência Cerqueira / de Siqueira, este, nascido em São José do Norte - RS, aquela (Amelia Virginia de Oliveira Melo dos Santos), proprietária do antigo Casarão dos Mello (hoje em ruínas), São Martinho da Serra - RS, filha do Cel. João Baptista de Oliveira Mello (1800/10/11-1877) & Manoela Pereira dos Santos (Oliveira) (1814-1894), das segundas núpcias deles, estes, casados em Santa Maria - RS (1845), ele, nascido em São Paulo - SP, ela, viúva do Cap. Jeremias José Gonçalves Padilha (?-1844), este, irmão de João Gonçalves Padilha, aquele (João Baptista de Oliveira Mello), comandante superior da Guarda Nacional em São Martinho, participante da Guerra do Paraguai, deputado provincial (um dos primeiros), sesmeiro e estancieiro (pecuarista) em São Martinho da Serra - RS, fazendeiro (pecuarista) com propriedades no Rincão dos ? *Ouverão* e outra próxima ao Rincão das Pedras e Rincão da Lagoa, entre os atuais municípios de São Martinho da Serra - RS e Júlio de Castilhos - RS, com propriedades registradas no livro de registro paroquial de terras de São Martinho (1855), proprietário da Faz. do *Pinhal* (posteriormente vendida pelos herdeiros para João Pereira dos Santos c.c. Emília Corrêa (Pereira dos Santos), vindo depois se instalar a *Jewish Colonization Association – ICA*: Colônia Phillipson, 1º assentamento judaico no Brasil (1904), em terras adquiridas da viúva Emília Corrêa (Pereira dos Santos), área hoje de Itaara-RS: entre Santa Maria - RS e o Distrito de Val de Serra: Município de Júlio de Castilhos - RS, aquele (João Batista de Oliveira Mello), provavelmente tendo mandado construir o Casarão dos Mello (1846), hoje sítio arqueológico (pesquisas da UFSM), cidadão afidalgado, nascido em Parnaíba-SP, filho do Adjudante Antonio (*Papa-terras*) de Mello Rego (1790/99 ?-1846) & Virgília de Oliveira, provavelmente das primeiras núpcias dele, estes, provavelmente casados em São Paulo, ele, tropeiro, criador e negociante de mula, estancieiro na Localidade de Taquarembó, no hoje Rincão dos Melo, entre São Martinho da Serra - RS, Júlio de Castilho - RS e Ivorá-RS, um dos primeiros moradores (a partir de 1818, aproximadamente) do 2º Distrito (São

Martinho) do recém criado Município de Cruz Alta - RS (1834), líder político em São Martinho que acabou dando o nome ao *Rincão dos Mellos*, candidato à vereança tendo concorrido na eleição da 1ª Câmara Municipal de Cruz Alta - RS (1834), possuidor de escravos no posterior Município de Júlio de Castilhos - RS, nascido em Parnaíba-SP e falecido na Faz. das *Duas Árvores*, Rincão dos Melo: Município de Júlio de Castilhos - RS, tendo vindo para o Rio Grande do Sul por volta de 1818 (com registros de padrinhamento na região em 1824), tendo construído a casa da sede em 1832 (incendiada em 1916), posteriormente chamada Estancia Velha, hoje propriedade de Benjamim Henrique Stefanelo, nascido em Parnaíba-SP, filho de Manoel de Oliveira Gracia/Garcez (?-1813) & Bernarda Manoela de Arruda, estes, nascidos em São Paulo (provavelmente em Itu-SP ou Parnaíba-SP), ele, filho de Rafael de Oliveira Leme & Barbara Garcia de Lima, ou aquele (Antonio de Mello Rego), possivelmente filho de ? Pio Antonio de Mello Rego (?-1744 ?) & possivelmente Gertrudes Pedroso Leme ou Anna Gomes Maciel, este, nascido em Curitiba-PR, possivelmente filho do Capitão-mor Regente Joao de Deus de Mello Rego (1677 ?-1771), este, comandante do Regimento de Auxiliares, Provedor dos Reais Quintos e Comissário dos Direitos da Fazenda Real, ela, nascida em Rio Pardo - RS, filha de Francisco Gomes Porto & Esmenia Maria Gomes, este, nascido em Rio Pardo - RS, ela, nascida em Santo Antono da Patrulha - RS, estabelecido e casado em Parnaíba-SP, ou aquela (Antonio de Mello Rego), filho de Antonio Ferreira Alves do Rego, aquela (Manoela Pereira dos Santos), filha de José Joaquim Batista (?-1846) & Francisca Maria Pereira dos Santos (Batista) (?-1846), este, testamenteiro em 1846 (por causa da morte da esposa), proprietário de terras próximo à cidade de Cruz Alta - RS, nascido em Sorocaba-SP e falecido em Cruz Alta - RS, filho de Joaquim Batista de Torres & Mariana Nunes, aquela (Francisca Maria Pereira dos Santos Batista), nascida em Vacaria-RS, filha de João Pereira dos Santos (1742-?) & Mariana Antonia de Jesus (1744-1815), das primeiras núpcias deste, ele, um dos primeiros povoadores de Santa Maria e São Martinho da Serra - RS, sesmeiro e estancieiro nos *Campos de Cima da Serra* (relacionado em 1785), tendo participado do 1º acampamento de militares (*Companhia de Cavalaria Auxiliar de Vacaria*, em 1778/87), em missão de demarcação de fronteiras, marco inicial da fundação da aldeia do Rincão de Santa Maria (atual Santa Maria - RS), proprietário rural na região nos Campos de Cima da Serra, Vacaria-RS, nascido na Villa de Yapó, em Nª Srª da Luz de Coritiba (atual Curitiba-PR) e falecido em São Martinho da Serra - RS, ela, nascida em Parnaíba-SP, aquela (Virgília de Oliveira), nascida em Caçapava, hoje Caçapava do Sul - RS ou em Caçapava-SP, aquela (Mariana Antonia de Jesus), nascida em Parnaíba-SP e falecida em Santa Maria - RS], casados em São Martinho da Serra - RS (1888), com prole,

Bn 1.4.2 AURACELI / AUREA CELIA / AURACOELI /AURACELIA / AURACELIS CEZIMBRA (DO REGO) (1864- f. depois de 1900) [possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascida em Santa Maria - RS, possivelmente falecida no Rio de Janeiro - RJ] c.c. **Manoel Joaquim do Rego** (?-1899 ?) [servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército, possivelmente alferes, possivelmente tendo servido inclusive em Alagoas, possivelmente membro da Comissão de Contas / Conselho Fiscal da Liga Brasileira contra a Tuberculose (em torno de 1901), Rio de Janeiro - RJ, possivelmente parente do homônimo Cel. Manoel Joaquim do Rego, este, possivelmente com passagem por Nossa Vitória de Santo Antônio - PE

(próximo ao Recife-PE), ou possivelmente parente do homônimo Cel. Manoel Joaquim do Rego c.c. Paula Borges Vieira, este, possivelmente parente de Antonio de Mello Rego (1785/95 ?-1848), este, provavelmente possuidor de escravos no posterior Município de Júlio de Castilhos - RS, possivelmente parente de José Pereira do Rego Fº, possivelmente falecido no Rio de Janeiro - RJ], sem filhos,

Bn 1.4.3 **OLGA (DINDA) PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1866/b.1867-?) [exímia doceira em Porto Alegre - RS, possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, possivelmente uma das fundadoras (presidente) da Sociedade (feminina) *Nova Aurora*, Santa Maria - RS (1890), afilhada de Anna Julia Cezimbra, esta, residente em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente possuidora de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1874), aquela (Olga da Silva Cezimbra), nascida e batizada em Santa Maria - RS, falecida em Porto Alegre - RS], solteira, sem filho,

Bn 1.4.4 **OPHELIA/OFÉLIA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1868/b.1873-?) [possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascida e batizada em Santa Maria - RS, falecida em Porto Alegre - RS], solteira, sem filho,

Bn 1.4.5 Cel. **ATALIBA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1870/b.1873-1937) [chefe/subdelegado de polícia e juiz distrital no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, emancipado de Santa Maria - RS), estancieiro (pecuarista) na antiga Localidade de Cezimbra (atualmente compreendendo Campo da Pedra, Capão Grande e adjacências): hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em torno de 1910 e 1920/22), dono da Faz. *Santo Hildebrando*, criador de gado bovino de alta mestiçagem (raças zebuínas (Zebú) e britânicas: Hereford, Polled Angus e Devon), provavelmente tendo herdado terras dos pais e da esposa, integrante do antigo Partido Republicano Castilhistas, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS e provavelmente falecido no trem próximo à Estação de Dilermando de Aguiar - RS], das primeiras núpcias dele, viúvo da parente **Ananiza (Anízia) de Oliveira (Cezimbra)** (n.1874/b.1879 ?- f. entre 1917 e 1924) [provavelmente tendo herdado terra na antiga Localidade de Cezimbra (atualmente compreendendo Campo da Pedra, Capão Grande e adjacências): hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascida no Município de Santa Maria - RS, filha de Hildebrando Teixeira de Oliveira (?-1891) & Joaquina (*Joaquininha*) Pavão (de Oliveira) (f. depois de 1891), estes, residentes em Santa Maria - RS, donos de fazenda no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, casas e terrenos em Santa Maria - RS, com inventário autuado em Santa Maria - RS (1891), tendo como testemunha o Ten. Gabriel dos Santos Moraes (n.1842/b.1844-1909) c.c. Francisca Penna (Santos Moraes) (1848-1908), ele, juiz de paz no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, de 1865 a 1876), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1870 e 1879, aproximadamente), aquele (Hildebrando Teixeira de Oliveira), filho de Evaristo Teixeira de Oliveira & Paulina Anna Teixeira Cezar (de Oliveira), das segundas núpcias dela, estes, casados em Santa Maria - RS (1829), nascidos e falecidos no Município de Santa Maria - RS, ele, filho de José Teixeira de Oliveira, aquela (Paulina Anna Teixeira Cezar), viúva, aquela (Joaquina Pavão de

Oliveira), nascida no Município de São Gabriel - RS, filha do Maj. Joaquim da Costa Pavão (1803-1889) & Luiza de Jesus ou Josephina Amalia Ferreira (?-1889/92), este, um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* de Santa Maria - RS (1874), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1877 e 1878), nascido e falecido em Santa Maria - RS ou São Gabriel - RS, filho de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Antonia da Pureza / Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt (1767-1790 ?), estes, dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS e Santa Maria, ele, vindo de São Gabriel - RS (chegado em Santa Maria - RS em 1798), listado em 1812 e mencionado antes mesmo, sesmeiro, possuindo várias sesmarias, inclusive na Localidade de Caiboaté e na Localidade de Pavão, atual Município de São Gabriel - RS (1791), outra sesmaria outorgada em 1806, estancieiro (relacionado em 1834), criador de mula (listado em 1807), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Manoel Pavão Cordeiro & Páscoa Rodrigues de Oliveira (1740-?), este, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Páscoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela (Josefina Amalia Ferreira), filha do Cap. Manoel Joaquim Ferreira & Joaquina Antonia da Conceição (Ferreira), este, nascido em Lisboa ou Lamego, Distrito de Viseu, Sub-Região do Douro, antiga Região de Trás-os-Montes (norte de Portugal), ela, nascida em Porto Alegre - RS, aquela (Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt), filha de Manoel Antonio de Bittencourt (1724 ?-1790) & Mariana Antonia (de Bittencourt) (1730 ?-?), este, filho de Manoel Pereira de Bittencourt (1700 ?-?) & Catarina Espíndola, aquela (Mariana Antonia de Bittencourt), filha de Manoel Machado Ribeiro & Teresa de Athayde de Bittencourt, aquela (Páscoa Rodrigues de Oliveira), filha de Manoel Rodrigues de Oliveira (?-1751) & Maria Garcia Pereira (1722 ?-1797), aquela (Luiza de Jesus), nascida e falecida em Portugal, aquela (Paulina Anna Teixeira Cezar), filha de Manoel Antonio Teixeira (de Cerqueira Cezar) (1761-1831) & Ignacia/Inácia Maria da Conceição (Teixeira Cezar) (1769/b.1775-1826/28), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (1791), ele, sesmeiro e estancieiro (pecuarista), sesmeiro no antigo Município de Santa Maria - RS (outorga em 1806) e no antigo Rincão de Santa Catarina Nova, no posterior Município de Santa Maria - RS (outorga em 1813), hoje Distrito de Santa Flora, propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras em Santa Maria - RS (1855), tendo comprado de Manoel (*Maneco*) dos Santos Pedroso (?-1816) a posteriormente Fazenda *Sarandi*, (antigo distrito de Xiniguá), hoje encontrando-se esta em terras do Campo de Instrução de Santa Maria (portanto propriedade do Exército Brasileiro), nascido em Cachoeira do Sul - RS ou Rio Pardo - RS, um dos primeiros moradores e povoadores de Santa Maria - RS (provavelmente vindo em 1798), relacionado também em 1810 e 1812 e na 1ª eleição de 1827 (como cidadão *eleitor votante*), criador de mula (citado em 1807) no 2º Distrito Eclesiástico (antigo *Pau Fincado*, hoje municípios de Dilermando de Aguiar - RS e Santa Maria - RS), com sesmarias outorgadas entre 1806 e 1814, tendo comprado a Faz. *São Pedro* (1815) de Manoel dos Santos Pedroso, aquele (Manoel Antonio Teixeira de Cerqueira Cezar), possivelmente oriundo de família vindo de São Paulo - SP à Curitiba-PR e dali para Rio Pardo -

RS, Cachoeira do Sul - RS e então para Santa Maria - RS, falecido em Santa Maria - RS, nascido em São José dos Pinhais - PR (hoje Região Metropolitana de Curitiba), sepultado no Cemitério da extinta Capela, filho de Manoel Teixeira Rocha (1720 ?-?) & Joana Nunes de Abreu (1710 ?-?), estes, vindos de Curitiba-PR, provavelmente nascidos no Arquipélago dos Açores, aquela (Ignacia/Inácia Maria da Conceição Teixeira Cezar), nascida e batizada em Triunfo-RS, irmã de Maria Tereza de Jesus (Pinto) c.c. Manoel Miranda Pinto, estes, pais também de Angelina (? Cezar) (1799-?), ele, furiel do exército, elas (Ignacia/Inácia Maria da Conceição Teixeira Cezar e Maria Tereza de Jesus Pinto), possivelmente nascidas em Porto Alegre - RS, filhas de Ignacio/Inácio Xavier César/Cezar (1735/51 ?-1834) & Rita Pereira de Araújo (1724/54-1823), este, provavelmente nascido em São Paulo - SP, oriundo de família de São Paulo, possivelmente vindo depois para Curitiba-PR, daí para Triunfo-RS, Rio Pardo - RS e Cachoeira do Sul - RS, estancieiro (pecuarista) próximo às antigas localidades de Casa Grande e Faxinal Grande, próximo ao Rio Jacuí, no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS, e então o filho para Santa Maria - RS (possivelmente em 1798, junto com a filha e genro), ele, filho do homônimo Ignacio/Inácio Xavier César/Cezar (1695 ?-1760) & Escholastica da Silva Bueno (1708-?), estes, nascidos e falecidos em São Paulo - SP, ele, pessoa de respeito e autoridade em São Paulo - SP, ocupando importantes cargos, como Juiz de Órfãos e vereador, sempre segundo as leis da nobreza, falecido em São Paulo - SP, terceiro neto (trineto) de Simão Borges de Cerqueira (?-1623), este, casado em 1565, moço da câmara do Rei D. Henrique, tabelião e escrivão de órfãos em São Paulo - SP (desde os últimos anos do séc. XVI), nascido em Mezamfrio (Portugal) e falecido em São Paulo - SP, filho de Belchior Borges de Souza de Louzada & Feliceta de Cerqueira, este, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro de São Tiago, neto paterno de Gaspar Borges de Souza & Teresa Gomes Rebello, este, senhor de Carvalhal, Fidalgo da Casa Real, ela, de origem espanhola, aquele (Belchior Borges de Souza de Louzada), neto materno de Francisco Martins de Cerqueira & Leonor Leme, estes, casados em São Paulo - RS (1592 ?), deixando numerosa descendência, ela, uma das 5 filhas do Cap. Fernão (*o Velho* / ? *Manoel Preto*) Dias Paes (Leme) (1608-1681) & provavelmente Maria Paes Betim (1642-?), este, fazendeiro no hoje Bairro Pinheiros, São Paulo - SP, primeiramente fiscal de vendas de mercadorias, incumbido pela Câmara Municipal de São Paulo - SP (a partir de 1626), posteriormente bandeirante: caçador de índio, ouro e *esmeralda* (posteriormente classificada como *turmalina verde*), tendo participado na Bandeira de Raposo Tavares no Sul do Brasil (1638), tendo atacado a Redução de Apóstolo Pedro e Paulo (1638), próximo à atual Ijuí-RS, e defendido a expulsão dos jesuítas (1640), novamente em nova Bandeira, desta vez no sertão (de 1644 a 1646), colaborador na construção do Mosteiro de *São Bento*, em São Paulo (1650), juiz ordinário (a partir de 1651), tendo promovido a reconciliação entre paulistas e jesuítas (1653), novamente no sertão em busca de índios (provavelmente *Guanãan*), para depois vendê-los (1661), retornando a São Paulo com mais de 4 mil índios, não conseguindo vendê-los, passando a administrá-los numa aldeia às margens do Rio Tietê (1665), recebendo recomendação do Governador para descobrir esmeraldas (1671), começando os preparativos da sua expedição (1672), partindo com 674 homens à caça de ouro e esmeraldas (1674), descobrindo entre cascalhos o primeiro lote de pedras verdes (1681), vindo a falecer nas matas do R. Doce, patriarca/genearca da família *Paes Leme* de São Paulo (Silva Leme, III, 511), descendente de importante família dos primeiros povoadores da antiga Capitania

de São Vicente (posteriormente Província e hoje Estado de São Paulo), filho de mãe (1589 ?-1670), filho de Pedro Dias Paes Leme & Maria Leite da Silva, este, oriundo da Ilha da Madeira, filho de Pascoal Leite Furtado & Isabel Prado, este, nascido em Ilha de Santa Maria (Açores) e vindo para São Vicente - SP (1599), filho de Gonçalo Martins Leite & Maria da Silva, este, filho de Jorge Furtado de Souza & Catarina Nunes Velho, este, fidalgo açoriano, aquela (Maria Leite da Silva), filha de João do Prado (?-1596), este, bandeirante, tendo chegado no Brasil com Martim Afonso de Souza (na 1ª Esquadra de Colonização, em 1531), possivelmente parente de Pedro Álvares Cabral, falecido em Paranaíba-SP, no arraial de João Pereira de Souza Botafogo, este, sesmeiro no Botafogo, Rio de Janeiro - RJ, aquela (Rita Pereira de Araújo), nascida na Freguesia Nova de Triunfo-RS, aquela (Escholastica da Silva Bueno), nascida em Pitangui-MG, filha do Cap. Antonio Ribeiro da Silva & Catarina Bueno de Freitas, este, nascido em Portugal, aquela (Rita Pereira de Araújo), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre)], casados em Santa Maria - RS (1899 ?), com prole,

Bn 1.4.5 Cel. **ATALIBA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1870/b.1873-1937) [chefe/subdelegado de polícia e juiz distrital no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, emancipado de Santa Maria - RS), estancieiro (pecuarista) na antiga Localidade de Cezimbra (atualmente compreendendo Campo da Pedra, Capão Grande e adjacências): hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em torno de 1910 e 1920/22), dono da Faz. *Santo Hildebrando*, criador de gado bovino de alta mestiçagem (raças zebuínas (Zebú) e britânicas: Hereford, Polled Angus e Devon), provavelmente tendo herdado terras dos pais e da esposa, integrante do antigo Partido Republicano Castilhistas, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS e provavelmente falecido no trem próximo à Estação de Dilermando de Aguiar - RS], nas segundas núpcias dele, c.c. **Amelia Machado (Cezimbra)** (1893-1973) [irmã de Amanda (*Mandóta/Dodóta*) Machado, elas, residentes em Santa Maria - RS, nascidas em Silveira Martins - RS ou Santa Maria - RS, filhas de Manoel Machado Ferreira Fº (1845-1912) & Carlota Machado da Silveira (1867-1909), estes, falecidos em Santa Maria - RS, ele, chefe de polícia municipal de Santa Maria - RS (em torno de 1887), filho de Manoel Machado Ferreira & provavelmente Ana Maria da Rocha, este, nascido em Santa Catarina e ela, nascida em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1924), com prole,

Bn 1.4.6 Cel. **ACHYLLES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1872/b.1875-f. depois de 1935) [servidor público, militar (oficial) do Exército, conselheiro municipal de Santa Maria - RS (1908 a 1912), provavelmente auxiliar da Diretoria de Inspeção e Fomento Agrícolas da Secretaria Estadual de Agricultura do Rio Grande do Sul (até 1935, aproximadamente), comerciante (dono de comércio de mercadorias em geral: fazendas, secos e molhados e ferragem, listado em 1922), residente também em Santa Maria - RS, provavelmente nascido no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (antes distrito pertencente à Santa Maria - RS, batizado no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Honorina Chagas (Cezimbra)** (1878 ?-1970 ?) [residente em Santa Maria - RS, possivelmente nascida em Santa Maria - RS, filha de Francisco (Antonio) José das Chagas (n.1863 ?/b.1864 ?-1898) & Maria Manoela (das Chagas) (f. depois de 1899), este, um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* de Santa Maria - RS (1874), vereador em Santa

Maria - RS (de 1877 a 1889, com interrupções), presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1877 a 1880), em cuja gestão instalada a iluminação pública na cidade (1881), curador geral de órfãos (interino) no inventário da Baronesa de Ibicuí (autuado em Santa Maria - RS, Santo Ângelo - RS e Cruz Alta - RS, em 1886/87), subscritor colaborador para com a festa de instalação da Comarca de Santa Maria (integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria, 1878), juiz de paz do antigo 3º distrito, hoje São Pedro do Sul - RS (a partir de 1883), possivelmente comerciante (até 1890), tendo casa e terrenos em Santa Maria - RS, com inventário autuado em Santa Maria - RS (1899), possivelmente batizado em São Martinho da Serra - RS, filho de Francisco Silveira das Chagas & Clorinda Romana da Conceição, este, nascido em Santa Maria - RS, filho de Antonio Silveira de Mattos & Juliana Maria de São Joaquim, estes, falecidos antes de 1864, aquela (Clorinda Romana da Conceição), nascida em Rio Pardo - RS, filha de João Francisco das Chagas (f. antes de 1864) & Felisberta Maria da Conceição, ela, nascida em Rio Pardo - RS, possivelmente parente de Francisco das Chagas, este, sesmeiro (outorga em 1815)], casados em Santa Maria - RS (1898), com prole,

Bn 1.4.7 **ALCIDE CEZIMBRA (CASTELO BRANCO)** (1874-1959) [possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, provavelmente nascida no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (na época, distrito pertencente à Santa Maria - RS), batizada e falecida em Santa Maria - RS] viúva do Prof. **Edmundo Castello Branco (e Silva)** (1865-1922) [servidor público, professor de escola da rede pública de ensino em São Pedro do Sul - RS, Quaraí-RS, Itaqui-RS, São Gonzaga - RS e São Borja - RS (região da fronteira com Uruguai e Argentina, respectivamente), 1º diretor do Grupo Escolar de São Gonzaga - RS (por volta de 1915), denominado Colégio Elementar *Senador Pinheiro* (a partir de 1917), possivelmente (ou tendo um filho ou neto) desportista (remo) no Rio de Janeiro - RJ, possivelmente tendo participado de campeonatos como Yole-Franche no Rio de Janeiro (1920), Regata Internacional no Rio de Janeiro (1922) e Jogos Olímpicos em Paris (1924) e *Skiff* no Rio de Janeiro (1925), possivelmente nascido no Estado de Alagoas e falecido em Santa Maria - RS, possivelmente descendente da Casa de Pombeiro, portanto descendente de Francisco da Cunha Castelo Branco, este, genarca da família Castelo Branco no Brasil, tendo sido Vasco Paes de Castelo Branco c.c. Maria Anes Soares, esta, filha de João Soares da Espada, ele, o primeiro a usar este sobrenome, tomado do lugar de Castelo Branco, onde residia e onde havia vencido grandes batalhas, ao tempo do Rei Afonso IV (1325 a 1337), cujo filho, Pedro I, deu-lhe o título de Alcaide-mor de Monsanto (1337), aquele (Francisco da Cunha Castelo Branco), vindo para o nordeste do Brasil (séc. XVII), filho de Antonio Castelo Branco], com prole,

Bn 1.4.8 **JOÃO (ANTONIO DA SILVA) CEZIMBRA NETTO** (n.1876/b.1884-?) [comerciante em Porto Alegre - RS, possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS e batizado em Santa Maria - RS, possivelmente falecido em Porto Alegre - RS] c.c. **Ida ? Isabel de Aragão (Cezimbra)** (1889 ?-?) [possivelmente falecida em Porto Alegre - RS, possivelmente parente de Simplicio Aragon e Leandro Aragon, estes, filhos de Cypriano Aragon, este, comerciante em São Borja - RS, fronteira com Santo

Tome, Argentina (listado em 1922)], casados em Porto Alegre - RS (1907), com prole,

Bn 1.4.9 Cel. **EURYPEDES/EURIPEDES PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1878/b.1886-?) [possivelmente estancieiro (pecuarista) nos antigos municípios de Cruz Alta - RS e Uruguaiana-RS (listado em 1922), dono da Faz. *Cruz de Pedra*, Município de Uruguaiana-RS, amigo e colaborador do embaixador Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) na importação do plantel de gado vacum da raça *Devon*, vindo de Paissandu, Uruguai (1916), comprado do Dr. Parietti, raça introduzida no Brasil por Joaquim Francisco de Assis Brasil (1906), tendo uma estação ferroviária no Município de Uruguaiana-RS com o nome possivelmente em sua alusão (inaugurada em 1925), nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Manoela Martins Bastos (Cezimbra)** (1880 ?-1964) [possivelmente tendo herdado terra no Município de Uruguaiana-RS, possivelmente nascida em Uruguaiana-RS: fronteira com Paso de los Libres (Argentina), Alegrete-RS ou em São Francisco de Assis - RS, falecida em Porto Alegre - RS, possivelmente irmã de Angelo Martins Bastos (1868-?) c.c. Coryntha Carvalho (Bastos), este, um dos patriarcas dos estancieiros e cabanheiros no Município de Uruguaiana-RS, dono da Faz. *Itapitacay*, Faz. Nazareth (no 2º distrito), dentre outras, criadores de bovino das raças *Durhan (Shorthorn)*, *Hereford* e *Angus* e cavalo da raça *Crioula*, filho de Antonio Martins Bastos (1827-?) & Felisbina Nunes (Martins), este, estancieiro (pecuarista) possivelmente no Município de Uruguaiana-RS, provavelmente próximo ao Rio Quaraí, entre Quaraí-RS e Barra do Quaraí - RS (fronteira com o Uruguai), possivelmente nascido em São Francisco de Assis - RS, possivelmente filho de Antonio Martins Bastos (?-1827) & Maria do Carmo, este, nascido em Guimarães, Distrito de Braga (norte de Portugal) e falecido no posterior Município de São Francisco de Assis - RS, filho de João Martins Bastos & Rosa da Silva, este, possivelmente de origem basca (nordeste da Espanha), ela, nascida em Cachoeira do Sul - RS e batizada em Santa Maria - RS, filha de Victorino Antunes & Anna Maria de Assumpção], sem filhos (biológicos), um adotivo,

Bn 1.4.10 **PLINIO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1880/b.1881- f. depois de 1934) [servidor público em Santa Maria - RS, oficial de justiça (em torno de 1914 a 1934), possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascido em Júlio de Castilhos - RS (possivelmente em São Martinho), batizado no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Rina (Nina) Brasil de Bem (Cezimbra)** (1881- f. depois de 1923 ?) [nascida na Localidade de Passo do Raimundo, hoje Distrito de São Valentin: Município de Santa Maria - RS, filha de João Geroncio de Bem (1861-1923) & Francisca Brasil (de Bem) (1860 ?- f. depois de 1923), este, filho de Balthazar ? Francisco de Bem e Canto (?-1877 ?) & Ricarda de Bem Magalhães, este, possuidor de escravos no Município de Cachoeira do Sul - RS, possivelmente descendente de João Rodrigues de Bem & Maria da Rosa, estes, nascidos na Ilha de Faial, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), parente do Dr. Balthazar Patricio de Bem (1887-?) c.c. Marina Mattos (de Bem), este, intendente de Cachoeira do Sul - RS (de 1912 a 1916), industrialista, proprietário do estabelecimento *Paredão*, deputado estadual, tendo cursado (até o 2º ano) a Escola de Farmácia de Ouro Preto (hoje UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto - MG), bacharel em Medicina no Rio de Janeiro, médico, político, industrialista e fazendeiro

(pecuarista) em Cachoeira do Sul - RS, um dos introdutores de reprodutores puros na região, criador de bovino das raças Devon e Polled Angus, filho de Ten. Cel. Belchior de Bem e Canto & Florinda de Freitas (Bem) (?-1908), estes, falecidos em Cachoeira do Sul - RS, aquele (Balthazar de Bem), possivelmente parente do Alferes Joaquim Thomaz de Bem Salinas (Fº) (1829-1865), este, servidor público, militar (oficial) do Exército e secretário da 1ª Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria - RS (de 1858 a 1860), solteiro, irmão de Joaquina Theodora de Bem Salinas (Brasil) (1822-1885) c.c. Francisco de Assis Souza Brasil (1810-1872), estes, pais do político e embaixador Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1838), aquele (Joaquim Thomaz de Bem Salinas (Fº), nascido em Porto Alegre - RS e falecido em Montevideo (Uruguai), filho do homônimo Joaquim Thomaz de Bem Salinas (1788-1834) & Anna Flora de Bem Salinas (1811-1851), das segundas núpcias dele, este, nascido no Rio de Janeiro - RJ e falecido em Santa Maria - RS, o pai (Joaquim Thomaz de Bem Salinas), nas primeiras núpcias, c.c. Joaquina Theodora do Espírito Santo (de Bem Salinas) (1794-1828), estes, nascidos, batizados e casados (1815) no Rio de Janeiro - RJ, ele, cirurgião e professor régio em Rio Pardo - RS (nomeado em 1820), primeiro professor público de Rio Pardo - RS, com passagem por Porto Alegre - RS, nascido e batizado no Rio de Janeiro - RJ, filho de José Caetano da Silva & Joana Perpetua de Sá, este, boticário cirurgião (médico/farmacêutico prático licenciado e dono de farmácia) no Rio de Janeiro - RJ, ela, falecida em Porto Alegre - RS, filha de Manoel do Espírito Santo Araújo & Maria Joaquina do Rozario Lessa, aquela (Rina Brasil de Bem Cezimbra), irmã de Archimedes Brasil de Bem (1909-1977), aquela (Francisca Brasil), filha de João Thomaz/Tomás da Silva Brasil (1824-1904) & Francisca Gomes de Oliveira (Brasil) (1840-1890), estes casados em Santa Maria - RS (1855), ele, eleitor especial (de 1856 a 1858), representando Santa Maria perante à Câmara Municipal de Cachoeira, e um dos primeiros vereadores do recém criado Município de Santa Maria - RS (de 1858 a 1868), juiz de paz no 1º distrito de Santa Maria (de 1861 a 1880), fiscal da Câmara Municipal de Vereadores (1878), um dos fundadores da Loja Maçônica *Boca do Monte* (1874), um dos fundadores de uma sociedade dramática (em torno de 1880), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, vindo para Santa Maria - RS em 1835, estabelecendo-se na Localidade de Passo do Raimundo, Rincão dos Brasil: entre o hoje Distrito de São Valentin: Município de Santa Maria - RS e o Município de Dilermando de Aguiar - RS (em terras percententes à Família *Pavão*), patriarca da Família *Brasil* em Santa Maria - RS, filho de Anacleto José Gonçalves (1780 ?-1835) & Tomazia Rodrigues/Domingues da Silva, este, nascido em Lisboa ou Porto (Portugal) e falecido em Cruz Alta - RS, aquela (Francisca Gomes de Oliveira Brasil), filha adotiva (exposta na casa) de Mathilde da Costa Pavão (1800-1883), esta, solteira, tendo herdado terra entre os arroios Laranjeira e Taquara, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), falecida na Localidade de Raimundo (hoje Distrito de São Valentin): Município de Santa Maria - RS), filha de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Antonia da Pureza / Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt (1767-1790 ?), estes, dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS e Santa Maria, ele, vindo de São Gabriel - RS (chegado em Santa Maria - RS em 1798), listado em 1812 e mencionado antes mesmo, sesmeiro, possuindo várias sesmarias, inclusive na Localidade de Caiboaté e na Localidade de Pavão, atual Município de São Gabriel - RS (1791), sesmaria outorgada em 1806, estancieiro (relacionado em 1834), criador de mula (listado em 1807), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS,

filho de Manoel Pavão Cordeiro & Pascoa Rodrigues de Oliveira, este, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Pascoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela, possivelmente nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS (1740-?), aquela (Francisca da Pureza), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), filha de Manoel Antonio de Bittencourt (1724 ?-1790) & Maria (Bittencourt), estes, da 1ª leva de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, nascidos na Ilha Graciosa, Açores (Portugal), aquela (Tomazia Rodrigues/Domingues da Silva), provavelmente nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS, aquela (Anna Flora de Bem Salinas), nascida em Taquari-RS], casados em Santa Maria - RS (civilmente: 1921, religioso: 1923), com prole,

Bn 1.4.11 **SCYLLA/SEYLLA/SYLIA CEZIMBRA (DE OLIVEIRA)** (n.1882/b.1887-?) [possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, provavelmente nascida no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (antes distrito pertencente à Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS] c.c. o Alm. **Demetrio Bogado de Oliveira** (1883/85 ?-?) [servidor público (federal), militar (oficial/comandante) da Marinha, aluno do Colégio Militar (em torno de 1900), provavelmente tendo servido no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, comandante da Flotilha do Amazonas (1935), na época em Belém-PA (hoje em Manaus-AM), almirante em 1952, nascido no Rio de Janeiro - RJ ou no Mato Grosso, filho de Cypriano Lucio de Oliveira & Emerenciana Bogado (de Oliveira), estes, nascidos e falecidos no Rio de Janeiro - RJ], casados em Santa Maria - RS (1911), com prole, e

Bn 1.4.12 **PARMENIO PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1885/b.1887- f. depois de 1915) [possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, possivelmente nascido no Distrito de Boca do Monte: Município de Santa Maria - RS, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Francisca Pa(h)im (Cezimbra)** (1889- f. depois de 1915) [nascida em Santo Ângelo - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha de João Francisco da Fonseca Paim & Amalia Valle Machado (Paim), este, nascido em Santo Ângelo - RS, ela, nascida em Santa Maria - RS, possivelmente irmã do Cap. Ignacio Monteiro Valle Machado (1861-1927) c.c. Guilhermina Jacques (Valle Machado) (1871-1939), estes, falecidos em Santa Maria - RS, ele, um dos fundadores do antigo Clube Republicano de São Martinho (1882), possivelmente professor (diretor) da 1ª escola municipal (grupo escolar) de Santa Maria - RS (a partir de 1930)], casados em Santa Maria - RS (1908), com prole,

Bn 1.4.13 **CANDIDA PEREIRA DA SILVA CEZIMBRA** (n.1888/b.1889-1889) [batizada e falecida (criança com um ano de idade) em São Martinho da Serra - RS, sepultada em Santa Maria - RS],

N 1.5 Cap. **JOSÉ ANTONIO FERNANDES CEZIMBRA** (1835-1894) [militar (oficial) do Exército, comandante da 2ª Companhia do Corpo da Guarda Nacional no

G2 de Santo Ângelo, membro da comissão de auxílio aos familiares dos soldados na Guerra do Paraguai, representando o antigo Distrito de São Miguel, na época pertencente ao Município de Cruz Alta - RS (por volta de 1869), possivelmente estancieiro (pecuarista) entre Santo Ângelo - RS e Cruz Alta - RS, tendo comprado terra próximo, provavelmente entre Itaara-RS, Ivorá-RS e Val de Serra: Município de Júlio de Castilhos - RS (lindeiros: pelo sul, com Felizarda Joaquina de Souza, pelo leste, com herdeiros do Alferes Melchior Gularte e pelo oeste, com João Reis), de Anna Ribeiro de Mello, esta, viúva de José Antonio de Siqueira, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1855), residente em Santo Ângelo - RS, nascido e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Clara Julia de Paula e Silva (Cezimbra)** (1835 ?-?) [tendo herdado a Faz. de *São João-Mirim*: Município de Santo Ângelo - RS, residente em Santo Ângelo - RS, irmã do Gal. Firmino de Paula e Silva (1844-1930) c.c. Maria Margarida Coelho das Neves (1854-?), este, provavelmente 1º Intendente de Santo Ângelo - RS (de 1892 a 1896), eles (Clara de Paula e Silva e Firmino de Paula e Silva), possivelmente nascidos e residentes na antiga Faz. de *São Francisco do Pinhal*, Val de Serra: Município de Júlio de Castilhos - RS (próximo aos atuais municípios de São Martinho da Serra - RS e Itaara-RS, por um tempo pertencente ao antigo Município de São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS), filhos do Guarda Mor Francisco (Manoel) (*Chico da Paula*) de Paula e Silva / Barão de Ibicuí (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886), estes, casados em Caçapava do Sul - RS (1829), ele, vereador no Município de Cruz Alta (por volta de 1841), um dos representantes do então 9º distrito (São Martinho) e membro da comissão para auxiliar os guardas nacionais atuados na Guerra do Paraguai (por volta de 1869), tendo chegado a Santo Ângelo - RS (1831/51) na busca de vestígios dos caminhos do tempo dos jesuítas e das riquezas das extintas Missões Jesuíticas, sesmeiro (outorga em 1821) e estancieiro (pecuarista) nos antigos municípios de São Martinho da Serra - RS (posteriormente Júlio de Castilhos - RS), Cruz Alta - RS, Santo Ângelo - RS e São Miguel das Missões (inclusive no atual Município de Santo Augusto - RS), proprietário em São João Mirim, dono, dentre outras, da Faz. *Faxinal*: Município de Palmeira das Missões - RS, da Faz. *Palma* e Faz. *Guaçupi* (ambas por compra), propriedades registradas no Livro de Registro Paroquial de Terras de São Martinho (1855), entre os atuais municípios de Julio de Castilhos - RS e São Martinho da Serra - RS, da Faz. São Francisco do *Pinhal*, atual Município de Júlio de Castilhos - RS, entre Val de Serra e Ivorá-RS, tendo comprado (1829) esta sesmaria de Antonio Rodrigues de Andrade (outorgada em 1821) e vendida (1877) para o Barão de Nonoai, João Pereira de Almeida, ou seu irmão, Cel. Agostinho Pereira de Almeida c.c. Maria do Carmo Mascarenhas Pereira, posteriormente partes loteadas para colônias: *São Francisco de Paula* (1899), *Nova* (1934) e *Pereira de Souza* (1960), área denominada Rincão da Lagoa e posteriormente Três Mártires (por volta de 1941), propriedade posteriormente vendida para Agostinho Pereira de Almeida c.c. Maria do Carmo Mascarenhas (Pereira), cuja sede posteriormente pertencente a Renato Nicolau Muller e a Casa Branca de Gildo Tomazetti, as fazendas de *Monte Alvão*, *São João Mirim*, *Cria Velha / Invernadinha* e campos da *Porta* (potreiros do Pinhal), das Mamorras, da Cavalhada, da Bugiganga, do João Martins: possivelmente Município de Santo Ângelo - RS e/ou Júlio de Castilhos - RS, posteriormente Faz. *Timbaúva / Invernada das Brancas*, Rincão do São Jacó: hoje Município de Chiapetta-RS: regularizada em 1862, cuja casa neste ano construída, herdada pelo filho Gal. Firmino de Paula e Silva (1844-1930), vendida para o Cap. Isidro Kurtz (após a Revolução de 1893), bem como casas e terrenos em Cruz Alta - RS e Santa Maria - RS, guarda-mor das Águas Minerais de Tibagi-PR, vereador em Cruz Alta - RS (a partir de 1841), candidato à vereança tendo concorrido na eleição

da 1ª Câmara Municipal de Cruz Alta - RS (1834), agraciado barão em 1861, condecorado com a Medalha da *Passagem de Humaitá*, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS e Santo Ângelo - RS (entre 1869 e 1877, aproximadamente), agraciado com a Medalha da *Passagem de Humaitá*, tendo contribuído para a construção da Igreja de São José do Pinhal, hoje Itaara-RS (1872), tendo verificado os vestígios dos antigos caminhos dos jesuítas que levavam aos ricos ervais de Inhacora, recompensado com uma concessão de terra pelo serviço, ao sul da estrada que abre entre as vertentes Mochila e São Jacob (1831), tendo uma escola estadual de ensino médio em Taquari-RS com o nome em sua alusão, nascido em Taquari-RS e falecido em Cruz Alta - RS, filho do Cel. Manoel da Silva Jorge (1744 ?-1825) & Antonia Maria de Bittencourt (b.1755-1790), possivelmente das primeiras núpcias deste, eles, casados em 1769, ele, estancieiro (pecuarista) no Município de Taquari-RS (hoje Município de Bom Retiro do Sul - RS), dono da Fazenda dos Silva Jorge, uma das fazendas mais antigas da região, localizada entre as fazendas Capitão Miguel e Pedreira, fundada por Manoel da Silva Jorge, com inventários autuados em Santa Maria - RS, Santo Ângelo - RS e Cruz Alta - RS (1879 e 1886), nascido na Ilha de Faial, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), falecido em Taquari-R, filho de Ignacio da Silveira & Ana Silveira, aquele (Francisco de Paula e Silva / *Chico da Paula* / Barão de Ibicuí), irmão do Cel. João da Silva Machado / Barão de Antonina c.c. Ana Ubaldina do Paraíso Guimarães, aquela (Antonia Maria de Bittencourt), batizada em Rio Pardo - RS e falecida em Taquari-RS, filha do Alferes Jacintho Matheus da Silveira (1728-1810) & Francisca Isabel / Isabel Francisca de Bittencourt (1722- f. antes de 1810 ?), estes, nascidos e casados na Ilha de São Jorge, Açores (por volta de 1750), ele, nascido na Vila do Topo, Ilha de São Jorge, e falecido em Rio Pardo - RS, filho do Alferes Pedro Silveira e Souza (b.1688-?) & Maria de São Pedro (b.1688-?), nas segundas núpcias dela, ele, filho do Cap. Francisco Teixeira Leonardes & Luiza do Espírito Santo da Silveira, aquela (Maria de São Pedro), filha de Balthazar Gonçalves Simões & Maria Sancha de Mendonça, aquela (Francisca Isabel de Bittencourt), nascida na Freguesia de Velas, Ilha São Jorge, Açores, filha do Cap. Francisco Machado Fagundes (1692 ?-1762) & Ursula de São Pedro de Bettencourt (b.1692-?), este, nascido na Ilha de São Jorge e falecido em Triunfo-RS, filho de Braz Pereira de Lemos & Maria de Lemos Machado, aquela (Ursula de São Pedro de Bettencourt), filha de Francisco Bettencourt & Maria Vieira, aquela (Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães), nascida em Cachoeira do Sul - RS ou Caçapava do Sul - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha do Ten. Ricardo José de Magalhães & Maria Mancia de Avelar (Magalhães), este, nascido em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), filho de Bartolomeu Gonçalves de Magalhães & Francisca Tereza de Jesus (Magalhães), este, nascido em Chaves (norte de Portugal), ela, nascida em Mogi das Cruzes - SP, aquela (Maria Mancia de Avelar Magalhães), nascida em Rio Pardo - RS, filha de Antonio da Silveira Avila e Matos & Clara Maria Manso, este, nascido na Ilha de São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, nascida na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis-SC)], casados em Cruz Alta - RS (por volta de 1857), pais de

Bn 1.5.1 PAULINA CEZIMBRA (ANNES DA SILVA) (1858-?) [nascida e batizada na antiga Paróquia de São Martinho, batizada no hoje São Martinho da Serra - RS, possivelmente tendo herdado terra no antigo Município de Cruz Alta - RS] c.c. o primo Alferes **Francisco Annes da Silva / Francisco de Paula e Silva Annes / Francisco da Silva Annes** (1859-?) [fazendeiro (pecuarista) no 2º distrito de Santo Ângelo - RS, tendo herdado (1880) grande parte da Faz. *Monte*

Alvão no antigo Município de Cruz Alta - RS, hoje municípios de Chiapetta-RS e Inhacorá-RS, tendo vendido parte da fazenda a Marçal Dias dos Santos, Heleodoro José Peixoto e Antonio Pires de Almeida (1890), este, possivelmente filho de Antonio Pires de Almeida (b.1788- f. antes de 1856) & Anna Candida de Lima (Pires de Almeida) (1802-?), estes, estabelecidos no Município de Cachoeira do Sul - RS, ele, nascido em São Paulo - SP, e outra parte (adentrando no atual Município de Catuípe-RS) vendida (1903) a Carlos Chiapetta (?-1928) c.c. Victoria Carvalho d'Ávila (Chiapetta) (?-1947), este, imigrante italiano chegado no Brasil estabelecendo-se em São Gabriel - RS (em 1883), falecido na Itália, ela (então viúva), pioneira (através de sua iniciativa) na colonização da região (1936), falecida em Ijuí-RS, aquele (Francisco Annes da Silva / Francisco de Paula e Silva Annes), nascido no Município de Cruz Alta - RS, filho do Cel. Manoel Lucas Annes (n.1821/b.1822-1889) & Maria Ubaldina de Paula e Silva / Maria da Silva (Annes) (1833-1879), estes, casados na antiga Freguesia de São Martinho: entre os municípios de Cruz Alta - RS e Santa Maria - RS (1850/52), ele, comandante do Batalhão de Reserva da Guarda Nacional, tendo participado da Comissão para angariar donativos para as famílias dos integrantes da Guarda Nacional em Guerra contra o Paraguai, colaborador para a construção da Igreja de São José do Pinhal, hoje Município de Itaara-RS: na época pertencente ao Município de Santa Maria - RS (1872), doador da pia batismal da Igreja Matriz (hoje Catedral) de Cruz Alta, secretário da Loja Maçônica *Harmonia* Cruzaltense (1876), fazendeiro (pecuarista) entre os antigos municípios de Santo Ângelo - RS e Cruz Alta - RS, dono da Faz. *Mont'Alvão*, *Santa Tereza* e a Faz. *Gahy/Igaí*, possivelmente na Localidade de Gaí (então 3º distrito, provavelmente próxima à Barragem de Salto de Jacuí), dono de casas em Cruz Alta - RS, com inventário (pela sua morte) autuado em Cruz Alta - RS (1889), tendo doado a pia batismal da Catedral do *Divino Espirito Santo* de Cruz Alta, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santo Ângelo - RS (por volta de 1875), nascido no antigo Povoado de Piratini: Município de Caçapava do Sul - RS ou de Porto Alegre - RS, filho de José Manoel (*Juca*) Lucas Annes (1796-1880) & Anna Pereira da Silva (Lucas Annes) (1798-1893), estes, casados no antigo Povoado de Piratini: Município de Porto Alegre - RS (1815), ele, fazendeiro (pecuarista) no posterior Rincão de Nª Srª, Município de Cruz Alta - RS, vereador (presidente) da Câmara Municipal de Cruz Alta - RS (por volta de 1847), tendo contribuído para a construção da Igreja de São José do Pinhal, hoje Município de Itaara-RS (1872), nascido em Povo Novo: Município de Rio Grande - RS e falecido em Cruz Alta - RS, filho de Manoel Lucas de Oliveira & Anna Maria de Jesus, aquela (Anna Pereira da Silva Annes), nascida no Povoado de Capão Grande (antiga Piratini): Município de Porto Alegre - RS, filha do Alferes Joaquim Correa da Silva & Rosa Maria de Jesus Faria, este, filho de Manoel Correa da Silva & Anna Pereira da Silva Braga, esta, possivelmente neta de João Pereira Braga, este, morador em Campo Largo - PR (desde 1710), com a maioria dos seus descendentes naturais da Lapa-PR (hoje Região Metropolitana de Curitiba), aquela (Rosa Maria de Jesus Faria), filha de Domingos de Faria & Maria Rosa, estes, nascidos na Ilha de Fayal, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquela (Maria Ubaldina de Paula e Silva), nascida no Município de Santo Ângelo - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha de Francisco de Paula e Silva / Barão de Ibicuí (1796-1879) & Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães (1809-1886), estes, casados em Caçapava do Sul - RS (1829), este, tendo contribuído para a construção da Igreja de São José do Pinhal, hoje Itaara-RS (1872), aquelas (Clara de Paula e Silva e Maria Ubaldina de Paula e Silva), irmãs

do Gal. Firmino de Paula e Silva (1844-1930), aquele (Francisco de Paula e Silva / Barão de Ibicuí), estancieiro no antigo Município de Cruz Alta - RS, dono da Faz. do *Pinhal*, dentre outras (inclusive no atual Município de Santo Augusto - RS), agraciado barão em 1861, condecorado com a Medalha da *Passagem de Humaitá*, tendo uma escola estadual de ensino médio em Taquari-RS com o nome em sua alusão, nascido em Taquari-RS e falecido em Cruz Alta - RS, irmão de João da Silva Machado / Barão de Antonina, eles, filhos de Manoel da Silva Jorge/Jordão (1774 ?-?) & Antonia Maria de Bittencourt (1775 ?-?), este, estancieiro no Município de Taquari-RS (hoje Município de Bom Retiro do Sul - RS), nascido na Ilha de Faial, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, filha de Jacintho Matheus da Silveira & Francisca Isabel de Bittencourt, estes, nascidos na Ilha de São Jorge, Açores, aquela (Felicidade Perpetua de Avelar Magalhães), nascida em Cachoeira do Sul - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha do Ten. Ricardo José de Magalhães & Maria Mancia de Avelar], casados depois de 1879, com prole,

Bn 1.5.2 **JOSÉ DE PAULA CEZIMBRA** (1863- f. depois de 1926) [possivelmente candidato à Intendência Municipal de Santo Ângelo - RS (1900), possivelmente tendo herdado terra no antigo Município de Cruz Alta - RS, inventariante de diversos inventários em Santo Ângelo - RS (entre 1903 a 1926), nascido no Município de Cruz Alta - RS], solteiro,

Bn 1.5.3 **ALMERINDA DA SILVA CEZIMBRA (DE ANDRADE)** (1863-?) [possivelmente tendo andado por Cachoeira do Sul - RS, possivelmente tendo herdado terra no antigo Município de Cruz Alta - RS, nascida no Município de Cruz Alta - RS] c.c. **Clarimundo Febronio de Andrade** (1844-?) [servidor público (federal), militar (oficial da Infantaria) do Exército, possivelmente tendo servido inclusive no Ceará, possivelmente servido ou aluno no Col. e Esc. Militar do Ceará (entre 1889 a 1897), possivelmente nascido em Santa Barbara da Encruzilhada, hoje Município de Encruzilhada do Sul - RS, possivelmente filho de Antonio Fibeno de Andrade & Felisberta Rodrigues de Macedo, este, filho de José Custodio de Andrade & Maria Joaquina das Chagas, aquela (Felisberta Rodrigues de Macedo), filha de Antonio Rodrigues de Macedo & Lidovina Rodrigues de Oliveira],

Bn 1.5.4 **FRANCISCO DA SILVA CEZIMBRA** (b.1865 ?-?) [residente em Santo Ângelo - RS, possivelmente tendo herdado terra no antigo Município de Cruz Alta - RS, batizado em Cruz Alta - RS, nascido no Município de Cruz Alta - RS] c.c. **Joana Ribeiro (Cezimbra)** (n.1856/b.1857/n/b.1867 ?-?) [residente em Santo Ângelo - RS, batizada em São Martinho da Serra - RS, possivelmente batizada no Distrito de São Xavier: antigo Município de São Martinho da Serra - RS, filha de Manoel Bernardo/dino Ribeiro & Maria Isabel, este, nascido no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, ela, nascida no Município de Santa Maria - RS ou, na segunda alternativa], com prole, e

Bn 1.5.5 **EUGENIA CEZIMBRA (MACHADO)** (n.1868/b.1870-?) [possivelmente tendo herdado terra no antigo Município de Cruz Alta - RS, nascida no antigo Município de Cruz Alta - RS, batizada na fazenda dos avós (Barão e Baronesa do Ibicuí), posteriormente pertencente ao antigo Município de São Martinho da Serra - RS] c.c. **Laurindo Teixeira Machado** [possivelmente

neto de Laurindo Teixeira Machado (1813-?), este, nascido, batizado e residente em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Antonio Teixeira Machado (b.1778-?) & Anna Maria da Conceição, este, nascido e batizado em Mostardas-RS, filho de Antonio Teixeira Machado & Anna Ignacia do Bonfim (1756-?), este, provavelmente tendo recebido data da terra no Passo da Canastra, Município de Mostardas-RS (1781), esta, filha de Thomé de Souza Matos (n.1715 /b.1715-?) & Rosa Maria (1735 ?-1773), aquela (Anna Maria da Conceição), filha de João Teixeira Brasil (1756-?) & Maria da Conceição (1754-?), estes, nascidos em Rio Grande - RS, ele, imigrante açoriano, possivelmente tendo recebido data da terra em Santo Antonio da Guarda Velha, posteriormente Município de Santo Antonio da Patrulha - RS (1771) e Mostardas-RS (1775)], provavelmente com prole,

? N 1.6 **ANNA JULIA (? ATINA) CEZIMBRA (DA CRUZ)** (1840-1919) [possivelmente batizada e residente em Cachoeira do Sul - RS, possuidora de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira, hoje Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1874), possivelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, falecida em Cachoeira do Sul - RS] c.c. o Ten. Cel. Dr. **Polycarpo Alvares da Cruz** (1830-1909) [possivelmente bacharel em Medicina, servidor público (*federal*), médico militar (oficial) do Exército estabelecido em Rio Pardo - RS (por 2 ou 3 anos, a partir de 1859, aproximadamente) e Cachoeira do Sul - RS (a partir de 1862, aproximadamente), veterano na Guerra do Paraguai, possuidor de escravos (com registro de negócio de escravo em Cachoeira do Sul - RS, em 1881), falecido em Cachoeira do Sul - RS, com inventário autuado em Cachoeira do Sul - RS (1909), provavelmente nascido em Bragança-SP, possivelmente parente de José Alvares da Cruz, este, possivelmente baiano], possivelmente casados em 1878, com prole,

N ? **CEZIMBRA** c.c. **Evaristo Teixeira Cezar**,

CAPÍTULO II

MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES) & PORFIRIO DORNELLES (DE SOUZA) E SILVA

F 2 **MARIA FRANCISCA DE LIMA PENNA (DORNELLES)** (1810 ?-1869/70) [tendo herdado (com a partilha pelo falecimento da mãe, inventário de 1857) terra (e provavelmente comprado outra) na antiga Faz. das *Palmas* (provavelmente próxima a vertentes que deságuam no Rio Jaguari), antigo Distrito de São Xavier, entre os atuais municípios de Tupanciretã-RS, Quevedos-RS, Júlio de Castilhos - RS, São Martinho da Serra - RS, São Miguel das Missões - RS, Santiago-RS, Capão do Cipó - RS, Jari-RS e Jóia-RS, na época pertencente ao Município de Cruz Alta - RS, e na Faz. do *Vacacaí-Mirim* (hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS), possivelmente nascida em Santa Maria - RS, Porto Alegre - RS ou Viamão-RS, batizada em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente falecida em Santa Maria - RS, cujo inventário autuado em Santa Maria - RS (1870)], possivelmente em primeiras núpcias dele, c. c. **Porfirio Dornelles (de Souza) e Silva** (1800-1869/70) [estancieiro (pecuarista) no atual Município de Restinga Seca - RS, tendo herdado terra e comprado outras de Floriano Machado da Silveira, com propriedades registradas no Livro de Registro Paroquial de Terras de Cachoeira (1856), com inventário (com a morte dele) autuado em Cachoeira (1870), proprietário de terras ao sudeste da antiga Colônia de Silveira Martins, próximo ao hoje Distrito de Vale Vêneto: Município de São João do Polêsine - RS e Santa Lucia: Município de Restinga Seca - RS, provavelmente (em direção sudeste) próximo onde hoje está o Distrito Recanto Maestro (antiga Sanga das Pedras): Município de São João do Polêsine - RS, divisa com o Município de Restinga Seca - RS, dono da Faz. da *Restinga Seca*, propriedade hoje possivelmente pertencente à Família Soares de Souza, tendo comprado terra de João Antonio da Silva Cezimbra no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, e na Localidade de Palmas, possivelmente entre os municípios de Santiago - RS, Capão do Cipó - RS, Jari-RS, Tupanciretã-RS, Julio de Castilhos e São Martinho da Serra - RS, com registro no Livro de Registro Paroquial de Terras de São Martinho (entre 1855 e 1857), residente no hoje Município de Restinga Seca - RS, antes Município de Cachoeira do Sul - RS, possuidor de escravos, nascido e batizado no Município de Cachoeira do Sul - RS, possivelmente falecido em Santa Maria - RS, cujo inventário autuado em Santa Maria - RS (1870), irmão de Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853), esta, viúva (das primeiras núpcias dela), de João Fernandes Penna (1769 ?-1814), este, irmão do guarda-mor, e, nas segundas núpcias dela, c. c. José Joaquim Alves Dornelles (1789 ?-1872), este, nascido na Freguesia de N^a Sr^a da *Penha*, hoje Distrito da Penha, Município de São Paulo - SP, aquele (Porfirio Dornelles e Silva), batizado em Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), aquela (Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), nascida e batizada em Santo Amaro (hoje distrito pertencente a General Câmara - RS), aqueles (Porfirio Dornelles e Silva e Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), filhos de Jeronimo José de Ornellas e Souza / Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus de Souza (1768 ?-1827), estes, nascidos em Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS), relativamente próximo à Taquari-RS, casados (por volta de 1785) e falecidos em Cachoeira do Sul - RS em Cachoeira do Sul - RS, ele, estabelecido na região central do Rio Grande do Sul (por volta de 1802), sesmeiro (outorga em 1812) possivelmente no antigo Rincão do Durasnal de Santa Maria do Pilar, região da Lagoa do Parové, Município de Alegrete-RS e sesmeiro e estancieiro (pecuarista) próximo ao Rio Jacuí: Município de Restinga Seca - RS, possivelmente proprietário em Piriquiri, nascido e batizado em Taquari-RS, filho de José Dornelles de Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Triunfo-RS (1764), ele, proprietário de terras em Santo

Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS) e Itaqui-RS (fronteira com Alvear, Argentina), Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de N^a Sr^a do Rosario da Vila Nova do Topo, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, nascidos e casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, imigrante açoriano, patriarca/genearca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, primeiramente estabelecido na Freguesia de São José, hoje Município de São José - SC (Região Metropolitana de Florianópolis), nascido e batizado em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, ascendente dos presidentes da República Getúlio Dornelles Vargas e João Goulart, provavelmente descendente de Alvaro de Ornellas de Saavedra (I), este, fidalgo (por volta de 1415), da casa de Dom João I, rei de Portugal e também fidalgo da casa do infante Dom Henrique, povoador da Ilha da Madeira, aquele (João de Ornellas e Souza), filho de Lázaro Gonçalves e Souza (1668-?) & Isabel do Rosario D'Ornellas (1670 ?-?), este, batizado na Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, filho de Belchior Gonçalves, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, este, possivelmente estancieiro em Viamão (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), aquela (Antonia Maria da Silveira e Souza), nascida em Manadas, Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje Distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Inácio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus e Souza), nascida em Santo Amaro (hoje distrito pertencente a General Camara - RS, antes a Taquari-RS), Rio Pardo - RS ou em Cachoeira do Sul - RS e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza & Maria dos Santos Machado, estes, nascidos nas Ilhas (Arquipélago dos Açores, Região Autônoma de Portugal), aquela (Antonia Maria da Silveira), nascida na Ilha de São Jorge, Açores, aqueles (José Joaquim Alves Dornelles & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), possivelmente parentes de Jeronimo de D'Ornellas / Jeronymo de Ornellas Menezes e Vasconcellos / Hieronimo d'Ornellas de Vasconcellos e Menezes / Jeronimo Dornelles de Vasconcellos Menezes (1690/91-1771) & Lucrecia (Neta) Leme Barbosa (1700 ?-1800), estes, casados em Pádua Guaratinguetá-SP (1723), ele, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, com sesmaria à esquerda do R. Gravataí, incluindo o Porto do Dornelles na Lagoa do Viamão (R. Guaíba) e Rincão de São Francisco (hoje *Alto da Bronze*, centro de Porto Alegre - RS), outorgada em 1740 (registros na Câmara de Laguna-SC), posteriormente estabelecendo-se em Triunfo-RS e em Cachoeira do Sul - RS (hoje Município de Restinga Seca - RS), nascido em Santa Cruz, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Triunfo-RS, filho de João Manoel Pestana de Velosa & Antônia Moniz, aquela (Lucrecia Leme Barbosa), de origem flamenga (sobrenome *Lems*, através dos ramos Lemes, Prados e Raposo Góis), nascida em Guaratinguetá-SP e falecida em Triunfo-RS, aquela (Isabel do Rosario D'Ornellas), nascida na Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, filha de Manoel Dornelas de Mendonça (b.1642-?) & Brazia Gomes Pacheco, estes, casados em Santa Cruz da Vila da Praia (1695), ele, lavrador], casados em Santa Maria - RS (1825), pais de

N 2.1 **PORFIRIO DORNELLES E SILVA Fº/JR.** (1827- f. depois de 1870/86 ?) [estancieiro (pecuarista) no hoje Município de Restinga Seca - RS, tendo herdado terra próximo ao hoje Distrito de Vale Vêneto: Município de São João do Polêsine - RS e Santa Lucia: Município de Restinga Seca - RS, provavelmente (em direção sudeste)

onde hoje está o Distrito Recanto Maestro (antiga Sanga das Pedras): Município de São João do Polêsine - RS, divisa com o Município de Restinga Seca - RS, dono da Faz. da *Restinga Seca*, e também na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, possuidor de escravos, citado no comércio (compra e venda) de escravos provavelmente no Município de Cachoeira do Sul - RS (livro 9: entre 1863 e 1869), possivelmente residente no Município de Cachoeira do Sul - RS ou no Município de Santa Maria - RS (divisa com o hoje Município de Restinga Seca - RS, estancieiro (pecuarista) no Boqueirão da Estiva, hoje Município de Restinga Seca - RS, com registro de propriedade no livro de registro paroquial de terras em Cachoeira (1856), nascido e batizado no Município de Cachoeira do Sul - RS] c.c. **Camilla Candida Pires de Almeida (Dornelles)** (1832 ?-?) [possivelmente nascida em Cachoeira do Sul - RS, provavelmente parente de Fabiano Pires de Almeida (Rincão de Cambacoá) e do Maj. Pedro Pires de Almeida, este, vereador na 1ª Câmara Municipal de Júlio de Castilhos - RS (de 1877 a 1880), filha de Antonio Pires de Almeida (b.1788- f. antes de 1856) & Anna Clara/Claudia/Candida de Lima (1802-?), estes, casados em Porto Alegre - RS (1820), ele, estancieiro (pecuarista) na Localidade de Boqueirão da Estiva: hoje Município de Restinga Seca - RS, próximo ao Rio Vacacaí-Mirim, com propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras de Cachoeira (1856), possuidor de escravos no Município de Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1856), nascido e/ou batizado em Porto Alegre - RS, confirmado (via certidão) em Triunfo-RS, filho de Antonio de Almeida Taques & Dezideria Maria Jacinta Antunes, este, possivelmente relacionado com os tropeiros de Castro-PR, possivelmente parente de Ignacio Taques de Almeida, nascido em Sorocaba-SP, filho de Pascoal Delgado de Moraes & Ignacia Pires de Almeida, estes, nascidos em São Paulo - SP, ele, possivelmente descendente de Antonio de Almeida Taques & Escholastica Paes, este, possivelmente sesmeiro no antigo Município de Botucatu-SP e/ou Sorocaba-SP, no caminho que vai para Iguatemy até o Rio Pardo (SP), e outra sesmaria na picada aberta há muitos anos para o Rio Grande (entre a fazenda do Cap. João Pires e João Álvares), possivelmente nascido em Santana de Parnaíba - SP, filho de Lourenço Castanho Taques (?-1677 ?) & Maria de Lara / de Araújo, esta, filha de José Rodrigues Betim & Mariana de Freitas Azevedo, esta, nascida em São João de Atibaia - SP, aquela (Anna Clara/Claudia/Candida de Lima), nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS, filha de João da Silva Machado (1773/74-1844) & Laureana Rosa de Jesus, este, nascido e falecido em Porto Alegre - RS, aquela (Dezideria Maria Jacinta Antunes), nascida em Triunfo-RS, filha de Salvador Jacinto Antunes & Antonia de Souza, este, nascido em Paranaguá-PR, ela, nascida na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis), portanto aquela (Camilla Candida Pires de Almeida), irmã e concunhada de Benta Pires de Almeida (1835- possivelmente f. depois de 1907) c.c. Ladislao Dornelles e Silva (1829-1907)], possivelmente casados no Município de Cachoeira do Sul - RS, pais de

Bn 2.1.1 **JERONYMO DORNELLES E SILVA** (1854- f. depois de 1905) [um dos testemunhas no testamento/inventário do falecimento de Ladislao Dornelles e Silva c.c. Benta Pires de Almeida (autuado em Bela Vista, 4º distrito de Santo Ângelo - RS em 1905), possivelmente nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, batizado em Santa Maria - RS], possivelmente solteiro,

Bn 2.1.2 **PORFIRIO DORNELLES E SILVA (NETO)** (1856- f. depois de 1915) [residente no hoje Município de Restinga Seca - RS, então 4º Distrito do Município de Cachoeira do Sul - RS, nascido e batizado no Município de Cachoeira do Sul - RS] c.c. **Felisbina de Oliveira Alves (Dornelles)** (1870- f.

depois de 1915) [tendo herdado dois terrenos na Localidade de Jacuí: hoje Município de Restinga Seca - RS, filha de Julião Alves de Oliveira (?- f. antes de 1915) & Maria José de Oliveira (1850-1915), esta, falecida na Localidade de Tres Vendas, então 7º distrito do Município de Cachoeira do Sul - RS, filha de Manoel Dutra de Mendonça & Felisbina Ignacia Soares], com prole,

Bn 2.1.3 **CELESTINA/CELESTIANN/SEBASTIANN/SALUSTIANA CANDIDA DORNELLES** (n.1857/b.1858-?) [nascida e batizada no Município de Cachoeira do Sul - RS, juntamente com Porfirio Dornelles e Silva, padrinhos de Lind., este, filho natural de Umbelina Silveira Menezes],

Bn 2.1.4 **MARIA DORNELLES** (1859/60-1949) [possivelmente nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS e falecida em Santa Maria - RS ou São Sepé - RS],

? Bn 2.1.5 **FRANCISCA CANDIDA (CELESTINO DORNELLES)** (1860/64 ?-?) [possivelmente nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS] c.c. o parente **João Ignacio Celestino Dornelles** (1857-?) [nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, irmão de Ambrozina Celestina Alves (Penna) (1855-1905) viúva de Manoel Fernandes Penna (Neto) (1847-1902), eles, filhos do Cap. Pedro Celestino Alves de Souza (1823-1884) & Anna Rosa Xavier, este, militar (oficial) da Guarda Nacional, estancieiro (pecuarista) no hoje Município de Restinga Seca - RS, possuidor de escravos no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS), tendo herdado e comprado terras no hoje Município de Restinga Seca - RS, entre os rios Vacacaí-Mirim e Vacacaí-Grande, com registro no livro de registro paroquial de terras de Cachoeira (1856), nascido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José Joaquim Alves Dornelles (1789 ?-1872) & Gertrudes Maria de Jesus Dornelles Alves de Souza (b.1789-1853), das segundas núpcias dela, estes, nascidos no Rio Grande do Sul, ele, possivelmente nascido na Freguesia de Nª Srª da *Penha*, hoje Distrito da Penha, Município de São Paulo - SP, eles, descendentes (ela, filha) de Jeronimo José de Ornellas e Souza / Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus de Souza (?-1827), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1785), ele, sesmeiro (outorga em 1812) possivelmente no antigo Rincão do Durasnal de Santa Maria do Pilar, região da Lagoa do Parové, Município de Alegrete-RS, sesmeiro e estancieiro próximo ao Rio Ibicuí e Serra de São Martinho e (outra) próximo ao Rio Jacuí: Município de Restinga Seca - RS, nascido em Taquari-RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José de Ornellas e Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Triunfo-RS (1764), ele, proprietário de terras em Santo Amaro, hoje distrito pertencente a General Câmara - RS, e Itaqui-RS (fronteira com Alvear, Argentina), Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de Nª Srª do Rosario, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, patriarca/genearca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, nascido em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, este, provavelmente filho de Lazaro Gonçalves e Souza & Isabel do Rosario D'Ornellas, este, filho de Belchior Gonçalves, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, aquela (Antonia Maria da Silveira),

nascida na Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Ignacio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus de Souza), nascida e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza & Maria dos Santos Machado],

? Bn ? 2.1.6 **ANTONIO DORNELLES E SILVA** (possivelmente no Município de Tupanciretã-RS),

N 2.2 **LADISLAO DORNELLES E SILVA** (1829-1905) [possivelmente estancieiro (pecuarista) no atual Município de Restinga Seca - RS, possivelmente servidor público (federal), militar (oficial) do Exército, passagem e vínculos com São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS (padrinamento em 1880/82/91), tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*: hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, inclusive um campo que fora da tia Anna Francisca Penna (Cezimbra) (1808-1873) c.c. o Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884), e na antiga Faz. das *Palmas*, antigo Distrito de São Xavier, antigo Município de São Martinho da Serra - RS, residente nos municípios de Cachoeira do Sul - RS e provavelmente depois em Cruz Alta - RS, dono de terra no Boqueirão da Palma, próximo às localidades de Lagoa Vermelha e Espinilho Grande, Município de Tupanciretã-RS, entre Jóia-RS, São Miguel das Missões - RS, Santiago-RS, Capão do Cipó - RS e Jari-RS, próximo ao Arroio/Lageado dos Mellos e a Localidade de Tafona (lindeiros: ao norte, com José Raphael Vieira e Alfredo Dias, ao oeste e sul, com o Cel. Aureliano de Figueiredo Paz, ao leste, com Rufino Pereira da Silva, Felisbino Rodrigues da Silva, Francisca de Mello e Miguel Luiz de Chaves e herdeiros), então 2º distrito de Júlio de Castilhos - RS, portanto a direita e ao norte do Rio Jaguari, possivelmente residente em Santa Tecla, Bela Vista, 4º distrito de Santo Ângelo - RS, na divisa entre os atuais municípios de São Miguel das Missões - RS, Jóia-RS e Tupanciretã-RS, deixando testamento (inventário autuado em Santo Ângelo - RS em 1905), nascido e batizado em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente falecido próximo do atual Município de São Miguel das Missões - RS] c.c. **Benta Pires de Almeida** (1835- f. depois de 1909) [residente e nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS ou Triunfo-RS, filha de Antonio Pires de Almeida & Anna Clara/Claudia/Candida de Lima (1802-?), estes, casados em Porto Alegre - RS (1820), ele, possuidor de escravos no Município de Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1856), nascido em Triunfo-RS, filho de Antonio de Almeida Taques & Dezideria Jacinta Antunes, este, possivelmente relacionado com os tropeiros de Castro-PR, nascido em Sorocaba-SP, possivelmente descendente de Antonio de Almeida Taques & Escholastica Paes, este, possivelmente sesmeiro no antigo Município de Botucatu-SP e/ou Sorocaba-SP, no caminho que vai para Iguatemy até o Rio Pardo e outra sesmaria na picada que tinha sido aberta há muitos anos para o Rio Grande (entre a fazenda do Cap. João Pires e João Álvares), possivelmente nascido em Santana de Parnaíba - SP, filho de Lourenço Castanho Taques (?-1677 ?) & Maria de Lara / de Araújo, esta, filha de José Rodrigues Betim & Mariana de Freitas Azevedo, esta, nascida em São João de Atibaia - SP, aquela (Dezideria Jacinta Antunes), nascida em Triunfo-RS, aquela (Anna Candida de Lima), nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS ou Triunfo-RS, filha de João da Silva Machado (1773/74-1844) & Laureana Rosa de Jesus, este, nascido e falecido em Porto

Alegre - RS, ela, nascida em Viamão-RS, portanto aquela (Benta Pires de Almeida), irmã e concunhada de Camilla Candida de Almeida (Dornelles) (1832 ?-?) c.c. Porfirio Dornelles e Silva Fº/Jr. (1827- f. depois de 1868)], casados no Município de Cachoeira do Sul - RS (1854), provavelmente sem filhos,

? N 2.3 **PORFIRIA FRANCISCA DA SILVA** (1831/32-1872) [provavelmente nascida Município de Cachoeira do Sul - RS, falecida no Município de Cachoeira do Sul - RS], solteira, sem filhos,

CAPÍTULO III

CONSTANCIA FRANCISCA (LIMA) PENNA

F 3 CONSTANCIA FRANCISCA (LIMA) PENNA (1812 ?-1828) [possivelmente nascida e criada em Santa Maria - RS e batizada na Freguesia de N^a Sr^a da Conceição da Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), falecida (adolescente) no posterior Município de Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

CAPÍTULO IV

FLORINDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (BELTRÃO) & JOSÉ MARTINS BELTRÃO (JR./Fº/2º)

F 4 **FLORINDA FRANCISCA (CHIQUINOTA) (LIMA) PENNA (BELTRÃO)** (b.1814-f. antes de 1881 ?) [tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, no entorno da posterior Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, a partir da partilha pela morte da mãe (inventário autuado em Cachoeira do Sul, em 1857), provavelmente nascida em Santa Maria - RS, batizada e falecida em Santa Maria - RS] c.c. **José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º)** (1813 ?- f. entre 1867 e 1881) [possivelmente servidor público (*federal*), militar do Exército, possivelmente tendo participado como testemunha de uma transação de terras de João José Soares no Rincão do Inferno: Município de Cachoeira do Sul - RS (1864), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira do Sul - RS (1867), provavelmente um dos primeiros a possuir prédio de melhores condições (alvenaria) em Cachoeira no início do séc. XIX (possivelmente o pai, que é homônimo, que talvez tenha vindo junto com a família, da Bahia para o Rio Grande do Sul, estabelecido em Rio Pardo - RS ou Cachoeira do Sul - RS), tendo uma rua em Cachoeira do Sul - RS (Bairro *Frota*) com o nome possivelmente em sua alusão (ou ao seu pai ou ainda seu filho, ambos homônimos), estabelecido no Rio Grande do Sul (em torno de 1830), vindo para Santa Maria - RS (por volta de 1827), nascido na antiga Freguesia de São Pedro Velho do Monte da Muritiba, anteriormente pertencente à Cachoeira-BA, posteriormente São Felix (hoje Salvador-BA ou Região Metropolitana de Salvador), e falecido em Santa Maria - RS, filho de José Martins Beltrão & Francisca Maria de Jesus / de São José (Beltrão), estes, pais também de Joaquim Martins Beltrão c.c. Balbina Maria Soares e de Manoel Martins Beltrão c.c. Antonia Maria da Conceição, estes, estabelecidos em Rio Pardo - RS, aquele (José Martins Beltrão), possivelmente falecido em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1831), pais de

N 4.1 **CANDIDA FLORINDA (PENNA) MARTINS BELTRÃO** (1831-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS] possivelmente c.c. **João Antonio de Barcellos** [possivelmente servidor público (*federal*), militar (oficial) da Guarda Nacional, possivelmente vereador de Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1845)],

N 4.2 **MARIA CANDIDA (TIA OCÁ) (PENNA) MARTINS BELTRÃO** (n.1833/34/b.1835-1908) [gêmea de Francisca (*Chica*) Beltrão (n.1834/b.1835-?), provavelmente nascida e batizada em Santa Maria - RS, falecida em Cachoeira do Sul - RS], solteira, sem filhos,

N 4.3 **MARIA FRANCISCA (CHICA) (PENNA) MARTINS BELTRÃO** (n.1834/b.1835-?) [gêmea de Maria Candida (*Tia Ocá*) Beltrão (n.1833/34/b.1835-1908), nascida e batizada em Santa Maria - RS, falecida em Cachoeira do Sul - RS], solteira, sem filhos,

N 4.4 **JOSÉ MARTINS BELTRÃO (3º/NETO)** (1834-1899) [comerciante (bodegueiro de campanha) na Localidade de Carovi: Município de Santiago-RS, entre Santiago - RS e Bossoroca-RS, possivelmente pertencente ao hoje Município de Capão do Cipó - RS, próximo ao hoje Município de São Miguel das Missões - RS, posteriormente mudando-se para a Localidade de Espinilho de Santa Tecla: entre os municípios de Tupanciretã-RS e Jóia-RS, possivelmente tendo migrado para Silveira

Martins - RS (listado em 1882), posteriormente talvez dono de bar e restaurante em Santa Maria - RS, possivelmente morador também em Cachoeira do Sul - RS, advogado prático (rábula) e autoridade policial em Santa Maria - RS, participante da Guerra do Paraguai (entre 1865 a 1869), falecido em Santa Maria - RS], das primeiras núpcias dele, viúvo de **Francellina Loureiro (Beltrão)** (n.1840/b.1841-1875) [nascida e batizada em Rio Pardo - RS e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de José Antonio Loureiro & Francisca da Rosa Loureiro de Deos/Dias ou Francisca de Dias Loureiro, este, possivelmente filho de Antonio José Fernandes Loureiro & Paula Maria / Maria Fausta Marques, aquela (Francisca Rosa Loureiro de Deos/Dias), filha de João de Deus Machado (1761-1820) & Rosa Joaquina de Jesus, este, nascido e falecido em Rio Pardo - RS, filho de José Machado & Anna Maria de São Joaquim (?-1792), este, possivelmente tendo migrado para o Rio Grande do Sul (1852), nascido em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (região autônoma pertencente a Portugal) e falecido em Rio Pardo - RS, aquela (Anna Maria de São Joaquim), nascida em São Pedro, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores e falecida em Rio Pardo - RS], pais de

Bn 4.4.1 Cap. **ARTHUR NAPOLEÃO MARTINS BELTRÃO** (n.1862/b.1864-1930) [servidor público (federal), militar (oficial) do Exército, tendo servido como capitão das forças governistas durante a Revolução de 1893, tomando parte inclusive de outros movimentos revolucionários, possivelmente tendo residido inclusive em Santa Maria, nascido e batizado em Rio Pardo - RS, falecido em São Gabriel - RS] c.c. **Antonia de Oliveira (Beltrão)** (b.1865 ?/b.1866 ?-?) [possivelmente nascida no Município de São Borja - RS, possivelmente filha de Joaquina Paes/Paz de Oliveira], com prole,

Bn 4.4.2 **JOSÉ MARIA (ZECA) MARTINS BELTRÃO** (n.1864/1865-1908) [comerciante, dono de uma gleba de terra no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, residente em Santa Maria - RS (quando solteiro) e posteriormente comerciante na Localidade de Espinilho de Santa Tecla: entre os municípios de Tupanciretã-RS, Jóia-RS e São Miguel das Missões - RS, tendo sido sua casa comercial assaltada durante a Revolução de 1893, obrigando-se a fugir para Santa Maria - RS, abrindo uma casa comercial, onde posteriormente foi instalada uma casa de diversões (*Mocotó*), nascido e batizado em Cachoeira do Sul - RS, falecido no Município de Santa Maria - RS], das primeiras núpcias dele, divorciado (partilha atuada em Santa Maria - RS, em 1898) de **Mafalda (Amabilia) Pereira da Silva de Vargas** (n.1872/b.1873-?) [residente em Santa Maria - RS e Carazinho-RS, nascida na Localidade de Carovi: Município de Santiago-RS, possivelmente pertencente ao hoje Município de Capão do Cipó - RS, posteriormente mudando-se para a Localidade de Espinilho de Santa Tecla: Município de Tupanciretã-RS, possivelmente batizada na Paróquia de Santo Angelo (registrada em São Martinho da Serra - RS), possivelmente filha de Candido José de Vargas & Josepha Maria de Jesus Pereira (de Vargas), estes, residentes e falecidos em Carazinho-RS (com mais de 100 anos de idade)], casados na Localidade de Espinilho de Santa Tecla, antigo Município de São Martinho da Serra - RS, hoje Município de Tupanciretã-RS (1888), com prole,

Bn 4.4.2 **JOSÉ MARIA (ZECA) MARTINS BELTRÃO** (n.1864/1865-1908) [dono de uma gleba de terra no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, residente em Santa Maria - RS (quando solteiro e depois de novo) e posteriormente

comerciante na Localidade de Espinilho de Santa Tecla: entre os atuais municípios de Tupanciretã-RS, Jóia-RS e São Miguel das Missões - RS, tendo sido sua casa comercial assaltada durante a Revolução de 1893, obrigando-se a fugir para Santa Maria - RS, abrindo uma casa comercial e posteriormente uma casa de diversões (*Mocotó*), nascido e batizado em Cachoeira do Sul - RS, falecido no Município de Santa Maria - RS], das segundas núpcias deles, c.c. **Benta da Rosa Du/moncel** [residente em Santa Maria - RS, posteriormente em Porto Alegre - RS e novamente em Santa Maria - RS (em suas terceiras núpcias), filha de Marcolino da Rosa Moncel & Mauricia da Rosa], com prole,

Bn 4.4.3 **JOAQUIM (QUINCA/QUINZÓTE) MARTINS BELTRÃO** [estabelecido no Paraná],

Bn 4.4.4 **JOÃO EVANGELISTA MARTINS BELTRÃO** [falecido no antigo Mato do Abraão (depois Chácara dos Irmãos Maristas), Santa Maria - RS], com prole,

? Bn 4.4.5 **MANOEL MARTINS BELTRÃO** (1874-1874) [possivelmente nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido (criancinha recém nascida) no Município de Cachoeira do Sul - RS],

Bn 4.4.6 **LEONTINA (NENA) MARTINS BELTRÃO** (n.1874/83-1960) [dona de pensão e casa noturna (casa de mulheres) em Santa Maria - RS, possivelmente gêmeo de Manoel Martins Beltrão (1874-1874), nascida e falecida em Santa Maria - RS],

Bn 4.4.7 **ANTONIO MARTINS BELTRÃO** (1875-1875) [possivelmente nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido (criancinha com 5 meses de idade) no Município de Cachoeira do Sul - RS],

N 4 **JOSÉ MARTINS BELTRÃO (3º/NETO)** (1834-1899) [falecido em Santa Maria - RS], em segundas núpcias dele, c.c. **Adelaide Maria de Carvalho (Beltrão)** (1866-possivelmente f. antes de 1899) [nascida no Rio Grande do Sul e falecida em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1885), pais de

Bn 4.4.8/11 **A/OTILIA (CHININHA) BELTRÃO** (n.1878 ?/b.1887-?) [batizada em Santa Maria - RS], das primeiras núpcias dela, c.c. **José Garibaldi Soares** (?-1893) [falecido na Revolução de 1893], com prole,

Bn 4.4.8/11 **A/OTILIA (CHININHA) BELTRÃO** (n.1878 ?/b.1887-?) [batizada em Santa Maria - RS], nas segundas núpcias deles, provavelmente c.c. **Cazuza Costa** [residente na antiga Montanha Russa, zona norte de Santa Maria - RS], sem filhos desta união,

Bn 4.4.8/9 **CECILIA (SANTA) MARTINS BELTRÃO** (n.1885/b.1890-1927) [residente no hoje Bairro Campestre do Menino Deus, zona norte de Santa Maria - RS, nascida e batizada em Santa Maria - RS e falecida em Santa Maria - RS ou Porto Alegre - RS],

Bn 4.4.9/10 **HOMERO BELTRÃO** (1887-1932) [barbeiro em Santa Maria - RS, fundador do conhecido Salão *Homero*, dado à boemia e a carreiras (corridas de cavalo), nascido em Santo Ângelo - RS] c.c. a prima **Manoela Martins Beltrão** (n.1885/b.1890-1984) [nascida e batizada em Santa Maria - RS e possivelmente falecida em Santa Maria - RS ou Porto Alegre - RS, filha de Antonio Martins Beltrão (1837 ?-1896) & Maria Florencia Cassal (Beltrão) (1855-1936) (n.1843/44- possivelmente f. entre 1899 e 1920), este, nascido e falecido em Santa Maria - RS, ela, nascida no Paraguai e falecida em Santa Maria - RS, filha de José Ezequiel Cassal (1830-?) & Maria Thereza Sacione (Cassal) (1834-?), estes, casados no Paraguai (por volta de 1853), ela, possivelmente parente de Inocencio Antonio Cassal, este, advogado em Alegrete-RS, ou de João de Barros Cassal (1858-1903), este, 1º chefe de Polícia do Rio Grande do Sul (após 1889), estabelecido no Mato Grosso (1893), nascido em Alegrete-RS e falecido em Mato Grosso, ou ainda possivelmente filha de Antonio Cassol (1833 ?-?) & Magdalena (Cassol) (1838 ?-?), estes, imigrantes vindos de San Gregório nelle Alpi-Feltre, Província de Belluno, entre as regiões de Veneto, Trentino - Alto Adige e Friuli - Venezia Giulia (norte da Itália) para a Região da Quarta Colônia (1878), Linha Base Norte], casados em Santa Maria - RS (1912), com prole,

Bn 4.4.10/11 **BENTO MARTINS BELTRÃO** (1890 ?-?) [possivelmente servidor público, possivelmente engenheiro agrônomo, possivelmente ligado ao ensino agrícola no Ministério da Agricultura (entre 1925 a 1937, aproximadamente), tendo deixado Santa Maria - RS quando jovem (sem notícias)],

Bn 4.4.12 **JÚLIO BELTRÃO** [residente e falecido em Cruz Alta - RS], com prole,

N 4 **JOSÉ MARTINS BELTRÃO (3º/NETO)** (1834-1899) [falecido em Santa Maria - RS], nas terceiras núpcias dele (ou pai natural), c., pai de

Bn 4.4.13 (**CHIRÚ**) **BELTRÃO** [servidor público (estadual) em Santa Maria - RS, militar policial soldado da Brigada Militar, falecido em Santa Maria - RS],

N 4 **JOSÉ MARTINS BELTRÃO** (1834/60/62 ?-1899) [falecido em Santa Maria - RS], possivelmente c.c. **Marfisa da Silveira (Beltrão)** (possivelmente f. antes de 1899) pais (possivelmente naturais/biológicos) de

Bn 4.4.14 **JOSÉ CANDIDO BELTRÃO** (1889-?) [podendo ser o mesmo *Chirú*, anteriormente citado, nascido em Cruz Alta - RS] c.c. **Anisia Ribeiro (Beltrão)** (1897-?) [filha de ? Cristiano/Cristão Ribeiro & Januaria Mendonça (Ribeiro)], casados em Santa Maria - RS (1919),

N 4.5 Cap. **ANTONIO MARTINS BELTRÃO** (1836-1896) [servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército, veterano da Guerra do Paraguai (entre 1865 e 1869), integrante (capitão) do 4º Batalhão da Brigada Militar (provavelmente um dos corpos provisórios criados na Revolução de 1893), subdelegado de polícia (tenente) em Santa Maria - RS (1879), um dos fundadores da 1ª loja maçônica (*Boca do Monte*) de Santa Maria - RS (1874), residente inclusive no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Maria Florencia Cassal (Beltrão)**

(1855-1936) (n.1844 ?- possivelmente f. entre 1899 e 1920) [estabelecida em Santa Maria - RS após a Guerra do Paraguai (após 1868, aproximadamente), nascida no Paraguai, possivelmente parente de João de Barros Cassal (1859-1903), este, 1º chefe de Polícia do Rio Grande do Sul (após 1889), estabelecido no Mato Grosso (1893), nascido em Alegrete-RS e falecido em Mato Grosso], pais de

? Bn 4.5.1 **ANTONIO MARTINS BELTRÃO** (1868-1869) [possivelmente nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido (criança com 20 meses de idade) no Município de Cachoeira do Sul - RS],

? Bn 4.5.2 **ROSA BELTRÃO (DA COSTA)** (1869 ?-?) [possivelmente nascida no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Maurício da Costa** [provavelmente estabelecido no hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS, antes pertencente ao Distrito da Estação Colônia, posteriormente Camobi (civil: 1909 e religioso: 1921) , possivelmente nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS], casados no hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS (civil: 1909 e religioso: 1921), com prole,

Bn 4.5.3 **ROSALINO MARTINS BELTRÃO** (1874- f. depois de 1905) [escritor (poeta) possivelmente em Santiago-RS, um dos testemunhas no testamento/inventário do falecimento de Ladislao Dornelles e Silva c.c. Benta Pires de Almeida (autuado em Bela Vista, 4º distrito de Santo Ângelo - RS em 1905), provavelmente nascido e batizado em Santa Maria - RS] c.c. a prima **Maria Luiza Medeiros Beltrão** [filha de Francisco Martins Beltrão (1855-1914) & Balbina Medeiros (Beltrão) (n.1862/b.1963- f. depois de 1914 ?), casados em Santa Maria - RS (1885), ele, possivelmente fazendeiro (pecuarista), primeiramente comerciante em Bela Vista, próximo ao hoje Distrito do Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, posteriormente estabelecido em Carovi: Município de Santiago-RS (próximo ao hoje Município de Capão do Cipó-RS), nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido em Santa Maria - RS (recém vindo de Porto Alegre - RS, sepultado em Santiago-RS ou Bela Vista, ela, possivelmente nascida e criada em Uruguaiana-RS, batizada no Município de Itaquí-RS, filha de Sebastião Timotheo de Medeiros (1822-1873) & Maria da Conceição Henriques d' Oliveira (Medeiros) (1825-1898), estes, nascidos em São Borja - RS e falecidos em São Luiz Gonzaga - RS, ele, filho de Francisco de Medeiros & Mathilde Joaquina da Anunciação, este, nascido em Laguna-SC, filho de Manoel de Medeiros e Menezes & Quitéria de Menezes, este, provavelmente descendente de açorianos das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquela (Mathilde Joaquina da Anunciação), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Pedro Felipe Belmonte & Maria Ignacia da Cunha, estes, casados em Rio Pardo, RS em Rio Pardo - RS (1780), este, filho de José de Almança & Anna de Jesus, aquela (Maria Ignacia da Cunha), nascida em Rio Pardo - RS, filha de Diogo Trilho(a) & Susana do Rosário (?-1812), este, nascido em Antequera (Espanha), filho de Bartholomeu Ribeiro & Francisca Garcia, aquela (Susana do Rosário), nascida em Vila do Topo, Ilha de São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Alvares/Alves da Cunha & Maria do Espírito Santo, estes, nascidos na Ilha do Fayal, Açores, ele, relacionado no antigo Porto dos Casais (hoje Porto Alegre - RS), filho de Antonio Alves Flores & Justa da Cunha, este, nascido em Ilha do Fayal, Açores, aquela (Maria do Espírito Santo), filha de

Domingos da Silveira & Margarida Machado, aquela (Maria da Conceição Henriques d' Oliveira Medeiros), filha de Manuel Henriques de Oliveira (1802-?) & Luciana Alves Belmonte, este, nascido em Itapetininga-SP, filho de João Henrique de Oliveira / João Albuquerque Bicudo & Anna do Rosario ou Leme, estes, casados em Itapetininga-SP (1797) e residentes em Curitiba-PR, ele, filho de Antonio Nunes Bicudo & a parente Gertrudes de Albuquerque, das segundas núpcias deles (ela, viúva de José Rodrigues Machado), eles, casados provavelmente em Sorocaba-SP (1776), ele, filho de Lourenço Nunes Bicudo (1695 ?-?) & Maria Ribeiro Leme (1700 ?-?), este, nascido em Jacareí-SP, filho de Tomé Nunes Siqueira & Joana Bicudo, este, nascido em Mogi das Cruzes - SP (hoje Região Metropolitana de São Paulo), aquela (Joana Bicudo), nascida em Guaratinguetá-SP, aquela (Maria Ribeiro Leme), nascida em Sorocaba-SP, provavelmente filha do Ten. Felipe Colaço de Oliveira (?-1739) & Catarina Ribeiro, este, nascido em Itu-SP e falecido em Sorocaba-SP, filho de Manoel Pedroso & Maria Ribeiro, aquela (Anna do Rosario ou Leme), filha de José Leme de Siqueira & Anna Maria de Jesus, aquela (Luciana Alves Belmonte), nascida no Rio Grande do Sul],

Bn 4.5.4 **JÚLIA ACACIA BELTRÃO** (1878/83 ?-1943/45) [nascida em Santa Maria - RS ou Paraguai, falecida em Passo Fundo - RS ou Santo Ângelo - RS] c.c. **Fioravante Brasil Pacheco** (1879-1950) [nascido no Paraguai, possivelmente residente em Passo Fundo - RS, falecido em Santa Maria - RS], casados no Paraguai ou em Santa Maria - RS,

Bn 4.5.5 **JAYME MARTINS BELTRÃO** (1881-?) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) entre os atuais municípios de Tupanciretã-RS, Jóia-RS, São Miguel das Missões - RS, Capão do Cipó - RS e Santiago-RS, proprietário da Faz. *Boqueirão da Palma*, no hoje Distrito de Espinilho Grande: Município de Tupanciretã-RS, entre Jóia-RS, Capão do Cipó- RS e Jari-RS, possivelmente próximo à Fazenda Nacional (criada em 1943) e terras de Marcial Gonçalves Terra, hoje possivelmente propriedade pertencente a Roberto Soldera, este, sojicultor, residente em Cruz Alta - RS, possivelmente parente de Tencio Luiz Soldera, aquele (Jayme Martins Beltrão), nascido em Santa Maria - RS ou Paraguai],

Bn 4.5.6 **ROSAFLOR ACACIA BELTRÃO** (n.1884/b.1888-1924/73) [nascido em Santa Maria - RS, batizado e falecido em Santo Ângelo - RS] c.c. **Inocência Gonçalves Terra** (n.1880/81-1943) [possivelmente colaboradora para o desenvolvimento do Trabalho em Ijuí-RS, nascida em Santo Ângelo - RS e falecida em Campo Grande - MS, filha de Israel Gonçalves Terra (1851 ?-1903) & Joaquina Paz de Freitas (Terra), estes, casados em Santo Ângelo - RS, pais também do Cel. Marcial Gonçalves Terra (1889-?) c.c. Brasilina de Abreu (Terra), este, deputado estadual, estancieiro e industrialista (agropecuarista) principalmente no Município de Tupanciretã-RS, nascido em Taquara-RS e falecido em Santo Ângelo - RS], casados em Júlio de Castilhos - RS (1905), com prole,

Bn 4.5.7 **MANOELA (MANOELINHA) MARTINS BELTRÃO** (n.1885/b.1890-1984) [posteriormente residente em Porto Alegre - RS, nascida e batizada em Santa Maria - RS, possivelmente falecida em Santa Maria - RS ou Porto Alegre - RS] c.c. o primo **Homero Beltrão** (1887-1932) [barbeiro em Santa

Maria - RS, fundador do conhecido Salão *Homero*, dado à boemia e a carreiras (corridas de cavalo em cancha reta, de 100 m), nascido em Santo Ângelo - RS, filho de José Martins Beltrão (1862-1899 ?) & Adelaide Carvalho (Beltrão) (1866-?), estes, casados em Santa Maria - RS (1885), ele, nascido em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1912), com prole,

Bn 4.5.8 **ROSECLER BELTRÃO** (n.1888/b.1891-?) [residente em Tupanciretã-RS, batizado e batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

Bn 4.5.9 **ANTONIO MARTINS BELTRÃO** (n.1890/b.1896-?) [residente na Serra, no Planalto Médio (RS), nascido e batizado em Santa Maria - RS],

Bn 4.5.10 **GRAZIELA (MIMOSA) MARTINS BELTRÃO** (1892-1896) [nascida e falecida (criança de 4 meses) em Santa Maria - RS] e

Bn 4.5.11 **ALONSO MARTINS BELTRÃO** (n.1895/b.1898-?) [residente em Santiago-RS, possivelmente nascido em Santa Maria - RS, batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS] c., possivelmente com prole,

N ? 4.6 **GUILHERMINA OLINDA (MINA) BELTRÃO (DA SILVEIRA)** [nascida em Cachoeira do Sul - RS] c.c. o Prof. **Serafim Antonio da Silveira** [professor no hoje Bairro Campestre do Menino Deus, zona norte de Santa Maria - RS (logo após a ponte do Rio Vacacaí-Mirim), residente em Santa Maria - RS (por volta de 1900) e em Passo Fundo - RS, nascido em Porto Alegre - RS, filho de João Lino da Silveira & Manoela Isadora (da Silveira)], casados em Santa Maria - RS (1881), possivelmente pais de

? Bn 4.6.1 **CORINA BELTRÃO DA SILVEIRA** noiva de **José Antonio Lopes (Jr.)** [possivelmente servidor público (federal), possivelmente militar (oficial) do Exército, possivelmente produtor rural estabelecido no atual Distrito de Santo Antônio: Município de Santa Maria - RS (próximo à São Martinho da Serra - RS), estabelecido em Santa Maria - RS, vindo fugido (passando por Recife) após receber a herança do falecido pai, nascido em Pernambuco, filho (único) de José Antonio Lopes / Barão de Unna c.c. Francisca de Caldas Lins, ele, dono do engenho de açúcar *Bom Jardim*, norte de Pernambuco (próximo à Paraíba), dignitário da Imperial Ordem da Rosa (título referente ao Rio Una), nascido em Pernambuco, ela, filha de Luís José Lins Caldas, provavelmente das primeiras núpcias deste, este, também pai de Francisco de Caldas Lins / Barão de Araçaji e Visconde de Rio Formoso (1828-1897) c.c. Teudelina Silveira (1834-1903), este, fazendeiro e político brasileiro, senhor de engenhos na região do Rio Una, deputado geral por Pernambuco em duas legislaturas (1872 e 1886), tendo sido um dos oito deputados que votaram contra a proposta de lei de 8 de maio de 1888 que extinguiria com a escravidão no Brasil, título de visconde outorgado em 1889, nascido em Pernambuco, filho do segundo casamento de Luís José Lins Caldas com Maria Leopoldina Caldas Lins, aquela (Teudelina Silveira), filha do Henrique Marques Lins / Visconde de Utinga & Antônia Francisca Veloso da Silveira],

Bn4.6.2 Prof. **WALDOMIRO BELTRÃO DA SILVEIRA** [professor envolvido com Educação, tendo a Biblioteca Municipal de Independência-RS (próximo à

Santa Rosa - RS) o nome em sua alusão (anteriormente Biblioteca *Walter Spalding*),

Bn4.6.3 **SOBRAGIL (NEZINHO) BELTRÃO DA SILVEIRA,**

Bn4.6.4 **SANTECLER BELTRÃO DA SILVEIRA,**

Bn4.6.5 **LINDÓIA BELTRÃO DA SILVEIRA,**

? Bn **THOMAZ BELTRÃO DA SILVEIRA** [servidor público, fiscal em Montenegro-AP (por volta de 1906)],

N 4.7 **CAROLINA OLINDA (COCOTA) BELTRÃO (LOPES)** (n.1840/41/b.1848-1919) [nascida e batizada em Cachoeira do Sul - RS, padrinhos: Manoel José Dornelles (?-1853) e Maria Francisca do Carmo Penna, este, filho de Jeronimo José Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus (?-1827), este, sesmeiro (outorga em 1812), proprietário próximo ao Passo dos Filício, aquela (Maria Francisca do Carmo Penna), filha de João Fernandes Penna (1769-1814) & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853)], possivelmente nas primeiras núpcias dele, viúva do ? Cap. **José Antonio Lopes (Jr.)** [possivelmente servidor público (*federal*), possivelmente militar (oficial) do Exército, possivelmente produtor rural estabelecido no atual Distrito de Santo Antônio: Município de Santa Maria - RS (próximo à São Martinho da Serra - RS), estabelecido em Santa Maria - RS, vindo fugido (passando por Recife) após receber a herança do falecido pai, nascido em Pernambuco, filho (único) de José Antonio Lopes / Barão de Unna c.c. Francisca de Caldas Lins, ele, dono do engenho de açúcar *Bom Jardim*, norte de Pernambuco (próximo à Paraíba), dignitário da Imperial Ordem da Rosa (título referente ao Rio Una), nascido em Pernambuco, ela, filha de Luís José Lins Caldas, provavelmente das primeiras núpcias deste, este, também pai de Francisco de Caldas Lins / Barão de Araçaji e Visconde de Rio Formoso (1828-1897) c.c. Teudelina Silveira (1834-1903), este, fazendeiro e político brasileiro, senhor de engenhos na região do Rio Una, deputado geral por Pernambuco em duas legislaturas (1872 e 1886), tendo sido um dos oito deputados que votaram contra a proposta de lei de 8 de maio de 1888 que extinguiria com a escravidão no Brasil, título de visconde outorgado em 1889, nascido em Pernambuco, filho do segundo casamento de Luís José Lins Caldas com Maria Leopoldina Caldas Lins, aquela (Teudelina Silveira), filha do Henrique Marques Lins / Visconde de Utinga & Antônia Francisca Veloso da Silveira] pais de

Bn 4.7.1 **CAROLINA JOSEPHINA BELTRÃO LOPES (BEMBOM)** (1865/66-1896) [provavelmente residente em Santa Maria - RS, falecida em Santa Maria - RS], possivelmente nas primeiras núpcias dele, c.c. **Alfredo Rodrigues Bembom** (f. depois de 1896) [provavelmente residente em Santa Maria - RS, filho adotivo de Manoel Rodrigues Bembom (adotando o sobrenome *Bembom* do pai adotivo) & provavelmente Joaquina Rodrigues da Rocha, este, servidor público, ferroviário (maquinista de trem) da antiga VFRGS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul, posteriormente RFFSA – Rede Ferroviária Federal, do hoje Distrito de Santa Amaro: Município de General Câmara - RS, falecido no vapor *Guaco/Guapo* em Porto Alegre - RS], com prole,

Bn 4.7.2 **JOSÉ ANTONIO LOPES Fº** [residente em Santa Maria - RS] c.c. **Maria Amália de Freitas (Beltrão Lopes)** [residente em Santa Maria - RS, irmã de Adelaide de Freitas (Beltrão Lopes) c.c. Gastão Beltrão Lopes], com prole,

Bn 4.7.3 **GASTÃO BELTRÃO LOPES** [possivelmente residente em Santa Maria - RS] c.c. **Adelaide de Freitas (Beltrão Lopes)** [irmã de Maria Amalia de Freitas (Beltrão Lopes) c.c. José Antonio Lopes Fº], com prole,

Bn 4.7.4 **ARISTARCO BELTRÃO LOPES** [provavelmente nascido no Município de Santa Maria - RS], solteiro,

Bn 4.7.5 **MANOEL PANTALEÃO BELTRÃO LOPES** (n.1875/b.1876-1923) [primeiramente carroceiro no hoje Distrito de Santo Antônio (próximo à Caturrita): Município de Santa Maria - RS, posteriormente comerciante na Localidade de Água Negra: Município de Santa Maria - RS (entre a Caturrita e o Município de São Martinho - RS), entre a Localidade de Caturrita, Distrito de Santo Antônio: Município de Santa Maria - RS e o Município de São Martinho da Serra - RS, dono de armazem rural (*bodega/bolicho*), possivelmente coletor da Exatonia Estadual do Rio Grande do Sul (de 1905 a 1911), provavelmente com investimentos imobiliários na Cidade de Santa Maria - RS, nascido, batizado e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Carolina Holsbach Sguazza (Lopes)** (n.1887/b.1888-1927) [nascida, batizada e falecida em Santa Maria - RS, filha de Elizeu Sguazza (1847/48-1906) & Maria Luiza Holsbach (Sguazza) (1859-1895), das segundas núpcias dela (cujo primeiro casamento, de duração efêmera), estes, imigrantes provavelmente vindos do Tirol do sul, Região de Trentino - Alto Adige (hoje Itália, norte), ele, um dos fundadores da Società Italiana di Mutuo Soccorso (Sociedade Italiana de Mutuo Socorro (1896), ela, falecida em Santa Maria - RS, filha do Cap. Carlos Holsbach & Marcolina de Araujo, este, um dos fundadores (juntamente com João Holsbach) da Deutscher Hilfsverein (Associação de Ajuda Alemã) em Santa Maria (1866), fazendeiro em São João Mirim (Missões), parente de Pedro Holsbach & Anna Maria (? Trein) Vermann (Holsbach), este, comerciante estabelecido em Santa Maria - RS (a partir de 1843, aproximadamente), ou de Nicolau Holsbach & Carlota ? Trein (Holsbach), estes, residentes em Santa Maria - RS], com prole,

Bn 4.7.6 **MARIA BELTRÃO LOPES** (1877-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

Bn 4.7.7 **CRISTIANO BELTRÃO LOPES** (1880 ?-?), solteiro,

? Bn 4.7.8 **JOAQUIM ? BELTRÃO LOPES** (1885-1886) [nascido e falecido (criancinha de 5 meses de idade) em Santa Maria - RS],

Bn 4.7.9 **HOSTELINA LOPES (MARCOLIN)** (n.1886/b.1900-1919) [nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS], possivelmente nas primeiras núpcias dele, c.c. **João Marcolin** (1884 ?-?) [produtor rural e carroceiro no hoje Distrito de Santo Antônio: Município de Santa Maria - RS (entre Santa Maria - RS e São Martinho da Serra - RS)], com prole,

Bn 4.7.10 **MARIA OLIMPIA (NENEZINHA) BELTRÃO LOPES** (n.1887/b.1902-?) [possivelmente residente em Santa Maria - RS, surda-muda, nascida e batizada em Santa Maria - RS], possivelmente solteira,

? N 4.8 **MARIA OLYMPIA BELTRÃO** [possivelmente residente em Santa Maria - RS, com passagem por São Martinho da Serra - RS (possivelmente em evento de compadrio, por volta de 1890)],

? N 4.9 **JOÃO MARTINS BELTRÃO** (1841/42 ?-?) [possivelmente estabelecido no hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS (por volta de 1882)],

N 4.10 **PUDICA (PENNA) MARTINS BELTRÃO** [falecida em Cachoeira do Sul - RS], solteira,

N 4.11 **ARMINDA (PENNA) MARTINS BELTRÃO**, solteira,

N 4.12 **FRANCISCO MARTINS BELTRÃO** (1854/55-1914) [possivelmente fazendeiro (pecuarista), primeiramente comerciante em Bela Vista, próximo ao hoje Distrito do Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, posteriormente estabelecido em Carovi: Município de Santiago-RS (próximo ao hoje Município de Capão do Cipó-RS), nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido em Santa Maria - RS (recém vindo de Porto Alegre - RS, sepultado em Santiago-RS ou Bela Vista), quando solteiro, com mais de uma mulher, pai natural (biólogo) de

Bn1 **MARÇAL BELTRÃO**,

Bn2 **SABINO BELTRÃO** [provavelmente residente em Santa Maria - RS] c.c. **Maria Emília (Beltrão)** [provavelmente residente em Santa Maria - RS], provavelmente casados em Santa Maria - RS (antes de 1904), com prole,

N 4.12 **FRANCISCO MARTINS BELTRÃO** (1854/55-1914) [possivelmente fazendeiro (pecuarista), primeiramente comerciante em Bela Vista, próximo ao hoje Distrito do Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, posteriormente estabelecido em Carovi: Município de Santiago-RS (próximo ao hoje Município de Capão do Cipó-RS), nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido em Santa Maria - RS (recém vindo de Porto Alegre - RS), sepultado em Santiago-RS ou em Bela Vista], quando solteiro ou nas primeiras núpcias dele, com **Candida Martins da Silva Ávila** [nascida no Rio Grande do Sul], pais naturais (biólogos) de

BN 4.12.3 **GABRIELA MARTINS BELTRÃO** (1882-1898) [falecida (adolescente) em Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

BN 4.12.4 **GEORGINA MARTINS BELTRÃO** (n.1884/b.1890-?) [batizada no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

BN 4.12.5 **BRAGANÇA MARTINS BELTRÃO (MENNA BARRETO)** (1885 ?-?) [possivelmente residente em Santa Maria - RS] c.c. Sgtº **Godê Menna Barreto** [servidor público (estadual), policial da Brigada Militar possivelmente em Santa Maria - RS], com prole,

N 4.12 **FRANCISCO MARTINS BELTRÃO** (1854/55-1914) [possivelmente fazendeiro (pecuarista), primeiramente comerciante em Bela Vista, próximo ao hoje Distrito do Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, posteriormente estabelecido em Carovi: Município de Santiago-RS (próximo ao hoje Município de Capão do Cipó-RS), nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, falecido em Santa Maria - RS (recém vindo de Porto Alegre - RS, sepultado em Santiago-RS ou Bela Vista) c.c. **Balbina de Oliveira Medeiros (Beltrão)** (n.1862/b.1963- f. depois de 1914 ?) [possivelmente nascida e criada em Uruguaiana-RS, batizada no Município de Itaqui-RS, filha de Sebastião Timotheo de Medeiros (1822-1873) & Maria da Conceição Henriques d' Oliveira (Medeiros) (1825-1898), estes, nascidos em São Borja - RS e falecidos em São Luiz Gonzaga - RS, ele, filho de Francisco de Medeiros & Mathilde Joaquina da Anunciação, este, nascido em Laguna-SC, filho de Manoel de Medeiros e Menezes & Quitéria de Menezes, este, provavelmente descendente de açorianos das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquela (Mathilde Joaquina da Anunciação), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Pedro Felipe Belmonte & Maria Ignacia da Cunha, estes, casados em Rio Pardo - RS (1780), este, filho de José de Almança & Anna de Jesus, aquela (Maria Ignacia da Cunha), nascida em Rio Pardo - RS, filha de Diogo Trilho(a) & Susana do Rosário (?-1812), este, nascido em Antequera (Espanha), filho de Bartholomeu Ribeiro & Francisca Garcia, aquela (Susana do Rosário), nascida em Vila do Topo, Ilha de São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Alvares/Alves da Cunha & Maria do Espírito Santo, estes, nascidos na Ilha do Fayal, Açores, ele, relacionado no antigo Porto dos Casais (hoje Porto Alegre - RS), filho de Antonio Alves Flores & Justa da Cunha, este, nascido em Ilha do Fayal, Açores, aquela (Maria do Espírito Santo), filha de Domingos da Silveira & Margarida Machado, aquela (Maria da Conceição Henriques d' Oliveira Medeiros), filha de Manuel Henriques de Oliveira (1802-?) & Luciana Alves Belmonte, este, nascido em Itapetininga-SP, filho de João Henrique de Oliveira / João Albuquerque Bicudo & Anna do Rosario ou Leme, estes, casados em Itapetininga-SP (1797) e residentes em Curitiba-PR, ele, filho de Antonio Nunes Bicudo & a parente Gertrudes de Albuquerque, das segundas núpcias deles (ela, viúva de José Rodrigues Machado), eles, casados provavelmente em Sorocaba-SP (1776), ele, filho de Lourenço Nunes Bicudo (1695 ?-?) & Maria Ribeiro Leme (1700 ?-?), este, nascido em Jacaré-SP, filho de Tomé Nunes Siqueira & Joana Bicudo, este, nascido em Mogi das Cruzes - SP (hoje Região Metropolitana de São Paulo), aquela (Joana Bicudo), nascida em Guaratinguetá-SP, aquela (Maria Ribeiro Leme), nascida em Sorocaba-SP, provavelmente filha do Ten. Felipe Colaço de Oliveira (?-1739) & Catarina Ribeiro, este, nascido em Itu-SP e falecido em Sorocaba-SP, filho de Manoel Pedroso & Maria Ribeiro, aquela (Anna do Rosario ou Leme), filha de José Leme de Siqueira & Anna Maria de Jesus, aquela (Luciana Alves Belmonte), nascida no Rio Grande do Sul], casados em Santa Maria - RS (1885), pais de

Bn 4.12.6 **MARIA LUIZA MEDEIROS BELTRÃO** (n.1887/b.1888-?) [nascida no Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS] c.c. o primo **Rosalino Martins Beltrão** (1874- f. depois de 1905) [escritor (poeta), um dos testemunhas no testamento/inventário do falecimento de Ladislao Dornelles e Silva c.c. Benta Pires de Almeida (autuado em Bela Vista, 4º distrito de Santo Ângelo - RS, em 1905), provavelmente nascido e batizado em Santa Maria - RS, filho do Cap. Antonio Martins Beltrão (1836-1896) & Maria Florencia Cassal (Beltrão) (1855-1936) (n.1844 ?- possivelmente f. entre 1899 e 1920), este,

servidor público (*federal*), militar (oficial) do Exército, veterano da Guerra do Paraguai, integrante (capitão) do 4º Batalhão da Brigada Militar (provavelmente um dos corpos provisórios criados na Revolução de 1893), subdelegado de polícia (tenente) em Santa Maria - RS (1879), um dos fundadores da 1ª loja maçônica (*Boca do Monte*) de Santa Maria - RS (1874), residente inclusive no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, falecido em Santa Maria - RS, este, filho de José Martins Beltrão (3º/neto) (1834-1899) & Francellina Loureiro (Beltrão) (1837 ?-1875), das primeiras núpcias dele, este, comerciante (bodegueiro de campanha) na Localidade de Carovi: Município de Santiago-RS, entre Santiago - RS e Bossoroca-RS, possivelmente pertencente ao hoje Município de Capão do Cipó - RS, próximo ao hoje Município de São Miguel das Missões - RS, posteriormente mudando-se para a Localidade de Espinilho de Santa Tecla: entre os municípios de Tupanciretã-RS e Jóia-RS, possivelmente tendo migrado para Silveira Martins - RS (listado em 1882), posteriormente talvez dono de bar e restaurante em Santa Maria - RS, possivelmente morador também em Cachoeira do Sul - RS, advogado prático (rábula) e autoridade policial em Santa Maria - RS, participante da Guerra do Paraguai, falecido em Santa Maria - RS, este, filho de José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881) & Florinda Francisca (*Chiquinota*) (Lima) Penna (Beltrão) (b.1814- f. antes de 1881 ?), estes, casados em Santa Maria - RS (1831), ele, possivelmente servidor público, militar do Exército, possivelmente tendo participado como testemunha de uma transação de terras de João José Soares no Rincão do Inferno: Município de Cachoeira do Sul - RS (1864), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira do Sul - RS (1867), provavelmente um dos primeiros a possuir prédio de melhores condições (alvenaria) em Cachoeira no início do séc. XIX (possivelmente o pai, que é homônimo, que talvez tenha vindo junto com a família, da Bahia para o Rio Grande do Sul, estabelecido em Rio Pardo - RS ou Cachoeira do Sul - RS), tendo uma rua em Cachoeira do Sul - RS (Bairro *Frota*) com o nome possivelmente em sua alusão (ou ao seu pai ou ainda seu filho, ambos homônimos), estabelecido no Rio Grande do Sul (em torno de 1830), nascido na antiga Freguesia de São Pedro Velho do Monte da Muritiba, anteriormente pertencente à Cachoeira-BA, posteriormente São Felix (hoje Região Metropolitana de Salvador), e falecido em Santa Maria - RS, filho de José Martins Beltrão & Francisca Maria de Jesus / de São José (Beltrão), estes, pais também de Joaquim Martins Beltrão c.c. Balbina Maria Soares e de Manoel Martins Beltrão c.c. Antonia Maria da Conceição, estes, estabelecidos em Rio Pardo - RS, aquele (José Martins Beltrão), possivelmente falecido em Santa Maria - RS, aquela (Francisca Penna Beltrão), tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, no entorno da posterior Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, a partir da partilha pela morte da mãe (inventário autuado em Cachoeira do Sul, em 1857), provavelmente nascida em Santa Maria - RS, batizada e falecida em Santa Maria - RS, filha do Guarda-mor Manoel Fernandes Penna (1776/77-1841) & Francisca de Lima (Penna) (1788-1857), este, nascido em São Salvador de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filho de Antonio José Fernandes de Azevedo & Maria Alves da Conceição, aquela (Maria Florencia Cassal Beltrão), nascida no Paraguai, vinda durante o final da Guerra do Paraguai (por volta de 1868), aquela (Francellina Loureiro Beltrão), nascida em Rio Pardo - RS e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de José Antonio Loureiro & Francisca de Dias (Loureiro)], com prole,

Bn 4.12.7 **FRANCISCO (CHICO/CHIQUINHO) DE MEDEIROS BELTRÃO** (n.1889/b.1902-1959) [possivelmente fazendeiro (pecuarista), possivelmente gêmeo com Maria da Conceição Medeiros Beltrão (n.1889/b.1902-?), nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, falecido em Porto Alegre - RS] com **Conceição (Cotinha) Pereira (Beltrão)**, tendo filho natural (biológico),

Bn 4.12.7 **FRANCISCO (CHICO/CHIQUINHO) DE MEDEIROS BELTRÃO** (n.1889/b.1902-1959) [possivelmente fazendeiro (pecuarista), possivelmente gêmeo com Maria da Conceição Medeiros Beltrão (n.1889/b.1902-?), nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, falecido em Porto Alegre - RS] c.c. **Celina Fagundes (Beltrão)** (1891 ?-?) [possivelmente dona de pensão, possivelmente nascida em Alegrete-RS, falecida em Porto Alegre - RS, possivelmente aparentada com Bonesso, este, tendo servido no Exército em São Luiz Gonzaga - RS, filho de Angelo Bonesso, eles, possivelmente avós de Francisco Beltrão Bonesso, ela, possivelmente filha de Americo Joze Fagundes & Maria Amalia Pereira Nunes, este, filho de Jozefredo Pereira Nunes & Dorothea Pereira Nunes], com prole,

Bn 4.12.8 **MARIA DA CONCEIÇÃO MEDEIROS BELTRÃO (CHAVES)** (n.1889/b.1902-1935 ?) [possivelmente gêmea com Francisco de Medeiros Beltrão (n.1889/b.1902-?) c.c. Celina Fagundes (Beltrão), ou gêmea com Maria das Dores Medeiros Beltrão (n.1889/99/b.1902-1955 ?), nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, sepultada em Carovi: Município de Santiago-RS], possivelmente nas segundas núpcias deles, c.c. **Ismael Chaves** [possivelmente abastado, possivelmente parente do Comendador Ismael Chaves Barcellos (1905-?), este, tendo nome de ruas em Guaíba-RS, Porto Alegre - RS e Caxias do Sul - RS, nascido em Porto Alegre - RS], sem filhos,

Bn 4.12.9 **MARIA DAS DORES (DOLORES/DORZINHA) MEDEIROS BELTRÃO (SILVA)** (n.1889/99/b.1902-1955 ?) [possivelmente gêmea com Maria da Conceição Medeiros Beltrão (n.1889/b.1902-?), residente em Santiago-RS, nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS], possivelmente nas segundas núpcias deles, c.c. **Horácio (Chino) do Nascimento e Silva** [possivelmente militar (oficial) do Exército (por volta de 1909), residente em Santiago-RS], com prole,

Bn 4.12.10 **JUSTINO DE MEDEIROS BELTRÃO** (n.1894/b.1902-1971 ?) [residente em São Luiz Gonzaga - RS, nascido e batizado em Santa Maria - RS] c.c. **Vidalvina da Silva (Beltrão)** [residente em São Luiz Gonzaga - RS], com prole,

Bn 4.12.11 **AMPARO DE MEDEIROS BELTRÃO** (n.1897/b.1899-1954 ?) [membro do Diretório Municipal do PSD – Partido Social Democrata, em coligação com PRR, PRL e PL (por volta de 1945) em Santiago-RS, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, falecido em Santiago-RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Herondina Uflacker Beck (Beltrão)** (1897 ?-?) [possivelmente nascida em Santo Ângelo - RS e possivelmente falecida em Santiago-RS, filha do Maj. Frederico Beck (1853-1918) & Henriqueta Uflacker (Beck) (1861-?), estes, casados em Santo Ângelo - RS (1881), ele, filho de Andreas/André Beck (1820-?) & Isabel (Beck), este, nascido em Gelnhaar,

Oberhessen, Hessen (norte da Alemanha) e falecido em Santa Ângelo - RS, filho de Johann Beck & Elizabetha Sievert (Beck), aquela (Henriqueta Uflacker Beck), nascida em Cruz Alta - RS, filha de Johann Heinrich Christian Bernstorff Uflacker (1799-1872) & Charlotte Juliana Elisabeta Krueel (Uflacker) (1819-?), estes, casados na Feitoria Velha, São Leopoldo - RS, hoje Região Metropolitana de Porto Alegre (1834), ele, imigrante chegado na Sumaca Nova Sociedade (1826), agricultor no Município de Bom Jardim - RS, evangélico luterano, nascido em Ohrun, Hildesheim, Hannover (norte da Alemanha), e falecido em Cruz Alta - RS, filho de Johann Bernstorff Uflacker & Bernhardine Sande (Uflacker), aquela (Bernhardine Sande Uflacker), irmã de Johann Jacob Sander ?, aquela (Juliana Elisabeta Krueel Uflacker), tendo emigrado com 8 anos de idade, nascida em Baumholder, Saxônia Coburgo (norte da Alemanha), batizada na Igreja Evangélica Luterana, filha de Carl Ludwig Wilhelm Krueel & Julianna Bier (Krueel)], com prole,

Bn 4.12.12 **GODOFREDO DE MEDEIROS BELTRÃO** (n.1900/b.1902-1922 ?) [tendo servido no Exército em Santiago-RS, nascido e batizado em Santa Maria - RS, falecido no Município de Carovi-RS ou em Santiago-RS], solteiro, sem filhos,

Bn 4.12.13 **ANTÃO MEDEIROS BELTRÃO** (n.1902/b.1903-1981 ?) [fazendeiro (pecuarista), residente em Santiago-RS e Tupanciretã-RS (por volta de 1922/23), tendo uma rua em Santiago-RS com o nome em sua alusão, nascido e batizado em Santa Maria - RS, falecido em Santiago-RS] c.c. **Olivia Chaves Chagas (Beltrão)** (1903 ?-f. antes de 1969) [filha de Feliz Chaves & Rita Chaves de Lima, estes, residentes no posterior Município de Tupanciretã-RS], possivelmente casados no posterior Município de Tupanciretã-RS (por volta de 1922), com prole,

Bn 4.12.14 Cap. **EUFRIDES MEDEIROS BELTRÃO** (1904-1961) [comerciante no Município de Santiago-RS, participante (com destaque de bravura) na marcha da *Coluna Prestes*, comandante da retaguarda na retirada para a Bolívia, um dos fundadores do Aeroclube de Santiago-RS (1940), piloto (1ª turma de piloto de Santiago-RS), residente primeiro em Santiago-RS e posteriormente em Santa Maria - RS, provavelmente nascido em Santiago-RS, falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Juracy de Souza (Beltrão)** (1915-2006) [provavelmente empresária (comerciante) em Santa Maria - RS, dona de loja de confecções femininas, espírita (cardécista), nascida no Município de São Borja - RS, filha de Belizario (*Belica*) Souza & Balbina Rocha (Souza) (1888-1983), ela, tendo herdado terra na Vila Belizario Souza, próximo a URI – Universidade Regional Integrada, Santiago-RS, falecida na casa de um(a) filho(a) em Jaguari-RS], com prole,

Bn 4.12.15 **ROSALVO MEDEIROS BELTRÃO** [fazendeiro (pecuarista), possivelmente no Município de Santiago-RS, residente em Bossoroca-RS, possivelmente nascido no Município de Santiago-RS ou Santa Maria - RS] c.c. **Celina Amaral (Beltrão)** [residente em Bossoroca-RS], com prole,

Bn 4.12.16 **DELMIRA MEDEIROS BELTRÃO** [possivelmente nascida no Município de Santiago-RS ou Santa Maria - RS, possivelmente irmã de Balbina Souza], solteira,

Bn 4.12.17 **CANDIDA MEDEIROS BELTRÃO** [possivelmente nascida no Município de Santiago-RS ou Santa Maria - RS, possivelmente irmã de Balbina Souza], solteira,

Bn ? 4.12.18 **JANEL BELTRÃO** [falecida em Porto Alegre - RS], provavelmente solteira,

possivelmente avós de

? Bn/Tn **ANNIBAL BELTRÃO BRUSTOLONI** (1885 ?-1954/57 ?) [comerciante (com três filiais: duas no 4º distrito e uma no 3º distrito) e fazendeiro (pecuarista) no 1º distrito do Município de São Luiz Gonzaga - RS, Região das Missões (listado em 1922), dono da Faz. do *Cerro*, possivelmente falecido em Porto Alegre - RS],

CAPÍTULO V

JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO) & FRANCISCO RIBEIRO PINTO

F 5 **JERONYMA FRANCISCA DE LIMA PENNA (PINTO)** (b.1816-1889) [residente em Santa Maria - RS, tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, no entorno da Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, a partir da partilha pela morte da mãe, inventário autuado em Cachoeira do Sul - RS (1857), provavelmente nascida em Santa Maria - RS ou Cachoeira do Sul - RS, batizada e falecida em Santa Maria - RS, sepultada no Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria] viúva de **Francisco Ribeiro Pinto** (1807/08-1868) [escrivão da vara da Comarca de Santa Maria - RS (aproximadamente, entre 1864 e 1868), cidadão eleitor (o mais votado), 1º juiz de paz e presidente da Assembléia Paroquial (1846), representando Santa Maria perante à Câmara Municipal de Cachoeira, vereador de Santa Maria (4º distrito) à Câmara de Cachoeira (de 1847 a 1852), eleitor especial (escolhido em 1847, presidente da mesa eleitoral), membro da Comissão para a Construção do Cemitério *Extramuros* de Santa Maria: pró mudança do cemitério da antiga matriz (em torno de 1857) e da Comissão pró reforma e melhoramento da antiga Rua do Comércio, hoje Rua Dr. Bozzano (1861), secretário da Câmara Municipal de Santa Maria (aproximadamente de 1862 a 1868), com passagem por São Martinho da Serra - RS (padrinhamento, por volta de 1857), dono de terras no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (cultivadas desde 1848), provavelmente entre a atual Faz. da Palma, Val de Buia e Faxinal da Palma, e casas e terrenos em Santa Maria - RS, com propriedades registradas no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1854-56), possivelmente vindo de Santa Catarina mas possivelmente nascido no Rio de Janeiro, falecido em Santa Maria - RS, filho de Antonio Ribeiro Guimarães Pinto & Cláudia Maria Pereira, ela, filha de Ignacio/Inácio Pereira, aquele, possivelmente parente também de Joaquim Ribeiro Pinto c.c. Maria Clara de Jesus, estes, casados em Santa Maria (1828), este, filho de Ignacio Nunes Ribeiro, ela, possivelmente filha de José (Maria) Rodrigues, aqueles (Francisco Ribeiro Pinto e Jeronima Francisca de Lima Penna), possivelmente avós ou bisavós de Francisco (*Chico*) Ribeiro (1901-1996), este, funcionário (escriturário) da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea (durante 27 anos, até sua aposentoria), jornalista e escritor (poeta lírico) de Santa Maria - RS, diretor da Biblioteca Pública Municipal de Santa Maria, nascido e falecido em Santa Maria - RS, tendo vários de seus poemas publicados em jornais como o *Correio do Povo*, *A Razão* e *O Independente*, tendo sido publicadas suas duas obras: *Filosofia Campeira* e *Versos de Campo Aberto* (1964/1990) e *Antologia Poética* (1988), publicadas pela Associação Santa-Mariense de Letras, da qual foi sócio-fundador e presidente honorário, sendo a temática da poesia ribeiriana é ampla e abriga desde episódios da lida campeira do gaúcho até a evocação de problemas sociais e políticos, de modo que sua obra pode ser dividida nas linhas lírica, satírica-social e campeira, destacando-se ainda a quantidade de poemas que permanecem sem publicação, fato que estimula a Universidade Federal de Santa Maria a desenvolver projetos visando sua publicação, e possivelmente trisavós de Antonio Cândido (*Candinho*) de Azambuja Ribeiro (1950-), este, bacharel em Direito pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (1974), tendo cursado (mas não concluído) Administração, Comunicação Social e Letras (Habilitação: Português), provavelmente servidor público, procurador seccional da Fazenda Nacional em Santa Maria - RS (desde 1993), advogado, professor (de cursinho prévestibular), jornalista e escritor (poemas, prosas e crônica, bem como ultimamente ficção/novela) em Santa Maria - RS, tendo fundado do *Jornal Piripiri* (UFSM), apresentador da TV Câmara, atualmente comentarista no *Redação Aberta*, *Rádio Universidade* (UFSM), e debatedor no *Sala de Debates*, *Rádio Antena 1*, membro da

diretoria (secretário, conselheiro e presidente) da ASL – Associação de Letras Santamariense, integrante (representante do segmento de Letras e vice-presidente) e membro honorário (a partir de 2005) do Conselho Municipal de Cultura de Santa Maria, premiado em inúmeros concursos, incluindo o Concurso Literário Felipe d'Oliveira, aparecendo seus escritos nas antologias Recortes do Cotidiano (1989), Antologia em Prosa e Verso II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X e XI (publicadas entre 1996 e 2005), Da Boca Monte (2000), O Apito do Trem (2002), Trem dos Onze (2004), Encanto de Criança (2007), A Nona Assassina (2007), O Maquinista Daltônico (2008), Os Dez Mandamentos (2008), A Frase do Dr. Raimundo (2009) e Ao Pé da Letra (2009), patrono da 37ª Feira do Livro de Santa Maria, lançando Pra Começo de Conversa (com Athos Miralha da Cunha, Antonio Candido Ribeiro e Tânia Lopes) e sua primeira obra individual, A Face Oculta da Lua, uma das duas obras selecionadas pelo Concurso *Lei do Livro*, da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, torcedor do Grêmio Football Club de Porto Alegre e integrante do Consulado de Santa Maria, tendo morado no Mato Grosso (durante 6 anos), nascido e criado em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria (1831/32), pais de

N 5.1 **CANDIDO RIBEIRO PINTO** (n.1833/b.1834-1866) [tendo também assinado (a rogo) o inventário da avó materna (1857), pelo fato do esposo da prima (neta órfã, também herdeira juntamente com os tios) não saber escrever, nascido, batizado e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Maria Euphrazia (Ribeiro)** (f. depois de 1866), provavelmente casados em Santa Maria - RS (depois de 1852), ou **Maria Thomazia Roiz** [com esta última, padrinhos, nascida e moradora no Município de Santa Maria - RS] ou **Maria Rodrigues** (n.1830/b.1831-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de Modesto Rodrigues & Francisca de Souza, este, nascido em Curitiba-PR, ela, nascida em Castro-PR] ou **Maria Rodrigues** (n.1830/b.1831-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de Joaquim Rodrigues & Venancia Rodrigues] ou **Maria Francisca de Ramos** [padrinhos], possivelmente pais de

Bn **AMANDO RIBEIRO PINTO** (1863/64-?) [possivelmente inventariante e herdeiro legatário no inventário da tia Anna Candida (de Lima Penna) Ribeiro Pinto (n.1837/b.1838/39-1889)] possivelmente c.c. **Maria Aldina ? de Moraes (Pinto)**,

N 5.2 **FRANCISCA LUÍZA DE LIMA (? PENNA) RIBEIRO PINTO** (1836-1856) [nascida e falecida (com 20 anos de idade) em Santa Maria - RS, sepultada no antigo Cemitério *Santa Cruz*, Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

N 5.3 **ANNA CANDIDA (DE LIMA PENNA) RIBEIRO PINTO** (n.1837/b.1838/39-1889) [possivelmente professora (na 2ª metade do séc. XIX) no Pinhal (hoje Município de Itaara-RS), dona de casa e terrenos em Santa Maria - RS e chácara nos subúrbios de Santa Maria - RS ou possivelmente no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (herdada da mãe), com testamento/inventário autuado em Santa Maria - RS (1890-92), com os testamenteiros: o Ten. Gabriel dos Santos Moraes, Augusto José Seixas e João Niederauer Sobrinho, nascida e falecida em Santa Maria - RS, batizada no Município de Cachoeira do Sul - RS], solteira, sem filhos,

N 5.4 **MANOEL RIBEIRO PINTO** (1841- f. depois de 1890) [curador geral de órfãos (interino) e inventariante da irmã Anna Candida Pinto (1837-1889) e pais (inventário autuado em Santa Maria - RS (1890), com a morte da mãe e da irmã), residente no

Município de Cruz Alta - RS, nascido em Santa Maria - RS, possivelmente o mesmo que Maneco Ribeiro / *Maneco da Porteira*, este, carreteiro], possivelmente c.c. **Joaquina Maria de Jesus** [padrinhos em São Martinho da Serra - RS (por volta de 1856)] ou c.c. **Olinda Nunes (Ribeiro)**, (com esta última) possivelmente pais de

Bn **MANOEL RIBEIRO NETTO** (1883-1919) [falecido em Santa Maria - RS],
c.,

Bn/Tn **JOÃO MANOEL RIBEIRO** (n.1891/b.1904-?),

? N **ANNA LUIZA DE LIMA** [madrinha de batismo em São Martinho da Serra - RS (1856), podendo também ser (uma das irmãs) a mesma que Anna Candida Pinto ou Francisca Luiza de Lima Pinto],

? N ? **JOÃO ? PENNA RIBEIRO PINTO**,

CAPÍTULO VI

JOSÉ FERNANDES PENNA & MANOELA CELESTINA (ALVES) DORNELLES (PENNA)

F 6 **JOSÉ (IL SIGNORE BARON / JUCA) FERNANDES PENNA** (n.1817/b.1818-1891) [principal sucessor dos domínios territoriais conquistados (primeira e notadamente pelos pais, apossamento de terras devolutas, permuta e por compra de outros herdeiros: irmãos/as ou cunhados/as), um dos eleitores votados em 1847, tendo herdado parte da Faz. da *Palma*, oriunda de antiga *sesmaria*, atualmente no novo Distrito de Palma: Município de Santa Maria - RS (próximo de Arroio do Só/Sol) e então construído a casa da sede (1857), reformada em 2003, aproximadamente, pelo herdeiro quadranelo (tetraneto) Prof. Carlos Mozart (*Tôco*) Marques de Moraes (1933-) c.c. Cleoni Liegi (*Mosa*) Neves (de Moraes) (1952-), uma das mais antigas casas em condições de habitação do Município de Santa Maria - RS, no sopé da *Serra Geral*, nas proximidades do Rio Vacacaí-Mirim, juntamente com o cunhado José Martins Beltrão, tendo as confrontações e lindeiros: pelo norte, terra devolutas da encosta da Serra Geral, pelo sul, os campos do Rincão do Rio Vacacaí-Mirim, pelo leste, com o cunhado Porfício Dornelles e Silva, pelo oeste, com o irmão João Fernandes Penna (provavelmente próximo a Val de Buia), propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), tendo vendido parte da terra nos morros (ao Norte) para colonos (depois de 1878), próximo a Linha 7, tendo uma rua (estrada municipal vicinal) no Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS com o nome em sua alusão (2012), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna)** (1825-1903 ?) [colaboradora para a construção do Hospital de Caridade (posteriormente *Dr Astrogildo de Azevedo*), Santa Maria - RS (1898), nascida no Município de Cachoeira do Sul - RS, filha de José Joaquim Alves/Alvares Dornelles (1789 ?-1872) & Gertrudes Maria de Jesus (Celestina Dornelles de Souza) (Penna) (b.1789-1853), estes, casados em 1819, das segundas núpcias dela, esta, viúva de João Fernandes Penna (1769-1814), este, tio de José Fernandes Penna (1817-1891), aquele (José Joaquim Alves/Alvares Dornelles), nascido em São Paulo, possivelmente nascido na Freguesia de N^a Sr^a da *Penha*, São Paulo, possivelmente filho de Jeronimo José Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus (1765 ?-1827), estes, nascidos ou estabelecidos em Santo Amaro (hoje Município de General Câmara - RS), ele, sesmeiro, proprietário próximo ao Passo dos Filício, aquela (Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), nascida em Santo Amaro (hoje distrito pertencente à General Câmara - RS), filha de Jeronimo José d'Ornellas e Souza / Dornelles de Souza (n.1765/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus (de Souza) (1765 ?-1827), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1785), ele, sesmeiro (outorga em 1812) possivelmente no antigo Rincão do Durasnal de Santa Maria do Pilar, região da Lagoa do Parové, Município de Alegrete-RS e sesmeiro e estancieiro próximo ao Rio Jacuí: Município de Restinga Seca - RS, nascido em Taquari-RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José de Ornellas e Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Triunfo-RS (1764), ele, proprietário de terras em Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS, e Itaqui-RS (fronteira com Alvear, Argentina), Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de N^a Sr^a do Rosario, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, patriarca/genearca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, nascido em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, este, filho de Lazaro Gonçalves e Souza (1668-1742) & Isabel do

Rosário D'Ornellas (1670 ?-?), este, nascido e falecido em Vila da Praia, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Belchior Gonçalves & Monica de Souza, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, aquela (Antonia Maria da Silveira), nascida na Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Ignacio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus de Souza), nascida em Rio Pardo - RS ou em Cachoeira do Sul - RS e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza & Maria dos Santos Machado, aqueles (José Joaquim Alves Dornelles & Gertrudes Maria de Jesus ? Celestina Dornelles de Souza), possivelmente descendentes ou parentes de Jerônimo de D'Ornellas / Jeronymo de Ornellas Menezes e Vasconcellos / Hieronimo d'Ornellas de Vasconcellos e Menezes / Jerônimo Dornelles de Vasconcellos Menezes (1690/91-1771) & Lucrecia (Neta) Leme Barbosa (1700 ?-1800), estes, casados em Pádua Guaratinguetá-SP (1723), ele, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, com sesmaria à esquerda do R. Gravataí, incluindo o Porto do Dornelles na Lagoa do Viamão (R. Guaíba) e Rincão de São Francisco (hoje *Alto da Bronze*, centro de Porto Alegre - RS), outorgada em 1740 (registros na Câmara de Laguna-SC), posteriormente se estabelecendo em Triunfo-RS e em Cachoeira do Sul - RS (hoje Município de Restinga Seca - RS), nascido em Santa Cruz, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Triunfo-RS, filho de João Manoel Pestana de Velosa & Antônia Moniz, aquela (Lucrecia Leme Barbosa), de origem flamenga (sobrenome *Lems*, através dos ramos Lemes, Prados e Raposo Góis), nascida em Guaratinguetá-SP e falecida em Triunfo-RS], casados em Santa Maria - RS (1846), pais de

N 6.1 MANOEL (MANECO) FERNANDES PENNA (NETO) (1847-1902) [fazendeiro (pecuarista) no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, na divisa com o hoje Município de Restinga Seca - RS, entre o Rio Vacacaí-Mirim e os morros da encosta, cuja sede, posteriormente propriedade das famílias Bassan e Ciocari, tendo herdado e morado (inclusive depois de casado) na Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, ali nascido, batizado no Município de Santa Maria - RS e provavelmente falecido nas redondezas, tendo deixado testamento em Santa Maria - RS (feito em 1899), tendo como testamentários: a cônjuge sobrevivente e Manoel Ignacio Xavier e José Pedro Fernandes Penna, avaliador dos bens no inventário de Francisca Justina da Rocha Barcellos (1840 ?-1892) c.c. Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916), autuado em Santa Maria - RS (1892), tendo uma rua (estrada municipal vicinal) no Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS com o nome em sua alusão (2012)] c.c. a parente **Ambrozina Celestina Alves (Penna)** (1855-1905) [fazendeira (pecuarista) no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (então 5º distrito), proprietária de terra próxima ao Passo dos Pretos, cuja sede (hoje tapera) herdada pelo sobrinho e afilhado Jorge Celestino Pessoa c.c. Diamantina Baptista Carneiro (Pessoa), estes, uns dos doadores (juntamente com Francisco Agostinho Moro e esposa Josefina Brondani Moro) do terreno para a construção da Capela *Santa Terezinha* (1929), Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, ele, filho da irmã dela, Jeronima Celestina Alves (Pessoa), ele, possivelmente descendente de Manoel Alvares dos Santos Pessoa, este, dos líderes legalistas (pró forças imperiais, contra os farrapos) em Cachoeira do Sul - RS (1831), e/ou parente de Silvestre Alves dos Santos Pessoa c.c. Maria Luiza de Barcellos

(Pessoa), este, membro da 1ª diretoria do Clube Caixeiral de Santa Maria (esde 1886), propriedade posteriormente vendida para Carlos Alberto Ciocari (1896-1978) c.c. Francisca (*Chica/Quiquinha*) Trevisan (Ciocari) (1897-1980), este, um dos colaboradores na construção da Capela *Santa Terezinha* (1929), aquela (Ambrozina Celestina Alves Penna), tendo deixado também como herdeiros (por não ter filhos) os irmãos João Ignacio Celestino Alves, José Pedro Celestino Alves, Jeronima Celestina Alves (Pessoa) e Honorina Celestina Alves e os afilhados Leovegildo Celestino Alves (um dos legatários) e Regina Penna de Moraes, e testemunhas: Manoel Joaquim Pinheiro, Timotheo José Bernardes, Pedro Victorino de Barcellos, Cacildo Teixeira Penna e João Baptista Guerra, depois de viúva doadora de cerca de 450/600 ha (testamento feito em 1904 e aberto em Santa Maria - RS em 1905) para os filhos da ex-escrava Balbina: Leandro, Luiza, Casemiro, Ernesto e Hermes, estes, descendentes de escravos da Família *Penna* (originando posteriormente a Comunidade Quilombola *Arnesto Pena Carneiro* no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS), batizada em Cachoeira do Sul - RS (possivelmente nascida no hoje Município de Restinga Seca - RS, desmembrado de Cachoeira do Sul - RS), filha do Cap. Pedro Celestino Alves de Souza (1823-1884) & Anna Rosa Xavier (Alves), este, militar (oficial) da Guarda Nacional, estancieiro (pecuarista) no hoje Município de Restinga Seca - RS, possuidor de escravos no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS), nascido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José Joaquim/Ignacio Alves Dornelles (1789 ?-1872) & Gertrudes Maria de Jesus Dornelles Alves de Souza (b.1789-1853), das segundas núpcias dela, estes, nascidos no Rio Grande do Sul, ele, nascido na Freguesia de Nª Srª da *Penha*, hoje Distrito da Penha, Município de São Paulo - SP, eles, descendentes (ela, filha) de Jeronimo José de Ornellas e Souza / Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus de Souza (?-1827), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1785), ele, sesmeiro (outorga em 1812) possivelmente no antigo Rincão do Durasnal de Santa Maria do Pilar, região da Lagoa do Parové, Município de Alegrete-RS e sesmeiro e estancieiro próximo ao Rio Jacuí: Município de Restinga Seca - RS, proprietário próximo ao Passo dos Filício, nascido em Taquari-RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José de Ornellas e Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Triunfo-RS (1764), ele, proprietário de terras em Santo Amaro, hoje distrito pertencente a General Câmara - RS, e Itaquí-RS (fronteira com Alvear, Argentina), Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de Nª Srª do Rosario, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, patriarca/genearca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, nascido em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, este, provavelmente filho de Lázaro Gonçalves e Souza & Isabel do Rosário D'Ornellas, este, filho de Belchior Gonçalves, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, aquela (Antonia Maria da Silveira), nascida na Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Ignacio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus de Souza), nascida e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza &

Maria dos Santos Machado, aqueles (José Joaquim Alves Dornelles & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), possivelmente descendentes ou parentes de Jerônimo de D'Ornellas / Jeronimo de Ornellas Menezes e Vasconcellos / Hieronimo d'Ornellas de Vasconcellos e Menezes / Jerônimo Dornelles de Vasconcellos Menezes (1690/91-1771) & Lucrecia (Neta) Leme Barbosa (1700 ?-1800), estes, casados em Pádua Guaratinguetá-SP (1723), ele, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, com sesmaria à esquerda do R. Gravataí, incluindo o Porto do Dornelles na Lagoa do Viamão (R. Guaíba) e Rincão de São Francisco (hoje *Alto da Bronze*, centro de Porto Alegre - RS), outorgada em 1740 (registros na Câmara de Laguna-SC), posteriormente se estabelecendo em Triunfo-RS e em Cachoeira do Sul - RS (hoje Município de Restinga Seca - RS), nascido em Santa Cruz, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Triunfo-RS, filho de João Manoel Pestana de Velosa & Antônia Moniz, aquela (Lucrecia Leme Barbosa), de origem flamenga (sobrenome *Lems*, através dos ramos Lemes, Prados e Raposo Góis), nascida em Guaratinguetá-SP e falecida em Triunfo-RS, aquela (Anna Rosa Xavier), filha de José Ignacio Xavier & Anna Francisca (Xavier), estes, nascidos no Rio Grande do Sul, portanto aquela (Anna Rosa Xavier), irmã de Manoel Ignacio Xavier (1849 ?-1944 ?)], sem filhos,

N 6.2 **FRANCISCA PENNA (SANTOS MORAES)** (1848-1908) [tendo herdado na antiga Faz. da *Palma* e comprado a sede da Faz. da *Palma* (oriunda de antiga *sesmaria*), hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (casa construída em 1857, ainda existente, reformada em 2003), nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. o Ten. **Gabriel dos Santos Moraes** (n.1842/43/b.1844-1909) [servidor público em Santa Maria - RS, militar (oficial) do Exército e da Guarda Nacional, veterano (herói) da Guerra do Paraguai, forriell do 2º Esquadrão do 7º CPC – *Corpo Provisório de Cavalaria* de Santa Maria, sob o comando do Cel. João Niederauer Sobrinho (de 1864 a 1868), chefe/delegado de polícia (de 1880 a 1884), 2º coletor da Coletoria Federal (até 1909) e 4º coletor da Exatoria Estadual em Santa Maria - RS (de 1890 a 1905), um dos fundadores da 1ª Loja Maçônica (*Boca do Monte*) em Santa Maria - RS (1874), vereador na 6ª Legislatura/Câmara Municipal de Santa Maria (de 1877 a 1880), delegado de polícia e comandante da seção policial de Santa Maria - RS (em torno de 1882), coletor das rendas provinciais (em torno de 1887), subscritor colaborador para com a festa de instalação da Comarca de Santa Maria, integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria (1878), nascido no Município de Santa Maria – RS, ferido (1869) em *Lomas Valentinas* (cujos restos em Santa Maria - RS) e falecido em Santa Maria - RS, provavelmente filho de Francisco dos Santos Moraes (1818-1867) & Maria Ferreira da Costa (dos Santos Moraes), este, estancieiro (pecuarista, listado em 1858), provavelmente filho de Francisco dos Santos Moraes (1788/89-1849) & Clara Maria dos Santos, este, um dos primeiros moradores principais de Santa Maria (listado em 1825), participante da 1ª eleição (cidadão *eleitor votante* em 1827) e eleitor especial (de 1869 a 1872), tendo sido um dos que assinaram a solicitação para que Santa Maria passasse de Capela Curada (Curato) para Freguesia (negada na época, somente consagrada em 1837), sepultado do Cemitério do Passo da Laranjeira: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, irmão de Josefa dos Santos Moraes (1805/07-?), estes, filhos do Ten. Felisberto dos Santos Moraes (1756 ?-1846 ?) & Cristina Angelica de Jesus (1766 ?-?), estes, nascidos em Rio Pardo - RS, ele, primeiramente comerciante rural (bodegueiro) em Rio Pardo - RS, posteriormente sesmeiro e estancieiro (pecuarista) nas proximidades do Arroio Arenal (uma outorga em 1796 e outra em 1806), dono da Faz. da *Ramada*, provavelmente no Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria, próximo ao Município de Dilermando de Aguiar - RS,

um dos primeiros povoadores de Santa Maria (chegado em 1804, listado também em 1812), sesmeiro (sesmaria outorgada em 1814), fazendeiro (pecuarista listado a partir de levantamento feito em 1920), nascido em Rio Pardo - RS, tendo recebido sesmaria (1806) entre o *Arenal* e a Coxilha da *Ramada* (hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS), provavelmente legionário (*im memoriam*) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, possuidor de escravos no posterior Município de Santa Maria - RS (anteriormente pertencente aos antigos municípios de Cachoeira do Sul - RS e Rio Pardo - RS), filho de José dos Santos Moraes & Catarina do Espírito Santo, este, nascido nas Ilhas, provavelmente do Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, filha de Antonio Machado & Ignacia da Rosa, este, nascido em São Paulo e ela, nas Ilhas, provavelmente dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquele (Francisco dos Santos Moraes), possivelmente parente de João dos Santos Moraes, este, estancieiro no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (pecuarista listado em 1889), aquela (Cristina Angélica de Jesus), filha de Antonio de Oliveira Machado & Inácia Rosa de Jesus (?-1814), este, filho de Manuel de Oliveira Falcão & Margarida Freire de Andrade, aquela (Inácia Rosa de Jesus), filha de Manuel Luís & Joana de Brum (1715 ?-?), este, filho de José Rodrigues & Catarina Luís, aquela (Joana de Brum), filha de José Silveira de Brum & Catarina de Matos], casados em Santa Maria - RS (1870), pais de

Bn 6.2.1 Cel. **JOSÉ (PENINHA) PENNA DE MORAES** (1871-1932) [tendo anteriormente estudado no Colégio de São Leopoldo - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), bacharel em Farmácia pela Escola de Farmácia de Ouro Preto - MG, posteriormente Universidade Federal de Ouro Preto (1894), político (republicano castilhistaborgista), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas, possivelmente líder contrário ao ato/movimento de intimação com o intuito da retirada do Pe. Carlos Becker de Santa Maria (em torno de 1888/95/98), militar (oficial) da Guarda Nacional, rábula (advogado prático, permitido e legitimado na época), provavelmente o 1º santamariense a advogar, advogado e promotor público em Santa Maria - RS (1896, 1897 e de 1906 a 1998), orador, intelectual e jornalista (polemista) de sólida erudição, colaborador e redator do Jornal *O Estado* (por volta de 1898), inspetor responsável pela 4ª Região Escolar de Santa Maria (1897 e 1898), inspetor escolar: inspetor regional da 4ª Região Escolar em Santa Maria - RS (entre 1897 e 1905, aproximadamente), conselheiro municipal de Santa Maria - RS (de 1899 a 1905), um dos fundadores do *Grêmio Gaúcho* (1901), este, provavelmente um dos germens do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Maria, diretor (1900) e redator chefe do Jornal *O Gaúcho* (órgão do Grêmio *Gaúcho Santamariense*), Jornal *O Estado* (de 1902 a 1905) e 1º diretor do Jornal *A Tribuna* (fundado para combater o Jornal *O Estado*, redator: João Belém) (1898/1907), integrante da Comissão Executiva do Partido Republicano Castilhistas (em torno de 1904), fiscal federal do Ginásio *Santa Maria*, hoje Colégio Marista *Santa Maria* (1908), deputado estadual na 5ª Legislatura (suplente, de 1905 a 1908) e na 6ª Legislatura (2º secretário, de 1909 a 1912), tendo realizado na Assembléia Legislativa um discurso ecológico-ambientalista a respeito de reflorestamento, pioneiro no Brasil (1911), administrador (diretor interino) dos Correios e Telégrafos do Rio Grande do Sul (por volta de 1912), vice-intendente (1911) e Intendente Municipal de Caxias do Sul - RS (de 1912 a 1924, com interrupções), em cuja gestão, criada a Biblioteca Pública de Caxias do Sul (1917), tendo ligação com Farroupilha-RS, um dos fundadores (presidente honorário) da Sociedade *Recreio Dante*, de 1913 a 1923 (público alvo: mocidade

católica de Caxias do Sul - RS, com instrução noturna), posteriormente dono de cartório e distribuidor de foro em Porto Alegre - RS (a partir de 1924), um dos fundadores (doador/benfeitor e membro da 1ª diretoria: secretaria e comissão de contas) da *Sociedade de Caridade Santamariense* (1898), transformada em Associação Protetora do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, colaborador na fundação e construção do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (entre 1898 e 1904), colaborador legionário da Paróquia *Nª Srª das Dores*, Santa Maria - RS, um dos patronos (cadeira 15) da Academia Caxiense de Letras, presidente honorário da Cooperativa Agrícola e Setor Vinícula de Caxias do Sul - RS (por volta de 1921), sócio da Companhia Santamariense de Luz Elétrica e do Clube Caixerl Santamariense, tendo uma escola pública em Caxias do Sul - RS e uma rua em Farroupilha-RS com o nome em sua alusão, tendo herdado terra no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para colonos italianos, residente em Santa Maria - RS (até 1908, aproximadamente), Caxias do Sul - RS (de 1909 a 1924, aproximadamente) e Porto Alegre - RS (de 1924 a 1932), nascido e batizado em Santa Maria - RS e falecido em Porto Alegre - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Amazilia Pinto (de Moraes)** (n.1879/b.1882- f. depois de 1918 ?) [uma das fundadoras (1ª presidente) da Associação das *Damas de Caridade*, entidade cristã (católica) e filantrópica de Caxias do Sul - RS (1913), nascida e batizada em Santa Maria - RS, provavelmente falecida em Porto Alegre - RS, filha do Cel. João José (*Juca*) Pinto (1839-1928) & Josephina Hain(n)/Haan/Haien/Hein/Hayn (Pinto), das segundas núpcias deste, ele, viúvo de Ricarda Barbosa (Pinto) (1845/46-1870), estes, possuidores de escravos, ela, falecida em Santa Maria - RS, aqueles, casados em Santa Maria - RS (1873), pais também do Gen. Francisco José Pinto (1883-1942) c.c. Maria José Galliez (1893-?), este, homônimo do avô, aquele (João José Pinto), estancieiro (pecuarista) no Rincão de Santa Catarina, hoje entre os distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, tendo ali herdado e comprado terra (inclusive de parentes), antes provavelmente administrador da estância dos pais, chefe político, juiz de paz e vereador em Santa Maria - RS (de 1873 a 1876), subscritor colaborador (doador) para a festa de instalação da Comarca de Santa Maria, integrante da 2ª Comissão pró instalação da Comarca de Santa Maria (1878), juiz de paz do 1º Distrito (de 1887 a 1889), possivelmente secretário nas eleições na Comarca de Caçapava (1872), São Gabriel (1873) e Santa Maria (1878), inventariante no inventário (pela morte da mãe) autuado em Santa Maria - RS (1864), possuidor de escravos (inclusive por volta de 1884), com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1869 e 1875, aproximadamente), o provável (quase) Barão do *Arenal*, processo cancelado devido à Proclamação da República (1889), dono de importantes terrenos e casas no centro da Cidade de Santa Maria - RS, dos quais, um, vendido (1921) para construir o extinto Banco Pelotense, hoje BANRISUL (1923), a mais alta transação imobiliária até então em Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de Francisco José (*Chico*) Pinto (1799-antes de 1858) & Joaquina Maria Gomes Pereira da Natividade (1808 ?-1864), estes, casados por volta de 1835, ele, grande estancieiro (destacado pecuarista), tendo herdado (1834) 3 léguas de campo (cerca de 150 quadras de sesmaria = 13 050 ha) com 5 mil cabeças de gado vacum, provavelmente possuindo 20 escravos, dos quais 12 envolvidos diretamente com o serviço/manejo do gado (*relação de criadores de Santa Maria*: levantamento realizado em 1858), herdeiro da Fazenda *Pinheiros* (onde provavelmente morava) e hoje a Fazenda dos *Galpões*, cuja sede,

posteriormente vendida para Januário Gonçalves Chagas (por volta de 1925), hoje propriedade do bisneto Aldo Rodrigues Franco, este, filho de Januário Chagas Franco, aquele (Francisco José Pinto), nascido em Cachoeira do Sul - RS, filho de Constantino José Pinto (1762/63-1833) & Ricarda Jesus Gomes dos Santos (1776 ?-1852), estes, casados por volta de 1796/97, moradores no Rincão da Serraria, Cachoeira do Sul - RS (possivelmente a partir de 1793), ele, estancieiro criador de mulas (citado em 1807), tornando-se assim o patriarca do clã *José Pinto* em Santa Maria e região, possuidor de 52 escravos e 17,6 mil cabeças de gado vacum (conforme inventário) distribuídos nas propriedades nos antigos municípios e freguesias de Cachoeira do Sul - RS, Santa Maria - RS e São Borja - RS, anteriormente morador no quartel de Rio Pardo - RS, tendo em Cachoeira do Sul - RS (Bairro *Soares*) uma rua com o nome possivelmente em sua alusão, um dos primeiros e importantes *sesmeiros* de Santa Maria (uma das sesmarias concedida em 1792, outra em 1817), então já criador de rebanho vacum e cavalos *na volta*, entre a *Ramada*, o *Arenal*, o Banhado Grande de *Santa Catarina*, o *Passo do Verde* e o antigo *Passo da Carreta*, passando pela Coxilha *Santa Catarina*, entre o Arroio *Arenal* e a *Sanga Areias*, e *Carvalhas*, deixando uma fortuna em terras, recebidas por sesmaria ou compra (conforme inventário n° 82 de 1834 de Cachoeira), sesmeiro (possuindo várias sesmarias, inclusive uma outorgada em 1792) nos atuais distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Santa Maria - RS e nas proximidades da região da fronteira (antigo Município de São Borja - RS e Itaqui - RS), tendo também adquirido terras no Passo da Carreta, Subdistrito de Catuçaba, atual Município de São Gabriel - RS (1792), inclusive outra de Maurício José Teixeira (1796), nascido em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de Antonio José Pinto (1735- f. entre 1780 e 1784/1828 ?) & Felícia Maria/Antonia de Oliveira (1737- f. depois de 1785), estes, casados em Viamão-RS, Região Metropolitana de Porto Alegre - RS (por volta de 1756), falecidos em Cachoeira do Sul - RS, ele, possivelmente sesmeiro em Viamão-RS (listado entre 1767 e 1798), estancieiro próximo ao Rio Gravataí (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre (1767), tendo ganhado de seu padrinho estância em Viamão-RS, o maior proprietário de escravos (cerca de 26) de Viamão-RS (1778), vereador e oficial da Câmara de Porto Alegre - RS (1778), vindo da Colonia do Sacramento (Uruguai) para Viamão-RS, filho do Cap. Manoel Pinto Santiago & Luiza Escócia Rodrigues, este, militar (oficial) de Infantaria na Colonia do Sacramento (Uruguai), compadre do cunhado Francisco Pinto Bandeira, este, Capitão dos Dragões, e do sobrinho Rafael Pinto Bandeira, este, militar, estancieiro, caudilho e governador da Capitania de São Pedro do Rio Grande, aquela (Felícia Maria de Oliveira), nascida em Rio Pardo - RS, vinda para Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio de Souza Fernando & Apolônia de Oliveira, este, patriarca/genearca de importantes clãs do Rio Grande do Sul, dos primeiros povoadores da Colonia de Sacramento (entre 1718 a 1737, aproximadamente), estancieiro (pecuarista) e vereador (oficial) da Câmara Municipal de Porto Alegre - RS, possuidor de escravos (por volta de 1778), inventariado em Viamão-RS (1784), nascido em Oliveira de Azemeis, Valongo (provavelmente próximo à cidade de Porto, norte de Portugal), aquela (Ricarda Jesus Gomes dos Santos), nascida em Rio Pardo - RS ou Cachoeira do Sul - RS, filha de Salvador Gomes Lisboa (1757 ?-1803 ?) & Francisca Maria dos Santos (1740/60-?), estes, casados em Triunfo-RS (1775), ele, um dos primeiros povoadores de Cachoeira do Sul - RS, nascido em Sorocaba-SP, filho de Manoel Gomes Lisboa (1736-?) & Maria de Almeida de Moraes (1740-?),

estes, casados por volta de 1760, ele, possivelmente nascido em Sorocaba-SP, aquela (Francisca Maria dos Santos), nascida em Triunfo-RS, filha de Bartolomeu Gonçalves de Magalhães (1710 ?-1769) & Francisca Tereza de Jesus (1715 ?-1779), estes, casados por volta de 1744, falecidos em Triunfo-RS, ele (Bartolomeu Gonçalves de Magalhães), nascido na antiga Freguesia de Santo Estevão, Concelho de Chaves (antiga comarca, província e região de Trás-os-Montes), banhado pelo Rio Tâmega, entre os distritos de Vila Real e Bragança (norte de Portugal, divisa com a Galícia, noroeste da Espanha), filho de Bartolomeu Gonçalves (1680 ?-?) & Maria de Magalhães (1680 ?-?), estes, possivelmente nascidos em Santo Estêvão, Chaves (norte de Portugal), aquela (Francisca Tereza de Jesus), nascida em Mogi das Cruzes - SP (hoje Região Metropolitana de São Paulo), filha de Luís Garambéu Martins (1680 ?-?) & Maria das Neves (1685 ?-?), aquela (Joaquina Pereira da Natividade), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha do Cap. Joaquim Gomes Pereira (1770 ?-?) & Luísa/Luíza Joaquina da Natividade (1772 ?-?), estes, casados por volta de 1798, ele, nascido em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), ela, nascida em Rio Pardo - RS, aquela (Josephina Haan/Haien/Hein/Hain(n)/Hayn), filha de Johann Georg / João Jorge Hain (1814-1877) & Anna Catharina (Hain), estes, vindos de Passo Fundo - RS e falecidos em Santa Maria - RS, cujo túmulo, provavelmente o mais antigo existente no Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria - RS (1877), ele, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1874), vindo da Alemanha para o Brasil (com 13 anos de idade), filho de Johann Mathias Hein & Carolina (Hein), este, imigrante vindo (1827) para São Leopoldo - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), oriundo de família integrante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana], casados em Santa Maria - RS (1900), com prole,

Bn 6.2.1 Cel. **JOSÉ (PENINHA) PENNA DE MORAES** (1871-1932) [tendo anteriormente estudado no Colégio de São Leopoldo - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), bacharel em Farmácia pela Escola de Farmácia de Ouro Preto - MG, posteriormente Universidade Federal de Ouro Preto (1894), político (republicano castilhistaborgista), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas, possivelmente líder contrário ao ato de intimação com o intuito da retirada do Pe. Carlos Becker de Santa Maria (em torno de 1888/98), militar (oficial) da Guarda Nacional, rábula (advogado prático, permitido e legitimado na época), provavelmente o 1º santamariense a advogar, advogado e promotor público em Santa Maria - RS (1896, 1897 e de 1906 a 1998), orador, intelectual e jornalista (polemista) de sólida erudição, colaborador e redator do Jornal *O Estado* (por volta de 1898), inspetor responsável pela 4ª Região Escolar de Santa Maria (1897 e 1898), inspetor escolar: inspetor regional da 4ª Região Escolar em Santa Maria - RS (entre 1897 e 1905, aproximadamente), conselheiro municipal de Santa Maria - RS (de 1899 a 1905), um dos fundadores do *Grêmio Gaúcho* (1900/01), este, provavelmente um dos germens do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Maria, diretor (1900) e redator chefe do Jornal *O Gaúcho* (órgão do Grêmio *Gaúcho Santamariense*), Jornal *O Estado* (de 1902 a 1905) e 1º diretor do Jornal *A Tribuna* (fundado para combater o Jornal *O Estado*, redator: João Belém) (1898/1907), integrante da Comissão Executiva do Partido Republicano Castilhistas (em torno de 1904), fiscal federal do Ginásio *Santa Maria*, hoje Colégio Marista *Santa Maria* (1908), deputado estadual na 5ª Legislatura (suplente, de 1905 a 1908) e na 6ª Legislatura (2º secretário, de 1909 a 1912),

tendo realizado na Assembléia Legislativa um discurso ecológico-ambientalista a respeito de reflorestamento, pioneiro no Brasil (1911), administrador (diretor interino) dos Correios e Telégrafos do Rio Grande do Sul (por volta de 1912), vice-intendente (1911) e Intendente Municipal de Caxias do Sul - RS (de 1912 a 1924, com interrupções), em cuja gestão, criada a Biblioteca Pública de Caxias do Sul (1917), tendo ligação com Farroupilha-RS, um dos fundadores (presidente honorário) da Sociedade *Recreio Dante*, de 1913 a 1923, (público alvo: mocidade católica de Caxias do Sul - RS, com instrução noturna), posteriormente dono de cartório e distribuidor de foro em Porto Alegre - RS (a partir de 1924), um dos fundadores (doador/benfeitor e membro da 1ª diretoria: secretaria e comissão de contas) da *Sociedade de Caridade Santamariense* (1898), transformada em Associação Protetora do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, colaborador na fundação e construção do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (entre 1898 e 1904), colaborador legionário da Paróquia *Nª Srª das Dores*, Santa Maria - RS, um dos patronos (cadeira 15) da Academia Caxiense de Letras, presidente honorário da Cooperativa Agrícola e Setor Vinícola de Caxias do Sul - RS (por volta de 1921), sócio da Companhia Santamariense de Luz Elétrica e do Clube Caixerl Santamariense, tendo uma escola pública em Caxias do Sul - RS e uma rua em Farroupilha-RS com o nome em sua alusão, tendo herdado terra no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para colonos italianos, residente em Santa Maria - RS (até 1908, aproximadamente), Caxias do Sul - RS (de 1909 a 1924, aproximadamente) e Porto Alegre - RS (de 1924 a 1932), nascido e batizado em Santa Maria - RS e falecido em Porto Alegre - RS], nas segundas núpcias dele, casado novamente, sem filhos desta união,

Bn 6.2.2 **REGINA PENNA DE MORAES** (n.1872/b.1873-1953) [tendo herdado terra no Distrito da Palma (lado norte, incluindo parte de morros): Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para a ampliação da Quarta Colônia (de Silveira Martins, Linha 7 Sul), inclusive herdado terra da tia madrinha Ambrozina Celestina Alves (Penna) (1855-1905) viúva de Manoel Fernandes Penna (Neto) (1847-1902), com o testamento/inventário autuado em Santa Maria - RS (1905), nascida, batizada e falecida em Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

Bn 6.2.3 **ADALGIZA DE MORAES (VELLINHO)** (1873- f. depois de 1932) [primeiramente em Santa Maria - RS, posteriormente dona de pensão em Porto Alegre - RS, tendo herdado terra no Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para o irmão Tancredo Penna de Moraes (1876-1948) c.c. Maria Luiza (*Bela*) Menezes (de Moraes) (1880-1971), nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, possivelmente falecida em Santa Maria - RS ou Porto Alegre - RS] viúva de **João Rodrigues Vellinho** (1860/61/62-1902) [comerciante em Santa Maria - RS, dono de negócio com fazendas e miudesas (desde 1893, juntamente com seu irmão), membro fundador (1ª diretoria) da Sociedade Anônima *Prado* Santa Maria: *Prado Santamariense* (de 1894 a 1896) e um dos fundadores da Sociedade de *Caçadores* (1899), simpatizante de causas políticas (federalista), nascido em Porto Alegre - RS e falecido em Santa Maria - RS, filho de Manoel Rodrigues Vellinho & Ignacia (Rodrigues Vellinho), estes, possivelmente pais de Ernani Vellinho e do Dr. Luiz Rodrigues Vellinho, este, médico homeopata em Santa Maria - RS, aquele (Manoel Rodrigues Vellinho), possivelmente quadraneto (tetraneto) de João Antunes da Porciuncula (?-1779) &

Antonia Pinto (?-1738), este, guarda-mor dos índios minuanos na Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), dirigente da Fazenda Real de *Bojuru*, Município de São José do Norte - RS, nascido em Cartaxo, termo de Santarém (Portugal), e falecido em Viamão-RS, ela, nascida em Aragão (Espanha), falecida em Rio Grande - RS], casados em Santa Maria - RS (1893), com prole,

Bn 6.2.4 Maj. **TANCREDO PENNA DE MORAES** (n.1876/b.1880-1948) [militar (oficial) da Guarda Nacional, servidor público (federal) em Santa Maria - RS e possivelmente em São Pedro do Sul - RS, coletor de impostos: coletor das Rendas Federais (ao redor de 1914), o 3º coletor federal em Santa Maria - RS (de 1909 a 1936), membro da Comissão Municipal (de 1926 a 1928), 1º secretário (de 1932 a 1934 e de 1939 a 1945), colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação/construção (de 1898 a 1904), um dos sócios da Associação Protetora do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (de 1903 a 1928), legionário, 1º secretário (de 1932 a 1945), benfeitor/legionário (por volta de 1948) e membro da Comissão de Assuntos Econômicos e Financeiros (1947) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, membro do antigo Partido Republicano, fazendeiro (pecuarista listado em torno de 1910 e 1920/22), tendo herdado o entorno da sede da antiga Faz. da *Palma* (oriunda de antiga sesmaria), no Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS e comprado terras de parentes na volta, inclusive a sede da Faz. da *Palma* do tio João Maria Fernandes Penna (n.1857/b.1861-1913) c.c. Corina Silveira dos Santos (Penna) (1864- f. depois de 1922 ?), aquele (Tancredo Penna de Moraes), tendo uma escola municipal de ensino fundamental no Distrito da Palma com o nome em sua alusão (desde 1969, com este nome), cujo terreno doado pelo filho Cícero Menezes de Moraes (1902-1995) c.c. Theniza Marques (de Moraes) (1914-2000), nascido e batizado na Faz. da *Palma*: hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, falecido em Porto Alegre - RS e sepultado em Santa Maria - RS] c.c. **Maria Luiza (Bela) Menezes (de Moraes)** (1880-1971) [grande incentivadora pela preservação na família da propriedade *Fazenda da Palma*, primeiramente residente em São Pedro do Sul - RS e em Santa Maria - RS, posteriormente em Porto Alegre - RS, nascida em São Pedro do Sul - RS e falecida em Porto Alegre - RS, filha do Cel. João Maria Dias de Menezes (1848-1926) & Gabriella Xavier (de Menezes), estes, casados a partir do falecimento da 1ª esposa Constança (?-1875), das segundas núpcias dele, estes, nascidos e casados no Município de Santa Maria - RS (1879), ele, comerciante em São Pedro do Sul - RS e voluntário da pátria na Guerra do Paraguai (de 1865 a 1870), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas, juiz de paz no então 3º distrito, hoje São Pedro do Sul - RS (de 1877 a 1884), um dos fundadores do Clube União de São Pedro (1912) e do Clube de Atiradores, o Tiro Brasileiro Gal. Osório nº 280 (1917), conselheiro municipal (vicepresidente) de São Pedro do Sul - RS (na época da emancipação: 1926), colaborador legionário do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (1949), membro da Loja Maçônica *Remanso*, dono de terra na costa do Rio Ibicuí, entre Pau Fincado e São Pedro do Sul - RS, com propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras de Santa Maria (1855), com inventário (pela morte dela) autuado em Santa Maria - RS (1875), tendo uma escola municipal em São Pedro do Sul - RS com o nome em sua alusão, filho de Pacifico Dias de Menezes & Joaquina Rosa Tavares, provavelmente das segundas núpcias dele, este, suplente de juiz de paz do Rincão de São Pedro (de 1869 a 1872), estancieiro (pecuarista

listado em 1858) no antigo Município de Santa Maria - RS, hoje Município de São Pedro do Sul - RS, tendo herdado terra de Merenciana Joaquina de Menezes, dono de terra no antigo Pau Fincado (lindeiros: pelo sul e leste, com Manoel Dias de Menezes, pelo oeste, com Manoel Joaquim dos Santos, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), envolvido na transação de terreno para construção da Capela de São Pedro (1865), aquela (Maria Gabriela Xavier de Menezes), filha de Manoel Francisco Xavier & Maria Luiza de Barcellos], possivelmente casados no Município de São Pedro do Sul - RS (por volta de 1900), com prole,

Bn 6.2.5 Cel. Dr. **CELSO PENNA DE MORAES** (n.1879/b.1883-1944) [bacharel em Direito pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, advogado em Santa Maria - RS, inicialmente comerciante e posteriormente empresário (comerciante capitalista), fazendeiro (pecuarista) no antigo Município de Santo Ângelo - RS, cidadão de prestígio político pelo antigo Partido Republicano Castilhistas de Santa Maria - RS, um dos fundadores (membro da diretoria) da Sociedade *Artística Beneficente* Santamariense (1896), um dos sócios da Associação Protetora do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (de 1903 a 1928), conselheiro municipal (de 1920 a 1924), 13º Intendente Municipal de Santa Maria (de 1926 a 1928), em cuja gestão administrativa, ocorreu a implantação do saneamento básico na cidade de Santa Maria - RS e a emancipação de São Pedro do Sul - RS, um dos fundadores do Centro Hípico Santamariense (conselheiro fiscal, 1927), colaborador e redator do Jornal *O Estado* (até 1898, possivelmente quando de sua extinção), colaborador legionário da Paróquia *Nª Srª das Dores*, Santa Maria - RS, nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. a Profª **Celina Kruel (de Moraes)** (1888-1967) [servidora pública em Santa Maria - RS, possivelmente professora da rede (municipal) de Santa Maria - RS, possivelmente diretora de extinta escola municipal na Av. 2 de Novembro, benfeitora legionária do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (1948), professora alfabetizadora particular (em sua residência), colaboradora legionária da Paróquia *Nª Srª das Dores*, Santa Maria - RS, tendo uma escola estadual em Santa Maria - RS (Bairro Km 3) com o nome em sua alusão, tendo herdado fazenda possivelmente no Município de Tupanciretã-RS, Santo Ângelo - RS ou São Miguel das Missões - RS (próximo ao hoje Município de Jóia-RS), nascida, batizada e falecida em Santa Maria - RS, filha José Carlos Fuchs Kruel (1860-1940) & Anna Sofia Weber (Krue) (1860-1919), das primeiras núpcias deste, ele, empresário (industrialista) em Santa Maria - RS, um dos fundadores (secretário) da Companhia Santamariense de Luz Elétrica (1897), um dos fundadores e membro da 1ª diretoria (1901) da Associação Protetora do Hospital de Caridade (*Dr. Astrogildo de Azevedo*), fundador da Praça de Comércio de Santa Maria, hoje CACISM – Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria (1897), um dos fundadores da Sociedade Santamariense de Luz Elétrica (de 1897 a 1929), tendo se transferido para o Rio de Janeiro - RS, agraciado com uma medalha (promovida pela CACISM) e tendo uma rua em Santa Maria - RS (entre os bairros Nª Srª de Lourdes e Nonoai) com o nome em sua alusão, ele (José Carlos Fuchs Krue), dono da Estância dos *Pinheiros*, nascido em Santa Maria - RS, filho de Johann Christiano Krue (1829-1873/96 ?) & Elizabeth Fuchs (Krue) (1834-1877), estes, casados em Santa Maria - RS (1852), ele, vereador em Santa Maria - RS (de 1861 a 1869), nascido na antiga Localidade de Bom Jardim, posterior Município de Ivoti-RS (próximo à Novo Hamburgo -

RS, Região Metropolitana de Porto Alegre), antes provavelmente pertencente ao Município de Taquari-RS, falecido em Santa Maria - RS, filho de Carl Ludwig Wilhelm / Carlos Luiz Guilherme Krueel (1790-1871) & Charlotta Juliana Margaretha Bier (Krueel) (1792/93-1870), estes, membros da Igreja Evangélica Luterana, casados na Alemanha, imigrantes vindo de Oberstein para o Brasil (1827), primeiramente (1829) na Picada *Dois Irmãos*, hoje Município de Dois Irmãos - RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), nascidos em Düsseldorf ou Baumholder-St. Wendel, antiga Prússia Renana, hoje Estado de Renânia-Palatinado (noroeste da Alemanha) e posteriormente em Santa Maria - RS (entre 1846 e 1958), falecidos em Santa Maria - RS, ele, tintureiro, possivelmente parente de Johnn Friedrich Krueel (1743-1796) & Christiane Sophia Eleonore Henrici (1753-1817), estes, casados possivelmente em Tallichtenberg ou Altenglan, distrito de Kusel, ele, nascido e falecido em Baumholder, filho de Karl Ludwig Krueel (1693-?), este, filho de Johann Henrich Krueel (1664-1743), este, pastor da Igreja Luterana em Minfeld, tendo estudado em Stassburg, nascido em Hornburg e falecido em Reisenberg, aquela (Christiane Sophia Eleonore Henrici), nascida em Tallichtenberg, antiga Prússia (norte da Alemanha), e falecida em Baumholder, filha de pastor da Igreja Luterana, aquela (Elizabeth Fuchs Krueel), nascida no Município de São Leopoldo - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), irmã de Felipe Fuchs, este, um dos intrdutores na região da abelha européia (*domesticada*), eles (Elizabeth Fuchs Krueel e Felipe Fuchs), filhos de Felipe Fuchs & Margarida Zimmermann (Fuchs), aquela (Anna Sofia Weber Krueel), filha de Jacob Weber (1827-1910) & Catharina Bohrer (Weber) (1838-1924), este, eleitor geral de Santa Maria - RS (1869/72), nascido no navio no Oceano Atlântico e falecido em Santa Maria - RS, este, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1871), filho de Johann Lüdger Weber & Ana Maria Wittmann (Weber), este, possivelmente juiz de paz em Santa Maria - RS (de 1873 a 1876), ela, nascida no atual Distrito de Lomba Grande: Município de Novo Hamburgo - RS e falecida em Santa Maria - RS, aquela (Catharina Bohrer Weber), filha de Frederico Bohrer & Ana Maria Engers (Bohrer), portanto aquela (Celina Krueel de Moraes), irmã do Mal. Amaury (Weber) Krueel (1901-1996) c.c. Candida Cezimbra (Krueel), Gal. Riograndino (Weber) Krueel (1897-?), Dr. Edmar (Weber) Krueel (1893-?), Dr. João Carlos (Weber) Krueel, Nelson (Weber) Krueel, Carlos Krueel c.c. Juliana Amélia Hochmueller (Krueel), portanto tia de Izabel e Luíza Krueel, ou ainda irmã de Olga Krueel (Ribeiro) c.c. Dr. José Valente Ribeiro, Alfrídia Krueel (Barbará) c.c. José Barbará e Josefina (? *Cidóca*) Krueel (de Lemos) c.c. Cel. Estácio Mariense de Lemos, alguns destes, legionários do Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (1948 e 1949)], casados em Santa Maria - RS (1906), com prole, e

Bn 6.2.6 **MANOELA (SENHORINHA/SENHORITA/JUQUINHA) DE MORAES (POSTIGLIONE)** (1886-1913/44 ?) [tendo herdado terra no atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida parte para o irmão Tancredo Penna de Moraes (1876-1948) c.c. Maria Luiza (*Bela*) Menezes (de Moraes) (1880-1971) e parte para a ampliação da Quarta Colônia (Silveira Martins, Linha 7)] c.c. **José Saverio Postiglione** (1886-?) [possivelmente servidor público (possivelmente militar do Exército), residente em Porto Alegre - RS, nascido na Itália, possivelmente na Comuna de Potenza, Região de Basilicata (sul da Itália), filho de Paulo Postiglione & Maria Thereza Agerenza (Postiglione)], casados em Santa Maria - RS (1911), com prole,

N 6.3 JOSÉ PEDRO (JUQUINHA) FERNANDES PENNA / JOSÉ (JUQUINHA) FERNANDES PENNA (F^o) (1850-1926) [estancieiro (pecuarista listado em torno de 1910 e 1922), estabelecendo-se nas proximidades da posterior Colônia *Pena* (ali, herança da esposa), cuja sede posteriormente vendida por herdeiro possivelmente para os irmãos Antonio e Angelo Comassetto, hoje propriedade de Homero Viero (1929-) provavelmente c.c. Erni Dias (Viero), eles, naturais do Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS, figura de destaque no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol (listado entre 1896 e 1901), tendo herdado parte da antiga Faz. da *Palma*, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira (por volta de 1877), nascido e provavelmente falecido no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol (atual Distrito da Palma): Município de Santa Maria - RS], possivelmente por procuração, c.c. a prima **Maria Candida (Prima/Sinhá) (Penna) Teixeira (Penna)** (1854-1932) [tendo herdado terras na Localidade de Arenal, no entorno da atual Colônia *Pena*, loteada por alguns herdeiros, falecida na localidade de Arenal (entre os distritos de Arroio do Só/Sol e o hoje Santa Flora): Município de Santa Maria - RS, filha de Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & Candida Francisca (Lima) Penna (Teixeira Cezar) (Penna) (n.1822/b.1823-1898), este, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1864 e 1872, aproximadamente), irmão de Ignacio Teixeira de Cerqueira Cezar (1801-1903), este, vereador na 2ª Câmara Municipal de Santa Maria - RS (de 1861 a 1864), estancieiro (pecuarista) no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (na época Município de Santa Maria - RS), eles (os irmãos), nascidos em Cachoeira do Sul - RS ou Rio Pardo - RS, aquele (Manoel Teixeira Cezar), falecido em Santa Maria - RS e sepultado no Cemitério da Sotéia, filhos de Manoel Antonio Teixeira (de Cerqueira Cezar) (1761-1831) & Ignacia/Inácia Maria da Conceição (Teixeira César) (1769-1826/28), este, sesmeiro e estancieiro (pecuarista), sesmeiro no antigo Rincão de Santa Catarina Nova, no posterior Município de Santa Maria - RS (outorga em 1813), hoje Distrito de Santa Flora, propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras em Santa Maria - RS (1855), nascido em Santa Maria - RS, Cachoeira do Sul - RS ou Rio Pardo - RS, um dos primeiros moradores e povoadores de Santa Maria - RS (provavelmente vindo em 1798), relacionado também em 1810 e 1812 e na 1ª eleição de 1827 (como cidadão *eleitor votante*), criador de mula (citado em 1807) no 2º Distrito Eclesiástico (antigo *Pau Fincado*, hoje municípios de Dilermando de Aguiar - RS, Santa Maria - RS e São Gabriel - RS), com sesmarias outorgadas entre 1806 e 1814, tendo comprado a Faz. *São Pedro* (1815) de Manoel dos Santos Pedroso, a família daquele (Manoel Antonio Teixeira de Cerqueira Cezar), possivelmente vindo de São Paulo - SP à Curitiba-PR e dali para Cachoeira do Sul - RS e então para Santa Maria - RS, falecido em Santa Maria - RS, nascido em Santa Maria - RS, Cachoeira do Sul - RS, Rio Pardo - RS, Curitiba-PR ou São Paulo - SP, sepultado no Cemitério da extinta Capela (antiga Igreja Matriz), filho de Manoel Teixeira Rocha (1735 ?-?) & Joana Nunes de Abreu (1740 ?-?), estes, naturais de Curitiba-PR, ele, possivelmente nascido em São Paulo - SP, aquela (Ignacia/Inácia Maria da Conceição Teixeira César), nascida em Triunfo-RS, filha de Ignacio/Inácio Xavier Cesar (1735 ?-1831/34) & Rita Pereira (de Araújo) (1724-1823), este, natural de São Paulo - SP, vindo para o Rio Grande do Sul, possivelmente via Rio Pardo - RS e Cachoeira do Sul - RS, possuidor de escravos nos antigos municípios de Rio Pardo - RS e Cachoeira do Sul - RS, filho de Ignacio/Inácio Xavier Cesar (1695 ?-1760) & Escholastica da Silva Bueno (1708-?), estes, nascidos e falecidos em São Paulo - SP, este, pessoa de respeito e autoridade em São Paulo, ocupando importantes cargos, como juiz de órfãos e vereador, sempre segundo as leis da nobreza, possivelmente filho do Cap. Diogo Gonçalves

Moreira & Catharina de Miranda, aquele (Ignacio/Inácio Xavier Cesar, o pai), trineto de Simão Borges de Cerqueira (1576/80 ?-1623), este, moço da câmara do Rei D. Henrique, tabelião e escrivão da câmara (1601), de órfãos e da ouvidoria e alcaidaria (a partir de 1602) em São Paulo - SP (desde os últimos anos do séc. XVI), tendo participado das bandeiras de Nicolau Barreto ao Guaira (1602) e na de Antonio Raposo Tavares na mesma direção (1628), casado em Mezamfrio (Portugal) em 1565, vindo para São Paulo - SP via São Vicente - SP (1590) com João Pereira de Souza Botafogo, porém primeiro na Bahia (com o Governador-Geral D. Francisco de Sousa) e falecido em São Paulo - SP, filho de Antonio Martins de Cerqueira, este, provavelmente bisneto de Belchior Borges (de Souza de Louzada) (1480 ?-?) & Feliceta de Cerqueira, este, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro de São Tiago, 6º senhor da quinta de Carvalhais, mestre cavaleiro da Ordem de Santiago e fidalgo da Casa do Duque D. Jorge, neto paterno de Gaspar Borges de Souza & Teresa Gomes Rebello, este, senhor de Carvalhal, Fidalgo da Casa Real, ela, de origem espanhola, aquela (Feliceta de Cerqueira), irmã do 1º morgado de S. Gonçalo de Amarante Francisco Cerqueira, escrivão proprietário do Público e Judicial de Amarante, filha de Francisco Moniz Cerqueira (1530), este, cónego da Sé de Lamego, descendente dos Cerqueira, senhores da quinta da Torre de Camposa, nos Arcos de Valdevez, e dos São-Payo, senhores de Vila Flor (Portugal), tendo atestado de nobreza (1530), aquele (Belchior Borges de Souza de Louzada), possivelmente neto materno de Francisco Martins de Cerqueira & Leonor Leme, estes, casados em São Paulo - RS (1592/1692 ?), deixando numerosa descendência, ela, uma das 5 filhas do Cap. Fernão (*o Velho* / ? *Manoel Preto*) Dias Paes Leme (1608-1681) & provavelmente Maria Garcia Rodrigues Betim/Betting/Betink / Maria Paes Betim (1642-1691), este, primeiramente fiscal de vendas de mercadorias (incumbido pela Câmara Municipal de São Paulo, a partir de 1626), posteriormente bandeirante (caçador de índio, ouro e esmeralda/turmalina), tendo participado na Bandeira de Raposo Tavares no Sul do Brasil (1638), tendo defendido a expulsão dos jesuítas (1640), novamente em nova Bandeira, desta vez no sertão (de 1644 a 1646), destacado colaborador na construção do Mosteiro de *São Bento*, em São Paulo (1650), juiz ordinário (a partir de 1651), tendo promovido a reconciliação entre paulistas e jesuítas (1653), novamente no sertão em busca de índios (provavelmente *Guanãan/Guaianá*), para depois vendê-los (1661), retornando a São Paulo com mais de 4 mil índios, não conseguindo vendê-los, passando a administrá-los numa aldeia às margens do Rio Tietê (1665), recebendo recomendação do Governador Affonso Furtado de Castro de Mendonça para descobrir esmeraldas (1671), começando os preparativos da sua expedição (1672), partindo com 674 homens à caça de ouro e esmeraldas: Bandeira à Minas Gerais (1674), descobrindo entre cascalhos o primeiro lote de pedras verdes: turmalinas, como se fossem esmeraldas (1681), fundador do arraial onde hoje está São João del Rei e o Distrito de São Caetano: Município de Queluz-MG, patriarca da família *Paes Leme* de São Paulo, inspirando Olavo Bilac em seu Poema *O Caçador de Esmeralda*: episódio da Epopéia Sertanista do séc. XVII (1948), tendo a Rodovia São Paulo / Belo Horizonte o nome em sua alusão, tendo uma rua na vila/sede do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, descendente de importante família dos primeiros povoadores da antiga Capitania de São Vicente (posteriormente São Paulo - SP), provavelmente nascido em São Paulo - SP e falecido nas matas do R. das Velhas, próximo ao R. Doce, Sêrro do Sabaráboçu, Arraial de Sumidouro, Minas de Cataguazes, Minas Gerais (próximo à Sabará-MG), ou em sua fazenda em Santana de Parnaíba - SP, filho de Pedro Dias Paes Leme (?-1633) & Maria Leite da Silva ? Furtado (Leme) (1589 ?-1670), este, filho de Fernando Dias Paes Leme (?-1605 ?) & a sobrinha Lucrecia Leme (?-1645), das segundas núpcias dele, este, filho de Pedro Leme (1515-1592) & Luzia

Fernandes (1504 ?-?), provavelmente das segundas núpcias dele, este, fidalgo português nascido em Funchal, Ilha de Madeira (Região Autónoma de Portugal), e falecido em São Paulo - SP, filho de Antão Leme, este, vindo (possivelmente viúvo e tendo antes passado por Portugal) para São Vicente - SP (entre 1532 e 1544) para administrar negócios de açúcar (Engenho de *São Jorge dos Erasmos*), possivelmente tendo trazido mudas de cana de açúcar com as quais Martim Afonso de Souza introduziu esta cultura (lavoura) no Brasil, juiz ordinário em São Vicente - SP (a partir de 1544), considerado o patriarca da Família *Leme(s)* em São Paulo - SP, nascido na Ilha de Madeira, filho de Antonio Leme (Neto) (1530 ?-?) & possivelmente Catharina de Barros (I) (1540 ?-1600 ?), este, provavelmente Cavaleiro da Casa Real de Dom João III, nascido em Fuentes de Maya, Galizia (hoje noroeste da Espanha), criado e residente em Funchal, Freguesia de Santo Antonio do Campo, Ilha de Madeira (Portugal), posteriormente em Bruges, antigo condado de Flandres (noroeste da atual Bélgica) e em Lisboa (Portugal), este, possivelmente filho de Martim Lems / Maerten Lem (1450/71 ?-?) & Maria Adão Ferreira, este, Cavaleiro da Câmara do Imperador Maximiliano I, nascido em Lisboa (Portugal) e falecido em Funchal, ou aquele (Antonio Leme), morador de Bruges, Flandres (hoje noroeste da Bélgica), nascido em Funchal, filho de Martim Lems / Maerten/Marteen Lem (1400 ?-?) & Leonor Rodrigues, este, flamengo dos Países Baixos, oriundo de família de comerciantes de Bruges, com negócios de cortiça e posteriormente açúcar, donos de frota naval mercantil (caravelas), possivelmente descendentes de Willem/Guillaume Lem (1340/50/65 ?-1440 ?) & possivelmente Catherina (Claire) de Beernem, estes, casados em 1391, esta, viúva de Jean Golebeters, aquela (Maria Adão Ferreira), filha de Adão Gonçalves Ferreira & Beatriz Peres Esteves / Brites Pires, aquela (Catharina de Barros), ligada a importantes linhagens de fidalguia e nobreza europeia, filha de Pedro Gonçalves da Clara & Izabel de Barros, um destes (ele ou ela) possivelmente descendente de Constança Hohenstaufem, esta, por sua vez possivelmente descendente de Ana Princesa de Kiev, aquela (Lucrecia Leme), filha de Braz (Es)Teves (1520-?) & Leonor Leme (1526 ?-1633 ?), estes, nascidos e casados em Funchal, Ilha de Madeira, vindos para o Brasil via São Vicente - SP (por volta de 1550), ela, falecida em São Paulo - SP, filha de Pero/Pedro Leme (1515-1592/1600) & Luiza Fernandes (1504 ?-?), das segundas núpcias dele e primeiras dela, vindo para São Vicente - SP e depois para São Paulo - SP (depois de 1591), este, fidalgo da casa real de El-Rei de Portugal, tendo chegado no Brasil com Martim Afonso de Souza, possivelmente parente de Maria Alves Cabral, irmã de Pedro Álvares Cabral, este, *Descobridor do Brasil*, aquela (Maria Leite Furtado Leme), filha de Pachoal Leite Furtado (?-1614 ?) & Izabel do Prado, esta, filha de João do Prado, aquela (Maria Paes Betim), nascida em São Paulo - SP e falecida em Parnaíba-SP, aquela (Escholastica da Silva Bueno), filha de nascida em Pitangui-MG, filha do Cap. Antonio Ribeiro da Silva & Catarina Bueno de Freitas, este, nascido em Portugal, aquela (Rita Pereira de Araújo), natural da Freguesia Nova de Triunfo-RS ou Viamão-RS, filha de Mateus Pereira de Araújo & Teresa da Fonseca (de Araújo), aquela (Candida Francisca Lima Penna Teixeira Cezar Penna), filha do guarda-mor Manoel Fernandes Penna (1776/77-1841) & Francisca Luíza de Lima (1788-1857), este, em Salvador de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filho de Antonio José Fernandes de Azevedo (1760 ?-?) & Maria Alves da Conceição (1764 ?-?), estes, nascidos em Salvador de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real (Portugal)], casados no Município de Santa Maria - RS (1875)], pais de

Bn 6.3.1 CANDIDO (CANDINHO/FERNANDO) FERNANDES TEIXEIRA PENNA (n.1876/b.1877-1905) [juiz distrital e fazendeiro (pecuarista) no Distrito

de Arroio do Só/Sol, na atual Colônia *Pena* (hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, depois uma *tapera* de fundo de campo (um pouco acima do *Lagoão*), posteriormente comprada por Francisco (*Chico*) Rodrigues da Rocha (1875-1955) c.c. Isolina (*Dindinha*) de Andrade da (Rocha) (1878-1956), posteriormente herdada pelo filho (destes) Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), hoje propriedade do filho (destes) Antonio de Jesus (*Toninho*) Silveira da Rocha c.c. Nely Mozaquatro (da Rocha), aquele (Candido Fernandes Teixeira Penna), nascido, batizado e falecido no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS] c.c. **Zulmira (Maninha/Sr.^a Respeito) Barcellos (Penna)** (1879-1964) [após o casamento, residindo na Colônia *Pena*, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vindo a morar com os pequenos filhos na casa do pai (dela) na sede do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (logo após a prematura morte do marido), tendo alí adquirido em 1917 cerca de 20 ha do irmão Justino da Rocha Barcellos, membro da Igreja *Metodista* (ingressada por *profissão de fé* em 1912), regressando à Santa Maria - RS (1947) e partindo para Porto Alegre - RS (1959), uma das fundadoras (tesoureira) da *Sociedade Metodista de Senhoras* (em 1917, mantendo-se até 1959), ela, nascida provavelmente na sede do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vindo residir em Porto Alegre - RS com o filho José Pedro Barcellos Penna, falecida em Tupanciretã-RS na casa da filha Maria Ady Penna (Soares de Lima) c.c. Gomercindo Soares de Lima, aquela (Zulmira Barcellos Penna), artesã (crochê), nascida no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, filha de Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916) & Francisca Justina da Rocha (Barcellos) (1840 ?-1892), este, proprietário rural (fazendeiro agropecuarista) no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (desde antes de 1882, aproximadamente) e comerciante, mencionado em 1885 e 1889 (próximo à Estação Férrea de Arroio do Só/Sol), juiz distrital de Arroio do Só/Sol, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1871), residente na sede do distrito, figura de destaque em Arroio do Só/Sol (principalmente entre 1896 e 1901), relacionado inclusive com a fundação de Restinga Seca - RS (final do séc. XIX), um dos primeiros colaboradores da Igreja Metodista no Município de Santa Maria (oficialmente a partir de 1907, porém de modo gradual desde 1903, aproximadamente), sendo a origem do *Metodismo* na Família *Barcellos*, batizado na Igreja *Metodista* (na sede do Distrito de Arroio do Só/Sol), em 1907, por *profissão de fé* (recebido pelo Rev. Eduardo Joiner), posteriormente, a filha Zulmira Barcellos (Penna) (1912) e netos: Arabela (Barcellos) Penna (Schütz) (1913), Agenor Barcellos Penna, Ady Penna (Lima) e José Pedro Barcellos Penna (1914), além dos respectivos batismos católicos tradicionais, tendo contribuído substancialmente para a construção (entre 1904 e 1915, aproximadamente) da extinta Capela *Metodista Episcopal* de Arroio do Só/Sol (localizada ao lado da casa de Prodêncio da Silva Flores, em terreno adquirido de Bernardino Pereira dos Santos), tendo participado como delegado da Conferência Anual Sul-Brasileira da Igr. Metodista Episcopal do Sul em prol da organização da Missão Metodista do Rio Grande do Sul (1910), posteriormente Concílio Regional do Sul da Igr. Metodista do Brasil, tendo adquirido em 1882 uma gleba de terra de Antonio Pereira Soares (encravada na Sesmaria de Arroio do Só/Sol, herdada de Felisbino Medeiros Soares) e em 1886 de Manoel Pereira Soares (junto à Estação Férrea), tendo vendido (por procuração) propriedades do filho Justino da Rocha Barcellos (após partida deste de Arroio do Só), aquele

(Pedro Victorino de Barcellos), nascido em Santa Catarina, filho de Manoel Victorino de Barcellos (1810 ?-) & Maria Josina/Joanna Mendes, este, possuidor de escravos em Santa Catarina (por volta de 1869/71) e em Gravataí-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre) (por volta de 1861), aquela (Zulmira Barcellos Penna), irmã da concunhada Ambrozina (*Mimosa*) Barcellos (Penna) (n.1889/b.1890-1969 ?) c.c. Orozimbo Fernandes Teixeira Penna (1886-1961 ?), aquela (Francisca Justina da Rocha Barcellos), provavelmente nascida e criada no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, provavelmente filha de Justino Machado da Rocha & Justina Andrade da Rocha, estes, proprietários rurais no Distrito de Arroio do Só/Sol], casados no Distrito de Arroio do So/Sol: Município de Santa Maria - RS (1898), com prole,

Bn 6.3.2 **JOSÉ (QUITA) FERNANDES PENNA F° (NETO) / JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA PENNA** (1878-1940) [na realidade, pai e avô praticamente com o mesmo nome, sócio de matadouro com José Ignacio Xavier (1883-1963) c.c. Lucilla/lia Penna (Xavier) (1885-1968), possivelmente tendo herdado a sede (ou próximo) da fazenda dos pais (há tempo *tapera* de fundo de campo) na Colônia *Pena*, Localidade de Arenal, Santa Maria - RS, vendida posteriormente para Antonio (*Antoninho*) Rossi de Pelegrini c.c. Nandina Londero ou para Homero Viero (1929-), aquele (José Fernandes Penna F°), provavelmente listado como fazendeiro (pecuarista) a partir de levantamento feito em 1920, nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Marina (Dindinha) Pinheiro Machado (Penna)** (1897-1960) [nascida, residente e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de João Cândido Machado & Margarida (? *Dindinha*) Pinheiro (Machado), estes, do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, estes, possivelmente parentes de Olíbia Batista (Pinheiro Machado), esta, possivelmente moradora da Localidade de Passo da Capivara: Município de Santa Maria - RS, ele, provavelmente comerciante (secos e molhados) na sede do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, um dos idealizadores do Clube *União* (início da década de 1950), filho de Pedro Machado, este, fazendeiro na Localidade de Passo da Capivara: Município de Santa Maria - RS, possivelmente parente do Gal. Dr. José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), este, estadista, senador, bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo - SP (1878), participando como voluntário na Guerra do Paraguai, fundador do Partido Republicano Castilhistas Riograndense (1879), chefe de divisão na Revolução de 1893, chefe do Partido Republicano Castilhistas *Conservador*, advogado no Rio Grande do Sul e São Paulo, tendo ruas centrais em diversas cidades com o nome em sua alusão, nascido em Cruz Alta - RS, filho de Antônio Gomes Pinheiro Machado & Maria Manuela Ayres, aquela (Olíbia Batista Pinheiro Machado), filha João (*João Capataz*) Batista & Maria José (*Zeze*) Paim, estes, donos de atafona na Localidade de Água Boa: Município de Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1913), com prole,

Bn 6.3.3 **MARIA MANOELA (VIDA) PENNA (XAVIER)** (n.1879/b.1880-depois de 1926 ?) [nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS], nas terceiras núpcias dele, c.c. o possivelmente parente **Manoel Ignacio (Maneco) Xavier** (1849 ?-1944 ?) [o *velho* pai, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (relacionado entre 1896, 1901 e 1922), fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (listado por volta de 1910 e 1920), dono da Faz. *Tronqueiras*,

dono de atafona: engenho para fabricação de farinha de mandioca (listado em 1937), primeiramente viúvo de Maria do Carmo Braga (Xavier) (1853-1880), esta, falecida na Localidade de Tronqueira, e, das segundas núpcias dele, viúvo de Constança Braga (Xavier) (1844 ?-?), ele, filho de José Ignacio Xavier & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1873/78, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, provavelmente nascido em Porto Alegre - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier & Briana Francisca de Oliveira, este, nascido no Rio de Janeiro - RS e possivelmente estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, ela, nascida em Colônia do Sacramento (Uruguai), possivelmente descendente de José da Silva Xavier, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS (vindo em 1807), ou de Ignacio/Inácio da Silva Xavier & Eulália Maria Rosa, este, nascido em São Francisco de Paula - RS, ela, nascida em Rio Pardo - RS, aquela (Constancia Braga Xavier), filha de ? Manoel José / José Maria da Silva Braga & Maria Candida (Braga), este, falecido antes de 1881, aqueles (Manoel Ignacio Xavier & Constança Braga Xavier), pais do Cel José Ignacio Xavier (1883-1963) c.c. Lucilia Penna (xavier) (1885-1968), Argemiro Ignacio Xavier (1887-1967) c.c. Jenny Penna (Xavier) (n.1890/b.1891-1974) e Arlindo Ignacio Xavier (1893-1967) c.c. Orphila/Orfila (*Fífica*) Penna (Xavier) (n.1898/b.1899-1986), elas, irmãs da 3ª esposa dele: Maria Manoela (*Vida*) Penna (Xavier) (n.1879/b.1880- depois de 1926 ?), portanto noras e cunhadas dele], em terceiras núpcias dele, provavelmente casados na Colônia *Pena*, Localidade de Arenal, entre os atuais distritos de Santa Flora, Passo do Verde e Localidade de Arenal: Município de Santa Maria - RS (1901), com prole,

Bn 6.3.4 **CACILDO (PANDÔ) TEIXEIRA PENNA** (n.1880/b.1881-1962) [primeiramente tropeiro, fazendeiro (pecuarista) e posteriormente dono de carpintaria e marcenaria (listado em 1937) e servidor público (ferroviário), funcionário (agente de trem) da antiga Viação Férrea do Rio Grande do Sul (a partir de 1959, RFFSA – Rede Ferroviária Federal, hoje ALL – *América Latina* Logística), estabelecendo-se em Camobi (antiga Estação *Colônia*, hoje bairro de Santa Maria - RS), no entorno da Igreja Matriz *Nª Srª da Glória*, tendo comprado terra no *Laguão do Ouro* (Estrada dos *Pains*), fundos do Campus Universitário *Prof. Dr. José Mariano da Rocha Fº* da UFSM (posteriormente adquirido (indenizado) pela união e incorporado ao Campus), tendo herdado terra entre as localidades de Arenal e a Colônia *Santa Flora*, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vendida pelo filho Elcy (*Dindo*) Corrêa (Medeiros) Penna (1905-1967) c.c. Maria Aida Córdova (Penna) (1901-1983) para lotear, dando lugar à hoje Colônia *Pena* (por volta da década de 1940/50), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Ernestina Corrêa de Medeiros (Penna)** (1885/86-1965) [dona de agência de correio em Camobi: Santa Maria - RS, nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de João Benicio de Medeiros (1859-?) & Honoria Corrêa de Medeiros (1860-1940), estes, casados em Santa Maria - RS (1877), ele, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de João David de Medeiros & Candida dos Santos (Medeiros) (1833 ?-1883), este, eleitor especial perante a Câmara Municipal de Cachoeira (de 1856 a 1858), estancieiro (pecuarista) no futuro Município de Santa Maria - RS (1858), nascido em Santa Maria - RS, filho de David José de Medeiros (?-1890) & Polixena Maria do Nascimento, este, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, dono de terra entre o Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e o hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, propriedade registrada no Livro

de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria - RS (1856), aquela (Honorina Corrêa de Medeiros), nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de José Correa de Medeiros & Serafina Farias de Lima (Medeiros) (1835 ?-1896), estes, casados em Santa Maria - RS (1859), este, filho de Manoel Correa de Medeiros (1800-?) & Francisca Joaquina de Jesus, este, filho de Antonio Correa (1754-?) & Maria Lucianna de Jesus (1783 ?-), esta, filha de Manoel José dos Santos & Maria da Conceição de Jesus (b.1761-1839), esta, filha de Faustino Luis Diniz (1737/38 ?-1794 ?) & provavelmente Maria da Conceição, das primeiras núpcias dele, aquela (Serafina Farias de Lima Medeiros), filha de Serafim José de Farias (1801 ?-1871 ?) & Anna Maria de Lima (?-1854), este, filho de Jacinto José Machado de Farias & Catarina Maria da Silva, aquela (Anna Maria de Lima), filha de João Alves de Souza (?-1859) & Joaquina Luiza de Lima, este, filho de João de Souza Machado & Isabel Maria, aquela (Joaquina Luiza de Lima), filha de Faustino Luis Diniz (1737/38 ?-1794 ?) & Anna Joaquina de Jesus (1748/49-1827), estes, pais também de Francisca Luiza de Lima (1788-1857) c.c. Manoel Fernandes Penna (1777/78-1841), aquele (João Benício de Medeiros), possivelmente parente de Manoel José Medeiros, este, provavelmente parente de Manoel David de Medeiros, este, estancieiro (pecuarista) no Município de Santa Maria - RS (1858), aquela (Ernestina Corrêa de Medeiros Penna), prima de Elio Medeiros, este, possivelmente pai de Sérgio Renato de Medeiros, este, bacharel em Engenharia Civil, provavelmente mestre em transportes, engenheiro civil em Santa Maria - RS, Secretário Municipal de Transportes, Trânsito e Mobilidade Urbana (2009), professor na URCAMP – Universidade da Região da Campanha, aquela (Candida dos Santos Medeiros), nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS], casados na Colônia *Pena*, Localidade de Arenal, entre os atuais distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS (1904), com prole,

Bn 6.3.5 OPHELIA/OFÉLIA PENNA (ALVES) (n.1882/b.1883-1923) [dama requintada, educada em Pelotas-RS (inclusive possuindo ótima caligrafia), nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. o parente Cel. **Pedro (Pedrinho) Celestino Alves** (1881-1932) [fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Picada do Arenal (antigo Rincão dos *Maurício*), antiga Estrada do *Arenal*, no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, dono da Faz. *Timbaúva*, subintendente do Distrito de Arroio do Só/Sol (1913 e 1914), subdelegado de polícia (ou equivalente), ativo membro do antigo Partido Republicano Castilhistas em Santa Maria, provavelmente tendo herdado terra na Localidade de Tronqueiras: Município de Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de Manoel Celestino Alves Dornelles (1853-1888) & Carlota Emília Alves da Trindade (1854/1859/1873 ?- f. depois de 1888), em segundas núpcias dela, ele, estancieiro (pecuarista) na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol (citado em 1889) e possivelmente também nas Pedreiras de São Martinho da Serra - RS, com inventário *post mortem* autuado em Santa Maria - RS (1888), cunhado de Avelino Vargas c.c. Anita Alves (Vargas), este, parente do Presidente Getúlio Vargas, aquele (Manoel Celestino Alves Dornelles), nascido no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS, filho do Cap. José Pedro Celestino Alves de Souza (1823-1884) & Anna Rosa Xavier (?- f. depois de 1884), estes, nascidos no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS, ele, militar (oficial) da Guarda Nacional, possivelmente parente de Manoel Alves, vindo de Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) para Santa Maria - RS (1806), parente de Ladislau Celestino Alves, este, do Distrito de Arroio do Só/Sol,

aquele (Pedro Celestino Alves de Souza), nascido antigo Município de Cachoeira do Sul - RS e falecido no Município de Santa Maria - RS, filho de José Joaquim/Ignacio Alves (Dornelles) (1789 ?-1872) & Gertrudes Maria de Jesus Dornelles de Souza (b.1789-1853), este, nascido em São Paulo, possivelmente parente de Antonio Alves de Souza, este, estancieiro em Viamão - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), aquele (José Joaquim Alves Dornelles), provavelmente nascido na Freguesia de N^a Sr^a da *Penha*, hoje Distrito da Penha, Município de São Paulo - SP, aquela (Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), nascida em Santo Amaro (hoje distrito do Município de General Câmara - RS), filha de Jeronimo José de Ornellas e Souza / Dornelles de Souza (n.1765 ?/b.1766-1821 ?) & Maria Francisca de Jesus de Souza (1770 ?-1827), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1785), ele, sesmeiro (outorga em 1812) possivelmente no antigo Rincão do Durasnal de Santa Maria do Pilar, região da Lagoa do Parové, Município de Alegrete-RS e sesmeiro e estancieiro próximo ao Rio Jacuí: Município de Restinga Seca - RS, proprietário próximo ao Passo dos Filício, nascido em Taquari-RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de José de Ornellas e Souza (1744-1781) & Antonia Maria da Silveira (1748-1819), estes, casados em Triunfo-RS (1764), ele, proprietário de terras em Santo Amaro, hoje distrito pertencente a General Câmara - RS, e Itaquí-RS (fronteira com Alvear, Argentina), dono da Sesmaria *Tres Capões*, nascido na antiga Freguesia de N^a Sr^a do Rosario, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Santo Amaro (hoje distrito de General Câmara - RS), este, filho de João de Ornellas e Souza (1709-1773) & Catharina Ignacia de Souza (1711-1773), estes, casados em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores (1739), ele, patriarca da casa de Ornellas/Dornelles do Rio Grande do Sul, nascido em Vila da Praia, Ilha Terceira, Açores, e falecido em Taquari-RS, este, provavelmente filho de Lázaro Gonçalves e Souza & Isabel do Rosário D'Ornellas, este, filho de Belchior Gonçalves, este, filho de Sebastião Homem, este, filho de Gaspar Homem, este, filho de João Homem, aquela (Antonia Maria da Silveira), nascida na Ilha de São Jorge, Açores, e falecida em Santo Amaro, hoje distrito de General Câmara - RS (inventariada em Rio Pardo - RS), filha de Manuel Nunes Fagundes & Maria da Silveira da Conceição, aquela (Catharina Ignacia de Souza), filha de Manoel de Souza Rego (b.1677-?) & Catharina de Souza (b.1672-?), estes, casados em Lages, Ilha Terceira (1698), ele, nascido em Lages, Ilha Terceira, Açores, filho de Manoel do Rego de Souza, aquela (Catharina de Souza), nascida em Lages, Ilha Terceira, filha de Ignacio de Andrade Fagundes & Ana de Souza, aquela (Maria Francisca de Jesus de Souza), nascida e falecida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio Francisco de Souza & Maria dos Santos Machado, aqueles (José Joaquim Alves Dornelles & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), provavelmente parentes de Jerônimo de D'Ornellas / Jeronymo de Ornellas Menezes e Vasconcellos / Hieronimo d'Ornellas de Vasconcellos e Menezes / Jeronimo Dornelles de Vasconcellos Menezes (1690/91-1771) c.c. Lucrecia (Neta) Leme Barbosa (1700 ?-1800), estes, casados em Pádua Guaratinguetá-SP (1723), ele, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, com sesmaria à esquerda do R. Gravataí, incluindo o Porto do Dornelles na Lagoa do Viamão (R. Guaíba) e Rincão de São Francisco (hoje *Alto da Bronze*, centro de Porto Alegre - RS), outorgada em 1740 (registros na Câmara de Laguna-SC), posteriormente estabelecendo-se em Triunfo-RS e em Cachoeira do Sul - RS (hoje Município de Restinga Seca - RS), nascido em Santa Cruz, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal) e falecido em Triunfo-RS, filho de João Manoel Pestana de Velosa &

Antônia Moniz, aquela (Lucrecia Leme Barbosa), de origem flamenga (sobrenome *Lems*, através dos ramos Lemes, Prados e Raposo Góis), nascida em Guaratinguetá-SP e falecida em Triunfo-RS, aquela (Carlota Emília Alves da Trindade), nascida no Município de São Sepé - RS, filha de Manoel Pereira da Trindade & Theodora Maria Joaquina de Souza (1826-?), nascidos e casados em Cachoeira do Sul - RS, este, filho de Antonio José de Figueiredo & Vicenza Maria dos Anjos, aquela (Theodora Maria Joaquina de Souza), filha de Feliciano Machado de Souza & Izabel Antonia de Jesus, este, nascido em Taquari-RS, filho de André Machado de Souza & Anna Maria do Rosário, estes, naturais de Rio Grande - RS, aquela (Izabel Antonia de Jesus), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS, filha de Antonio Moreira da Silva & Isabel de Souza, este, nascido na Ilha de Madeira, ela, de Rio Grande - RS, aquela (Anna Rosa Xavier), possivelmente filha de José Ignacio Xavier & Ana Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1873/78, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, nascido e batizado em Porto Alegre - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier & Briana Francisca de Oliveira, este, nascido no Rio de Janeiro - RS e possivelmente estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, ela, nascida em Colônia do Sacramento (Uruguai), possivelmente descendente de José da Silva Xavier, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS (vindo em 1807), ou Ignacio/Inácio da Silva Xavier & Eulalia Maria Rosa, este, nascido em São Francisco de Paula - RS, filho de José Ignacio Xavier (?- f. antes de 1878) & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1878, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, aquela (Eulalia Maria Rosa), nascida em Rio Pardo - RS], casados possivelmente no Município de Santa Maria - RS (1902), com prole,

Bn 6.3.6 MANOEL (*MANOELITO* ?) TEIXEIRA (FERNANDES) PENNA (1883-1889 ?) [nascido, batizado e falecido (possivelmente criança) no Município de Santa Maria - RS], solteiro,

Bn 6.3.7 LUCILLA (*LUCÍLIA*) PENNA (XAVIER) (1885-1968) [nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. o Cel **José Ignacio/Inácio Xavier** (1883-1963) [provavelmente coronel da Guarda Nacional, fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, tendo herdado a Faz. / hoje também *Cabanha Vista Alegre*, sócio legionário do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo* (1948), vereador suplente (de 1947 a 1951) e titular (de 1951 a 1955) em Santa Maria - RS pelo antigo PP – Partido Libertador, tendo assinado o telegrama do Governador Walter Jobim, líder do PL – Partido Libertador, em resposta ao Senador Alberto Pasqualini, em questionamento sobre a existência ou não dos corpos revoltosos no Rio Grande do Sul (por volta de 1937), um dos fundadores (presidente) da Cooperativa Rural Santamariense (1950) e da Sociedade Agrícola Pastoril (por volta de 1950), tendo uma rua em Santa Maria (Bairro *N^a Sr^a de Lourdes*) com o nome em sua alusão, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier (1849 ?-1944 ?) & Constância Braga (Xavier), das segundas núpcias dele, estes, casados em Santa Maria - RS (1881), ele, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (relacionado entre 1896, 1901 e 1922), fazendeiro (pecuarista), dono da Faz. *Tronqueiras*, Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (listado por volta de 1910 e 1920), primeiramente viúvo de Maria do Carmo Braga (Xavier) (1853-1880), esta, falecida na Localidade de Tronqueira, e, das

segundas núpcias dele, viúvo de Constância Braga (Xavier), ele, filho de José Ignacio Xavier & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1873/78, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, nascido e batizado em Porto Alegre - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier & Briana Francisca de Oliveira, este, nascido no Rio de Janeiro - RS e possivelmente estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, ela, nascida em Colônia do Sacramento (Uruguai), possivelmente descendente de José da Silva Xavier, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS (vindo em 1807), ou Ignacio/Inácio da Silva Xavier & Eulalia Maria Rosa, este, nascido em São Francisco de Paula - RS, filho de José Ignacio Xavier (?- f. antes de 1878) & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1878, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, aquela (Eulalia Maria Rosa), nascida em Rio Pardo - RS, aquela (Constancia Braga Xavier), filha de ? Manoel José / José Maria da Silva Braga & Maria Candida (Braga), este, falecido antes de 1881], casados no Município de Santa Maria - RS (1909), com prole,

Bn 6.3.8 **OROZIMBO FERNANDES TEIXEIRA PENNA** (1886-1961 ?) [possivelmente servidor público (municipal), tendo trabalhado em matadouro da Prefeitura Municipal de Santa Maria - RS, dado a carreras (corridas de cavalo, em cancha reta de 100 m), tendo herdado terra no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para o Maj. Tancredo Penna de Moraes (1876-1948) c.c. Maria Luiza (*Béla*) Menezes (de Moraes) (1880-1971) e Marchezan, estabelecendo-se em Cruz Alta - RS, posteriormente residindo em Júlio de Castilhos - RS, morando com a filha Nadyr Penna (Seadi) (n.1910/b.1911-1994 ?) c.c. Pharis/Feris Seadi (1909-2007), possivelmente com intuito de cuidar da cunhada Maria do Carmo (*Sinhá Gorda*) Barcellos c.c. Lindolfo Soares de Lima, esta, madrinha da sobrinha Aracy Fontenla (Barcellos), ou *Nenê*, possivelmente em primeiras núpcias dela, aquele (Orozimbo Fernandes Teixeira Penna), nascido no Município de Santa Maria - RS e falecido em Porto Alegre - RS] c.c. **Ambrozina (Mimosa) Barcellos (Penna)** (n.1889/b.1890-1969 ?) [posteriormente dona de pensão em Cruz Alta - RS, membro da Igreja *Metodista* de Santa Maria - RS (profissão de fé em 1916), transferida para Cruz Alta - RS (1927), novamente em Santa Maria - RS (1937) e novamente em Cruz Alta - (desde 1949), membro da *Sociedade Metodista de Senhoras* de Santa Maria - RS (entre 1939 e 1948), primeiramente residente na Localidade de Palma (hoje Distrito de Palma): Município de Santa Maria - RS, posteriormente em Júlio de Castilhos - RS e Cruz Alta - RS, retornando à Santa Maria - RS e Cruz Alta - RS novamente, nascida no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, batizada no Município de Santa Maria - RS e falecida em Cruz Alta - RS (cujos restos mortais posteriormente trasladados à Porto Alegre - RS), filha de Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916) & Francisca Justina da Rocha (Barcellos) (1840 ?-1892), este, proprietário rural (fazendeiro agropecuarista) e comerciante (listado por volta de 1894), mencionado em 1885 e 1889 (próximo à Estação Férrea de Arroio do Só/Sol), juiz distrital de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, residente na sede do distrito, figura de destaque em Arroio do Só/Sol (principalmente entre 1896 e 1901), relacionado inclusive com a fundação de Restinga Seca - RS (final do séc. XIX), um dos primeiros colaboradores da Igreja Metodista no Município de Santa Maria (oficialmente a partir de 1907, porém de modo gradual desde 1903, aproximadamente), sendo a origem do *Metodismo* na família *Barcellos*, batizado na Igreja *Metodista* (na sede do Distrito de Arroio do Só/Sol), em 1907, por *profissão de fé* (recebido pelo Rev. Eduardo Joiner), tendo

contribuído substancialmente para a construção da extinta Capela de Arroio do Só/Sol (entre 1904 e 1915, aproximadamente), tendo participado como delegado da Conferência Anual Sul-Brasileira da Igr. Metodista Episcopal do Sul em prol da organização da Missão Metodista do Rio Grande do Sul (1910), posteriormente Concílio Regional do Sul da Igr. Metodista do Brasil, aquele (Pedro Victorino de Barcellos), tendo adquirido em 1882 uma gleba de terra de Antonio Pereira Soares (encravada na Sesmaria de Arroio do Só/Sol, herdada de Felisbino Medeiros Soares) e em 1886 de Manoel Pereira Soares (junto à Estação Férrea), tendo vendido (por procuração) propriedades do filho Justino da Rocha Barcellos (após partida deste de Arroio do Só/Sol), aquela (Ambrozina Barcellos Penna), irmã da concunhada Zulmira (*Maninha/Sr.^a Respeito*) Barcellos (Penna) (1879-1964) c.c. Candido (*Candinho/Fernando*) Fernandes Teixeira Penna (n.1876/b.1877-1905), aquele (Pedro Victorino de Barcellos), natural de Santa Catarina, filho de Manoel Victorino de Barcellos (1810 ?-) & Maria Josina/Joanna Mendes, este, possuidor de escravos em Santa Catarina (por volta de 1869/71) e em Gravataí-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre) (por volta de 1861), aquela (Francisca Justina da Rocha Barcellos), provavelmente nascida e criada no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, provavelmente filha de Justino Machado da Rocha & Justina Andrade da Rocha, estes, proprietários rurais no Distrito de Arroio do Só/Sol], casados no Distrito de Arroio do Só/Sol, porém registrado no hoje Distrito de Vale Vêneto: hoje Município de São João do Polêsine - RS (1909), com prole,

Bn 6.3.9 **CANDIDA (CANDINHA) PENNA (PINHEIRO)** (1887/88-1971) [colaboradora legionária da Paróquia *N^a Sr^a das Dores*, Santa Maria - RS, nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Juvenil (Venóca) Barcellos Pinheiro** (1883-1943) [servidor público em Santa Maria - RS, funcionário (ferroviário) da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (a partir de 1959, RFFSA – Rede Ferroviária Federal, hoje ALL – América Latina Logística), nascido e falecido no Município de Santa Maria - RS, filho do Prof. Manoel Joaquim Pinheiro & Maria Luiza Barcellos (Pinheiro) (1844 ?-?), este, servidor público, primeiro professor do Distrito de Arroio do Só/Sol, regente de uma das primeiras escolas públicas do Município de Santa Maria - RS, Localidade de Tronqueiras (de 1877 a 1885), professor também em Silveira Martins - RS e Vale Vêneto, hoje distrito pertencente ao Município de São João do Polêsine - RS, Região da Quarta Colônia (1886 e 1887, aproximadamente), posteriormente escrivão, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (de 1896 a 1901), esta, provavelmente irmã de Pedro Victorino de Barcellos (1840-1916), em primeiras núpcias dele, c.c. Francisca Justina da Rocha (Barcellos) (1840 ?-1892), este, possivelmente parente do Cel. Walter Peracchi de Barcellos (1907-1986), governador do RGS (entre 1966 e 1972), aquele (Manoel Joaquim Pinheiro), filho de Joaquim Pereira Pinheiro & Margarida Cezar Muzzi, aquela (Maria Luiza Barcellos Pinheiro), filha de Manoel Victorino de Barcellos (1810 ?-) & Maria Josina/Joanna Mendes, este, possuidor de escravos em Santa Catarina (por volta de 1869/71) e em Gravataí-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre) (por volta de 1861)], casados em Santa Maria - RS (1911), com prole,

Bn 6.3.10 **RAMIRO (? PENINHA) TEIXEIRA (FERNANDES) PENNA** (n.1889/b.1891- possivelmente f. entre 1938 e 1965) [nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS], solteiro,

Bn 6.3.11 **GENNY PENNA (XAVIER)** (n.1890/b.1891-1974) [nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Argemiro Ignacio Xavier** (1887-1967) [comerciante e fazendeiro (pecuarista), residente na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, tendo herdado fazenda na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS, nascido no Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS e falecido em Santa Maria, filho de Manoel Ignacio Xavier (1849 ?-1944 ?) & Constância Braga (Xavier), das segundas núpcias deste, ele, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (relacionado entre 1896, 1901 e 1922), fazendeiro (pecuarista), dono da Faz. *Tronqueiras*, Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (listado por volta de 1910 e 1920), primeiramente viúvo de Maria do Carmo Braga (Xavier) (1853-1880), esta, falecida na Localidade de Tronqueira, e, das segundas núpcias dele, viúvo de Constância Braga (Xavier), ele, filho de José Ignacio Xavier & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1873/78, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, nascido e batizado em Porto Alegre - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier & Briana Francisca de Oliveira, este, nascido no Rio de Janeiro - RS e possivelmente estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, ela, nascida em Colônia do Sacramento (Uruguai), possivelmente descendente de José da Silva Xavier, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS (vindo em 1807), ou de Ignacio/Inácio da Silva Xavier & Eulalia Maria Rosa, este, nascido em São Francisco de Paula - RS, ela, nascida em Rio Pardo - RS, aquela (Constancia Braga Xavier), filha de ? Maria José / José Maria da Silva Braga & Maria Candida (Braga), este, falecido antes de 1881], casados no Município de Santa Maria - RS (1911), com prole,

Bn 6.3.12 **MANOEL (MANECO ? / LOLITO) TEIXEIRA (FERNANDES) PENNA** (n.1892/b.1894-1923 ?) [nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS], solteiro, sem filhos,

Bn 6.3.13 **MARIA CANDIDA PENNA (PINHEIRO)** (n.1893/b.1894-1972) [na maturidade, doceira (manufatura e venda de rapadura), vindo a morar no Lar das *Vovozinhas*, tendo herdado terra no Município de Santa Maria - RS, logo vendida pelo esposo (antes de partir), gêmea com Maria José Penna (Rosa) (1893-1984) c.c. José de Azeredo Rosa (1889-1960), nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS] divorciada de **Honobio Barcellos Pinheiro** (n.1889/b.1890-1937 ?) [primeiramente barbeiro, nascido no Município de Santa Maria - RS, batizado em Santa Maria - RS, filho do Prof. Manoel Joaquim Pinheiro & Maria Luiza Barcellos (Pinheiro) (1844 ?-?), este, professor/regente de uma das primeiras escolas públicas do Município de Santa Maria - RS, Localidade de Tronqueiras: Município de Santa Maria - RS (de 1877 a 1880), portanto irmão de Juvenil (*Venoca*) Barcellos Pinheiro (1883-1943) c.c. Candida (*Candinha*) Penna (Pinheiro) (1887/88-1971) e de Pedro Barcellos Pinheiro (1886-?) c.c. a Profª Naura (Viana) Teixeira (Pinheiro), este, dono de cartório em Camobi: Santa Maria - RS, ela, tendo uma escola pública no Bairro *São José* com o nome em sua alusão, aquele (Manoel Joaquim Pinheiro), filho de Joaquim Pereira Pinheiro & Margarida Cezar Muzzi, aquela (Maria Luiza Barcellos Pinheiro), filha de Manoel Victorino de Barcellos (1810 ?-) & Maria Josina/Joanna Mendes, este, possuidor de escravos em Santa Catarina (por volta de 1869/71) e em Gravataí-RS (Região Metropolitana de Porto Alegre) (por volta de 1861)], casados na fazenda da irmã G/Jenny Penna (Xavier)

(1890-1974) c.c. Argemiro Ignacio Xavier (1887-1967), por ocasião das Bodas de Ouro dos pais José Pedro (*Juquinha*) Fernandes Penna (F^o) (1850-1926) & Maria Cândida (*Prima/Sinhá*) (Penna) Teixeira (Cezar) (Penna) (1854-1932), Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (1925), tendo na festa, a participação da Banda da 3^a DE – Divisão do Exército, sem filhos,

B 6.3.14 MARIA JOSÉ PENNA (ROSA) (n.1893/b.1894-1984) [quituteira/doceira, inclusive por ocasião das carreiras (corridas de cavalo), integrante da ala feminina do diretório municipal do PSD – Partido Social Democrata de São Pedro do Sul - RS (a partir de 1945), tendo morado com a irmã (das mais velhas) Ophelia/Ofélia Penna (Alves) (1882-1923) c.c. o parente Cel. Pedro (*Pedrinho*) Celestino Alves (1881-1932), aquela (Maria José Penna Rosa), gêmea com Maria Candida Penna (Pinheiro) (1893-1972) divorciada de Honobio Barcellos Pinheiro (n.1889/b.1890-1937 ?), tendo herdado terras no Município de Santa Maria - RS, provavelmente logo vendida, nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, falecida em São Francisco de Assis - RS na casa do filho Jandir Penna Rosa (1928-) c.c. a Prof^a Marina Quevedo (Rosa) (1928-) e sepultada em São Pedro do Sul - RS] c.c. **Thomaz/Tomás Ribeiro de Azevedo Rosa** (1889-1961) [comerciante: caixeiro viajante (venda de tecidos/fazendas) em São Pedro do Sul - RS, dado ao jogo de carta/baralho (*pocker*), provavelmente nascido em Pedras Brancas (próximo à Porto Alegre - RS), filho de Vicenzo/Vicente da Rosa & Theodora de Azevedo Ribeiro (Rosa), este, filho de Thomaz da Rosa & Philomena (Rosa), estes, provavelmente nascidos na Itália, ele, falecido na Itália, possivelmente imigrante filho de judeu com uma portuguesa (possivelmente casado com uma uruguaia), aquela (Theodora de Azevedo Ribeiro Rosa), nascida em Porto Alegre - RS, filha de Antonio Silvestre Ribeiro & Marciana de Azevedo, estes, nascidos e falecidos em Porto Alegre - RS], casados provavelmente onde se situa a Colônia *Pena*, no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (1915), com prole,

B 6.3.15 ARTHENIZA PENNA (MOREIRA) (n.1895/b.1898-1930) [possuidora de ótima caligrafia, nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Anselmo (de Araújo) Moreira** (1891-1967) [fazendeiro (pecuarista) próximo às localidades de São Geraldo, Picada do Arenal (Faz. do *Arenal*) e Pau-a-Pique (listado em 1938), antes pertencente ao antigo 5^o Distrito: Arroio do Só/Sol (possivelmente hoje Distrito de Pains: Município de Santa Maria - RS), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas em Santa Maria, subdelegado de polícia, subintendente do Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (até 1928), nascido ou no Município de Rosário do Sul - RS ou Santa Maria - RS e falecido em Santa Maria - RS, filho do Maj. João Alberto (*Don Juan Alberto*) Moreira (1843 ?-1927) & Malvina de Araújo (Moreira), este, estancieiro uruguaio em Rosário do Sul - RS, possivelmente filho de Don Felix Moreyra, portanto aquele (Anselmo de Araújo Moreira), irmão de Lucio (de Araújo) Moreira (1896-1926) c.c. Zelina Penna (Moreira) (1896-1920), Malvina (*Dina*) Moreira (do Canto) mãe da Prof^a Maria Elizabeth (*Beth*) do Canto (Vinadé), esta, bacharel em Farmácia Bioquímica pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (1967), Maria Alzira (*Cota*) Moreira (Brilhante) c.c. o Cap. João Cândido (*Felucho*) Brilhante (1881-?) e de Frederico (de Araújo) Moreira (1887/88-1960) c.c. Miguelina da Silva (Moreira) (1896-1979), este, subintendente

do Distrito de Arroio do Só/Sol (1914), fazendeiro (pecuarista) perto da Estação *Colônia* (Camobi, hoje Distrito de Pains), e Estação *Canabaro*, nascido em Rosário do Sul - RS, estes, pais (entre outros) de João da Silva Moreira, pai de João Dílson Moreira c.c. a Profª Elenir Rossatto (Moreira), estes, pais de Milene Rossato Moreira (violinista em Porto Alegre, Alemanha e ultimamente na Flórida (EUA), aquele (João Candido Brilhante), nascido em Bagé-RS, fazendeiro (pecuarista), proprietário da Faz. da *Tapera*, integrante do antigo Partido Republicano Castilhistas (por volta de 1934), possivelmente funcionário do Cartório Eleitoral de Santa Maria - RS, filho de Rafael Brilhante & Joaquina Pereira (Brilhante), aquela (Miguelina da Silva Moreira), possivelmente nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de João Alberto da Silva (1857-1916) & Cecília Correa (da Silva) (1868-1958)], casados no Município de Santa Maria - RS (1915), com prole,

Bn 6.3.16 **ZELINA PENNA (MOREIRA)** (n.1896/b.1898-1920) [nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Lucio (de Araújo) Moreira** (1896-1926) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) próximo às localidades de São Geraldo e Picada do Arenal (Faz. do *Arenal*), antes pertencente ao antigo 5º Distrito: Arroio do Só/Sol (possivelmente hoje Distrito de Pains: Município de Santa Maria - RS, possivelmente tendo herdado terra no atual Distrito de Pains, nascido e falecido no Município de Santa Maria - RS, filho do Maj. João Alberto (*Don Alberto*) Moreira (1843 ?-1927) & Malvina de Araújo (Moreira), este, possivelmente filho de Don Felix Moreyra, portanto aquele (Lucio de Araújo Moreira), irmão de Malvina Moreira mãe da Profª Elizabeth (*Beth*) (Vinadé), Maria Alzira Moreira (Brilhante) c.c. João Cândido (*Felucho*) Brilhante (1881-?), Anselmo (de Araújo) Moreira (1891-1967) c.c. Artheniza Penna (Moreira) e Frederico (Araújo) Moreira (1887-?) c.c. Miguelina da Silva Moreira, pais (entre outros) de Cecília Moreira (Xavier) c.c. Manoel José Penna Xavier e João da Silva Moreira, este, pai de João Dílson Moreira c.c. a Profª Elenir Aparecida Rossatto (Moreira), estes, pais de Milene Rossato Moreira (violinista em Porto Alegre, Alemanha e EUA)], casados no Município de Santa Maria - RS (1917), com prole,

Bn 6.3.17 **ORPHILA/ORFILA (FIFICA) PENNA (XAVIER)** (n.1898/b.1899-1986) [tendo herdado terra no Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida (provavelmente na década de 1960) para o sobrinho Cap. Cacildo (*Cacildinho*) Pen(n)a Xavier (1902-1981/82) c.c. Odila Silveira (Xavier) (1907-), nascida no Município de Santa Maria - RS e provavelmente falecida em Rio Grande - RS] c.c. **Arlindo Ignacio Xavier** (1893-1967) [fazendeiro (pecuarista) no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier (1849 ?-1944 ?) & Constância Braga (Xavier), das segundas núpcias dele, ele, fazendeiro (pecuarista), tendo herdado fazenda na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, ele, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (relacionado entre 1896, 1901 e 1922), fazendeiro (pecuarista), dono da Faz. *Tronqueiras*, Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (listado por volta de 1910 e 1920), tendo também ali herdado terra, primeiramente viúvo de Maria do Carmo Braga (Xavier) (1853-1880), esta, falecida na Localidade de Tronqueira, e, das segundas núpcias dele, viúvo de Constância Braga (Xavier), ele, filho de José Ignacio Xavier & Anna Francisca (Xavier), estes, falecidos antes de 1873/78, ele, possuidor de escravos no Município de Santa Maria - RS, provavelmente nascido em Porto

Alegre - RS, filho de Manoel Ignacio Xavier & Briana Francisca de Oliveira, este, nascido no Rio de Janeiro - RS e possivelmente estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, ela, nascida em Colônia do Sacramento (Uruguai), possivelmente descendente de José da Silva Xavier, um dos primeiros moradores de Santa Maria - RS (vindo em 1807), ou Ignacio/Inácio da Silva Xavier & Eulália Maria Rosa, este, nascido em São Francisco de Paula - RS, ela, nascida em Rio Pardo - RS, aquela (Constância Braga Xavier), filha de ? Maria José / José Maria da Silva Braga & Maria Cândida (Braga), este, falecido antes de 1881], casados no Município de Santa Maria - RS (1920), com prole, e

Bn 6.3.18 **ADEMAR (FERNANDES) TEIXEIRA PENNA** (n.1900/b.1901-1977) [servidor público (primeiro na Prefeitura Municipal e posteriormente no DAER – Departamento Estadual de Rodagem), tendo morado em São Pedro do Sul - RS (durante uns 3 anos) e Santa Maria - RS, tendo herdado a sede da fazenda dos pais (há muito tempo tapera), na hoje Colônia *Penna*, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida talvez para Felix ou Homero Viero, tendo uma rua em Santa Maria - RS (COHAB Passo da Ferreira) com o nome em sua alusão, nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Maria Firmina Ramos (Penna)** (1907-1990) [tendo residido em São Pedro do Sul - RS, provavelmente nascida no Município de São Gabriel - RS, filha de Orozimbo Gonçalves Ramos (1872-?) & Santa Antonina Alves Xavier (Ramos) (1882 ?-?), estes, casados em São Gabriel - RS (1900), ele, fazendeiro provavelmente entre os municípios de Santa Maria - RS e São Gabriel - RS (listado em 1937), nascido no Município de São Gabriel - RS, irmão de Pedro Gonçalves Ramos c.c. Manoela Cabral/Gonçalves (Ramos), eles, possivelmente pais filhos ou netos de Joaquim (*Quinzinho*) Gonçalves Ramos & Maria Rodrigues Cabral, este, militar na Guerra do Paraguai, estancieiro (pecuarista) entre as localidades de Pau Fincado e Azevedo Sodré: Município de São Gabriel - RS (próximo ao Município de Cacequi-RS), eles, possivelmente parentes de Francisco Rodrigues Dias Ramos, este, um dos fundadores (doador do terreno) da Santa Casa de Caridade/Misericórdia de São Gabriel (1855), ela (Santa Antonina Xavier Ramos), nascida no Município de Dom Pedrito - RS, filha de Reduzino Rodrigues Xavier (1850 ?-1920 ?) & Firmina Alves Delgado (1852 ?-1882 ?), possivelmente das primeiras núpcias dele, este, possivelmente nascido em Santa Maria - RS], possivelmente casados no Município de São Gabriel - RS (por volta de 1928), com prole,

N 6.4 ? Cel. **JOÃO MARIA FERNANDES PENNA** (n.1857/b.1861-1913) [fazendeiro, figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (entre 1896 e 1901), tendo residido na Faz. da *Palma* e herdado terra pertencente a esta antiga propriedade, no atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, nascido e falecido no Município de Santa Maria - RS, batizado em Santa Maria - RS] c.c. **Corina Silveira dos Santos (Penna)** (1864- f. depois de 1922 ?) [fazendeira (pecuarista) em Santa Maria - RS (listada por volta de 1910 e 1920/22), nascida no posterior Município de São Sepé - RS, filha de João Vicente dos Santos & Luciana Silveira (dos Santos)], casados na Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (1892), pais de

Bn 6.4.1 **MANOELA (MANOELITA) SILVEIRA PENNA** (1893-1922) [tendo herdado terra no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, logo vendida pelo esposo, possivelmente gêmea com José Silveira Penna (1894-1897),

nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS] c.c. (ou divorciada de) **José Ataliba de Menezes** (1889-?) [músico (cantor), indo possivelmente para o Rio de Janeiro - RS, ao partir, tendo vendido terra (herança da esposa) no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (por volta de 1923), nascido no Uruguai, filho de José Gomes de Menezes & Maria José Braga (de Menezes)], casados em Santa Maria - RS (1912), com prole,

Bn 6.4.2 **JOSÉ SILVEIRA PENNA** (1894-1897) [possivelmente gêmeo com Manoela (*Manoelita*) Silveira Penna (de Menezes) (1893/94-1922), nascido e falecido (criança com cerca de 2 anos de idade) no Município de Santa Maria - RS],

Bn 6.4.3 **SENHORINA SILVEIRA PENNA** (1896 ?-?) [provavelmente nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS], provavelmente sem filhos,

Bn 6.4.4 Alferes **ULYSSES NAVARRO SILVEIRA PENNA** (1898 ?-possivelmente f. na década de 1930) [militar do Exército, alferes do 3º Esquadrão do Corpo Provisório em Santa Maria - RS (1923), tendo sido sua casa atingida pelas granadas da revolta militar de 1926, um dos fundadores (membro de diretoria) do *Grêmio da Mocidade Republicana Santamariense* (1929), tendo herdado terra no Faxinal da Palma, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida primeiramente parte, através do primo Celso Penna de Moraes (1880-1944) c.c. Celina Krueel de Moraes (1888-1967), para a Família Fuganti e, posteriormente, outra parte para João (*Jango*) Lenz c.c. Lydia Appel (Lenz) (por volta de 1932), constituindo-se a Faz. *Santa Terezinha de Jesus*, posteriormente vendida (por volta de 1942) para João Caetano Pozzobon (1903-1992) c.c. Eliza Londero de Zefin (Pozzobon) (1904-2002), Faz. *Santa Terrezinha*, atualmente herdada por filhos destes], provavelmente solteiro.

CAPÍTULO VII

JOÃO FERNANDES PENNA

F 7 **JOÃO FERNANDES PENNA** (1820-1885) [fazendeiro (pecuarista, listado em 1858) no Município de Santa Maria - RS, tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, no entorno da Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (a partir da partilha pelo falecimento da mãe, inventário de 1857 em Cachoeira do Sul - RS), estabelecido no Rincão do Vacacaí-Mirim, com posse a partir de 1843, tendo as confrontações e lindeiros: entre as terras do irmão José (*il Signore Baron / Juca*) Fernandes Penna (n.1817/b.1818-1891) c.c. Manoela Celestina (Alves) Dornelles (Penna) (1825- f. entre 1892 e 2003, aproximadamente) e os cunhados José Martins Beltrão (Jr./Fº/2º) (1813 ?- f. entre 1867 e 1881) c.c. Florinda Francisca (*Chiquinota*) (Lima) Penna (Beltrão) (b.1814- f. antes de 1881 ?) e Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868) c.c. Jeronyma Francisca de Lima Penna (Pinto) (b.1816-1889), propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS, sepultado no Cemitério do Arenal], solteiro, sem filhos.

CAPÍTULO VIII

CANDIDA FRANCISCA (LIMA) PENNA (TEIXEIRA) & MANOEL TEIXEIRA CEZAR

F 8 CANDIDA FRANCISCA (*CANDINHA*) (LIMA) PENNA (TEIXEIRA) (n.1822 ?/b.1823-1898) [tendo herdado terrenos e casas na vila de Santa Maria - RS (a partir da partilha pelo falecimento da mãe (inventário autuado em Cachoeira do Sul - RS (1857), provavelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS, possivelmente sepultada no Cemitério Ecumênico Municipal de Santa Maria - RS] c.c. Manoel Teixeira Cezar (1793 ?-1889) [eleitor em Santa Maria - RS (votado em 1847), estancieiro (pecuarista), assim constando no levantamento realizado em 1858 (*relação de criadores* de Santa Maria), no Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, cuja sede herdada pelo filho Candido (*Canducho*) Teixeira Cezar (n.1858/b.1859-1911) c.c. Carolina Braga (Teixeira Cezar) (1881-1919), posteriormente herdada pela neta (filha destes) Candida (*Candóca*) Braga Teixeira (Rodrigues) (1890-1966) c.c. Manuel José (*Maneco*) Rodrigues (1887-1950), cuja sede hoje herdada pela neta (filha destes) Profª Conceição Rodrigues (Rubin) (1932-) c.c. Macemino (*Máximo*) Dalcin Rubin (1935-), aquele (Manoel Teixeira Cezar), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1864 e 1872, aproximadamente), nascido e falecido no posterior Município de Santa Maria - RS, filho de Manoel Antonio Teixeira de Cerqueira Cesar (1761-1831) & Ignacia/Inácia Maria da Conceição (Teixeira César) (1769-1826/28), este, sesmeiro estancieiro (pecuarista) nos municípios de Santa Maria - RS e no atual Dilermando de Aguiar - RS (listado em 1807 e 1814), vindo de Curitiba-PR para Santa Maria - RS (1798), um de seus primeiros moradores e principais povoadores (listado em 1814 e 1827), tendo comprado (1815), de Manoel (*Maneco*) Pedroso dos Santos, a Fazenda *São Pedro* (hoje entre os municípios de São Pedro do Sul - RS e Dilermando de Aguiar - RS), filho de Manoel Teixeira Rocha (1735 ?-?) & Joana Nunes de Abreu (1740 ?-?), estes, naturais de Curitiba-PR, aquela (Ignacia/Inácia Maria da Conceição Teixeira César), nascida em Triunfo-RS, filha de Ignacio/Inácio Xavier Cesar (1735 ?-1834) & Rita Pereira (de Araújo) (1724-1823), este, nascido em São Paulo - SP, vindo para o Rio Grande do Sul, possivelmente via Cachoeira do Sul - RS, filho de Ignacio/Inácio Xavier Cesar (1695 ?-1760) & Escholastica da Silva Bueno (1708-?), estes, nascidos e falecidos em São Paulo - SP, este, pessoa de respeito e autoridade em São Paulo, ocupando importantes cargos, como juiz de órfãos e vereador, sempre segundo as leis da nobreza, possivelmente filho do Cap. Diogo Gonçalves Moreira & Catharina de Miranda, aquele (Ignacio/Inácio Xavier Cesar, o pai), trineto de Simão Borges de Cerqueira (1576/80 ?-1623), este, moço da câmara do Rei D. Henrique, tabelião e escrivão da câmara (1601), de órfãos e da ouvidoria e alcaidaria (a partir de 1602) em São Paulo - SP (desde os últimos anos do séc. XVI), tendo participado das bandeiras de Nicolau Barreto ao Guaira (1602) e na de Antonio Raposo Tavares na mesma direção (1628), casado em Mezamfrio (Portugal) em 1565, vindo para São Paulo - SP via São Vicente - SP (1590) com João Pereira de Souza Botafogo, porém primeiro na Bahia (com Governador-Geral D. Francisco de Sousa) e falecido em São Paulo - SP, filho de Antonio Martins de Cerqueira, este, provavelmente bisneto de Belchior Borges (de Souza de Louzada) (1480 ?-?) & Feliceta de Cerqueira, este, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro de São Tiago, 6º senhor da quinta de Carvalhais, mestre cavaleiro da Ordem de Santiago e fidalgo da Casa do Duque D. Jorge, neto paterno de Gaspar Borges de Souza & Teresa Gomes Rebello, este, senhor de Carvalhal, Fidalgo da Casa Real, ela, de origem espanhola, aquela (Feliceta de Cerqueira), irmã do 1º morgado de S. Gonçalo de Amarante Francisco Cerqueira, este, escrivão proprietário do Público e Judicial de Amarante, filho de Francisco Moniz Cerqueira (1530), este, cônego da Sé de Lamego,

descendente dos Cerqueira, senhores da quinta da Torre de Camposa, nos Arcos de Valdevez, e dos São-Payo, senhores de Vila Flor (Portugal), tendo atestado de nobreza (1530), aquele (Belchior Borges de Souza de Louzada), possivelmente neto materno de Francisco Martins de Cerqueira & Leonor Leme, estes, casados em São Paulo - RS (1592/1692 ?), deixando numerosa descendência, ela, uma das 5 filhas do Cap. Fernão (*o Velho* / ? *Manoel Preto*) Dias Paes Leme (1608-1681) & provavelmente Maria Garcia Rodrigues Betim/Betting/Betink / Maria Paes Betim (1642-1691), este, primeiramente fiscal de vendas de mercadorias (incumbido pela Câmara Municipal de São Paulo, a partir de 1626), posteriormente bandeirante (caçador de índio, ouro e esmeralda/turmalina), tendo participado na Bandeira de Raposo Tavares no Sul do Brasil (1638), tendo defendido a expulsão dos jesuítas (1640), novamente em nova Bandeira, desta vez no sertão (de 1644 a 1646), destacado colaborador na construção do Mosteiro de *São Bento*, em São Paulo (1650), juiz ordinário (a partir de 1651), tendo promovido a reconciliação entre paulistas e jesuítas (1653), novamente no sertão em busca de índios (provavelmente *Guanãan/Guaianá*), para depois vendê-los (1661), retornando a São Paulo com mais de 4 mil índios, não conseguindo vendê-los, passando a administrá-los numa aldeia às margens do Rio Tietê (1665), recebendo recomendação do Governador Affonso Furtado de Castro de Mendonça para descobrir esmeraldas (1671), começando os preparativos da sua expedição (1672), partindo com 674 homens à caça de ouro e esmeraldas: Bandeira à Minas Gerais (1674), descobrindo entre cascalhos o primeiro lote de pedras verdes: turmalinas, como se fossem esmeraldas (1681), patriarca da família *Paes Leme* de São Paulo, tendo a Rodovia São Paulo / Belo Horizonte o nome em sua alusão, tendo uma rua na vila/sede do Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, descendente de importante família dos primeiros povoadores da antiga Capitania de São Vicente (posteriormente São Paulo - SP), provavelmente nascido em São Paulo - SP e falecido nas matas do R. das Velhas, próximo ao R. Doce, Sêro do Sabaráboçu, Arraial de Sumidouro, Minas de Cataguazes, Minas Gerais (próximo à Sabará-MG), ou em sua fazenda em Santana de Parnaíba - SP, filho de Pedro Dias Paes Leme (?-1633) & Maria Leite da Silva ? Furtado (Leme) (1589 ?-1670), este, filho de Fernando Dias Paes Leme (?-1605 ?) & a sobrinha Lucrecia Leme (?-1645), das segundas núpcias dele, este, filho de Pedro Leme (1515-1592) & Luzia Fernandes (1504 ?-?), provavelmente das segundas núpcias dele, este, fidalgo português nascido em Funchal, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal), e falecido em São Paulo - SP, filho de Antão Leme, este, vindo (possivelmente viúvo e tendo antes passado por Portugal) para São Vicente - SP (entre 1532 e 1544) para administrar negócios de açúcar (Engenho de *São Jorge dos Erasmos*), possivelmente tendo trazido mudas de cana de açúcar com as quais Martim Afonso de Souza introduziu esta cultura (lavoura) no Brasil, juiz ordinário em São Vicente - SP (a partir de 1544), considerado o patriarca da Família *Leme(s)* em São Paulo - SP, nascido na Ilha de Madeira, filho de Antonio Leme (Neto) (1530 ?-?) & possivelmente Catharina de Barros (I) (1540 ?-1600 ?), este, provavelmente Cavaleiro da Casa Real de Dom João III, nascido em Fuentes de Maya, Galizia (hoje noroeste da Espanha), criado e residente em Funchal, Freguesia de Santo Antonio do Campo, Ilha de Madeira (Portugal), posteriormente em Bruges, antigo condado de Flandes (noroeste da atual Bélgica) e em Lisboa (Portugal), este, possivelmente filho de Martim Lems / Maerten Lem (1450/71 ?-?) & Maria Adão Ferreira, este, Cavaleiro da Câmara do Imperador Maximiliano I, nascido em Lisboa (Portugal) e falecido em Funchal, ou aquele (Antonio Leme), morador de Bruges, Flandes (hoje noroeste da Bélgica), nascido em Funchal, filho de Martim Lems / Maerten/Marteen Lem (1400 ?-?) & Leonor Rodrigues, este, flamengo dos Países Baixos, oriundo de família de comerciantes de Bruges, com negócios de cortiça e posteriormente açúcar, donos de frota naval mercantil (caravelas), possivelmente descendentes de Willem/Guillaume Lem (1340/50/65 ?-1440 ?) & possivelmente Catherina (Claire) de Beernem, estes, casados em 1391, esta, viúva de Jean Golebeters, aquela (Maria Adão

Ferreira), filha de Adão Gonçalves Ferreira & Beatriz Peres Esteves / Brites Pires, aquela (Catharina de Barros), ligada a importantes linhagens de fidalguia e nobreza européia, filha de Pedro Gonçalves da Clara & Izabel de Barros, um destes (ele ou ela) provavelmente descendente de Constança Hohenstaufem, esta, por sua vez possivelmente descendente de Ana Princesa de Kiev, aquela (Lucrecia Leme), filha de Braz (Es)Teves (1520-?) & Leonor Leme (1526 ?-1633 ?), estes, nascidos e casados em Funchal, Ilha de Madeira, vindos para o Brasil via São Vicente - SP (por volta de 1550), ela, falecida em São Paulo - SP, filha de Pero/Pedro Leme (1515-1592/1600) & Luiza Fernandes (1504 ?-?), das segundas núpcias dele e primeiras dela, vindo para São Vicente - SP e depois para São Paulo - SP (depois de 1591), este, fidalgo da casa real de El-Rei de Portugal, tendo chegado no Brasil com Martim Afonso de Souza, possivelmente parente de Maria Alves Cabral, irmã de Pedro Álvares Cabral, este, *Descobridor do Brasil*, aquela (Maria Leite Furtado Leme), filha de Pachcoal Leite Furtado (?-1614 ?) & Izabel do Prado, esta, filha de João do Prado, aquela (Maria Paes Betim), nascida em São Paulo - SP e falecida em Parnaíba-SP, aquela (Escholastica da Silva Bueno), nascida em Pitangui-MG, filha do Cap. Antonio Ribeiro da Silva & Catarina Bueno de Freitas, este, nascido em Portugal, aquela (Rita Pereira de Araújo), nascida na Freguesia Nova de Triunfo-RS ou Viamão-RS, filha de Mateus Pereira de Araújo & Teresa da Fonseca (de Araújo)], casados em Santa Maria - RS (1848), pais de

N 8.1 **MANOEL (SINHÔ) TEIXEIRA CEZAR Fº** (1849-1912) [dado a caçadas e leituras, estancieiro (pecuarista) no antigo 2º distrito de Santa Maria, antigo Pau Fincado (relacionado em 1889), abrangendo as localidades de Mato Alto e Colônia da Grápia, hoje distritos de Passo do Verde e Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, cuja sede herdada pela filha Elvira de Andrade Teixeira (1908-2000), posteriormente vendida ao vereador Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), hoje possivelmente herdada pelos filhos Elvio Fernandes da Silveira ou Maria Zaira Silveira (de Grande), viúva de Luizinho de Grande (?-1988), esta, dona do Jornal *A Razão*, aquele (Manoel Teixeira Cezar Fº), nascido e batizado no Município de Santa Maria -RS] c.c. **Felicidade (Felicía) de Andrade (Cezar)** (n.1869-1954 ?) [artesã (feitura de gaiola de passarinho, etc.), na maturidade frequentadora da Igr. *Metodista* (a partir de 1921), dona de atafona, fazendeira (pecuarista) entre a Localidade de Mato Alto e Colônia da Grápia, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, cuja sede herdada pela filha Elvira de Andrade Teixeira (1908-2000), posteriormente vendida ao vereador Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), hoje possivelmente herdada pela filha Maria Zaira Silveira (de Grande), dona do Jornal *A Razão*, listada a partir de levantamento feito em 1910 e 1920/22, ele, vereador (eleito em 1963, 1968, 1972, 1976, 1982 e 1983), integrante do antigo Partido *Libertador*, depois ARENA posteriormente PDS – Partido democrata Social, aquela (Felicidade de Andrade Cezar), gêmea com Clemente Lopes de Andrade (n.1869/b.1873-?), provavelmente nascida na costa da lagoa (divisa com o Município de São Gabriel - RS), Localidade de Banhados, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, possivelmente batizada em Santa Maria - RS (não constando o nome dela no assento de batismo do irmão gêmeo) junto com o irmão gêmeo Clemente Lopes de Andrade (n.1869/b.1873-?), falecida em Porto Alegre - RS, filha de Antonio Manoel (Xavier) de Andrade (b.1823-1894) & Maria Francisca (*Marica*) Lopes (de Andrade) (1830-1933 ?), estes, casados no Município de Santa Maria - RS (1858), ele, juiz de paz no 2º Distrito (antigo *Pau Fincado*) de 1865 a 1868, vereador na 4ª Câmara Municipal (de 1869 a 1872) para o 2º Distrito (Pau Fincado), estancieiro (pecuarista) no Rincão de Santa Catarina, Localidade de Banhados: Santa Maria - RS (relacionado em 1889), tendo ali herdado terra, com

inventário (pela morte da mãe) autuado em Santa Maria - RS (1872), batizado em Santa Maria - RS, filho de Bento Xavier de Andrade (1782/87-1852) & Ludovina Umbelina de Bittencourt (1784/87 ?-1872), estes, casados por volta de 1813, ele, um dos primeiros moradores principais de Santa Maria (citado na 1ª eleição de 1827 e possivelmente em 1847 e 1850), estancieiro (pecuarista listado em 1834) provavelmente no Rincão de Santa Catarina Nova, Localidade de Banhados: entre os municípios de Santa Maria - RS, São Gabriel e Dilermando de Aguiar - RS, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria - RS (1856), cidadão eleitor votante em 1827 na 1ª eleição (Santa Maria: 4º Distrito de Cachoeira), nascido na Capela Grande (*São Simão/Saicán*), a cerca de 15-30 km da Cidade de Cacequi-RS, entre o atual Município de Rosário do Sul, Cacequi, Alegrete e São Francisco de Assis - RS, cerca de 30 Km da *Corte* – Entrada da Fazenda Nacional de *Saicán* (até 1964, Coudelaria de *Saicán/Saicã*, uma das maiores fazendas do Exército Brasileiro, com umas 800 quadras de sesmarias), citado como morador de Santa Maria (um dos primeiros principais moradores de Santa Maria - RS na 1ª eleição, em 1827), ali falecido e enterrado no extinto Cemitério da *Santa Cruz* (hoje Igreja do Rosario), possivelmente oriundo da numerosa e tradicional família *Andrade* do Estado de São Paulo, provavelmente filho de Manoel Antonio / Antonio Manoel de Jesus e/de Andrade (1760 ?-?) & Francisca Joaquina de Jesus (de Andrade) (1762 ?-?), estes, casados por volta de 1786, ele, nascido em Parnaíba-SP, aquela (Ludovina Umbelina de Bittencourt), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de Jeremias Antonio de Bittencourt & Joaquina Rosa Gomes, este, juiz de paz no 2º distrito (antigo *Pau Fincado*) em 1833, estancieiro (pecuarista) no futuro Município de Santa Maria - RS (listado em 1834), eleitor especial suplente (escolhido em 1847), nascido em Rio Grande - RS, filho de Francisco Antonio de Betancurt/Bittencourt & Maria Eugenia Pereira, este, sesmeiro no Rincão de *Santa Catarina*, fazendo divisa com o R. Vacacaí Grande (1795), nascido em Laguna-SC ou Rio Grande - RS, aquela (Maria Eugenia Pereira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS, aquela (Francisca Joaquina de Andrade), nascida na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis-SC), filha de João Inácio do Canto (1752 ?-?) & Francisca Rosa Gomes (1752 ?-?), aquele (João Inácio do Canto), filho de José Caetano Pereira (1702 ?-?) & Eugênia Maria Figueiredo, este, nascido em Ponta Delgada (São José), Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (hoje Território Ultramarinho de Portugal), filho de João Botelho & Josefa do Canto, aquela (Eugenia Maria Figueiredo), nascida em Lisboa (Portugal), filha de João Lopes de Figueiredo & Isabel Maria, aquela (Francisca Rosa Gomes), nascida em Laguna-SC, aquela (Maria Francisca Lopes de Andrade), possivelmente nascida no antigo Distrito de Pau Fincado, matriarca do clã *Lopes de Andrade* em Santa Maria - RS, possivelmente morando com o filho Antonio Xavier de Andrade (*Antoninho Xavier*), à Av. Presidente Vargas quase esquina com R. Barão do Triunfo (nas proximidades com a Ig. Nª Srª de Fátima), possivelmente tendo (este e seu irmão José Lopes de Andrade e filhos) ido para a Igreja Evangélica *Assembléia de Deus*, dando origem ao numeroso ramo da Família *Andrade* nesta igreja, tendo inclusive ali diversos músicos, ela (Maria Francisca Lopes de Andrade), filha de Manoel José Lopes (1800/05 ?-1851) & Francisca Rosa de Oliveira (1803/08 ?- f. depois de 1851), estes, casados no atual Município de Santa Maria - RS (1835), aquele (Manoel José Lopes), estancieiro (pecuarista) no antigo Distrito de Pau Fincado, entre o Município de Dilermando de Aguiar - RS e o Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, com inventário (da morte dela) autuado em Santa Maria - RS (1851), nascido na Freguesia de São Francisco de Borja (Missões), possivelmente entre o *Saicán* (Município de Cacequi-RS), Jaguari-RS possivelmente natural da Capela (*São Simão/Saicán*), a cerca de 15-30 km da Cidade de Cacequi-RS, entre os atuais

municípios de Rosário do Sul, Cacequi, Alegrete e São Francisco de Assis - RS, cerca de 30 Km da *Corte* – Entrada da Fazenda Nacional de *Saicán*, Coudelaria de *Saicán/Saicã* (até 1964), filho de José Lopes de Paula (1775 ?-antes de 1835) & Maria Antonia de Bittencourt/Bitancur (1776 ?-antes de 1835), possivelmente parente de Francisco Antonio de Bittencourt/Betancurt (tendo sesmaria outorgada em 1792 no Rincão de Santa Catarina, fazendo divisa com o R. Vacacaí Grande, junto ao campo de Constantino José Pinto), aquela (Maria Eufrasia Lopes), nascida no Município de São Borja - RS, filha de Antonio Manoel / Manoel Antonio de Bittencourt/Bitancur (?-1790) & Maria Anna de Bittencourt/Bitancur, estes, naturais de Santa Cruz, Ilha de Graciosa, Bispado de Angra, Açores, tendo morado em Laguna-SC e Santo Antonio da Patrulha - RS, falecidos em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente parente de Manuel Lopes de Bittencourt, avô materno de Galdino Lopes Silveira, aquele (José Lopes de Paula), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS (possivelmente da região dos *Campos de Cima da Serra*), ou nascido em Évora (Portugal), ela (Maria Antonia de Bittencourt/Bitancur), nascida em Cachoeira do Sul - RS, aquela (Francisca Rosa de Oliveira), nascida em Triunfo-RS, filha de Francisco Pinto de Oliveira (dos Santos) (1770 ?-antes de 1835) & Dorothea/téa Joaquina dos Santos (1771 ?-?), estes, nascidos em Triunfo-RS], casados no Município de Santa Maria - RS (por volta de 1891), pais de

Bn 8.1.1 **ANSELMO DE ANDRADE CEZAR** (n.1891/b.1898-1981) [fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Mato Alto, entre os distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, dono da Faz. *Mato Alto*) desportista (afeito à caça e carreira de cavalo, em cancha reta de 100 m), nascido próximo à Colônia da Grápia, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizado e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Marfisa da Rocha (Cezar)** (n.1892/b.1893-1978) [costureira e artesã (colcha de retalhos, etc), tendo herdado uma gleba de terra na Localidade de Laranjeiras: Dilermando de Aguiar - RS, posteriormente vendida, nascida na Faz. *Santa Catarina* (herança da primeira esposa), entre os atuais distritos de Passo do Verde e Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de Felisberto Rodrigues da Rocha (1855 ?-1918) & Amalia Bosholm (da Rocha) (1877-1936), das segundas núpcias deste, eles, casados em Santa Maria - RS (1888), ele, primeiramente tropeiro e criador e negociante de mula, estabelecendo-se em Santa Maria - RS (por volta de 1875), tornando-se capataz da fazenda de João José Pinto (hoje Distrito de Santa Flora), posteriormente fazendeiro (pecuarista) primeiramente na Faz. *Santa Catarina*, entre os distritos de Passo do Verde e Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, depois tendo comprado a Faz. *Santa Fé* de Fermiano da Rocha c.c. Eufrasia Souza, esta, filha de Francisco (*Chiquinho*) de Souza Leal, este, filho de Salvador Leal com uma índia, próximo à Sotéia, e outra, próximo às localidades de Laranjeira e Sobradinho: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em 1889), possuidor de escravos, tendo herdado a Faz. *Santa Catarina* da 1ª esposa, Maria Joaquina Gomes de Oliveira Pinto (1837-1879), viúva de José Gomes Lisboa, com inventário autuado em Santa Maria - RS (1879), aquele (Felisberto Rodrigues da Rocha), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, casado em Santa Maria - RS e falecido em Soledade-RS, filho de José Rodrigues da Rocha (1830 ?-1914 ?) & Maria Antonia de Jesus (Rodrigues da Rocha), estes, nascidos e criados em Viamão-RS, estabelecidos em Santo Antonio da Patrulha - RS, possivelmente descendente do homônimo José Rodrigues da Rocha & Maria Rodrigues, este, nascido na Ilha do Pico, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquela (Maria

Rodrigues), nascida na Ilha de Faial, Açores, aquela (Amália Bosholm da Rocha), filha de Pedro Guilherme Bosholm & Felisberta (*Alemao/Berta*) Bosholm (?-1925 ?), este, provavelmente de origem prussiana, ela, tendo sido sua casa (Km3) uma das saqueadas pelo piquete revolucionário federalista (1893/94)], casados no Município de Santa Maria - RS (1913), com prole,

Bn 8.1.2 **HONORINA (ICA) TEIXEIRA CEZAR (DE MEDEIROS)** (n.1893/b.1895-1918) [tendo herdado terra na Localidade de Colônia da Grápia, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), hoje provavelmente herdada pela filha Ceura Silveira (Miotto) c.c. Gaspar Miotto, aquela (Honorina Teixeira Cezar de Medeiros), nascida nas proximidades da posterior Colônia da Grápia, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS e provavelmente falecida em Santa Maria - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **João Diogo Corrêa de Medeiros** (n.1890/b.1891-1951/52) [marceneiro e carpinteiro autônomo, nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS, filho de João Benício de Medeiros & a parente Honoria Correa de Medeiros (1860-1940), estes, nascidos e casados no Município de Santa Maria - RS (1877), ele, filho do Cel. João David de Medeiros & Candida dos Santos Moraes (Medeiros) (1859-?), estes, nascidos e casados no Município de Santa Maria - RS (1849), ele, vereador em Santa Maria - RS (4ª Legislatura: de 1868 a 1873), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1869 e 1872, aproximadamente), nascido em Santa Maria - RS, filho de Davi José de Medeiros & Polixena Maria do Nascimento, este, nascido em Viamão-RS, ela, nascida em Santa Maria - RS, aquela (Honorina Correa de Medeiros), filha de José Correa de Medeiros (1832 ?-f. depois de 1896) & Serafina Farias de Lima (Medeiros) (1835 ?-1896), estes, casados em Santa Maria - RS (1859), este, filho de Manoel Correa de Medeiros (1800-?) & Francisca Joaquina de Jesus, este, filho de Antonio Correa (1754-?) & Maria Lucianna de Jesus (1783 ?-), esta, filha de Manoel José dos Santos & Maria da Conceição de Jesus (b.1761-1839), esta, filha de Faustino Luis Diniz (1737/38 ?-1794 ?) & Maria da Conceição, das primeiras núpcias dele, ele, imigrante açoriano anteriormente estabelecido na Ilha de Santa Catarina (hoje Florianópolis-SC) e posteriormente (nas segundas núpcias dele), em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), nascido em Angra ou Agualva ou ainda Nª Sr.ª de Guadalupe, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho do Cap. Mateus Lourenço Diniz & Maria da Conceição (n.1702-?), este, nascido e batizado na Freguesia de Nª Srª do Rosario da Vila Nova, Ilha Terceira, Açores, filho de Pedro Enes Diniz & Maria de Ávila, estes, nascidos e batizados na Vila Nova, Ilha Terceira, Açores, aquela, batizada na Freguesia de Agualva, Conselho da Praia da Vitoria, Ilha Terceira, Açores, aquela (Maria da Conceição), nascida na Freguesia de São Mateus, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores: Região Autônoma de Portugal), filha de Antonio Machado Fagundes & Luiza da Conceição, aquela (Serafina Farias de Medeiros), filha de Serafim José de Farias (1801 ?-1871 ?) & Anna Maria de Lima (?-1854), este, filho de Jacinto José Machado de Farias & Catarina Maria da Silva, aquela (Anna Maria de Lima), filha de João Alves de Souza (?-1859) & Joaquina Luiza de Lima, este, filho de João de Souza Machado & Isabel Maria, aquela (Joaquina Luiza de Lima), filha de Faustino Luis Diniz (1737/38 ?-1794 ?) & Anna Joaquina de Jesus (1748/49-

1827), das segundas núpcias dele, aquela (Joaquina Luiza de Lima), portanto irmã da Francisca Luiza de Lima (1788-1857) c.c. o Guarda-mor Manoel Fernandes Penna (1776/77-1841), aquela (Candida dos Santos Moraes Medeiros), nascida em Santa Maria - RS, filha de Francisco dos Santos Moraes (1818-1867) & Maria Ferreira da Costa (dos Santos Moraes), este, estancieiro (pecuarista) no Município de Santa Maria - RS (listado em 1858) e eleitor especial (de 1869 a 1872), nascido no Município de Cachoeira do Sul - RS, provavelmente filho de Francisco dos Santos Moraes (1788/89-1849) & Clara Maria dos Santos, este, possivelmente militar do Exército, um dos primeiros moradores principais de Santa Maria na 1ª eleição (cidadão *eleitor votante* em 1827), sepultado no Cemitério do Passo da Laranjeira: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, irmão de Josefa dos Santos Morais (1805/07-?), estes, filhos do Ten. Felisberto dos Santos Moraes (1756 ?-1846 ?) & Cristina Angelica de Jesus (1766 -?), estes, nascidos em Rio Pardo - RS, ele, primeiramente comerciante rural (bodegueiro) em Rio Pardo - RS e posteriormente sesmeiro (outorga em 1796) e estancieiro (pecuarista), dono da Faz. *Ramada*, provavelmente no Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria, um dos primeiros povoadores de Santa Maria (chegado em 1804, listado também em 1812), estancieiro (pecuarista listado a partir de levantamento feito em 1920), nascido em Rio Pardo - RS, tendo recebido sesmaria (1806) entre o *Arenal* e a *Coxilha da Ramada* (hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS) e outra sesmaria (outorgada em 1814), provavelmente legionário (*im memoriam*) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, possuidor de escravos no posterior Município de Santa Maria - RS (anteriormente pertencente aos antigos municípios de Cachoeira do Sul - RS e Rio Pardo - RS), filho de José dos Santos Morais, este, nascido nas Ilhas, provavelmente do Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, filha de Antonio Machado & Ignacia da Rosa, este, nascido em São Paulo e ela, nas Ilhas (provavelmente dos Açores), aquela (Maria Ferreira da Costa dos Santos Moraes), nascida no Município de São Gabriel - RS], casados em Santa Maria - RS (1912), com prole,

Bn 8.1.3 CELINA (DE ANDRADE) CEZAR (SILVEIRA) (n.1895/b.1898-1980 ?) [costureira (modista/estilista) em Passo Fundo - RS e posteriormente em Porto Alegre - RS, artista plástica (pintura), tendo também estudado música (cítara) na juventude, tendo herdado terra próxima à Colônia da Grápia, entre as localidades de Mato Alto e Colônia Pena, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para o irmão Anselmo de Andrade Cezar (1891-1981) c.c. Marfisa da Rocha (Cezar) (1892-1978) e José Salvador Pereira dos Santos (1924-2007) & Marina Rosa (dos Santos) (1929-1995), nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre a Localidade de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, provavelmente batizada em Santa Maria - RS e falecida em Porto Alegre - RS] viúva de **Percival Lopes Silveira** (n.1895/b.1896-1957/58) [servidor público (da prefeitura ou oficial de justiça) em Passo Fundo - RS (ali residente desde antes de 1925), nascido e batizado em Santa Cruz do Sul - RS e possivelmente falecido em Santa Maria - RS, filho de Faustino Silveira & Olympia Rosa Lopes (da Silveira)], casados em Santa Maria - RS (1925), no mesmo dia do casamento da irmã *Áurea (Aurinha)* (de Andrade) Cezar (Oliveira) (n.1905/b.1907-2004 ?) c.c. Waldemar de Oliveira (n.1893/b.1894-1960 ?) e de Aracy Cezimbra Castello Branco (Barreto) (1908-1926) c.c. José Barreto (1900/01

?-?) (possivelmente no mesmo ano da morte da mãe ou avó de Felicidade de Andrade (Cezar) (1869-1954 ?) viúva de Manoel (*Sinhô*) Teixeira Cezar (1849-1912), com prole,

Bn 8.1.4 **ADELAIDE (DE ANDRADE) TEIXEIRA CEZAR** (1897 ?-1915/18 ?) [nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e falecida (com uns 17 anos de idade) no Município de Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

Bn 8.1.5 **MARIA (COTA) (DE ANDRADE) TEIXEIRA CEZAR** (n.1898/b.1902-1918) [nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS e falecida (com 19 anos de idade) no Município de Santa Maria - RS] noiva de **João Manoel Machado (Ferreira)** (1888-1947) [dado à caça (principalmente tatu), possivelmente solteiro, nascido, batizado e falecido em Santa Maria - RS, filho de Manoel Machado Ferreira F^o (1845-1912) & Carlota Machado da Silveira (1867-1909), estes, falecidos em Santa Maria - RS, ele, chefe de Polícia Municipal de Santa Maria - RS (1897), aquele (João Manoel Machado Ferreira), irmão de Amélia Machado (Cezimbra) (1893-1973), nas segundas núpcias dele, c.c. o Cel. Ataliba Cezimbra (1872-1937) e de Amanda (*Mandota/Dodóta*) Machado Ferreira (?-1990), estes, nascidos e falecidos em Santa Maria - RS, aquele (Manoel Machado Ferreira F^o), possivelmente nascido e falecido em Santa Maria - RS, filho de Manoel Machado Ferreira & provavelmente Ana Maria da Rocha, este, nascido em Santa Catarina e ela, nascida em Santa Maria - RS], solteira, sem filhos,

Bn 8.1.6 **MANOELA (MANOELITA) (DE ANDRADE) TEIXEIRA CEZAR (GIAVARINA)** (n.1901/b.1902-1995 ?) [residente em Passo Fundo - RS, tendo herdado terra próxima à Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), aquela (Manoela de Andrade Teixeira Cezar), nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e batizada em Santa Maria - RS, possivelmente falecida em Porto Alegre - RS] c.c. **Antonio Giavarina** (1896-1960 ?) [comerciante (anteriormente talvez dono de armazém e metalúrgica, posteriormente dono de um posto de combustível e distribuidora de gás (? Menegás) em Passo Fundo - RS, um dos fundadores (colaborador fiscal) da Capela de *Santa Teresinha do Menino Jesus*, na Vila Rodrigues, Passo Fundo (1930), delegado geral, provavelmente nascido em Passo Fundo - RS e falecido em Porto Alegre - RS, filho de Paulo Giavarina & Angela Spagnolo/Espagnola (Giavarina), possivelmente parente de Santo Giavarina (1861-1923) & Angela Spagnollo (Giavarina) (1861-?), estes, casados em Silveira Martins - RS (1884), este, imigrante nascido na Comuna de Árcole, Província de Verona, Região de Veneto (norte da Itália) para a Região da Quarta Colônia, Silveira Martins - RS (1882/83), estabelecido em Nova Palma - RS, ele, falecido em Santa Maria - RS, filho de Ferdinando Giavarina & Santa Feggiona (Giavarina), aquela (Angela Spagnollo

Giavarina), falecida em São Paulo], casados em Santa Maria - RS (1922), com prole,

Bn 8.1.7 AUR(E)A (AURINHA) (DE ANDRADE) CEZAR (DE OLIVEIRA) (n.1905/b.1907-2004 ?) (falecida possivelmente com 100 anos) [costureira (modista/estilista) em Passo Fundo - RS e posteriormente no Rio de Janeiro - RJ, tendo estudado música (violino) na juventude, tendo herdado terra próxima à Colônia da Grápia, entre as localidades de Mato Alto e Colônia Pena, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), aquela (Aurea de Andrade Cezar de Oliveira), nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS, possivelmente falecida em Brasília-DF] c.c. **V/Waldemar de Oliveira** (n.1893/b.1894-1960 ?) [possivelmente bancário do BB – Banco do Brasil e posteriormente comerciante, por último empresário (dono de hotel) em Passo Fundo - RS, nascido e batizado no hoje Município de São Pedro do Sul - RS, provavelmente falecido no Rio de Janeiro - RJ, filho de João Hippolyto de Oliveira & Mafalda Alves/Palma (de Oliveira)], casados em Santa Maria - RS (1925) [no mesmo dia do casamento da irmã Celina (de Andrade) Cezar (de Oliveira) (n.1895/b.1898-1980 ?) c.c. Percival Lopes Silveira (n.1895/b.1896-1957/58) e da parente Aracy Cezimbra Castello Branco (Barreto) (1908-1926) c.c. José Barreto (1900/01 ?-?)], com prole, e

Bn 8.1.8 ELVIRA DE ANDRADE (TEIXEIRA) (1908-2000) [tendo estudado música (piano), primeiramente residente em Santa Maria - RS, posteriormente indo residir em Porto Alegre - RS, tendo herdado terra próxima à Colônia da Grápia, entre as localidades de Mato Alto e Colônia Pena, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Pedro Fernandes da Silveira (1915-1990) c.c. Mercedes Fernandes da Silveira (1919-2010), nascida nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizada no Município de Santa Maria - RS e falecida em Porto Alegre - RS] divorciada de **Atanásio (? dos Santos) Teixeira** (1903 ?-1960 ?) [alfaiate em Santa Maria - RS, sucessor (após Egidio Fortunati) da antiga Alfaiataria *Fitipaldi* na R. Dr. Bozano: Santa Maria - RS (listado em 1937), irmão de Arlindo Teixeira (?-1985), este, comerciante em Santa Maria - RS, e Arnaldo Teixeira (?-1973), estes, provavelmente de família de Lavras do Sul - RS e provavelmente falecidos em Porto Alegre - RS, netos de *Marizinha*, possivelmente filhos de Libindo José Teixeira & Francisca da Silveira], com prole,

Bn 8.1.9 Dr. EUCLYDES (CLIDE) DE ANDRADE TEIXEIRA CEZAR (n.1910/b.1915-1982) [bacharel em Direito em Pelotas-RS, pessoa culta, indo morar no Rio de Janeiro - RJ, posteriormente residindo com a irmã Celina Teixeira Cezar (Silveira) (n.1895/b.1898-1980 ?) c.c. Percival Lopes Silveira (n.1895/b.1896-1957/58) em Passo Fundo - RS, depois de volta em Santa Maria - RS, estabelecendo-se posteriormente em Porto Alegre - RS (a partir de 1949, aproximadamente), tendo herdado terra próxima à Colônia da Grápia, entre as localidades de Mato Alto e Colônia Pena, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida, nascido nas proximidades

da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e falecido em Porto Alegre - RS], nas primeiras núpcias dele, viúvo de **Marinete (Mariazinha) Mendes (Teixeira Cezar)** (1911 ?-1946 ?) [provavelmente residente no Rio de Janeiro - RJ, provavelmente nascida no Estado da Paraíba (nordeste brasileiro) e provavelmente falecida em Passo Fundo - RS], com prole,

Bn 8.1.9 Dr. **EUCLIDES (CLIDE) DE ANDRADE TEIXEIRA CEZAR** (n.1910/b.1915-1982) [bacharel em Direito em Pelotas-RS, pessoa culta, indo morar no Rio de Janeiro - RJ, posteriormente residindo com a irmã Celina Teixeira Cezar (Silveira) (n.1895/b.1898-1980 ?) c.c. Percival Lopes Silveira (n.1895/b.1898-1980 ?) em Passo Fundo - RS, depois de volta em Santa Maria - RS, estabelecendo-se posteriormente em Porto Alegre - RS, tendo herdado terra próxima à Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Jorge Farias da Silva (1913-1996) & Thereza (*Santa*) Silveira de Freitas (da Silva) (1917-2004), aquele (Euclides de Andrade Teixeira Cezar), nascido nas proximidades da posterior Colônia da *Grápia*, entre as localidades de Mato Alto e Colônia *Pena*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e falecido em Porto Alegre - RS], nas segundas núpcias dele, c.c. a Dr^a **Maria Pavão von Bassewitz (Cezar)** (1914-1978) [bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, hoje UFRGS – Univeridade Federal do Rio Grande do Sul (por volta de 1938), advogada em Porto Alegre - RS, provavelmente desembargadora, consultora jurídica do Governo do Estado de Ido Meneghetti, conferencista, escritora (literatura), membro a Academia de Literária Feminina do Rio Grande do Sul (cadeira nº 15), tendo doado aparato cirúrgico, equipamento importado da Alemanha (1961), que pertencera a sua mãe Dr^a Maria da Gloria Pavão (von Bassewitz), a Baronesa von Bassewitz, e, posteriormente (efetivada com sua morte), terça parte de seus bens ao HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, conservando por isso, na sala da provedoria do hospital, a fotografia da Baronesa von Bassewitz e, na sala de visitas, mais as fotografias de seus avós maternos (pais da baronesa), provavelmente o Maj. Joaquim da Costa Pavão (1803-1889) & Josephina Amália Ferreira (Pavão) (?-1891/92), este, estancieiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, morador em Santa Maria - RS (listado em 1858), testemunha do processo do acusado por crime, este, morador entre as localidades de Sarandi e Passo do Raimundo (1869), entre o Município de Dilermando de Aguiar - RS o novo Distrito de São Valentin: Município de Santa Maria - RS, nascido e falecido em Santa Maria - RS, filho de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Antonia da Pureza / Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt (1767-1790 ?), estes, dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS e Santa Maria, ele, vindo de São Gabriel - RS (chegado em Santa Maria - RS em 1798), listado em 1812 e mencionado antes mesmo, sesmeiro, possuindo várias sesmarias (inclusive uma de 1821), inclusive na Localidade de Caiboaté e na Localidade de Pavão, atual Município de São Gabriel - RS (1791), sesmaria outorgada em 1806, estancieiro (relacionado em 1834), criador de mula (listado em 1807), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Manoel Pavão Cordeiro & Páscoa Rodrigues de Oliveira, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São

Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Pascoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela (Josefina Amalia Ferreira), filha de Manoel Joaquim Ferreira & Joaquina Antonia da Conceição (Ferreira), este, nascido em Lamego, ela, nascida em Porto Alegre - RS, aquela (Francisca Ignacia da Pureza), nascida em Viamão-RS, filha de Manoel Antonio de Bittencourt (1724 ?-1790) & Maria(na) de Bittencourt, estes, nascidos na Ilha *Graciosa*, Açores, este, estabelecendo-se em Santa Maria - RS (1798), aquela (Maria Pavão von Bassewitz Cezar), nascida, residente e falecida em Porto Alegre - RS, filha do Barão Prof. Dr. Ernesto Wolfgang von Bassewitz (1868-?) / Barão von Bassewitz & a Dr^a Maria da Gloria Pavão (von Bassewitz) (?-1961), estes, casados em 1903, ambos bacharéis em Medicina, médicos em Porto Alegre - RS, ele, pela Universidade de Rostock (nordeste da Alemanha), cientista, diretor da Escola Medico-Cirúrgica e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, membro da Sociedade de Medicina, tendo feito uma viagem à Europa (1928), ambos médicos colaboradores do Hospital de *Caridade* (com informações, inclusive fotos e alguns pertences) no mini museu do Hospital), falecidos em Porto Alegre - RS, ele, fidalgo nascido na Alemanha, possivelmente parente de Oscar von Bassewitz (1888-1958) c.c. Ina Maria von Bassewitz (1888-1973), este, filho de Frederico Guilherme Victor Alberto de Hohenzollern / Friedrich Wilhelm Viktor Albrecht von Hohenzollern / William/Wilhelm/Guilherme II (1859-1941) & Augusta von Schleswig-Holstein, este, 1º Imperador alemão (*Kaiser*) e último Rei da Prússia (*König*) (de 1888 a 1918), nascido no Castelo de Potsdam, próximo a Berlim (Alemanha), filho do Príncipe herdeiro Frederico III da Prússia & Victoria, esta, Princesa Real da Grã-Bretânia, filha da Rainha Victoria da Inglaterra, aquela (Maria da Gloria Pavão von Bassewitz), bacharel em Medicina pela antiga Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre (hoje UFRGS – Univeridade Federal do Rio Grande do Sul), filha de Jeronimo Pavão & Maria do Carmo Pavão (b.1853-?), este, filho de Jeronimo Pereira de Oliveira, este, descendente de Jeronimo Dornelles de Menezes e Vasconcellos (?-1772) & Clemencia Candida de Oliveira, este, um dos fundadores de Porto Alegre - RS, grande sesmeiro e possuidor de escravos em Porto Alegre - RS, Rio Pardo - RS e Cachoeira do Sul - RS, aquela (Maria do Carmo Pavão), batizada em Santa Maria - RS, filha do Maj. Joaquim da Costa Pavão (1803-1889) & Josefina Amalia Ferreira (Pavão) (?-1891/92), este, estancieiro (pecuarista) no Município de Santa Maria - RS (listado em 1858), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1877 e 1878), nascido e falecido em Santa Maria - RS, aquela (Josefina Amalia Ferreira), nascida em Santo Amaro (hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS), filha de Manoel Joaquim Ferreira & Joaquina Antonia da Conceição (Ferreira), este, nascido em Lamego (norte de Portugal), ela, nascida em Porto Alegre - RS], casados em Porto Alegre - RS (1951), sem filhos desta união,

Felicidade de Andrade (Teixeira Cezar) (então viúva) possivelmente mãe adotiva de

Bn 8.1.10 **HELENA TEIXEIRA CEZAR** (1923-) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

N 8.2 **JOSÉ CANDIDO (CAZUZA) TEIXEIRA** (n.1850/b.1851-1919 ?) [estancieiro (pecuarista) no antigo Município de Santa Maria - RS (relacionado em 1889), possivelmente relacionado com Cruz Alta - RS, tendo herdado a Faz. *Arenal*, Localidade de Arenal, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida para Augusto de Andrade Ribas c.c. Dolk (*Titia*) Daberkow (Ribas), irmão de Manoel de Andrade Ribas (1873-1946), este, 14º intendente municipal de Santa Maria (de 1928 a 1932) e interventor federal (de 1932 a 1945, a gestão mais longa como governador: por 13 anos) no Estado do Paraná (de 1932 a 1945), fundador da Escola de *Artes e Ofícios* e Hospital *Casa de Saúde*, vindo do Paraná para Santa Maria - RS em 1902, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, falecido em Curitiba-PR, eles, antigos administradores da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1913), e de Conceição Ribas (Vauthier) c.c. Gustave Vauthier, eles, casados em Ponta Grossa - PR, este, engenheiro belga, diretor (de 1898 a 1911) da *Compagnie Auxiliaire de Chémins de Fer au Brésil*, empresa construtora da ferrovia no Rio Grande do Sul (até 1911), um dos fundadores da Sociedade de Caçadores (1899), nascido em Bruxelas (Bélgica), vindo para Santa Maria em 1898, porém antes, trabalhando no antigo Congo Belga (África Central), falecido em Ponta Grossa - PR, estes, provavelmente nascidos em Ponta Grossa - MS, filhos do Comendador Augusto Lustosa de Andrade Ribas & Pureza Maria da Conceição (Branco) de Carvalho (Ribas), aquele (José Candido Teixeira), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Maria José (Sinhá) Pinto de Souza (Teixeira)** (n.1857/b.1858-1936) [batizada no Município de Cachoeira do Sul - RS, possivelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, residente e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de José Alexandre de Souza (?-1876) & Luiza Joaquina d'Oliveira (e Souza) (1833- f. depois de 1890), este, possivelmente servidor público, militar do Exército, possuidor de escravos (tendo registradas cartas de liberdade entre 1871 a 1973), filho de José Alexandre de Souza & Manoela Luiza de Oliveira (f. antes de 1858), aquela (Luiza Joaquina d'Oliveira), filha de Francisco José (*Chico*) Pinto (1799-1858) & Joaquina Maria ? Pereira Gomes da Natividade (1808 ?-1864), este, estancieiro no Rincão de Santa Catarina, nos atuais distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Município de Santa Maria - RS, estabelecido na Faz. da *Cria* (provavelmente antes de 1834), tendo herdado parte da Faz. *Pinheiro* e da *Cria*, atual Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, e na localidade de Estância Velha: antigo 1º distrito de Cachoeira do Sul - RS, possuindo cerca de 25 escravos, considerado o maior estancieiro no Município de Santa Maria - RS, com propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras de Santa Maria (1855), nascido em Cachoeira do Sul - RS e falecido na Faz. da *Cria*, filho de Constantino José (de Oliveira) Pinto (1762/63-1833/34) & Ricarda Jesus Gomes dos Santos (Pinto) (1776 ?-1852), estes, casados por volta de 1796/97, moradores no Rincão da Serraria, Cachoeira do Sul - RS (possivelmente a partir de 1793), ele, estancieiro criador de mulas (citado em 1807), tornando-se o patriarca do clã *José Pinto* em Santa Maria e região, possuidor de 52 escravos e 17,6 mil cabeças de gado vacum (conforme inventário) distribuídos nas propriedades nos antigos municípios e freguesias de Cachoeira do Sul - RS, Santa Maria - RS e São Borja - RS, anteriormente morador no quartel de Rio Pardo - RS, tendo em Cachoeira do Sul - RS (Bairro *Soares*) uma rua com o nome possivelmente em sua alusão, um dos primeiros e importantes *sesmeiros* de Santa Maria (uma das sesmarias concedida em 1792), então já criador de rebanho vacum e cavalos *na volta*, entre a *Ramada*, o *Arenal*, o *Banhado Grande de Santa Catarina*, o *Passo do Verde* e o antigo *Passo da Carreta*, passando pela Coxilha *Santa Catarina*, entre o Arroio *Arenal* e a Sanga *Areias*, e *Carvalhas*, deixando uma fortuna em terras, recebidas por sesmaria ou

compra (conforme inventário n° 82 de 1834 de Cachoeira), sesmeiro (possuindo várias sesmarias, inclusive uma outorgada em 1792) nos atuais distritos de Santa Flora e Passo do Verde: Santa Maria - RS e nas proximidades da região da fronteira (antigo Município de São Borja - RS e Itaqui - RS), tendo também adquirido terras no Passo da Carreta, Subdistrito de Catuçaba, atual Município de São Gabriel - RS (1792), inclusive outra de Maurício José Teixeira (1796), nascido em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e estabelecido em Cachoeira do Sul - RS, falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de Antonio José Pinto (?-1784) & Felicia Maria de Oliveira (1738-?), estes, casados em Viamão-RS (por volta de 1756), falecidos em Cachoeira do Sul - RS, ele, possivelmente sesmeiro em Viamão-RS (entre 1767 e 1798), estancieiro próximo ao Rio Gravataí (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre (1767), tendo ganhado de seu padrinho estância em Viamão-RS, o maior proprietário de escravos (20) de Viamão-RS (1778), vereador e oficial da Câmara de Porto Alegre - RS (1778), vindo da Colonia do Sacramento (Uruguai) para Viamão-RS, filho do Cap. Manoel Pinto Santiago & Luiza Escócia Rodrigues, este, militar (oficial) de Infantaria na Colonia do Sacramento (Uruguai), compadre do cunhado Francisco Pinto Bandeira, este, Capitão dos Dragões, e do sobrinho Rafael Pinto Bandeira, aquela (Felicia Maria de Oliveira), nascida em Rio Pardo - RS, vinda para Cachoeira do Sul - RS, filha de Antonio de Souza Fernando & Apolônia de Oliveira, este, patriarca/genearca de importantes clãs do Rio Grande do Sul, dos primeiros povoadores da Colonia de Sacramento (entre 1718 a 1737, aproximadamente), nascido em Oliveira de Azemeis, Valongo (provavelmente próximo à cidade de Porto, norte de Portugal), aquela (Ricarda Jesus Gomes dos Santos Pinto), nascida em Rio Pardo - RS, vinda para Cachoeira do Sul - RS, irmã do Cap. Gabriel Gomes Lisboa c.c. Francisca de Oliveira Pavão (1799-?), estes, casados em Santa Maria (1822), esta, filha de Antonio da Costa Pavão (1766-1846) & Francisca Ignacia da Pureza (1767-?), este, sesmeiro, possuindo várias sesmarias, inclusive na Localidade de Caiboaté, atual Município de São Gabriel - RS (1791) e outras entre os município de Santa Maria - RS e São Gabriel - RS, aquela (Ricarda Jesus Gomes dos Santos Pinto), filha de Joaquim Gomes Pereira & Luisa Joaquina da Na(c)tividade, este, natural de Viamão-RS (atual Região Metropolitana de Porto Alegre), ela, de Rio Pardo - RS, ou aquela (Ricarda Jesus Gomes dos Santos Pinto), natural de Rio Pardo - RS, filha de Salvador Gomes Lisboa (?-1803 ?) & Francisca Maria dos Santos (1760-?), estes, casados em Triunfo-RS (por volta de 1775), ele, um dos primeiros povoadores de Cachoeira do Sul - RS, nascido em Sorocaba-SP, filho de Manoel Gomes Lisboa & Maria de Almeida de Moraes, ela, nascida em Triunfo-RS, filha de Bartolomeu Gonçalves de Magalhães & Francisca Tereza de Jesus, este, nascido em Santo Estevão, Concelho de Chaves, norte de Portugal e ela, nascida em Moji das Cruzes - SP, aquela (Joaquina Maria Pereira ? Gomes da Natividade), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha do Cap. Joaquim Gomes Pereira & Luiza Joaquina da Na(c)tividade, este, nascido em Viamão - RS (atual Região Metropolitana de Porto Alegre), ela, nascida em Rio Pardo - RS], casados em Santa Maria - RS (1882), pais de

Bn 8.2.1 DAVINA DE SOUZA TEIXEIRA (MENNA BARRETO) (1881-1950 ?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS e falecida em Carazinho-RS] c.c. o Cel./Gen. **João Rodrigues Menna Barreto (1866-1948)** [militar (oficial: general honorário) do Exército, relíquia histórica do Rio Grande do Sul, guerrilheiro e veterano de várias campanhas memoráveis, republicano, tenente coronel comandante da Brigada Militar (1893), comandante da Força Legalista contra Gumercindo Saraiva na fronteira de Bagé-RS, comandante (guerrilheiro) do 2º Corpo de Exército Revolucionário Libertador (1923) na região de Passo

Fundo - RS e Carazinho-RS, provavelmente residente em Carazinho - RS (por volta de 1932), comandante do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar (por volta de 1903), chefe da Guarda Fiscal da Aduana de Santana do Livramento - RS (1903), fundador (primeiro presidente) do Grêmio Gaúcho (1901), líder político e dono de serraria em Passo Fundo - RS (por volta de 1922), possivelmente membro fundador do antigo Partido Republicano Liberal (listado em 1932), estancieiro/fazendeiro no hoje Município de Pontão-RS, dono de serraria em Carazinho-RS ou Passo Fundo - RS, nascido em Estrela-RS e falecido em Carazinho-RS, filho do Cel. Antonio Victor de Sampaio Menna Barreto (1825-1891) & Maria Januaria Ribeiro Fagundes (1837-1921), estes, casados em Porto Alegre - RS (1851), ele, coronel comandante superior (brigadeiro) da Guarda Nacional (durante a Guerra do Paraguai), proprietário da empresa de navegação fluvial *Vapor Estrela* e estancieiro (pecuarista), estabelecendo-se na Faz. *Estrela* (onde está hoje a cidade de Estrela-RS), militar (oficial) do Exército e político, fundador de Estrela-RS (por volta de 1870/72, emancipado em 1882), vereador em Taquari-RS (de 1873 a 1877), mudando-se posteriormente para Porto Alegre - RS, tendo a praça principal de Estrela-RS com o nome em sua alusão e uma rua em Santa Maria - RS provavelmente em sua alusão, nascido e falecido em Porto Alegre - RS, filho do Cel. José Luiz Menna Barreto (1796-1824) & Anna Emilia de Sampaio (Menna Barreto), possivelmente das segundas núpcias dele, primeiras núpcias dela, estes, casados em 1818, ele, militar (oficial) do Exército, Fidalgo Cavalheiro da Casa de S. M. Fedelíssima (1819), moço da Real Câmara (1821), participante da Guerra da Cisplatina, sesmeiro (outorga em 1816) e estancieiro (pecuarista) nos municípios de São Gabriel - RS e Cruz Alta - RS, cuja área situada próxima ou dentro dos campos de São Pedro, juntos ao banhado grande, que separa a Estância da Conceição da de São João, e onde se acha estabelecido Agostinho Soares da Silva (b.1762-1848) c.c. Maria do Rosario (b.1771-?), irmão do Brig. João Propicio Menna Barreto (1808-1867) c.c. Francisca Pinto da Fontoura Palmeiro, este, o 2º Barão de São Gabriel, militar (oficial) do Exército, participante das guerras do sul, representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (de 1847 a 1849), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em São Gabriel - RS (por volta de 1861), eles (os irmãos), nascidos em Rio Pardo - RS, aquele (João Propicio Menna Barreto), falecido em São Gabriel - RS, aquele (José Luís Menna Barreto), falecido no Rincão das Galinhas, Rincón de Ayedo (na Campanha Cisplatina, Uruguai), eles, filhos do Mal. João de Deus Menna Barreto / João de Deus Barreto Pereira Pinto (1769-1849) & Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Menna, estes, casados em Rio Pardo - RS (1789), ele, o 1º Barão e Visconde de São Gabriel (1836 e 1841, respectivamente), fundador do Clã dos Menna Barreto, um dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS, militar (oficial) do Exército e político, tendo participado na Guerra Cisplatina e campanhas de 1801, 1811, 1816 e 1817 (comandante) e na Revolução Farroupilha (1836), do lado dos legalistas, presidente da Província do Rio Grande do Sul (1822 e 1823) e integrante (vice-presidente) da junta governativa (de 1822 a 1824), comandante da antiga Província das Missões, conselheiro do Império: representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (1828), dignatário da Imperial Ordem do *Cruzeiro* e comendador da Imperial Ordem de *Avis*, condecorado com as medalhas da Campanha Cisplatina, patriarca/genearca da Família *Menna Barreto*, primo de José de Abreu Menna Barreto, o Barão de Cerro Largo, sesmeiro (outorga em 1813), entre os municípios de Bagé-RS e Caçapava do Sul - RS (1793), dono da Faz. *Batuí/Butuí*, nascido e

falecido no antigo Município de Rio Pardo - RS, filho do Cel. Francisco Barreto Pereira Pinto (?-1775) & Francisca Velloso da Fontoura, este, militar (oficial) do Exército, integrante do Regimento dos Dragões de Rio Pardo, aquela (Anna Emilia de Sampaio), nascida em Chaves, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filha do Mal. Antonio Manoel de Silveira Sampaio & Maria Carlota (Sampaio), este, militar (oficial) do Exército, nascido em Bragança (norte de Portugal), ela, nascida em Chaves (Portugal), aquela (Maria Januaria Ribeiro Fagundes), nascida em Porto Alegre - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha do Cap. Felisberto Fagundes de Souza & Reginalda Candida Ribeiro, aquela (Francisca Velloso da Fontoura), filha de João Carneiro da Fontoura & Isabel da Silva, este, primeiramente estabelecido em Minas Gerais, posteriormente na Colonia do Sacramento (Uruguai), no Forte Jesus Maria José em Rio Grande - RS (1737) e então em Rio Pardo - RS, militar oficial dos Dragões, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, nascido em Chaves, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filho de Antonio Carneiro da Fontoura & Francisca Velloso, estes, residentes na Freguesia de Santa Maria Maior, Funchal, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal), aquela (Isabel da Silva), filha de Gabriel da Costa & Maxima de Gouvea, estes, nascidos em Torres Novas, próximo à Lisboa (Portugal), aquela (Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Menna), filha do Ten. José Maria de Figueiredo Menna & Ana Clemencia de Oliveira, este, militar (oficial), nascido na Freguesia de São Fecundo, Vila de Vinhaes, próximo à Bragança (norte de Portugal), filho de Antonio do Amaral Sarmento & Ana Cortes de Figueiredo, este, nascido em São Fecundo, ela, nascida em Lisboa (Portugal), filha de Antonio José de Oliveira & Rita Bernarda de Oliveira, estes, nascidos em Lisboa, aquela (Isabel da Silva), nascida em Torres Novas, Arcebispado de Lisboa (Portugal), filha de Gabriel da Costa & Maxima Gouvêa], casados em Santa Maria - RS (1899), com prole,

Bn 8.2.2 **GEMINA TEIXEIRA (HAUSEN)** (n.1883/b.1885-1976) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS e falecida em Santa Maria - RS] c.c. o aparentado Cap. **Adolpho Guerra Pinto Hausen** (1879-1966) [militar, integrante do Corpo Provisório, primeiramente sarjento brigadiano, servidor público, funcionário (ferroviário) da VFRGS – Viação Férrea do Rio Grande do Sul em Marcelino Ramos - RS, Tupanciretã-RS, Caxias do Sul - RS, Boca do Monte e Santa Maria - RS, delegado de polícia em Santa Maria - RS (em torno de 1926) e subintendente do antigo 7º distrito (Boca do Monte), possivelmente membro do antigo Partido Republicano Castilhistas, nascido em São Borja - RS (fronteira com Santo Tomé, Argentina) e falecido em Santa Maria - RS, filho de João Carlos Hausen (1855-?) & Flora Pinto de Araújo / de Araújo Pinto (Hausen) (1860-?), este, proprietário no Município de Júlio de Castilhos - RS (por volta de 1914), provavelmente nascido em São Leopoldo - RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e falecido no Rio Grande do Sul, filho de K/Carl/Carlos Hausen (1830 ?-?) & Sophie/Sofie(a) Dockhorn Tatsch (Hausen) (1840 ?-?), este, vindo da Alemanha para o Brasil (década de 1840), estabelecendo-se no Rio Grande do Sul, filho de George von Hausen & Sidonia Vielk (Hausen), estes, nascidos na Alemanha, aquela (Sophie/Sofie Dockhorn Tatsch Hausen), também alemã radicada no Brasil, possivelmente filha de João Frederico Dockhorn & Anna Juliane Tatsch (Dockhorn) (1809-?), esta, nascida em Raversbeuren, Rheinland-Pfalz / Renânia Palatinado (oeste da Alemanha), aquela (Flora de Araújo Pinto Hausen), ameríndia, alfabetizada e criada pela tradicional Família Pinto de Santa

Maria - RS que deu seu sobrenome, nascida e falecida no Rio Grande do Sul], casados em Santa Maria - RS (civilmente em 1903 e no religioso em 1926), com prole,

? Bn **DOCELINA/DORALINA DE SOUZA TEIXEIRA** (1886 ?-?) [possivelmente falecida (jovem) em Santa Maria - RS],

Bn 8.2.3 **MANOEL (MANDUCA) DE SOUZA TEIXEIRA** (1887-1956) [tendo herdado terra na Localidade de Arenal, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vendida para Manoel Teixeira Sobrinho (1920) e então comprada (1923) por Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), aquele (Manoel de Souza Teixeira), residente em Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS e falecido em Santa Maria - RS], solteiro,

Bn 8.2.4 **JOSÉ (ZEZÉ) DE SOUZA TEIXEIRA / JOSÉ ALEXANDRE DE SOUZA** (1891- f. depois de 1927) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) na Localidade de Capão Grande: Município de Dilermando de Aguiar - RS, tendo herdado terra na Localidade de Arenal, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vendida para Manoel Teixeira Sobrinho (1920), então comprada (1923) por Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), aquele (José de Souza Teixeira / José Alexandre de Souza), possivelmente militar do Exército, alferes-quartel-mestre do Estado Maior do 2º Corpo da 2ª Brigada Provisória do Oeste em Uruguaiana-RS (1923), residente (inclusive) em Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Miguelina Monteiro (Teixeira)** (1896- f. depois de 1927) [costureira em Santa Maria - RS, nascida no Município de São Sepé - RS, filha de José Claro Monteiro (1858/59-?) & Catharina Felícia Krueel (? Lampert) (Monteiro) (n.1851 ?/b.1852-?), estes, casados em 1881/83, ele, nascido em Caçapava do Sul - RS, filho de Miguel Gregorio Monteiro & Clara Albana da Silva, aquela (Catharina Felícia Krueel ? Lampert Monteiro), nascida em Santa Maria - RS, filha de Karl Friedrich Peter/Bier Krueel (1814-1851 ?) & Juliana Amelia Hockmüller, estes, estabelecidos em Santa Maria - RS, ele, nascido em Baumholder, antigo Principado de Bimfield, Estado da Prússia Renana (norte da Alemanha), possivelmente filho de Karl Ludwig Wilhelm Krueel / Carlos Luiz Guilherme Krueel (1790-?) & Charlotta Juliana Bier (Krueel) (1793-1870), estes, casados na Alemanha, nascidos em Baumholder, estabelecidos em Santa Maria - RS, após a venda das terras em Dois Irmãos - RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), em torno de 1845, ele, tintureiro, filho de Friedrich Krueel & Cristiana (Krueel), este, prefeito na Alemanha, ela, nascida em Henricün (Alemanha), aquela (Charlotta Juliana Bier Krueel), nascida em Bierin (Alemanha)], casados em Santa Maria - RS (1921), com prole,

Bn 8.2.5 **ASTROGILDO DE SOUZA TEIXEIRA** (1893-1974) [nascido no Município de Santa Maria - RS e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Alice Dacorso (Teixeira)** (1902-1986) [possivelmente membro da Igreja Exército de Salvação em Santa Maria - RS, falecida em Santa Maria - RS, filha de Cezar Dacorso (1850-1930/31) & Constancia Pereira da Silva (Dacorso) (1860-1944), estes, provavelmente falecidos em Santa Maria - RS, pais também de César Dacorso Filho, este, eleito o primeiro Bispo da Igreja Metodista do Brasil (1934),

aquele (Cezar Dacorso, o pai), marinheiro e mineiro (na mocidade), posteriormente arquiteto prático, chamado para o Rio Grande do Sul por um amigo, Angelo Obino, transportando-se primeiramente à Montevideo (Uruguai), posteriormente estabelecido no Rio Grande do Sul (por volta de 1875), tendo trabalhado como construtor em Bagé, Santa Maria, Rio Pardo e São Martinho, tendo conhecido sua esposa em Campestre de Santo Antônio, perto de São Martinho, fixando-se em Santa Maria - RS, tendo construído a estação da estrada de ferro, os quartéis, o teatro, o hospital e outros prédios principais, presidente de sociedades, afeito à Matemática, ao Desenho e à leitura dos clássicos italianos (como Tasso, Dante e Ariosto, bem como escritores modernos, como *De 23 Amicis*), assinante da melhor revista da Itália, na época (*La Illustrazione Italiana*), imigrante italiano de origem francesa, Dacorso (deveria ser *de la Course* ou *da Córsega*, ilha próxima à Sardenha), possivelmente descendente de huguenotes (perseguidos que se refugiaram no povoado de Carloforte, na ilhota de São Pedro, perto da ilha italiana de Sardenha), aquela (Constancia Pereira da Silva Dacorso), nascida em Campestre de Santo Antônio, hoje Distrito de Santo Antônio, perto do Município de São Martinho da Serra - RS, descendente de servidores do Império Brasileiro], com prole,

Bn 8.2.6 LUIZA DE SOUZA TEIXEIRA (DUTRA) (1894 ?- f. depois de 1920) [tendo residido em Passo Fundo - RS, tendo herdado terra na Localidade de Arenal, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vendida para Manoel Teixeira Sobrinho (1920), falecida em Santa Maria - RS] c.c. **João de Assumpção Dutra** (f. depois de 1920) [residente em Passo Fundo - RS, falecido em Santa Maria - RS] ou **João da Silva Dutra** (n.1891/b.1895-?) [batizado em São Lucas, possivelmente Município de Santa Maria - RS, filho de Manoel João Dutra & Maria Christina da Silva], com prole,

Bn 8.2.7 CANDIDA (CANDOCA) DE SOUZA TEIXEIRA (BEGNIS) (n.1895/b.1896-1922 ?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS e falecida provavelmente em Rio Pardo - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Celeste Candido Begnis** (?-1950 ?) [provavelmente da Localidade de Amaral, Município de Rio Pardo - RS, falecido em Santa Maria - RS ou em Rio Pardo - RS, possivelmente descendente de imigrante oriundo do Valle Brembana, Província de Bergamo, Região da Lombardia (norte da Itália)], com prole,

Bn 8.2.8 ARABELLA TEIXEIRA (DE MEDEIROS) (1896-1925) [provavelmente tendo herdado terras próximo à Colônia da Grápia, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, tendo herdado terra na Localidade de Arenal, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, vendida para Manoel Teixeira Sobrinho (1920), então comprada (1923) por Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), aquela (Arabella Teixeira de Medeiros), falecida em Santa Maria - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Djalma (? Dico) Beltrão de Medeiros** (1892- f. depois de 1939) [alfaiate e dono da Alfaiataria *Medeiros* em Júlio de Castilhos - RS (por volta de 1917), alfaiate e comerciante em Júlio de Castilhos - RS e Santa Maria - RS (listado em 1937 e 1938), nascido no Município de Caçapava do Sul - RS, filho de Carlos Antonio de Medeiros & Zulmira Beltrão (de Medeiros), este, estancieiro (pecuarista), tendo registro de marca de gado

vacum (a fogo) em Caçapava do Sul - RS (1881)], casados em Santa Maria - RS (1916), com prole, e

Bn 8.2.9 **MARIO DE SOUZA TEIXEIRA** (1899-1936) [tendo herdado terra na Localidade de Arenal, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, sendo uma parte vendida para Manoel Teixeira Sobrinho (1920), então comprada (1923) por Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), aquele (Mario de Souza Teixeira), residente em Santa Maria - RS, vindo para Santa Maria - RS de Rosário do Sul - RS (antes de 1893), nascido e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Anna Luiza (Nena) Ferrari (Teixeira)** (1903-1987) [provavelmente nascida e falecida em Santa Maria - RS, filha de Pedro (*Táta*) Ferrari & Anna Luiza Valerio (Ferrari), este, uruguaio vindo de Rosário do Sul - RS, nascido e falecido em Montevideo (Uruguai), possivelmente parente de João Ferrari de Uruguaiana-RS, provavelmente não parente de Stephano Ferrari & Judith (Ferrari), estes, imigrantes vindos (1876) de Parma (norte da Itália), ele, tendo trabalhado na construção de estrada de ferro, agricultura e atafona, aquela (Anna Luiza Ferrari Teixeira), amiga do Dep. Fernando Ferrari, este, filho de Tito Livio Ferrari, este, prefeito municipal de São Pedro do Sul - RS, falecida em Santa Maria - RS], casados em Santa Maria - RS (1920), com prole,

N 8.3 **JOÃO (? CAZUZA) TEIXEIRA CEZAR** (n.1852/b.1853- f. depois de 1893 ?) [possivelmente tendo herdado parte da Faz. *Arenal*, Localidade de Arenal, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, depois possivelmente vendida a Augusto de Andrade Ribas c.c. Dolk (*Titia*) Daberkow (Ribas), irmão de Manoel de Andrade Ribas (1867/73-1946), este, 14º intendente municipal de Santa Maria (de 1928 a 1932) e interventor de governador do Paraná (de 1932 a 1945), fundador da Escola de *Artes e Ofícios* e Hospital *Casa de Saúde*, vindo do Paraná para Santa Maria - RS em 1902, eles, antigos administradores da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1913), e de Conceição Ribas (Vauthier) c.c. Gustave Vauthier, estes, casados em Ponta Grossa - PR, este, engenheiro belga, diretor (de 1898 a 1911) da *Compagnie Auxiliaire de Chémins de Fer au Brésil*, empresa construtora da ferrovia no Rio Grande do Sul (até 1911), um dos fundadores da Sociedade de Caçadores (1899), nascido em Bruxelas (Bélgica), vindo para Santa Maria em 1898, porém antes, trabalhando no antigo Congo Belga (África Central), falecido em Ponta Grossa - PR, estes, filhos de Augusto Lustosa de Andrade Ribas & Pureza Maria da Conceição (Branco) de Carvalho (Ribas), aquele (João ? Cazuzza Teixeira Cezar), nascido no Município de Santa Maria - RS, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Maria Joaquina de Escobar (Cezar)** (1852-1893 ?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de José Francisco d' Escobar (f. depois de 1877) & Francisca Rosa de Oliveira, estes, residentes e casados no posterior Município de Santa Maria - RS (1849), ele, estancieiro (pecuarista) próximo ao hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS e à Localidade de Banhados, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS (listado em 1858 e 1889), tendo herdado terra da sua esposa (que por sua vez de seu primeiro esposo), tendo como lindeiros: pelo sul, com Manoel Silveira Dutra, pelo norte, com Joaquim Mariano Teixeira, pelo leste, com herdeiros de Jeremias Antonio de Bittencourt, pelo oeste, com Manoel Ignacio Diniz, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos (entre 1864 e 1877, aproximadamente) e de carta de liberdade de escravos (1871 e 1877) no Município de

Santa Maria - RS, nascido no posterior Município de Santa Maria - RS, filho de Francisco Escobar (f. antes de 1849) & Maria Benta, estes, nascidos no posterior Município de Santa Maria - RS, aquele (José Francisco d' Escobar), possivelmente filho de Silverio Pereira d'Escobar, este, estancieiro no Rincão de São Pedro: antigo Município de Santa Maria - RS, aquela (Francisca Rosa d' Oliveira), viúva de Manoel José Lopes de Bittencourt], casados em Santa Maria - RS (1881), pais de

Bn 8.3.1 **CANDIDA TEIXEIRA CEZAR** (n.1884/b.1885-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, possivelmente falecida (criancinha)],

Bn 8.3.2 **JOSÉ ESCOBAR TEIXEIRA CEZAR** (n.1885/b.1886-1886) [nascido, batizado e falecido (criancinha de 10 meses de idade) no Município de Santa Maria - RS],

Bn 8.3.3 **PEDRO ESCOBAR TEIXEIRA CEZAR** (1887-?) [nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS],

Bn 8.3.4 **CANDIDA ESCOBAR TEIXEIRA CEZAR** (n.1888/b.1889-?) [nascida no Município de Santa Maria - RS, batizada na Localidade de Arenal, possivelmente falecido criança] e

Bn 8.3.5 **CANDIDO ESCOBAR TEIXEIRA CEZAR** (n.1892/b.1893-?) [nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS],

N 8.3 **JOÃO (? CAZUZA) TEIXEIRA CEZAR** (n.1852/b.1853- f. depois de 1893 ?) [possivelmente tendo herdado parte da Faz. *Arenal*, Localidade de Arenal, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, depois possivelmente vendida a Augusto de Andrade Ribas c.c. Dolk (*Titia*) Daberkow (Ribas), irmão de Manoel de Andrade Ribas (1867/73-1946), este, 14º intendente municipal de Santa Maria (de 1928 a 1932) e interventor de governador do Paraná (de 1932 a 1945), fundador da Escola de *Artes e Ofícios* e Hospital *Casa de Saúde*, vindo do Paraná para Santa Maria - RS em 1902, eles, antigos administradores da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1913), e de Conceição Ribas (Vauthier) c.c. Gustave Vauthier, estes, casados em Ponta Grossa - PR, este, engenheiro belga, diretor (de 1898 a 1911) da *Compagnie Auxiliaire de Chémins de Fer au Brésil*, empresa construtora da ferrovia no Rio Grande do Sul (até 1911), um dos fundadores da Sociedade de Caçadores (1899), nascido em Bruxelas (Bélgica), vindo para Santa Maria em 1898, porém antes, trabalhando no antigo Congo Belga (África Central), falecido em Ponta Grossa - PR, estes, filhos de Augusto Lustosa de Andrade Ribas & Pureza Maria da Conceição (Branco) de Carvalho (Ribas), aquele (João Teixeira Cezar), nascido no Município de Santa Maria - RS, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS], possivelmente nas segundas núpcias dele, c.c. **Victorina Rodrigues (Cezar)** (1865 ?-?), pais de

Bn ? 8.3.6 **JUCELINA RODRIGUES TEIXEIRA CEZAR** (n.1893/b.1894-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS],

N 8.4 **MARIA CANDIDA (PRIMA/SINHÁ) TEIXEIRA PENNA** (1854-1932) [tendo herdado fazenda no entorno da atual Colônia *Pena*, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, loteada por alguns filhos, nascida e falecida no Município de Santa

Maria - RS] c.c. o primo **José Pedro (Juquinha) Fernandes Penna / José Fernandes Penna F°** (1850-1926) [estancieiro (pecuarista listado em torno de 1910 e 1922), figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS (de 1896 a 1901), provavelmente nascido no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol (atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS), estabelecendo-se nas proximidades da posterior Colônia *Pena*, cuja sede posteriormente vendida por herdeiro possivelmente para os irmãos Antonio e Angelo Comassetto, hoje propriedade de Homero Viero (1929-) provavelmente c.c. Erni Dias (Viero), eles, nascidos no Distrito de Arroio do Só/Sol: Santa Maria - RS, aquele (José Pedro Fernandes Penna), filho de José Fernandes Penna (1914-1991) & Manoela Celestina Alves Dornelles (Penna) (1825-1903 ?), ele, nascido em Santa Maria - RS, filho do guarda-mor Manoel Fernandes Pena (1776/77-1841) & Francisca Luiza de Lima (Penna) (1788-1857), este, nascido em Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filho de Antonio José Fernandes de Azevedo & Maria Alves da Conceição, estes, de Ribeira de Pena, Vila Real (Portugal), aquela (Francisca Luíza de Lima Penna), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), aquela (Manoela Celestina Alves Dornelles Penna), nascida em Cachoeira do Sul - RS, filha de José Joaquim Alves Dornelles (1789 ?-1872) & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza (b.1789-1853), este, nascido na Freguesia de N^a Sr^a da *Penha*, hoje Distrito da Penha, Município de São Paulo - SP, aqueles (José Joaquim Alves Dornelles & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), possivelmente descendentes de João d'Ornellas & Catharina Ignacia, estes, vindos do Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) em 1752], casados no Município de Santa Maria - RS (1875), cuja descendência, considerando todos os netos do guarda-mor, o maior tronco encontrado neste estudo,

N 8.5 **CANDIDO FRANCISCO (CANDUCHO) TEIXEIRA CEZAR** (n.1858/b.1859-1911) [figura de destaque no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (de 1896 a 1901), estancieiro (pecuarista) no antigo hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS (relacionado em 1889), tendo herdado a sede da antiga fazenda dos pais Manoel Teixeira Cezar (1792/93-1889) & Candida Francisca (*Candinha*) (Lima Fernandes) Penna (Teixeira) (n.1822/b.1823-1898), posteriormente herdada pela filha Candida (*Candóca*) Braga Teixeira (Rodrigues) (1890-1966) c.c. Manuel José (*Maneco*) Rodrigues (1887-1950), cuja sede hoje herdada pela neta (filha destes) Prof^a Conceição Rodrigues (Rubin) (1932-) c.c. Macemino (*Máximo*) Dalcin Rubin (1935-), aquele (Candido Teixeira Cezar), provavelmente proprietário também na Localidade de Capão Grande: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em 1953), batizado em Santa Maria - RS, nascido e falecido no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS] c.c. **Carolina Braga (Teixeira Cezar)** (1861-1919) [nascida no Município de Santa Maria - RS e falecida no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, filha do Cap. Manoel José da Silva Braga (fal. antes de 1881) & Maria Candida dos Santos (Braga) (?-1884), das primeiras núpcias dela, eles, casados em Santa Maria - RS (1881), ele, capitão da Guarda Nacional, estancieiro (pecuarista, listado em 1858), arrendador de terras da sucessão de Francisco dos Santos Moraes, ela, possuidora de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1867), portanto aquela (Carolina Braga Teixeira Cezar), tia de Antenor Silveira Braga (1904-1976) c.c. a Prof^a Sylvia Penna (Braga) (1911-2007), aquela (Maria Candida dos Santos Braga), filha de Francisco dos Santos Moraes (1818-1867) & Maria Ferreira da Costa (dos Santos Moraes), este, provavelmente possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1876), aquela (Maria Candida dos Santos

Braga), tendo herdado terra na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, com inventário (pela morte dos pais) autuado em Santa Maria - RS (1884), sendo a mesma Maria Candida dos Santos (Medeiros), nas segundas núpcias dela, c.c. Manoel José Medeiros], casados em Santa Maria - RS (por volta de 1881), pais de

Bn 8.5.1 CANDIDO MANOEL (BIBÍ) BRAGA TEIXEIRA / MANOEL TEIXEIRA SOBRINHO (n.1882/b.1884-1965 ?) [estancieiro/fazendeiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, tendo herdado terras entre as localidades de Arenal e Colônia *Pena*, Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente vendida (por volta de 1910) para Francisco (*Chico*) Rodrigues da Rocha (1875-1955) c.c. Isolina (*Dindinha*) de Andrade da Rocha (1876 ?-1956), este, havendo ganho na loteria (na ocasião, junto com o filho Antonio), posteriormente herdada pelo filho Antonio (*Antoninho*) Lopes da Rocha (1900-1984) c.c. Laurentina Silveira (da Rocha) (1904-1984), hoje herdada pelo filho Antonio de Jesus (*Toninho*) Silveira da Rocha, aquele (Candido Manoel (*Bibí*) Braga Teixeira Cezar), nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, provavelmente falecido no Município de São Gabriel - RS] c.c. **Leontina Metelo Rodrigues (Teixeira)** (1886 ?- f. depois de 1913 ?) [tendo herdado terra no Município de São Gabriel - RS, nascida no Município de São Gabriel - RS, filha de Galdino José Rodrigues & Ottilia Maria dos Santos Metelo (Rodrigues), portanto aquela (Leontina Rodrigues Teixeira), irmã de Manoel José (*Maneco*) Metelo Rodrigues (1887-1950) c.c. Candida (*Candóca*) Braga Teixeira (Rodrigues) (1890-1966), este, provavelmente descendente de Francisco Xavier Metello, este, um dos povoadores de São Gabriel - RS], com prole,

Bn 8.5.3 MARIA CANDIDA (IAIÁ) TEIXEIRA (DE MEDEIROS) (1886-1914) [possivelmente tendo herdado terras no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, nascida, batizada e falecida no Município de Santa Maria - RS], nas primeiras núpcias dele, c.c. **José Benício (Zeca) Correa de Medeiros** (n.1882/b.1883-f. depois de 1925) [2º juiz do então 2º distrito de Santa Maria - RS, nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, filho de João Benício de Medeiros (1859-?) & a parente Honoria Corrêa de Medeiros (1860 ?-1940), estes, nascidos e casados no Município de Santa Maria - RS (1877), este, estancieiro (pecuarista) no Município de Santa Maria - RS (listado em torno de 1893), filho do Cap. João Davi(d) de Medeiros & Candida dos Santos (Medeiros) (1859-?), este, vereador de Santa Maria - RS na 4ª Legislatura (de 1869 a 1873), aquela (Honoria Corrêa de Medeiros), nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha de José Correa de Medeiros & Serafina Farias de Lima (Medeiros)], com prole,

Bn 8.5.2 PEDRO CARLOS BRAGA TEIXEIRA (b.1888/b.1889- f. depois de 1929) [possivelmente tendo herdado terras entre os atuais distritos de Passo do Verde e Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, posteriormente formando a Colônia *Pedro Carlos*, na Picada dos Druzian, provavelmente vendida para o Dr. Astrogildo César de Azevedo (1867-1946) c.c. Aura Pinto (de Azevedo) (1874-1945) ou para o genro Cel. Frederico Guilherme Klumb c.c. Aracy de Azevedo (Klumb) (1897/99-1987), aquele (Pedro Carlos Braga Teixeira Cezar), nascido e batizado na Localidade de Arenal, Município de Santa Maria - RS e possivelmente falecido em Porto Alegre - RS] c.c. **Marieta da Cunha (Teixeira)**

(1878/88 ?- f. depois de 1929 ?) [provavelmente tendo herdado terras entre os atuais distritos de Passo do Verde e Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, nascida no Município de São Gabriel - RS e possivelmente falecida em Porto Alegre - RS, filha de Gaudêncio Tavares da Cunha & Florentina dos Santos (Cunha)], casados em Santa Maria - RS (1912), com prole,

Bn 8.5.4 CANDIDA (CANDÓCA) BRAGA TEIXEIRA (RODRIGUES) (1890-1966) [moradora na Faz. *Casa Branca*, provavelmente nascida e falecida na Faz. *Casa Branca*, hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS, batizada no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Manuel José (Maneco) Metelo Rodrigues** (1887-1950) [fazendeiro (pecuarista) nos municípios de Santa Maria - RS e São Gabriel - RS, tendo no Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e/ou no Município de Dilermando de Aguiar - RS um CTG – Centro de Tradições Gaúchas (fundado em 1981/83) com o nome em sua alusão, tendo herdado terra no Município de São Gabriel - RS, nascido e provavelmente falecido no Município de São Gabriel - RS, filho de Galdino José Rodrigues & Otília Maria dos Santos Metelo (Rodrigues), esta, possivelmente filha de ou parente de Porfirio da Cruz Metello, este, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em São Gabriel - RS (por volta de 1868) ou ainda parente do Cap. Francisco Xavier Metello, este, um dos primeiros povoadores do Município de São Gabriel - RS (por volta de 1845)], casados em Santa Maria - RS (1911), com prole,

N 8.6 MANOELA (MANOELITA) TEIXEIRA CEZAR (CHAGAS) (n.1861/b.1862-1931) [estancieira (pecuarista) estabelecida em São Gabriel - RS, tendo herdado terras no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS e no Município de Santa Maria - RS (pecuarista listada por volta de 1890 e 1922), posteriormente vendida, nascida e batizada no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS] c.c. **Henrique Gonçalves Chagas** (1852/53 ?-1907) [estancieiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, provavelmente nascido no Município de São Gabriel - RS, irmão de Januário Gonçalves Chagas e Bento Gonçalves das Chagas (1850-1925) c.c. Francisca (*Chiquinha*) Teixeira (Chagas) (1864-1913), estes, filhos de Luís Gonçalves das Chagas / Barão de Candiota (1815-1894) & Ana Isabel de Avila (Chagas) (?-1887/97), este, estancieiro e militar, veterano na Guerra dos Farrapos e do Paraguai, tendo herdado as estâncias de *Espinilho*, *Santa Cruz* e *Bela Vista*, no Município de São Gabriel - RS, *São Lucas* no Município de São Vicente do Sul e *Pesqueiro*, *Monte Alegre* e *Flor do Conde* no Município de Guaíba-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), nascido em São Gabriel - RS e falecido em Porto Alegre - RS ou Pelotas-RS, agraciado com o título de Barão de Candiota (1875), filho do Cel. Gonçalves d'Ávila, este, estabelecido em Batovi: Município de São Gabriel - RS, tendo ali adquirido estância, falecido em Rio Grande - RS, aquela (Anna de Avila Chagas), falecida em Porto Alegre - RS], casados em Santa Maria - RS (1880), pais de

Bn 8.6.1 OSCAR HENRIQUE TEIXEIRA CHAGAS (1884 ?-1989) [estancieiro (agropecuário listado em 1959) próximo à Localidade de Tiaraju: Município de São Gabriel - RS, agricultor (triticulor e orizicultor), fazendeiro e cabanheiro na Localidade de Caiboatezinho (próximo à Tiarajú): Município de São Gabriel - RS (a cerca de 24 km da cidade), dono da Estância *Santa Fé* (herança do pai), criador de gado

bovino da raça *Devon* e *Shorthorn (Durhan)* e ovino da raça *Romney Marsh*, tendo realizado remates anuais (particulares) na sede (década de 1970), propriedade conhecida por seus 20 açudes, a maioria deles usados na irrigação de arroz, membro do diretório municipal do PSD – Partido Social Democrata (por volta de 1945), residindo na cidade de São Gabriel - RS e em Porto Alegre - RS, falecido em Porto Alegre - RS], das primeiras núpcias dele, viúvo de **Amalia Gama Amaro (Chagas)** (1895 ?-1945 ?) [possivelmente nascida em São Gabriel - RS, provavelmente falecida em Porto Alegre - RS, filha de Hector/Heitor Amaro da Silveira (1887-?) & Elsa Bicca da Gama (b.1887-?), este, possivelmente bisneto de Manuel Amaro da Silveira (1742/58-1824/42) & Maria Antonia (*Velha Amaro*) Muniz (Amaro da Silveira) (1757/62-1870/71 ?), estes, casados em Maldonado: Uruguai (1778) e nascidos em Rio Grande - RS, filho de Amaro José da Silveira (de Quadros) (1728-1793) & Beatriz Maria do Rosário (?-1791), este, filho de Antonio da Silveira Machado & Tereza de Jesus Machado, aquela (Beatriz Maria do Rosario), nascida na Ilha São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), e falecida em Rio Grande - RS, filha de Manoel Machado de Souza & Ana Machado Villa-Lobos, aquela (Maria Antonia Muniz), filha de Jeronimo Muniz Leite (1744-1818) & Maria Antonia da Rocha (1754-1797), este, nascido em Nova Iguaçu - RJ (hoje Região Metropolitana do Rio de Janeiro), aquela (Elsa Bicca da Gama), batizada em São Gabriel - RS, filha do Dr. Alfredo de Almeida Gama Lobo D'Eça (?-1894) & Adelaide Ferreira Bicca (1865 ?-?), este, bacharel em Direito, nascido em São Gabriel - RS e falecido junto com o pai na Fortaleza de Santa Cruz, Ilha de Inhatomirim-SC, hoje Município de Governador Celso Ramos - SC (próximo à Ilha de Santa Catarina, Região Metropolitana de Florianópolis-SC), filho do Mal. Manoel de Almeida Gama Lobo Coelho D'Eça / Barão do Batovi (1828-1894) & Ana Luiza Pereira (da Gama) (?-1901), este, tendo participado da Guerra do Paraguai, presidente da Província do Mato Grosso (1883 e 1884), comendador da Imperial Ordem da Rosa e da Imperial Ordem de São Bento de Avis, além de oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, agraciado Barão em 1989, nascido e falecido na Ilha de Inhatomirim, Santa Catarina, juntamente com o filho o Dr. Alfredo de Almeida Gama Lobo D'Eça (?-1894) c.c. Adelaide Ferreira Bicca (1865 ?-?), aquele (Manoel de Almeida Gama Lobo Coelho D'Eça / Barão do Batovi), filho do Cel. Manuel de Almeida Coelho & Maria Isabel de Almeida Gama, aquela (Ana Luiza Pereira da Gama), falecida em São Gabriel - RS], com prole,

Bn 8.6.1 OSCAR HENRIQUE TEIXEIRA CHAGAS (1885 ?-1989) [estancieiro (agropecuário) próximo à Localidade de Tiaraju: Município de São Gabriel - RS, um dos principais fazendeiros do Município de São Gabriel - RS (listado em 1959), agricultor (triticulor e orizicultor), fazendeiro e cabanheiro na Localidade de Caiboatezinho (próximo à Tiarajú): Município de São Gabriel - RS (a cerca de 24 km da cidade), dono da Estância *Santa Fé* (herança do pai), criador de gado bovino da raça *Devon* e *Shorthorn (Durhan)* e ovino da raça *Romney Marsh*, tendo realizado remates anuais (particulares) na sede (década de 1970), propriedade conhecida por seus 20 açudes, a maioria deles usados na irrigação de arroz, membro do diretório municipal do PSD –

Partido Social Democrata (por volta de 1945), residindo na cidade de São Gabriel - RS e em Porto Alegre - RS, falecido em Porto Alegre - RS], nas segundas núpcias dele, c.c. a parente **Elena Prates de Carvalho (Chagas)** (1917 ?-2007 ?) [possivelmente criadora de cavalo da raça *Crioula*, dona da Faz. Rancho 2H''S), residente em Porto Alegre - RS e São Gabriel - RS, possivelmente nascida em São Gabriel - RS, falecida em São Gabriel - RS, filha de Francisco Chagas de Carvalho (1898/99-1972) & Marieta Bicca Prates (Carvalho) (?-1982), este, possivelmente falecido em Santa Maria - RS, filho de Pamphilio de Carvalho (1871-1915) & Maria do Carmo Victorino Chagas (Carvalho), este, legendário (*im memoriam*) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, Santa Maria - RS (1949), nascido em Encruzilhada do Sul - RS e falecido em Santa Maria - RS, filho do Cap. Francisco Rodrigues de Carvalho (1844-1920) & Ubaldina Amélia da Fontoura (1854-1938), estes, casados em Encruzilhada do Sul (1871), ele, possivelmente membro do antigo Partido Republicano Castilhistas (por volta da década de 1930), nascido em Canguçu-RS ou possivelmente em São Lourenço do Sul - RS e falecido em Encruzilhada do Sul - RS, filho de Firmino Rodrigues de Carvalho Bueno (1808-1897) & Camila Luiza Braga (1819-?), este, nascido em Piratini-RS e falecido em Canguçu-RS, aquela (Camila Luiza Braga), filha de Francisco José Pinto Braga & Candicia Bueno da Boa Nova (1793-1845), esta, filha de Domingos da Boa Nova (1756-1831) & Manoela Maria Bueno, estes, casados em Rio Grande - RS (1788), ele, nascido em Rio Grande - RS e falecido em Canguçu-RS, filho de Joaquim de Bittencourt & Josefa Joana da Boa Nova, aquela (Manoela Maria Bueno), nascida em Vacaria-RS, filha de Salvador Bueno da Fonseca (1724-1792) & Ignacia Antonio de Araújo Rocha, este, filho de João Bicudo de Brito & Margarida da Silva Bueno, estes, casados em Santana da Parnaíba - SP (1718), ele, filho de Francisco Bicudo & Maria de Almeida Neves, aquela (Margarida da Silva Bueno), filha de Francisco Bueno Luiz da Fonseca (1656-?) & Maria Jorge Velho, este, filho de Diogo Bueno (1624-1700) & Maria de Oliveira (1633-1699), estes, nascidos e casados em São Paulo - SP (1649), este, filho de Amador Bueno de Ribeira & Bernarda Luiz, esta, filha de Domingos Luiz & Anna Camacho, aquela (Maria Jorge Velho), filha de Salvador Jorge Velho & Margarida da Silva, aquela (Ignacia Antonio de Araújo Rocha), nascida em Itu-SP, filha de Luiz Antonio da Rocha & Gertrudes de Siqueira, este, nascido em Santana de Parnaíba - SP e falecido em Canguçu-RS, aquela (Ubaldina Amélia da Fontoura), nascida e falecida em Encruzilhada do Sul - RS, esta, filha de João Peixoto da Fontoura (1820-1898) & Caroline Ferreira D'Ávila, este, nascido e falecido em Encruzilhada do Sul - RS, filho de Patricio José Peixoto (1779-?) & Vicenzia Maria do Sacramento, este, nascido em Rio Pardo - RS, filho de João Antonio de Moraes (1739-1788) & Jeronima Veloso da Fontoura (1748-1832), das primeiras núpcias dela, estes, casados em Rio Pardo - RS (1763), ele, Furiel de Dragões, nascido em Cuiabá-MT e falecido em sua estância, no Município de Rio Pardo - RS, este, filho de Diogo Peixoto de Azevedo (1710-?) & Brígida Maria de Jesus Pinto (1710-?), estes, casados em 1738, ele, sócio do concunhado Manoel da Costa Meira na Faz. *Camapuan*, no

caminho para Cuiabá-MT, nascido em Guimarães (norte de Portugal), filho de Antonio Afonso Gaia & Clara Pinto da Rocha, estes, casados em Santos-SP, ele, filho de Manoel Afonso Gaia & Maria Pinto da Rocha, este, juiz ordinário em Santos-SP (1646), este, filho de Domingos Afonso Gaia (1612-1702) & Barbara Pires Pancas, estes, casados em Santos-SP (1637), ele, nascido e falecido em Santos-SP, aquela (Maria Pinto da Rocha), nascida em Santos-SP, filha de Jorge Toscano Fragoso & Isabel Adorno de Sampaio, este, filho de Jorge Toscano Fragoso & Maria Barbosa, este, nascido no Espírito Santo, aquela (Isabel Adorno de Sampaio), filha de Gonçalo Vaz Pinto de Sampaio (?-1680) & Ana Maria Justiniana Adorno, este, nascido em Penagia, Lamego (Portugal) e falecido em Santos-SP, filho de Francisco Pinto & Paula Pinto de Sampaio, aquela (Ana Maria Justiniana Adorno), filha de Francisco Nunes Cubas & Isabel Justiniana Adorno, esta, filha de Manoel Fernandes & Maria Adorno, esta, filha de Rafael Adorno, aquela (Clara Pinto da Rocha), nascida em Santos-SP, aquela (Brígida Maria de Jesus Pinto), nascida em Santos-SP, aquela (Jeronima Veloso da Fontoura), nascida em Rio Grande - RS e falecida em Encruzilhada do Sul - RS, filha de João Carneiro da Fontoura & Izabel da Silva, aquela (Vicenzia Maria do Sacramento), filha de José Antonio de Ávila & Maria de São José (ou da Conceição), estes, casados em Rio Pardo - RS (1799), aquela (Maria do Carmo Vitorino Chagas), filha de Januário Gonçalves Chagas (1854-?) & Maria Luiza (*Maruquinha*) Victorino dos Santos, este, filho de Luiz Gonçalves das Chagas / Barão de Candiota (1815-1894) & Anna Isabel de Ávila (?-1887/97), este, filho do Cel. Gonçalves de Ávila, este, estabelecido no Município de São Gabriel - RS, falecido em Rio Grande - RS, aquela (Maria Luiza Victorino dos Santos), filha de João Victorino dos Santos & Anna Carolina Fagundes, aquela (Anna de Avila Chagas), falecida em Porto Alegre - RS, aquela (Marieta Bicca Prates), falecida em Santa Maria - RS, filha de Artur Abreu Prates & Inez Bicca, este, filho de Firmino de Carvalho Prates & Rea Silvia de Abreu (Prates), esta, filha o Cel. Claudio José de Abreu (1800-1870) & Beatriz Joaquina de Oliveira, das segundas núpcias dele, este, militar do Exército, desempenhando diversas importantes comissões, nascido em Porto Alegre - RS, filho do Brigadeiro Mal. José de Abreu Mena Barreto / Barão de Cerro Largo (*Anjo da Vitória*) (1771-1827) & Maria Feliciano da Silva (?-1837), este, militar (oficial) do Exército, tendo sentado praça na Companhia de Infantaria e Artilharia (1784), servido (cabo porta-estandarte) no Regimento de Infantaria (1798), alferes em 1802, tenente na 8ª Companhia (1808), capitão na 7ª Companhia (1811), tenente coronel de milícias nas Missões (1814), tendo combatido os castelhanos (de 1801 a 1827), na Guerra da Cisplatina (Uruguai), libertando São Borja - RS (1814), agraciado com o título de Barão (1825), com sesmarias em Alegrete-RS e no Uruguai, fundador da Capela Nª Srª Aparecida, dando origem à Alegrete-RS, possivelmente tendo doado terra para a fundação da Cidade de Alegrete-RS, herói na Batalha de Catalã, derrotando Artigas (1817), coronel da Cavalaria de Linha (1817), comandante do Regimento de Voluntários Reaes de Entre Rios (1817), brigadeiro em 1819, tendo participado nos combates em Itacorubi e Ibirapuitã-Chico,

comandante da Cavalaria em Taquarembó (Uruguai), derrotando Artigas, Comendador da Real Ordem de São Bento de Aviz (1819), marechal de campo graduado (1820), governador de armas do Rio Grande do Sul (após a Independência do Brasil, em 1822), Fidalgo Cavaleiro da Casa de S. M. R. (1820), agraciado com o Hábito de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, barão em 1825, patrono do 6º Regimento de Cavalaria Blindado de Alegrete, dono de sesmarias na Costa do Taim-Passo, em Inhanduí, em Boa Vista e em Ibirapuitã: Município de Alegrete-RS, dono de terras também em Salvo e Cambaí, em Arroio dos Ratos, defronte ao Cerro de São Roque, Morro de Sant'ana, em Viamão-RS e no Mato Grosso, bem como dono de charqueada em Novo Triunfo-RS, nascido em Maldonado e posteriormente criado no antigo Povo Novo: Município de Rio Grande - RS, falecido (comandando 560 homens) na Batalha do Passo do Rosário (Batalha do *Ituzaingó*: maior batalha campal em solo brasileiro), filho de João de Abreu & Ana Maria / Maria de Souza, este, fidalgo, tendo vindo para o Rio Grande do Sul com Gomes Freire de Andrade, estabelecido em Povo Novo: Município de Rio Grande - RS, tendo aí recebido terras, tendo morado em Maldonado, Uruguai (de 1763 a 1780), nascido na Freguesia de Santa Maria do Pinheiro, Conselho de Vieira, próximo à Braga e Guimarães (norte de Portugal), filho de Leonel de Abreu & Maria Soares, este, descendente da Família Abreu de Entre Douro e Minho (norte de Portugal), senhores da Honra e Torre de Abreu e do Pico de Relagados, aquela (Ana Maria), provavelmente uma índia, ou ela (Maria de Souza), nascida na Ilha Terceira, Açores (Região Autônoma de Portugal), filha de Antonio de Souza & Antonia Clara da Conceição, aquela (Maria Feliciano da Silva), nascida em Porto Alegre - RS, filha de Antonio da Silva & Maria Ignacia da Conceição, estes, naturais de Santa Catarina], com prole,

Bn 8.6.2 **HUGO TEIXEIRA CHAGAS** (n.1896/b.1897- possivelmente f. depois de 1975 ?) [fazendeiro (agropecuário) próximo à Localidade de Tiaraju: Município de São Gabriel - RS, possivelmente criador de ovino da raça *Hampshire Down* / Cara Negra, com premiações em exposições agropecuárias de São Gabriel - RS e Esteio - RS, tendo herdado a Estância/Cabanha *Espinilho* (uma das estâncias do avô Barão de Candiota), membro do antigo Partido Republicano Castilhistas (por volta de 1934), nascido no Município de São Gabriel - RS ou Município de Santa Maria - RS, batizado em Santa Maria - RS] c.c. **Elisa Maria Azambuja (Chagas)** [filha de Cantídio de Azambuja, este, possivelmente militar (oficial) do Exército (tenente coronel da Infantaria, por volta de 1910)], com prole, e

Bn 8.6.3 **ANNA CANDIDA (NÊNA) CHAGAS (MACEDO)** (1900-?) [tendo herdado fazenda próximo à Tiarajú, no Município de São Gabriel - RS, provavelmente nascida no Município de São Gabriel - RS, batizada em Santa Maria - RS] c.c. **Homero Assumpção Vieira de Macedo** (1893-?) [fazendeiro (agropecuário) no Município de São Gabriel - RS, próximo à Tiarajú, dono da Cabanha/Estância *Santa Helena*: criador de cavalo da raça *Crioula*), criador de ovino da raça

Hampshire Down / Cara Negra (desde 1938), a partir do rebanho de seu irmão João Octacilio Vieira de Macedo (1884-?), este, estancieiro/cabanheiro no Município de São Gabriel - RS (listado em 1959), dono da Estância *São Manoel*, criador de gado bovino da raça Hereford e um dos primeiros criadores da raça *Hampshire Down / Cara Negra* no Brasil, a partir da primeira década do séc. XX) no Município de São Gabriel - RS, aquele (Homero Assumpção Vieira de Macedo), engenheiro civil, formado na Alemanha, possivelmente tenha explorado xisto betuminoso em sua propriedade (por volta de 1941/42), tendo nome de rua em São Gabriel - RS em sua alusão, nascido em Santo Eugênio, Três Cruzes (Uruguai), filho de Manoel Antonio de Macedo (1855-1941) & a prima Maria Amalia Vieira de Macedo (1865-?), estes, casados na Faz. *São Francisco das Chagas* (posteriormente Estância *Serro Formoso*): Município de Lavras do Sul - RS, ele, nascido e falecido no Município de São Gabriel - RS, filho do Cel. Manoel Riopardense de Macedo & Rita de Cassia Pires de Macedo, das segundas núpcias deste, aquele (Homero Assumpção Vieira de Macedo), parente de José Vieira de Macedo, este, filho do Cap. Manoel de Macedo Netto, filho de Manoel Antonio de Macedo (1855-1941) & a prima Maria Amalia Vieira de Macedo (1865-?), das segundas núpcias deste, ele, nascido e falecido no Município de São Gabriel - RS, este, viúvo já em 1893, residente em Lavras do Sul - RS, filho do Cel. Francisco Pereira de Macedo / Visconde do Serro Formoso (b.1806-1888) & Francisca Joaquina de Sampaio (1807-1893), estes, casados em Rio Pardo - RS (1829), ele, comandante superior da Guarda Nacional nos municípios de São Gabriel - RS e Lavras do Sul - RS (de 1868 até 1876/77), integrante das comissões pró construção do monumento ao Gen. Osório no Rio de Janeiro - RS e da Igreja de Santo Antonio, Lavras do Sul - RS, primeiramente barão (1872) e posteriormente visconde (1885), comendador da Ordem da Rosa e da Ordem de Cristo, subdelegado de polícia de Lavras do Sul - RS (1845), colaborador na emancipação de Lavras do Sul - RS, libertador de seus escravos em massa (em 1884, portanto 4 anos antes da Lei Áurea), estancieiro (pecuarista) no municípios de Lavras do Sul - RS, Caçapava do Sul - RS, São Gabriel - RS e São Sepé - RS, bem como no Uruguai (Estância *Catalan*), dono da Estância de *São Francisco das Chagas* (posteriormente do *Serro Formoso*), Município de Lavras do Sul - RS, cuja propriedade visitada pelo Imperador Dom Pedro II (1865), em cuja ocasião (em homenagem à Sua Majestade) com a participação de sua reconhecida banda particular, propriedade posteriormente (2000) vendida para Nei Umpierre Alves c.c. Vera Lucia de Macedo (Alves), colaborador na campanha da Guerra do Paraguai, benfeitor e integrante da comissão organizadora para a construção do asilo dos alienados em Porto Alegre - RS (1877), parente do Dr. João Vieira de Macedo Netto, antigo dono da Cabanha *Azul* e Estância *Polvadeira*, Município de Quaraí-RS, e Estância *Terça*: Município de Alegrete-RS, médico com clínica em Alegrete-RS, Quaraí-RS, Uruguiana e Santana do Livramento - RS, residente em Alegrete-RS, aquele (Francisco Pereira de Macedo, o Visconde de Serro Formoso), nascido e batizado em Rio Pardo - RS, falecido em Porto Alegre - RS, filho do Cap.-Mor Manoel

Antonio de Macedo Brum da Silveira (n.1760-1816) & Ana Maria da Assumpção (b.1777-1816), estes, casados em Rio Pardo - RS (1790) e falecidos em Porto Alegre - RS, ele, sesmeiro no antigo Município de Caçapava do Sul - RS (1792), colaborador na construção do prédio e instalação da 1ª Câmara Municipal de Rio Pardo - RS (1811), nascido na Ilha do Pico, Arquipélago dos Açores (região pertencente a Portugal), filho do Cel. Manoel Riopardense de Macedo & Rita Cássia Pires, este, filho do Cap. João Vieira de Macedo & a prima Ana de Assumpção Pereira de Macedo (1842 ?-?), esta, filha do Cel. Francisco Pereira de Macedo / Visconde de *Serro Formoso* (1806-1888) & Joaquina Francisca de Sampaio (1807-1893), este, tendo hospedado o Imperador Dom Pedro II em Lavras do Sul - RS (1865), organizador de uma banda de escravos, tendo aforriado 50 escravos para que fizessem parte do Exército (1884), agraciado Barão em 1872 e Visconde em 1885, estancieiro nos municípios de São Gabriel - RS, Lavras do Sul - RS e Caçapava do Sul - RS, filho do Cap. Manoel de Macedo Brum da Silveira & Ana Maria da Assunção, este, nascido na Ilha do Pico, Arquipélago de Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel de Macedo Madruga & Maria de Brum, estes, nascidos na Ilha do Pico, aquela (Joaquina Francisca de Sampaio), nascida em Porto Alegre - RS, filha de Francisco José de Sampaio & Ursula Maria das Dores, aquela (Ana de Assumpção Pereira e Macedo), nascida em Lavras do Sul - RS, aquela (Ana Maria da Assunção), nascida e batizada em Rio Pardo - RS e falecida em Porto Alegre - RS, filha de Raimundo Albernaz (1734-1799) & Maria Tereza de Jesus (?-1780), das primeiras núpcias deste, eles, casados em Rio Pardo - RS (1762), nascido na Ilha de Faial, Açores, e falecido em Rio Pardo - RS ou Porto Alegre - RS, filho de Antonio Albernaz & Maria Duarte, aquela (Maria de Brum), nascida na Ilha do Pico e falecida em Rio Pardo - RS, filha de Antonio de Brum da Silveira & Maria do Espírito Santo (1695-1791), este, 8º Capitão Mor das Lages (a partir de 1745), nascido em Lages, Ilha Terceira, aquela (do Espírito Santo), nascida na Ilha do Pico e falecida em Santo Amaro, hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS, aquela (Maria Tereza de Jesus), nascida na Freguesia de São Mateus, Ilha do Pico, e falecida em Rio Pardo - RS, filha de Estevão da Rosa & Maria Antonia, este, filho de Manoel da Fonte & Joana Ignacia, aquela (Francisca Joaquina de Sampaio, a Viscondessa do Serro Formoso), nascida em Porto Alegre - RS, filha de Francisco José de Sampaio (1750-?) & Ursula Maria das Dores (b.1774-?), estes, casados em Porto Alegre - RS (1791), este, nascido em Barra de Angra e batizado em Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, Açores, filho de Andre de Sampaio (1715-?) & Josefa Francisca de Mello (b.1710-?), estes, nascidos e casados em Ribeira Grande (1748), ele, filho de Luis Cordeiro & Maria de Almeida (1676-?), estes, casados em Ribeira Grande (1698), este, filho de Antonio Ferreira & Barbara Cordeiro, aquela (Ursula Maria das Dores), nascida e batizada em Cananéia-SP, aquela (Maria de Almeida), nascida na Ilha de São Miguel, filha de Nuno de Souza & Simoa de Almeida, estes, casados em Ribeira Grande (1663), ele, filho de Pedro Barbeiro & Barbara Ferreira, ela, filha de Manoel da Silva & Cândida Cordeiro, aquela (Josefa Francisca de Mello), filha de João Carrasco & Vitoria Ferreira, este, filho de Manoel Carrasco & Ana da Costa, aquela

(Vitoria Ferreira), filha de Antonio Pereira do Couto (?-1818) & Maria Francisca dos Dolores de Sobral (n.1745 ?/b.1774-1809), estes, casados em Cananéia-SP, ele, dono de um estaleiro, posteriormente estabelecido em Porto Alegre - RS, doador do terreno para a construção da Igreja de N^a Sr^a do Rosário, Porto Alegre - RS (1816), nascido na Ilha de São Miguel, Açores, vindo para o Brasil (1750) e falecido em Porto Alegre - RS, filho de Tomé Pereira & Maria de Souza, aquela (Maria Francisca dos Dolores de Sobral), nascida em Cananéia-SP e falecida em Rio Pardo - RS, filha de Antonio Monteiro & Maria Palhona de Sobral, aquela (Maria Amalia Vieira de Macedo), filha do Cap. João Vieira de Macedo & a prima Ana de Assumpção de Macedo (1842-?), este, nascido em Rio Pardo - RS, filho do Alferes José Vieira de Macedo (1808-1865) & Matilde Benedita Pedroso (1809-?), estes, casados em Rio Pardo - RS (1829), ele, irmão do Visconde do Serro Formoso), aquela (Matilde Benedita Pedroso), nascida em Rio Pardo - RS, filha do Sgto.-Mor João Pedroso de Albuquerque & Maria Benedita de Camargo, este, filho de Jeronimo Pacheco de Albuquerque & Nicasia Pedroso da Silva, aquela (Maria Benedita de Camargo), possivelmente filha de José Ortiz da Silva & Joseja de Araújo, este, nascido em São Paulo, aquela (Ana de Assumpção de Macedo), nascida na Faz. *São Francisco das Chagas*, posteriormente Estância *Serro Formoso*: Município de Lavras do Sul - RS, filha do Cel. Francisco Pereira de Macedo / Visconde do Serro Formoso (b.1806-1888) & Francisca Joaquina de Sampaio (1807-1893)], casados em São Gabriel - RS (1922)], com prole,

N 8.7 **FRANCISCA (CHIQUINHA) TEIXEIRA (CHAGAS)** (n.1864/b.1865-1913) [tendo herdado terra possivelmente no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, nascida e batizada no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS] c.c. **Bento Gonçalves das Chagas** (1850-1925) [estancieiro (pecuarista), tendo herdado terras no antigo Município de São Vicente do Sul - RS, Parada Chagas, hoje Município de Cacequi-RS (listado em 1922), provavelmente nascido no Município de São Gabriel - RS, falecido em Santa Maria - RS, irmão de Henrique Gonçalves Chagas (1852/53 ?-1907) c.c. Manoela (*Manoelita*) Teixeira Cezar (Chagas) (1861-1931), estes, filhos de Luís Gonçalves das Chagas / Barão de Candiota (1815-1894) & Ana Isabel de Ávila (Chagas) (?-1887/97), este, estancieiro e militar, incorporando-se às forças do Gal. Antonio de Souza Neto, veterano na Guerra dos Farrapos e do Paraguai pelo lado republicano, tendo herdado as estâncias de *Espinilho*, *Santa Cruz* e *Bela Vista*, no Município de São Gabriel - RS, *São Lucas* no Município de São Vicente do Sul - RS e *Pesqueiro*, *Monte Alegre* e *Flor do Conde* no Município de Guaíba-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), nascido em São Gabriel - RS e falecido em Porto Alegre - RS ou Pelotas-RS, agraciado com o título de Barão de Candiota (1875), filho do Cel. Gonçalves D'Ávila, este, estabelecido em Batovi: Município de São Gabriel - RS, tendo ali adquirido estância, falecido em Rio Grande - RS, aquela (Anna de Avila Chagas), falecida em Porto Alegre - RS], pais de

Bn 8.7.1 **ERNANI TEIXEIRA CHAGAS / HERNANI A. CHAGAS** (n.1888/98/b.1900-1921) [escritor (poeta, cronista e cartunista), com os seguintes pseudônimos: *Ricardo Severo* (o mais usado), *João Felpudo*, *João Beldoega*, *Mãe Joana*, *Carlos Polaco*, *Rabecão*, *Dr. Zamayont*,

Luciano Morais, Capitão, Majora, Mamangava e Martim Gravata, músico (piano e gaita/ acordeon) e artista plástico (pintor aquarelista) em Porto Alegre - RS e possivelmente no Rio de Janeiro - RS, provavelmente bacharel em Direito, possivelmente advogado em Santa Maria - RS, presidente do Clube *Tamandaré*, colaborador (poemas e crônicas) do Jornal *O X*, provavelmente frequentador do Club *Forasteiros*, provavelmente membro da diretoria (2º tesoureiro) da SUCV – Sociedade União dos Caixeiros Viajantes de Santa Maria - RS, com muitas homenagens *pos-mortem*, inclusive tendo sido editado pelos irmãos um livro póstumo (1935), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS], solteiro,

Bn 8.7.2 MANOEL EURICO (CASCUDO) TEIXEIRA CHAGAS (n.1897/b.1898-1952) [provavelmente bacharel em Engenharia Agrônômica, fazendeiro (pecuarista) no entorno da Faz. *Pau Fincado* e na Estação/Parada *Chagas*: Município de Cacequí-RS, próximo à Estação *São Lucas*, tendo herdado a antiga Faz. *São Lucas*, desportista (xadrez), um dos fundadores (1º tesoureiro) do Clube de Xadrez *Capablanca* (1944), 8º presidente da *Associação Rural de Santa Maria* (de 1946 a 1952), um dos fundadores da Cooperativa Rural Santamariense (1950) e presidente da Sociedade Agrícola Pastoril (por volta de 1950/51), batizado em Santa Maria - RS, possivelmente nascido e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. a parente **Ophelia Cezimbra Castello Branco** (n.1899/1900-1966) [provavelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, provavelmente nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, filha do Prof. Edmundo Castello Branco e Silva (1864/65-1922) & Alcide Cezimbra (Castello Branco) (1874/75-1950 ?), estes, casados em Santa Maria - RS (1898), ele, professor em São Pedro do Sul - RS, possivelmente (um filho ou neto) desportista (remo) no Rio de Janeiro - RJ, possivelmente tendo participado de campeonatos como Yole-Franche no Rio de Janeiro (1920), Regata Internacional no Rio de Janeiro (1922), os Jogos Olímpicos em Paris (1924) e *Skiff* no Rio de Janeiro (1925), filho de Domingos José da Silva & Laurentina Castello Branco, estes, nascidos em Alagoas e falecidos em Santa Maria - RS, ele, possivelmente militar, aquela (Alcide Cezimbra Castello Branco), afeita à feitura de doces, batizada e falecida em Santa Maria - RS, filha do Cap. João Antonio da Silva Cezimbra Fº (1834-1902) & Candida (? *Candoca*) Pereira da Silva (Cezimbra) (n.1847/b.1848- f. depois de 1889), este, servidor público, 1º coletor da Exatoria Estadual em Santa Maria - RS (de 1858 a 1868), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS e São Luiz Gonzaga - RS (entre 1865 e 1881, aproximadamente), possivelmente integrante da Loja Maçônica *Boca do Monte* (1874), juiz de paz, um dos líderes de São Martinho (hoje São Martinho da Serra - RS), militar (oficial) do Exército, tenente do 1º Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional, comandante interino da 18ª Seção do Batalhão de Infantaria da Reserva de Santa Maria e São Martinho (1867), estancieiro (pecuarista), possivelmente morador em São Martinho da Serra - RS e Santa Maria - RS, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho do homônimo o Cel. João Antonio da Silva Cezimbra (1803/04-1884) & Anna Fernandes Pena / Anna Francisca de Souza ou Anna Francisca de Lima (Penna)

(Cezimbra) (1808-1873), estes, casados em Santa Maria - RS (1826), ele, militar oficial do Exército, um dos primeiros moradores principais e benfeitores de Santa Maria - RS (listado em 1825), citado na 1ª eleição em 1827 (cidadão *eleitor votante*, o mais votado), tendo assinado a lista de estancieiros pedindo ao Imperador Dom Pedro I a elevação à Freguesia da Capela Curada de Santa Maria (1827), fiscal de Santa Maria (a partir de 1830), estancieiro possivelmente no atual Município de Dilermando de Aguiar - RS, destacado chefe político, provavelmente juiz de paz, suplente (em exercício) de juiz de paz (1836), eleitor especial (2º mais votado) do 4º Distrito (Santa Maria) à Câmara de Cachoeira (de 1947 a 1955), nomeado para a Guarda Nacional (1848), capitão do 6º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira (sediado em Santa Maria - RS), agraciado com o grau de oficial pelo Imperador Dom Pedro II com a comenda da Imperial Ordem da Rosa (1852), juiz comissário das Terras Públicas para Santa Maria (1961), reformado em 1865, vereador (mais votado): presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria (de 1861 a 1964), membro da Comissão para a Construção do Cemitério *Extramuros* de Santa Maria: pró mudança do cemitério da antiga matriz (em torno de 1857 a 1864), coletor de rendas provinciais (de 1865 a 1868), nascido na Bahia, possivelmente originário de Sesimbra (Portugal), filho de José Antonio da Silva & Maria do Sacramento, estes, também nascidos na Bahia, aquela (Anna Fernandes Pena / Anna Francisca de Souza ou Anna Francisca de Lima Cezimbra), possivelmente nascida em Santa Maria - RS (na época, capela pertencente ao antigo Município de Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), batizada na Freguesia de Nª Srª da Conceição da Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), falecida e sepultada no Cemitério das Irmandades de Cachoeira do Sul - RS, filha de Manoel Fernandes (Penna) (1776/77-1841) & Francisca Luiza de Lima (1788-1857), estes, casados em Viamão-RS (1806), ele, guarda-mor (autoridade portuguesa do Brasil Colônia ligada ao fisco (impostos) e bens materiais, vindo provavelmente para Santa Maria - RS (entre 1806 e 1808), relacionado como morador e um dos primeiros povoadores (em 1810 e 1812), um dos primeiros moradores importantes de Santa Maria - RS (relacionado na 1ª eleição como cidadão *eleitor votante*, em 1827), *sesmeiro* no atual Distrito da Palma: Santa Maria - RS (*Sesmaria da Palma*: do arroio do *Passo da Porteira* pela linha do Cerro até aproximadamente o *Arroio Grande*), possuidor de diversos escravos, cidadão eleitor em 1827, nascido em São Salvador da Ribeira de Pena (hoje somente Ribeira de Pena), Distrito de Vila Real, Arcebispado/Arquidiocese de Braga, norte de Portugal, chegado em Santa Maria entre 1806 e 1808, filho de Antonio José ? Teixeira Fernandes (de Azevedo) (1760 ?-?) & Maria Alves da Conceição (? Fernandes) (1764 ?-?), este, nascidos em São Salvador da Ribeira de Pena (hoje somente Ribeira de Pena), Paróquia de Salvador de Ribeira de Pena, Concelho de Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Arcebispado de Braga (norte de Portugal), tendo 2 filhos que migraram para o Brasil, o outro, João Fernandes Penna (1769/70-1814) c.c. Gertrudes Maria de Jesus (Celestina Dornelles de Souza) (b.1789-1853), este, morador de Santa Maria - RS (provavelmente listado em 1810 e 1812), nascido em Ribeira de Pena, Distrito de Vila Real, Arcebispado/Arquidiocese de Braga (norte de Portugal), possivelmente estabelecendo-se em Santa Maria - RS em 1808 (relacionado como morador em 1810/12), um dos primeiros povoadores (listado em 1810 e 1812) e figura de destaque no início da povoação de Santa Maria - RS, ela, moradora de Santa Maria - RS (provavelmente listada em 1810 e 1812), nascida no hoje Distrito de Santo Amaro: Município de General Câmara - RS, filha de Jeronimo Dornelles de Souza

& Maria Francisca de Jesus de Souza, possivelmente nas primeiras núpcias deste, eles, nascidos em Santo Amaro, este, sesmeiro (outorga em 1812), possivelmente com propriedades na costa do R. Ibicuí, na Serra de *São Martinho*, nos municípios de São Martinho da Serra - RS e Restinga Seca - RS, possivelmente filho de Mathias de Souza & Rita/Joaquina da Rosa, aquele (Jeronimo Dornelles de Souza), possivelmente em segundas núpcias dele, c.c. Teodora Maria (1808), esta, nascida em Santo Amaro, filha de José da Costa Leite & Rosa Bernardes, possivelmente em primeiras núpcias dela (por volta de 1807), aqueles (João Fernandes Penna & Gertrudes Maria de Jesus Celestina Dornelles de Souza), provavelmente pais de Constancia Maria (da Conceição) possivelmente c.c. Raphael Pinto Bandeira, estes, pais de Raphael Pinto Bandeira e Manoel Pinto Bandeira (1857-?), aquele primeiro (Raphael Pinto Bandeira), provavelmente parente do homônimo (ou o mesmo) Raphael Pinto Bandeira, este, militar, estancieiro, caudilho e governador da Capitania de São Pedro do Rio Grande, Alexandrina Francisca Penna (1811-?) c.c. Francisco Luiz Alves de Lima, estes, pais de Maria Lima (n.1856/b.1857-?) e de Venancio Penna Alves de Lima (1845-?) provavelmente c.c. Maria Joaquina (Penna) (1852 ?-?), este, nascido e possivelmente residente em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS, batizado em Santa Maria - RS, ela, nascida e possivelmente residente em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS, estes, pais de Francisca Penna (n.1872/b.81873-?), esta, nascida e batizada em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS, aquele (Francisco Luiz Alves de Lima), nascido em Viamão-RS, filho de João Alves de Souza & Joaquina Luiza de Lima / Maria de Jesus, estes, nascidos em Viamão-RS, Gertrudes Fernandes Penna (1813 ?-?), Joaquim Fernandes Penna (1814-?), Joaquina Fernandes Penna (1814-?), estes ultimos, possivelmente gêmeos, nascidos de Santa Maria - RS, e Manoel Dornelles Fernandes Penna (1815-?), nascido logo após a morte do pai, aquela (Francisca Luíza de Lima), moradora de Santa Maria - RS (possivelmente listada em 1810), nascida em Viamão-RS, filha de Francisco Luís de Lima ou Faustino Luís Diniz (casado em segundas núpcias em Viamão-RS, em 1782, com) & An(n)a Joaquina de Jesus, aquele (Francisco Luís de Lima), natural da Ilha Terceira, Açores e ela, natural de Santa Catarina, aquela (Candida Pereira da Silva Cezimbra), provavelmente tendo herdado terra no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, emancipado de Santa Maria - RS (1996) e/ou no Município de São Gabriel - RS, oriunda de tradicionais famílias do Rio Grande do Sul, parente do Caudilho e Governador Borges de Medeiros, provavelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, possivelmente nascida e falecida no hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (emancipado de Santa Maria - RS), filha do Maj. Gaspar Pereira da Silva (f. depois de 1874) & Candida Pavão de Azambuja (Pereira da Silva) (?-1874), das primeiras núpcias dele, este, vereador na 2ª Câmara Municipal de Santa Maria - RS (de 1861 a 1864 e provavelmente de 1883 a 1886), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1880 e 1881), dono de casas, terrenos, chácara, e terras em Uruguaiana-RS (próximo ao Rio Quaraí) e Santa Maria - RS, com inventário autuado em Santa Maria - RS (1874), nascido no Município de São Gabriel - RS ou Cachoeira do Sul - RS, filho de Manoel José Pereira da Silva & Emerenciana Antonia Gonçalves Borges, este, estancieiro (pecuarista) no Município de São Gabriel - RS, dono da Estância *Inhatium*), tendo participado da Revolução Farroupilha (de 1835 a 1845) como tesoureiro geral e constituinte (suplente) da República Rio Grandense, estabelecido no Rio Grande do Sul (ainda pequeno), nascido em Laguna-SC, filho

do Ten. José Pereira da Silva & Maria da Rosa Gomes, estes, nascidos em Laguna-SC e descendentes de açorianos, ela, possivelmente parente de Gomes Freire de Andrade, aquela (Emerenciana Antonia Gonçalves Borges), nascida em Laguna-SC, filha de Antonio Gonçalves Borges (1758 ?-1806 ?) & Joana/Joaquina Rosa Pereira Fortes (n.1758/ b.1759-1806), estes, casados em Rio Pardo - RS (1773), ele, sesmeiro nos municípios de Restinga Seca - RS, São Sepé - RS e São Gabriel - RS, nascido em Lages, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal) ou em Rio Pardo - RS e falecido em Cachoeira do Sul - RS, filho de Manoel Gonçalves (Mancebo) (1715 ?-?) & Águeda Maria Simões (1731-?), estes, nascidos na Freguesia de Lages, Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ele, fidalgo açoriano (Mancebo Del Rey), vindo para o Brasil, estabelecendo-se em Santa Catarina (por volta de 1750), aquela (Joana/Joaquina Rosa Pereira Fortes), nascida e falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Pereira Fortes (1731-1820) & Eugenia Rosa Ribeiro, este, sesmeiro na Localidade de Capão Grande: Município de Cachoeira do Sul - RS, nascido na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), estabelecendo-se em Rio Pardo - RS (1752) e falecido em Rio Pardo - RS, filho de João Teixeira d'Águeda (1642 ?-?) & Isabel Nunes (1709-?), este, nascido em Norte Grande, Ilha São Jorge, Açores, ela, nascida na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Açores, filha de Miguel Pereira de Barros & Luzia Simões da Silveira (1709-?), esta, nascida na Vila do Topo, Ilha São Jorge, Açores, aquela (Eugenia Rosa Ribeiro), nascida na Praia da Vitoria, Ilha Terceira, Açores, filha de Manoel Fernandes Ribeiro & Catharina de Borba de São Francisco], possivelmente casados em Porto Alegre - RS ou Santa Maria - RS (1851/61)], casados em Santa Maria - RS (1920), com prole,

Bn 8.7.3 **EMIR TEIXEIRA CHAGAS** (1889-1958) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) nos municípios de Cacequi-RS e/ou São Vicente do Sul - RS, anteriormente residente no Município de São Vicente do Sul - RS, posteriormente em Santa Maria - RS, possivelmente nascido e falecido no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Iracema de Lima Simões Corrêa (Chagas)** (1905-1986) [anteriormente residente no Município de São Vicente do Sul - RS e posteriormente em Santa Maria - RS, possivelmente nascida no Município de São Vicente do Sul - RS, filha de Feliciano de Faria Corrêa (1872-1944) & Liberalina de Lima Simões Pires (Corrêa) (1877-1950), este, filho de Feliciano Corrêa da Silva & Maria do Carmo de Faria (1851-?), aquela (Liberalina de Lima Simões Pires), filha de Francisco de Lima Simões Pires (1845 ?-1910) & Emília Deolinda do Nascimento (1848 ?-1884), este, provavelmente estancieiro (pecuarista) do Município de São Sepé - RS, possivelmente filho de Vicente de Paula Simões Pires & Barbara de Lima, estes, casados em São Sepé - RS, ele, participante nos combates contra Oribe e Rosa (1851/52), estancieiro (pecuarista) com registro de propriedade no livro de registro de terras em Cachoeira do Sul - RS (1855)], casados em Santa Maria - RS (1928), com prole,

N 8.8 **MARIA TEIXEIRA CEZAR** (n.1866/b.1867-1908/28 ?) [nascida e batizada no hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS e possivelmente falecida no Município de Santa Maria - RS], possivelmente solteira,

CAPÍTULO IX

ANTONIO FERNANDES PENNA & FRANCISCA LOPES VIEIRA (DE LIMA PENNA)

F 9 Ten. Cel. **ANTONIO FERNANDES PENNA** (1824 ?-1857/58/63/66/67) [militar (oficial), integrante (capitão) do 6º Corpo (Provisório) de Cavalaria da Guarda Nacional de Cachoeira, sediada em Santa Maria (por volta de 1849), possivelmente tendo servido em Itaquí, Santa Maria e São Martinho, juntamente com o então Cap. João Antonio da Silva Cezimbra, possivelmente participante da Campanha contra Oribe e Rosas (1851) juntamente com o sobrinho João Antonio da Silva Cezimbra (Fº), tendo, com a partilha pelo falecimento da mãe, inventário autuado em Cachoeira (1857), herdado terra na antiga Faz. da *Palma*, antigo Distrito de São Xavier, entre os atuais municípios de Tupanciretã-RS, Joia-RS, Jari-RS, Quevedos-RS, Júlio de Castilhos - RS e São Martinho da Serra - RS, na época pertencente ao Município de Cruz Alta - RS, provavelmente fazendeiro (pecuarista) nesta localidade, com inventário autuado em Cruz Alta - RS (1867), provavelmente nascido no Município de Santa Maria - RS e batizado em Cachoeira do Sul - RS, possivelmente falecido no Município de Júlio de Castilhos - RS ou Tupanciretã-RS], possivelmente nas segundas núpcias dela, c.c. **Francisca Lopes Vieira (de Lima Penna)** (1835 ?-1898 ? / f. depois de 1872) [dona de terra no então 2º distrito de Júlio de Castilhos - RS, posteriormente permutada para Ladislao Dornelles e Silva (1829-1905) c.c. Benta Pires de Almeida (1835- f. depois de 1909), nascida no antigo Município de São Borja - RS (cuja sede, na fronteira com Santo Tomé, Argentina), aquela (Francisca Lopes Vieira de Lima Penna), filha de Joaquim Lopes Vieira & Margarida Francisca dos Reis (possivelmente falecida com 112 anos de idade), este, estancieiro (pecuarista) no posterior Município de Santiago-RS, colaborador na fundação da Capela de Santiago (1856) e posteriormente (até a criação da freguesia, em 1865, aproximadamente), nascido em Rio Pardo - RS, ela, estancieira em São Xavier, nascida em Caçapava, hoje Caçapava do Sul - RS, ou em São Borja - RS, aquela (Margarida Francisca dos Reis), possivelmente fazendeira no antigo Distrito de São Xavier, possivelmente parente de Francisco Antonio dos Reis, este, um dos primeiros povoadores do antigo Distrito de São Xavier], casados (por volta de 1848), pais de

N 9.1 **FRANCISCA DE LIMA PENNA** (n.1849/b.1850-1850 ?) [possivelmente nascida e falecida (criancinha) no Município de Santa Maria - RS],

N 9.2 **FRANCISCA DE LIMA PENNA (SALAZAR)** (n.1851/b.1852-1879 ?) [provavelmente nascida e criada em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS e batizada em São Borja - RS (fronteira com Santo Tome, Argentina)], nas primeiras núpcias dele, c.c. **Joaquim Timotheo Salazar** (1847- f. depois de 1889) [nas segundas núpcias (após a morte da 1ª esposa) c.c. Adriana Ventura Pereira Pinto (?-1889), ele, servidor público (federal), militar do Exército, participante da Guerra do Paraguai como cabo de esquadra do 4º Esquadrão do 7º Corpo Provisorio de Cavalaria de Santa Maria (1868), morador no antigo Município de São Martinho da Serra - RS (a partir de 1979, aproximadamente), nascido e batizado no Município de Santa Maria - RS, filho de Francisco Custodio Salazar (1821 ?-? f. antes de 1874) & Mariana Joaquina/Felicia da Silva (f. entre 1863 e 1871), este, dono de terra no hoje Bairro Campestre do Menino Deus, zona norte de Santa Maria - RS, nascido em Triunfo-RS ou Porto Alegre - RS, filho de Manoel Francisco Sallazar de Azevedo & Florinda Maria da Conceição, este, nascido em Santa Catarina, possivelmente filho de um dos irmãos Francisco Alves de Souza Salazar (1791 ?-) c.c. Joaquina Leocadia da Conceição, estes, casados em Osorio-

RS (1781), ela, filha de Domingos Fernandes Lima & Clara Rosa de Jesus, ou de Tristão de Oliveira Salazar, este, morador no Município de Uruguaiana-RS (entre 1865 a 1900, aproximadamente), ou ainda de Custodio Souza de Oliveira Salazar (1790 ?-?) ou de José Custodio de Oliveira Salazar c.c. Angelica Candida Dutra, ou ainda do Cap. Manoel Ignacio de Souza Salazar (1780 ?-1856), nas primeiras núpcias dele, c.c. Francisca Angelica de Jesus (b.1761-?) ou, nas segundas núpcias dele, c.c. Doroteia Joaquina da Conceição, e Antonio Rodrigues de Souza Salazar (1780 ?-?) c.c. Clara Rosa de Jesus, estes, nascidos em Porto Alegre - RS ou Osório-RS, os dois últimos, sesmeiros (outorga em 1807 e 1813, respectivamente), o anterior possivelmente donos de escravos no antigo Município de Cachoeira do Sul - RS (por volta de 1860), estes, filhos do Sgt.mor Custodio de Souza Oliveira Salazar & Francisca Maria de Jesus Lima (b.1761-?), estes, casados em Porto Alegre - RS (1779), ele, sesmeiro (outorga em 1821), nascido em Santa Maria de Airão, Distrito de Guimarães (norte de Portugal), filho de Manoel da Silva e Souza (1763-?) & Quiteria Joaquina do Nascimento, este, nascido em Salão, Freguesia de Horta, Ilha do Faial, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), aquela (Florinda Maria), nascida em Triunfo-RS, aquela (Mariana Joaquina/Felicia da Silva), nascida e falecida no Município de Santa Maria - RS, possivelmente filha de Rafael Antonio Machado & Maria Florinda da Conceição ou Anna Maria, esta, nascida em São Paulo, aquela (Francisca Maria de Jesus), nascida e batizada em Viamão-RS, aquela (Florinda Maria da Conceição), nascida em Triunfo-RS], casados em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS (1872, porém já vivendo maritalmente há mais de um ano, provavelmente desde 1870), casados em São Martinho da Serra - RS (civil/concubinato: desde 1869, religioso: 1872), possivelmente sem filhos desta união, possivelmente (a Alzira e Jovencio, provavelmente filhos dele com a 2ª esposa) pais de

? Bn **FRANCISCO SALAZAR** (1872 ?-?) c.c. **Josephina Barrios**, casados antes de 1897,

? Bn **MANOEL ELOI/Y SALAZAR** (1852/53/73 ?-1943) [provavelmente estabelecido em Santa Maria - RS, possivelmente com vínculos no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, provavelmente nascido na Espanha, falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Francisca Candida de Farias (Salazar)** [provavelmente estabelecida em Santa Maria - RS, nascida no Rio Grande do Sul], casados antes de 1891, com prole,

? Bn **ALZIRA SALAZAR** (1878 ?-?),

? Bn **JOVENCIO SALAZAR** (n.1879 ?/b.1880-?),

? Bn **HERMÓGENES SALAZAR** [comerciante (secos e molhados e especialidades) em Santa Maria - RS (listado em 1953)],

? Bn **FRANCISCA SALAZAR** [nascida no Município de Tupanciretã-RS],

N 9.3 **FERNANDO DE LIMA PENNA** (n.1856/b.1858-?) [nascido no antigo Distrito de São Xavier, antigamente pertencente a São Martinho, hoje Município de Tupanciretã-RS, entre Jóia-RS e Jari-RS, batizado em São Martinho da Serra - RS], possivelmente nas segundas núpcias dele, c.c. **Maria José da Silva** (1879 ?-?) [nascida no Rio Grande do Sul, filha de Moysés Antonio da Silva (?-1888) & Lucrecia Maria dos

Santos, este, possivelmente estancieiro e militar, falecido no 4º distrito de Santo Ângelo - RS, estes, sogros do Cap. Perseverando José Vianna (1856- f. depois de 1901 ?) c.c. Fernanda Maria da Silva (Vianna) (1863-?), estes, casados em 1878, ele, servidor público (federal), militar (oficial) do Exército, falecido no antigo Distrito de Santa Tecla, provavelmente entre os atuais municípios de Tupanciretã-RS e Jóia-RS, filho do Maj. Rafael José Vianna (?-1864) & Belmira Jacintha Pereira, estes, casados em São Borja - RS (1840), ele, nascido em Taquari-RS, este, filho de Antonio José Vianna (b.1770-?) & Ines Leonor de Azevedo (1778 ?-1866 ?), das segundas núpcias dele, estes, casados em Triunfo-RS (1805), este, muito provavelmente tenha adotado o sobrenome *Viana*, em razão de ter nascido no Arcebispado de Viana do Castelo (fato comum para a época), nascido na Freguesia de Poiares (Igreja de São Tiago), Concelho de Ponte de Lima, Arcebispado de Viana de Castelo (norte de Portugal), filho de Pedro Afonso & Ignacia/Inácia Maria (1833/1838-?), este, nascido em Taquari-RS, aquela (Ines Leonor de Azevedo), nascida em São José - SC (hoje Região Metropolitana de Florianópolis-SC) e falecida em Taquari-RS (livro 4-10v), filha de Manuel Garcia de Azevedo & Ursula Mariana de Jesus, esta, nascida em Santa Catarina, aquela (Belmira Jacintha Pereira), filha do Sgto-Mor Antonio Jacintho Pereira (b.1777-?) & Laura da Pureza Pavão, estes, casados em São Borja - RS (1840), ele, batizado em Taquari-RS, ela, filha de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Antonia da Pureza / Francisca Antonia/Ignacia da Pureza (1767-1790 ?), estes, dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS e Santa Maria, ele, vindo de São Gabriel - RS (chegado em Santa Maria - RS em 1798), listado em 1812 e mencionado antes mesmo, sesmeiro, possuindo várias sesmarias (inclusive uma de 1821), inclusive na Localidade de Caiboaté e na Localidade de Pavão, atual Município de São Gabriel - RS (1791), sesmaria outorgada em 1806, estancieiro (relacionado em 1834), criador de mula (listado em 1807), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Manoel Pavão Cordeiro & Pascoa Rodrigues de Oliveira, este, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Pascoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela (Francisca Antonia/Ignacia da Pureza), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), filha de Manoel Antonio de Bittencourt (1724 ?-1790) & Maria Anna (Bittencourt), estes, da 1ª leva de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, nascidos na Ilha Graciosa, Açores (Portugal), aquela (Fernanda da Silva Vianna), residente em Entre Ijuis - RS, filha de Moysés Antonio da Silva (?-1888) & Lucrecia Maria dos Santos, este, falecido no 4º distrito de Santo Ângelo - RS, este, possivelmente parente de Luis José da Silva, este, sesmeiro (sesmaria outorgada em 1818) no Município de Júlio de Castilhos - RS, junto a Agostinho Soares da Silva (b.1762-1848) c.c. Maria do Rosario (b.1771-?)], pais de

Bn 9.3.1 GUILHERMINA DA SILVA PENNA (n.1887/b.1889-?) [batizada no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

? **Bn 9.3.2 FERNANDO DE LIMA PENNA** (1888-1939) [possivelmente presente em foto coletiva no Theatro *Treze de Maio* (1935), hoje pertencente ao Acervo da Casa de Memória *Edmundo Cardoso*, Santa Maria - RS, nascido no

Rio Grande do Sul e falecido nas proximidades de Silveira Martins - RS (Região da Quarta Colônia)] c.c. **Leopoldina (de Lima Penna)**,

Bn 9.3.3 **MALVINA PENNA (DA COSTA)** (n.1890/b.1891-?) [nascida na Localidade de Santa Tecla: antigo Município de Júlio de Castilhos - RS (posteriormente Município de Tupanciretã-RS, próxima ao Município de Joia-RS), batizada na casa de Antonio Martins Beltrão, no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, ou possivelmente Município de Santiago-RS, hoje Município de Capão do Cipó - RS] c.c. o parente **Horacio Alves da Costa** (1883/84-?) [nascido no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, filho de Mauricio da Costa & Rosa Beltrão (Costa)], casados no hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS, antes pertencente ao Distrito da Estação Colônia, posteriormente Camobi (civil: 1909 e religioso: 1921), com prole,

N 9.4 **JULIA DE LIMA LOPES PENNA** (n.1859/b.1860-?) [nascida e batizada em São Martinho, hoje São Martinho da Serra - RS],

N 9.5 **MANOELA DE LIMA PENNA** (1860 ?-?) [nascida no antigo Município de São Martinho da Serra - RS], mãe natural (biológica) de

Bn 9.5.1 **ANTONIO DE LIMA PENNA** (1878-?) [nascido e batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

Bn 9.5.2 **BENTO DE LIMA PENNA** (n.1879/b.1881-?) [batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

N 9.6 **ANTONIO ? LOPES FERNANDES PENNA** (b.1863-?) [batizado em Santa Maria - RS],

? N 9.7 **JOAQUIM FERNANDES PENNA** (1863 ?-?) [possivelmente em São Martinho da Serra - RS, padrinho de casamento de Manoel Pereira dos Santos & Ana Maria Correa Magalhães (Pereira), nascido no antigo Município de São Martinho da Serra - RS], nas primeiras núpcias dele, viúvo de **Antonia Maria da Silva** (f. antes de 1886 ?) [possivelmente filha de Moysés Antonio da Silva (?-1888) & Lucrecia Maria dos Santos, este, possivelmente militar, falecido no 4º distrito de Santo Ângelo - RS], possivelmente sem filhos,

? N 9.7 **JOAQUIM FERNANDES PENNA** (1863 ?-?) [possivelmente em São Martinho da Serra - RS, padrinho de casamento de Manoel Pereira dos Santos & Ana Maria Correa Magalhães (Pereira), nascido no antigo Município de São Martinho da Serra - RS], nas segundas núpcias dele, c.c. **Maria do Carmo Paz** (1866 ?- f. depois de 1893 ?) [provavelmente nascida no antigo Município de São Martinho da Serra - RS, filha de Candido Paz de Oliveira & Gertrudes de Souza Boeno, estes, provavelmente nascidos na Provincia do Estado Oriental (Uruguai), ele, possivelmente parente de Manoel de Oliveira Paz, este, um dos primeiros povoadores do antigo Distrito de São Xavier, e possivelmente filho de João Moreira Paz (1811-?), este, filho de Manoel Moreira Paes/Pais/Paz & Maria Trindade de Oliveira, ele, fazendeiro (pecuarista) próximo a Faz. da *Reserva*, Município de Júlio de Castilhos - RS, um dos primeiros ali

estabelecidos (1810), possivelmente descendente de paranaenses ou sorocabanos (a maioria deles descendem daqueles que emigraram nos séculos XVII e XVIII para o Paraná da então Capitania de São Paulo, originários das famílias constituídas nas primeiras vilas paulistas de São Vicente e São Paulo de Piratininga, vindas de Portugal, nos séculos XVI e XVII), eles, possivelmente parentes de João Paes de Oliveira c.c. Joaquina Constancia da Silva, este, nascido e batizado em Porto Fellis, Bispado de São Paulo, filho de Ignacio Paes de Oliveira & Maria Ferraz Bueno, aquela (Joaquina Constancia da Silva), nascida em Santa Cristina do Pinhal - RS, filha de Francisco José da Silva & Luzia Francisca, esta, nascida e batizada na freguezia de Santanna da Vila Nova, Santa Catarina, aqueles (João Paes de Oliveira & Joaquina Constancia da Silva), pais de Floriano Paz de Oliveira (1828-?) c.c. Constancia Joaquina de Oliveira (ou Paz), este, nascido no Município de São Luiz Gonzaga - RS, estes, pais de Galdino Paz de Oliveira (1851-1918) c.c. Honorina de Moraes, este, nascido no Município de São Luiz Gonzaga - RS, possivelmente parentes de Joaquim Paes de Oliveira Neto e João Paes de Oliveira, do Município de São Luiz Gonzaga - RS, eles, possivelmente parentes do Cap. Horácio de Figueiredo Paz c.c. Maria Luíza Niederauer Seffrin, este, vereador da 4ª Câmara Municipal de São Martinho (de 1887 a 1889), proprietário da Faz. *Aguapé*, Município de Tupanciretã-RS, aquela (Gertrudes de Souza Boeno), provavelmente parente de fazendeiros (pecuaristas) no Rincão de Santa Maria, entre os atuais municípios de São Martinho da Serra - RS e Júlio de Castilhos - RS, com propriedades registradas no livro de registro paroquial de terras de São Martinho (1855), aquela (Gertrudes de Souza Boeno), possivelmente filha de José de Souza Bueno & Aria Ignacia Silveira, este, dono da Faz. *Palmeira*], casados em São Martinho da Serra - RS (1886), pais de

Bn 9.7.1 **ANAROLINO PAZ PENNA** (1887-?) [nascido e batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

Bn 9.7.2 **IBAIMA PAZ PENNA** (n.1889/b.1898-?) [nascido(a) e batizado(a) no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

Bn 9.7.3 **JOÃO FRANCISCO PAZ PENNA** (n.1893/b.1898-?) [nascido e batizado no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

? N **MARIA DAS DORES PENNA** (1860 ?-?) [nascida no Rio Grande do Sul], mãe natural (biológica) de

BN **FLORA PENNA** (b.1887-?) [batizada no antigo Município de São Martinho da Serra - RS],

CAPÍTULO X

FRANCISCO FERNANDES PENNA & MARIA LUIZA DE MENEZES (PENNA)

F 10 **FRANCISCO FERNANDES PENNA** (b.1826- f. entre 1992 e 1913) [estancieiro (pecuarista, citado em 1889) próximo à Picada Velha, no hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, antigamente pertencente ao Distrito de Arroio do Só/Sol, próximo da divisa com o Distrito de Arroio Grande e o atual Município de Silveira Martins - RS, administrador dos negócios da mãe e inventariante da mãe (com sua morte), tendo herdado terra na antiga Faz. do *Vacacaí-Mirim*, no entorno da Faz. da *Palma*, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, a partir da partilha (pela morte da mãe), inventário autuado em Cachoeira (1857), estabelecido com posse a partir de 1845, entre as de posse do cunhado Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868) c.c. Jeronyma Francisca de Lima Penna (Pinto) (b.1816-1889) e o Arroio Grande, propriedade registrada no Livro de Registro Paroquial de Terras de Santa Maria (1856), provavelmente tendo a sede no local denominado Tafona (há muito tempo tapera), vendida por herdeiro (1920) para Dário Pereira de Almeida (1898-1978) c.c. Adilles (Adorno) Monteiro (de Almeida) (1899-1954), abrangendo o Estabelecimento Comercial e Industrial *Vera Cruz* na Localidade de Faxinal da Palma (entre os Pilon, a encruzilhada dos Noal e Val de Buia, provavelmente até os morros), próximo à Picada Velha, com propriedade registrada no livro de registro paroquial de terras de Cachoeira (1856), envolvido com questões reivindicatórias de estradas e problemas com transeuntes, tendo enviado um requerimento à Subintendência de Silveira Martins, solicitando autorização para abrir um caminho que atravessasse as colônias: abertura de estrada entre Arroio do Só/Sol e Silveira Martins, indo terminar na Estrada Geral, no antigo povoado de Arroio do Só/Sol (1891), tendo vendido terra no Arroio Grande para o Pe. Francisco Comaretto, Antonio Tonetto (Lote 6) e outros (1891), cujo lote vendido para Antonio Tonetto e logo depois para Antonio Paniz (1893), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Cachoeira (entre 1867 e 1871), possivelmente colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação/construção (de 1898 a 1904), nascido e batizado em Santa Maria - RS, possivelmente falecido no Município de Santa Maria- RS] c.c. **Maria Luiza de Menezes (Penna)** (1832-1887) [tendo herdado terra no Município de Cachoeira do Sul - RS, nascida em Cachoeira do Sul - RS e falecida na Localidade de Faxinal da Palma, próximo ao hoje Distrito de Arroio Grande e o hoje Município de Silveira Martins - RS (hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (óbito por Silveira Martins - RS e sepultada no Cemitério de Arroio Grande), filha de Antonio Joseph/José de Menezes (1799 ?- f. antes de 1852) & Maria Antonia (dos Anjos) da Costa Leite (Menezes), estes, nascidos em Rio Pardo - RS e casados em Triunfo-RS (1814), possivelmente tendo comprado (1814) terra na Localidade de Mangueirinha, no hoje Município de Novo Cabrais - RS (anteriormente pertencente a Cachoeira do Sul - RS), possivelmente relacionados com a Faz. *Arenal*, ele, tendo uma rua em Cachoeira do Sul - RS (Bairro Soares, Barcellos ou Bom Retiro) com o nome possivelmente em sua alusão, possivelmente tendo sesmaria no hoje Município de Santana do Livramento - RS (1812/14), sendo um dos principais fundadores de Santana do Livramento - RS (fronteira com Rivera, Uruguai) com a doação de terra para a construção da Capela de N^a Sr^a do Livramento: denominação portuguesa de N^a Sr^a do Bom Parto ou do Bom Despacho (outorga de terra em 1823), colaborador financeiro na Guerra da Cisplatina (em torno de 1826), nascido em Rio Pardo - RS, provavelmente filho de Manoel José de Menezes (b.1762-?) & Maria Barbara, este, filho de Manoel José de Menezes (1732-?) & Mariana dos Anjos (1732-1772), estes, nascidos na Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores (Região

Autônoma de Portugal), casados em Rio Pardo - RS (1760), ele, nascido em São Pedro, Ilha de Santa Maria, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Antonio Soares de Menezes & Barbara da Encarnação de Souza, aquela (Maria Barbara), filha de José de Oliveira & Maria Santa, aquela (Maria Antonia dos Anjos da Costa Leite Menezes), nascida em Taquari-RS, filha do alferes Antonio da Costa Leite (1756-?) & Juliana Maria de Jesus, este, nascido em Triunfo-RS ou Santo Amaro: hoje distrito pertencente ao Município de General Câmara - RS, filho de Francisco da Costa Leite (1723-?) & Ana Maria da Conceição, das primeiras núpcias dele, este, nascido em Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), este, filho de André da Costa Leite (?-1781) & Maria Clara de Souza, este, falecido em Santana do Livramento - RS, ela, nascida em Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Açores, aquela (Juliana Maria de Jesus), nascida em Viamão-RS, filha de João Mendes da Silva & Rita Maria da Conceição, estes, casados em Taquari-RS (1780), ela, nascida em Tramandaí-RS ou Triunfo-RS, aquela (Ana Maria da Conceição), nascida na Ilha de Santa Maria, Açores, filha de José da Costa & Domingas de Jesus, aquela (Mariana dos Anjos), nascida em Fontainhas, Ilha Terceira, Açores, e falecida em Rio Pardo - RS, filha de João Gonçalves da Cunha & Maria dos Anjos (1725 ?-?), estes, casados em Fontainhas, Ilha Terceira: Açores (1737), ele, nascido em São Pedro / Biscoitos, Ilha Terceira, ela, nascida em Fontainhas, Ilha Terceira, filha de João de Aguiar Laranjo (1700 ?-?) & Isabel Rodrigues (1703 ?-?), este, nascido em Fontainhas, Ilha Terceira, filho de Manoel de Aguiar Laranjo & Maria dos Anjos, estes, nascidos em Lages, Ilha Terceira, ele, nascido em Fontainhas, Freguesia de N^a Sr^a da Peña das Fontinhas, Ilha Terceira, filho de Tomas de Aguiar & Francisca de São José, ela, nascida em São Miguel Arcanjo das Lages, hoje Lages, Ilha Terceira, filha de Gabriel Gonçalves & Leonor Assumpção, aquela (Mariana dos Anjos), nascida em Fontainhas, Ilha Terceira, Açores, filha de João Gonçalves da Cunha & Maria dos Anjos, estes, casados em Fontainhas, Ilha Terceira, Açores (1737), ela, nascida em Fontainhas, Ilha Terceira, filha de João de Aguiar Laranjo & Isabel Rodrigues], casados na casa do cunhado (dele) Francisco Ribeiro Pinto (1807/08-1868) c.c. Jeronyma Francisca de Lima Penna (Pinto) (b.1816-1889), no posterior Município de Santa Maria - RS (1852), pais de

N 10.1 **ANNA FRANCISCA PENNA (DE MORAES)** (1853-1893) [nascida e falecida na Localidade de Faxinal da Palma, próximo ao hoje Distrito de Arroio Grande e Silveira Martins - RS (hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, batizada em Santa Maria - RS e sepultada em São Marcos: hoje Distrito de Arroio Grande: Município de Santa Maria - RS] c.c. **Manoel Thomaz dos Santos Moraes** (n.1840/b.1841-1912) [possivelmente servidor público, possivelmente militar (oficial) do Exército ou da Brigada Militar, possivelmente tendo servido no 4^o Esquadrão da Brigada Militar (por volta de 1905) possivelmente em São Francisco de Paula - RS, proprietário de terras, posteriormente vendidas por filhos para a Família *Machado Soares* na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, possivelmente tendo morado em Cruz Alta - RS, possivelmente possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1867), nascido, batizado e falecido no Município de Santa Maria - RS, filho de Francisco dos Santos Moraes (1818-1867) & Maria Ferreira da Costa (dos Santos Moraes), este, estancieiro (pecuarista) no Município de Santa Maria - RS (listado em 1858) e eleitor especial (de 1869 a 1872), irmão de Josefa dos Santos Moraes (1805/07-?), estes, filhos do Ten. Felisberto dos Santos Moraes (1756 ?-1846 ?) & Cristina Angelica de Jesus (1766 ?-?), estes, nascidos em Rio Pardo - RS, ele, primeiramente comerciante rural (bodegueiro) em Rio Pardo - RS e posteriormente sesmeiro (outorga em 1796) e estancieiro (pecuarista), dono da Faz. *Ramada*, provavelmente no Distrito de

Santa Flora: Município de Santa Maria, um dos primeiros povoadores de Santa Maria (chegado em 1804, listado também em 1812), estancieiro (pecuarista) possivelmente listado a partir de levantamento feito em 1920, nascido em Rio Pardo - RS, tendo recebido sesmaria (1806) entre o *Arenal* e a Coxilha da *Ramada* (hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS) e outra sesmaria (outorgada em 1814), provavelmente legionário (*im memoriam*) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, possuidor de escravos no posterior Município de Santa Maria - RS (anteriormente pertencente aos antigos municípios de Cachoeira do Sul - RS e Rio Pardo - RS), provavelmente irmão de Francisco dos Santos Moraes (1788/89-1849) & Clara Maria dos Santos, este, possivelmente militar do Exército, um dos primeiros moradores principais de Santa Maria na 1ª eleição (cidadão *eleitor votante* em 1827), sepultado no Cemitério do Passo da Laranjeira: hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS, estes, filhos de José dos Santos Moraes, este, nascido em Portugal ou nas Ilhas, provavelmente do Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, filha de Antonio de Oliveira Machado & Ignacia da Rosa, este, nascido em São Paulo e ela, nas Ilhas (provavelmente dos Açores), aquele (Francisco dos Santos Moraes), possivelmente parente de João dos Santos Moraes, este, estancieiro no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (pecuarista listado em 1889)], casados no Município de Santa Maria - RS (1867), pais de

Bn 10.1.1 **FRANCISCO PENNA DE MORAES** (n.1868/b.1871-?) [nascido e batizado em Santa Maria - RS],

Bn 10.1.2 **FERNANDO (MEIRINHO) PENNA DE MORAES** (n.1870/b.1871-1984 ?) [servidor público, meirinho (antigo funcionário da Justiça correspondente ao oficial de justiça de hoje) em Santa Maria - RS (entre possivelmente 1914 e 1935, aproximadamente, citado por Edmundo Cardoso, com foto de 1935), nascido e batizado em Santa Maria - RS, possivelmente falecido em Porto Alegre - RS] possivelmente irmão ou c.c. **Ombrofina Penna de Moraes** [possivelmente padrinhos de Mariano de Menezes Penna (1894-1923)],

Bn 10.1.3 **VICENTINA PENNA DE MORAES** (1873/74-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS], nas primeiras núpcias dela, c.c. o parente **Julio Pavão de Moraes** (n.1867/b.1869-?) [possivelmente estancieiro (pecuarista), nascido e batizado em Santa Maria - RS, filho de Francisco dos Santos Moraes (1818-1867/68 ?) & Julia Pavão (de Moraes), possivelmente nas primeiras ou segundas núpcias dele, este, eleitor especial (de 1869 a 1872), provavelmente possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1876), possivelmente filho do homônimo Francisco dos Santos Moraes (1788/89-1849) & Maria Ferreira da Costa (dos Santos Moraes) ou Clara Maria dos Santos, este, um dos primeiros moradores principais de Santa Maria (listado em 1825), participante da 1ª eleição (cidadão *eleitor votante* em 1827), tendo sido um dos que assinaram a solicitação para que Santa Maria passasse de Capela Curada (Curato) para Freguesia (negada na época, somente consagrada em 1937), irmão de Josefa dos Santos Moraes (1805/07-?), estes, filhos do Ten. Felisberto dos Santos Moraes (1756 ?-1846 ?) & Cristina Angelica de Jesus (1766 ?-?), estes, nascidos e casados (1783) em Rio Pardo - RS, ele, primeiramente comerciante rural (bodegueiro) em Rio Pardo - RS, posteriormente sesmeiro e estancieiro (pecuarista) nas proximidades do Arroio Arenal, provavelmente citado em 1796, dono da Faz. *Ramada*, provavelmente no

Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria, próximo ao Município de Dilermando de Aguiar - RS, um dos primeiros povoadores de Santa Maria (chegado em 1804, listado também em 1812), sesmeiro (sesmaria outorgada em 1814), fazendeiro (pecuarista listado a partir de levantamento feito em 1920), nascido em Rio Pardo - RS, tendo recebido sesmaria (1806) entre o *Arenal* e a Coxilha da *Ramada* (hoje Distrito de Santa Flora: Município de Santa Maria - RS), provavelmente legionário (*in memoriam*) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, possuidor de escravos no posterior Município de Santa Maria - RS (anteriormente pertencente aos antigos municípios de Cachoeira do Sul - RS e Rio Pardo - RS), filho de José dos Santos Moraes & Catarina do Espírito Santos, este, nascido nas Ilhas, provavelmente do Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), ela, filha de Antonio Machado & Ignacia da Rosa, este, nascido em São Paulo e ela, nas Ilhas (provavelmente dos Açores), aquele (Francisco dos Santos Moraes), possivelmente parente de João dos Santos Moraes, este, estancieiro no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (pecuarista listado em 1889), aquela (Julia Pavão de Moraes), filha do Maj. Joaquim da Costa Pavão (1803-1889) & Josephina Amalia Ferreira (Pavão) (?-1889/92), este, estancieiro (pecuarista) na Localidade de Picada do Gama, hoje Município de Dilermando de Aguiar - RS (listado em 1858), chefe político no tempo do Império, suscritor (doador) à instalação da Comarca de Santa Maria - RS (por volta de 1880), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (entre 1875 e 1878, aproximadamente), nascido e falecido em Santa Maria - RS, filho de Antonio da Costa Pavão (1763-1846) & Francisca Antonia da Pureza / Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt (1767-1790 ?), estes, casados em Cachoeira do Sul - RS (1805), ele, sesmeiro nos municípios de São Gabriel - RS, Santa Maria - RS e no hoje Dilermando de Aguiar - RS, vindo de São Gabriel - RS (estabelecido em Santa Maria - RS em 1798, mas possivelmente chegado em 1793), nascido em Santo Antonio da Patrulha - RS, filho de Manoel Pavão Cordeiro & Pascoa Rodrigues de Oliveira, este, possivelmente parente de Manoel Cordeiro, este, arrematador, provedor e administrador (por volta de 1752) do registro das tropas da Guarda Velha de Viamão (Santo Antonio da Patrulha - RS), aquele (Manoel Pavão Cordeiro), nascido em Santa Luzia das Feteiras, Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), filho de Manoel Pavão da Costa (1725 ?-?) & Maria Alves Cordeiro, este, possivelmente nascido na Ilha Terceira, Açores, aquela (Pascoa Rodrigues de Oliveira), nascida em Santo Antonio da Patrulha - RS ou em Laguna-SC, aquela (Josefina Amalia Ferreira), falecida em Porto Alegre - RS, filha de Manoel Joaquim Ferreira & Joaquina Antonia da Conceição (Ferreira), este, nascido em Lamego, Sub-Região do Douro (norte de Portugal), ela, nascida em Porto Alegre - RS, aquela (Francisca Ignacia da Pureza Bittencourt), nascida em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e falecida em Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul - RS), filha de Manoel Antonio Pereira de Bittencourt (?-1790) & Maria(na) Antonia (Bittencourt), estes, da 1ª leva de imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, nascidos na Ilha Graciosa (Açores: Portugal), ele, nascido na Vila de Santa Cruz, Ilha Graciosa, Arquipélago dos Açores (Região Autônoma de Portugal), falecido em Cachoeira, filho de Manuel Pereira de Bittencourt & Catarina Espindola de Bittencourt, aquela (Mariana Antonia Bittencourt), filha de Manuel Machado Ribeiro & Teresa de Ataíde Bittencourt, aquela (Cristina Angelica de Jesus), filha de Antonio de Oliveira Machado & Inácia Rosa de Jesus (?-1814), este, filho de Manuel de

Oliveira Falcão & Margarida Freire de Andrade, aquela (Inácia Rosa de Jesus), filha de Manuel Luís & Joana de Brum (1715 ?-?), este, filho de José Rodrigues & Catarina Luís, aquela (Joana de Brum), filha de José Silveira de Brum & Catarina de Matos], casados na Localidade de Arenal: Município de Santa Maria - RS (1889), aqueles (Vicentina Penna de Moraes e Julia Penna de Moraes), padrinhos de Gasperino Penna e Nescinda Penna,

Bn 10.1.3 **VICENTINA PENNA DE MORAES** (1873/74- f. depois de 1952) nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS], nas segundas núpcias dela, c.c. **Sérgio Pires Prietto** (1873/74-f. depois de 1952) [figura de destaque no antigo Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS (listado entre 1902 e 1905), dono de olaria em Arroio do Só/Sol, nascido no Município de Santa Maria - RS ou Uruguaiana-RS e falecido no Arroio do Só/Sol, filho de Pedro Prietto & Guilhermina ? Bertoia (Pretto), e falecido no Arroio do Só/Sol, possivelmente filho de Luiz Prietto (1849-1928), este, falecido em Santa Maria - RS, ou irmão de Anaurelino Pires Prietto c.c. Maria José Pereira Soares, aquele (Sérgio Pires Prietto), possivelmente parente de Theophilo Prietto c.c. Hermínia (Prietto), este, possivelmente irmão de Rosa Prietto c.c. Pedro do Prado Lima, este, nascido em São Gabriel - RS, filho de Antonio José do Prado Lima & Maria Joaquina (do Prado Lima)], com prole,

Bn 10.1.4 **MARIA IZABEL PENNA DE MORAES (WEBER)** (n.1875/b.1878/83 ?- f. depois de 1912 ?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS], provavelmente nas primeiras núpcias dela, c.c. o Cap. **Ly/Lindolfo Weber** (1866-1911 ?) [provavelmente militar (oficial: capitão ajudante de ordens) do Exército libertador, revolucionário presente no (1º) enterro (1894) do comandante Gen. Gumersindo Saraiva, no Cemitério dos Capuchinhos de Santo Antonio, entre o rios Icamacum e Itacuruby, junto à estância de Antonio Moraes c.c. Apolinaria Cardoso de Souza (Moraes), próximo à Carovi: antigo Município de Santiago-RS (hoje Município de Capão do Cipó - RS), provavelmente com trânsito por São Pedro do Sul - RS (por volta de 1891), nascido em Santa Maria - RS, filho de Jakob Weber (1827-1910) & Juliana Catharina Bohrer (Weber) (1838-1924), este, nascido no navio (Oceano Atlântico), vindo da Alemanha para o Brasil, e falecido em Santa Maria - RS, este, possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em Santa Maria - RS (por volta de 1871), um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana de Santa Maria - RS, filho de Johann Lüdger Weber & Ana Maria Wittmann (Weber), este, possivelmente juiz de paz em Santa Maria - RS (de 1873 a 1876), ela, nascida no atual Distrito de Lomba Grande: Município de Novo Hamburgo - RS e falecida em Santa Maria - RS, aquela (Catharina Bohrer Weber), filha de Frederico Bohrer & Ana Maria Engers (Bohrer), portanto (Lyndolfo Weber), irmão de Anna Sofia Weber (Kruel) (1860-1919) c.c. José Carlos Kruel (1860-1940), estes, casados em Santa Maria - RS (1889), ela, nascida e falecida em Santa Maria - RS, ele, filho de Johann Christian/Cristiano Kruel (1829-1896) & Elisabeth/Isabel Fuchs (Kruel) (1834-1878), estes, casados em Santa Maria - RS (1852), ele, comerciante, membro da Igreja Evangélica Luterana, vice-presidente da Comunidade Evangélica Luterana de Santa Maria - RS (1867), vereador em Santa Maria - RS por várias vezes (a partir de 1858, aproximadamente), nascido no antigo Município de Taquari-RS, hoje Dois Irmãos-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre) e falecido em Santa Maria - RS, filho de Carl Ludwig Wilhelm / Carlos Luiz

Guilherme Kruel (1790-1871) & Charlotta Juliana Margaretha Bier (Krue) (1792-1870), estes, membros da Igreja Evangélica Luterana, casados na Alemanha, imigrantes vindo para o Brasil (1827), primeiramente (1829) na Picada *Dois Irmãos*, hoje Município de Dois Irmãos - RS (Região Metropolitana de Porto Alegre), nascidos em Düsseldorf ou Baumholder-St. Wendel, antiga Prússia Renana, hoje Estado de Renânia-Palatinado (noroeste da Alemanha) e posteriormente em Santa Maria - RS (entre 1846 e 1958), falecidos em Santa Maria - RS, ele, tintureiro, possivelmente parente de Friedrich Krue (1743-1796) & Christiane Sophia Eleonore Henrici (Krue) (1753-1817), estes, casados possivelmente em Tallichtenberg ou Altenglan, distrito de Kusel, ele, nascido e falecido em Baumholder, ela, nascida em Tallichtenberg, antiga Prússia (norte da Alemanha), e falecida em Baumholder, filha de pastor da Igreja Luterana, aquela (Elisabeth/Isabel Fuchs Krue), nascida na Feitoria de São Leopoldo - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha de Georg Philipp Fuchs & Anna Margaretha Zimmermann (Fuchs), este, produtor rural (agricultor) no Município de Santa Maria - RS, de Sargenrath, Neu Preussen, junto à Alt Simmren (norte da Alemanha), este, filho de Adam Fuchs & Maria Margaretha Michel (Fuchs), aquela (Margaretha Zimmermann Fuchs), filha de Conrad Zimmermann & Anna Margaretha Mann (Zimmermann), aquela (Charlotta Juliana Margaretha Bier), membro da Igreja Evangélica Reformada, filha de Johann Friedrich Bier (1747-1782) & Charlotta Catharina (Bier), estes, nascidos em Baumholder, Rheinland, Palatinado-Zeibruken (norte da Alemanha), ele, padeiro e mestre cervejeiro, filho de Johann Heinrich Bier (1700-1781) & Maria Elisabeth Conrad (Bier) (1710-1775), estes, casados em Baumholder (1729), ele, nascido e falecido em Baumholder, filho de Joahann Nieckel Bier (1673-1753) & Maria Eva Threin (Bier) (1688-1753), em segundas núpcias deste, eles, casados em Baumholder (1707), ele, padeiro, filho de Hans Nieckel Bier (1636-1724) & Maria (Bier) (1839-1712), estes, nascidos, casados (1662) e falecidos em Baumholder, censor e decano da Igreja Luterana, filho de Hans Bier (1587-?), este, nascido em Fohren, Rheinland, aquela (Maria Eva Threin Bier), filha de Jakob Threin & Maria Katharina (Threin), aquela (Maria Elisabeth Conrad Bier), nascida e falecida em Baumholder/Birkenfeld, filha de Johannes/Hans Conrad (1670-?) & Verônica Staub (1695-?), este, nascido em Heringen-Nassau, Hessen (norte da Alemanha) e falecido em Mieteshein, Alsace (noroeste da Alemanha, hoje pertencente à França), ela, nascida e falecida em Mieteshein, Bas-Rhin, Alsace (hoje nordeste da França)], com prole,

Bn 10.1.4 **MARIA IZABEL PENNA DE MORAES (? WEBER)** (n.1875/b.1878/83 ?- f. depois de 1912 ?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS], provavelmente nas segundas núpcias dela, c.c. **Claudionor Rufino Teixeira de Medeiros** (1884-?) [nascido e batizado em Santa Maria - RS, filho de Antonio Rufino de Medeiros & Deolinda Teixeira Dutra (de Medeiros), estes, casados em Santa Maria - RS (1869), ele, produtor rural (agricultor) no Município de Santa Maria - RS, provavelmente nascido em Santa Maria - RS, filho de Manoel Luiz de Medeiros & Maria Polucena de Medeiros, aquela (Deolinda Teixeira Dutra de Medeiros), filha de Manoel Silverio Dutra ou João de Deus Silveira Dutra & Anna Teixeira Conrado (Dutra)], casados em Santa Maria - RS (1912), possivelmente sem filhos desta união,

? Bn **MANOEL THOMAZ PENNA (DE MORAES)** (?-1912) [falecido em Santa Maria - RS],

? Bn **JOAQUIM PENNA DE MORAES** [possivelmente em São Martinho da Serra - RS, possivelmente padrinho de casamento de Manoel Pereira dos Santos & Ana Maria Correa Magalhães (Pereira)],

? Bn **CANDIDO (DUDUCA) PENNA DE MORAES** (1876 ?-1952 ?) [dado à caça (lebre, etc), tendo morado na fazenda do Cap. Lauro Machado Soares (1906-?) c.c. Olga Behr (Soares), este, integrante do 11º Corpo Auxiliar, subprefeito de Arroio do Só/Sol, filho do Maj. João Machado Soares (1871-?) & Albertina Gloria de Azevedo, este, estancieiro (pecuarista), subintendente do antigo Distrito de Camobi: Município de Santa Maria - RS, membro do antigo Partido Republicano Castilhistas (por volta de 1932), nascido em Rio Pardo - RS, e do parente Manoel (*Manuelzinho*) Penna Xavier (1910-1994) c.c. a parente Adda de Medeiros (Xavier) (1912-2003), na Localidade de Tronqueiras, Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, possivelmente tendo morado no Asilo *Vila Itagiba*, possivelmente parente de Aparício de Moraes, este, tendo uma vila em Santa Maria - RS (Bairro Camobi) com o nome em sua alusão], possivelmente solteiro,

Bn **ANNA PENNA DE MORAES (MENNA BARRETO)** (1886/87-1904 ?) [possivelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, óbito por Silveira Martins - RS (na época, paróquia pertencente ao Município de Santa Maria - RS)], nas primeiras núpcias dele, c.c. o Cap. **Felisberto Menna Barreto** (1876-1924) [servidor público (estadual), militar (oficial) Brigada Militar em Santa Maria - RS, integrante do 5º Corpo Auxiliar (por volta de 1923), tendo participado do ataque ao Quartel do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada na Revolução de 1923, participante da comissão (alferes no 1º Esquadrão do Corpo Provisório) para a criação do Corpo Provisório do Rio Grande do Sul em Santa Maria - RS (1923), nascido no antigo Município de Taquari-RS e falecido em Santa Maria - RS, filho de Felisberto Fagundes Menna Barreto (1851/52-1913) & Maria Amalia Pinto (Villanova) (Menna Barreto), das primeiras núpcias dele, estes, nascidos no antigo Município de Taquari-RS e casados em Estrela-RS, este, proprietário da chácara onde fora instalado o Prado de Estrela-RS para corrida de cavalo e ciclismo (1887), falecido em Santa Maria - RS, filho do Cel. Antonio Victor de Sampaio Menna Barreto (1825-1891) & Maria Januarina Ribeiro Fagundes (1837-1921), estes, casados em Porto Alegre - RS (1851), ele, coronel comandante da Guarda Nacional (durante a Guerra do Paraguai), proprietário da empresa de navegação fluvial *Vapor Estrela* e estancieiro (pecuarista), estabelecendo-se na Faz. *Estrela* (onde está hoje a cidade de Estrela-RS), militar (oficial) do Exército e político, fundador de Estrela-RS (por volta de 1870/72, emancipado em 1882), vereador em Taquari-RS (de 1873 a 1877), mudando-se posteriormente para Porto Alegre - RS, tendo a praça principal de Estrela-RS com o nome em sua alusão, nascido e falecido em Porto Alegre - RS, filho do Cel. José Luis/z Menna Barreto (1796-1824) & Anna Emilia de Sampaio, possivelmente das segundas núpcias dele, primeiras núpcias dela, estes, casados em 1818, ele, militar (oficial) do Exército, Fidalgo Cavalheiro da Casa de S. M. Fedelíssima (1819), moço da Real Câmara (1821), participante da Guerra da Cisplatina, sesmeiro (outorga em 1816) e estancieiro (pecuarista) nos municípios de São Gabriel - RS e Cruz Alta - RS, cuja

área situada próxima ou dentro dos campos de São Pedro, juntos ao banhado grande, que separa a Estancia da Conceição de São João, e onde se acha estabelecido Agostinho Soares da Silva (b.1762-1848) c.c. Maria do Rosario (b.1771-?), irmão do Brig. João Propicio Menna Barreto (1808-1867) c.c. Francisca Pinto da Fontoura Palmeiro, este, o 2º Barão de São Gabriel, militar (oficial) do Exército, participante das guerras do sul, representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (de 1847 a 1849), possuidor de escravos, com registro de comércio de escravos em São Gabriel - RS (por volta de 1861), eles (os irmãos), nascidos em Rio Pardo - RS, aquele (João Propicio Menna Barreto), falecido em São Gabriel - RS, aquele (José Luís Menna Barreto), falecido no Rincão das Galinhas, eles, filhos do Mal. João de Deus Menna Barreto / João de Deus Barreto Pereira Pinto (1769-1849) & Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Menna, estes, casados em Rio Pardo - RS (1789), ele, o 1º Barão e Visconde de São Gabriel (1836 e 1841, respectivamente), fundador do Clã dos Menna Barreto, um dos primeiros povoadores de São Gabriel - RS, militar (oficial) do Exército e político, tendo participado na Guerra Cisplatina e campanhas de 1801, 1811, 1816 e 1817 (comandante) e na Revolução Farroupilha (1836), do lado dos legalistas, presidente da Província do Rio Grande do Sul (1822 e 1823) e integrante (vice-presidente) da junta governativa (de 1822 a 1824), comandante da antiga Província das Missões, conselheiro do Império: representante no conselho do governo da Província de São Pedro do Rio Grande (1828), dignatário da Imperial Ordem do *Cruzeiro* e comendador da Imperial Ordem de *Avis*, condecorado com as medalhas da Campanha Cisplatina, patriarca/genearca da Família *Menna Barreto*, primo de José de Abreu Menna Barreto, o Barão de Cerro Largo, sesmeiro (outorga em 1813), entre os municípios de Bagé-RS e Caçapava do Sul - RS (1793), dono da Faz. *Batuí/Butuí*, nascido e falecido no antigo Município de Rio Pardo - RS, filho do Cel. Francisco Barreto Pereira Pinto (?-1775) & Francisca Velloso da Fontoura, este, militar (oficial) do Exército, integrante do Regimento dos Dragões de Rio Pardo, aquela (Anna Emilia de Sampaio), nascida em Chaves, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filha de Antonio Manoel de Silveira Sampaio & Maria Carlota (Sampaio), este, nascido em Bragança (norte de Portugal), ela, nascida em Chaves (Portugal), aquela (Maria Januária Ribeiro Fagundes), nascida em Porto Alegre - RS e falecida em Santa Maria - RS, filha do Cap. Felisberto Fagundes de Souza & Reginalda Candida Ribeiro, aquela (Francisca Velloso da Fontoura), filha de João Carneiro da Fontoura & Isabel da Silva, este, primeiramente estabelecido em Minas Gerais, posteriormente na Colonia do Sacramento (Uruguai), no Forte Jesus Maria José em Rio Grande - RS (1737) e então em Rio Pardo - RS, militar oficial dos Dragões, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, nascido em Chaves, Distrito de Vila Real (norte de Portugal), filho de Antonio Carneiro da Fontoura & Francisca Velloso, estes, residente na Freguesia de Santa Maria Maior, Funchal, Ilha de Madeira (Região Autônoma de Portugal), aquela (Isabel da Silva), filha de Gabriel da Costa & Maxima de Gouvea, estes, nascidos em Torres Novas, próximo à Lisboa (Portugal), aquela (Rita Bernarda Cortes de Figueiredo Menna), filha do Ten. José Maria de Figueiredo Menna & Ana Clemente/cia de Oliveira, este, nascido na Freguesia de São Fecundo, Vila de Vinhaes, próximo à Bragança (norte de Portugal), filho de Antonio do Amaral Sarmiento & Ana Cortes de Figueiredo, este, nascido em São Fecundo, ela, nascida em Lisboa (Portugal), filha de Antonio José de Oliveira & Rita Bernarda de Oliveira, estes, nascidos em Lisboa, aquela (Isabel da Silva), nascida em Torres Novas, Arcebispado de Lisboa (Portugal),

filha de Gabriel da Costa & Maxima Gouvea], provavelmente casados em Santa Maria - RS (1903), sem filhos desta união,

N 10.2/3 **MARIANO DE MENEZES PENNA / PENNA DE MENEZES** (1854/62/63 ?-1923 ?) [possivelmente nascido e falecido em Santa Maria - RS] c.c. **Seraphina ? Maria de Menezes (Penna)** possivelmente pais de

? Bn 1 **ANTONIO DE MENEZES PENNA** (1890-?) [possivelmente nascido no Município de Santa Maria - RS, batizado em Silveira Martins - RS],

? Bn 2 **MANOELA PENNA DE MENEZES** (1892/93-1922) [possivelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, falecida em Santa Maria - RS] c. com prole,

? Bn 3 **MARIANO DE MENEZES PENNA** (1894-1923) [possivelmente nascido no Município de Santa Maria - RS, falecido em Santa Maria - RS] c.,

Bn 4 **AMBROSINA DE MENEZES PENNA** (n.1899/b.1901-?) [gêmea de Corina de Menezes Penna (n.1899/b.1901-?), nascida e batizada em Santa Maria - RS],

Bn 5 **CORINA DE MENEZES PENNA** (n.1899/b.1901-?) [gêmea de Ambrosina de Menezes Penna (n.1899/b.1901-?), nascida e batizada em Santa Maria - RS] possivelmente c.c. **Conceição Martins Corrêa** (1895 ?-?) [possivelmente nascido em São Luiz Gonzaga - RS, filho de Albina Correa], casados em Santa Maria - RS (civilmente: 1919 e religioso: 1921),

Bn 6 **HORACIA DE MENEZES PENNA** (n.1901/b.1906-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

Bn 7 **ANNA CANDIDA DE MENEZES PENNA** (n.1904/b.1906-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

Bn 8 **INERIO DE MENEZES PENNA** (1906-?) [nascido em Santa Maria - RS],

Bn 9 **JOSÉ DE MENEZES** (n.1910 ?/b.1922-?) [nascido no Município de Santa Maria - RS e batizado em Santa Maria - RS],

? **MARCIRIA PENNA** mãe natural (biológica) de

ARISTIDES PENNA (n.1896 ?/b.1898-?) [nascido e batizado em Santa Maria - RS],

? N **PAULO PENNA** (1850/54 ?-?) [tendo vendido propriedade rural (1883) na antiga Sesmaria do Arroio do Só/Sol para o Cel. Ildefonso Machado de Oliveira (1840-1922) c.c. Candida Maria da Silveira, este, chefe de polícia no Distrito de Arroio do Só/Sol: Município de Santa Maria - RS, filho de Florisberto Machado de Oliveira & Florisbella, estes, nascidos no Município de Alegrete-RS, ele, negociante de ouro, possivelmente parente de Antonio Penna, Pedro Paulo Penna, Aldo Penna e Norberto Penna, estes, colaboradores na construção da Igr. *Santo Antonio*, Cachoeira do Sul - RS (de 1938 a

1941) (estes podem ser de origem italiana)] c.c. **Maximilla/lia Ignacia Soares** (n.1861/b.1862-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS, filha de Manoel David Soares & Filippa Candida/Ignacia Soares, este, nascido no Município de Santa Maria - RS, filho de David Pereira Soares & Candida Maria da Conceição, este, nascido em Viamão-RS (hoje Região Metropolitana de Porto Alegre), ela, nascida nas Missões, aquela (Filippa Ignacia Soares), filha de José Ignacio & Justa Maria da Conceição, estes, nascidos no Estado Oriental (Uruguai)], casados em Santa Maria - RS (1881), pais de

? Bn **CANDIDO SOARES PENNA** (1882 ?-?) [possivelmente filho de Basilio Soares de Oliveira & Raquel Maria Soares, nascido e residente no Município de Santa Maria - RS] c.c. **Idalina Maria Gomes** [eles, padrinhos de batismo de Ignacia (1879), filha natural de Gabriela, escrava de Francisco Fernandes Penna, aquela (Idalina Maria Gomes), nascida e residente no Município de Santa Maria - RS, filha natural de Marcolina Maria de Jesus], casados em Santa Maria - RS (1879),

? Bn **MANOELA SOARES PENNA** (1883-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

? Bn **DOMINGOS PENA** (1871 ?-1965 ?) [possivelmente comerciante em Santa Maria - RS, um dos fundadores da SUCV – Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (listado em 1913), Santa Maria - RS, possivelmente falecido em Porto Alegre - RS],

? Bn **HERMENEGILDO PENNA** (1875 ?-?) c.c. **Gabriela (Penna)**,

? Bn **CY/CIPRIANO DIAS PENNA** (1880 ?-?) c.c. **Carmelinda Machado (Penna)**,

? Bn **GUSTAVO/CRISTINO PENNA** (1884 ?-?) c.c. **Guilhermina (Penna)**,

? N ? **UMBELINA PENNA** (1875 ?-1915 ?) [possivelmente falecida em Santa Maria - RS], solteira, ou possivelmente c.c. **Affonso Gomes Lisboa** (1870 ?-?), estes, padrinhos de Generosa (n.1891/b.1895-?), esta, nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha natural de Maria Joaquina, ela, mãe natural (biológica) de

? Bn 1 **MARIA PENNA** (n.1894/b.1906-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS, filha de Vidal José dos Santos],

? Bn 2 **ACÁCIO PENNA** (n.1898/b.1901-?) [nascido e batizado em Santa Maria - RS],

? Bn 3 **VIOLETTA PENNA** (n.1901/b.1902-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

? Bn 4 **ELIAS PENNA** (1906-?) [nascido em Santa Maria - RS],

? Bn 5 **OTTILIA PENNA** (n.1907/b.1908-?) [nascida e batizada em Santa Maria - RS],

Rosa da Silva (1870 ?-?), mãe natural (biológica) de

? Bn 1 **ARLINDA DA SILVA PENNA** (1890 ?-?),

? Bn 2 **PEDRO DA SILVA PENNA** (1898/99-?) [nascido em Santa Maria - RS] c.c. **Maria da Gloria de Campos** (1897/98-?) [filha de Theodor de Campos & Votalina (de Campos)], casados em Santa Maria - RS (1921),

Bn ? **HORACILDA PENNA (DE BARROS)** (1885 ?-?) possivelmente nas segundas núpcias dele, c.c. o Maj. **Adolpho (Dolphinho) Rolim/no de Barros** (1884 ?-1970 ?) [fazendeiro (agropecuária), carreirista (corrida de cavalo de 100 m.), o 1º subintendente no então 5º distrito de Santa Maria - RS (de 1896 a 1900), eles, padrinhos de Edy Penna Pires (n.1928/b.1932-) e de Terezinha Penna de Moraes Weber (n.1932/b.1934-), aquele (Adolpho Rolim de Barros), c.c. Henriqueta Candida Machado, ele, provavelmente filho do homônimo Adolpho Rolim de Barros (1865-1920), este, oficial na Revolução Federalista (1893), nascido em Rio Pardo - RS e sepultado em Arroio Grande, Município de Santa Maria - RS, filho de Antonio Rolim de Barros & Felicidade (Rolim de Barros)],

? Bn **GABRIELA PENNA** (1880 ?-?) [possivelmente parda] com **Manoel dos Santos**, pais naturais (biológicos) de

? Bn 1 **RODOLFINA PENNA** (1902-1911) [parda, nascida e batizada em Santa Maria - RS, falecida (criança de 9 anos de idade) em Santa Maria - RS],

? Bn 2 **RODOLFO PENNA** (1902 ?-?) [nascido em Santa Maria - RS],

? Bn **CASSIANO FERNANDES PENNA** (1880 ?-?) possivelmente c.c. **Anna Fausta Teixeira de Moraes** [possivelmente neta de Fausta Teixeira (1852-?), esta, nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de Clarimundo Teixeira & Fortunata Maria Teixeria], padrinhos de Orfila Penna

? Bn **PENNA** (1890 ?-?) [possivelmente vindo do Paraguai] possivelmente c.c. **Maia (Penna)** [possivelmente filha de Francisco Maia & Emerencia/na F. (Maia)],

? **SERAFIM (QUINCAS) PENNA** (1875 ?-1916/27 ?) [possivelmente vindo do Uruguai (por volta de 1917), falecido no Rincão de Estrela Velha (hoje Município de Estrela Velha - RS), próximo de Salto de Jacuí - RS] c.c. **Maria de Oliveira** [falecida no Rincão de Estrela Velha (hoje Município de Estrela Velha - RS), próximo de Salto de Jacuí - RS],

? N **FRANCISCO FERNANDES PENNA** (1855 ?-?) [possivelmente estancieiro (pecuarista) no atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, antigamente pertencente ao Distrito de Arroio do Só/Sol (citado em 1889), próximo de Arroio Grande, provavelmente abrangendo o Estabelecimento Comercial e Industrial *Vera Cruz* na Localidade de Faxinal da Palma, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (entre os Pilon, a encruzilhada dos Noal, Val de Buia provavelmente até os morros), tendo enviado um requerimento à Subintendência de Silveira Martins, solicitando autorização para abrir um caminho que atravessasse as colônias: abertura de estrada entre Arroio do Só/Sol e Silveira Martins, indo terminar na Estrada Geral, no antigo

povoado de Arroio do Só/Sol (1891), possivelmente colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação (de 1898 a 1904)] com a escrava **Malvina Penna** (1849/59/b.1861-?) [escrava de Francisco Fernandes Penna, provavelmente filha natural de Helena Penna, aquela (Malvina Penna) c.c. Braz Maria da Costa (1850-?) em Santa Maria - RS (1887), estes, pais de Gasperino Penna (1890-?), aquele (Braz Maria da Costa), escravo liberto, filho natural (biológico) de Maria Meira] possivelmente pais naturais (biológicos) de

? Bn **MARIA CONSTANCIA PENNA** (1885-?) [possivelmente nascida no Município de Santa Maria - RS, batizada em Silveira Martins - RS (na época, pertencente ao Município de Santa Maria - RS),

? N **FRANCISCO FERNANDES PENNA** (1855 ?-?) [possivelmente estancieiro (pecuarista) no atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, antigamente pertencente ao Distrito de Arroio do Só/Sol (citado em 1889), próximo de Arroio Grande, provavelmente abrangendo o extinto Estabelecimento Comercial e Industrial *Vera Cruz* na Localidade de Faxinal da Palma, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (entre os Pilon, a encruzilhada dos Noal, Val de Buia provavelmente até os morros), tendo enviado um requerimento à Subintendência de Silveira Martins, solicitando autorização para abrir um caminho que atravessasse as colônias: abertura de estrada entre Arroio do Só/Sol e Silveira Martins, indo terminar na Estrada Geral, no antigo povoado de Arroio do Só/Sol (1891), possivelmente colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação (de 1898 a 1904)] com a escrava **Serafina** possivelmente pais naturais (biológicos) de

? Bn **AGOSTINHO (PENNA)** (1886-?) [possivelmente nascido no Município de Santa Maria - RS, batizado em Santa Maria - RS] possivelmente c.c. **Maria Julia de Menezes ou Julia de Menezes** (n.1893/b.1894-?) [nascida em Santa Maria - RS, filha de Lucio José de Menezes & Fausta Maria de Jesus],

? N **FRANCISCO FERNANDES PENNA** (1855 ?-?) [possivelmente fazendeiro (pecuarista) no atual Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS, antigamente pertencente ao Distrito de Arroio do Só/Sol (citado em 1889), próximo de Arroio Grande, provavelmente abrangendo o Estabelecimento Comercial e Industrial *Vera Cruz* na Localidade de Faxinal da Palma, hoje Distrito da Palma: Município de Santa Maria - RS (entre os Pilon, a encruzilhada dos Noal, Val de Buia provavelmente até os morros), tendo enviado um requerimento à Subintendência de Silveira Martins, solicitando autorização para abrir um caminho que atravessasse as colônias: abertura de estrada entre Arroio do Só/Sol e Silveira Martins, indo terminar na Estrada Geral, no antigo povoado de Arroio do Só/Sol (1891), possivelmente colaborador (doador/benfeitor) do HCAA – Hospital de Caridade *Dr. Astrogildo de Azevedo*, por ocasião do processo de sua fundação (de 1898 a 1904)], pai de

Bn3 **FRANCISCO (JOSÉ) FERNANDES PENNA (NETTO)** (1884 ?-?) [possivelmente residente em Santa Maria - RS] c.c. **Izabel ? da Costa (Penna)** (1885 ?-?) (n.1877/b.1883-?) [nascida e batizada no hoje Distrito de Santo Antônio, Município de Santa Maria - RS, filha de Bibiano Ribeiro da Costa & Libania Vieira (da Costa)] ou **Isabel da Costa (Penna)** (n.1883/b.1884-?) [nascida e batizada no Município de Santa Maria - RS, filha de Simão José da Costa &

Laurinda Maria de Andrade], com prole, ele, com Lucila Teixeira Penna (1885-1968), possivelmente padrinhos de Maria das Dores de Medeiros Beltrão (n.1889/99/b.1902-1955 ?), com prole,

? Bn **GODOFREDO LEAL PENNA** c.c. **Maria Leal Penna**, com prole,

? Bn ? **HORACIO PENNA DE MORAES** c.c. **Josina/Joanna Ignacia dos Santos ou Joanna dos Santos** (n.1892/b.1893-?) [nascida no município de Santa Maria - RS, filha de Pedro José dos Santos & Amélia Correa (dos Santos) ou filha de Manoel Martins dos Santos & Maria do Carmo da Luz],

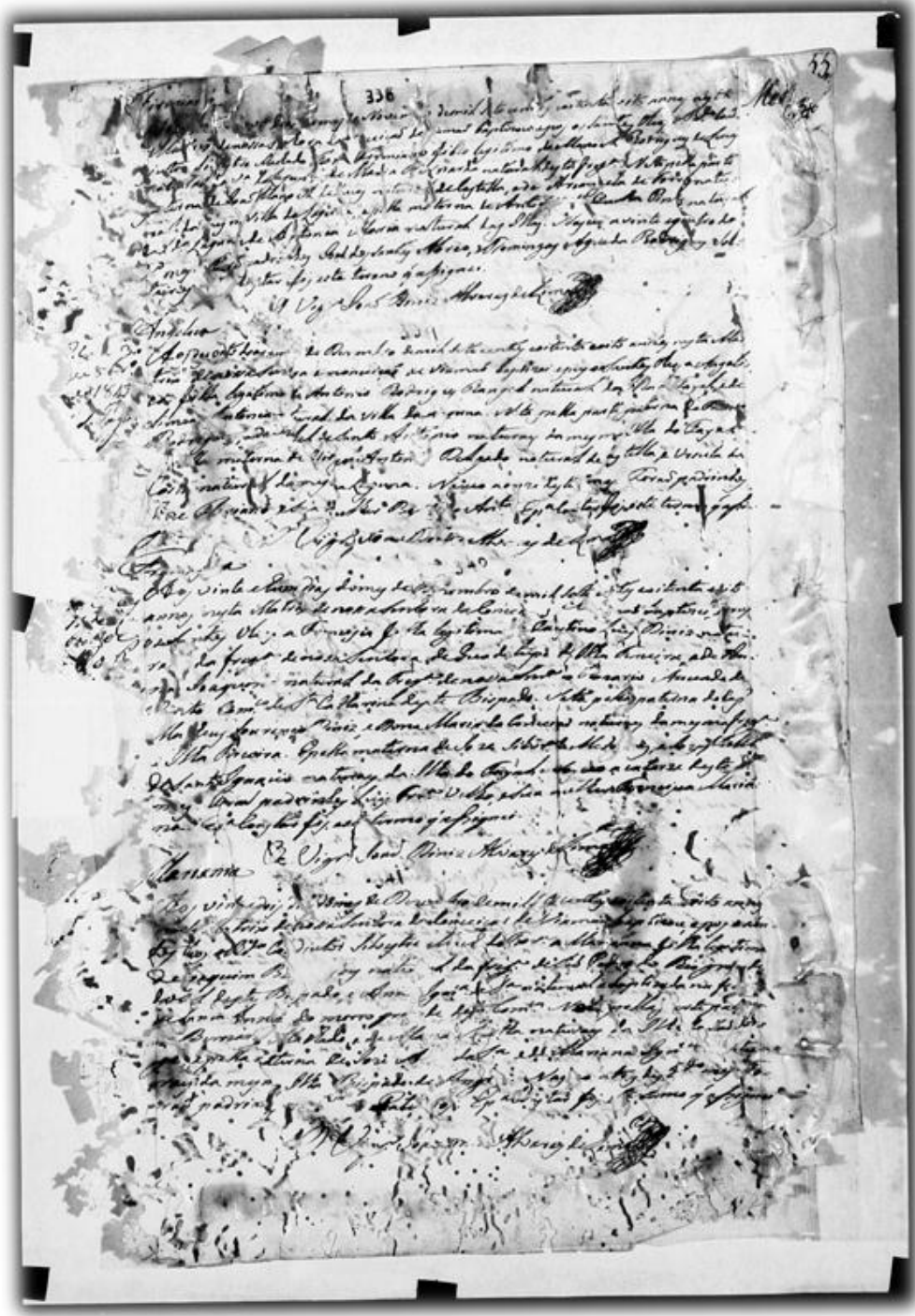
? Bn ? **JOSÉ FERNANDES PENNA DE MORAES** possivelmente c.c. **Honorina de Campos** [possivelmente nascida e batizada em Santa Maria - RS, possivelmente filha de José Francisco de Campos & Maria do Carmo Flausina Cordeiro, estes, do Município de Santa Maria - RS], eles, padrinhos de Dorvalina Penna.

ANEXOS

FAC-SIMILES

- Anexo A – Assento de Batismo de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1788), esposa do guarda-mor** (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Batismo de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L.5, f.55. Porto Alegre)
- Anexo B – Assento de Casamento do Casal Genearca MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1806)** (CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Casamento de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 2A, f. 17v. Porto Alegre)
- Anexo C – Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, onde declararam (1856) a viúva e alguns filhos e genros do guarda-mor** (APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Registro Paroquial de Terras de Santa Maria da Boca do Monte: transmissões, de 1854 a 1856. f. 93-95v. Porto Alegre)
- Anexo D – Inventário *post mortem* de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA, viúva do guarda-mor** (APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Inventário N° 21 (Capa, p. 1), Maço 1, Estante 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartório: Cível e Crime. Porto Alegre)

Anexo A – Assento de Batismo de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1788), esposa do guarda-mor



Fonte: CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Batismo de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L.5, f.55. Porto Alegre.

Anexo B – Assento de Casamento do Casal Genearca MANOEL FERNANDES PENNA & FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA (1806)



Fonte: CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Assento Paroquial de Casamento de Viamão, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, L. 2A, f. 17v. Porto Alegre).

Anexo C – Registro Paroquial de Terras de Santa Maria, onde declararam (1856) a viúva e alguns filhos e genros do guarda-mor.

12/31/2011 14:51

... com cultiva effictiva...

requiro de terras desta mesma freguesia, e para ser lida e no
 signada. Limita de Vaccacaty mesmo vinte e quatro de julho de
 mil e cento e cinquenta e seis, e anno e fecho de Antonio Pereira de
 306, e effictiva a esse vinte e oito de julho de 56. Paguei mil
 cento e noventa e seis do seguinte

Miguel Antonio Gomes Coutinho e filho

N.º 32

D. Francisca da Silva e os vinte e oito dias do mes de julho de mil e oitocentos e cinquenta e seis
 annos em minha testemunha e presentia de Francisco Silva
 de Lima a declaracao seguinte: Eu Francisca Silva
 de Lima a viúva e signada, declaro que fuzmo conjuncta
 mente com meus filhos, herdeiros, Cocheros, e outros inton-
 dados hũa tenencia de campo de crecação com os matos que
 comprehendem, com a terra minacia de lancia de Vaccaca-
 ty merim, sito na estrada desta freguesia de Santo
 Antonio, cuja maior parte foi obtida por compra e
 restante por posse, que estabulemos, a mais de tan-
 to anno; dividindo-se pelo Norte com adria e qual
 pelo Sul com o arroio Vaccacaty merim, pelo Est-
 com outro arroio, que extrinca os campos de Francisco
 Rodriguez d'Almorim, e pela Oeste com o rio Gran-
 de, que de sua adria, e conflua no mesmo Vaccaca-
 ty merim; comprehendendo no todo duas legas de com-
 primento, e hũa de largura, pouco mais ou menos,
 Posso mais hũa de terra de matto, sita na estrada
 sal, que frontea o campo acima mencionado, obti-
 da por compra, com mais quarto de legua de frente,
 e mais legoa de fundo; dividindo-se pelo Norte com
 os matos de lancia da mesma Serra pelo Sul com o
 rio Campo, pelo Este com os matos de Francisco

Fonte: APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Registro Paroquial de Terras de Santa Maria da Boca do Monte: transmissões, de 1854 a 1856. f. 93-95v. Porto Alegre.

12/31/2011 14:52

pelo Sute com matto pertencente a uma sogra dona Francisca
 Linca de Lima, e pelo Sute com de mata pertencente a um co-
 nheiro seu Fernandes Pires, e seu Martin Pedreira, e qual
 data foi conhecida com titulo pelo Governo Provincial. Tan-
 to da Larnaca para ser registada a natureza Paroquia de San-
 ctuario, e tao somente a seguinte. Custoua deca vinte e
 tres do fulto de mil oitocentos e cinquenta e seis annos. Profe-
 no de Cornelly. Livro. 5. 5. 303. e apresentara a seguir
 te visto do fulto de 1852. Paguei mil trezentos e setenta e
 seis reais do Registro e. *Antônio Manoel Gomes Coutinho*

P. 304

e os vinte e tres dias do mes de fulto de mil oitocentos e cinquenta
 e seis annos em minha Escrivania e presentos Bento
 seu Teyssira a declaracao seguinte e. Eu abaixo as-
 signado, declaro, que fulto no Distrito de Panfomea
 do Sute Paroquia de Santa Cruz de Terras de enterra-
 nta no lugar denominado Portovindas, com tres qua-
 dras de legoa de frente e outras tantas de fundo, que se
 divide pelo Norte com os Campos, e matto dos Abity,
 pelo Sul com D. Maria Pereira Barro, pelo Sute com sua filha
 e pelo Sute com os pajos Ignacio Teyssira de Loureira. Cuius
 oia data de terras de quize por compra que foi a Ben-
 edicto Rodriguez dos Santos e Teyssira de Santa Maria
 vinte e nove de fulto de mil oitocentos e cinquenta e seis annos
 e rego de Bento seu Teyssira e Francisco Ribeiro Sute
 de 303 e apresentara a seguir visto onco de fulto
 de 1852. Paguei nove centos e vinte e seis reais do re-
 gistro e. *Antônio Manoel Gomes Coutinho*

P. 305

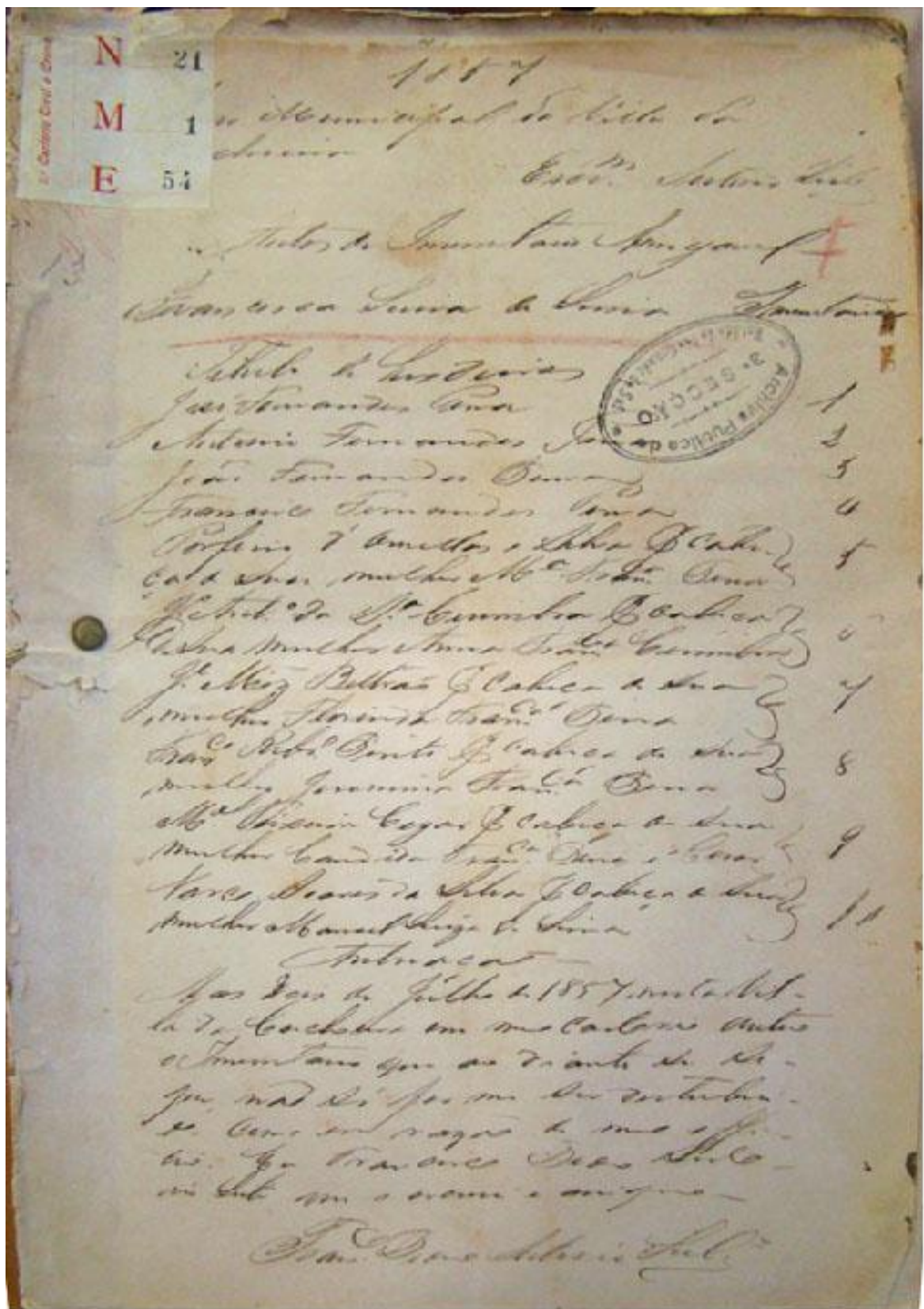
12/31/2011 14:53

da Serra a declaração seguinte: Eu João Fernandes
 da Serra abço assignado declaro que possuo no
 distrito desta Freguesia de Santa Helena, conforme
 mente com meu Cuzpado forelliberto, Beltrão, hu
 ma data de mattoes de culturas, sita na Serra
 geral, com meo quarto de legoa de frente, e meia
 legoa de fundo dividida de se pelo oeste com mattoes
 devolutos da mesma terra pelo Sul com os Campos
 do Linção de Vacca e alhy meo pelo Leste com
 terras de Proferio Dornelles e Filho, e pelo Oeste
 com mattoes da posse de João Fernandes Pena,
 cuja data obtivemos por escritura de nome Luiz
 de Souza e Manoel Fernandes Pina, a quem for con
 cedida por titulo pelo Governo Provincial: Fa
 zo presente deliberto pra ser dada ao registro
 de terras desta mesma Parochia por mattoes
 somente assignada. Linção de Vacca alhy meo
 vinte e quatro de julho de mil oitocentos e cinco
 e seis annos - João Fernandes Pena - Set. 310.
 Apresentada aos vinte e oito de julho de 1856 P
 gou mil e trezentos e sessenta e sete Regente
 Miguel Antonio Pina Coutinho e Valp
 [Signature]

no 301

João Fernandes da Serra abço assignado declaro que possuo no
 distrito desta Freguesia de Santa Helena, conforme
 mente com meu Cuzpado forelliberto, Beltrão, hu
 ma data de mattoes de culturas, sita na Serra
 geral, com meo quarto de legoa de frente, e meia
 legoa de fundo dividida de se pelo oeste com mattoes
 devolutos da mesma terra pelo Sul com os Campos
 do Linção de Vacca e alhy meo pelo Leste com
 terras de Proferio Dornelles e Filho, e pelo Oeste
 com mattoes da posse de João Fernandes Pena,
 cuja data obtivemos por escritura de nome Luiz
 de Souza e Manoel Fernandes Pina, a quem for con
 cedida por titulo pelo Governo Provincial: Fa
 zo presente deliberto pra ser dada ao registro
 de terras desta mesma Parochia por mattoes
 somente assignada. Linção de Vacca alhy meo
 vinte e quatro de julho de mil oitocentos e cinco
 e seis annos - João Fernandes Pena - Set. 310.
 Apresentada aos vinte e oito de julho de 1856 P
 gou mil e trezentos e sessenta e sete Regente
 Miguel Antonio Pina Coutinho e Valp
 [Signature]

Anexo D – Inventário *post mortem* de FRANCISCA LUIZA (DINIZ) DE LIMA, viúva do guarda-mor



Fonte: APERGS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Inventário N° 21 (Capa, p. 1), Maço 1, Estante 54, Ano: 1857, Fundo: Cachoeira, Cartório: Cível e Crime. Porto Alegre.